



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Laura Aparecida Ferreira do Carmo

O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX

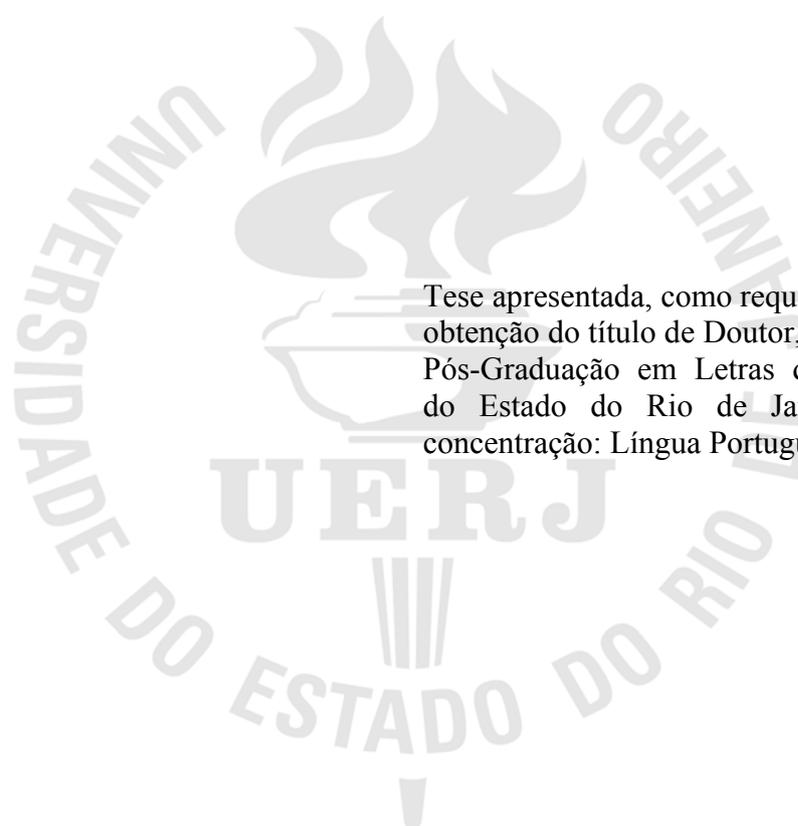
t.1

Rio de Janeiro

2015

Laura Aparecida Ferreira do Carmo

O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C287 Carmo, Laura Aparecida Ferreira do.
O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX
/ Laura Aparecida Ferreira do Carmo. – 2015.
2 t.: il.

Orientador: André Crim Valente.

Coorientador: João Paulo Silvestre.

Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Lexicografia – Teses. 2. Língua portuguesa - Vocabulários,
glossários, etc. – Teses. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino – Teses. 4.
Língua portuguesa – Brasil – Teses. 5. Língua portuguesa – Dicionários –
Séc. XIX – Teses. I. Valente, André Crim. II. Silvestre, João Paulo. III.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. IV. Título.

CDU 806.90-3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Laura Aparecida Ferreira do Carmo

O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 31 de março de 2015.

Orientadores:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. João Paulo Silvestre (Coorientador)
Universidade de Lisboa

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Flávio de Aguiar Barbosa
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo
Instituto de Letras – UERJ

Profª. Dra. Silvia Oliveira da Rosa Fernandes
Colégio Pedro II

Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2015

AGRADECIMENTOS

À Capes pela concessão da bolsa de doutorado sanduíche, que me propiciou um período de enriquecedoras pesquisas na Universidade de Lisboa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, pelas boas aulas.

À Fundação Casa de Rui Barbosa, pela concessão de licença para a realização do doutoramento-sanduíche e pelo apoio na realização das pesquisas.

Ao Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, pelo acesso às bases de dados, à biblioteca, ao espaço para estudo.

Aos professores da Banca Examinadora, pela leitura atenta, pelas boas perguntas.

Aos professores Afrânio Gonçalves Barbosa, Flávio de Aguiar Barbosa e Telmo Verdelho, pelos instigantes questionamentos e convenientes respostas às minhas dúvidas.

Aos professores André Crim Valente e João Paulo Silvestre, sempre orientadores.

Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. [...] Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas.

Graciliano Ramos.

RESUMO

CARMO, Laura Aparecida Ferreira do. *O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX*. 2015. 2 t. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta tese estuda o registro do léxico brasileiro em dicionários de língua portuguesa do século XIX, numa perspectiva linguística e metalexigráfica. Foram analisados todos os títulos que integram o cânone da dicionarística portuguesa, de caráter geral e monolíngue, no período em questão, quanto à proposta lexicográfica explícita e quanto à microestrutura de uma seção da nominata (todos os brasileirismos iniciados pela letra “c”). A partir da análise comparativa dos dicionários, foi possível estabelecer, em termos quantitativos e qualitativos, quais edições são relevantes para o registro de termos brasileiros no século XIX: quatro edições do dicionário de Moraes e a edição de Caldas Aulete. Embora amplamente utilizada, a marcação diatópica não é alvo de discussão nas obras lexicográficas estudadas. Depreende-se, pelo emprego da marca “termo do Brasil”, equivalente a brasileirismo, que se trata de um conceito geográfico que, às vezes, coincide com o de origem. Três dicionários de vocábulos brasileiros publicados entre 1852 e 1889 foram identificados como fontes de consulta dos dicionários gerais. Os itens lexicais brasileiros foram observados segundo parâmetros linguísticos e lexicográficos: etimologia, tipo de brasileirismo (lexical ou semântico), regionalismos brasileiros, campos semânticos e tipos de definição. Esses parâmetros permitiram identificar continuidades e rupturas na tradição dicionarística do século XIX e apontar para modos de observar a manutenção dessa tradição no século XX.

Palavras-chave: Brasileirismos. Dicionário. Lexicografia. Século XIX.

RÉSUMÉ

CARMO, Laura Aparecida Ferreira do. *Le lexique du Brésil dans des dictionnaires de la langue portugaise au XIXe siècle*. 2015. 2 t. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Dans cette thèse, on examine la présence du lexique brésilien dans des dictionnaires de la langue portugaise au XIX^e siècle dans une perspective linguistique et meta-lexicographique. On a entrepris l'analyse de tous les titres canoniques qui composent le corpus de l'œuvre dictionnaire portugaise, à caractère général et monolingue, pendant la période étudiée, par rapport à la proposition lexicographique explicite et à la microstructure d'une section de la nomenclature (tous les brésiliennismes qui commencent par la lettre "c"). À partir de l'analyse comparative des dictionnaires, on a pu établir, quantitativement et qualitativement, les éditions qui présentent un intérêt pour le relevé des mots brésiliens au XIX^e siècle: quatre éditions du dictionnaire de Morais et l'édition de Caldas Aulete. Bien que largement employées, les notations diatopiques ne font pas l'objet de discussion dans les œuvres lexicographiques étudiées. On infère, d'après l'usage de l'expression "mot du Brésil", l'équivalent de brésiliennisme, qu'il s'agit d'un concept géographique coïncidant parfois avec celui d'origine. Trois dictionnaires de mots brésiliens publiés entre 1852 et 1889 ont été considérés comme source de recherche des dictionnaires généraux. Les unités lexicales brésiliennes ont été observées selon des paramètres linguistiques et lexicographiques: étimologie, type de brésiliennisme (lexical ou sémantique), régionalismes brésiliens, domaines sémantiques et types de définition. Ces données ont permis d'identifier des continuités et des ruptures dans la tradition lexicographique au XIX^e siècle, tout en signalant des moyens pour observer le maintien de cette tradition au XX^e siècle.

Mots-clés: Brésiliennismes. Dictionnaire. Lexicographie. XIXe siècle.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CA *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, de Caldas Aulete. 1881.
- CF1 a CF2 *Novo dictionário da língua portuguesa*, de Candido de Figueiredo. CF1 = 1ª. ed. 1899; CF2 = 2ª. ed. 1913.
- DA *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 5ª. ed. 2010.
- DH *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar. 1ª. ed. 2001.
- DL1 a DL5 *Diccionario encyclopedico* ou *Novo dictionario da lingua portugueza*, de D. José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda. DL1 = 1ª. ed. 1858-1859; DL2 = 2ª. ed. 1860; DL3 = 3ª. ed. 1862; DL4 = 4ª. ed. 1874; DL5 = 5ª. ed. 1878.
- DV *Grande dictionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*, de Domingos Vieira. 1871-1874.
- EF2 a EF4 *Novo dictionario da lingua portugueza*, de Eduardo de Faria. EF2 = 2ª. ed. 1850-1853; EF3 = 3ª. ed. 1855-1857(?); EF4 = 4ª. ed. 1859.
- MS2 a MS10 – *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva. MS2 = 2ª. ed. 1813; MS3 = 3ª. ed. 1823; MS4 = 4ª. ed. 1831; MS5 = 5ª. ed. 1844; MS6 = 6ª. ed. 1858; MS7 = 7ª. ed. 1877-1878; MS8 = 8ª. ed. 1889/1890-1891; MS9 = 9ª. ed. sem data, prov. final do séc. XIX e início do XX; MS10 = 10ª. ed. 1949-1958.
- PDLB – *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 1938.
- SC – *Novo dictionario critico e etymologico da lingua portugueza*, de Francisco Solano Constancio. 1836.
- nb – não identificado como brasileirismo
- SRacp – sem registro da acepção (o dicionário dá entrada à forma, mas não registra a acepção [unidade lexicográfica em foco])
- SRF – sem registro da forma (o dicionário não dá entrada à forma)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Comparação entre dicionários de brasileirismos e dicionários generalistas	92
Tabela 2 –	Marcação diatópica por dicionário	98
Tabela 3 –	Ocorrências por dicionário	112
Tabela 4 –	Brasileirismos por origem	123
Tabela 5 –	Brasileirismos derivados de termos de origem indígena brasileira	125
Tabela 6 –	Brasileirismos derivados de termos originados do espanhol sul-americano	126
Tabela 7 –	Brasileirismos derivados de termos de origem africana	126
Tabela 8 –	Brasileirismos derivados de termos de origem vernácula	128
Tabela 9 –	Regionalismos brasileiros	147
Tabela 10 –	Registros inéditos em MS8 e MS9	161

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	SOBRE O OBJETO DE ESTUDO: OS <i>BRASILEIRISMOS</i>	18
1.1	A palavra <i>brasileiro</i>	18
1.2	Revedo conceitos de <i>brasileirismos</i>	24
1.3	<i>Brasileirismos</i> neste estudo	32
2	DICIONÁRIOS EM PORTUGAL E NO BRASIL	34
2.1	Dicionários portugueses: bilíngues e monolíngues	35
2.1.1	<u>Dicionários práticos ou escolares</u>	38
2.1.2	<u>Dicionários enciclopédicos ou universais</u>	39
2.1.3	<u>Dicionários portugueses e o Brasil</u>	40
2.2	Sobre a dicionarização do léxico brasileiro	41
2.2.1	<u>Dicionários de <i>brasileirismos</i></u>	52
3	CÂNONE LEXICOGRÁFICO DO SÉCULO XIX: SEIS DICIONÁRIOS E SUAS REEDIÇÕES	59
3.1	Percurso editorial e autoria	60
3.1.1	<u>Dicionário de Moraes – MS</u>	60
3.1.2	<u>Dicionário de Solano Constâncio – SC</u>	65
3.1.3	<u>Dicionário de Eduardo de Faria – EF</u>	67
3.1.4	<u>Dicionário de Lacerda – DL</u>	69
3.1.5	<u>Dicionário de Domingos Vieira – DV</u>	70
3.1.6	<u>Dicionário de Caldas Aulete – CA</u>	72
3.1.7	<u>Dicionário de Cândido de Figueiredo (CF) e o fim do ciclo Moraes</u>	75
3.2	Reverências e críticas à tradição lexicográfica	80
3.3	Macro e microestrutura dos dicionários de Moraes e de Aulete	84
3.3.1	<u>Aulete, Moraes e os dicionários de <i>brasileirismos</i></u>	91
3.4	Marcas de uso diatópico	96
3.5	Algumas conclusões: similaridades e diferenças entre os dicionários ...	102
4	O <i>CORPUS</i>	108
4.1	Constituição do <i>corpus</i>	108
4.2	Buscas sugeridas pelo <i>corpus</i>: equivalentes, remissões, cognatos	114

4.3	Três casos à parte: animais, plantas e grupos indígenas	115
5	O REGISTRO DOS TERMOS BRASILEIROS: ANÁLISE DOS VERBETES	121
5.1	Origem dos brasileirismos	122
5.2	Brasileirismos semânticos	130
5.3	Variedade lexical no Brasil	141
5.4	Campos semânticos, referentes apenas brasileiros e referentes compartilhados	150
5.4.1	<u>Novos verbetes, realidades compartilhadas</u>	160
5.5	Definição lexicográfica	162
5.5.1	<u>Tipos de definição</u>	164
5.5.1.1	Definições por processo direto	165
5.5.1.2	Definições por processo indireto	176
5.5.2	<u>Informações linguísticas e extralinguísticas</u>	180
5.5.3	<u>Distanciamento crítico: autoridades anônimas</u>	184
5.5.4	<u>Brasileirismos registrados em contexto de definição</u>	186
5.5.5	<u>Definições que se explicam à luz da tradição</u>	188
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
	REFERÊNCIAS	208
	ANEXO A- Dicionários de língua portuguesa no século XIX	220
	ANEXO B- Verbetes por dicionário	236
	ANEXO C- Brasileirismos registrados antes de MS7	244
	ANEXO D- Brasileirismos registrados a partir de MS7 e CA	277
	ANEXO E- Verbetes da língua comum que fazem referência a termos brasileiros	333

Crêterios de transcri o de verbetes e de cita es

- A transcri o dos verbetes   diplomática (manteve-se itálico, uso de maiúsculas, abreviaturas).
- Os empastelamentos foram corrigidos.
- Os trechos confusos ou com provável engano foram assinalados com [sic] ou com [?].
- O itálico   sempre do original transcrito. Negrito, sublinha, bordas externas e demais realces são desta tese.
- Respeitou-se a diagrama o de cada obra, exceto no destaque às entradas: todas foram transcritas em caixa-alta.
- As remissões aos verbetes no correr do texto da tese foram escritas no português atual (que   como estão alfabetadas nos anexos).
- Supressões foram indicadas com [...]; como cada obra possui diagrama o própria, procurou-se manter os recursos gráficos e abrevia es que sinalizam o início de um novo campo (etimologia, prosódia).
- A grafia das cita es que não sejam verbetes foi atualizada.

INTRODUÇÃO

Esta tese iniciou-se com o objetivo de coletar e analisar referências ao Brasil em dicionários generalistas e monolíngues, pertencentes à tradição lexicográfica de língua portuguesa. Os pressupostos de partida eram que as referências ao Brasil em dicionários de língua portuguesa nos últimos três séculos (XVIII, XIX e XX) teriam passado por modificações de diversas ordens e que certas características nos textos dos verbetes permitiriam verificar se, e como, as alterações na maneira de se referir às coisas e ao léxico brasileiro estariam relacionadas à melhor difusão de informações sobre o território nacional, conseqüentemente, sobre as palavras e acepções designativas de coisas do Brasil. Seguindo este raciocínio, o próximo passo seria pensar em que medida o texto lexicográfico refletiria a construção e consolidação da identidade nacional nos dois últimos séculos, bem como o posterior posicionamento “afirmativo” dessa ciência/produção relativamente ao português europeu, especialmente no final do século XX.

Para levar a efeito esse propósito inicial, foram estudados seis dicionários, representativos de diferentes períodos da produção lexicográfica de língua portuguesa.¹ A escolha de obras publicadas em períodos diversos devia-se à expectativa de se confirmarem aspectos da trajetória política, econômica, social e cultural do Brasil refletidos nas obras, supondo que a modificação da conjuntura do território brasileiro interferiria no modo de essa nação (antes colônia) ser representada em dicionários. Tal representação aconteceria por meio de inclusões de novas unidades lexicográficas na nominata² e por meio do texto das definições.

A seleção das unidades lexicográficas levou em conta, em cada um dos seis dicionários propostos para estudo, os lemas e acepções classificados como brasileirismos e os que contivessem alusões ao Brasil. Foram incluídos, então, dois tipos de verbetes no *corpus*: aqueles assinalados como brasileirismo e aqueles que contivessem qualquer dado relativo ao

¹ *Vocabulário* de Rafael Bluteau, a quarta edição do dicionário de Moraes (MS4), a primeira do de Caldas Aulete (CA), a quinta de Cândido de Figueiredo, a primeira do Aurélio (DA) e a primeira do Houaiss (DH).

² Nominata: lista de formas que iniciam os verbetes. Conjunto das entradas. É o mesmo que nomenclatura e macroestrutura, outra designação usada nesta tese.

Brasil, fosse como exemplo de uso, como abonação,³ como elemento de comparação, como informação enciclopédica.

Estabelecido esse critério, era necessário determinar que recorte seria feito nos dados, dada a sua grande quantidade. Os termos e acepções relacionados à apresentação de grupos sociais (nativos ou moradores de localidades ou regiões brasileiras e indivíduos resultantes da miscigenação ocorrida no Brasil)⁴ pareceram representativos para se observar a visão de mundo do dicionarista e, conseqüentemente, a visão sobre o país, especialmente a partir do século XX.

Foram sob esses pressupostos e intenções que se desenvolveram as pesquisas e organização dos dados que levaram ao processo de qualificação, ocorrido em agosto de 2013, e que se iniciou o estágio de doutoramento sanduíche na Universidade de Lisboa, transcorrido de setembro de 2013 a junho de 2014, sob orientação do professor doutor João Paulo Silvestre. O contato mais aprofundado com as pesquisas desenvolvidas pelo orientador e pelo professor doutor Telmo Verdelho levantaram questionamentos que, de certo modo, reencaminharam as pesquisas e o projeto, sem perder de vista o seu principal objetivo – o registro dos brasileirismos em dicionários de língua portuguesa e a sua relação com o contexto de produção das referidas obras. Um dos questionamentos foi: se os termos relativos a grupos etnográficos e a miscigenação ocorrida no Brasil só ganham espaço nos dicionários a partir do século XX,⁵ como, através dos seus registros, estudar o léxico brasileiro nos dicionários? De que maneira discernir as influências dos dicionários do século XIX nos do século XX, relativamente a brasileirismos e a referências ao Brasil, se os estudos da dicionarística portuguesa no século XIX ainda são incipientes com relação às obras que efetivamente contribuíram para esse registro e fizeram eco nas publicações do século XX? Com base em que pressupostos as demais publicações e edições de dicionários do século XIX teriam sido descartadas em prol da quarta edição do dicionário de Antônio de Moraes Silva (MS) e da primeira edição do dicionário de Caldas Aulete (CA) utilizados na primeira fase do projeto?

³ Abonação: “trecho de livro ou escrito qualquer que serve para autorizar o emprego de um vocábulo, sintagma, acepção, sintaxe etc. na língua” (DH).

⁴ Planejava-se também o estudo de termos que nomeassem fatos relacionados à história do Brasil. Tal proposta foi eliminada do projeto em consenso com a banca de qualificação.

⁵ Conforme ficou demonstrado pela ausência deles no levantamento feito na primeira fase dos estudos (em MS4, seis verbetes relativos ao que se designou grupos etnográficos relacionados ao Brasil, em toda a nominata; em CA, apenas quatro).

Para consolidar as afirmações acerca do registro de brasileirismos no século XIX, foi preciso analisar mais detidamente dicionários que, na primeira fase da pesquisa, foram simplesmente mencionados e reconstruir o *corpus*, de modo a responder às novas perguntas. Que dicionários contribuíram para o registro de brasileirismos no século XIX? De que fontes se valeram? Com que critérios essa contribuição pode ser analisada em um estudo de metalexicografia histórica de língua portuguesa? Como avaliar a continuidade desses contributos na produção lexicográfica subsequente?

Para responder às perguntas propostas, seguiu-se o roteiro aqui apresentado em torno dos capítulos em que se divide a tese. O primeiro deles traz considerações acerca da representação do termo *brasileiro* no século XIX e resume ponderações de linguistas, lexicólogos e lexicógrafos acerca dos *brasileirismos lexicais*, apresentando, ao final, o que será entendido como *brasileirismo* nesta tese.

Em seguida, faz-se uma breve exposição da dicionarística de língua portuguesa do século XVI, quando se iniciou, até o final do século XIX, de modo a selecionar os títulos a serem estudados e a localizá-los na história da lexicografia de língua portuguesa. Discussões acerca da língua falada no Brasil e das contribuições brasileiras ao léxico de língua portuguesa integram este capítulo, na medida em que os dicionários de brasileirismos e de regionalismos são os únicos produtos dessa discussão que se refletem no registro de termos do Brasil.

O terceiro capítulo detém-se na apresentação dos seis títulos que compõem o cânone lexicográfico do século XIX e que foram objeto de estudo nesta tese.

- a) *Diccionario da lingua portugueza*, de Antônio de Moraes Silva (MS).
- b) *Diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*, de Francisco Solano Constancio (SC).
- c) *Novo diccionario da lingua portugueza*, de Eduardo de Faria (EF).
- d) *Diccionario encyclopedico* ou *Novo diccionario da lingua portugueza*, de José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda (DL).
- e) *Grande diccionario portuguez* ou *Thesouro da lingua portugueza*, de frei Domingos Vieira (DV).
- f) *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, de Francisco Júlio Caldas Aulete (CA).

As observações concentram-se no percurso editorial e na autoria, nas propostas explícitas de inclusão de dados sobre o Brasil, nas propostas lexicográficas e linguísticas, nas

fontes de consulta para a inclusão dos brasileirismos e nas estratégias de indicação das marcas diatópicas. Privilegiou-se a análise da macroestrutura e da microestrutura⁶ de MS e CA, por serem os títulos que, de acordo com a amostra, efetivamente contribuem para o registro de brasileirismos e que se valem dos trabalhos feitos por lexicógrafos brasileiros. Ao final desse capítulo, são sintetizadas similaridades e diferenças entre esses dicionários relativamente à técnica lexicográfica e ao registro e definição de termos do Brasil. O cotejo entre a redação dos mesmos verbetes pelos dicionários estudados tem a intenção de justificar a escolha de CA e de algumas edições de MS para serem objetos de comparação da produção de Oitocentos. Os comentários desse capítulo são complementados pelo Anexo A, que reproduz informações contidas nas páginas iniciais de cada uma dessas obras.

O estabelecimento de critérios para a seleção dos verbetes e acepções a serem estudados foi, em todas as fases, bastante representativo para a elaboração deste estudo. As várias tentativas e recuos estão devidamente arquivadas para, quem sabe, futuros ensaios. Para este estudo, escolheu-se um segmento da nominata que é bastante diversificado em termos de variedade de registro (origem, campos semânticos, tipo de definição etc.): palavras iniciadas pela letra “c”. A partir de varreduras eletrônicas na base de dados do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (DH), fez-se um levantamento das ocorrências na nona edição do dicionário de Antônio de Moraes Silva (MS9). O que existe em MS9 foi procurado nas edições precedentes. Os critérios utilizados em cada um desses passos são apresentados no capítulo quatro. A distribuição dos lemas pelos dicionários está listada no Anexo B. A partir de amostra constituída foi possível estabelecer comparações entre os seis dicionários estudados e traçar estratégias de análise de dados.

A observação em conjunto permite a identificação de traços e informações que se perpetuaram ou que se apagaram da tradição lexicográfica de língua portuguesa nos verbetes relacionados às coisas do Brasil. Tal estratégia confirmou o pressuposto de que esse conjunto de títulos compõe uma continuidade. O quinto capítulo da tese mapeia as escolhas dos termos brasileiros registrados pelos dicionários de acordo com os seguintes critérios: a origem das novas palavras; a indicação da variedade lexical no Brasil, os campos semânticos e o compartilhamento de significados; as estratégias de definição e a incorporação dos termos brasileiros à microestrutura do dicionário. Tais critérios construíram-se com base nas técnicas

⁶ Macroestrutura do dicionário: estrutura ordenada de todas as entradas. É o mesmo que nominata. Microestrutura do dicionário: estrutura da unidade básica de referência, composta pela entrada e pela definição. É o mesmo que verbebo.

de redação lexicográfica, expostas no desenvolver das análises. O *corpus* de base para o trabalho pode ser consultado na íntegra nos Anexos C a E.

Os Anexos C e D contêm a transcrição dos verbetes agrupados de acordo com a data de dicionarização: no Anexo C estão as unidades lexicais registradas antes de 1870, no Anexo D, estão aquelas registradas depois de 1870, por MS7 e CA; trata-se de todas as palavras iniciadas por “c” e de outras que, porventura, tenham sido utilizadas para sustentar as análises. Alguns desses verbetes são acompanhados de comentários e de marcações sugeridas pela metodologia de análise dos dados. O Anexo E registra verbetes da língua comum⁷ que fazem referência a termos brasileiros.

A partir do reconhecimento de regularidades e irregularidades na escolha das acepções e nos textos dos verbetes, foi possível estabelecer estratégias de comparação entre dicionários gerais do século XIX, e sugerir comparações desses com a produção da primeira metade do século XX, no Brasil e em Portugal.

É importante dizer, antes de finalizar esta introdução, que as apreciações acerca dos dicionários devem ser feitas considerando suas finalidades, as circunstâncias e condições de elaboração. Ao observar o que se diz do Brasil nessas obras, como se diz, com que elementos, que tipo de informação se ressalta e como esse destaque pode ser interpretado, percebem-se avanços no fazer lexicográfico, escolhas dos dicionaristas, interferências externas na construção da obra etc., o que, espera-se, possa cooperar com a história da dicionarística de língua portuguesa.

⁷ Língua comum ou língua compartilhada: realização linguística não marcada que, à época, e no contexto de produção lexicográfica, era o português falado na Europa.

1 SOBRE O OBJETO DE ESTUDO: OS *BRASILEIRISMOS*

Barbosa Lima Sobrinho disse, parafraseando um “eminente filólogo” não identificado, “que a ideia que cada pessoa faz do que seja ‘língua’, no sentido linguístico, é mais clara que qualquer definição científica que se lhe possa dar”⁸ e que tal dificuldade cresce quando se tenta conceituar o que seja *dialeto*. O comentário pode ser estendido a *regionalismos*, conceito que, apesar de não ter a complexidade ou polissemia dos outros dois, não é ponto pacífico entre linguistas. Como se verificará a seguir, as conceituações esbarram em limitações técnicas, e o objeto de classificação (o uso de termos em determinadas regiões) é flutuante no tempo e no espaço. Não há, até o momento, qualquer critério de identificação de regionalismo e de brasileiro pelos dicionaristas que não ocasione dúvidas ou não suscite críticas. A par dos entendimentos divergentes (ou dos desentendimentos), essa não é, entretanto, questão que dificulte o uso das obras de referência ou gere dúvidas ou críticas aos seus usuários comuns.⁹

Antes, porém, de apresentar as variadas interpretações de *brasileirismo* linguístico, é necessário pensar sobre a palavra que lhe deu origem: *brasileiro*.

1.1 A palavra *brasileiro*

O nome *brasileiro*, embora portador de um sentido incontestável, o do gentílico para Brasil, encerra trajetória que merece alguns comentários. A primeira notícia que se tem de registro documentado desse vocábulo é do século XVII.¹⁰ Trata-se de texto do provincial jesuíta Belchior Pires escrito em latim em 1663 (“*praedictus Patres despiciatus Brasileiros vocat*”), em que *brasileiro* é usado para referir-se “aos padres nascidos no Brasil”. Estes

⁸ LIMA SOBRINHO, Barbosa. Língua e dialeto. In: _____. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*, p. 15.

⁹ Ver conversa com usuários no capítulo “Os usuários e suas demandas”. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe Renné Marie (Orgs.). *Dicionários na teoria e na prática*, p. 155-174. Ver também: WELKER, Herbert Andreas. *O uso de dicionários*.

¹⁰ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, livro 1, cap. 2, § 3, p. 42.

teriam se mostrado “ofendidos”,¹¹ devido à relação do adjetivo com aquele que extraía pau-brasil, profissão considerada pouco digna.

A citação a seguir é um tanto longa, mas vale para o entendimento da rejeição ao termo *brasileiro*.

Nesse período [1549-1757], a quantos nasciam no Brasil que não fossem índios ou negros puros, se dava o nome de portugueses, e é assim que aparecem nos Catálogos e outros documentos da época, determinando-se a naturalidade ou pela cidade em que nasciam ou com a designação de *portugueses do Brasil* ou *luso-americanos*, esta segunda denominação mais usada no estado do Maranhão e do Pará. Os membros da Companhia de Jesus no Brasil denominavam-se ‘brasilienses’ (latim), de qualquer nação que fossem. [...].

Num dado momento há uma classificação singular, como de quem quer evitar o apelativo de ‘portugueses’ aplicado aos da Casa da Torre na Bahia, que perturbavam as aldeias do rio São Francisco. O padre Alexandre de Gusmão (em carta escrita pelo seu secretário Andreoni, mas assinada por ele) trata os homens da Casa da Torre em 1696, de ‘europeus’ em contraposição com os ‘índios’. O epíteto europeus aos nascidos no Brasil não teve êxito e prestava-se a equívocos. O fato é que, alternando-se mais tarde com o de brasileiros, somente algum tempo depois da Independência, já no século XIX, desapareceu a nomenclatura de *portugueses* ou *portugueses do Brasil*. [...]

Depois ficou só a nomenclatura de brasileiros, como era justo. Mas se ainda em 1827 se usava a de portugueses, alternando-se já com a de brasileiros, nos séculos que nos ocupam, de 1549 a 1760, a de portugueses era ainda a comum e a que nos situa historicamente dentro do espírito do tempo.

Classificamos os outros portugueses na categoria de “nascidos fora do Brasil”, e não simplesmente “portugueses do Reino”, por um escrúpulo de exatidão, para quem quiser distinguir entre Portugal continental e Portugal insular (Madeira e Açores); e porque também um ou outro jesuíta português do Brasil nasceu na África, em terra onde ainda hoje há quem lá nasce se chama português (Angola). Na realidade, a grande massa de portugueses missionários do Brasil, não nascidos nele, era de Portugal (continente).¹²

Em finais do século XVIII e início do XIX, o registro escrito da palavra *brasileiro* é mais frequente para referir-se aos indivíduos do império português localizado na América, mas com o sentido de *brasis*, ou seja, “índios naturais do Brasil”. Os filhos de estrangeiros, portugueses ou não, nascidos aqui, ainda não tinham gentílico bem determinado. Eram por vezes chamados de mazombos ou mesmo de portugueses. A primeira obra de referência a consignar *brasileiro* como palavra-entrada é o *Diccionario universal da lingua portugueza*, de 1818, muito embora o dicionário de Bluteau (1711-1728), no verbete *mazombo*, utilize esse substantivo para reportar-se àqueles que aqui viviam ou aqui tivessem nascido.

¹¹ Ibid., livro 3, cap. 1, § 3, p. 241

¹² Ibid., livro 3, cap. 1, § 3, p. 241-242.

MAZOMBO. Este nome não se dá indifferentemente a qualquer filho do Brasil. Jorge Marcgravio no livro 8. da sua histor. do Brasil, cap. 4. traz os nomes, **que os Brasileiros, quer Portuguezes, quer Gentios, dão às diferentes nações, que naquella terra habitão**; traduzi do Latim o que se segue. Aos Flamengos, Alemães, Francezes, Inglezes, & c. chamão-lhe Ajuru juba, porque muitos delles tem cabelo louro, ou ruyvo; gèralmente os Europeos são chamados Caraiba, & às vezes Pero. Os filhos de pays, & mãys Europeos, se chamão Mazombos. O filho de pay Europeo, & mãy negra, chama-se Mulato; o filho de pay do Brasil, & mãy negra, chama-se Curiboca, ou Cabocles; o filho de pay, & mãy, negros, chama-se Criolo. O livro diz Mozombo, & Criolo, devem ser erros da impressãõ.

A oscilação acerca do gentílico para os naturais do Brasil era explicitada pela imprensa. O *Correio Braziliense* (mensário brasileiro, publicado em Londres por Hipólito da Costa desde 1808) opta pela forma *brasiliense* como adjetivo pátrio. Em artigo em que se comenta o interesse “entre portugueses e alguns brasileiros, e não entre brasilienses” de quererem desfazer a união de Portugal, Brasil e Algarve, há uma nota em que se explicita a diferença entre os diferentes gentílicos:

*Chamamos **brasiliense** o natural do Brasil, **brasileiro** o português europeu ou o estrangeiro, que lá vai negociar ou estabelecer-se; seguindo o gênio da língua portuguesa, na qual a terminação *eiro* denota a ocupação; exemplo, *sapateiro*, o que faz *sapatos*: *ferreiro* o que trabalha em *ferro*: *cerieiro* o que trabalha em *cera*: *brasileiro*, o que negocia em *brazis* ou gêneros do Brasil etc. [...] A terminação em *ano* também serviria para isto; como, por exemplo, de Pernambuco, pernambucano; e assim poderíamos dizer **brasiliano**, mas por via de distinção, desde que começamos a escrever este periódico, limitamos o derivado **brasiliano**, para os indígenas do país, usando do outro **brasiliense** para os estrangeiros e seus descendentes ali nascidos ou estabelecidos e atuais possuidores do país.¹³

A partir da independência do Brasil é que *brasileiro* ganha foros oficiais. Por esta razão ou por outras, desde MS4, praticamente todos os dicionários consultados para esta tese incluem o gentílico em sua nominata. Já os adjetivos *brasílico* e *brasiliense* só são dicionarizados a partir de MS6. O dicionário CA é exceção a esta regra, pelo fato de consignar pouquíssimos gentílicos.¹⁴

Logo a seguir à Independência, a variedade de designações para os habitantes e nativos era considerável, e a multiplicidade de “sentidos de mestiçagem” foi apropriada pelos

¹³ Reflexões sobre as novidades deste mês: Reino Unido de Portugal Brazil e Algarves: União de Portugal com o Brazil. *Correio Braziliense*, v. 28, n. 165, fev. 1822, p. 165. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/060000-165#page/61/mode/1up>. Acesso em: jan. 2015. [O acesso à citação deve-se à sua utilização no artigo de Alexandre Ferrari e Vanise Medeiros.]

¹⁴ Em sua nomenclatura não se encontram, portanto, *brasileiro*, *pernambucano*, *baiano*, assim como não se encontram *beirão*, *europeu*, *lusitano*, *espanhol*. *Africano* é exceção. No caso da palavra que designa o gentílico ser polissêmica, a acepção relativa a ele é registrada. É o que acontece, por exemplo, com *asiático*, *minhoto*, *arábico*, *fluminense* e *carioca*.

movimentos de insurgência e pela imprensa, com o fito de caracterizar os indivíduos como “mais ou menos” brasileiros.

Da mesma maneira que muitos dos que se autodesignaram “brasileiros” não eram necessariamente nascidos no Brasil e que o sentimento de nacionalidade não estava automaticamente atrelado ao local de nascimento, naquela cultura política muitos dos “cabras” ou “pardos” não eram forçosamente de pele escura.¹⁵

Como se depreende, os sentidos de brasileiro ultrapassam os significados registrados em dicionários.¹⁶

Já em Portugal, o substantivo *brasileiro* foi, a partir da segunda metade do século XIX, um modo de referir os portugueses que voltavam do Brasil. Embora nem sempre regressassem endinheirados, a imagem do homem rico está fortemente ligada a esses emigrantes. Leite de Vasconcelos lista um conjunto razoável de trovas populares acerca desse “personagem”. Um exemplo:

Eu quero ir ao Brasil,
Mas não é por ter dinheiro,
É só para ter fama
De me chamar brasileiro.¹⁷

Esse mesmo filólogo, ao comentar o teor das cantigas, dá conta do sentido pejorativo que *brasileiro* passa a ter naquele contexto, a do indivíduo rico e sem cultura.

Não obstante [...] os emigrados ficarem a cada passo mortos por lá, ou repatriarem-se com a bolsa vazia, à imaginação do povo aparece unicamente um Brasil maravilhoso: *o ouro do Brasil* tornou-se quase proverbial; e na língua corrente a palavra *brasileiro*, a par com as suas duas significações principais “natural do Brasil” e “vindo do Brasil”, tem a de “abastado”, “opulento”.¹⁸

¹⁵ LIMA, Ivana Stolze. *Cabra gente brasileira do gentio da Guiné*, p. 298.

¹⁶ a) Essa mesma assertiva estende-se aos termos relativos à mestiçagem ou a determinados grupos sociais. Comentando as dimensões dessa problemática e das apropriações de termos desse universo para autoafirmação política ou para insulto ou zombaria, Ivana Stolze Lima, no mesmo artigo citado *supra*, relaciona diferentes atribuições de sentido aos termos *cabra*, *mulato*, *pardo*, *homem de cor*, *cabrito*, *crioulo*, *meia-cara*, *indígena do Brasil* na imprensa brasileira entre as décadas de 1820 e 1830. Isabel Lustosa (*Insultos impressos*, p. 40) noticia ainda a denominação com que portugueses se referiam ao Brasil, segundo o periódico *Sentinela da Praia Grande* (n. 13, 5 set. 1823 e n. 22, 14 out. 1823): “terra de negros, mulatos, cabras e caboclos” e “corja de cafres, caboclos e mulatos”. b) Ver ainda FERRARI, Alexandre; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício; e PIMENTA, João Paulo Garrido. Portugueses, americanos, brasileiros.

¹⁷ Verso popular. Recolhido por Leite de Vasconcelos (cf. “O Brasil na poesia popular de Portugal”, p. 79).

¹⁸ VASCONCELOS, Leite de. O Brasil na poesia popular de Portugal, p. 94. A explicação a seguir, nesse mesmo estudo (p. 77), não deixa dúvidas: “O português que, havendo demorado anos além-mar, regressa à

Camilo Castelo Branco, em mais de um romance, traz à tona a figura do brasileiro e da brasileira. Hermenegildo Fialho, personagem do romance *Os brilhantes do brasileiro* (de 1869) é bastante representativo dessa figura. Nascido em Portugal, ele parte ainda criança para o Brasil, de onde retorna enriquecido. Em todo o texto, Hermenegildo é chamado de “o brasileiro”. É identificado como português apenas em notícia de periódico carioca: “Li há dias no *Jornal do Comércio*, que tinha chegado ao Rio o **português** Hermenegildo Fialho”.¹⁹ Também aqui, a identidade não se liga a local de nascimento, mas ao ponto de vista de quem se refere ao personagem.

Embora esse sentido de *brasileiro* seja ocorrência obsoleta,²⁰ ainda é vivo em certos contextos. Algumas construções do interior de Portugal, com determinada arquitetura, são chamadas casas “de brasileiros”.²¹

É como se os designativos *português* e *brasileiro* tivessem alternado a posição antes e depois de proclamação da independência do Brasil. Até essa data, os que nasciam no Brasil (ainda colônia de Portugal) eram também portugueses. Depois, os portugueses que aqui moravam tornavam-se brasileiros. Essa alternância retrata, como se vê, o prestígio ou desprestígio das duas nacionalidades, a depender da circunstância.

Ao utilizar o termo *brasileiro* nesta tese, atribuo-lhe o sentido atual – “relativo ou pertencente ao Brasil” ou “natural ou habitante do Brasil” –, sabendo que o domínio dessa denotação sobre outras se dá em meados do XIX.

Antes de passar a falar de brasileirismos – “palavra, locução ou acepção privativa do português do Brasil” (definição adaptada de DH) – vale a pena citar outras passagens saídas da pena de Camilo, desta vez no romance *A corja*, de 1880, nas quais são mencionadas também brasileirices – “conjunto de características ou modo de falar dos brasileiros”.

pátria, recebe entre nós o nome de brasileiro, principalmente se acarreta consigo certos haveres. A esposa do brasileiro, posto que não estivesse no Brasil, é do mesmo modo brasileira; e igual nome pode aplicar-se a uma filha. O brasileiro, quando rico, folga de construir boa habitação, cingida de quintal gradeado e verdejante, ou de quinta espaçosa: o que muito acontece no Minho, onde, a quem chega de fora, dão sempre na vista as lindas vivendas.”

¹⁹ CASTELO BRANCO, Camilo. *Os brilhantes do brasileiro*, p. 129.

²⁰ Até onde apurei, o primeiro registro dessa acepção em dicionários generalistas é feito por CF1 (em 1899). É consignado, porém, por Macedo Soares no *Diccionario brasileiro da lingua portugueza*: “**brasileiro** adj. gent. 1º nascido no Brazil. || 2º naturalizado cidadão do Brazil. || LEX. PORT. Portuguez que emigra para o Brazil; portuguez ou de outra nacionalidade que, tendo estado no Brazil, regressa para a Europa.”

²¹ Cf. “Blogue do Minho” (Disponível em: <http://bloguedominho.blogs.sapo.pt/1048472.html>. Acesso em: set. 2014.); página de Facebook intitulada “Fafe dos brasileiros”. Ou no jornal *O Público* de 27 nov. 2010 “Os solares onde os vinhos (também) habitam”. Disponível em: <http://www.publico.pt/prazeres/jornal/os-solares-onde-os-vinhos-tam-bem-habita-20681365>. Acesso em: set. 2014.

Diziam-se frases cortadas de beijos, dum madrigalesco de bordel, em que a Pascoela se avantajava na graça muito gaiata de **carioca**, umas brasileirices inflamatórias que pareciam feitas de aromas de **banana**, trilos de **sabiá** e essência de **moscas-verdes**. Uma **mucama** de sinhá entrava com uma travessa de mayonnaise, de camarões... (p. 38)

Mas as brasileirices não se restringem a exotocidades da natureza. Designativos de comportamentos e tipos de indivíduos a partir de suas atitudes são outras maneiras de reproduzir o falar brasileiro: *caiporismo*, *capadócio*, *trouxas*, *matutos*, *andar na onça*, *rabichos* e *enrabichar*. Em dois desses trechos, o autor faz notas para explicar o significado dos termos brasileiros.

Quê qual! Não leio ele. Quê **caipórismo** de **cápádocio**!²² Ainda átreve-se á mi éscréver! Quê vá-se embora, i mi dexe. (p. 34) [manteve-se a grafia original na medida em que tenta reproduzir o falar brasileiro]

O barão gostava d'estas iras: –São uns **trouxas**, uns bigórrilhas – dizia. São **matutos** da bandalheira. **Andam na onça**, não faz-lhes peso a chelpa nem o miolo, hein?
[Nota de Camilo] Trouxas, sinônimos de trampolineiros, pulhas; o mesmo matutos. Andar na onça, o mesmo que não ter dinheiro, andar à lebre. Dizeres importados do idioma brasileiro e bons para Portugal onde são muitos os trouxas, e os matutos, e não menos os que andam à onça. (p. 164)

[...] a Luiza Casca era uma rapariga muito bem comportada, que não tinha **rabichos**, que se desvelava por ele [...]
[Nota de Camilo]: No *argot* brasileiro rabichos são afeições. Um homem que se afeiçoa, **enrabicha**-se. Nota para filólogos vernáculos, puristas, castiços. (p. 231)

E ainda esse brasileirismo sintático:

Elle mi mata... e eu lhi amo muito... Ora dá-se? (p. 189)

Infelizmente, não há espaço nesta tese para digressões além do que os verbetes nos dão a ler, que seria a representação do léxico brasileiro nos demais gêneros textuais e a sua incorporação pelos dicionários, embora seja possível traçar paralelos entre os brasileirismos usados por Camilo e os brasileirismos incluídos por MS8 e MS9 (ver Anexo D).

²² Ver comentários em 5.5.5.

1.2 Revendo conceitos de *brasileirismos*

O dicionário de Cândido de Figueiredo (1899) foi o primeiro a consignar o termo *brasileirismo* e com o significado de “locução própria de Brasileiros”. Embora CF registre esse vocábulo e o utilize no correr da obra,²³ a explicação para a abreviatura “Bras.” é “termo brasileiro”. O que é um avanço acerca da inclusão do Brasil nos dicionários de língua portuguesa, já que a maioria das publicações anteriores não tem uma forma reduzida para “Brasil” na lista de abreviaturas. Exceção a esta regra é CA, que inclui “brazil., brasileiro” na “Lista das principais abreviaturas”. Nos demais dicionários de Novecentos, “Braz” é redução de “brazão”.

A palavra *brasileirismo* não é, no entanto, novidade em textos impressos. José Bonifácio de Andrada e Silva a utiliza em 1823, em artigo jornalístico: “Como V. M. publica um periódico que eu muito prezo pelo puro *Brasileirismo* que nele brilha, e por que com muito boa filosofia combate coisas sem caluniar pessoas [...]”²⁴ O sentido é o de “brasilidade” – “caráter ou qualidade peculiar, individualizadora, do que ou de quem é brasileiro” (DH). O sentido linguístico da palavra pode ser lido em 1876, em texto de Batista Caetano²⁵ sobre a língua geral do Brasil:

Em todo o caso o falar à segunda pessoa à moda dos paulistas é mais preciso e mais bonito, e se ainda em oração de segunda pessoa se quisesse usar de verbos na terceira, era preferível o emprego do *vossê* (derivado da segunda *vós*) com um certo quê de **brasileirismo**, e um pouco correspondente ao *usted* dos espanhóis.

Brasileirismo é palavra com dois conteúdos semânticos distintos, ambos relacionados ao Brasil. Um deles é ligado à identidade brasileira e poderia ser substituído por *brasilidade*. O outro é de conteúdo metalinguístico, pois se refere à língua portuguesa empregada no Brasil, seja em seus aspectos morfológicos, prosódicos, sintáticos ou lexicais. Há ainda um sentido específico, relacionado ao léxico do Brasil (ver, *infra*, acepções 2.1 de DH, acepção 1

²³ a) No prefácio e em comentários de definição de *girão* e *manoca*. Em *girão*, “Como *brasileirismo*, parece-me que os dicionaristas confundem *girão* com *girau*.” Em *manoca*, “É *brasileirismo* corrente, que já se vai adoptando em Portugal, na indústria do tabaco.” b) *Africanismo* é consignado como idiomatismo desde MS6. *Portuguesismo*, em MS7 (“Expressão particular, e própria da língua Portuguesa. § Amor da nação, costumes, e leis Portuguezas.”).

²⁴ O TAMOYO, Rio de Janeiro, 2 set. 1823. Disponível em: <http://www.obrabonifacio.com.br/>. Acesso em: abr. 2014.

²⁵ CAETANO, Batista. Apontamentos sobre o abañeênga..., p. 31.

de DA e de *Novíssimo Aulete*; letra d) em Mattoso Câmara). Esse sentido é o que interessa e será discutido neste estudo.

BRASILEIRISMO *S.m.* **1** menos us. que *brasilidade* **2** LING em sentido lato, qualquer fato de linguagem (fonético, morfológico, sintático, lexical, estilístico) próprio do português do Brasil **2.1** sob o ponto de vista lexical, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa do português do Brasil (DH)

BRASILEIRISMO *S. m.* **1.** E. Ling. Palavra ou locução própria de brasileiro (2). **2.** E. Ling. Modismo próprio da linguagem dos brasileiros. **3.** E. Ling. Idiotismo do português do Brasil. **4.** Bras. Caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil. **5.** Bras. Sentimento de amor ao Brasil; brasilidade. (DA)

BRASILEIRISMO [...] *sm.* **1** *Ling.* Palavra, locução, expressão idiomática ou modismo típicos da língua portuguesa do Brasil **2** Identificação com o fato de ser brasileiro, amor ao Brasil e às coisas do Brasil, o mesmo que *brasilidade* (*Novíssimo Aulete*)

Quanto a dicionários específicos de assuntos linguísticos, reproduzo a definição de Mattoso Câmara para brasileirismo lexical:

Qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O brasileirismo pode ser – a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b) geral, quando se estende por todo o território brasileiro. É este último que caracteriza o português do Brasil em face do português de Portugal, podendo ser um vulgarismo ou estar aceito na norma linguística espontânea.

O brasileirismo pode ser: [...] d) lexical, ou seja, o uso de palavras – não usadas ou até desconhecidas em Portugal, correspondentes a tupinismos, africanismos, como respectivamente *aipim*, *cochilar*; derivações vocabulares, como – *avacalhar*; estrangeirismos aportuguesados, como – *bonde*; 2) usadas em Portugal mas sem a significação que se lhes dá no Brasil, como – *calçada* “passeio” (de rua), ou – *fazenda* “herdade”.²⁶

Nas páginas finais do livro *Que é um brasileirismo?*, Celso Cunha conclui que as respostas a essa indagação são “parciais e condicionadas à finalidade do estudo que se tem em mente: se sincrônico ou diacrônico, se sintópico ou diatópico, se sinstrático ou diastrático”.²⁷

Observando-se ou não as condicionantes apontadas por Celso Cunha, há, desde sempre, dois principais pontos de convergência na conceituação de brasileirismo: a) a polarização com o português utilizado fora do Brasil, marcadamente o de Portugal; b) a origem “brasileira”.

²⁶ CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*.

²⁷ CUNHA, Celso. *Que é um brasileirismo?*, p. 79.

A maioria dos autores que conceituaram *brasileirismo*²⁸ o fazem a partir do critério contrastivo. Aqueles que não são explícitos ao indicar a oposição com o português europeu, “o afirmam indiretamente ao considerarem-no *típico, peculiar, característico, privativo* da nossa variante idiomática”,²⁹ e mesmo os linguistas que se referem a brasileirismos sem a preocupação de defini-los deixam entrever a ideia de polarização no tratamento que dão aos levantamentos e análises.

Alguns estudiosos,³⁰ embora admitindo outros critérios, têm a etimologia como ponto de apoio na classificação dos brasileirismos e consideram que as palavras ou expressões originadas de línguas indígenas brasileiras seriam os verdadeiros brasileirismos, pois realmente provindas de idiomas falados em nosso território. Apenas aos tupinismos, portanto, poderia se atribuir o rótulo “originados no Brasil”.

Quanto aos africanismos, “termo ou expressão resultante do contato do português com uma língua africana, ocorrido na África, em Portugal ou no Brasil”,³¹ somente neste último caso ele integraria os brasileirismos. Assim, só os termos introduzidos pelos africanos radicados em nosso país poderiam figurar entre os brasileirismos.

O critério origem inclui ainda as palavras oriundas de línguas indígenas de outros países sul-americanos. Rodolfo Garcia, Renato Mendonça³² e Tenório de Albuquerque³³ são alguns autores que ressaltam a influência do léxico platino e do léxico indígena hispano-americano como fontes de brasileirismos. O mesmo vale para palavras cunhadas a partir de línguas estrangeiras que aqui chegaram juntamente com viajantes ou, posteriormente, com colonos, ou por outras vias.

Não importaria, no caso de se classificar os brasileirismos apenas pela origem, se essas palavras passaram a ser utilizadas também em Portugal, seja para designar uma realidade

²⁸ Ibid., p. 25-30.

²⁹ Ibid., p. 28.

³⁰ Gladstone Chaves de Melo, João Ribeiro, Rodolfo Garcia, Laudelino Freire, Sílvio Elia apud CUNHA, Celso. *Que é um brasileiro?*, p. 55.

³¹ PETER, Margarida. Africanismos no português do Brasil. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *História das ideias linguísticas*, p. 227.

³² *Diccionario de brasileirismos e O português do Brasil*, respectivamente.

³³ Segundo Tenório de Albuquerque (*Falsos brasileirismos*, p. 47), termos correntes no Brasil, Rio Grande do Sul sobremaneira, provenientes de outras línguas indígenas sul-americanas (por exemplo, quíchua, araucano) não são brasileirismos, mas argentinismos, do mesmo modo que “um vocábulo originário do francês, porque seja correntio no Rio de Janeiro ou em São Paulo, não deixa de ser um galicismo para transformar-se em brasileiro”. Tal posicionamento é retomado por Ana Maria P.P. de Oliveira (“Brasileirismos e regionalismos”, p. 117) que diz concordar com D’Albuquerque acerca da classificação de *matambre* e *vaqueiro* como *americanismos* e não como *brasileirismos*. Questiono se não seria um brasileiro de empréstimo, como *bonde* e tantos outros o são do inglês.

inerente à colônia e nação sul-americana ou para designar algo existente também em Portugal. Nesse caso, o critério contrastivo cairia por terra. E, assim sendo, a palavra *caipira*, incorporada ao falar de além-mar, para nomear “adepto ou militante do partido constitucionalista português nas lutas travadas entre 1828 e 1834” (desde MS7) e ainda, no Minho, “homem sovina, avarento” (CF1) continuaria sendo um brasileirismo, por causa de sua suposta etimologia tupi.

O critério etimológico seria garantidor de uma identificação do termo como brasileirismo em todas as épocas, pois a etimologia da palavra não se modifica. Ela pode ser corrigida, complementada, mas não alterada (se estiver correta). O que acontece, na prática lexicográfica em geral, como se percebe, não corresponde a esse critério: no verbete *caipira*, as duas acepções mencionadas, quando registradas, são classificadas sem marcação diatópica (em dicionários portugueses) ou como regionalismo minhoto. De quatro dicionários contemporâneos consultados (DH, DA, Porto Editora, Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa), três contêm essas acepções. Dois publicados em Portugal e um no Brasil.

CAIPIRA *adj.2g.* [...] **5** *MNH* que é avarento, sovina, mesquinho [...] *s.2g.* [...] **11** HIST *P* adepto ou militante do partido constitucionalista português nas lutas travadas entre 1828 e 1834 [...] (DH)

CAIPIRA *adj.* 2 *gén.* [...] 4. [regionalismo] avarento, sovina [...] *s. m.* HISTÓRIA designação dos adeptos do partido constitucional português durante as lutas civis de 1828-1834³⁴

CAIPIRA¹ [...] **1.** *Deprec.* Alcinha dada aos adeptos do partido constitucional português, nas lutas civis de 1824-1834 pelos realistas. **2.** Pessoa retraída e acanhada. **3.** *Region. (Minho)* Avarento, sovina.³⁵

O mesmo não ocorreria com o critério difusão geográfica, considerando-se os dois países em lados opostos do Atlântico. A se orientar por ele, a palavra *carioca* deixaria de ser brasileirismo, porque, apesar de ser de origem tupi e de, no passado, ter sido caracterizado como termo do Brasil, hoje teria curso na língua comum, para o gentílico (natural ou habitante do Rio de Janeiro) e para um modo de preparar o café (adicionando água, para que fique mais fraco).

Os itens lexicais criados ou usados em território brasileiro não têm, necessariamente, a finalidade de designar realidades diferentes de ou desconhecidas em outras paragens da lusofonia. Eles podem ser sinônimos de termos já existentes na língua. Como diz Joseph Piel,

³⁴ GRANDE dicionário [da] língua portuguesa. Porto, 2004.

³⁵ ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea.*

por “veleidades”³⁶ e influências diversas, os usuários brasileiros teriam forjado (e ainda forjam) um vocábulo ou expressão distinto do que nos chegou (e tem chegado) pelos europeus (e por outros povos). É o que acontece com *bacana*, *geladeira*, *senha*, *ônibus*, *banheiro* (em Portugal, *giro*, *frigorífico*, *palavra-passe* [e também *senha*], *autocarro* e *casa de banho*, respectivamente).

Há também as palavras que vieram para o Brasil com os portugueses e que aqui ganharam novo significado, em detrimento ou não do sentido original; são os brasileirismos semânticos. É o caso, por exemplo, de *faceira*, que significava “carne das faces do gado bovino e suíno” ou “cada uma das peças de madeira da ossada do navio...” e no Brasil, desde antes de 1713, passou a significar também “mulher vaidosa, dengosa, brejeira”; ou ainda de *sótão*, que significava originalmente “porão”, e no Brasil ganhou o sentido de “parte da casa entre o forro e o telhado”.

Outro conceito retomado parcialmente em estudos sobre brasileirismos é o apresentado por Maria Teresa Biderman, seguido também por Ana Maria Pires Pinto de Oliveira.³⁷ Segundo Biderman, brasileirismo é:

qualquer fato linguístico (palavra, expressão ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil, com exceção da variedade usada no eixo Rio – São Paulo, que se considera como o português brasileiro padrão, isto é, a variedade de referência, e com exclusão também das variedades usadas em outros territórios lusófonos.³⁸

Tal posicionamento recupera em parte o de Serafim da Silva Neto sobre quais seriam os verdadeiros brasileirismos. Segundo este autor, apenas os regionalismos, ou seja, vocábulos e acepções utilizados em uma área restrita do Brasil e não em todo o território deveriam ser chamados de brasileirismos. Para termos de uso geral, dever-se-ia “usar o qualificativo de português do Brasil”.³⁹ O que ambos propõem, em síntese, é dar a *brasileirismo* o sentido que normalmente é dado a *regionalismo*, sendo que a professora Biderman sugere a relação entre regionalismo e norma linguística. Seguindo essa reflexão, ela acrescenta que os critérios para classificação de brasileirismo empregados pela segunda edição de DA, em 1986 (e outros, publicados depois de 1998) estariam sob a perspectiva da

³⁶ PIEL, Joseph M. *Sobre alguns aspectos da renovação e inovação lexicais no português do Brasil*, p. 2.

³⁷ OLIVEIRA, Ana Maria P.P. de. *O português do Brasil*.

³⁸ BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Os dicionários na contemporaneidade, p. 134.

³⁹ a) SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, p. 146-147. b) Tenório de Albuquerque (*Falsos brasileirismos*, p. 40) julga necessário dividir os brasileirismos em gerais e regionais.

ex-metrópole, tendo o português europeu como padrão.⁴⁰ Esse questionamento não cabe, no entanto, aos dicionários do século XIX, período em que as questões eram de outra ordem e incipientes. Outra sugestão de Biderman é a indicação do eixo Rio-São Paulo como aquele que fala o português tido como referência.⁴¹

O conceito de brasileirismo tal como é empregado nos dicionários não tem caráter avaliativo, quer atualmente quer no século XIX. Apesar de os dicionaristas deixarem a desejar no tratamento dessa matéria, no sentido de nem sempre explicitarem os critérios adotados para marcação diatópica, o que se depreende é uma tentativa de assinalar os contrastes entre português europeu e português do Brasil, e entre as diversas variedades nacionais, traduzindo a “manifestação da vitalidade de cada uma dessas variedades”.⁴²

Outra questão a originar controvérsias é a que diz respeito aos termos usados no Brasil e obsoletos em Portugal, muitos deles arcaísmos. Entre os autores citados por Celso Cunha, apenas Ismael de Lima Coutinho exclui expressamente os arcaísmos de entre os brasileirismos. Cunha⁴³ relaciona essa questão a outra: “os tupinismos que se aclimaram em Portugal” também não têm justificativas para serem considerados brasileirismos. De onde o próprio autor conclui que “nem sempre os critérios genético e contrastivo se complementam na definição de brasileirismo”.⁴⁴

Aparecida Negri Isquardo⁴⁵ e Ana Maria P. P. de Oliveira,⁴⁶ em estudos contemporâneos, partilham da mesma opinião acerca dos arcaísmos.

⁴⁰ BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade, p. 133.

⁴¹ Com isso, tal como está exposto, exclui-se o eixo Rio de Janeiro e São Paulo do mapa em que é possível criar brasileirismos e altera-se o ponto de vista de difusão para português brasileiro padrão. Não fica claro se os termos de uso restrito a Rio e São Paulo seriam classificados como brasileirismos ou como “português brasileiro padrão”. Mesmo sabendo que essas duas capitais do Sudeste, por razões econômicas e culturais, são difusoras de neologismos e de modismos, há certos usos lexicais que podem não ser incorporados pela mídia e não ser difundidos pelo restante do país. Restam dúvidas, então, sobre como seriam tratados itens lexicais próprios do estado de São Paulo (e também da capital), como *caiçara* (= praiano e caipira), *abobarrado* (= abobalhado); de São Paulo e outros estados, como *boaba* (= emboaba); do estado do Rio de Janeiro (e também da capital) como *cheque voador*, *arrombado* (= sortudo), *camelo* (= bicicleta), *clóvis* e *bate-bola*; e do Rio de Janeiro e outros estados, como *goró* (= aguardente de cana, cachaça) etc., etc. O *Dicionário didático do português*, de autoria desta linguista, voltado para estudantes, não registra termos marcadamente regionais ou usados em Portugal ou em África.

⁴² VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico*, p. 46.

⁴³ CUNHA, Celso. *Que é um brasileirismo?*, p. 59.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 59.

⁴⁵ Cf. ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismo no português do Brasil.

⁴⁶ Cf. *O português do Brasil*.

Os equívocos na classificação eram e são resultado de lacunas (naturais) nos estudos sobre a língua. A identificação de um termo ou um de seus sentidos como arcaico, antigo ou obsoleto depende do conhecimento da língua portuguesa antiga e moderna, acessível por meio de documentos escritos e de estudos diacrônicos. Frequentemente, desde o século XIX, há a correção de impropriedades nesse sentido.

Já para alguns linguistas,⁴⁷ mais especificamente os puristas, os brasileirismos seriam termos utilizados no Brasil na linguagem popular e não incorporados pela língua padrão. Essa classificação, embora nada tenha a ver com a naturalidade do vocábulo, esteve em voga no início do século XX, e está aliada ao fato de se classificar brasileirismo, especialmente o sintático, como um vício de linguagem. Para legitimar o uso brasileiro, recorria-se à história da língua e à abonação de certos usos em escritores portugueses. Essa questão, hoje sem sentido, foi alvo de discussão no final do século XIX e início do XX.

A gramática de Eduardo Carlos Pereira, por exemplo, no capítulo denominado “Vícios de linguagem”, elenca os “brasileirismos” (“termos e frases peculiares ao português falado no Brasil”, assim como lusismo são as “peculiaridades do português falado em Portugal”).⁴⁸ Não há, porém, um tipo de vício de linguagem chamado lusismo ou portuguesismo (nesta gramática ou em outras do mesmo período).

Sousa da Silveira vale-se de autores nacionais para auxiliar no ensino do “idioma pátrio”, mas recorre a trechos de autores clássicos portugueses para legitimar os brasileirismos. O capítulo intitulado “Brasileirismos” inicia-se com o questionamento acerca da impropriedade na designação de alguns vícios de linguagem, pois seriam modos de falar aprendidos com os portugueses: “Vamos apontar alguns dos modos de dizer chamados *brasileirismos*, que, contudo, parece de Portugal nos vieram trazidos pelos primeiros colonos.”⁴⁹ Se houvesse influência dos falares africanos, haveria, sim, uma jaça, seria um vício de linguagem:

Com tudo isto que dizemos e apontamos, não estamos aconselhando arbitrariedade na colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo (*lo*), pois achamos que se deve obedecer às regras geralmente seguidas hoje na língua literária. Nosso intuito é somente concorrer para divulgar a explicação, que se nos representa mais aceitável, do fato, e mostrar que, **deduzindo essas construções a sua raiz dos bons e velhos tempos de Portugal, devem ser quando muito evitadas por obsoletas e**

⁴⁷ Celso Cunha (*Que é um brasileirismo?*, p. 41-46) menciona os posicionamentos de Laudelino Freire e Afrânio Peixoto.

⁴⁸ PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva*, p. 215.

⁴⁹ SILVEIRA, Sousa da. *Trechos seletos*, p. 38.

contrárias ao uso hodierno, mas não motejando nem ironicamente insinuadas de africanismos.⁵⁰

Como o modelo de boa linguagem era o dos clássicos portugueses (Camilo, Eça, Herculano, Castilho, Camões, padre Vieira, para citar alguns dos que são profusamente utilizados em abonações de gramáticas e dicionários de língua portuguesa no século XIX), em um discurso escrito e formal, o vocabulário deveria basear-se nesses textos e autores que, a exceção do padre Antônio Vieira, naturalmente, não utilizavam termos criados no Brasil ou mesmo aceções inerentes à língua aqui utilizada, sobretudo na fala.⁵¹

A formação de palavras por derivação ou composição, e a inserção de novos sentidos em vocábulos já existentes seriam as fontes mais produtivas de verdadeiros brasileirismos, pois preencheriam os critérios de origem e contrastividade, segundo Celso Cunha e Joseph M. Piel.⁵² Sobre esse aspecto, este autor, seguido por Cunha, critica o excesso de interesse dos estudos do português brasileiro sobre os brasileirismos de origem africana e indígena, em detrimento daqueles resultantes de criações vocabulares com recursos do próprio idioma.⁵³

Como se depreende, a identificação e agrupamento dos brasileirismos não é consenso entre filólogos, linguistas e lexicógrafos. Neste início de século XXI, foram escritos diversos artigos e teses acerca do assunto, não mais com o caráter nacionalista de meados do século XIX até as primeiras décadas do XX. É também extenso o número de teses e pesquisas que fazem levantamentos de vocabulários especializados e regionais, o que certamente é contributo para o melhor mapeamento do léxico brasileiro, cuja contrastividade com o léxico de Portugal só poderá afirmar-se a partir de estudos dialetais neste país.

À medida, porém, que os estudos dialetais se intensificam, a lista de brasileirismos parece reduzir-se, “revelando que alguns deles ainda são empregados em determinadas regiões de Portugal, enquanto outros, embora sejam considerados específicos do Brasil, podem, ao mesmo tempo, configurarem-se como arcaísmos portugueses”.⁵⁴ Também podem ter sido transplantados para o vocabulário padrão do português europeu, ou mesmo nunca

⁵⁰ Ibid., p. 43.

⁵¹ O uso que Camilo Castelo Branco faz de termos, expressões e da sintaxe do Brasil em seus romances, como se mostra neste capítulo da tese, estão na boca de personagens brasileiros. Os textos do padre Antônio Vieira são bastante requisitados até MS4 para abonar formas e usos brasileiros (por exemplo, *bandeira, fangapena, igarvana, roça*) ou para aditar referências ao Brasil (por exemplo, *bicha, consumir, borbotões*).

⁵² PIEL, Joseph M. *Sobre alguns aspectos da renovação e inovação lexicais no português do Brasil*, p. 1.

⁵³ Esses comentários serão retomados no capítulo de análise dos dados.

⁵⁴ OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*, p. 60.

terem deixado de sê-lo. São frequentes as correções de indicação de uso restrito a Portugal ou ao Brasil nos dicionários contemporâneos.⁵⁵

Seguindo esse mesmo raciocínio, Telmo Verdelho alega que grande parte do que é hoje considerado brasileirismo faz “parte da reserva redundante da língua”.⁵⁶ Segundo esse autor, o número de brasileirismos que nomeia realidades muito divulgadas, que faz parte do *corpus* lexical essencial, não é muito grande, comparativamente com o léxico da língua dicionarizada e com o número de formas novas criadas por derivação e prefixação. A tendência de muitos desses tipos de brasileirismos é incorpor-se ao léxico comum, básico. A grande quantidade de brasileirismos seria constituída de termos relacionados a fauna, flora, etnonímia; seriam modismos e regionalismos usados em circunstâncias mais restritas, alguns de caráter disfêmicos. O raciocínio de Telmo Verdelho serve também para lusismos de caráter nacional ou regional.

1.3 *Brasileirismos neste estudo*

Assim como acontece com a palavra *brasileiro*, *brasileirismo* também é termo empregado por mim, referindo ocorrências em dicionários dos séculos XVIII e XIX, com os sentidos que lhe atribuímos hoje, a fim de identificar, por exemplo, marcas do Brasil numa época em que elas ainda estavam se formando, sem ter ainda nome definido.⁵⁷

Embora haja numerosas críticas a falhas nos dicionários (antigos e atuais) acerca da marcação equivocada e quanto à falta de indicação de critérios para esse tipo de registro, tal coisa parece não ser empecilho aos dicionaristas do século XIX e do XX para assinalarem os termos como regionais, como brasileiros, africanos, portugueses, açorianos etc. Fatos de ordem pragmática e etimológica norteiam as marcações diatópicas: *brasileirismo* é empregado como um conceito geográfico que, por vezes, conflui com a origem.

⁵⁵ Por exemplo: *manifestação* (= conjunto de pessoas que se reúnem em lugar público para defender ou tornar conhecidos seus pontos de vista, suas opiniões), em DH (2001), e *chegar* (= “ser suficiente, bastar”), em DA (1975-2010) e *Novíssimo Aulete*, estão assinalados como brasileirismos quando têm livre curso no português europeu.

⁵⁶ “[...] formas que funcionam sempre, ou quase sempre, num contexto de autodescodificação. Servem a comunidade ou sub-comunidades em que são ditas, mas têm uma interferência muito limitada nos circuitos mais alargados da intercomunicação linguística”. VERDELHO, Telmo. *Brasileirismos: em torno dos primeiros registros lexicográficos*, p. 41.

⁵⁷ Ver comentários sobre as marcas diatópicas no item 3.4 desta tese.

Em muitos casos não fica claro se o que é do Brasil é a palavra ou a coisa. Dito de outro modo, se o que é originário do Brasil é a palavra ou o referente que ela nomeia. Essa mesma dúvida acentua-se quando se trata de termos sinalizados como regionalismos dentro do Brasil. Um exemplo esclarecedor é o da palavra *frevo*, que nomeia uma dança e música típicas de Pernambuco, mas que são conhecidas, e em ocasiões especiais, executadas como gênero folclórico, em diferentes regiões do Brasil. A palavra seria, portanto, um brasileirismo e não um regionalismo de Pernambuco. A dança e a música (como coisas) é que receberiam o rótulo de *pernambucanas*. Não é essa, todavia, a classificação dos dicionários brasileiros consultados (DH, DA, *Novíssimo Aulete*). Tais oscilações em geral devem-se aos equívocos dos dicionários, à falta de documentação acessível suficiente⁵⁸ para determinar a área em que a unidade lexical é usada, à constante migração de palavras, à imprecisão quanto ao fato de ser termo regional ou coisa regional que se estende pelo país e pelos países lusófonos.

Mesmo que a identificação de alguns regionalismos seja algo quase intangível, ainda mais contemporaneamente, na medida em que a comunicação entre diferentes países e regiões tem cada vez menos barreiras, há uma parcela do léxico que permanece marcada como brasileira ou como identificada com o Brasil (mesmo quando usada em Portugal). Além disso, há a mobilidade: o que era peculiar a uma região numa época, num curto espaço de tempo pode deixar de sê-lo, se for incorporado pelos meios de comunicação.⁵⁹

Para concluir: este estudo não pretende questionar a veracidade das informações, ou seja, não pretende coletar dados nos estudos dialetais e em textos das diferentes épocas em que foram elaborados os dicionários estudados, para saber se o dicionarista falhou ao rotular ou não um determinado termo ou acepção⁶⁰ como próprios do Brasil. Pretende-se aqui observar como são identificados e descritos os brasileirismos.

É preciso não esquecer ainda que, se no século XXI, com muito mais estudos e trabalhos lexicográficos, os dicionários mostram flutuação e imprecisão, não há como acoimar de tal defeito os de períodos anteriores. Outra questão, em que se aposta, é que qualidades boas e más relativas ao registro do léxico brasileiro podem ter raízes nos dicionários do século XIX.

⁵⁸ Embora os estudos acerca do português brasileiro sejam cada vez mais numerosos e bem cuidados.

⁵⁹ Como exemplo de recentes incorporações do vocabulário do português brasileiro pelo europeu: *fofoca* e derivados e *bagunça* e derivados.

⁶⁰ Acepção é “cada um dos vários sentidos que palavras ou frases apresentam de acordo com cada contexto” (DH).

2 DICIONÁRIOS EM PORTUGAL E NO BRASIL

A produção dicionarística em Portugal inicia-se no século XVI, atravessa diversas fases e, ao final do século XIX, conta com razoável número de títulos, oriundos de diferentes casas editoras. São livros que apresentam tipologia variada e visam a públicos de perfis diversos, incluindo nisto brasileiros. Paralelamente a esse início, é também no século XVI que se inicia a descrição linguística do Brasil, seja por meio da nomeação de referentes, seja por meio do registro das línguas autóctones.

Esse percurso será aqui apresentado brevemente, com foco nos dicionários gerais (ou de língua),⁶¹ passará pelos dicionários com nominata e acepções elaboradas para atender a determinada necessidade prática e imediata, e ainda pelas obras de caráter enciclopédico. Em seguida, será feita a apresentação de dicionários especializados,⁶² voltados para o léxico brasileiro: os levantamentos bilíngues (língua brasílica⁶³ x língua portuguesa, e vice-versa) e, mais detidamente, os levantamentos da variedade lexical do português falado no Brasil.

Esse exemplário tem o intuito de apontar em que momento da história da lexicografia de língua portuguesa foram elaborados e publicados os dicionários estudados, que influências podem ter recebido ou ensejado, e que levantamentos já haviam sido feitos e poderiam ou deveriam ter sido compulsados pelos seus redatores. Acresce-se a isto a constatação de referências explícitas, em algumas dessas obras, acerca da incorporação do léxico do Brasil e/ou da destinação da obra ao público de além-mar (considerando-se Portugal como o local de origem).

Para apresentar o percurso dos dicionários portugueses, valho-me de estudos feitos por pesquisadores que se dedicaram mais detidamente a esse tema e, sempre que pertinente ou possível, da consulta às próprias obras.

⁶¹ Cf. DH: “dicionário de língua: obra de referência atemática que procura retratar a língua do ponto de vista do conjunto de suas palavras (incluindo nisto unidades elementares mínimas do tipo dos afixos, radicais etc., as chamadas palavras gramaticais e vocábulos metalinguísticos) e descreve, por meio de abonações e/ou exemplos, suas estruturas sintáticas através do funcionamento das unidades no uso, acrescentando-lhe informações periféricas do tipo classe gramatical, ortoépia, nível de uso, propriedades sintáticas etc., para seu mais perfeito domínio; dicionário geral”. Cf. Margarita Correia (*Os dicionários portugueses*, p. 23): “aqueles em que estamos a descrever unidades lexicais pertencentes a uma determinada língua ou sistema linguístico”.

⁶² Com repertório seletivo: especializado e mais ou menos complexo ou desenvolvido. A delimitação pode ser de caráter dialetal (como o *Vocabulário* de Braz da Costa Rubim), técnico (de marinharia, médico), de nível de uso (de gíria, da linguagem de marginais).

⁶³ *Brasílico* com o significado de “próprio dos indígenas brasileiros”.

2.1 Dicionários portugueses: bilíngues e monolíngues

Os primeiros dicionários de língua portuguesa impressos compõem-se de termos portugueses com os correspondentes latinos e vice-versa, em consonância com os estudos de língua da época, que consistia em comparar o vernáculo com o latim, fosse no léxico ou na gramática.⁶⁴ Essa produção bilíngue inicial criou as bases para a elaboração de uma nominata, geralmente levada em conta nas obras subsequentes. Os dicionários de Jerônimo Cardoso, especialmente a partir da edição do de 1562, *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, são os primeiros a realizar a alfabetação do *corpus* lexical vernáculo.⁶⁵ Ele teve mais de dez reedições, até o final do século XVII, e foi utilizado como manual escolar e como fonte de referência para o vocabulário da língua portuguesa por um largo período. À produção de Cardoso, seguiram-se diversos dicionários bilíngues (latim-português e português-latim), até o surgimento da lexicografia monolíngue, no início do século XVIII. Entre os dicionários bilíngues, merecem nota o de Agostinho Barbosa (*Dictionarium Lusitanicolatinum...* 1611, edição única) e o de Amaro Reboredo (de latim, português e espanhol, com o título *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dicionário*, com edição única em 1621).

Os jesuítas tiveram, desde o século XVI, importância nos estudos linguísticos, tanto na sistematização das línguas usadas em suas missões no Brasil e no Oriente, como na elaboração de pequenos dicionários escolares. Integra a lexicografia jesuítica a *Prosodia in vocabularium bilingue...* de Bento Pereira (1ª. ed. 1634), a que posteriormente se incorpora o *Thesouro da lingua portugueza* (de 1647). Essa obra, sob a referência autoral de Bento Pereira, foi reeditada até 1750. Uma de suas qualidades é o fato de afirmar ser “o primeiro *corpus* do léxico português formado a partir do patrimônio textual”.⁶⁶

⁶⁴ **a)** A escrita deste subitem vale-se de informações contidas no texto de Telmo Verdelho intitulado “O patrimônio lexicográfico”. **b)** Vários dicionários mencionados estão disponíveis para consulta em sites como: *Corpus lexicográfico do português*, da Universidade de Aveiro, Portugal (<http://clp.dlc.ua.pt/inicio.aspx>); Biblioteca Nacional de Portugal (<http://www.bnportugal.pt/>); Archive (<https://archive.org/index.php>); Hathi Trust Digital Library (<http://www.hathitrust.org/>); Biblioteca Digital da Unesp (<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/>).

⁶⁵ Há notícias de manuscritos de caráter lexicográfico relativos à língua portuguesa mais antigos que o dicionário de Jerônimo Cardoso. Nenhum deles, no entanto, foi encontrado. (VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 13.)

⁶⁶ *Ibid.*, p. 17.

Apesar de bilíngues, essas obras são repositório de informações acerca da língua vernácula: organizam a macroestrutura, listam sinônimos, dão conta de diferentes sentidos para as palavras, servem como fonte de datação para usos etc.

A ruptura com o percurso bilíngue dá-se, em Portugal, pelo *Vocabulario portuguez e latino* de Rafael Bluteau, entre 1712 (data de publicação do primeiro tomo) e 1728 (data de publicação do Suplemento 2). Nessa obra, as entradas, expressões, sentidos e abonações são em português. As formas e expressões latinas, equivalentes aos significados e usos do português estão em segundo plano. É um dicionário enciclopédico, que se estende em considerações que visivelmente extrapolam o texto lexicográfico.

Os primeiros dicionários portugueses exclusivamente monolíngues são do final do século XVIII. Dentre eles, distinguem-se o dicionário de Antônio de Morais Silva e o da Academia das Ciências de Lisboa.⁶⁷

O dicionário de Antonio de Morais Silva é de 1789. Embora a folha de rosto informe que a autoria é de Bluteau, somente reformado e acrescentado por Morais Silva, pode-se afirmar serem obras bem diferentes. O dicionário de Morais não tem caráter enciclopédico, é monolíngue, atualiza e acrescenta vários conceitos, simplifica a maioria das definições, e inclui novas palavras e expressões. Esse dicionário teve dez edições revistas e modificadas e acompanhou a evolução da lexicografia de língua portuguesa até meados do século XX. Talvez o primeiro caso de dicionário prático, pensado para fora do circuito pedagógico, tal como eram concebidos em Portugal até o século XVIII. O de Morais era destinado a público variado, fora do circuito acadêmico-escolar.⁶⁸

O *Diccionario da lingua portugueza*, da Academia Real das Ciências de Lisboa, apesar de ser obra interrompida, de que só se publicou o primeiro volume (letra A, em 1793), é referido e utilizado pelos que se lhe seguiram, seja pelos textos introdutórios seja pela estruturação dos seus poucos verbetes.⁶⁹ Segundo Telmo Verdelho, “é o mais significativo

⁶⁷ O dicionário de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, também monolíngue, e o primeiro a utilizar o título *Diccionario de lingua portuguesa*, não contribuiu para a modernização da lexicografia de língua portuguesa pelos defeitos que apresenta. (VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 22.)

⁶⁸ SILVESTRE, João Paulo. *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*, p. 440.

⁶⁹ a) MESSNER, Dieter. *O Diccionario da Lingoa Portugueza de 1793 e as suas fontes*. Nesse mesmo artigo, Messner alude à dependência deste dicionário da lexicografia espanhola e francesa. A utilização de materiais léxicos castelhanos teria lastros maiores, segundo Fernando Venâncio (O castelhano como vernáculo do português, p. 141). b) Houve diversas tentativas de dar prosseguimento à empresa, utilizando, inclusive, anotações arquivadas na Academia das Ciências. Segundo Gladstone Chaves de Melo (*Dicionários portugueses*, p. 23), José Joaquim Nunes (1859-1932) teria chegado a rever a obra até a letra G. Em 1976, foi publicada uma versão atualizada deste primeiro tomo e, em 1993, uma edição fac-similada comemorativa do centenário da primeira. O *Diccionario da lingua portuguesa contemporânea*, publicado em 2001 (única edição) pela Academia das Ciências de Lisboa, não é continuidade do projeto do século XVIII. O caráter institucional

empreendimento da exercitação normativa sobre a língua portuguesa, foi suscitado num momento de teorização linguística intensa, de teor nacionalista”.⁷⁰

Além desses dois dicionários, há outras publicações em Portugal de livros de referência no século XVIII com propriedades particulares. Entre aqueles de caráter filológico, podem ser citados: o *Elucidario de palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram...* (1798-1799), de frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que tem como foco o registro de termos arcaicos⁷¹ e *Vestigios da lingua arabica em Portugal ou Lexicon etymologico...* (1789), de frei João de Sousa. Entre os paraliterários (porque auxiliam a escrita literária) estão o *Diccionario poetico para uso dos que principião a exercitar-se na poesia portugueza* (1765), de Cândido Lusitano (pseudônimo de Francisco José Freire), e o *Tratado de versificação portugueza* (1784), de Miguel do Couto Guerreiro. Incluem-se ainda entre os paraliterários os dicionários de sinônimos, cuja primeira versão em português pode ser encontrada no Suplemento 2 do *Vocabulario* de Bluteau. Esse tipo de obra terá continuidade por meio das publicações do cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luis. *Ensaio sobre alguns sinonimos da lingua portuguesa*, em dois volumes, de 1821 e 1828 respectivamente), de José da Fonseca e Inácio Roquete (*Diccionario dos synonymos, poético e de ephitetos da lingua portuguesa*, inicialmente publicado como apêndice ao *Novo diccionario da lingua portugueza*, de José da Fonseca, em 1833) e de Eduardo de Faria e Lacerda,⁷² entre outros.

No século XIX, a aprendizagem e o estudo do vernáculo estão desvinculados do latim, e os dicionários monolíngues já se haviam consolidado como um dos instrumentos de fixação e conhecimento da língua. Nessa centúria, o dicionário de Moraes tem oito reedições e o de Solano Constâncio, pelo menos 12 até 1884. São também publicadas as primeiras edições dos dicionários de Caldas Aulete em 1881 e o de Cândido de Figueiredo em 1899, e a primeira e única edição do dicionário do frei Domingos Vieira, entre 1871 e 1874.⁷³

de que a obra se reveste, por ser uma publicação autorizada pela Academia de Ciências, não faz com que ocupe lugar destacado no mercado editorial e, conseqüentemente, na formação daqueles que buscam os dicionários em Portugal.

⁷⁰ VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 25.

⁷¹ Em 1825, foi refeito com o título de *Diccionario portatil* e, em 1865, a segunda edição do *Elucidario* foi preparada por Inocêncio Ferreira da Silva.

⁷² a) O *Novissimo diccionario dos synonymos da lingua portugueza*: com reflexões criticas (2. ed. 1860) de autoria de José de Lacerda, foi publicado isoladamente, mas continuou integrando o seu *Diccionario encyclopedico*. b) Ver itens 3.1.3 e 3.1.4.

⁷³ Ver também a “Bibliografia dos principais textos lexicográficos da língua portuguesa”, em VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 49-57.

2.1.1 Dicionários práticos ou escolares

Os dicionários de língua portuguesa “de algibeira” começam a circular logo no início do século XIX, provavelmente sob influência francesa.⁷⁴ Suas nominatas são pouco extensas, as definições são sucintas, normalmente desprovidas de contextualização e comentários linguísticos, etimológicos ou enciclopédicos, visando atender a consultas pontuais de estudantes e profissionais de diferentes áreas, e não a filólogos, escritores ou estudiosos da língua. Esse tipo de publicação acompanha a demanda por esse tipo de obra, em compasso com a maior escolarização.

O primeiro deles é de 1806 e não tem autoria explicitada. É o *Novo dictionario da lingua portugueza*, publicado pela Typografia Rollandiana. Foi reeditado mais duas vezes (1817 e 1835) com uns poucos acréscimos e alterações e não abona os sentidos que registra, o que lhe permite inventariar cerca de 30 mil verbetes,⁷⁵ organizados de modo legível em duas colunas, em menos de 850 páginas, em formato pequeno. A partir da segunda edição, a macroestrutura é antecedida de um texto inicial curtíssimo (uma página).

O segundo é o *Novo dictionario da lingua portugueza*, de José da Fonseca, cuja primeira edição é de 1829, seguida de pelo menos seis reimpressões até 1843. A partir de 1848, José Inácio Roquete passa a assinar essa obra como coautor, acrescentando-lhe qualidades que o transformaram em obra popular até a década de 1920, inclusive no Brasil. Sua nominata alcança cerca de 50 mil entradas.⁷⁶ A partir da terceira edição (1833), era acompanhado do dicionário de sinônimos *supra* mencionado.

No final do século XIX e início do XX, os dicionários de língua “breves e leves” são acrescidos de características que apontam a valorização da informação linguística, a orientação para o público escolar e a constituição que os tornassem mais acessíveis comercialmente. Telmo Verdelho afirma que “a divulgação do dicionário de língua e sua adequação ao uso quotidiano e à exercitação escolar constitui o fato mais relevante na história da lexicografia portuguesa dos séculos XIX e XX”.⁷⁷ A “democratização” do dicionário

⁷⁴ A maior parte dos dicionários portugueses foram produzidos em Paris, o que coincidiu com a estadia de vários dicionaristas portugueses na França (Ibid., p. 32).

⁷⁵ Ibid., p. 32

⁷⁶ Ibid., p. 34.

⁷⁷ Ibid., p. 34.

acontece paralelamente à elaboração de obras lexicográficas mais abrangentes e enciclopédicas, como se observará nos itens subsequentes deste texto.

2.1.2 Dicionários enciclopédicos ou universais

O dicionário de língua atém-se a nomes comuns. Uma enciclopédia contém verbetes biográficos, toponímicos, históricos etc. e, a depender da proposta, nomes comuns, especialmente os que designam coisas e fatos, termos técnicos e científicos. Relativamente à microestrutura, a diferença deve-se à predominância de informações que extrapolam o significado das unidades lexicais, elencando o conhecimento acumulado sobre o assunto. O dicionário universal ou enciclopédico é um híbrido desses dois gêneros, pois conjuga os dois tipos de artigos e pode ou não registrar informações linguísticas, como classe gramatical, etimologias, exemplos de uso, abonações, sinônimos, entre outros.

Em Portugal, essas obras florescem provavelmente sob o influxo francês. Datam do século XIX e início do XX. Entre os títulos publicados no período destacam-se: o *Diccionario universal da lingua portuguesa* (1818-1823), de organização coletiva, que restou incompleto (até a letra E). Foi retomado em 1845, mas também não chegou a ser concluído (encerrou-se na letra L); a *Encyclopedia portugueza illustrada* ou *Diccionario universal* (sem data) publicada sob a direção de Maximiano Lemos, que também restou incompleta; o *Diccionario universal portuguez ilustrado* (1882), editado por Henrique Zeferino de Albuquerque, de que teriam sido publicados alguns volumes, contou com a colaboração de brasileiros; e o *Diccionario popular* (1876-1890), dirigido por Manoel Pinheiro Chagas, composto de 16 volumes. Este pretendia ser “o dicionário” do século XIX e, como os dicionários de Lacerda e MS7, era dirigido a portugueses e brasileiros.

Neste estudo, é dado destaque ao *Novo diccionario da lingua portugueza* (1849, 1ª. edição) de Eduardo Faria, reeditado posteriormente sob a autoria de José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda com o título *Diccionario encyclopedico ou Novo diccionario da lingua portugueza...* (1858, 1ª. edição). Essas obras são comentadas mais detidamente nos itens 3.1.3 e 3.1.4.

2.1.3 Dicionários portugueses e o Brasil

A inclusão do Brasil nos dicionários de língua portuguesa dá-se desde a segunda edição de Jerônimo Cardoso (1569), que consigna o verbete *brasil* (“Brasil *Região. Brasilia(ae)*”), tardiamente, segundo Telmo Verdelho.⁷⁸ As obras lexicográficas que se seguem até a segunda década do século XVIII⁷⁹ consignam a palavra *brasil* como substantivo ou adjetivo relacionados a cor, madeira e região da América. Há algumas poucas exceções: o dicionário de nomes próprios de regiões de Pedro Poiares (1667) abre a entrada para os topônimos *Paranambuco* (“Paranambuco, ou Recife no Brasil. Ruptura maris.”). O de Carlos Folqman (1755), para *Bahia de todos os Santos* (“BAHIA de todos os Santos, [Cidade da America] Portus omnium sanctorum. Brasilius sinus servatoris. Brasilicum aestuarium servatoris.”). A *Prosodia*, de Bento Pereira (dicionário de latim-português), registra a locução latina cuja tradução é palavra de origem tupi: “Ruptura maris. Pernambuco no Brazil”⁸⁰ e lista pelo menos três termos latinos que dariam nome a realidades da América – *cotinus*, *formicoleon*, *ramphestes* (“zambujeiro ou páo de Brazil”, “animal do Brazil que come as formigas”, “pega do Brasil, constelação ao sul”, respectivamente). O *Thesouro* de Bento Pereira (português-latim) inclui pelos menos quatro nomes de vegetais brasileiros – *iacarandà*, *mandioca*, *ananaz*, *cajus* –, e a palavra *moleque* (“Adolescens niger”), que não é

⁷⁸ “A dicionarização oferece, em todo o caso, datas relativamente tardias para a fixação do termo. Cerca de cinquenta anos antes [1569], o nome *Brasil*, com a acepção de topónimo, pode já ler-se na obra de Gil Vicente, em pelo menos 5 ocorrências. Encontra-se no *Auto da Barca do Purgatório*, que foi representado em 1518; no *Auto dos Físicos* (1524); na *Farsa dos Almoçreves* (1527); no *Triunfo do Inverno ou Comédia do Inverno e do Verão* (1528); e no *Auto da Fama*, que foi representado em 1510, se bem que o fragmento de diálogo onde se encontra a expressão ‘terra do Brasil’ (Vicente, 1562: fol. 199v) possa ter sido acrescentado em data posterior a 1515.

‘Brasil’, como topónimo, é também citado na *Gramática* (1536) de Fernão de Oliveira, e na *Década I* de João de Barros (1552) Tornou-se frequente a partir de meados do século XVI e entrou mesmo no vocabulário de *Os Lusíadas*, 1572 (canto X, estrofe 63), mas, por outro lado, o mesmo Camões, no poema introdutório da obra de Gandavo, *A Historia da Prouincia Santa Cruz*, 1576, manteve a referência toponímica ‘Terra de Santa Cruz’.” (VERDELHO, Telmo. *Brasileirismos*, p. 31-33.)

⁷⁹ *Thesouro* e *Prosodia* de Bento Pereira (ambos de 1697); *Diccionario lusitanico-latino de nomes proprios de regioens; reinos; provincias; cidades; villas...* de Pedro Poiares (1667). (VERDELHO, Telmo. *Brasileirismos*, p. 33.)

⁸⁰ Em DH, no verbete *pernambucano*: “*Pernambuco* é o tupi *para'nã* no sentido de 'rio caudaloso' e *pu'ka*, gerúndio de *pug*, no sentido de 'rebentar, estourar, furar-se, ser furado, arrombado'; segundo Nasc, esse étimo confirma-se em inúmeros autores, dentre os quais frei Rafael de Jesus, em *Castrioto lusitano* ‘... uma abertura à qual os naturais chamam pernambuco, que, em sua língua, é o mesmo que pedra furada ou buraco que fez o mar de que se forma a garganta da barra’; frei Vicente do Salvador, em *História do Brasil*, ‘... Pernambuco, que quer dizer mar furado, em respeito a uma pedra furada por onde o mar entra, a qual está vindo da ilha de Tamaracá’; D. Francisco Manuel de Melo, *Epanáforas*.”

um termo brasileiro. Esses poucos exemplos são indicativos de como os termos brasileiros foram sendo dicionarizados.

Em meados do século XVIII, os nomes de étimo brasílico vão sendo agregados, mesmo que timidamente, às nominatas dos dicionários. A “província” ou “região” da América é chamada ao contexto de definição para localizar a ocorrência de alguns animais ou plantas que lhe são próprios. Na *Orthographia* de Madureira Feijó (1734) estão *ananás, caju, cotia, gibóya, jacarandá, mandioca, maracujá, tângara*, e também etnônimos e epônimos, como *tapuyas* e *mazombo*. O *Diccionario* de Carlos Folqman (1755) registra dois equivalentes latinos para *capitania,um*, de caráter geral, relativo a “ofício de capitão” e outro específico para o Brasil.⁸¹

CAPITANIA, (no Brazil) Praefectura, ae, f.

A reunião desse novo mundo como tema explícito na apresentação do dicionário acontece um pouco antes, entretanto, no *Vocabulário* de Bluteau que, entre as 45 outras qualidades listadas no seu subtítulo, se diz “brasílico”. Do mesmo modo que os termos *áulicos, médicos, meteorológicos, filológicos, índicos* adicionam valor à obra e especificam o seu universo de referência, os da colônia portuguesa na América também. A influência de Bluteau sobre a produção lexicográfica subsequente é marcante. Entre os mais de 500 “termos do Brasil” incluídos e assim assinalados por ele,⁸² quase todos, senão todos, foram incorporados aos dicionários do século XIX.

2.2 Sobre a dicionarização do léxico brasileiro

O registro de termos do Brasil não coincide com a produção de dicionários no Brasil. A demanda por esse tipo de registro inicia-se com a chegada dos portugueses, por meio da carta de Pero Vaz de Caminha, que “pode ser considerada como inauguradora de um discurso lexicográfico”,⁸³ no sentido de que remete a um universo a ser reconhecido e nomeado. Ao

⁸¹ Ocorrências localizadas a partir de buscas da palavras iniciadas por *brasil* e *brazil* na base de dados do Corpus Lexicográfico do Português (<http://clp.dlc.ua.pt/inicio.aspx>).

⁸² De acordo com levantamento gentilmente cedido pelo professor Telmo Verdelho.

narrar o que vê na nova terra, Caminha vale-se de comparações com o que seria familiar ao leitor da sua carta, o rei de Portugal.

Trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quase como pegas, a não ser que tinham o bico branco e os rabos curtos.

[...]

Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que, na cor, queriam parecer de castanheiros, embora mais pequenos. E eram cheios duns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, de que eles andavam tintos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam.⁸⁴

A necessidade de se fazer a tradução de termos indígenas para termos portugueses, assim como nomear e descrever as novas realidades, fica patente logo nesse primeiro contato. Os dois degredados que serão deixados no território para aprenderem a língua dos autóctones marcarão “o início da formação de intérpretes e do estabelecimento de uma prática bilíngue que marcará a lexicografia colonial”.⁸⁵

É a partir de 1549 – data da vinda dos jesuítas, que serão responsáveis pelo ensino no Brasil até 1759, quando serão expulsos de Portugal e de seus domínios – que se instalam os movimentos para sistematização das línguas faladas pelos indígenas, seja para aprendê-las, seja para ensinar o português. Daí, resultaram textos de teor gramatical, vocabulários e catecismos. Os mais representativos são: *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, 1595; *Arte da lingua brasilica*, 1621; *Vocabulario da lingua brasilica*, final do século XVI e início do XVII; *Dicionario portugues-brasiliano*, manuscrito amplamente copiado, publicado em 1795; *Catecismo na lingua brasilica*, 1621; *Compendio da doutrina christã na lingua portugueza, e brasilica*, 1678, composto pelo p. João Filipe Betendorf.⁸⁶

Paralelamente ao empenho jesuítico, os relatos dos viajantes que por aqui passaram e de intelectuais portugueses que aqui viveram servem de instrumento para dicionarização da realidade brasileira. Ao contar o que viam, reproduziam os nomes dados pelos indígenas e descreviam o que era desconhecido, especialmente ou quase unicamente, os elementos da natureza. Como exemplos mais remotos, podem ser citados os textos de Hans Staden (*Viagem*

⁸³ NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil*, p. 61.

⁸⁴ CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a el Rey Dom Manuel. In: *Vocabulário da carta de...* p. 159 e 153.

⁸⁵ NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil*, p. 63.

⁸⁶ Para maior ilustração acerca dessas obras, ver NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil*, p. 87-132. As datas são as dos manuscritos, a maioria deles, anônimos. Alguns desses textos, como o *Dicionário português-brasiliano*, continuaram a ser utilizados no Império. “Onde há, ou houve, comunidade jesuítica, há, também, vocabulários ou dicionários” (padre Luiz Gonzaga Jaeger apud SPALDING, Walter. Notas bibliográficas sobre os autores. In: CORRÊA, Romaguera et al. *Vocabulário sul-rio-grandense*, p. x.).

ao Brasil, primeira edição de 1557), Jean de Léry (*Viagem à terra do Brasil*, de 1585), George Marcgrave e Willem Piso (*Historia Naturalis Brasiliae*, 1648). Entre os intelectuais portugueses que escrevem uma história do Brasil, estão Pero de Magalhães Gândavo (*Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, 1576, e *Tratado da provincia do Brasil*, antes de 1576), Fernão Cardim (*Do clima & terra do Brasil*, cerca de 1584), Gabriel Soares de Sousa (*Notícia do Brasil*, 1587), Simão Vasconcelos (*Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo*, 1663). Mesmo não sendo descrições lexicográficas propriamente ditas, contêm definições e descrições inaugurais da realidade além-mar e são largamente utilizados como bases para os primeiros dicionaristas. Como exemplo, vejamos excertos de alguns desses textos.

De Hans Staden,⁸⁷ estão reproduzidas descrições de *maracá*, *tipiti*, *tatu*. E a indicação de um equivalente indígena para *diabo*: *anhanga* (“ingange”).

Usam também de um chocalho, chamado *Maraka*, como os outros selvagens e tem-no em conta de um Deus.

Primeiro ralam as raízes [trata-se da mandioca] numa pedra, até que fiquem em grãos miúdos; tiram-lhe depois o suco com um aparelho feito da folhagem da palmeira, ao qual chamam *tippiti*, que eles esticam; passam depois numa peneira e fazem da farinha uns bolinhos achatados.

Também há uma espécie de animal a que chamam *Dattu*; tem mais ou menos um palmo de altura, e couraça no corpo todo, exceto na barriga onde não a tem. A couraça, é como chifre e fecha com articulações como uma armadura. Tem focinho longo e pontudo e cauda comprida. Gosta de andar por entre as pedras; a sua comida são formigas e tem carne gorda que muitas vezes comi.

Não gostam também de sair das cabanas à noite, para satisfazerem as suas necessidades, por medo do diabo, a que chamam *Ingange*, e ao qual veem muitas vezes.

De Simão de Vasconcelos

Dormem suspensos em **redes**, que tecem de algodão, as quais penduram por duas pontas de esteio a esteio

[...]

Fora este, seu maior enxoval vem a ser uma rede, um **patiguá**, um pote, um cabaço, uma **cuia**, um cão. Serve-lhe a **rede** para dormir no ar, atada, como já dissemos de tronco a tronco: o **patiguá** (que é como caixa de palhas) para guardar pouco mais que a rede, cabaço, e cuia: o pote, que chama **igaçaba**, para seus vinhos: o cabaço

⁸⁷ **a)** Transcrições feitas a partir de STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*, p. 134, 141, 172 e 138 respectivamente. **b)** A primeira tradução de *Viagem ao Brasil* para o português é de 1892 e foi publicada na *Revista do IHGB* (ver LÖFGREN, Alberto. Prefácio do tradutor, p. 9.)

para suas farinhas, mantimento seu ordinário: a **cuia** para beber por ela: e o cão para descobridor das feras quando a vão caçar. Estes somente vêm a ser seus bens móveis, e estes levam consigo aonde quer que vão: e todos a mulher leva às costas, que o marido só leva o arco.⁸⁸

E a redação dos termos *cuia*, *patiguá* (*patuá*) e do sentido brasileiro para *rede* por Rafael Bluteau no seu *Vocabulário*.

CÚYA. Vaso de barro, em que bebe o Gentio do Brasil. {Rede, cabaço, & Cuya. Vasconc. *Notic. do Brasil* pag. 123.}

PATIGUÁ. (Termo do Sertão do Brasil.) He como cayxa de palhas, em que o Gentio guarda a rede, cabaço, cuya, etc. {(Seu mayor enxoval vem a ser hũa rede, hum patigua, hum pote, etc. Vasconc. *Noticias do Brasil*, pag. 122.)}

REDE [...] Tecido grande de algodão, em que o Gentio do Brasil, & outro das Indias Occidentaes dorme, pendurando-o do tronco de hũa arvore a outro; com esta cama pensil se livra de bichos, & feras. Dizem, que os Caraibas fazem estas redes com supersticiosas ceremonias. Nas pontas do tear suspendem hüs saquinhos de cinza, por imaginarem, que sem elles não duraria a rede; não comem figos em quanto a rede he nova, por entenderem, que apodreceria brevemente; & não ousaõ comer peyxe, que tenha bons dentes, crendo que a sua rede ficaria logo cortada, & retalhada. {(Dormem suspensos em Redes, que tecem de algodão, as quaes pendurão por duas pontas de esteyo a esteyo. (Vasconcellos, *Noticias do Brasil*, 122.)}

No verbete *patiguá*, o dicionário de Moraes Silva parte da definição de Bluteau e acrescenta um sentido que está em relação de contiguidade com a primeira. De recipiente para a rede a recipiente para remédios e, por extensão, como *bentinho*. No verbete *rede*, Moraes acrescenta-lhe outra finalidade: servir de apoio aos que são transportados por carregadores.

PATIGUÁ, s. m. t. do Brasil. Caixa de palha tecida, em que o Gentio guarda a sua rede, etc. *Vasc. Not.* vulgo patuá, saco, ou bolsa, onde talvez trazem remedios, e coisas que dizem livrá-los de tiros, feridas, etc. Os cabras, e semelhante gentilha trazem nos patuás corporaes, sanguinhos, pedaços de pedra d'ara, e coisas que cuidão supersticiosamente os livrão de ferro, e balas de quem briga com elles, ou para amansar os senhores, etc. tem --, trás --.

REDE, s. m. [...] § *Rede*, no Brasil, tecido de malha com ramaes, os quaes se atão nos extremos de uma vara, ou a duas argolas, e fica como huma funda, na qual se deitão a dormir, ou são levados às costas de pretos, que sostem cada hum no hombro o extremo da tal vara. [...] ⁸⁹

Rafael Bluteau utiliza-se com prodigalidade desses relatos para descrever a realidade da América, em especial a *Chronica* de Simão de Vasconcelos, para contextualizar referentes brasileiros e não brasileiros. Era uma realidade desconhecida da maioria dos portugueses e,

⁸⁸ VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*, v. 1, p. 98.

⁸⁹ Transcrito da primeira edição de MS (1789). O verbete *cuia* pode ser consultado no Anexo C.

naturalmente, do próprio Bluteau. No século XIX, o Brasil continuou a ser alvo de interesse de naturalistas e viajantes europeus: Auguste de Saint-Hilaire, Von Martius e Von Spix, Louis e Elizabeth Cary Agassiz, Bartolomé Bossi, Richard Burton, Abbé Durand, Alfred Marc, James E. Wells, entre outros.⁹⁰

O exemplo a seguir, extraído de relato de viagem feita entre 1833-1835, descreve frutas encontradas no Rio de Janeiro e em Minas Gerais e em nada deixa a dever à redação dos dicionários elaborados à época (cf. com *igranamixama* e *cajueiro*): aparência externa, origem, comparação com frutos conhecidos na Europa, sugestão e qualificação do sabor.

Uma das melhores frutas do Brasil é o **maracujá**, que penso ser o mesmo que a granadilha das Índias Ocidentais. A **fruta do cajueiro** (ou para falar com precisão científica, o pedúnculo suculento crescido da noz) é do feitio de uma pêra, com a pele macia e brilhante, amarela, com manchas avermelhadas, como algumas espécies de maçã; seu cheiro também é como o da maçã; seu gosto é bem ácido, e não muito agradável. A **grumixama**, uma espécie de eugênia, dá uma fruta do tamanho e da cor de uma cereja preta comum, mas com alguma coisa do sabor das frutinhas de murta. O **jambo**, originalmente fruta indiana, é notável pela sua semelhança, tanto em gosto quanto em cheiro com pétalas de rosa, etc.⁹¹

IGRANAMIXÀMA, s. f. Fruto do Brasil, como cereja, tem em baixo uma corozinha de folha verde. *Vasconc. Notic.* Lá chamão-lhe vulgarmente *grumixàma*; são vermelhas ou roixas. (MS4)

CAJÚ, s. m. Fruto Brasilico, da feição de um cone truncado, amarello, ou encarnado, de sabor mais doce, que agro; da parte opposta á em que está pegada aos ramos, tem uma castanha dentro de uma casca mui oleosa caustica, da feição do rim de porco, còr cinzenta; tirada a casca apparece uma amendoa saborosa, que se come assada, ou se confeita: e serve de amassar-se em bolos, doces, pudins, etc. (MS4)

Afora as anotações dos viajantes e aos verbetes dos primeiros dicionários, a dicionarização do Brasil relativamente às distinções lexicais entre o português falado aqui (Brasil) e lá (Portugal) tem como obra precursora a coletânea feita pelo visconde de Pedra Branca, publicada no *Atlas ethnographique du globe*, em 1826, organizado por Adrien Balbi. Esse levantamento só será alvo de comentário em estudos linguísticos no Brasil um século depois, por João Ribeiro, no texto “Antiguidade dos brasileirismos”, de 1921.

O visconde lista oito termos com significados diferentes em Portugal e no Brasil: *arrumamento*, *babados*, *capoeira* (mata), *chacota*, *faceira*, *sécia*, *sótão* e *tope*.

⁹⁰ Mais de 80. Ver: PÔRTO, Ângela; FRITSCH, Lilian de A.; PADILHA, Sylvia F. Obras de viajantes. In: _____. *Processo de modernização do Brasil, 1850-1930*, p. 90-100. Vários desses textos foram traduzidos para o português no século XIX. Alguns foram publicados pelos *Annaes da Biblioteca Nacional* e pela *Revista do IHGB*.

⁹¹ BUNBURY, Charles James Fox. *Viagem de um naturalista inglês...* p. 29-30.

Palavra	Significação em Portugal	Significação no Brasil
arrumamento	action d'arranger (ação de arrumar)	parade (parada, desfile)
babados	bave (baba)	jabot, falbalas (jabô, falbalá; babado, gola)
capoeira	cage à poules (gaiola de galinhas)	broussailles (mato)
sécia	action de grasseyer (ação de pronunciar na garganta certas consoantes, sobretudo a letra "r")	minaudière (trejeito, cara de ingênuo)
chacota	chanson grivoise (canção licenciosa, satírica)	moquerie (zombaria)
faceira	grosse mâchoire (maxilar grande)	coquette (coquete)
sotão	souterrain (subterrâneo)	mansarde (mansarda, sótão)
tope	entrave (entrave, impedimento)	cocarde, bouquet de fleur (tope [adorno para chapéu], buquê de flor)

O original não tem a forma em português. A tradução é desta tese.

E mais 49 termos usados no Brasil e desconhecidos em Portugal: *balaio, batuque, boquinha, caçula, calunda, cangote, capéta, capim, carpina, chacra, charquear, chibio, chingar, coivara, cuchillar, dondon, fadista, fadú, farofa, findinga, fuxicar, iaià*,⁹² *mandinga, mascate, mascatear, mi deixe, mocotó, mulambo, muquiar, muquem, mungangas, munheca, muxiba, muxingueiro, muxoxo, nanica, nuello, pabulo, pequira, pimpadò, presinganga, quindins, quitanda, quitûtes, rossa, saracutear, senzàla, sipoada, tapera, trapiche.*

A seguir, estão listados os que, na grafia da época, iniciam-se pela letra "c", para manter a coerência com o *corpus* utilizado como ponto de partida para este estudo. A coluna "significação em português" não faz parte do original.

Palavra no Brasil	Significação em francês	Significação em português
caçula	cadet d'une famille	o mais novo de uma família
calunda	magnétisme, des vapeurs	magnetismo, vapores
cangote	le chignon	cangote
capéta	lutin	pequeno demônio
capim	gazon	grama
carpina	charpentier de bâtiment	carpinteiro de construção

⁹² No original *jaià*.

chacra	maison de campagne	casa de campo
charquear	préparer la viande seche	preparar a carne seca
chibio	polisson vaurien	garoto gaiato
chingar	passer des sobriquets	dar apelidos
coivara	action de bruler des broussailles	ação de queimar um matagal
cuchillar	sommeiller	cochilar, dormir
senzala	case à nègres	casa de negros
sipoada	coup de badip	golpe de ??

Embora haja ali incorreções,⁹³ esse texto assinala a possível alteração do foco dos estudos. O paradigma não é o das línguas autóctones. Tania Alkmim⁹⁴ assinala o lugar de destaque dado aos termos africanos nessa amostra.

O caráter contrastivo entre significados de uma mesma palavra, constante na lista do visconde de Pedra Branca, será retomado por dicionários de termos brasileiros apenas no final do século XIX, por meio dos levantamentos de Macedo Soares (1888) e Beaurepaire-Rohan (1889). Aos poucos e, ao que parece, muito parcimoniosamente, o que era construído pela diferença, inclusive de origem, passa a sê-lo também pela apropriação. Ou seja, pela atribuição de novos sentidos a palavras já existentes e pela criação de neologismos de etimologia vernácula. Um exemplo emblemático de apropriação vem de José de Alencar, no “Pós-escrito” do romance *Diva*. Ali, o romancista se defende da acusação de abusar dos galicismos e comenta as possibilidades de formação de palavras no português. Das 16 palavras listadas e comentadas, nenhuma é autóctone brasileira. Algumas delas já estavam dicionarizadas. *Frondes*, *pubescência*, *núbil* estão em MS6. Outras, como *palejar* e *escumilhar* foram integrados a CF.

Os dicionários de língua portuguesa, monolíngues e generalistas, vão aumentando a cada edição o número de brasileirismos natos e brasileirismos semânticos, mas, como se

⁹³ Segundo Celso Cunha (*Que é um brasileirismo?*, p. 27), nem todos os termos arrolados por Pedra Branca como privativos do Brasil eram desconhecidos em Portugal à época. De acordo com o que está consignado em MS4, *balaio*, *trapiche*, *nanico* teriam curso em Portugal. *Chacota* (“caquinada de riso por escarneo”) também. Como já se mencionou nesta tese (item 1.3), a delimitação de usos regionais e mesmo nacionais não é de fácil atestação. Pode-se citar o exemplo de *mocambo*, palavra classificada em todos os dicionários consultados como “termo do Brasil”. Havia, porém, em Lisboa uma antiga rua com esse nome. No *Fidalgo aprendiz*, D. Francisco Manuel de Melo cita pela boca do personagem Gil: “a mim apupam-me todos, / de Mocambo intés Alfama.” (primeira jornada, 380). Embora seja termo africano e embora seja encontrado em textos quinhentistas (CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico...*), foi no Brasil que o vocábulo se difundiu mais intensamente.

⁹⁴ ALKMIM, Tânia. Um texto inaugural: o Visconde da Pedra Branca e o português do Brasil.

depreenderá da proposta dos editores e da análise dos verbetes, as discussões em torno da independência linguística brasileira parecem não ecoar entre os redatores-lexicógrafos da antiga metrópole. É como se prevalecesse a informação contida no verbete *Brazil*, do dicionário enciclopédico dirigido por Pinheiro Chagas, publicado na década de 1870: “A lingua que se falla no Brazil é o portuguez em toda a sua pureza, sem dialectos, differindo apenas do portuguez da Europa pelo accento um pouco mais languido, e por uns ligeiros usos especiais de construcção, que mesmo algumas provincias não adoptam.”⁹⁵

A elaboração de dicionários no Brasil só pôde iniciar-se na primeira metade do século XIX, a partir da permissão de abertura de casas impressoras, uma das relevantes consequências da inversão brasileira.⁹⁶ A expulsão dos jesuítas, a obrigatoriedade do ensino em português, o surgimento das academias, a proliferação de periódicos, o aumento do número de brasileiros que realizam estudos em Portugal teriam alterado a configuração do conjunto de notícias sobre a língua portuguesa no Brasil, dando margem a outras necessidades de ordenamento e seleção dos diferentes fenômenos languageiros.⁹⁷

A primeira publicação de obra de referência no Brasil acontece em 1832, na cidade de Ouro Preto, por meio do *Diccionario da lingua brasileira*, de Luís Maria da Silva Pinto, que era dono de uma gráfica e se valeu dessa prerrogativa para atender a uma provável demanda por obra de referência de manuseio mais fácil que as de Moraes Silva e, por certo, mais barata. Embora seja um acontecimento expressivo, por ter sido a primeira obra do gênero impressa aqui e por ter em seu título a locução “língua brasileira” significando língua portuguesa falada no Brasil,⁹⁸ a obra não tem repercussão na história da lexicografia. O dicionário é a reprodução da edição de 1817 do dicionário da Tipografia Rollandiana (supracitado).⁹⁹ Não há qualquer contribuição de Silva Pinto quanto a distinções entre o léxico brasileiro e o de além-mar. Não há, portanto, razões de ordem contenedística que justifiquem o adjetivo “brasileira” no título.

⁹⁵ CHAGAS, Manoel Pinheiro (Dir.). *Diccionario popular*, V. *Brazil*. Manoel Pinheiro Chagas é um dos que veio a público criticar o uso da língua por José de Alencar.

⁹⁶ Inversão brasileira é a designação dada ao “período que vai de 1808 a 1821 quando a família real portuguesa se instalou no Brasil, invertendo a situação deste país, que passou da condição de colônia à de metrópole” (DH).

⁹⁷ NUNES, José Horta. Dicionarização no Brasil: condições e processos. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Org.). *História do saber lexical*, p. 106.

⁹⁸ A expressão *língua brasileira*, na década de 1830 ainda era associada a línguas autóctones do Brasil e não ao português falado no Brasil.

⁹⁹ a) ARAUJO, Paulo Mario Beserra de. *Hum diccionario sem auctor versus hum ‘auctor’ com diccionario*. b) O dicionário de Silva Pinto pode ser acessado na íntegra no *site* Brasileira, da Universidade de São Paulo (<http://www.brasiliana.usp.br/diccionario>).

Até o final do século XIX são publicadas listas de palavras de línguas indígenas com o correspondente em português, muitas delas em publicações periódicas, ligadas às novas instituições do Império, como a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, cujo primeiro número é de 1839, e os *Anais da Biblioteca Nacional*, inaugurada em 1876.¹⁰⁰ Vêm a lume também dicionários em formato de livros, como o *Vocabulário da língua geral* (1826), de frei Prazeres do Maranhão, posteriormente compilado por Gonçalves Dias junto com outros textos no *Dicionário da língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil* (1854), além da *Crestomatia da língua brasilica* (1859) de Ferreira França, e a *Glossaria linguarum brasiliensium* (1863), de Von Martius, entre outros.

Os estudos das línguas indígenas brasileiras e a atenção dada ao assunto pelas referidas revistas estariam na teia de reflexões acerca da construção da identidade nacional. Os habitantes autóctones do Brasil seriam aqueles que melhor representariam o caráter genuinamente brasileiro. O pensamento romântico na arte, a volta às origens, com a valorização da figura do “bom selvagem”, a busca por uma identidade nacional brasileira, que desvinculasse o Brasil de Portugal, cultural e historicamente, são questões envolvidas na mesma atmosfera intelectual de valorização das línguas e culturas indígenas. Quanto mais se conhecesse e quanto mais se afirmasse a permanência dos termos tupis na língua, mais elementos se teria para abonar a existência de uma língua nacional, discussão travada no Brasil entre meados de Oitocentos e meados de Novecentos.

Em 1836, Gonçalves de Magalhães, no prólogo de *Suspiros poéticos e saudades*, diz que algumas palavras usadas por ele no correr do livro não serão encontradas nos dicionários portugueses, pois “as línguas vivas se enriquecem com o progresso da civilização, e das ciências, e uma nova ideia pede um novo termo”.¹⁰¹ Esse argumento será utilizado centenas de vezes para se defender a criação de neologismos e a utilização de termos de “origem no Brasil”, sejam provenientes de línguas indígenas e, mais tardiamente, africanas, sejam forjados com base na língua portuguesa, para designar as realidades aqui encontradas, construídas e vividas. É na década de 1840, no entanto, “com Varnhagem, que a língua do Brasil assume contornos de problemas de interesse nacional e, concomitantemente, passa a

¹⁰⁰ O volume 7, de 1879, é o primeiro a conter texto desse tipo: “Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo traductor da ‘Conquista espiritual’ do padre A. Ruiz de Montoya”. Refere-se a vocabulário de texto publicado no número anterior “Primitiva catechese dos indios das missões composto em castelhano pelo p. António Ruiz Montoya, vertido para guarani por outro padre jesuita, e agora publicado com a traducção portugueza, notas, e um esboço grammatical do abánee pelo dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira”. *Abánee* é “denominação dada pelos tupis e guaranis à própria língua” (cf. *abanheém*, DH).

¹⁰¹ MAGALHÃES, Gonçalves de. Ledo. In: PINTO, Edith Pimentel (Sel. e apres.). *O português do Brasil*, v. 1, p. 15.

constituir objeto de cogitação, para registro de uma realidade já consistente e documentável”.¹⁰² Diferentes matizes perpassam os textos sobre o assunto, a maioria deles, porém, é marcada muito mais pela ideologia do que pela pesquisa da língua. O Brasil não estava isolado nesse tipo de preocupação. Segundo Olga Ferreira Coelho,¹⁰³ os “debates acerca das chamadas línguas nacionais são uma espécie de lugar-comum nos momentos em que há alguma (re)definição do estatuto político dos povos – o que torna o século XIX um período especialmente rico para o tratamento desse tema na América”.

Nessas discussões argumenta-se em torno da língua literária e da língua falada: aceita-se a diversificação na língua falada (especialmente na prosódia e no léxico), mas propõe-se a unidade da língua na literatura. Essa unidade adviria do fato de que a língua literária deveria orientar-se por mestres, no caso, autores portugueses, modelos de bom uso da língua; para outros, os nossos literatos deviam, sim, conhecer os bons autores, mas poderiam (e deveriam) exprimir-se utilizando a língua mais próxima da que se falava no Brasil.

Fortalecem essas discussões os ideais românticos, peçados de sentimentos nacionalistas, preocupados com a construção de uma identidade brasileira. A língua é mais um instrumento de valorização do “nosso povo”, da “nossa pátria”. José de Alencar é o símbolo do pensamento romântico sobre a língua do Brasil e sobre a liberdade do artista em matéria de língua. A polêmica provocada pela sua literatura, acesa em prefácios, posfácios e cartas, é sempre lembrada quando se aborda a questão da língua nacional do Brasil no século XIX. Uma visita aos sumários da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* confirma as afirmações de que essa revista teria aberto espaço para se pensar sobre as línguas do e no Brasil. Nela foram publicados dicionários, vocabulários, listas de palavras de línguas indígenas. Embora as coletâneas constantes em suas páginas fossem predominantemente bilíngues, com registros de línguas indígenas brasileiras, o interesse pelos falares do povo é evidente.

É para o léxico que convergem os argumentos sobre a autonomia linguística. Mas é também nessa escolha que se encontram argumentos que enfraquecem a reivindicação da autonomia para a língua brasileira: “a língua reivindicada, sobretudo por Macedo Soares, como autônoma, ou, pelo menos, como diferente (por Rubim e Beaurepaire-Rohan), ao final das contas, compunha-se de cerca de 2.500 palavras, quase todas restritas ao âmbito popular,

¹⁰² PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil*, v. 1, p. xvi.

¹⁰³ COELHO, Olga Ferreira. *Os nomes da língua*, p. 142.

familiar, regional, ou, no caso das palavras indígenas, literário”.¹⁰⁴ Paiva Boléo, em 1943, afirma que é nula a importância dos brasileirismos lexicais para a formação da “futura ‘língua’ brasileira”, pois o que, segundo este autor, “caracteriza e individualiza uma língua não é propriamente o seu léxico, nem a sintaxe [...] nem mesmo a fonética: é essencialmente o seu sistema morfológico”.¹⁰⁵

As discussões em torno da unidade ortográfica para a língua escrita no Brasil e em Portugal também eram permeadas pelo nacionalismo linguístico, desde a primeira proposta, em 1907. Idas e vindas, promulgação e revogação eram perpassadas por discursos em que a tônica era o sentimento nacionalista.¹⁰⁶

Segundo Maurício Silva,

grande parte dos autores brasileiros representativos da época [início do século XX] escrevia pela ortografia corrente em Portugal, já que suas obras ou eram publicadas e corrigidas na antiga metrópole (como as de Coelho Neto), ou apresentavam uma preocupação com o público leitor português, lançando mão – a par da ortografia portuguesa – de variegados lusitanismos (como as de João do Rio).¹⁰⁷

Já a sistematização das línguas faladas pelos africanos que para o Brasil foram trazidos deu-se tardiamente. No final do século XIX e início do XX, por Nina Rodrigues e, na década de 1930, por Renato Mendonça e Jacques Raimundo. Destacam-se, mais contemporaneamente, trabalhos de Yeda Pessoa de Castro, Margarida Petter, Emilio Bonvini, Tania Alkmim, Dante Lucchesi, Petter Fry, Carlos Vogt, Sônia Queiroz, entre outros.¹⁰⁸

O levantamento mais recente do léxico de origem africana presente no português falado no Brasil, feito por Yeda Pessoa de Castro,¹⁰⁹ consigna 3.517 vocábulos. A maioria deles, porém, é de nível especializado, ou seja, utilizado em circunstância restrita e por grupo particular, no caso, ligado à religiosidade (a língua de santo). Margarida Petter e Tania Alkmim procederam a estudo dos termos de língua não especializada a partir do referido levantamento, e chegaram a uma lista de 400 vocábulos de domínio geral. A partir dessa lista

¹⁰⁴ Ibid., p. 159.

¹⁰⁵ BOLÉO, Manoel de Paiva. *Brasileirismos*, p. 43.

¹⁰⁶ Ver SILVA, Maurício. Reforma ortográfica e nacionalismo linguístico no Brasil.

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ Cito alguns estudos sobre o tema em que se pode verificar a contribuição dos pesquisadores contemporâneos mencionados: de Yeda Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*; de Margarida Petter, Emilio Bonvini e Tania Alkmim *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*; de Dante Lucchesi *O português afro-brasileiro*; de Petter Fry e Carlos Vogt, *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*; de Sônia Queiroz, *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*.

¹⁰⁹ CASTRO, Yeda. Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil*.

[...] fizeram uma consulta a falantes de várias regiões brasileiras. Após vários inquéritos, a lista de vocábulos foi sendo reduzida, em função do desconhecimento dos termos por parte dos entrevistados. Foram excluídos termos referentes a regionalismos evidentes, religião, música, comidas reconhecidamente de origem africana e palavras chulas. A análise da aplicação dessa segunda lista levou à identificação de 56 vocábulos, que são comuns ao universo dos informantes consultados.¹¹⁰

2.2.1 Dicionários de brasileirismos

A partir de meados do século XIX é que começam a surgir coletâneas sobre o léxico especificamente brasileiro, supostamente desconhecido ou não utilizado em Portugal. O movimento de redigi-las é mais que uma atitude comercial, patente na elaboração do dicionário de Silva Pinto. Os trabalhos de Antônio Alves Pereira Coruja, de Braz da Costa Rubim, de Beaurepaire-Rohan e de Macedo Soares são representativos dos movimentos de reflexão sobre a língua nacional e de fortalecimento da identidade brasileira. Pelos menos dois dicionários portugueses do século XIX valeram-se das recolhas desses autores: MS e CA.

A primeira publicação do gênero versa sobre a linguagem de uma região: *Coleção de vocábulos e frases na província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1852), de Antônio Álvares Pereira Coruja, na *Revista do Instituto Histórico Geográfico do Brasil*.¹¹¹ Cerca de 50% dos itens listados nessa obra concernem ao domínio lexical dos animais domésticos, bovinos e, sobretudo, equinos, seja para caracterizar o animal, seja para descrever os objetos e as atividades relacionados à lida com os mesmos. Muitos desses vocábulos são apontados como de origem castelhana das Américas, o que muitas vezes procede. A proximidade geográfica e cultural com os habitantes dos países limítrofes da então província intensificou a troca de práticas e de vocabulário. Dando prosseguimento a esse “filão” dos levantamentos lexicais no Brasil, ainda no século XIX, foi publicado o *Vocabulário sul-rio-grandense* (1898), de José Romaguera Corrêa. Nos anos de 1920 e 1930, surgiram mais dois trabalhos importantes, o de Roque Callage (*Vocabulário gaúcho*) e o de Luiz Carlos de Moraes

¹¹⁰ PETTER, Margarida. Línguas africanas no Brasil: vitalidade e invisibilidade. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional 2*, p. 19-39.

¹¹¹ Também publicado em Londres, no ano de 1856, por Truebner & Co., custeada pelo príncipe L. Bonaparte. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: out. 2014.

(*Vocabulário sul-rio-grandense*).¹¹² O precoce levantamento de termos dialetais nessa província repercute desde logo nos dicionários gerais do século XIX.¹¹³

O segundo dicionário de acréscimos publicado no Brasil é o *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), de Braz da Costa Rubim. Trata-se de obra bastante simples. Seus verbetes são constituídos de entrada, definição resumida a um hiperônimo que situa a coisa descrita no mundo real, seguido de uma das seguintes qualificações: traço marcante de aparência ou hábito, local onde pode ser encontrado, modo de utilização. O texto de cada verbete normalmente não ultrapassa duas linhas (cerca de cem caracteres). Destacam-se as propriedades alimentícias e medicinais das plantas, e ainda a serventia de algumas madeiras como matéria-prima para a construção. A delimitação de grupos indígenas restringe-se ao hiperônimo (“silvícola”, “aborígene”) e à indicação da região que habitavam.

JANAUBA, arvore fructivera do mato virgem; o fructo é medicinal.

JACARÊTAPHÁS, cabilda de sylvicolas, que habitavam no Pará.

JAGUARETÊ, ave cujo canto é um accento agudo.

Das cerca de 1.900 entradas que compõem o *Vocabulario* de Rubim, mais de 1.300 nomeiam animais e plantas. Das cerca de 600 restantes, cerca de 80 são nomes de grupos indígenas. Os itens relacionados a outros campos (alimentação, objetos, especialmente armadilhas e recipientes, espaços utilizados para agricultura ou lida com animais, trabalho) geralmente têm definição um pouco mais detalhadas, mas com escassas remissões a outros usos no Brasil ou em Portugal. *Queimado* é uma exceção. São raras também as informações de caráter enciclopédico (ver comentário *infra*, acerca de *cipó*). É a fonte, por excelência, para os brasileirismos de MS7.

QUILOMBOLA, Negro fugido no mato.

JAGUNÇO, valentão, guarda-costas de algum fazendeiro ou senhor de engenho; usado na Bahia.

¹¹² Essas quatro obras foram reunidas, em 1964, em um único livro, que juntou também verbetes de Carlos Teschauer, Beaurepaire-Rohan, Darcy Azambuja, Vieira Pires e Aurélio Buarque de Holanda: *Vocabulário sul-rio-grandense*: termos e expressões de quatro dicionários rio-grandenses, uma coletânea de vocábulos da região sul, usos modernos e tradicionais de um linguajar vivo.

¹¹³ As investigações léxico-dialetais gaúchas continuam em destaque, se considerarmos a anotação de gauchismos e sulismos em DH e DA, em quantidade muito maior que o das outras regiões brasileiras (mais populosas, inclusive).

QUITANDA, praça de comprar e vender; lugar de mercado – Taboleiro com generos.

QUEIMADO, bola de assucar queimado, que se traz na boca; usado na Bahia e Minas-Geraes; no Rio de Janeiro e outras partes chama-se *bala*; os portuguezes dão-lhe o nome de *rebuçado*.

O *Diccionario de vocabulos brasileiros* (1889), de Beaurepaire-Rohan, compõe-se de verbetes de variados campos semânticos, com raras denominações de animais e plantas.¹¹⁴ Muitos destes não eram consignados pelos dicionários de língua portuguesa: termos relacionados a manifestações etnográficas e religiosas, sendo muitas de raiz africana: *chamarrita*, *capoeira* [luta], *candombe*, *candomblé*, *caxambu*, *maracatu*; designativos para tipos humanos brasileiros: *caipira* e sinônimos, *caboré*, *cabra*; qualificativos depreciativos, relacionados a características físicas e comportamentais: *camafonge*, *cajetilha*, *canarim*; substantivos que nomeiam revoltas ocorridas no Brasil até meados do século XIX, como *balaio* e *balaiada* (1838-1841), *cabano* e *cabanagem*¹¹⁵ (1835-1836) e “Guerra dos Mascates” (início do século XVIII), em *mascate*. Esse dicionário foi certamente fonte de consulta para os responsáveis pela edição de MS8 (cf. 3.3.1).

A grande quantidade de cruzamentos de equivalentes (sinônimos e afins; ver *caipira* e *aldeia*, *infra*) de diferentes províncias faz que o dicionário seja um documento valioso relativamente à variedade lexical brasileira. As comparações não são entre língua portuguesa e língua indígena, nem entre português europeu e português brasileiro.

As referências a dessemelhanças entre a língua comum ou de Portugal são elaboradas do ponto de vista do Brasil. O que se diz sobre a palavra em Portugal pode ter caráter de acréscimo, para evitar incompreensões (como em *caseira*, *aldeia* e *caipira*) ou para ilustrar a interinfluência linguística entre os dois “reinos” (como em *caipira*).

CASEIRA, *s. f.* concubina; mulher que vive na casa do seu amasio, á laia de mulher legitima. || Etym. É voc. de origem portugueza; mas tem em Portugal uma significação mais innocente. *Caseira* alli é a mulher do *caseiro*, e este o arrendatario de um predio ou herdade.

¹¹⁴ **a)** Beaurepaire-Rohan (“Prólogo” da edição em livro, p. vii.) afirma não tê-lo feito por falta de tempo: “Reconheço que o meu *Diccionario de vocabulos brasileiros* melhor preencheria seu título se compreendesse a totalidade das denominações vulgares dos nossos produtos naturais, das tribos dos aborígenes que existiram e ainda existem em nosso país, e das localidades, cuja etimologia é tão rica de poesia. Não foi certamente por me faltarem materiais que deixei de o fazer: foi pelo receio de perder o meu trabalho, se não me apressasse em publicá-lo, no pé em que se achava. Na minha avançada idade, não é lícito confiar muito na vida.” **b)** O trabalho de Beaurepaire-Rohan foi parcialmente publicado, com verbetes até a letra “c”, na *Gazeta Litteraria*, no Rio de Janeiro, em 1883-1884 e depois reunido em 1884.

¹¹⁵ Também registrado no dicionário de Brás da Costa Rubim.

CAIPÍRA, *s. m.* (*S. Paulo*) nome com que se designa o habitante do campo. Equivale a *Labrego*, *Aldeão* e *Campones* em Portugal; *Roceiro* no R. de Jan. Mat. Gros e Pará; *Tapiocâno*, *Babaquãra* e *Muxuango* em Campos dos Goytacazes; *Mattuto* em Minas-Geraes, Pern., Par. de N., R. Gr. do N. e Alagoas; *Casaca* e *Bahiano* no Piahy; *Guasca* no R. Gr. do S.; *Curau* em Sergipe; e finalmente *Tabaré* na Bahia, Sergipe, Maranhão e Pará. || *Etym.* [...] || Em Ponte-do-Lima, reino de Portugal, é vulgar o vocabulo *Caipira* não mais com a significação de rustico, se não com a de sovina, mesquinho (J. Leite de Vaconcellos). Não obstante esta diferença de accepção, não podemos duvidar de que aquelle homonymo seja de origem brasileira, e é esse um phenomeno linguistico de facil explicação. Em verdade, do Minho vem muita gente ao Brazil, e della não poucos individuos, depois de ter adquirido pelo trabalho uma tal ou qual fortuna, regressam para sua provincia. Durante os longos tempos que habitaram entre nós, familiarisaram-se com certos vocabulos, e é natural que, já restituídos á patria, usem delles machinalmente em suas conversações, e desta sorte os naturalisem no seu paiz, ainda que alterados em sua significação primitiva, como aliás acontece no Brazil a respeito de muitas palavras portuguezas, que têm aqui um sentido mui differente do que lhe dão em Portugal.

ALDÊIA, *s. f.* nome especial das povoações compostas exclusivamente de aborigenes, quer vivam submissos ao regimen civilisado, quer vivam independentes nos sertões. || *Etym.* É o nome portuguez de povoação rustica (Aulete). || No Parana, dão á aldeia dos aborigenes o nome de *toldo*; e no valle do Amazonas o de *malóca*. No Brazil chamam simplesmente *Povoação* áquillo que corresponde á *Aldeia* de Portugal.

As considerações de caráter extralinguístico são numerosas e descortinam aspectos da realidade local. Em alguns casos, o dicionarista extrapola a função precípua da obra e permite-se opinar sobre as coisas que define, como no final do verbete *muxirom*.

MUXIROM, *s. m.* (*S. Paulo, Paraná*) auxilio que se prestam mutuamente os pequenos agricultores em tempo de fazer suas roças, plantações ou colheitas, mas principalmente serviço de roçar. Dura este serviço invariavelmente um só dia, em que todos trazem sua ferramenta de trabalho e fazem o serviço gratis, sendo regalados pelo dono da casa com uma boa ceia e o indispensável fandango, ou outro qualquer divertimento. Costumam fazer taes ajuntamentos para o trabalho, quando escassea o tempo e vai se fazendo tarde para effectuar as queimas, plantações, etc. Se, porém, o serviço dura mais de um dia, então não é *muxirom*, é *ajutorio* (adjutorio) e neste caso os dias de trabalho devem ser restituídos (L. D. Clève).¹¹⁶ Este vocabulo tem uma extensa synonymia [...] O trabalho executado por este systema é de grande vantagem para os lavradores pobres, porque os liberta do salario. O que pode ter de reprehensivel é o divertimento nocturno, que se lhe segue, em logar do somno reparador. A policia municipal deveria prohibir que esse folguedo se prolongasse além de certa hora na noute.

Observe-se, no entanto, que a eventual censura diz respeito a aspectos extralinguísticos, e não ao uso da palavra. Não há restrição de caráter linguístico, apesar do

¹¹⁶ Trata-se do sertanista e jornalista dinamarquês Luiz Daniel Clève, que viveu no Paraná de 1850 a 1914.

relato dos fatos.¹¹⁷ Nesse sentido, quem é censurado (mas não só, pois são amplamente citados como fonte) são outros dicionários, que, segundo Beaurepaire-Rohan, ter-se-iam equivocado em definições e etimologias.

CAPUEIRO, *adj.* que habita a Capueira: Veado *capueiro*. Lenha *capueira*. || Erra **Aulete** quando diz que no Brazil *capoeiro* (*sic*) tem a significação de manso, em opposição ao que é do matto virgem. Tão selvagem [...]

MOLAMBO, *s. m.* trapo, farrapo, andrajos. || Nem **Moraes**, nem **Lacerda** tratam deste vocabulo. **Aulete** menciona como voz brasileira, sem nada dizer de sua etymologia, a qual eu tambem não conheço.

Como se vê, embora haja certo excesso opinativo, os artigos são mais bem trabalhados que os de Braz da Costa Rubim: indicam-se regiões do país onde o sentido é utilizado, há considerações etimológicas, contextualizações e comentários linguísticos e enciclopédicos, bem como alusão às fontes de consulta, até mesmo os dicionários de Moraes, Aulete e Lacerda (conforme se lê, em Rohan, nos verbetes *aluá*, *encalir*, *perau*, *pererecar*, *picada*, *ganja e igarvana*). O mesmo não se dá com o de Domingos Vieira, mencionado apenas uma vez (cf. *alvarenga*) e com o de Solano Constâncio, sequer referido na lista de obras citadas.

A título ilustrativo, veja-se o verbete *cipó* nos dicionários de Rubim e de Beaurepaire-Rohan. Nos dois casos, *cipó* é um superordenado de uma categoria de plantas (“nome generico de todas as plantas” e “nome comum ás diversas especies de plantas”). A diferença é que Beaurepaire-Rohan estende-se na indicação das funções da planta e em informações extralinguísticas e ditos populares.

No *Vocabulário* de Rubim

CIPÓ, nome generico de todas as plantas sarmentosas do mato virgem; há muitas especies: *embé*; *cabôclo*; *de cobra*; *suma-branco*; *suma-vermelho*; *guardião*; *cruz ou cruzeiro*; *de-purga-de-Santo-Ignacio*, etc.

No *Dicionário* de Beaurepaire-Rohan

CIPÓ, *s. m.* nome comum ás diversas especies de plantas sarmentosas e trepadeiras, e particularmente ás que se empregam á guisa de cordel ou barbante para amarrar entre si quaesquer objectos. Com elle tambem se fazem cestos. Na construcção das choupanas, serve igualmente para ligar umas ás outras as differentes peças de madeira, donde resulta dizer-se que o *Cipó* é o prego do pobre. || Etym. Deriva-se do tupi *ycipó* (*Voc. Braz.*).

¹¹⁷ Esse mesmo tipo de avaliação tão explícita dos fatos é pouco frequente no *corpus* estudado. Veja-se comentários sobre *capoeira* e *cáften* em MS9 (ver item 5.5.2 desta tese).

O *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de Antônio Joaquim de Macedo Soares, foi publicado pelos *Anais da Biblioteca Nacional* em 1888,¹¹⁸ até a palavra *candieiro*. A edição completa, em livro, foi feita por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares, na década de 1950. Mesmo com essa defasagem de tempo, o trabalho da família Macedo Soares permanece inovador, relativamente à maioria das obras do gênero, publicadas até 1888 e até meados do século XX. A inovação deve-se tanto à nominata quanto à construção dos verbetes. Das quase mil entradas contabilizadas até a palavra *candieiro*, só cinco por cento têm exclusivamente um significado do mundo animal ou vegetal. Visivelmente, o foco deixou de ser a “exuberante natureza brasileira”. As definições são mais trabalhadas, estendendo-se além da mera nomeação, assim como acontece com o *Dicionário* de Beaurepaire-Rohan. As informações são tanto de ordem linguístico-textual (flexão, regência, pronúncia, nível e contexto de uso, etimologia), quanto de ordem extralinguística, dando conta de aspectos da cultura e da sociedade brasileira da época. As observações são feitas pelo próprio autor ou por meio de autoridades chamadas a testemunhar a veracidade ou obscuridade das informações. As acepções são quase sempre acompanhadas de abonações, coletadas em diferentes gêneros de texto, inclusive em periódicos, ou de exemplos construídos pelo dicionarista.

Vejam-se as entradas *caften*, *cafuz* e *caipira*. Neste, destacam-se a reprodução de abonações e o maior número de sinônimos, comparado com o mesmo verbete em Beaurepaire-Rohan.

CAFTEN sm. Alcoviteiro, empzario de alcouces, que faz commercio de explorar a prostituição. “Fóra, fora com os *caftens* da infância” V. Mag. GN. 25 fev. 85. || ETYM. ar. *caftân* ou *khaftân* vestido talar, tunica, saia. Dombay, Dozy. *Caften* homem de saia, h.-mulher. Cp. ar. *kettân* lençol. || HIST. Introduzido no Rio de Janeiro no terceiro quartel d’este século.

CAFUZ = CAFUZO = CARAFUZO sm., místico de negro com índio brazil. || ETYM.? || GEOGR. a forma *cafuz* é geral; *cafuzo* e *carafuzo* são do Pará. J. Ver. || LEX. PORT. Aul. dá *cafuzo* s2 e adj. I2; mas, entre nós, *cafuzo* é a fêmea de *cafuz*.

CAIPIRA, s2. 1º. morador de fôra do povoado; gente que não vive na sociedade mais culta das villas e cidades. “Em Pernambuco, chama-se aos homens da roça, do campo ou do mato, *matutos*; o mesmo é em Alagoas; o *matuto* é caipira de S. Paulo e o tabaréo da Bahia”. J. Aug. da Costa *RBr*². IV, 348. “Vem pelludo como um caipira”. Red. *Brazil* 28 Jul. 83. “Na roça, entre caipiras e matutos, é conhecida a interj. ehá! e outros cacoethes em que se ouve essa inspiração de sons”. BCaet. *Ens. Sc.* I, 57. “Um caipira nobre não recúa”. Aparte á conferencia de J. Patroc. AP. *JC.* 15 oit. 88 || 2º. fig., inculto, grosseiro, de maneiras acanhadas. || ETYM. tp.-guar.: s.

¹¹⁸ DICCIONARIO brasileiro da língua portuguesa: elucidario etymologico-critico das palavras e frases que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontrão nos dictionarios da lingua portuguesa, ou nelles vêm com forma ou significação diferente (1875-1888). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro*: Typ. G. Leuzinger & Filhos, v. 13, 1885-1886, fasc. 1, p. 300-444 [do PDF], 1888-1889.

caá mato + s. *ipir* = *ipi* principio, base; adj. primitivo, oriundo: filho do mato, originario da roça. Baptista Caetano traduz *caipira* pelle tostada, de *cái* queimado + *pir* pelle; ou então o homem corrido, envergonhado, abatido, submetido, de *cai* vergonhoso, acanhado, medroso. ABN. VI, 12. Rejeitamos a segunda explicação, porque os brazis, muito precisos na sua nomenclatura, não tinham em conta qualidades Moraes, que os induzissem a designações de objectos caracterizados por ellas; e a primeira por se não adaptar o nome á coisa. *Caipira* nunca significou trigueiro, moreno, fusco &. || GEOGR. e SYN. 1º *bahiano*. Piauhy; *caboclo* 5º, *caboré*. Goyaz, Mgr.; *cabra*. Ceará; *casaca*. Piauhy; *gaucho*, *guasca*. RGS.; *matuto*. R. Jan., Pern., Parah., RGN.; *restingueiro*, *mandioqueiro*, *roceiro*. R. Jan.; *tabaré*. R. Jan., Bah., Serg.; *tapuia*. Pará, Am. Em Port. *camponio*, *camponez*. 2º. *pelludo*. Min.

Segundo Olga Ferreira Coelho,¹¹⁹

As ideias linguísticas em evidência no final do século XIX e a atmosfera intelectual no Brasil do período certamente produziram ecos no trabalho, de mais de 17 anos, de estudo do léxico brasileiro realizado por Macedo Soares. A descrição do vocabulário brasileiro parece integrar-se a um movimento geral de organização dos símbolos nacionais e de consolidação das nossas singularidades, tão importante para aqueles que elaboravam a história e definiam a fisionomia da nação, quanto para os que almejavam, para ela, uma literatura própria.

Teria sido ele também um dos primeiros filólogos a destacar mais expressivamente a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro.

Esses são os quatro trabalhos de registro do léxico brasileiro em forma de dicionário publicados até o final do século XIX.¹²⁰ Teriam sido fontes de consulta para os redatores responsáveis pelos dicionários publicados até 1899.¹²¹

¹¹⁹ COELHO, Olga Ferreira. O português do Brasil em Macedo Soares..., p. 212.

¹²⁰ O *Vocabulario sul rio-grandense* de Romaguera Correa não parece ter sido consultado pelos editores de MS9. Por essa razão e por ter sido publicado no limite com o século XX, este dicionário não foi analisado para esta tese.

¹²¹ A partir dessa data, pelo menos até os anos 1930, os vocabulários foram se especializando, seja na restrição da área estudada, seja no aprofundamento dado aos verbetes. Cada vez mais, a comparação é feita entre dialetos de diferentes regiões brasileiras e não com Portugal. Com o correr do tempo, os campos semânticos que integram os dicionários de regionalismos vão se modificando. O exotismo da natureza vai perdendo espaço para atividades profissionais, objetos de uso cotidiano, designação de grupos humanos (não apenas indígenas), manifestações culturais e religiosas, características físicas e psicológicas dos indivíduos, características da vida urbana etc. Átila Almeida (*Dicionários parentes e aderentes*), que faz uma bibliografia de cerca de 300 páginas das obras de referência em língua portuguesa, até a década de 1980, lista 210 títulos relativos a “brasileirismos”, agrupados sob a designação “linguagem popular”.

3 CÂNONE LEXICOGRÁFICO DO SÉCULO XIX: SEIS DICIONÁRIOS E SUAS REEDIÇÕES

Neste item serão examinados mais detidamente os seis dicionários gerais que constituem o cânone lexicográfico do século XIX, e por meio dos quais foi observado o registro do léxico do Brasil, com foco no percurso editorial, na autoria, nas propostas explícitas de inclusão de dados sobre o Brasil e nas referências que esses dicionários fazem entre si. Os comentários destes itens complementam-se com o Anexo A, onde são reproduzidas informações como dados de imprensa, nomes de colaboradores, transcrição de trechos das páginas iniciais das edições de cada um dos seis títulos estudados. Em nenhum dos dois casos (o conjunto destes itens e o anexo) as informações são exaustivas, havendo, inclusive, descompasso no que se diz acerca de cada uma das obras, devido às discussões que seus conteúdos suscitam.

Os dicionários MS e CA serão mais detidamente observados devido à relevância destas duas obras para o tema em estudo. Em MS destacam-se as alterações ocorridas entre as diferentes edições. Na análise de CA focaliza-se a sua relativa independência frente a MS e aos outros dicionários portugueses, também no que tange a brasileirismos. A importância desses dois títulos está relacionada ao aproveitamento que fazem dos dicionários de brasileirismos, como se constata no cotejo desses títulos.

Por fim, são apresentados os recursos empregados para fazer a marcação diatópica e é feita uma breve apresentação das similaridades e diferenças entre verbetes das obras estudadas. Os comentários acerca do efetivo tratamento dado a termos brasileiros complementam-se nos capítulos que tratam da constituição do *corpus* e da análise dos dados.

Os seis dicionários serão referidos pelo nome autoral, por meio do qual são conhecidos, e pelas siglas convencionadas no início da tese, aqui repetidas.

- a) *Diccionario da lingua portugueza*, de Antônio de Moraes Silva (MS).
- b) *Diccionario crítico e etymologico da lingua portugueza*, de Francisco Solano Constâncio (SC).
- c) *Novo diccionario da lingua portuguesa*, de Eduardo de Faria (EF).
- d) *Diccionario encyclopedico* ou *Novo diccionario da lingua portugueza*, de José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda (DL).
- e) *Grande diccionario portuguez* ou *Thesouro da lingua portugueza*, de frei Domingos Vieira (DV).

f) *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, de Francisco Júlio Caldas Aulete (CA).

O fato de os dicionários serem conhecidos pelo nome dos seus primeiros autores ou dos seus idealizadores não significa que sejam obras de um autor só. Embora a autoria coletiva, com a indicação da equipe realizadora, seja prática de final do século XX, há sinais de obra feita em colaboração.

O *Novo diccionario da lingua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, não foi incluído entre os títulos estudados. Sua ausência é justificada em item destacado neste capítulo.

3.1 Percorso editorial e autoria

3.1.1 Dicionário de Morais – MS

O dicionário de Antônio de Morais Silva (MS) teve sua primeira edição em 1789 com o título *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. A inclusão da naturalidade do autor na folha de rosto não era usual em publicações da época. O que normalmente se informa são a vinculação a determinada ordem ou instituição, títulos de formação, distinções honoríficas etc.¹²² A qualificação escolhida por Antônio de Morais Silva foi a do seu local de nascimento apenas, o que pode ter diversas explicações, entre elas a de não pertencer a alguma ordem. Mas o fato é que a naturalidade do autor não passará despercebida a quem consultar o seu dicionário até a oitava edição.

Antônio de Morais Silva nasce no Rio de Janeiro em 1755 (?) e vai estudar Direito em Coimbra em 1774. Logo após a conclusão do curso, exila-se na Inglaterra por problemas com a Inquisição. Lá, sob a proteção e junto à biblioteca do visconde de Balsemão, prepara o dicionário. Vive em Itália e França, antes de obter autorização para apresentar-se ao Tribunal da Inquisição em Portugal (1785?), de onde volta para o Brasil acompanhando a família de

¹²² a) Ver em “Anexo A” reprodução de informações da folha de rosto de dicionários. b) O frontispício dos dicionários de Luís Maria da Silva Pinto e do visconde de Beaurepaire-Rohan também enunciam a naturalidade de seus autores: o primeiro, “natural de Goyaz”, o segundo, “natural de Niteroy”, seguindo-se este de outras suas distinções.

sua mulher, em 1794. Estabelece-se em Pernambuco, no engenho Muribeca (Jaboatão dos Guararapes), onde permanece até o final da vida, em 1824. É convidado a assumir diferentes cargos públicos na Bahia e em Pernambuco. Ou não aceita ou ocupa-os por curto tempo. Sua contribuição no mundo das letras é composta, além do dicionário, de traduções: *História de Portugal* (elaborada por ingleses), publicada em Portugal em 1788, e *Recreações do homem sensível* (1788-1792),¹²³ e da *Epitome da grammatica da lingua portuguesa*, cuja escrita foi concluída em Pernambuco. Foi publicada isoladamente em 1806 e faz parte de todas as edições desde MS2.

Pressupõe-se, pela biografia do autor, que ele seria mais sensível ao registro do léxico brasileiro que os demais lexicógrafos responsáveis pelos dicionários de língua portuguesa publicados até então, e até muito tempo depois. A elaboração de um dicionário de língua portuguesa no Brasil e por um brasileiro só acontecerá cerca de 110 anos depois.¹²⁴ O dicionário de Moraes tem dez reedições, sendo a segunda (1813) a última efetivamente modificada por ele. A terceira edição, de 1823, foi ampliada pelos editores da Borel, Borel e Companhia. A quarta edição, de 1831, sete anos após a sua morte, foi “posta em ordem, correta, e enriquecida de grande número de artigos novos e dos sinônimos”¹²⁵ por Teotônio José de Oliveira Velho, que incluiu correções e acréscimos elaborados pelo autor. É somente a partir dessa edição, póstuma, que a composição da obra é atribuída a Moraes na folha de rosto. Nas duas edições anteriores, informa-se que o dicionário foi “recopilado” de vocabulários publicados anteriormente, emendado e acrescentado pelo autor. As edições subsequentes, modificadas por diferentes editores, propõem-se a manter o projeto do dicionarista, mas vão assimilando colaborações de trabalhos publicados ao longo do século XIX.

A quarta edição foi a última na qual colaborou o autor e a última em que a concepção da obra teria sido seguida com critérios mais rigorosos. É também a primeira que contém o trabalho de um lexicógrafo que, além de natural do Brasil, morava aqui há quase três décadas. Por essas razões, acrescidas do fato de esta edição aumentar consideravelmente o número de

¹²³ Mais informações em BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*, v. 1, p. 268-270 e COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Noticia biografica do Dr. Antonio de Moraes Silva*.

¹²⁴ Trata-se do dicionário de Laudelino Freire. O *Diccionario da lingua brasileira*, editado em Ouro Preto, em 1832, por Luís Maria da Silva Pinto é, como já se disse, cópia da edição de 1817 do dicionário da Typographia Rollandiana (Cf. ARAUJO, Paulo Mario Beserra de. *Hum diccionario sem auctor versus hum 'auctor' com diccionario*). O PDBLP é um dicionário de caráter prático e escolar.

¹²⁵ “Os editores”, in MS4, p. vi.

termos e de referências ao Brasil, MS4 foi frequentemente usado neste estudo como paradigma para as publicações anteriores à década de 1870.

Segundo se informa no prólogo de MS4 “Ao leitor benévolo”, todos os “artigos que não se achavam nos acrescentamentos de Moraes levam este sinal de *, e as explicações que se acham entre estas linhas [] igualmente não são do autor.” O trabalho de Teotônio Velho teria consistido em “dar perfeição a um manuscrito” feito por Moraes sobre a segunda edição do seu dicionário que, embora “contendo preciosos artigos, citações, e frases, não tinha contudo ainda aquela exactidão e correcção que seu autor reservava dar-lhe, quando novamente o revisse para o dar à luz”.¹²⁶ Mas não só, pois nesse mesmo prólogo, Teotônio adverte que

dei-lhe [ao manuscrito] a melhor forma que entendi, e acrescentei também com minha diligência e trabalho muitos artigos, e algumas explicações de outros, extraídos dos vocabulários impressos até ao presente: muitas palavras, e frases de autores clássicos, com as que o uso moderno dos bons escritores de todo o gênero tem adotado, e bem assim as que se acham na legislação: igualmente o enriqueci com grande número dos sinônimos da língua.¹²⁷

O ideal de manutenção do “sabor original” do projeto dicionarístico de MS é expresso em todas as edições. Os extratos dos prefácios (Anexo A) revelam o acatamento da proposta das edições elaboradas pelo seu autor, inclusive em MS9, como se lê a seguir:

Nada alteramos desse trabalho, conservando-lhe o seu **sabor original** que, apesar de imperfeito para a nossa época, e discorde com as modernas teorias, é um fator importante de consulta para os estudos linguísticos e gramaticais.
[...] o plano da nona edição do *Diccionario da lingua portugueza* de Moraes é igual ao da anterior, aumentada com os melhoramentos necessários em obras dessa natureza [...]

As edições de 1844 e 1858 mantêm o critério de indicar novos dados trazidos pelos colaboradores com o sinal *. A sétima edição, a primeira a não estar mais sob responsabilidade comercial de Borel Borel e Companhia, passa a usar este mesmo sinal apenas para o que fosse unidade lexical incluída por ela. Este detalhe é sinal de algumas rupturas que evidenciam reconhecimento de ser obra cuja interferência da autoria inicial não pudesse mais se fazer presente, embora a reverência à tradição iniciada pelo autor fosse mantida “tanto quanto possível”, inclusive com reprodução dos prólogos de MS1, MS5 e

¹²⁶ VELHO, Teotônio. Ao leitor benévolo. In: MS4, p. vii.

¹²⁷ Ibid., p. vii.

MS6. Segundo o texto inicial de MS6, algumas passagens duvidosas teriam sido cotejadas com o manuscrito de Morais por Agostinho de Mendonça Falcão. A utilização desse manuscrito é também reivindicada pelos editores de MS5, de modo um tanto confuso, pelo que é criticado por Inocêncio, inclusive por substituir textos de Morais pelos de Solano Constâncio.¹²⁸ Essa “adulteração” teria sido desfeita em MS6, reputada como uma das mais louváveis. De acordo com Telmo Verdelho,¹²⁹ com esta edição, conclui-se o “ciclo iniciático do *Dicionário* de Morais”:

Notam-se nesta reedição alguns aspectos que apontam para um renovado trabalho lexicográfico e filológico. Tornou-se mais sistemática e mais cuidada a informação etimológica que, certamente por influência de Constâncio, tinha sido anunciada pela primeira vez na edição anterior. A nomenclatura foi ampliada com muita abundância de terminologia escolarizada no âmbito das ciências e da técnica, e com vocabulário recolhido nos bons autores e também já nos autores do século XIX.

A sétima edição (1877-1878) pertenceria, então, a um novo ciclo, no qual se insere a atenção explícita ao Brasil. Na folha de rosto de MS7 informa-se que foi “melhorada, e muito acrescentada com grande numero de termos novos usados no Brasil e no portuguez da India”.¹³⁰ É essa mesma edição que terá sucesso de vendas no Brasil, tal como afirma o prefácio da edição subsequente, cuja publicação será pela Empresa Litteraria Fluminense de A.A. da Silva Lobo, com sede no Rio de Janeiro e sucursal em Lisboa. Não se trata, porém, de um dicionário elaborado em conjunto pelos dois países.

Fomos nós que há treze annos, ao começarmos a nossa casa no Brazil, **aí levamos o Morais, collocando cinco sextas partes do total da 7.^a edição**, que um nosso amigo fazia em Lisboa a esse tempo.

[...]

Tendo feito estas considerações, não podíamos hesitar no difficil empreendimento. **Para o realizar viemos expressamente à Europa**, e pelo esforço de uma vontade enérgica conseguimos preparar a nova edição, que hoje temos a honra de apresentar ao público illustrado das duas nações, que no antigo e no novo continente fallam a formosa língua portuguesa. (MS8)

¹²⁸ SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliografico portuguez*, t. 1, p. 209-210. Não foram localizados estudos que mostrassem as alterações citadas, assim como não se fez averiguações para comprová-las nesta tese.

¹²⁹ VERDELHO, Telmo. O dicionário de Morais Silva e o início da lexicografia moderna, sem paginação.

¹³⁰ Não é, no entanto, o primeiro dicionário a incluir o Brasil como alvo de interesse. Ver “Anexo A” e comentários para os dicionários EF e DL, neste capítulo da tese.

A nona edição, sem data, referida em estudos metalexográficos como do final do século XIX e início do XX, é da mesma editora, Empresa Litteraria Fluminense, só que de Santos, Vieira e Commandita.¹³¹

Em nenhuma dessas três últimas edições de MS há esclarecimentos acerca dos responsáveis pelas correções, aditamentos, alterações.

A partir de 1870, a lexicografia de língua portuguesa passa por certa dinamização, devido à publicação dos dicionários de Caldas Aulete e de Domingos Vieira e devido à procura por dicionários escolares, bilíngues e monolíngues.¹³² Concorrem ainda nesse mercado as reedições do dicionário de Lacerda e de Solano. O destaque dado ao Brasil pelas três últimas edições de MS devem-se certamente à importância cada vez maior da ex-colônia como local de venda dos dicionários (atestada pela informação *supra*, contida no prefácio de MS8), pela venda de outros livros portugueses, pelos números populacionais dos dois países, pela maior difusão de escritos brasileiros em Portugal.¹³³ A população brasileira era de cerca de dez milhões de habitantes em 1872,¹³⁴ contrastando com os cerca de quatro milhões e seiscentos de Portugal, em 1878, incluindo nisso as ilhas.¹³⁵ Além disso, os dicionários especializados, publicados a partir de 1850, tornam-se contributos sistematizados para a descrição do léxico brasileiro.

A décima edição, em 12 volumes, entre 1949-1955, identifica-se com o “velho Moraes” apenas pelo título. Essas modificações, ao longo de quase 130 anos é que mantiveram a obra atualizada, acompanhando o desenvolvimento do idioma, sobretudo pelo registro do léxico de diferentes momentos da história da língua portuguesa e, conseqüentemente, da história cultural e social daquelas que a falam.¹³⁶ Também por essa

¹³¹ Só foram localizadas publicações do início do século XX para Empresa Literária Fluminense de Santos e Vieira. As pesquisas foram feitas na base de dados da Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ).

¹³² VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna, sem paginação. Ver também, deste mesmo autor o texto “Tradição lexicográfica”.

¹³³ Cf. VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal, a imagem recíproca*, p. 95-96.

¹³⁴ Cf. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas históricas do Brasil*, p. 28.

¹³⁵ VEIGA, Teresa Rodrigues. *A população portuguesa no século XIX*, p. 21.

¹³⁶ “A dimensão do *Dicionário* de Antonio de Moraes Silva não se limita às duas ou três edições iniciais. É uma corrente dicionarística que flui, transborda e se alarga, fecundando a lexicografia portuguesa até a atualidade, e é também o mais importante roteiro da diacronia lexical portuguesa. O Moraes é um precioso testemunho do percurso da língua, da sua modernização ou constante atualização lexical, e por esse fato mesmo, é igualmente um documento da evolução técnica e cultural e até da expressão do quotidiano português.” (VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna, sem paginação.) José Horta Nunes e Kátia Seligman (Discurso lexicográfico, p. 49) constatam, por meio de análise comparativa de

razão, neste estudo, foram consideradas diferentes edições de MS, para desenhar o percurso de palavras cuja definição ou indicação de uso diatópico façam referência ao Brasil.

3.1.2 Dicionário de Solano Constâncio – SC

A primeira edição do *Diccionario crítico e etymologico da lingua portugueza*, de Francisco Solano Constâncio, é de 1836. Essa obra teve larga aceitação do público, o que se evidencia pelo número de reedições, ou aparentemente, reimpressões: há notícia de 12, até 1884,¹³⁷ todas de editores franceses, assim como os outros livros deste autor.

Francisco Solano Constâncio (c.1772 Lisboa-1846 Paris) formou-se em medicina em Londres, faz carreira de jornalista na Inglaterra até cerca de 1796, quando se transfere para a França e trabalha como médico por curto período, antes de excursionar por países europeus e retornar a Portugal, onde passa a exercer a medicina. Emigra em 1807 ou 1808, para evitar perseguições pelo fato de ser partidário dos franceses, e assume cargos diplomáticos em França, América do Norte e vários outros países europeus, antes de fixar residência em Paris.¹³⁸ Além do dicionário monolíngue que ora se analisa, é autor de livros de medicina, de dicionário bilíngue português-francês (2ª. ed., 1818 em Paris; 16ª. ed., 1881 no Rio de Janeiro, pela Garnier) e de gramáticas de língua francesa, portuguesa ou inglesa (1830, 1831). As duas gramáticas publicadas em 1831 são oferecidas a portugueses e brasileiros: *Nova grammatica da lingua franceza, offerecida aos portuguezes e brasileiros* e *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Já o *Novo mestre inglez ou grammatica da lingua ingleza*, pelo menos até 1854, é voltado “para uso dos portuguezes”, mas a edição de 1866 é “para uso dos portuguezes e brasileiros”. Constâncio é também um dos membros de uma sociedade de portugueses residentes em Paris responsável

verbetes de seis domínios lexicais em oito edições de Moraes, que nas rupturas mais significativas “há uma passagem da formação discursiva religiosa à jurídica, do discurso que chamamos econômico-natural ao discurso da ciência, do discurso literário ao discurso científico-enciclopédico (sobretudo na edição de 1949-1959).”

¹³⁷ A única diferença perceptível entre a 1ª. e 11ª. edição, de 1877 (existente na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa), é a anotação sobre a casa editora. Os termos brasileiros, os únicos cotejados, não sofrem a menor alteração.

¹³⁸ “Memória biográfica” escrita por Rodrigues de Gusmão em *Gazeta Médica de Lisboa*, t. 6, n. 126, 1858, p. 40-44, apud SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*, 1859. t. 3, p. 65-67; GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira, v. 7.

pela edição dos *Annaes das Sciencias e Letras* e por títulos ligados a história, comércio, economia. Entre esses, o livro *Historia do Brazil*, que foi alvo de crítica logo no tomo primeiro da *Revista do IHBG*.¹³⁹

Varnhagem, ao fazer o elogio de Antonio de Moraes Silva, na sessão “Brasileiros Ilustres” nessa mesma revista, aproveita para criticar o referido livro de Solano Constâncio, bem como o seu dicionário. Varnhagem lamenta a sua aceitação por comerciantes e por alguns leitores.

No fim de quase trinta anos, no meio de tantos especuladores e compiladores de dicionários, que se têm apresentado a vituperar Moraes (depois de haverem dele aproveitado até às últimas migalhas) ainda ninguém foi capaz de lhe disputar a palma. Entra nesse número **o ingrato Constâncio**, que, por desgraça nossa, ganhou alguma entrada nos escritórios dos negociantes, e nos bufetes dos charlatães como ele. Até hoje porém os literatos, desde Filinto e São Luiz, não conhecem outra autoridade de lexicógrafo português mais que a de Antônio de Moraes Silva, e é para lastimar, que fazendo nós prevalecer tantas vezes em assuntos menos importantes, razões de patriotismo e nacionalidade, as tenhamos algumas vezes esquecido um caso como este, em que o mérito real do nosso patrício está tanto a cavaleiro do **triste especulador de Paris**, sobretudo depois que bem manifestamente se deu a conhecer com a **sua malograda História do Brasil**, que o nosso instituto pulverizou como merecia.¹⁴⁰

De acordo com Melo,¹⁴¹ o trabalho de Solano Constâncio é feito com “muito rigor técnico e exação das definições”, que são breves, desprovidas de certas digressões encontradas em MS, mas ricas de expressões e de sinônimos. Para atender à redução do volume, o autor afirma que selecionou as citações dos clássicos, valendo-se delas apenas quando a palavra ou acepção fosse menos usual. Furta-se, porém, de retirar palavras que tenham sido registradas por MS ou Bluteau, receoso das críticas.

É o primeiro entre os dicionários portugueses a se denominar etimológico, tal como os dicionários franceses da década de 1830.¹⁴² A intenção do dicionarista é “remontar à origem de todas as vozes da nossa língua”, analisando radicais e identificando-lhes os significados. Tal inovação é também incorporada às novas edições de MS, que tornam a informação

¹³⁹ Trata-se de *História do Brasil desde o seu descobrimento por Pedro Álvares Cabral até à abdicação do imperador d. Pedro I*. Paris : Livr. Portuguesa, 1839. 2 v. A crítica pode ser lida em “Juízo sobre a *Historia do Brasil* publicada em Paris pelo doutor Francisco Solano Constâncio” (t. 1, abril 1839, p. 91-96). As críticas recaem especialmente acerca do desconhecimento de Constâncio acerca da geografia e da história do Brasil.

¹⁴⁰ VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. Biografia de brasileiros illustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brazil ou ao Brazil: Antonio de Moraes Silva. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 3ª. série, n. 5, 1º. trimestre de 1852, 2. ed. em 1888. p. 245.

¹⁴¹ MELO, Gladstone Chaves de. *Dicionários portugueses*, p. 30.

¹⁴² VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 32-33.

etimológica mais recorrente nos verbetes, além de destacadas do texto definitório. Os outros dicionários analisados acolhem as novas propostas, realizando-as com maior ou menor aproveitamento. Dentre eles, DV dedicar-se-á mais a etimologias, melhorando ou complementando os aportes de SC.

As achegas etimológicas de SC e de DV não alcançam as palavras que interessam neste estudo, vale dizer, os termos do Brasil. Pela amostra realizada, pode-se afirmar que reproduzem a lição de MS ou relacionam o termo às línguas autóctones: SC – “t. Brasil.” ou “voz do Brasil”, indicando, no caso, que é termo de origem indígena brasileira; DV “Palavra da lingua tupy” ou algo semelhante (ver *cafuné, cangoeira, camucim*, no Anexo C).

Outra proposta de inovação de SC relativamente a MS4 é a acumulação de sinônimos acompanhados do que denomina reflexão crítica.¹⁴³ No mais das vezes, todavia, apenas organiza distintamente informações já consignadas por MS (cf., *bravo, estrangeiro*) que, por sua vez, as desenvolve nas edições subsequentes, também nos novos moldes (cf. *cara, continuar* em MS6 e seguintes).

A proposta de exemplificação ou de sinonimização também não interfere no conjunto de termos do Brasil. As informações acerca desses verbetes estão invariavelmente assentadas no texto de MS. Outra diferença consiste na ausência de marcação do item lexical indicando origem ou uso brasileiro, sem qualquer justificativa, como em *cachear, camarada, caranguejeiro* (ver Anexo C).

3.1.3 Dicionário de Eduardo de Faria – EF

O *Novo diccionario da lingua portugueza* de Eduardo de Faria (EF) teve quatro edições entre 1849 e 1859. Segundo o *Diccionario bibliografico* de Inocêncio,¹⁴⁴ a segunda edição seria bastante acrescentada relativamente à primeira (que não foi compulsada para esta tese), e a terceira edição seria muito próxima da segunda. Em 1859 houve duas publicações do dicionário, uma no Rio de Janeiro, para onde viera Eduardo de Faria em 1858, e outra em

¹⁴³ Como, por exemplo, em SC, *mútuo, merecer e estrangeiro*, aqui transcrito: “ESTRANGEIRO [...] Synon. *Estranho* significa alheio da pessoa, que não tem com ella relação de parentesco, affinidade ou intimidade; e *fig.* inteiramente diverso, v. g. nos costumes e religião; it. Extraordinario. *Estrangeiro* denota origem em terra que he a nossa. *Terras, gentes estranhas*, que nos causão estranheza pela differença de aspecto, clima, producções, usos, costumes, crença dos habitantes, lingua, etc.”

¹⁴⁴ SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliografico portuguez*, 1859, t. 2, p. 221.

Lisboa (1858-1859), com a colaboração de José de Lacerda. A edição brasileira mantém-se muito próxima a EF3, pelo menos no que respeita aos brasileirismos e às páginas iniciais.

A reação da imprensa a esse dicionário parece não ter sido das melhores, apesar do êxito mercadológico (quatro edições em dez anos). Inocêncio enumera críticas acerbas do periódico *O Portuguez* em setembro de 1853. O texto de D. José de Lacerda, destinado “Aos leitores” da quarta edição portuguesa do *Novo dicionário*, em meio a elogios e a valorização do trabalho que lhe fora demandado, deixa entrever restrições à faina de Eduardo de Faria.

[...] a obra do Sr. Eduardo de Faria tem merecimento, o que sem justiça não pode negar-se [...] se por ventura não é em demasia árduo melhorar o que geralmente se reputa mau, sem dúvida o é aperfeiçoar o que muitos julgam bom.

[...] é certo que o dicionário de uma língua, pátria ou alheia, não pode atrever-se aos foros de DICIONÁRIO UNIVERSAL, sem arriscar-se a faltar ao que de rigor está obrigado, não chegando a ferir o alvo que mirara mais ambicioso do que prudente; e acaso poderia alguém, e não sem sombra de fundamento, **queixar-se de que este achaque adoce o dicionário, cuja expurgação se intentou nesta quarta edição.** [...] (DL1)

As restrições de Lacerda contrariam o ponto em que mais insiste o texto de apresentação de EF: pretendia ser o mais completo, incluir “todas as palavras, fossem de que natureza fossem”. Além disso, depreende-se do texto de Lacerda a tentativa de alargar o público-alvo da obra – é dedicado “ao máximo número dos que mais carecem” – e dar a lume uma obra mais barata, embora continuasse volumosa.

Pode aventar-se que o fato de a quarta edição portuguesa (DL1) ser “para uso de portugueses e brasileiros” tenha sido uma maneira de concorrer com a edição que Eduardo de Faria lançava no Brasil, sob a proteção de D. Pedro II. Essa edição (DL1) recebeu fartos elogios da imprensa, segundo Inocêncio Silva.

Eduardo de Faria (1823 Lisboa-1860? Inglaterra) foi amanuense na Secretaria d’Estado dos Negócios da Fazenda, de onde se exonerou para “ocupar-se exclusivamente de especulações literárias-comerciais”.¹⁴⁵ Publicou basicamente traduções. Dirige a *Revista Contemporanea*, com biografias e retratos de pessoas notáveis. O primeiro número é lançado em 1848, interrompe-se e reinicia em 1855, tendo continuidade até pelo menos 1857.¹⁴⁶ Foi também editor da coleção *Biblioteca Econômica*, composta de romances traduzidos e vendidos a preços módicos. Essa coleção teria sido recomendada pelo governo português, apesar das imperfeições, o que teria ocasionado a campanha negativa na imprensa para atacar

¹⁴⁵ Ibid., t. 2, p. 220.

¹⁴⁶ a) Ibid., t. 7, p. 145-146. b) Não confundir com *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, iniciada em 1859 (Ibid., p. 146).

o Ministério. A vinda para o Brasil ter-se-ia dado por conta de aborrecimentos, advindos da publicação do periódico satírico *O Attila*.¹⁴⁷

Os dicionários de Eduardo de Faria e de Lacerda, por serem uma continuidade, não passam por transformações significativas em termos de organização da microestrutura. Há acréscimo e correção de informações, sobretudo quanto a nomes próprios. Com relação aos brasileirismos não há praticamente alteração (ver Anexos B e C). As informações contidas nesses itens lexicais valem-se das definições de SC e MS4.

A inclusão desses dois dicionários universais (EF e DL) entre os estudados deve-se a duas razões: a primeira é declararem no texto de apresentação cuidados com questões linguísticas (critérios de registro de termos da língua comum, ortografia, sinonimização, etimologia) além de uma introdução gramatical; a segunda é serem levados em conta por dicionários gerais do século XIX – Domingos Vieira (nos comentários dos verbetes) e Aulete (no “Plano” do dicionário); e por pelo menos um dos dicionários de brasileirismos, o de Beaurepaire-Rohan (cf. em Rohan os verbetes *aluá*, *encalir*, *molambo*, *picada*).

3.1.4 Dicionário de Lacerda – DL

O *Diccionario encyclopedico* ou *Novo diccionario da lingua portugueza*, de D. José de Lacerda (DL), teve a primeira edição com este nome, e sem citar a participação de Eduardo de Faria, em 1860. Segundo Inocêncio, a alteração teria sido apenas na folha de rosto.¹⁴⁸

A quinta edição, de 1878, foi a utilizada neste estudo para coletar os termos do Brasil. Dessa forma, foi possível observar se ocorrera melhora e aumento numérico relativamente aos brasileirismos, valendo-se, talvez, das mesmas fontes em que se informaram MS7 e CA, publicados em datas aproximadas.

¹⁴⁷ Ibid., t. 2, p. 220-223.

¹⁴⁸ **a)** “Em muitos exemplares d’esta edição foram os rostos primitivos substituídos por outros novos, que o editor mandou fazer posteriormente com alguma alteração; lendo-se n’estes: *Diccionario da lingua portugueza para uso dos portuguezes e brasileiros, colligido por D. José Maria de Almeida, etc., etc.* Tudo o mais conforme aos anteriores, excepto a data, que é de 1860, por ser este o ano em que se concluiu a publicação.” (Ibid., 1860. t. 5, p. 15-17.) **b)** Só as edições de 1874 e 1878 de DL foram compulsadas para esta tese.

Além das propostas de melhorias ao dicionário de EF, na edição feita por Lacerda em 1858-1859, é adicionado “Um vocabulário da língua Tupy, chamada língua geral dos indígenas do Brasil” e um “Diccionario de sinonimos com reflexões criticas”.

Malgrado ser obra explicitamente voltada para o público “português e brasileiro” e de trazer em apenso um levantamento de línguas indígenas brasileiras, dando azo ao crescente interesse brasileiro pelo estudo das línguas autóctones, as contribuições de DL no registro do léxico brasileiro atêm-se ao acréscimo de nomes de grupos indígenas e de termos enciclopédicos (topônimos e antropônimos).¹⁴⁹ Somente em DL5 é que se destaca na apresentação do dicionário o Brasil como assunto dos verbetes.

As ciências, a história antiga e moderna, as belas-artes, os ofícios, estão neste número profusamente representados; a geografia compreende a descrição dos impérios e reinos, das suas capitais e principais divisões, **e a de Portugal e Brasil, as províncias, comarcas, distritos e freguezias com a sua população**; a **biografia** abrange as vidas de **grande número de homens notáveis** estrangeiros, e as **de todos os portugueses e brasileiros falecidos até hoje**. (DL5)

José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda (1802/3 Vila Real-1877 Lisboa) foi fidalgo da Casa Real, cônego até 1818, professor de filosofia, deputado em várias legislaturas, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Autor de títulos sobre história, política, religião, foi redator principal e colaborador de jornais políticos e literários. Suas publicações relacionadas à língua portuguesa são um dicionário inglês-português, o *Diccionario encyclopedico*, de que ora se trata, o dicionário de sinônimos e o *Compendio da grammatica portugueza para uso das escholas* – esses dois últimos são partes integrantes do *Diccionario encyclopedico*.

3.1.5 Dicionário de Domingos Vieira – DV

O *Grande diccionario portuguez* ou *Thesouro da lingua portugueza* (DV) foi publicado entre 1871¹⁵⁰ e 1874 em cinco volumes. A autoria é creditada a frei Domingos

¹⁴⁹ Os topônimos não se restringem a localidades com projeção. São incluídos nomes de vilas, riachos, pequenas cadeias de montanhas etc.

¹⁵⁰ 1871 é a data constante na folha de rosto; 1872 é a data da dedicatória; 1873 é a data que acompanha o “Post-Scriptum”, de Adolfo Coelho.

Vieira, embora, no primeiro tomo leia-se que não fosse “conveniente apresentá-la [a obra] ao público na forma em que seu autor a deixou”.¹⁵¹

Adolfo Coelho e Teófilo Braga são os únicos dois nomes de colaboradores dados a conhecer, pois assinam os estudos que abrem o primeiro tomo.¹⁵² O dicionário foi publicado na cidade do Porto pelos editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes. São também mencionados na folha de rosto do primeiro volume os editores A.A. da Cruz Coutinho, do Rio de Janeiro, e Antonio Rodrigues Quelhas, do Pará. Em coedição Brasil-Portugal, portanto. A dedicatória do livro a D. Pedro II e as palavras iniciais de deferência a este monarca, no primeiro volume, levam a crer no apoio do imperador brasileiro à publicação deste dicionário. Na página de “Advertência” do segundo volume, menciona-se a boa recepção da obra no antigo e no novo continente. Encerram-se aí as expressões de assimilação do Brasil à obra.

O dicionário de Vieira é também muitas vezes referido pelos textos iniciais, do primeiro e do segundo volumes. Os do primeiro são: “Sobre a língua portugueza” (197 páginas), de autoria de Adolfo Coelho, e “Sobre a literatura brasileira” (39 páginas), de Teófilo Braga. O do segundo é: “Chrestomathia historica da lingua portugueza”, uma seleta dos séculos VII ao XVIII (75 páginas), com reprodução de documentos desde o latim bárbaro, que revelariam que os registros da língua portuguesa remontam ao século VIII, uma vez que tais documentos “encerram um grande número de formas puramente portuguesas e a sua sintaxe revela-nos com toda a clareza a sintaxe portuguesa d’essa epoca”.¹⁵³

A nominata desse dicionário é extensa, rica em expressões, locuções e provérbios. O que se destaca em sua estrutura, no entanto, são os comentários de caráter extralinguístico (cf. *clássico*, no qual enumera nomes de clássicos em diferentes períodos e matérias) e a prodigalidade nas abonações, que superam largamente o espaço destinado às definições e etimologias (cf. *coberta*, *clérigo*).¹⁵⁴ As etimologias, dependentes de informações alheias e

¹⁵¹ OS EDITORES. Advertencia. In: VIEIRA, Domingos. *Grande diccionario...*, v. 1, p. v.

¹⁵² Em “Post-Scriptum” ao texto “Sobre a língua portugueza” (p. ccvi), Adolfo Coelho declara “[...] neste *Diccionario* é a parte da introdução sobre a língua portuguesa a única coisa em que eu tenho responsabilidade”.

¹⁵³ “Latim barbaro”. In: VIEIRA, Domingos. *Grande diccionario...*, v. 2, p. v.

¹⁵⁴ A primeira acepção de *clérigo* (“indivíduo que pertence á classe ecclesiastica”), é acompanhada de 18 extensas abonações em contextos de uso muito semelhantes, sendo algumas recolhidas da mesma obra. A transcrição de uma delas é suficiente para ilustrar o perfil da obra nesse aspecto: “*Ao que dizem no oitavo artigo, em que dizem, que lhes defendem, que nom conheçam dos sacrilegios, quando alguuns Leigos ferem os Clerigos ou tiram algum da Igreja, e frangem a immunidadade d’ella, e som demandados polo sacrilegio per ante o Juiz Ecclesiastico, a que pertence o conhecimento, e defende, que nom levem as penas d’elles.*” (Ordenações Affonsinas, Liv. II, Tit. 7, art. VII).”

“das definições do francês Littré”,¹⁵⁵ estendem-se também por muitas linhas, ultrapassando a função precípua de indicar a provável origem dos termos a que se referem (cf. *claustró*, *coroa*, *corpo*). Os textos literários são a fonte eleita para o inventário lexical, mas ocorrem também abonações de outros gêneros, como crônicas, relatos de viagem e textos religiosos.

Quanto aos termos brasileiros, praticamente copia o que foi consignado por MS. Veja-se o verbete *múrice* (e outros no Anexo C).

MS6	DV
MÚRICE, s. masc. (do Lat. <i>murex</i> , <i>icis</i>) Caracol marinho, que tem uma como veyá esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem: no Rio de Janeiro os há na praya detraz de S. Bento, e na do Villagaillon. <i>Cam.</i> “o múrice <i>excellente</i> ”: “ <i>a tinta que no murice se cria</i> ” Id. (<i>Feijó</i> das especies perdidas).	MURICE, s. m. (Do latim <i>murex</i>). Caracol marinho, que tem uma como veia esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se torna verde, e depois de côr purpura, e não é susceptivel de se tirar por meio da lavagem. Existem no Rio de Janeiro na praia por detraz de S. Bento, e na de Villagaillon.

3.1.6 Dicionário de Caldas Aulete – CA

Francisco Júlio Caldas Aulete (?Lisboa- 1878 Lisboa), planejador e primeiro redator do *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza* (CA), não era um diletante em reflexões acerca da língua portuguesa. Foi também autor de livros didáticos que, embora não tenham tido aprovação da imprensa, foram adotados com exclusividade em escolas de ensino primário.¹⁵⁶

Caldas Aulete faleceu logo após dar início ao projeto. São de sua autoria o “Plano” da obra e parte da letra “a”. A obra foi levada adiante por Antônio Lopes dos Santos Valente e colaboradores (ver Anexo A). O adjetivo “contemporâneo” no título é novidade e substitui os

¹⁵⁵ VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 38.

¹⁵⁶ *Cartilha nacional*: método legográfico para aprender simultaneamente a ler, a escrever, a ortografar e desenhar (1873, 4ª. ed.); *Seleção nacional*: curso prático de literatura portuguesa: primeira parte: Literatura; segunda parte: Oratória, Lisboa, 1875; terceira parte, Poesia, Lisboa, 1877 (cf. GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira) e Autor de *Grammatica nacional (Curso elementar) adoptada pelo Conselho geral de Instrução Publica*. Lisboa, Typ. da Sociedade Typographica Franco-portuguesa 1864. 3 edições. *Encyclopedia das Escolas Primarias...* coordenada por Aulete e Latino Coelho. Lisboa: Imp. Nacional. 1869. Composto de 32 lições de leitura, chamadas *Primeiro livro da creanças* de um *Directorio segundo os methods de Caldas Aulete e de A. F. de Castilho* (Cf. SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*, t. 9, 2º. do Supplemento. p. 317-318).

epítetos “novo” e “grande” e esclarece a proposta do seu idealizador: registrar o vocabulário de seu tempo.

O nosso intuito foi coordenar um dicionário portátil para a maioria das pessoas que falam a língua portuguesa; um vocabulário que represente a língua portuguesa como ela é hodiernamente, contendo as palavras que são de domínio da conversação, de que boa parte se não encontra nos dicionários nacionais; os neologismos sancionados pelo uso e pela necessidade, e os termos técnicos, que, com o desenvolvimento da instrução pública, tem passado para a literatura e para a linguagem da conversação. Não deixamos também de inserir os arcaísmos, que com mais frequência se encontram nos clássicos dos séculos XVI e XVII e aqueles que são radicais de palavras derivadas existentes na língua atual, e que, sem o conhecimento deles, mal se entenderiam.¹⁵⁷

Ainda a respeito dos neologismos, diz ter inserido aqueles “...autorizados pelo uso e pela necessidade, e cuja forma se acha em harmonia com o espírito da língua [...]” e “os que não tem adotado a forma nacional, mas que o uso e a necessidade, a despeito de tudo, têm admitido e esperam a sua vez de vestir à moda do país [...]”.¹⁵⁸

O “Plano” ocupa 23 páginas da obra, faz uma crítica dos dicionários Roquete, Lacerda e Moraes,¹⁵⁹ “melhormente reputados” à época. Um dos pontos mais atacados é a repetição de conceitos obsoletos, especialmente da área técnica. Fala ele dos dicionários editados em meados do século XIX que reproduzem definições elaboradas com os “preconceitos científicos” do século XVII, grande parte coletadas em Bluteau,¹⁶⁰ sem incorporar as informações que o progresso tinha descoberto. A tal crítica, seguem-se quatro sessões – formação, ortografia, pronúncia e significação – em que o lexicógrafo expõe de modo relativamente breve a configuração do sua obra. O “Plano” é texto a ser lido com interesse, pois faz uma recolha diversificada das falhas de outros dicionários: nas etimologias, na ausência de registro de significados em alguns vocábulos, nas definições enganadas e anacrônicas, muitas vezes, divertidas. Mas o interesse não é só por isso. Ao apontar as falhas das obras predecessoras, vai indicando o que não pretendia que se repetisse na que planejava.

O autor também se detém sobre dicionários franceses, de modo a considerar suas falhas e a dizer que o mesmo não sucederá com o que o público teria ora em mãos. Esse

¹⁵⁷ AULETE, Caldas. Plano. In: _____. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*, p. i.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. xxii.

¹⁵⁹ Dicionário de Roquete é o *Diccionario da lingua portuguesa de José da Fonseca, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por José Inácio Roquete*. Trata-se de dicionário escolar. Quanto a Moraes, Caldas Aulete (Plano, p. xxvi) ressalva: “Cumpramos também declarar que nas censuras feitas ao dicionário de Moraes nos referimos unicamente às edições que se publicaram depois da morte d'este illustre filólogo.”

¹⁶⁰ O Vocabulario de Bluteau foi publicado a partir de 1712, mas vinha sendo elaborado há mais de 30 anos (SILVESTRE, João Paulo. *A língua iluminada*, p. 7).

recurso, desmerecer obras pretéritas para valorizar a que é apresentada, é percebido em diversos, senão quase todos, outros dicionários generalistas da língua portuguesa do século XIX.¹⁶¹

O dicionário de Aulete teve mais duas edições publicadas em Portugal: uma em 1925, acrescida de muitos verbetes, inclusive de brasileirismos¹⁶² e conduzida por Silva Bastos, que havia participado da redação da primeira edição;¹⁶³ e outra, em 1948-1952, coordenada por Vasco Botelho de Amaral e Frederico Guimarães Daupias. No Brasil, foram publicadas cinco edições da obra: 1958, 1964, 1974, 1980 e 1987.¹⁶⁴

O dicionário de Caldas Aulete não se posiciona relativamente ao propósito de atender ao mercado brasileiro. O agradecimento à “coadjuvação valiosa de eminentes portugueses e brasileiros” no texto de apresentação é a única passagem que dá a entender ter levado em consideração o conhecimento elaborado por alguém desta nação para escrever o seu dicionário. Na lista de autores citados há dois escritores brasileiros românticos: Gonçalves Dias e José de Alencar. O grande número de abonações da lavra de Gonçalves Dias – mais de 180 só no primeiro volume¹⁶⁵ – não significa, entretanto, a admissão da literatura brasileira como legitimadora do uso, é consequência do lugar privilegiado desse autor no cenário português.¹⁶⁶

¹⁶¹ a) Cf. 3.2. b) No século XX, esse tipo de argumentação nos prefácios é mais sutil, ou mesmo ausente: para comprovar o zelo com que levou a segunda edição a efeito, Silva Bastos, no prefácio da edição de 1925 de CA, menciona certa leviandade literária de Teófilo Braga (colaborador destacado de DV). No *PDBLP* e no dicionário de Laudelino Freire, há críticas às publicações que lhes precedem. Em DA e DH, não há crítica a outros, mas valorização do fazer lexicográfico.

¹⁶² Segundo Giovana Iliada GIACOMINI (O discurso do *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete) em levantamento feito por amostragem, o número de brasileirismos passou de 2% na primeira edição para 17% na segunda.

¹⁶³ Informação contida no prefácio da segunda edição.

¹⁶⁴ No Brasil também, desde 2004 está disponível gratuitamente na internet, em versão *on-line*, o dicionário *Aulete digital*, elaborado a partir da edição de 1987 desse mesmo título. Ele é constantemente acrescentado e corrigido. Ver: AULETE digital. A partir dessa base de dados, foi recentemente impresso pela editora Lexikon o *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, com coordenação de Paulo Geiger.

¹⁶⁵ No primeiro volume do dicionário foram localizadas quatro abonações com textos de José de Alencar; 98 com textos de Camilo; mais de 400 de Garrett; quase 300 de Vieira; cerca de 500 de Castilho.

¹⁶⁶ a) “O autor de *Os timbiras* foi, sem sombra de dúvidas, o brasileiro de maior receptividade no século XIX. De sua obra se ocuparam os mais expressivos nomes: Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Lopes de Mendonça, Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Inocêncio Francisco da Silva; Gonçalves Dias foi notícia nos principais periódicos de Portugal, desde o lançamento de *Primeiros cantos*, em 1847, até o final do século [...]” (MOREIRA, Maria Eunice. Três românticos brasileiros e a crítica portuguesa no século XIX, p. 73.) b) Entre os termos brasileiros, há três com abonações de Gonçalves Dias: *muremuré*, *mussurana* e *pocema*.

A posição discreta em CA quanto às questões brasileiras não impede os redatores desse dicionário de incorporarem informação gramatical acerca do uso da língua por escritores brasileiros, como revelam os exemplos a seguir. Mesmo fazendo juízo de valor, o dicionário legitima a variedade de uso. Além disso, anexa observações de Sotero dos Reis, gramático brasileiro. É a única informação desse teor sobre o Brasil encontrada nos dicionários estudados.

SE¹ [...] *conj.* [...] || -- , *conj. integr.* [...] || (Obs.) **Alguns escriptores brasileiros escrevem esta conjunção á latina *si***, e mesmo entre nós ainda alguns a escrevem assim na locução *siquer* (por *sequer*). || F. [...] (CA)

SE² [...] *flex. do pron. pess. da 3.a pessoa para* [...] Note-se o **uso dos brasileiros** que, quando este pronome é enclítico nas orações subordinadas dos modos finitos, o pospõem ao verbo, dizendo, por exemplo: Quando no ultimo anno começou-se a entrever a necessidade... (J. F. Lisboa). O mesmo uso há com outras enclíticas. **Bons escriptores, contudo, evitam este modo de dizer.** || Exprime passividade. No cerco do Porto soffreu-*se* toda a casta de privações. [A este respeito, V. *Passivo*. **Sotero dos Reis** distingue o pronome *se* n'este caso do que serve de complemento objectivo ou terminativo, chamando a este ultimo “reflexivo” por ser n'elle que reflecte ou recai a acção do sujeito, e ao outro “indefinido” por se referir vaga e indeterminadamente a um agente ou causa que temos na mente, e ser, não um complemento objectivo, como inculca a apparencia, mas sim um termo de referencia mental. Ainda que o pronome é só um e o mesmo, e não mudou de natureza n'este segundo caso, **a distincção do illustre e judicioso escriptor brasileiro** não deixa por isso de ser accéitavel como meio de facil explicação pratica.] || F. [...] (CA)

3.1.7 O dicionário de Cândido de Figueiredo (CF) e o fim do ciclo Morais

A primeira edição do dicionário de Cândido de Figueiredo é de 1899. Ele se apresenta, logo na folha de rosto, como um “recolhedor de palavras”.

Novo dicionário da língua portugúesa compreendendo: além do vocabulário comum aos mais modernos dicionários da língua **muito mais de 30.000** vocábulos que o autor colheu: na linguagem popular da província e ilhas; em antigos manuscritos da Torre do Tombo e de outros arquivos; na tecnologia industrial e científica; nos mais importantes documentos da literatura nacional, desde os primeiros cancioneiros, e através de todo o período clássico, até aos escritores da actualidade; e **na linguagem brasílica, que contribuiu para esta obra com mais de 6.000 vocábulos não registados até agora em dicionários portugúeses**; compreendendo outrossim: muitos milhares de acepções, ainda não mencionados em dicionários, de vocábulos conhecidos; e indicando: além da prosódia de cada termo, a origem de quase todos, de acôrdo com os ensinamentos da filologia moderna e em resultado de investigação directa que levaram o autor a determinar pela primeira vez a fonte de muitos centenas de vocábulos por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO da Academia Real das

Ciências de Lisboa, da Sociedade Asiática de Paris, do Instituto de Coimbra, da Academia de Jurisprudência de Madrid, etc., etc.¹⁶⁷

Essa recolha é tão profusa que, além das inúmeros novos verbetes na nominata, é elaborado um Suplemento em que são incluídas mais centenas de formas. Por isso, Taunay¹⁶⁸ fala em “alucinação dos asteriscos”, ou seja, a determinação de se dicionarizar termos pela primeira vez (assinalados com um asterisco) teria contaminado o *Novo dicionário*.¹⁶⁹

O dicionário teve várias edições, as três primeiras (1899, 1913 e 1922) conduzidas por ele; a quarta, de 1926, contém colaborações suas, mas foi publicada postumamente; Cândido de Figueiredo morreu em 1925. A quinta, de que se encarregou Jorge Daupiás,¹⁷⁰ foi também muito acrescentada de verbetes. Segundo Gladstone Chaves de Melo,¹⁷¹ as edições subsequentes seriam novas tiragens da quinta, embora denominadas de sexta, sétima etc.

Conforme se anuncia, a lista de verbetes é extensíssima. As opções lexicográficas em que esse dicionarista aposta, de acumulação de entradas e acepções, é levada ao extremo. Vale-se da inclusão de extensa rede de cognação (assim como os demais dicionários, cf. 3.5), da variação ortográfica para duplicar as entradas (por exemplo, palavras iniciadas por “col” e “coll” seguidas de vogal têm entradas duplicadas). Contribui para a acumulação de entradas o vasto número de termos regionais de Portugal, de africanismos e brasileirismos.

Uma das grandes contribuições de Cândido para o inventário do léxico português deve-se especialmente ao registro de palavras e acepções de uso informal, familiar e regional. O registro de brasileirismos é também bastante extenso, mais de seis mil vocábulos são, segundo ele, dicionarizados pela primeira vez. Essa qualidade é comprovadamente discutível. No texto “Chave de sinais e abreviaturas”,¹⁷² o autor explicita o critério utilizado para sinalizar o que seria termo ou acepção inéditos entre os dicionários de língua, tendo como base CA e DV,¹⁷³ considerados os melhores. É visível a restrição a MS, saído a público em nova edição

¹⁶⁷ A partir da segunda edição, entre os títulos do autor, inclui-se o de membro da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1901 como sócio correspondente, ocupando a cadeira número 7.

¹⁶⁸ TAUNAY, Affonso de E. *Reparos ao Novo dicionario de Candido de Figueiredo*, p. 18.

¹⁶⁹ As datações feitas em DH pelo dicionário CF são em número também considerável: em abr. 2015 havia na 2ª edição do Grande DH 11.694 datações só na cabeça dos verbetes (sendo 1.081 na letra “c”). Há nele mais datações feitas a partir do CF: as que ficam nas acepções e locuções.

¹⁷⁰ Jorge Daupiás é também um dos responsáveis pela terceira edição do Aulete.

¹⁷¹ MELO, Gladstone Chaves de. *Dicionários portugueses*, p. 56.

¹⁷² FIGUEIREDO, Cândido de. Preâmbulo e Chave de sinais e abreviaturas. CF2.

¹⁷³ **a)** “[...] dicionário moderno que, não obstante os defeitos honestamente confessados pelo autor, tem mais numeroso vocabulário do que aquele e é firmado por homem, que tem bom nome na esfera dos estudos

oito anos antes da primeira publicação de CF. Apenas entre os brasileirismos, no trecho compreendido por palavras iniciadas por “ca”, foram encontradas 32 ocorrências de termos registrados por MS8, e várias outras também por edições progressivas, e assinaladas como tendo sido dicionarizadas pela primeira vez em 1913.¹⁷⁴

O asterisco, anteposto a um vocábulo, designa que este não estava ainda registrado nos mais modernos, menos imperfeitos e menos incompletos dicionários da língua portuguesa; e não digo *em todos os dicionários da língua*, porque, tendo em vista quantos estavam ao meu alcance, algum deixaria de ver, antigo ou moderno, em que por acaso se encontraria um ou outro dos milhares de vocábulos que vão precedidos de asterisco

[...]

Mas o asterisco, no presente dicionário, tem ainda outra significação: designa também que a aceção dos respectivos vocábulos, precedida por ele, era desconhecida nos dicionários a que acima me referi; e, nestas circunstâncias, há milhares e milhares de aceções, disseminadas em o *Novo dicionário*.¹⁷⁵

Diversos itens lexicais da primeira edição de DH continuam datados pelas edições de Cândido de Figueiredo, inclusive brasileirismos, o que confirma a sua importância como obra que primeiro dicionariza muitas palavras e aceções em sua nominata.

As definições são extremamente sucintas, com informações básicas, que variadas vezes não estabelecem distinção entre os diferentes nomes. Há raríssimos exemplos e abonações de uso. Embora seja valioso instrumento de registro de termos pouco usuais, seus críticos¹⁷⁶ acentuam que a falta de critério na seleção dos informantes, da bibliografia, faz do dicionário um repositório de palavras e aceções equivocadas, com hápax e palavras de papel.¹⁷⁷ Em alguns casos, o próprio dicionarista põe em xeque a existência da palavra, como, por exemplo em *murili*.

linguísticos, – Adolpho Coelho” (Ibid., p. xxi); **b)** Essa afirmação de CF está em contradição com a responsabilidade que Adolfo Coelho diz ter sobre a obra (ver nota 152).

¹⁷⁴ **a)** A busca foi feita automaticamente, por meio de versão disponível na rede (<http://www.dicionario-aberto.net/>) e confrontada com a segunda edição impressa. Embora esteja indicado que a edição disponível é de 1913, há discordâncias entre a versão *on-line* e a versão digital. Estão a seguir listados os verbetes que têm aceções assinaladas com asterisco por CF (no trecho iniciado por “ca”), mas já faziam parte da nomenclatura de MS8: *cabacinha, cabocla, caboré, cacete, caceteiro, cachaça, caçua, cadáver, cafusa, caga-sebo, caipira, caipora, caixeta, caldeirão, calombo, calumbá, calunga, camarada, cambráia, campeão, campear, candeeiro, cangueiro, canoa, capoeira, cará, caracu, cargueiro, caruru, cascalho, catingar*. **b)** Algumas, estão também nas primeiras edições de MS: *camarada, caldeirão, caldeira, caruru, catapora* entre outras.

¹⁷⁵ FIGUEIREDO, Cândido de. Preâmbulo e Chave de sinais e abreviaturas. CF2.

¹⁷⁶ Affonso de E.Taunay (*Reparos ao Novo dicionario de Candido de Figueiredo*, p. 1-7) cita críticas de Edmundo Navarro (“conhecedor da sciencia florestal”) e Rodolpho von Ihering.

¹⁷⁷ “PALAVRA DE PAPEL Lexicografia **1** palavra registrada num dicionário, vocabulário, glossário etc. ou em outros tipos de livros de autoridade similar, mas sem curso real no idioma **1.1 freq.** palavra desse tipo originária de erro ortográfico, tipográfico ou de má leitura de originais, ou ainda de pronúncia incorreta” (DH)

MURILI, *m.* O mesmo que *muriti*. – Talvez escrita erronea, tendo-se trocado o *t* por *l*.

Cândido se gaba de ter registrado milhares de palavras de origem brasílica, de acatar os regionalismos da língua falada aqui, mas parece ser bastante reticente quanto às críticas feitas por brasileiros ao seu dicionário. Da lavra de Taunay são publicados três léxicos, intitulados *Léxicos de termos técnicos e científicos* (1909), *Léxico de lacunas* (1914) e *Vocabulário de omissões* (1924), com correções e sugestões relativas ao dito vocabulário. O padre gaúcho Carlos Teschauer também faz reparos à obra de Cândido em *Novo vocabulário brasileiro*. Algumas sugestões são aceitas pelo dicionarista, como se depreende pelas respostas de Afonso de Taunay. As críticas recaem sobretudo na obsolescência e inexatidão de definições de termos científicos, na escolha duvidosa dos textos abonatórios e dos textos de onde teria apreendido significados e novas formas. Taunay ressalta veementemente a ausência de inúmeras lexias brasileiras e ainda “os numerosíssimos brasileirismos deturpados, falhos, insuficientes e até disparatados”.¹⁷⁸

A obra é destinada ao público português e brasileiro, mas com visão ainda limitada acerca do concurso desses últimos respectivamente ao léxico. No prefácio da primeira edição, seu autor refere-se ao Brasil como uma grande nação, falante do idioma português, para o qual a língua brasílica teria contribuído. Essa nação teria também preservado diversos arcaísmos, esquecidos em Portugal. Não se considera ainda, de forma explícita, a importância dos brasileirismos semânticos e as palavras formadas no Brasil a partir da matriz do idioma português. A influência das línguas africanas no português europeu ou brasileiro não é mencionada na apresentação.

Sucedo porém que o português do Brasil não é precisamente o português europeu: **recebeu numerosos termos da população indígena, e o tupi entrou como elemento constituinte no organismo da moderna linguagem brasileira.** Ora, desde que um dicionário é destinado a todos os povos que falam português, **não pode prescindir dos termos brasílicos**, que são inseparáveis da linguagem portuguesa, praticada além do Atlântico.

[...]

Note-se entretanto: **nem todos os termos, a que eu aponho a nota de brasileirismos**, e que como tais são considerados pelos mais conspícuos vocabularistas, como Beaurepaire-Rohan, **provieram dos tupis ou foram criados por brasileiros. Muitos deles são velhos portuguesismos**, que partiram daqui com os descobridores e colonizadores das terras de Santa-Cruz, e que lá vivem e prosperam ainda, sendo aqui já esquecidos ou mortos.¹⁷⁹

¹⁷⁸ TAUNAY, Afonso de E. *Reparos ao Novo dicionário de Cândido de Figueiredo*, p. 3.

¹⁷⁹ FIGUEIREDO, Cândido de. Conversação preliminar. CF2, p. v.

As definições de brasileirismos recuperam significados dos primeiros dicionários gerais e dos dicionários de regionalismos, mas, assim como CA, restringe-se ao essencial da informação, resultando em glosas por vezes ambíguas e incompletas.

Cândido de Figueiredo publicou vários livros sobre questões filológicas e gramaticais, além de ter participação ativa em colunas jornalísticas sobre o assunto.¹⁸⁰ Envolveu-se em mais de uma polêmica sobre a língua. Uma delas, famosa, é com o filólogo e professor português Leite de Vasconcelos. Outra, com o brasileiro Affonso de E. Taunay, estampadas em jornal e depois reunidas por Cândido no livro *Combates sem sangue em favor da língua portuguesa* (1925). As provocações e réplicas de Taunay foram publicadas nos livros *Reparos ao Novo dicionario de Candido de Figueiredo*, “com a possibilidade de servirem para a possível melhoria da próxima e iminente aparição da quarta edição do *Novo dicionario*”.¹⁸¹

Mesmo que se perceba certo revanchismo entre os contendores, e essa era uma das características das polêmicas gramaticais da época, o fato de mais de um brasileiro opor-se a um dicionário elaborado em Portugal é significativo. É também expressivo o fato de a sétima edição continuar a não acatar a maior parte das críticas e sugestões feitas no Brasil.¹⁸² Uma análise sistematizada das alterações nas quinta, sexta e sétima edições, comparativamente com as sugestões vindas de portugueses e de brasileiros, poderia indicar se havia alguma predisposição negativa com relação a esses últimos.

Devido à sua proposta diferenciada, ao alargamento da nominata e às diferentes edições até pelo menos a década de 1930, esta obra deve ser incluída em outro período de produção dicionarística de língua portuguesa. É iniciadora de nova fase, embora ainda impregnada de características dos léxicos do século XIX.

Com o *Novo dicionario da lingua portuguesa*, a figura do lexicógrafo reaparece e, com ela, uma nova fonte abalizada e crítica da produção do século XIX. A figura autoral coletiva que subjaz às edições de Morais sustenta-se, de certo modo, na memória de uma autoridade falecida há mais de setenta anos, pois, até a nona edição (provavelmente posterior à primeira de CF), a qualidade do trabalho do seu idealizador é mencionada. Algo similar dá-se com Caldas Aulete, que sequer concluiu a obra.

¹⁸⁰ Algumas delas reunidas em *Lições praticas da lingua portuguesa*.

¹⁸¹ TAUNAY, Affonso de E. *Reparos ao Novo dicionario de Candido de Figueiredo*, p. viii.

¹⁸² MELO, Gladstone Chaves de. *Dicionários portugueses*, p. 59.

Se o dicionário de Moraes é representante de uma tradição em contínua atualização, calcada no bom senso e na necessidade do acréscimo de palavras e acepções, o dicionário de Cândido de Figueiredo aparece como primeira fonte de registro lexicográfico do português contemporâneo.

As tantas críticas e comentários a essa obra podem ser reflexos da interrupção de uma tradição e também da identificação da figura de um interlocutor, disposto a envolver-se em discussões linguísticas.

3.2 Reverências e críticas à tradição lexicográfica

Os prólogos de todos os dicionários têm pontos que se repetem: a valorização do fazer lexicográfico, na qual se insere a deferência às obras anteriormente publicadas, com destaque para os dicionários de Moraes ou de Bluteau, e a proposta de superar em qualidade e, às vezes, em quantidade, essas duas obras.

[...] seria injusto deixar de reconhecer as grandes obrigações que devemos a estes autores, e em particular ao erudito e incansável Bluteau, cujo mérito se torna ainda mais relevante atendida a sua qualidade de estrangeiro. Resumindo o seu volumoso *Vocabulário* e havendo rejeitado as muitas matérias estranhas que ele encerra, fez Moraes um notável serviço à nação, e seria indesculpável ingratidão da minha parte não confessar o muito que devo a ambos, se bem que me seja forçoso não dissimular as suas imperfeições, elas me pareceram ser tantas e tão graves, que julguei merecer a aprovação dos cultores da língua portuguesa oferecendo-lhes um novo dicionário dela mais amplo, completo e útil que os já existentes [...]

Todavia conservei quase todos os termos que se acham em Bluteau e Moraes, e muitos bem contra a vontade, mas receoso de ser increpado de os suprimir. Entre estes há muitos obsoletos que são meros erros de transcrição, mas como vêm no *Elucidário* julguei acertado conservá-los para acautelar quem ler documentos antigos em manuscrito ou impresso [...] (SC)

[...] sendo os dois principais dicionários portugueses muito faltos de termos, é em vão que muitas vezes se recorre a eles. O do padre *R. Bluteau*, apesar de muito desenvolvido, nem sempre é exato; o de *Moraes* é mais rico em termos, porém ambos estão longe de se poderem chamar completos. (EF2)

Na quarta edição portuguesa de EF, ou primeira de Lacerda, este faz considerações do mesmo teor; só que o alvo de crítica é o primeiro autor do dicionário sobre o qual ele trabalha (como se viu *supra*).

O prólogo que apresenta a quarta edição de DL¹⁸³ desaprova acerbamente o trabalho de Rafael Bluteau, de Solano Constâncio e de Domingos Vieira, mas não faz qualquer menção aos dicionários MS. Afirma-se (em DL4 e DL5) que o de Rafael Bluteau era anacrônico para a década de 1870. O que soa anacrônico, no entanto, é justificar a necessidade de se criar outra obra que ocupasse o lugar de um dicionário publicado há mais de 140 anos, quando, ao final do século XIX, havia um número considerável de dicionários gerais, escolares e universais de língua portuguesa para suprir a ausência de Bluteau no mercado, assim como havia publicações mais próximas do que a época exigia de “trabalhos de tal ordem”.

Devemos pois o primeiro lexicon, digno de tal nome, mas nimamente extenso por causa das contínuas e intempestivas digressões, trazidas a miúdo pelo desejo de alardear erudição, e muito longe daquilo que hoje se exige em trabalhos de tal ordem [...]

Longo seria enumerar os motivos, porque o dicionário do padre Bluteau poucos serviços pode atualmente prestar às letras. Não falando no pequeno número de exemplares, que dele aparece, acresce a falta de escrúpulo, com que o autor procede na autorização dos vocábulos, alegando indiferentemente a cada passo, ora com autores reputados clássicos pelo consenso geral, ora com outros de inferior nota, que devera não citar. (DL4)

Relativamente a SC a crítica recai sobre as etimologias:

Quer achar as etimologias, e talvez que tenha prazer em se embrenhar no labirinto das opiniões desvairadas, e às vezes ridículas dos etimologistas, fazenda tão abundante no *Diccionario* de Constâncio. A palavra parece latina; mas não será sânscrita, não poderá vir do copta ou persa? (DL4)

O juízo acerca de DV é um tanto irônico e serve de argumento para reforçar a validade do trabalho que ora se publicava. O “tesouro” era para pessoas de “boa sociedade”, letrados. O *Diccionario encyclopedico* destinava-se também a pessoas comuns, a profissionais, que não aspiravam a palavras mortas, mas a significações triviais e vulgares, mesmo os “nojentos galicismos”.¹⁸⁴

Quer também o erudito encontrar, e com razão, as acepções figuradas, os diferentes sistemas ortográficos, os provérbios, ríffes e anexins: e quem sabe se mesmo se deleitará ao ver páginas e páginas cheias de citações e citações para provar a significação de uma palavra da qual ninguém duvida, pois é vulgaríssima e aceite por todos.

Porém nem todos aspiram a tão grandes tesouros. O artista, o escriturário, o comerciante, e muita gente boa não remonta suas aspirações a tão grandes alturas.

¹⁸³ DL4, p. iii-v. Edição póstuma ao seu autor, José Araújo de Lacerda.

¹⁸⁴ Ver também “Anexo A”.

Querem pessoas achar num dicionário as significações triviais das palavras, pois lidam com os vivos, mais do que com os mortos; querem mesmo entender a significação desses nojentos galicismos, empregados diariamente [...] (DL4)

A inclusão, nos textos de abertura dos dicionários, do usuário não versado em letras entre os seus leitores já ocorre desde Bluteau (cf. “Ao leitor indouto”, no *Vocabulario* de Bluteau), como prática retórica. Nos dicionários de SC, EF e DL, esses leitores são conclamados mais firmemente. Isso deve ser pensado dentro de um contexto de democratização dos dicionários.¹⁸⁵

O fato de as discordâncias e os equívocos de MS serem frequentemente anunciados na nominata dos dicionários de SC e DV demonstra a importância desta obra no conceito geral dos lexicógrafos, editores e público. Eis alguns exemplos, em SC.¹⁸⁶

CAGAÇAL, s. m. [...], nome injurioso e por extremo grosseiro que se dá a meretriz immunda.

N.B. Eu não poria semelhante termo indigno de figurar em hum dicionario classico da lingua, **se Moraes o não trouxesse**, e não desarraçoasse sobre a sua etymologia, que elle inculca ser *cangaço*. O termo não he particular ao Brasil, mas Portuguez legitimo da rua da Madragoa. (SC)

CACETE, s. m. [...], porrete, cachaporra curta com cabeça. **Moraes pertende** que estes dois termos são Brasilicos, e todavia dá a etymologia exacta do Francez. São Portuguezes, legitimos e antigos. (SC)

Em DV, os comentários não se pautam pela neutralidade desejável ao discurso lexicográfico, e o alvo são também SC e DL. As formas *boudhismo* e *boudhaismo* têm entrada apenas para apontar a inadequação da grafia proposta em MS5.¹⁸⁷

BOUDHISMO ou BOUDHAISMO. É por esta fôrma que o academico Mendonça Falcão escreveu a palavra budhismo ou budhaismo, **introduzida por elle no Dicionario de Moraes**, manifestando assim a sua ignorancia, porque só a muita ignorancia póde levar a escrever palavras portuguezas com orthographia franceza, e que não se conforma aos principios da portugueza, em que nunca com “u” se escreve “ou”. Budhismo, palavra introduzida pela erudição moderna, não se póde pronunciar nem escrever em portuguez como aquele academico pretende, por quanto vem do sanscrito *budha*. Vid. Budhismo. (DV)

CÁCO, s. m. (Do latim *cacabus*, como em hespanhol *jago*, e (port. Em Sant’Iago) de *jacobus*. Apesar d’uma etymologia tão simples, **Moraes, e Constancio, que**

¹⁸⁵ Cf. VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 31-34.

¹⁸⁶ Outros exemplos, ainda na letra “c”: *cacheiro, caoé, canada, canybo, calma*.

¹⁸⁷ Outros exemplos, ainda na letra “c”: *costa-acima, carpe, celipe* (crítica a Moraes, Constâncio e Lacerda, a que qualifica como “prodígio da inépcia”), *caracol, calca, cachar*, entre outros. Há também remissões e comentários aos dicionários de Viterbo, da Academia de Ciências de Lisboa, mas, aparentemente, sem verve tão crítica.

parecem não ter sabido latim, deram tractos á imaginação para derivarem a palavra já do francez *caque*, barrica, já do latim, *quasso*, *quassa ola!* [...] (DV)

CACABORRADA, *s. f.* (De *caca e borrada*, evidentemente. **Não é pois necessario dar tractos á imaginação** para derivar a palavra de *cueca borrada*, **como se faz no Dicionario de Moraes**. Ha outras expressões chulas do mesmo genero – é uma *merda cagada*, etc.) Baboseira, desproposito. [...] (DV)

O “Plano” de Caldas Aulete redime o autor Antonio de Moraes Silva das responsabilidades sobre os equívocos do dicionário que leva o seu nome. Segundo ele, seriam incorreções adicionadas postumamente. Ao utilizar os dicionários de Lacerda, de Roquete e de Moraes para traçar as imperfeições que pretendia corrigir, afirma tê-los escolhido por serem os melhormente reputados. Não inclui, portanto, Solano Constâncio ou Domingos Vieira entre esses. Afora essas considerações, CA não se refere às obras precedentes como ponto de apoio ou de discórdia. Os dicionários de Bluteau e Moraes são, raras vezes, trazidos à microestrutura como fonte de abonação (cf. *aba*, *bojo*, *estável*). Essa postura de construir algo sobre um “plano novo” reflete-se nos termos do Brasil, cuja redação não segue a cartilha de MS.

O único dicionário utilizado como fonte de abonação para as acepções de MS é o de Bluteau, especialmente (ou apenas) em redações de lavra das primeiras edições. Os editores de MS, por sua vez, valem-se da celebridade e não deixam de valorizar a obra que editam, seja pela utilização que dela fazem, seja censurando a concorrência.

Em MS5 lê-se:

[...] houve porém o cuidado de ter sempre reserva no que a arte etimológica tem de indefinido, arbitrario e conjectural, para se darem só as origens legitimadas, ou quando muito as verossímeis, **fugindo-se assim de uma ridicula ostentação emprestada em vãs etimologias, as quais o público sabe por experiência recente que apenas lhe servem de divertimento**. [a “experiência recente” é SC]

Em MS7:

[...] o favor de que durante meio século tem gozado a obra do sábio lexicólogo não diminuiu, apesar da publicação d’outros dicionários da nossa língua, dos nomes justamente acreditados de seus autores e do interesse que ainda em geral desperta tudo o que é novo.

Não será difícil descobrir o motivo da preferência dada contudo a este dicionário.

[...]

A obra de Moraes tornou-se assim um livro novo e **ficou sendo a base essencial de todos os dicionários portugueses depois dele até hoje aparecidos**; nenhum desses trabalhos tem o caráter original do *Vocabulário* de Bluteau e do *Dicionário* do seu digno continuador e melhorador, **embora todos tenham contribuído, de um modo muito louvável, graças ao mérito de seus autores, para o progresso da lexicologia portuguesa**.

Em MS8:

[...] este é ainda hoje o primeiro Dicionário da nossa língua, o seu mais rico tesouro, **não obstante o merecimento incontestável de alguns trabalhos, que sobretudo nos últimos anos têm enriquecido a lexicografia portuguesa.** Uma razão, porém, tem principalmente concorrido para que ele mantenha a sua superioridade. **Os novos concorrentes, tendo bebido quase que exclusivamente nesta fonte, e querendo disfarçar essa origem, deixaram em seus trabalhos lacunas importantíssimas** já eliminando muitos termos, já restringindo muitas significações, já cortando os exemplos constantemente aduzidos de numerosos escritores, portugueses e brasileiros, em que o Moraes se apoia [...].

O fato é que MS, citado ou não pelos demais dicionários, é fonte de referência. No que se refere ao registro de termos brasileiros, é, ao que parece, a única fonte, à exceção de CA.

3.3 Macro e microestrutura dos dicionários de Moraes e de Aulete

Os dicionários MS e CA serão mais detidamente observados devido à relevância destas duas obras para o estudo dos brasileirismos, seja pelo registro de novas informações, seja pelo fato de proporem definições com certo grau de inovação. A importância desses dois títulos está relacionada ainda ao aproveitamento que fazem dos dicionários de brasileirismos, como se constata no cotejo desses títulos.

Apesar de ter sido estruturado a partir do *Vocabulário* de Bluteau, a reforma e o acrescentamento do dicionário de Moraes trazem modificações consideráveis, aqui resumidas a partir de análise feita por Telmo Verdelho.¹⁸⁸ Quanto à macroestrutura, foram eliminadas aproximadamente 16.000 entradas, especialmente as de caráter enciclopédico, onomástico e histórico, e adicionadas 22.000. Quanto à microestrutura, cerca da metade das informações é recuperada do *Vocabulário*, mas com intensa reelaboração, seja em acréscimo e subtração de dados, reescritura das definições e redesenho do estilo como um todo. O caráter bilíngue é completamente eliminado, tanto em traduções de termos e sentidos quanto em exemplificação. Há tentativas bem-sucedidas de simplificação e padronização ortográfica. A incorporação de técnicas lexicográficas mais modernas resulta em artigos marcados pela sobriedade, pela codificação e integração de conteúdo gramatical, pela sistematização de abreviaturas, inclusive para as fontes utilizadas como citação, pelo esclarecimento dos sentidos e dos usos de modo mais atualizado, pela restauração de certas construções antigas

¹⁸⁸ VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna.

ou em desuso. Assim, uma breve consulta ao Morais 1789, de apenas dois tomos, deixa claro que não é uma nova versão do *Vocabulário* de Bluteau, com oito.

A microestrutura nas subseqüentes edições de MS, especialmente a partir de MS5, torna mais perceptíveis as diferenças entre as competências de informação: etimológicas, semasiológicas, marcas de uso, abonações e exemplos e, de certo modo, as informações extralinguísticas.

A evolução das modificações por edição, para além dos brasileirismos, é matéria para outro estudo. Aqui, apenas se ilustra a conjugação entre continuidade e inovação – tendo como elementos de cotejo MS4 e MS9 –, no acréscimo de etimologias (cf. *múrice* e *muscado*) e na introdução de um discurso científico (cf. *múrice*), na separação em acepções de sentidos próprios e figurados (cf. *muscado*) e em definições mais concisas, que revelam certo assenhoreamento do significado da coisa descrita (cf. *tapioca*).

As informações extralinguísticas em *múrice*, cujo trecho final diz mais das praias do Rio de Janeiro do que do molusco, é um exemplo de manutenção do “sabor original” das primeiras edições. As digressões de caráter enciclopédico, as abonações e exemplos de uso são menos frequentes nas unidades lexicais brasileiras cujo primeiro registro dá-se a partir de MS7.¹⁸⁹

MS4	MS9
MÚRICE, s. masc. Caracol marinho, que tem uma como veyra esbranquiçada, <u>cujo liquido applicado á lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem: no Rio de Janeiro os há na praya detrás de S. Bento, e na do Villagaillon. Cam. “o múrice excellente”:</u> “a tinta que no murice se cria” Id. (<i>Feijó</i> das especies perdidas).	MÚRICE, s. m. (do Lat. <i>murex, icis</i>) Mollusco gasteropode, tambem chamado caracol marinho. Tem uma como veia esbranquiçada, <u>cujo liquido applicado á lençaria se fez verde, e depois purpureo, e não se tira com a lavagem: no Rio de Janeiro há-os na praya detraz de S. Bento, e em Villagaillon. Cam. “o murice excellente”:</u> “a tinta que no <i>murice</i> se cria” Id. (<i>Feijó</i> das especies perdidas).
MUSCADO, adj. Almiscarado, fig. cheiroso, aromatico: v.g. <i>a noz muscada</i> , vugo <i>nos mnoscada</i> , noz oleosa aromatica bem conhecida, <u>que os nossos escriptores de coisas da India chamão simplesmente noz</u> , a <i>massa</i> é parte dela.	MUSCÁDO, A, adj. (do Lat. <i>muscalus, a, um; do Arab. Mosco, almiscar</i>) Almiscarado. § (fig.) Cheiroso, aromatico: v. g. <i>a noz muscada</i> , vulgo por erro <i>noz moscada</i> ; nos oleosa, aromatica, <u>que os nossos escriptores de cousas da India chamam simplesmente noz.</u> V. Noz.
TAPIÓCA, s. f. Bolo feito da gomma de mandiôca meyo seca, cosido no forno de cozer a farinha: bolo de tapioca; <u>farinha de tapioca</u> ; i. é, da dita massa, ou gomma que assenta na manipueira espremida da mandioca relada [sic] ou moida.	TAPIÓCA, s. f. Fecula alimenticia, que se extrae da raiz da mandioca ou da yucca, e tem a fôrma de granulos: diz-se geralmente <u>farinha de tapioca.</u>

¹⁸⁹ Ver também “Anexo D”. Sobre informações enciclopédicas em MS8 e MS9, ver 5.5.2.

No texto dedicado “Ao leitor benevolo”, na edição de 1813, Morais diz que, além de “alimpar” o dicionário dos erros, ampliou-o em artigos e “novos entendimentos dos vocábulos, e frases”, a partir de recopilações do *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*, do *Elucidário* de Viterbo, da leitura de textos impressos após 1793, da conferência de textos mais antigos “capitães da nossa Língua” e fez ainda a adição de palavras constantes apenas em documentos manuscritos. Não há qualquer referência aos termos aprendidos nas terras brasileiras.¹⁹⁰ E assim acontecerá nas duas edições subsequentes (1823 e 1831), que, segundo consta em seus textos de apresentação, reproduzem o trabalho continuamente feito por Morais. Efetivamente são adicionadas informações relativas ao léxico e à realidade brasileira, com ou sem marcas diatópicas (cf. *tapioca*). Comentários esparsos em alguns verbetes, introduzidos em MS4, demonstram a colaboração pessoal do seu autor no registro de conteúdos aprendidos no dia a dia, não em leituras. Esses comentários referem-se a pronúncia (*tapera*), a usos em contexto (“fazer tabu”, em *tabu*), a informações extralinguísticas (*massapé* e *múrice*), manutenção de certos usos, ao que parece, extintos em Portugal, (*tangomão*), exemplos com elementos tipicamente brasileiros (*tijolo* e *caixeta*). Verifica-se, por esses verbetes, o empenho em acrescentar dados relativos ao Brasil, de caracteres linguísticos ou extralinguísticos.

CAIXETA, s. f. Caixa pequena, para doces, papeis, etc. *Doce de --*: de fruta em massa, como a **guaiabada**, o de **araçá**, que se coalha e guarda em caixetas de madeira branca, dita **páo de caixeta, ou paraiba**. (MS4)

MAÇAPÉ, s. m. [...] §. Terra fina, mui gommosa, boa para plantar canas d’assucar, por ser terra fresca; é mui pesada, e retém muito a humidade, quase sempre preta; **outros maçapés há vermelhos, no Brasil, e principalmente na Baiya**. (MS4)

TABÚ, s. m. O assucar, que não coalhou bem na fôrma, nem entesta para se lhe botar barro, e purga-lo, por ser queimado ao apurar, ou mal limpo: **fazer tabú**. fr. Brasil. dos Engenhos. (MS4)

TANGOMÃO, s. m. O que na costa de Africa vai ao sertão resgatar [...] **Aqui no Brasil ainda dizem do** que se furtou, e levou a seu dono, que deu o *tàngoro màngoro* nelle. [...] (MS4)

TÁPERA, s. f. Brasil. Quinta, ou fazenda, que algum tempo se grangeou, e que depois se abandona, e deixa fazer mato, ou sapezal, por cansada. Nos Serm. do Vieira, grande mestre da língua dos Índios, tom. 12. fol. 219 veí accentuado *tápera*: mas **sempre ouvi dizerem no Brasil tapéra**: “o Engenho Tapéra”. (MS4)

¹⁹⁰ Segundo Clotilde Murakawa (“Brasileirismo”), Antônio de Morais Silva teria adicionado muitas palavras da terminologia açucareira na edição de 1813 (MS2), muito provavelmente aprendidas no Brasil. Naideia Nunes Nunes (*O açúcar de cana na ilha da Madeira...*) menciona a intensa migração de termos e de tecnologias da produção açucareira entre Brasil, América, Ilha da Madeira, Espanha, São Tomé, sendo, em alguns casos, difícil a precisão quanto à “nacionalidade” do termo. Muitos deles, no entanto, têm como fonte de registro no Brasil o dicionário de Morais.

TIJÓLO, s. m. Pedaco de barro [...] §. *Tijolo de guaiabada*, ou *doce de tijolo*; i. é, feito de **guaiabas**, de figura do tijolo; **tijolo d'arasá**, de limão, ou da casca do azedo preparada. (MS4)

A técnica metalexical de Moraes certamente contribui para o fato de o dicionarista majoritariamente avocar a si informações contidas nos verbetes. A ausência de textos abonatórios pode ser lida como um modo de dar como certo o uso, sem recorrer a autoridades que o confirmem. As edições subsequentes, MS5 e MS6, não mais com colaboração de Moraes,¹⁹¹ mantêm as suas observações, mas pouco ou nada acrescentam. Além de MS4, as três últimas edições do século XIX¹⁹² são as que efetivamente concorrem para a ampliação do léxico brasileiro no dicionário de Moraes. Essa contribuição passa a ser explicitada como parte do projeto editorial, que leva em conta o público do Brasil, conforme exposto anteriormente.

Percebe-se, ainda, nessas três últimas edições, a manutenção da redação inaugural. Dos exemplos citados, *caixeta*, *massapé* e *tabu* mantêm-se quase idênticos (alterou-se a grafia e incluiu-se a fonte *Chronica Manoelina de Damião de Goes* para a entrada *caixeta*). A observação sobre o uso da expressão “dar tângoro mângoro” (em *tangomão*) é suprimida. Em *tijolo*, o texto da definição é alterado em termos de estrutura (suprime-se a fórmula “i. é”, repete-se o substantivo “doce”, implícito na definição de MS4, desdobra-se o substantivo “figura” nos seus elementos constituintes “cor” e “forma” e, por fim, acrescenta-se o sinônimo “goiabada”). Em *tapera*, a informação acerca da pronúncia, que contrapõe a lição do padre Vieira com a vivência de Moraes, é mantida, mas o discurso de primeira pessoa, representativo do lexicógrafo brasileiro (“mas sempre ouvi dizerem no Brasil”) é substituído pelo discurso de terceira pessoa, indeterminado (“de ordinario pronuncia-se”).¹⁹³

TAPÉRA, s. f. (t. do Brazil) Fazenda, que algum tempo se grangeou, e que depois se abandonou, e deixou fazer matto, ou sapezal, por cançada. § *Nos Serm. de Vieira*. (grande mestre da lingua dos Indios) 12. f. 219. vem accentuado tapéra; mas **de ordinario pronuncia-se** tapéra. (MS9)

TIJÓLO, s. m. Pedaco de barro [...] §. *Tijolo de guaiabada*, ou *doce de tijolo*; doce de guaiaba, da cór e as vezes da forma do tijolo; goiabada: diz-se tambem *tijolo de araçá*, de limão, etc. (MS9)

¹⁹¹ Apesar de os editores dizerem que se valeram de um suposto manuscrito deixado pelo autor (ver 3.1.1 e Anexo A).

¹⁹² MS7, MS8 e MS9, pressupondo-se que a nona tenha sido publicada na década de 1890.

¹⁹³ A autoridade do padre Vieira e de outros clássicos são chamadas a atestar a melhor pronúncia em termos da língua comum (COBARDE [...] Alguns dizem *covarde*, e assim Vieira e Bern.)

Além disso, o par de hiperônimos “quinta ou fazenda” (que iniciam a definição de *tapera* em MS4) reduz-se a “fazenda” (em MS9). A supressão do hiperônimo “quinta” acaba por tornar a definição mais próxima do português brasileiro, visto que *quinta*, atualmente, remete às casas de campo apenas de Portugal e que *fazenda* é assinalada como acepção brasileira “extensa propriedade rural...” até MS8. CA e MS9 desfazem a marcação diatópica de tal acepção. Como se vê, não é muito simples identificar usos de brasileirismos pelos dicionários.

FAZÈNDA, s. f. [...] § No Brasil terras cultivadas, de lavoura ou de gado: uma fazenda de cannas, de gado, d’algodão. (MS4)

FAZÈNDA, s. f. [...] Bens, terras (que se preparam, amanham, etc.) [...] § *Fazenda*; propriedade rustica. § *it.* no Brazil, extensa propriedade rural, herdade, que se destina a grande cultura: fazenda de *cannas, de algodão, de café*, etc. Há também *fazendas* de criação de gado, e essas no Rio Grande do Sul chamam-se estancias. § [...] (MS8)

A apresentação dos verbetes de CA é feita segundo técnicas modernizadas, incorporando as melhorias que se vinham observando em dicionários portugueses e franceses, no que se refere à padronização gráfica, à distribuição dos campos dentro dos verbetes e ao tratamento das informações em cada um desses campos (ortoépia, definições, etimologia, abonações e exemplos de uso, localização de regionalismo, de área do conhecimento, de níveis de uso, conteúdos gramaticais).

Informações que excedem o conteúdo definitório são colocadas ao final da acepção, entre colchetes¹⁹⁴ (cf. *zambo* e *bororé*). Esse recurso é utilizado, com parcimônia, para indicar sinonímias, aparentemente duvidosas, como em *bororé*, ou de estatuto diverso, como no caso de *ungui*, em que os sinônimos elencados têm uso restrito dentro do Brasil.

BORORÉ [...] s. m. veneno com que os indigenas do Brazil envenenam as frechas. [**É extrahido das raizes de varias plantas. Parece ser o mesmo que curara.**] (CA)

ZAMBO [...] *adj.* e *s. m.* diz-se em certos pontos da America dos individuos que nascem de negro e mulata ou de negro e indigena. [**Têm a cor negro-acobreada.**] (CA)

UNGUI [...] s. m. (brazil.) comida composta de farinha de pau, feijões, etc. [**Em algumas provincias brasileiras tem o nome de tuto e n’outros o de passoca.**] (CA)

¹⁹⁴ Na “Explicação dos signaes” lê-se “[] Serve para encerrar as explicações destinadas a esclarecer o texto.” (CA, p. 1.911)

A etimologia é transcrita ao final do verbete, com visualização marcada de modo a não se confundir com outras informações do artigo (sempre antecedida de “F.” que significa “formação”, esclarece a sua lista das abreviaturas). Percebe-se, assim, a efetiva separação entre etimologia e definição semântica (ver *enxerca*, *infra*).

Estas são concisas, depuradas de informações que excedem a natureza definitória (têm poucos dados de caráter enciclopédico). Os verbetes a seguir, de MS4, CA e MS9, quando cotejados, exemplificam o plano de CA.

Em *enxerca*, MS4 e MS9¹⁹⁵ trazem dados de interesse acerca do processo de sua produção, mas não fica esclarecido se o que palavra nomeia é a carne assim preparada, o processo de produção (o resultado da ação de enxercar) ou o modo pelo qual é comercializada, e se é o mesmo que *charque*. A redação do verbete sobreleva a discussão acerca das formas *enxerca* ou *enxerga*. A discussão é motivada pelo fato de Duarte Nunes de Leão, na *Ortographia da lingua portugueza* (no verbete lê-se "Diz Leão, *Ortogr.*") dizer que o correto seria *enxerga*. Esse autor é referência constante de Moraes, no dicionário e na "Epítome da gramática portugueza". Em MS9, a enumeração de abonações ao final do texto serve para justificar a forma com "c". Esse é um dos casos em que a manutenção da redação original compromete a clareza da informação.

Caldas Aulete ensina que é palavra de origem árabe (ver *enxercar*), o que, aliás, não é sugerido por MS ou pelos outros dicionários. A definição diz que *enxerca* é o processo de produção:¹⁹⁶ “operação que...” e que a locução “vender à enxerca” refere-se ao modo como a carne de enxerca era vendida “a olho”, não “a peso”.

MS4	CA	MS9
ENXÈRCA, s. f. Diz Leão, <i>Ortogr. f. 324</i> . que é erro, e deve escrever-se <i>enxerga</i> : vender á enxerga, e não á enxerca. V. Enxerga. Todavia é certo, que se dizia enxercar carne, ou fazè-la em mantas, e tassalhos, e secá-la ao Sol (ao que chamam ainda agora, no Sul do Brasil, Xarque), e que	ENXERCA [...], s. f. (ant.) operação que consistia em retalhar a carne das rezes e pol-a a secar ao sol ou ao fumeiro: Carne de <i>enxerca</i> . Vender á <i>enxerca</i> (ant.) vender a olho (porque a carne de enxerca não se vendia a peso mas sim a olho). F. contr. de <i>Enxercar+a</i> .	ENXÈRCA, s. f. Diz Leão, <i>Ortogr. f. 324</i> . que é erro, e deve escrever-se <i>enxerga</i> : vender á enxerga, e não á enxerca. V. Enxerga. Todavia, é certo, que se dizia <i>enxercar carne</i> , ou fazè-la em mantas, e tassalhos, e seccal-a ao sol, o que ainda hoje no Brazil se chama <i>xarque</i> . Essa carne,

¹⁹⁵ Os demais dicionários tratam *enxerca* como forma alternativa a *enxerga*.

¹⁹⁶ Quando se confronta *enxerca* e *enxercar* com *charque* (“preparação da carne seca para exportação”) e *charquear* (“fazer o charque”) questiona-se a correção da definição de *enxerca* e de *charque*, como “operação” e “preparação”. Talvez fosse o produto apenas: carne preparada segundo o processo descrito. Tais questionamentos têm como fito pensar a coerência da obra em si, e não de acordo com a realidade e com os contextos de uso da palavra fora dos dicionários.

<p>esta carne por ser desossada, e quebrar do que pesaria em fresca, quem a faz em pequenas porções, e para doentes ainda hoje a vende a olho, e não a peso. V. Enxercar, e Enxerqueira. “Carne de talho, ou de enxerqua” [...]</p>		<p>quando retalhada em pequenas porções, era talvez vendida a olho, e não a peso. V. Enxercar e Enxerqueira. “Carne de talho, ou de <i>enxerqua</i>”.</p> <p><i>Foral de el-rei D. Manuel.</i> “carne de <i>enxerca</i>” <i>Foral de Nomão.</i> “evitar a <i>enxerqua</i>” <i>Carta de D. João III</i>, citados no <i>Elucid. art. Enxerqua.</i> V. <i>Synops. Chron. T. 1. p. 109.</i> onde se cita <i>enxerca</i>, do. c. 49 dos <i>Art. das Sisas</i>, de 27 de <i>Setemb. de 1476. Leão</i>, <i>Collecç. f. 497. 8. traz a olho, ou á enxerga.</i></p>
<p>ENXÉRCAR, v. at. Fazer carne de boi em mantas, e retalhos, e seca-la; fazer xarque ao Sol. Ord. Af. 2. 74. 7. “Carne para seu comer, para vender, ou enxercar” V. Enxerqueira.</p>	<p>ENXERCAR [...] v. tr. e intr. fazer a enxerca da carne. [No Brazil diz-se <i>charquear</i>]. F. ar. <i>Charraca</i>, seccar ao sol a carne cortada.</p>	<p>ENXÉRCAR, v. trans. Fazer carne de boi em mantas e retalhos, e depois de a passar por sal, secca-la ao sol, ou ao fumo; <i>fazer xarque</i> ao sol. Ord. Af. 2. 74. 7. “Carne para seu comer, para vender, ou <i>enxercar</i>” V. Enxerqueira e Enxerca.</p>

A palavra *urupema* ou *urupemba* é um bom exemplo de enxugamento das informações. Em MS9, não constam etimologia e grande parte das informações enciclopédicas contidas em MS4. Comparando com CA, em MS9 ainda há informações sobre a utilização do “tecido” que ficam em segundo plano para o esclarecimento do significado. A definição de CA traz a forma “uruba”, que também nomeia a planta que fornece a matéria-prima para o tecido e está próxima na nominata. Apenas uma das utilidades do “tecido de palha” é selecionado por CA para elucidar o significado (“peneirar a farinha de mandioca”).

MS4	CA	MS9
<p>URUPÉMA, ou URUPÉMBA, s. f. Brasil. Tecido de palha chamada urú com vãosinhos, serve de peneirar a massa da mandioca, para a afinar, e cozer-se depois: ha outras de palha, ou cana brava (ubá) mais largas, e fortes, da feição de esteiras, que em vez das gelosias, ou rotulas tapão as janelas, e portas das casas pobres. (de <i>urú</i>, nome da palha de que ellas se fazem; subst. anteposto a <i>pema</i>, tecido, crivo de <i>urú</i>). Do mesmo <i>urú</i> se</p>	<p>URUPEMA [...] s. f. (bot.) tecido de palha de canna brava ou uruba que serve para peneirar a farinha de mandioca. (CA)</p>	<p>URUPÈMA, ou – PÈMBA, s. f. (t. do Brazil) Tecido largo, feito de taquara ou canna brava, com que se peneira a mandioca: é também usado nas portas e janelas das casas pobres, a modo de rotula ou gelosia.</p>

tecem assentos de cadeiras, e canapés, mais grosseiros que os da palhinha da Índia. (MS4)		
-------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

3.3.1 Aulete, Morais e os dicionários de brasileirismos

A partir de 1850, os dicionaristas de língua portuguesa tinham à disposição dois dicionários de brasileirismos, o de Coruja e o de Braz da Costa Rubim. A partir da década de 1880, mais duas significativas recolhas do léxico também poderiam ser compulsadas para esclarecimento e acréscimo de significados e acepções brasileiros, o de Beaurepaire-Rohan e o de Macedo Soares (em parte). CA e MS se serviram desses trabalhos.¹⁹⁷

É notório o grande número de termos do Rio Grande do Sul na nominata de CA. Entre todos os termos gaúchos localizados neste dicionário, 127 (entre as 382 ocorrências de termos brasileiros em todo o dicionário, de “a” até “z”)¹⁹⁸ estão registrados na *Coleção de vocábulos* de Coruja. Ressalte-se que CA não necessariamente usa a marca diatópica relativa ao Rio Grande do Sul. O conhecimento de mundo acerca do léxico gaúcho (termos de hipiatria, de pecuária, geográficos) é que sinalizou para essa possibilidade. O trecho utilizado como amostra (compreendido pela letra “c”) não reflete a realidade de CA no que se refere ao confronto com o trabalho de Coruja.

A tabela a seguir permite identificar se CA e MS⁷ trouxeram dados novos ou simplesmente se valeram dos léxicos regionalistas brasileiros. Ela foi construída obedecendo aos seguintes critérios:¹⁹⁹

- todas as unidades lexicais brasileiras cujo primeiro registro em dicionário de língua tenha sido feito por MS⁷ ou por CA foram incluídas e assinaladas como tal na coluna respectiva;
- todas as unidades lexicais dos dicionários de Rubim e de Coruja foram listadas, a exceção do que já integrasse os dicionários gerais publicados antes deles (é o caso de *carioca*, registrado

¹⁹⁷ Como parecia ser a praxe na época, não foi dado o devido crédito a essas fontes. A lista de abreviaturas contém os títulos com que se autorizam o uso das palavras, e não as fontes de consulta para elaboração da obra. Cândido de Figueiredo também se valerá imensamente dessas fontes, dando-lhes crédito nas páginas de abertura (“Chave de sinais e abreviaturas” e “Preâmbulo”) e no texto dos verbetes.

¹⁹⁸ Localizados a partir de varreduras eletrônicas, permitidas pelo *site Hathi Trust’s Digital Libray* (ver nota 216).

¹⁹⁹ Não foram considerados os termos de zoologia e de botânica e os nomes de povos indígenas brasileiros. Ver comentários em 4.3.

por EF2, e de *cambão, canjica, cargueiro, cavahada, charque, congonha*, consignados nas primeiras edições de MS);

- as palavras ou acepções desconsideradas por CA ou por MS7 foram, invariavelmente, recuperadas em MS8, provavelmente pela intermediação do *Diccionario* de Rohan, como se verá adiante; como todas as acepções e verbetes de MS7 e CA foram mantidas nos dicionários subsequentes, torna-se redundante preenchê-las; por isso, há várias linhas vazias nas duas últimas colunas.

Tabela 1 - Comparação entre dicionários de brasileirismos e dicionários generalistas

Verbetes	Rubim	Coruja	MS7	CA	Rohan	MS8
cabanada	Rubim	-	MS7	-		
cabano	Rubim	-	MS7	-		
caboré	Rubim		MS7	-		
cabos-brancos	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
cabrestear	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
caçamba	Rubim	-	MS7	CA		
caçula	Rubim	-	MS7	-		
cadena	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
cafezista	-	-	MS7	CA		
cafuza/o	Rubim	-	MS7			
caiporismo	-	-	-	CA		
calcanha	Rubim	-	MS7	-		
caldeirão	Rubim	Coruja	MS7	CA		
caldo	Rubim	-	MS7	-		
caliz	Rubim	-	MS7	CA		
calombo	Rubim	-	MS7	CA		
calumbá	Rubim	-	MS7	CA		
cambraia	Rubim	-	MS7	CA		
campear	-	Coruja	-	CA		
campeiro	-	Coruja	-	CA		
campo dobrado	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
cancha	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
candeeiro	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
canga	Rubim	-	MS7	-		
canhada	-	Coruja	-	-	Rohan	MS9
canjiquinha	Rubim	-	MS7	-		
canzá	Rubim	-	MS7	-		
capadócio	Rubim	-	MS7	-		
capanga	Rubim	-	MS7	CA		
capão	Rubim	Coruja	-	CA		
capixaba	-	-	MS7	-		
capoeirada	-	-	MS7	-		
capoeiro	-	-	nb	CA		
caracu	Rubim	Coruja	MS7	CA		
carajé	Rubim	-	MS7	-		
caraminguás	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
caraúno	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
cariboca	Rubim	-	MS7	-		
carnear	Rubim	Coruja	MS7	CA		
carona	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8

cascardo	Rubim	-	-	-	-	-
cata	Rubim	-	nb	-	Rohan	nb
catanduba	Rubim	-	MS7	-		
caterineta	Rubim	-	MS7	-		
cativo	Rubim	-	MS7	-		
catucar	Rubim	-	MS7	-		
catupé	Rubim	-	MS7	-		
cauim	Rubim	-	MS7	CA		
cavalinho	Rubim	Coruja	MS7	CA		
caxirenguengue	-	Coruja	-	-	Rohan	MS9 cacerengue
chacarinha	Rubim	-	MS7	-		
champrão	Rubim	-	MS7	-		
changueiro	-	Coruja	-	CA	Rohan	MS8
chapeado	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
charqueada	Rubim	Coruja	MS7	nb		
chasqueiro	-	Coruja	-	CA		
chila	Rubim	-	MS7	-		
chilindrão	Rubim	-	-	-	-	-
chimarrão	Rubim	Coruja	MS7	-		
chimbé	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
china	Rubim	-	MS7	-		
chiqueiro (acp.)	-	Coruja	-	-	Rohan	MS9
chiripá	Rubim	Coruja	MS7	-		
chucro	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
churrasco	-	Coruja	-	CA		
cilhão	-	Coruja	-	CA		
cincerro	-	Coruja	-	CA		
cincha	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
cinchador	-	Coruja	-	-	Rohan	MS9
cinchão	-	Coruja	-	-	Rohan	MS9
cinchar	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
cinto de couro	-	Coruja	-	-	Rohan	-
cipoar	Rubim	-	MS7	CA		
clina	-	Coruja	-	-	Rohan	nb
cocheira	Rubim	-	MS7	-		
cogotilho	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
coivara	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
coivarar	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
cola (cauda)	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
colhera	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
colorado	-	Coruja	-	-	Rohan	-
congonhar	-	Coruja	-	-	Rohan	MS8
contrabuzina	-	Coruja	-		Rohan	-
copas	-	Coruja	-	CA		
copé	Rubim	-	MS7	CA		
corá	Rubim	-	MS7	-		
corcovear	-	Coruja	nb	nb		
cornear	-	Coruja	-	-	Rohan	-
corneta	-	Coruja	-	nb	Rohan	MS8
corta-jaca	Rubim	-	MS7			
cortiço	-	-	-	CA		
coscós	-	Coruja	nb	CA		
cotejo	-	Coruja	-	-	-	-
couce – bois de couce	-	Coruja	-	-	-	-
couceiro	-	Coruja	-	-	Rohan	-
courear	-	Coruja	-	-	Roahn	MS8
coxilha	Rubim	Coruja	MS7	-		

coxinilho	Rubim	Coruja	MS7	CA		
cris	-	-	MS7	-		
cuchara	-	Coruja	-	CA		
cuidaru	Rubim	-	MS7	-		
cuera	-	Coruja	-	-	Rohan	-
cuim	Rubim	-	MS7	-		
curabi	Rubim	-	MS7	-		
curare	-	-	-	CA		
curi	Rubim	-	MS7	-		
cuxá	Rubim	-	MS7	-		
sertanista	Rubim	-	MS7	-		

Os editores de CA elegem apenas alguns verbetes e acepções dentre os sugeridos por Coruja. Já MS7 tem o *Vocabulário* de Rubim como guia para os acréscimos de “termos novos usados no Brasil”. O cotejo entre as definições de Rubim e as de MS7 mostra que elas são praticamente idênticas, pelo menos no trecho estudado.

Os adicionamentos de CA e de MS7 estão em negrito e restringem-se a seis verbetes (*cafezista, caiporismo, capixaba, capoeirada, capoeiro, curare*), e duas acepções (a de *cortiço* e *cris*). Desse conjunto, apenas *cascudo, chilindrão* e *corcovear* estão ausentes de MS8 e MS9 e também foram ignorados por Rohan.

Em MS7 há pelo menos uma citação ao dicionário de Braz da Costa Rubim, no verbete *orijones*.²⁰⁰ Em CA e em MS8 ou MS9, não se avistou qualquer referência explícita a dicionários de brasileirismos.

Dentre as novas unidades léxicas brasileiras registradas em MS9, mais de 70 são encontradas nos levantamentos de Beurepaire-Rohan e de Macedo Soares (no trecho publicado nos *Annaes da Biblioteca Nacional*) com os mesmos significados e, invariavelmente, com textos muito similares aos do *Diccionario* de Rohan. Do conjunto de novas entradas e acepções de MS9, apenas 13 não estão nessas duas recolhas de brasileirismos. Essas semelhanças levam a crer no fato de os editores de MS terem-se valido do trabalho feito pelo dicionarista brasileiro. Nos exemplos a seguir, são negritadas as coincidências textuais que apontam para a provável consulta à fonte de brasileirismos.

Beurepaire-Rohan	MS8
CAFIFE, s. m. (<i>Pern.</i>) serie de contrariedades : Ha tempos que vivo em constante <i>Cafife</i> . Estou em maré de <i>cafe</i> . Deu-me o <i>Cafife</i> , e não me é possível alcançar o que desejo (Meira). Morrinha .	CAFIFE, s. m. (t. de Pernambuco) Serie de contrariedades : <i>está em maré de cafe</i> . § (it.) Morrinha, doença que torna o homem incapaz de qualquer trabalho .

²⁰⁰ “ORIJONES, s. m. pl. ant. Pecegos seccos ao sol, e feitos em doce. *Blut*. § *No *Vocabulário Brasileiro de Braz da Costa Rubim* acha-se *origones* com a mesma significação, como t. us.”

<p>molestia pertinaz, que torna o homem incapaz de qualquer serviço. <i>Etym.</i> A esse respeito, apenas farei observar que na lingua bunda <i>Cafife</i> é o nome do sarampo (Capello e Ivens).</p>	
<p>CANCHA, s. m. (R. Gr. do S.) logar nas charqueadas onde matam o boi. Applicam o mesmo nome ao logar onde o parreheiro está acostumado a correr. Estar na sua Cancha é estar em lugar conhecido, onde é mais forte, etc. (Coruja). <i>Etym.</i> É termo quichua usual no Chile, com a mesma significação que tem na nossa província (Zorob. Rodrigues).</p>	<p>CÂNCHA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Logar onde nas charqueadas matam o boi. § (it.) Logar onde o parreheiro está acostumado a correr. § <i>Estar na sua cancha; estar em lugar conhecido, onde é mais forte.</i></p>
<p>[Definições semelhantes à de Coruja.]</p>	
<p>CAFAJESTE, s. m. homem da infima plebe e de pouco ou nenhum apreço. <i>Obs.</i> Tanto em Pernambuco, como em S. Paulo, dão os estudantes das facultades de direito esse nome a qualquer individuo sem prestimo.</p>	<p>CAFAJESTE, s. m. (t. do Brazil) Homem de infima plebe, sem consideração alguma. § (it.) Homem sem prestimo.</p>
<p>CAMPO, s. m. nome que dão aos descampados mais ou menos accidentados, formando extensas pastagens apropriadas à criação de gados. A sua vegetação consiste em gramineas rasteiras e outras plantas herbáceas. Corresponde ao que em portuguez chamam <i>Campina</i> (Aulete). O campo contrapõe-se sempre á matta: Prefiro caçar perdizes no campo, do que macucos na <i>matta</i>. A minha fazenda compõe-se de mattas, donde tiro boas madeiras de construção; e de campos onde crio o meu gado. <i>Campo dobrado</i> é aquelle que se desenvolve em terreno ondulado; campo coberto é aquelle que, offerecendo entretanto pastagens para os gados, está entremeado de arvoredos escasso. A esta especie no Paraná e R. Gr. do S. chamam <i>fachina</i> ou <i>fachinal</i>. Ainda há o <i>campo natural</i> e o <i>campo artificial</i>; aquelle é o campo primitivo; este o que se forma depois da derrubada de uma matta. <i>Obs.</i> Em todas as mais acepções, a palavra <i>campo</i> tem geralmente no Brazil as mesmas significações que em Portugal.</p>	<p>CÂMPO, s. m. [...] Espaço de terra baixa, plana ou pouco accidentada sem edificios, nem arvoredos: consistindo a sua vegetação em gramineas rasteiras e outras plantas herbáceas; terras de lavoura ou pastagem. § No Brazil o campo contrapõe-se á matta: esta fazenda compõe-se de mattos d'onde se extrahem boas madeiras de construção, e de campos, onde se cria optimo gado. § it. <i>Campo dobrado; aquelle cujo terreno é ondulado. Campo coberto; aquelle que é intermeado de algum arvoredos, offerecendo entretanto boas pastagens.</i> § it. <i>Campo natural; o primitivo; o que sempre foi campo. Campo artificial; o que se forma depois de derrubada a matta.</i> § [...]</p>
<p>CAMUCIM, s. m. (<i>Campos</i>) especie de boião feito de barro preto. <i>Etym.</i> De <i>Camuci</i>, nome tupi de qualquer pote (<i>Voc. Braz.</i>).</p>	<p>CAMUCÍM, s. m. (t. do Brazil) Especie de boião feito de barro preto. (boião = vaso de barro com bojo, azado [próprio] para conservas)</p>
<p>CARAMINGUÁS s. m. pl. (R. Gr. do Sul) cacaréos, badulaques, cousas de pouco valor, que cada um traz consigo em viagem. Nome que por modestia se applica á mobilia de uma casa: O que mais me custa é o transporte dos meus <i>caraminguás</i> para a minha nova habitação. <i>Etym.</i> Do guarani <i>Caramenguá</i>, significando cofre, caixa, etc. Os Tupinambás do Brazil diziam, no mesmo sentido, <i>Caramemoan</i>, e é esse ainda o nome de um rio da Bahia, que figura erradamente nas cartas geographicas com o de <i>Cramimuan</i>.</p>	<p>CARAMINGUÁS, s. m. pl. (t. Rio Grande do Sul, Brazil) Arreios ordinarios e de pouca valia. § Objectos de pequeno valor que cada um traz consigo em viagem. § (fig.) Diz-se por modestia da mobilia de uma casa. [A primeira acepção está consignada no <i>Vocabulário</i> de Coruja.]</p>

O verbete *camucim*, até MS7, tinha outra definição, que privilegiava a função do vaso como urna funerária, entre os índios do Brasil. MS8 define o objeto por seus elementos de composição: “barro preto”.

*CAMMÚCIS, s. m. Vaso grande de barro, onde os Índios do Brasil sepultavam os seus caciques, pondo-os de cócoras.

As informações etimológicas constantes no dicionário de Rohan não são aproveitadas pelos editores de MS8 e MS9. Vejam-se, entre os exemplos anteriormente arrolados, *cafife*, *cancha*, *camucim* e *caraminguás*.

Interessa, todavia, mais que localizar identidades, anotar a edição das acepções propostas por Rohan, o que é parcialmente feito no item 5.4, que desenvolve considerações acerca dos campos semânticos dos brasileirismos.

3.4 Marcas de uso diatópico

Um dos componentes da microestrutura dos dicionários é o conjunto de marcas sociolinguísticas que classificam as unidades lexicais de acordo com a variação cronológica, espacial, social, de áreas do conhecimento e de frequência de uso. Essas marcas estabelecem domínios de norma e de uso, nem sempre coincidentes entre os diferentes dicionários e épocas. A evolução na indicação dessas marcas é pautada pela uniformização no uso de abreviações e pela organização das informações de modo a separar o que é informação periférica²⁰¹ do que é definição. Essas alterações acompanham a o aprimoramento da técnica editorial, utilizada para delimitar com mais nitidez as diferentes informações que compõem o artigo lexicográfico. A pontuação é mais bem aproveitada para separar os vários tipos de notícias (definição, exemplo, sinônimos, locuções, etimologia) que se desvinculam em termos de formatação e de redação. Há também economia no número de caracteres. O foco deste estudo são as modificações por que passam as marcas de uso diatópico.

Como ilustração, visualizemos verbetes de MS4, de CA e de MS9 (representativos quanto a essas modificações). Conteúdos de nível diatópico e diastrático são transferidos do

²⁰¹ Informação periférica: conjunto de informações sobre a acepção que não sejam a definição. As marcas de uso (diatópica, diastrática etc.), as rubricas temáticas (botânica, medicina etc.), a especificação da relação semântica entre as acepções (extensão de sentido, sentido figurado) são exemplos de informações periféricas.

texto definitório para um espaço próprio, no início ou no final da glosa, geralmente com uma fórmula que se repete, abreviada ou não.

MS4	CA	MS9
CAPEBA, s. f. Raiz amarga, que com a de mangirioba dá tintura, ou garapa amargosa usada contra a hydropesia cá no Brasil . § Camarada, amigo na lingua chula do Brasil “ <i>é seu-</i> ”	CAPEBA [...] s. f. (bot. brasil.) arbusto de caule nodoso, cuja raiz é empregada na medicina (...). (Fam.) Camarada, amigo, companheiro (Brazil).	CAPEBA, s. f. Raiz amarga, que, com a de mangirioba, dá tintura, ou garapa amargosa, usada contra a hydropesia no Brasil . § --, s. m. (t. pleb. do Brazil) Camarada, amigo: <i>é seu capeba</i> .
CAPINEIRO, s. m. O que apanha, e vende talvez capim para bestas, e cavallos no Brasil .	CAPINEIRO [...] s. m. (brasil.) o que apanha o capim, o que monda a terra do capim. F. [...]	CAPINEIRO, s. m. (t. do Brazil) O que apanha o capim, o que o vende, o que monda e sacha, e arranca a herva; capinador.
XÁRQUE, s. m. No Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamão ás carnes feitas em mantas, salpicadas de sal, e curadas ao Sol, que transportão para vender; talvez daqui se derivou enxercar, enxercado, enxerqueira , etc.	CHARQUE [...] s. m. (brasil.) preparação da carne secca para exportação. F. [...]	CHÁRQUE, s. m. (t. do Brazil) Carne salgada secca ao sol, preparada em mantas, para exportar: chama-se geralmente <i>carne secca</i> : é genero de grande consumo em todo o Brazil . § <i>Charque de vento</i> ; é o preparado [...]

Na primeira acepção de *capeba*, a redação de MS4 e MS9 é ambígua. O nome da planta e a planta seriam brasileiros ou apenas o seu emprego farmacológico, contra a hidropesia? Ao eleger o início da acepção como campo destinado a dar informações acerca do extrato de uso, CA elimina a ambiguidade. Em *charque*, a expressão “No Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamão” é trocada por “(t. do Brasil)”. Neste caso a alteração não foi apenas de forma, mas também de conteúdo. Em 1831 (data de publicação de MS4) presumia-se que fosse termo do Rio Grande do Sul. No final do XIX, de todo o Brasil. O acréscimo do dado não linguístico “é genero de grande consumo em todo o Brazil”, confirma a marcação do termo como brasileirismo e não como gauchismo, como se julgava.

As primeiras edições do dicionário de Moraes têm uma variedade de abreviações, de expressões e de adjetivos para referir-se aos brasileirismos, de origem ou de uso. A informação cada vez mais cifrada e a progressiva redução do número de formas para dizer uma mesma coisa enquadram-se no processo de padronização que estava em curso (as indicações de regionalismos de Portugal passam por oscilação semelhante, assim como as demais dimensões de uso). A pluralidade de adjetivos, nem sempre comutáveis entre si,

usados para se referir ao que fosse brasileiro – *brasílico*, *brasiliense*, *brasiliano*, *brasileiro*, *brasil*²⁰² – convergem para *brasileiro*, de caráter genérico, para tudo que se referisse à nação, e *brasílico*, para o que se referisse aos indígenas (grupos e língua). O uso do adjetivo *brasílico* acompanhando nomes de frutas e de animais ainda é bastante frequente nas edições de final do XIX. A incerteza inicial sobre o gentílico pode ser uma das razões para que os dicionários tenham optado por "do Brasil".

O dicionário CA é o primeiro a propor uma abreviatura relativa ao Brasil na lista que geralmente precede esse tipo de publicação: a abreviação é “brazil.” e a sua explicação é “brasileiro”.²⁰³ CA lista também abreviaturas para Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

As últimas edições de MS e CA restringem a variedade a uma expressão que, na lista a seguir, está destacada por negrito. As demais, pelas poucas ocorrências, podem ser consideradas desvio da norma.

Tabela 2 – Marcação diatópica por dicionário

MS4	MS7	CA	MS9
<p>Brasil. t. usad. no Brasil term. do Brazil term. Brasil. t. do Brasil termo usado no Brasil t. us. no Brasil t. do Bras. na Lingua Brasil. t. Brasil. usual no Brasil Bras. t. mod. usual. das Colonias do Brasil, America etc.</p>	<p>t. do Brazil (t. do Brazil.) (t. Brazil) no Brasil (no Brazil) t. us. no Brasil: us. no Brasil é termo us. no Brasil. (t. us. no Brazil, e mais no pl.)</p> <p><u>Regiões do Brasil:</u> (t. do Rio Grande do Sul) (t. do Paraná, e Santa Catharina Brazil) (t. de Minas Geraes, Brazil) (t. da Bahia, Brazil)</p>	<p>(brazil.) (no Brazil)</p> <p><u>Regiões do Brasil</u> (Rio Grande do Sul.) (R. Gr. do Sul)</p>	<p>(t. do Brazil) (no Brazil) (do Brazil.) (t. Braz.) (t. do Braz.)</p> <p><u>estados do Brasil:</u> <u>exemplos</u> (t. do Rio Grande do Sul) (t. do R. Gr. do Sul) (t. de S. Paulo, Brazil) (em S. Paulo) (na Bahia) (t. de Minas Geraes)</p>

“Brasil.” é provavelmente abreviação de *brasílico*.

“Bras.” é abreviação de *brasão*, empregada equivocadamente em alguns verbetes.²⁰⁴

²⁰² Ver item 1.2 desta tese, sobre “Brasileirismos”.

²⁰³ O próximo dicionário geral a incluir uma abreviação para “termo brasileiro” será o de Cândido de Figueiredo, em 1899, com a redução “Bras.”. A *Encyclopedia portugueza illustrada*, coordenada por Maximiano de Lemos (ver item 2.1.2), emprega a abreviatura “Braz.”, cuja glosa na listagem inicial é “brasileirismo”.

²⁰⁴ Em MS4 lê-se: “BÚNDA, s. f. **Bras.** Nadeegas, cadeiras de gente alcatreira ‘escravas vadias d’assento *engrossando*, *criando* bunda”. Nesse verbete especificamente, o autor não usou “Bras.” no sentido de *brasão*. Se a interpretação da abreviação for tomada ao pé da letra, provoca, para nós, um caso de surrealismo espontâneo. E faz pensar na importância ou na frequência de referências ao Brasil.

A utilização de parênteses para essa finalidade²⁰⁵ acentua a separação da fórmula de indicação de uso diatópico (seja abreviação, expressão ou adjetivo) do texto definitório, por isso, as suas ocorrências foram mencionadas como sendo distintas daquelas sem parênteses, como em “no Brasil” e “(no Brasil)”.

Observem-se as informações sobre regiões (Minas Gerais, Bahia etc.) e do Brasil em MS7 e MS9: o nome do país é excluído da marcação. Esse uso ainda é oscilante em MS8, mas será cada vez mais reduzido em MS9.

Como os dicionários MS têm uma continuidade editorial, muitos verbetes mantêm-se idênticos desde o primeiro registro, mesmo que destoem da padronização editorial e lexicográfica e possam comprometer a informação (cf. *enxercar* e *comboieiro*).

COMBOIËIRO, s. m. O que dirige o comboio, as tropas, ou recovagens das minas do Brazil para os portos de mar, etc. *Regim. sobre Quintos, de 1734. 2.* (MS4 =MS9)

O esclarecimento acerca do uso diatópico do item lexicográfico confunde-se, às vezes, com o esclarecimento acerca da existência da coisa definida em terras brasileiras (ou em outras localidades), como, por exemplo, em *camucim*, *canoa*, *capitão de entrada*, *cargueiro*, *carregador* (ver Anexos C e D).

Outra solução para se indicar o uso do termo em uma região é incorporá-la ao texto definitório, por meio de expressões variadas (“é termo usado no Brasil”, “no Brasil, dizem”, “no Brasil, chamam”). Por vezes, o texto informa que o referente existe no Brasil, mas nem sempre esclarece se o uso da palavra também é exclusivo (ou mais comum) entre falantes brasileiros.²⁰⁶ Em alguns casos, como *cangoeira*, deduz-se, pelo tipo de referente, que objeto e palavra são brasileiros, por não terem sido incorporados à vida e ao vocabulário europeu.²⁰⁷

CANGOÉRA, s. f. Especie de flauta, que os indios do Brazil faziam dos ossos de finados, e muito menor que o seu toré. (MS9)

A maior sistematicidade no uso das marcas, tentando estabelecer um código único e seguido criteriosamente, resulta em maior número de acepções do Brasil na nona edição de

²⁰⁵ Há um conjunto de sugestões formais e estilísticas trazidas por obras de referência diversas, inclusive estrangeiras. SC teria sido o primeiro, do grupo de dicionários estudados, a utilizá-las com mais destaque.

²⁰⁶ Essa é questão difícil de ser resolvida, inclusive por dicionários contemporâneos. (cf. OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. *O português do Brasil*).

²⁰⁷ Ver comentário sobre *capeba* (*supra*).

MS. Como exemplo, *café* e *candombe*. Como se vê, a única diferença entre as duas edições é a indicação de que a segunda acepção desses dois verbetes é também termo do Brasil: “(it.)” (que significa idem, idêntico). O registro do substantivo *candombeiro* confirma que a segunda acepção em MS8 seria também brasileirismo, embora não esteja assinalada como tal.

MS8	MS9
CAFIFE, s. m. (t. de Pernambuco) Serie de contrariedades: <i>deu-lhe o café, está em maré de café</i> . § Morrinha, doença que torna o homem incapaz de qualquer trabalho.	CAFIFE, s. m. (t. de Pernambuco) Serie de contrariedades: <i>está em maré de café</i> . § (it.) Morrinha, doença que torna o homem incapaz de qualquer trabalho.
CANDÔMBE, s. m. (t. do Brazil.) Rede de pescar camarões. § Dança, espécie de batuque de negros.	CANDÔMBE, s. m. (t. do Brazil) Rede de pescar camarões. § (it.) Dança, espécie de batuque de negros.
CANDOMBÊIRO, s. m. (t. do Brazil.) Dançador de <i>candombe</i> ; frequentador de candombe.	CANDOMBÊIRO, s. m. (t. do Brazil.) Dançador de candombe; frequentador de candombe.

Os levantamentos levaram em conta apenas itens que contenham em seu texto a indicação de ser palavra ou acepção usada para nomear alguma coisa no Brasil. Ou seja, não foram considerados nesta contagem itens sabidamente brasileiros, mas sem marcação diatópica. Por exemplo, *cabra* e *cachaceira* não entraram na contagem das ocorrências de MS2 a MS8, mas entraram na de MS9.

MS4	MS9
CÁBRA, s. f. [...] § O filho <i>ou</i> a filha de pái mulato, e mãe preta, ou ás avéssas. § [...]	CABRA, s. f. [...] § (t. do Brazil) O filho, ou filha de pae mulato e mãe preta, ou vice-versa. § [...]
CACHACEIRA, s. f. [...] §. Lugar, onde se apara, e ajunta a cachaça, que se tira das caldeiras d’assucar, quando se alimpão da cachaça.	CACHACEIRA, s. f. [...] § (t. do Brazil) Logar onde se apara e junta a cachaça que se tira das caldeiras do assucar, quando estas se limpam.

A acepção figurada de *cachaça* (“prazer habitual”) não tem a indicação “it.” como em “espuma grossa”, o que dá a entender que não é uso do Brasil.

CACHÁÇA, s. f. Vinho das borras. *Sá Mir.* f. 44 § **(no Brazil)** Aguardente ordinaria, [...] § **(it.)** Espuma grossa, que na primeira fervura [...] § **(fig.)** Prazer habitual; goso que se toma em fazer alguma cousa por habito, por costume, por paixão: *a minha cachaça é aos domingos comer, beber e jogar com tres ou quatro amigos.* (MS9)

Tais questões são aparentemente mínimas, dada a complexidade e a extensão dos dados enumerados por dicionários generalistas como os estudados. Os detalhes aqui apontados

surtem devido a questionamentos que afloram diante de marcações não precisas. O que leva a apostar que essas imprecisões podem repercutir na história lexicográfica por um período alongado, que é o que pode ter acontecido com esta acepção de *cachaça*. A certeza sobre o uso desse sentido em Portugal no final do século XIX demandaria pesquisas provavelmente pouco produtivas. A importância dessa bebida no contexto econômico, social e cultural do Brasil e a não contrapartida em Portugal leva a crer na exatidão da informação de CF, que consigna como uso brasileiro, assim como os dicionários contemporâneos (DH, DA), inclusive os publicados em Portugal (dicionário da Academia de Ciências de Lisboa – 2001, e o Dicionário da Porto Editora, 2004). Que era uso brasileiro não há dúvida, assim atestam os dicionários de brasileirismos de Beurepaire-Rohan e de Macedo Soares. A hesitação é se integrava também a fala de Portugal. MS10 e PDBLP afirmam que sim, pois não fazem a marcação diatópica para o sentido figurado.

Dada a polissemia que o substantivo *cabra* adquire exclusivamente no Brasil – qualquer mestiço; indivíduo; indivíduo brigão; capanga; trabalhador; além de compor diversas locuções, especialmente no Nordeste (*cabra da peste*; *cabra da moléstia*, *cabra velho*, entre outros) – é de se pressupor que o uso tenha se enfraquecido em Portugal e se tornado mais característico do Brasil.²⁰⁸

Quanto a *cachaceira*, o mais provável é que a nona edição tenha corrigido equívoco das primeiras.²⁰⁹

Adequações reversas também são perceptíveis: *cacetada* e *cagaçal* (ver comentários em 3.1.2) eram indevidamente assinalados como termos do Brasil nas primeiras edições de MS.

A técnica de marcação relativa à restrição de uso da palavra ou expressão a alguns espaços geográficos sofre poucas oscilações nas últimas edições de MS e em CA, acompanhando o estabelecimento de um estatuto de regularização das informações. A padronização técnica nem sempre é acompanhada da atenção devida, o que resulta em incoerências, como as que foram apontadas e que, em muitos casos, permanecem no século XX.

²⁰⁸ Ver em nota 16 no item 1.1, indicação de referência sobre a ambivalência do substantivo *cabra*. Segundo registra DH, em Portugal, ter-se-ia mantido o sentido de “espião da polícia”. Essa acepção foi dicionarizada por CF, mas não consta dos dicionários portugueses atuais (Porto, 2004, e Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa, 2001).

²⁰⁹ As abonações citadas por Naidea Nunes Nunes (*O açúcar de cana na ilha da Madeira, do Mediterrâneo ao Atlântico*, p. 322) referem *cachaceira* como termo brasileiro.

3.5 Algumas conclusões: similaridades e diferenças entre os dicionários

As informações metalinguísticas e metalexigráficas são parcimoniosamente apresentadas pelos dicionários do século XIX. Os critérios expostos sistematicamente e justificados em termos linguísticos são aqueles relativos à ortografia. EF e DL pecam pela prolixidade discursiva relativa à extensão da nominata, à abrangência das informações, às consultas a fontes inéditas, à inclusão de informações da linguagem vulgar, dos ofícios e das artes. SC detém-se nas considerações acerca das etimologias e critérios de separação dos homônimos em diferentes entradas. MS enfatiza a constante atualização e correção do produto, incorporando as novidades dos outros autores e acrescentando novas unidades. O “Plano” de CA, embora com lacunas, é o que mais se aproxima do que seria uma discussão acerca de critérios de seleção e elaboração das informações que deveriam estar contidas no dicionário.

Os dicionários DV e SC explicitam certa vocação linguística,²¹⁰ mas esta vocação não contempla o léxico do Brasil. Não há novas etimologias ou abonações de uso de termos brasileiros. Mantém-se o que já era presente em MS.

A incorporação do léxico brasileiro na macroestrutura dos dicionários não está relacionada à proposição das páginas iniciais (vide DL) ou ao fato de a casa editora ter vínculos com o Brasil (vide EF4 e DV). A exceção é MS, que a partir da sétima edição valoriza explicitamente a naturalidade do autor que dá o nome à obra, propõe-se a acrescentar a nominata com termos do Brasil e realmente o faz, em ritmo crescente. CA dá sinais discretos de que o léxico brasileiro será incorporado à obra (na lista de abreviações e no agradecimento a colaboradores brasileiros) e traz contribuições importantes, no registro de novos itens e na sugestão de definições originais.

Cinco dicionários estudados têm como um dos valores explicitados a acumulação de entradas. Para alguns (EF), é o mais destacado valor. O único a afirmar o planejamento de não acumulação é CA. Mesmo assim, o que se dirá a seguir cabe para todos os dicionários utilizados.

A nominata dos seis títulos é entremeada de cognatos cujos sentidos são previsíveis e de advérbios em “-mente” cujas acepções são perfeitamente inferíveis a partir dos adjetivos de que derivam. Ao dar entrada às formas derivadas, além de atender à demanda de acrescentar

²¹⁰ VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico, p. 32 e 38.

entradas ao dicionário, tornando-o quantitativamente grande, o lexicógrafo oferece ao leitor a série de palavras cuja formação é utilizada/aceitável na língua da época. As duas séries a seguir são compostas de formas selecionadas como aceitáveis: *certificação*, *certificado*, *certificador*, *certificante*, *certificar*, *certificativo*, *certificatório* e *auxiliador*, *auxiliante*, *auxiliar* (verbo e adjetivo), *auxiliario*, *auxílio*. As formas **certificário* e **auxiliativo*, por exemplo, apesar de corretamente formadas, não são dicionarizadas, porque não tinham e não têm uso no português.

A inclusão de formas flexionadas no feminino teoricamente não tem entrada na nominata, exceto se acumularem outro significado. Há exceções. Os substantivos *muda* e *muchacha*, para além de serem flexões de gênero previsíveis de *mudo* e *muchacho*, não têm qualquer novo significado que justifique o seu estatuto de palavra-entrada. Mesmo assim, estão presentes na macroestrutura de alguns dos dicionários.

A acumulação de termos populares, vulgares ou de empréstimo demandaria maior esforço e não teria o acatamento geral, no sentido de não serem termos que se dicionarizassem sem passar por certo crivo, como sinaliza, por exemplo, o comentário de SC no verbete *cagaçal* (ver comentário *supra*).²¹¹

A organização/distribuição das informações no texto lexicográfico obedece a padrões fixos, que oscilam discretamente de uma obra para a outra. Os campos obrigatórios são entrada, classe gramatical e definição.²¹² Informações complementares são acrescentadas ou não, a depender da obra e do próprio verbete. São elas: separação silábica, exemplos de uso, etimologia, marcas de uso, comentários extralinguísticos, sinonímia, locuções, fraseologias, provérbios. Quanto mais se avança no tempo, mais informações vão sendo acrescentadas aos dicionários gerais, obedecendo a diagramações, a fórmulas que se repetem e ocupando posições determinadas.

Cada um dos dicionários estudados apresenta um tipo de destaque para separar os diferentes grupos de informação. No caso de haver mais de um significado a ser registrado, os dicionários valem-se de uma marca gráfica. Em MS, o sinal de parágrafo (§), em CA, duas barras verticais (||), em Lacerda e Eduardo de Faria, um travessão (–), em Solano Constâncio, ponto final (.), em Domingos Vieira, parágrafo e travessão (–).

Estão aqui reproduzidos, a seguir, dois verbetes dos diferentes dicionários: *aldeia* e *carimã*.

²¹¹ A inclusão de brasileirismos desse teor por MS não corresponde a esforço de pesquisa, mas a acatamento de seleção disponível em trabalhos já elaborados. Ver 3.3.1.

²¹² Mas não foi sempre assim. O *Vocabulário* de Bluteau não informa a classe gramatical.

O primeiro, com significados da língua comum e com significado restrito ao Brasil. *Aldeia* é termo com poucas alterações de sentido no correr do século. O verbete aumenta consideravelmente de tamanho nas subsequentes edições de MS, mas por conta das sentenças populares, que passam a se acumular no século XIX a partir de DV. Os dicionários de EF e DL mantêm-se quase idênticos, exceto pelo corte da informação “em cujo districto ou termo vivem” por DL5. A exceção de CA, todos os dicionários utilizam os termos de MS e mantêm as informações na mesma ordem.²¹³ Destaquem-se a concisão e a originalidade de CA frente a todos os outros.

Dicionários	Verbetes
MS2 e MS3	ALDÉA, s.f. Povoação pequena, de poucos vizinhos, que não tem jurisdição própria, mas depende da Villa, ou Cidade vizinha. “Covilhã tem por termo 360 e tantas <i>aldeas</i> .” <i>Leão, Descr. c. 2 § no Brasil, Aldeias de Índios</i> , são as povoações dos domesticados, e que descem dos Sertões. (<i>aldeya</i>)
MS4	ALDÉA, s.f. Povoação pequena, de poucos vizinhos, que não tem jurisdição própria, mas depende da Villa, ou Cidade vizinha. “Covilhã tem por termo 360 e tantas <i>aldeas</i> .” <i>Leão, Descr. c. 2 § Habitações juntas, casas de campo, e fora das Cidades, e Villas. B. 2. 6.1. § no Brasil, Aldeias de Índios</i> , são as povoações dos domesticados, e que descem dos Sertões (<i>aldeya</i>) situação, e vivenda rustica.
SC	ALDÉA, ou ALDEIA, s. f. (do Arab. <i>aldaiâ</i> , povoação, lugar pequeno; do artigo <i>al</i> , e <i>diâr</i> , casas, povoação: o nome de <i>aduar</i> tem a mesma origem), povoação pequena, de poucos vizinhos, dependente de villa ou cidade, e sem jurisdição própria; povoação rustica entre aldeões. <i>A côrte na aldêa</i> , isto he, os usos da côrte seguidos por quem habita o campo ou entre gente de aldêa. <i>Aldêa de Índios (no Brasil)</i> , povoação de indígenas domesticados.
EF2	ALDEIA, ou ALDÉA s.f. (Arab. <i>Aldaiâ</i> , povoação, lugar pequeno; do artigo <i>al</i> , e <i>diâr</i> , casas, povoação; o nome de <i>aduar</i> tem a mesma origem.) povoação pequena, sem jurisdição sobre si, nem privilegio de villa, ou cidade, em cujo districto ou termo vivem. <i>Estar na – e não ver as casas</i> , (phr. proverb.) diz-se da pessoa que não adverte qualquer cousa fácil de saber e conhecer.
MS6	ALDÉA, ALDÈIA ou ALDÈYA, e nos derivad. (<i>aldeya</i> , melh. orth.) s. f. (do Arab. <i>aldaiâ</i> , povoação ou lugar pequeno) Povoação pequena, de poucos vizinhos, que não tem jurisdição própria, mas depende da villa, ou cidade vizinha: “Covilhã tem por termo 360 e tantas <i>aldeas</i> ” <i>Leão, Descr. c. 2 § Habitações juntas, casas no campo, e fôra das cidades, e villas. B. 2. 6.1. § Aldeias de Índios: (no Bras.)</i> as povoações dos domesticados, e que descem dos sertões.
DV	ALDÉA s.f. (Do arabe <i>aldaia</i>) Povoação menor do que <i>logar</i> , sem jurisdição municipal, nem administrativa como a villa ou cidade. Em sentido geral, campo onde se passa o verão. A pastoral campanha... Recolhe o fato, e corre para a <i>aldea</i> . CAM., LUS., cant. III, est. 49. -- LOC.: <i>Estar na aldeia e não vêr as casas</i> , ter uma cousa diante dos olhos e não perceber; não comprehender o que é evidente; não saber a quantas anda. Oh! qu'estavamos n' <i>aldêa</i> , Enão vimos as casas ANTONIO PRESTES, AUTO DOS CANTARINHOS. -- ANEX.: “Amigo de aldeia, teu seja.” Bluteau., Vocab. – “ <i>Fazenda em duas aldêas, pão em duas taleigas.</i> ” Delicado, Adag., p. 169. – <i>Juiz da aldêa, um anno manda, outro na cadêa.</i> ”

²¹³ No *Vocabulario* de Bluteau, a definição de aldeia é “Povoação, menor, que Lugar.” A acepção brasileira já fora registrada também por Bluteau: “Aldea. Nas terras dos Carijós, Gentio do Brasil, a cada casa, ou palhoça sua chamaõ Aldea. {Trinta e cinco casas, são trinta e cinco Aldeas. * *Fernão Guereira, livro 4. Das cousas do Brasil*, p. 199.”

	Idem, <i>ibid.</i> , p. 109. – “Na aldêa, que não é boa, mais mal ha, que sôa.” Jorge Ferreira, Euphrosina, act. II, sc. 4. – “Quem te fez rico? o não da minha aldêa.” Idem, <i>ibid.</i> , p. 74. – “Vesperas da aldêa, põe a meza e a ceia.” Idem, <i>ibid.</i> , p. 64. – “Vida de aldêa, Deus a dê a quem deseja.” Idem, <i>ibid.</i> , p. 16.
MS7	ALDÊA, ALDÊIA, ALDÊYA, e nos derivad. (<i>aldeya</i> , melh. orth.) s.f. (do Arab. <i>adh-dheia</i> , povoação, ou lugar pequeno) Povoação pequena, de poucos vizinhos, que não tem jurisdição própria, mas depende da villa, ou cidade vizinha: “Covilhã tem por termo 360 e tantas <i>aldeas</i> ” <i>Leão, Descr. c. 2</i> § Habitações juntas, casas no campo, e fôra das cidades, e villas. <i>B. 2. 6.1. § Aldeias de Índios: (no Bras.)</i> as povoações dos domesticados, e que descem dos sertões. § Adag.: “Fazenda em duas <i>aldeas</i> , pão em duas taleigas” <i>Delicad. Adag. 169</i> . “Juiz de <i>aldeia</i> , um anno manda, outro na cadeia” <i>Ibid. 109</i> . “Quem deixa a villa pela <i>aldeia</i> , venha-lhe má estreia” <i>Ibid. 73</i> . “Quem te fez rico? o não da minha <i>aldeia</i> ” <i>Ibid. 74</i> . “Vesperas de <i>aldeia</i> , põe a meza e ceia” <i>Ibid. 64</i> . “Vida de <i>aldeia</i> , Deus a dê a quem a deseja” <i>Ibid. 16</i> . “Amigo de <i>aldeia</i> , teu seja” <i>Blut. Vocab.</i> “Está na <i>aldeia</i> , não vê as casas” diz-se de quem tem uma cousa deante dos olhos, e não a vê, de quem não percebe uma cousa evidente. “Oh! qu’estavamos n’ <i>aldeia</i> , e não viamos as casas” <i>Prest.</i>
DL5	ALDEIA, ou ALDÊA s.f. (Arab. <i>Aldaiâ</i> , povoação, lugar pequeno; do artigo <i>al</i> , e <i>diâr</i> , casas, povoação; o nome de aduar tem a mesma origem.) povoação pequena, sem jurisdição sobre si, nem privilegio de villa, ou cidade. <i>Estar na – e não ver as casas</i> , (phr. proverb.) diz-se da pessoa que não adverte qualquer cousa facil de saber e conhecer.
CA	ALDEIA (âl-dêi-a), s. f. povoação rústica. O campo, em contraposição à cidade ou vila: É agradável passar o verão na <i>aldeia</i> . F. ar. <i>Al dhaba</i> .
MS8 e MS9	ALDÊA, ALDÊIA, ALDÊYA, e nos derivad. (Hoje é geralmente usado <i>aldeia</i>) s.f. (do Arabe <i>adh-dheia</i> , povoação, ou lugar pequeno) Povoação pequena, de poucos vizinhos, que não tem jurisdição própria, mas depende da villa, ou cidade vizinha: “Covilhã tem por termo trezenta e sessenta e tantas <i>aldeas</i> ” <i>Ledo, Descr. c. 2</i> § Habitações juntas, casas de campo, e fora das cidades, e villas. <i>B. 2. 6.1. § Aldeias de Índios: (no Brazil)</i> as povoações dos domesticados, e que descem dos sertões. § Adag.: “Fazenda em duas <i>aldeas</i> , pão em duas taleigas” <i>Delicad. Adag. 169</i> . “Juiz de <i>aldeia</i> , um anno manda, outro na cadeia” <i>Ibid. 109</i> . “Quem deixa a villa pela <i>aldeia</i> , venha-lhe ma estreia” <i>Ibid. 73</i> . “Quem te fez rico? o não da minha <i>aldeia</i> ” <i>Ibid. 74</i> . “Vesperas de <i>aldeia</i> , põe a mesa e ceia” <i>Ibid. 64</i> . “Vida de <i>aldeia</i> , Deus a dê a quem a deseja” <i>Ibid. 16</i> . “Amigo de <i>aldeia</i> , teu seja” <i>Blut. Vocab.</i> “Está na <i>aldeia</i> , não vê as casas” diz-se de quem tem uma cousa diante dos olhos, e não a vê, de quem não percebe uma cousa evidente. “Oh! qu’estavamos n’ <i>aldeia</i> , e não viamos as casas” <i>Prest.</i>

Carimã é um brasileirismo, de origem e de uso. O referente é apenas brasileiro, integrado à alimentação de portugueses que habitavam na colônia desde o início do século XVII.²¹⁴ Além disso, produto e palavra estão presentes nos textos frequentemente utilizados pelos dicionaristas como fonte de pesquisa para o léxico brasileiro. A gênese da definição (“mandioca” ou “farinha”) e das explicações (modo de preparo, alimentos e serventia) podem ser resgatadas nesses textos.

As definições de MS ensinam o modo de produção e as iguarias que podem ser feitas com a *carimã*. As adaptações de SC, EF2 e DL5 tentam outra explicação para a constituição, o preparo e a aparência da referida farinha, mas o resultado continua sendo um texto confuso, a iniciar pelo hiperônimo escolhido. “Mandioca” (MS) é o tubérculo de que se faz o *carimã*,

²¹⁴ a) Gabriel Soares de Sousa, no *Tratado descritivo do Brasil*, de 1587 (disponível em www.novomilenio.inf.br/santos/lendas/h0300a2.pdf, p. 179); Simão de Vasconcelos, no volume 1 da *Chronica da Companhia de Jesu*; entre outros. b) Segundo DH, haveria registro escrito desta palavra em 1554.

que é, em realidade, um tipo de “farinha” ou “fécula”, tal como ensinam CA, DV, EF2 e DL5. Apesar de introduzirem um hiperônimo mais próximo do produto, os dois últimos dicionários dão continuidade à lição de MS quando retomam a descrição do modo de preparo e das qualidades nutritivas do mingau que dela se faz.

A extrema síntese de CA distorce o significado. Observando-se a glosa do substantivo *escaldado* (“farinha de mandioca escaldada com caldo de carne ou molho de peixe” – CA), a locução “farinha de mandioca” poderia ser substituída por *carimá*, de acordo com a definição deste termo, mas seria uma inverdade em termos reais, segundo a definição dessa mesma palavra nos outros dicionários. Esta definição, resumida a uma locução sinônima, perfeitamente comutável em termos linguísticos, comprometeria a informação. *Carimá* é um “tipo de farinha de mandioca”, preparada de modo a ter características bastante especiais, na consistência e na utilização, segundo a lição de MS. Linguisticamente falando, a definição de CA é mais comutável que a de MS, mas, em termos reais, talvez não produzisse um escaldado nos moldes culinários pretendidos.²¹⁵

Dicionários	Verbetes
MS2, MS3	CARIMÁ, s. f. Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação acida; e amollece mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bolos, que se seccão, e pisão, e da sua farinha se fazem papas, ou mingáu raro. “farinha, bolo de <i>carimá</i> ”.
MS4, MS5, MS6	CARIMÁ, s. f. Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação e amollece mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bôlos, que se seccão, e pisão, e da sua farinha se fazem papas, ou mingáu raro. “farinha, bolo de <i>carimá</i> ”: “mingaus de – com óvos mui peitoraes”
SC	CARIMÁ, s. f. (t. Brasil.), a mandioca depois que entrou em fermentação, feita em bolos, que se seccão e pisão, e de cuja farinha se fazem papas chamadas <i>mingao raro</i> . <i>Mingaus de carimá com ovos</i> , são mui peitoraes.
EF2	CARIMÁ, s. f. (t. do Brazil) A fecula mais branca e pura da raiz a que no Brasil chamam mandioca. Dão-lhe ordinariamente a fôrma de bolinhos circulares, que feitos em papas ou caldo grosso, constituem um alimento substancial e muito saudavel nas molestias de debilidade e consumpção.
DV	CARIMÁ, s. f. Termo do Brazil. Nome que se dá á farinha de mandioca depois de ter entrado em fermentação, ter amolecido na vasa, ou na agua por alguns dias, e ter por fim sido secca sob a fôrma de bolos. + CARIMÃO, s. m. Termo do Brazil. Farinha mais fina que a de mandioca. == Fr. João Pacheco, Divertimento Erudito, Tom. II, p. 216.
DL5	CARIMÁ, s. f. fecula mais branca e pura da raiz a que no Brasil chamam mandioca. Dão-lhe ordinariamente a fôrma de bolinhos circulares, que feitos em papas ou caldo grosso, constituem um alimento substancial e muito saudavel nas molestias de debilidade e consumpção.

²¹⁵ Sobre tipos de definição e possibilidades de comutação, ver itens 5.4 e 5.5.

MS7	CARIMÁ, s. f. t. do Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação, e amolleceu mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bolos, que se seccam e pisam, e da sua farinha se fazem papas, ou mingau ralo: “farinha, bolo de <i>carimá</i> ” “mingáos de – com óvos mui peitoraes”.
CA1	CARIMÁ [...] s. m. (brazil.) farinha de mandioca.
MS8	CARIMAN, s. f. (t. do Brazil) A mandioca depois que entrou em fermentação, e amolleceu mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bolos, que se seccam ao sol, e depois se pisam, e da sua farinha se fazem papas, ou mingau ralo: “farinha, bolo de <i>carimá</i> ” “mingáos de – com óvos mui peitoraes”.
MS9	CARIMAN, s. f. (t. do Brazil) A mandioca puba que entrou em fermentação, e amolleceu depois de mettida na vasa, ou em agua por tres ou mais dias, e reduzida a bolos, que se seccam ao sol, e depois se pisam para fazer papas, ou mingau ralo.

A breve análise desses verbetes espelha o panorama dos brasileirismos dos seis dicionários consultados. A consulta aos Anexos B e C e ao capítulo 4 atesta a primazia de MS no registro do léxico brasileiro, seja na inclusão do termo ou acepção, seja na seleção e na estruturação das informações que compõem a definição.

Os dicionários EF e DL frequentemente seguem as informações de SC quanto à marcação do termo como brasileiro (ver Anexo B) e quanto à seleção das informações que compõem a definição. Não raro, usam as mesmas palavras que SC.

As informações novas que SC, EF, DL e DV trazem para as definições dos verbetes estudados devem ser interpretadas com reservas. O caráter fortuito dessas contribuições sugere que sejam resultado de dedução e não de consulta a fontes. Como exemplo, a inclusão do adjetivo “compridos” por SC na definição de *cangoeira* (ver Anexo C).

4 O CORPUS

O *corpus* utilizado para mapear o registro do léxico brasileiro em dicionários de língua portuguesa publicados no século XIX é constituído de entradas iniciadas pela letra “c”. Esse trecho da nominata é variado e amplo o suficiente para ilustrar as tendências lexicográficas de cada obra, para confirmar a precedência de MS e, de certo ponto, de CA quanto ao registro dos brasileirismos. Uma das tentativas de constituição do *corpus* para estudo baseou-se em varreduras eletrônicas de todos os verbetes que contivessem a sílaba *bras/braz* ou as palavras *brasil/brazil*, *brasileiro/brazileiro* etc. em CA e em MS4. O resultado dessas varreduras indicou que o trecho constituído por entradas da letra “c” contém um grande número de verbetes com referências ao Brasil, diversificado em termos de campos semânticos, origens, tipo de brasileirismo (semântico ou vocabular), estrutura de definição.²¹⁶

Os dicionários selecionados para o estudo constituem o cânone da lexicografia de língua portuguesa e destacam-se por suas trajetórias editoriais, sua recepção pelo público (e pela crítica) e por peculiaridades quanto a propostas lexicográficas, inferidas pela consulta sistemática às suas macro e microestruturas, nem sempre condizentes com as propostas explicitadas nas páginas iniciais, pelo menos no que se refere ao registro do léxico brasileiro.

4.1 Constituição do *corpus*

O ponto de partida para a recolha dos verbetes foi o banco de dados da segunda edição do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, que permite realizar coletas automáticas de informações. Os relatórios foram fornecidos pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, detentor dos direitos desse dicionário.²¹⁷

²¹⁶ As buscas em MS4 foram feitas por meio do Google Books e por meio da ferramenta computacional Abby Fine Reader. Os brasileirismos e demais referências ao Brasil em Aulete 1881 foram localizados a partir de varreduras eletrônicas, permitidas pelo site *Hathi Trust's Digital Libray* (<http://www.hathitrust.org/>) que disponibiliza os dois volumes desse dicionário. A identificação dos caracteres é relativamente precária, devido à qualidade da digitalização. A probabilidade de falhas, ou seja, de a varredura não trazer a informação é da ordem de 20%.

²¹⁷ Os dados foram coletados na base de dados da segunda edição em fevereiro de 2014. A base de dados consiste em versão revista, aumentada e atualizada do dicionário, ainda inédita. A versão mais atual desse dicionário pode ser consultada pelos assinantes do provedor de acesso à internet uol (<http://educacao.uol.com.br/dicionarios/>).

Os dados foram localizados por meio de rastreamento automático que levou em conta dois critérios: 1) a data do primeiro registro escrito da palavra ou, mais raramente, de algumas das acepções, de acordo com as fontes utilizadas pelos datadores do dicionário Houaiss e 2) o fato de a palavra ou uma de suas acepções ser classificada nesse mesmo dicionário como termo específico do Brasil ou de uma das regiões.

A base de dados do DH é dividida em campos.²¹⁸ Assim, no “campo da datação”²¹⁹ foram localizadas todas as ocorrências de termos ou acepções com data de registro até o final do século XIX (cf. exemplos *infra*: *campestre* é datado de 1553; *cevadeiro*, de 1456; *caribé*, de 1884 e a acepção 3, de 1899). Essas ocorrências foram cruzadas com as ocorrências de verbetes que tivessem o “campo de regionalismo”²²⁰ preenchido. Assim, obteve-se uma lista de itens que entraram na língua até 1899 e que têm pelo menos uma acepção de uso privativo de uma das regiões onde se fala o português. Em seguida, foram selecionados os verbetes cuja indicação de uso privativo fosse relativa ao Brasil: abreviações de Brasil (B), de suas regiões (B N.E., B S. etc.)²²¹ e de todos os estados da federação (PA, RS, MG etc.). As acepções 4, 5 e 6 de *campestre*, a acepção 5 de *cevadeiro* e todas as acepções do verbe *caribé* são exemplos de ocorrências selecionadas, por atenderem aos dois critérios: 1) ser palavra de que se encontrou registro escrito anterior a 1899 e 2) conter marcação de uso diatópico relativo ao Brasil em pelo menos uma de suas acepções.

CAMPESTRE *adj.* 2g. (1553 cf. JBarD) 1 relativo ou pertencente ao campo; campesino, campesinho 2 m.q. BUCÓLICO (*adj.*) 3 BOT que ocorre em áreas não cultivadas, amplas e sem vegetação arbórea (diz-se de planta) ■ *s.m.* 4 B pequeno campo alto, cercado de floresta 5 AMAZ RS m.q. CLAREIRA ('espaço onde as árvores rareiam') 6 SC campo arenoso • ETIM lat. *campēster, tris, tre* 'relativo à planície, ao campo plano'; ver *camp-* • SIN/VAR agrário, agreste, bucólico, campeiro, campesino, campesinho, campino, camponês, pastoral, pastoril, rural, rústico

CEVADEIRO *s.m.* (1456 cf. IVPM) 1 indivíduo que trabalhava na cevadaria 2 indivíduo que trata, ceva animais; cevador 2.1 P fidalgo responsável pela

²¹⁸ Chama-se campo (do verbe) a cada trecho onde é dada uma informação específica. Esse sentido é importado da área da informática. Por exemplo: campo da classe gramatical, da etimologia, da sinonímia, da definição.

²¹⁹ “Datação é o campo entre parênteses que se segue à classe gramatical. Anota-se neste campo a data do primeiro registro conhecido ou estimado de uma palavra, com indicação da fonte onde ocorre ou da primeira obra lexicográfica que a incluiu em sua nominata. Informações complementares referentes à datação encontram-se no campo da etimologia.” (VILLAR, Mauro de Salles. Detalhamento do verbe e outras informações técnicas. In: DH.)

²²⁰ “A indicação de regionalismo recai sobre palavra ou locução (dialeto vocabular) ou acepção (dialeto semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua e desconhecida das demais. É a informação sobre os limites geográficos da utilização de determinada unidade léxica ou acepção sua.” (Ibid.)

²²¹ B N.E. = região Nordeste do Brasil; B S. = região Sul do Brasil.

cevada consumida na cavalaria real 3 m.q. *CEVADOURO* ('lugar para engorda', PSC VEN) 4 VEN indivíduo encarregado da alimentação dos falcões para a caça 5 *B N.E.* indivíduo que rala ou mói mandioca ou cana-de-açúcar; cevador 6 *ALT ant.* jumento que, seguindo à frente da récuca, transporta a provisão de cevada destinada à alimentação das cavalgadas □ ETIM rad. do part. *cevado* + *-eiro*; ver *cib-*; f.hist. 1456 *çevadeiro*

CARIBÉ *s.m.* (1884 cf. DVBGL) CUL *B* 1 iguaria preparada com polpa de abacate 2 refresco feito com beiju de tapioca 3 (1899) mingau de farinha fina de mandioca • ETIM tupi **kari'mbe* 'farinha de mandioca seca e muito fina' • PAR *caribe* (adj. 2g.s.2g. e s.m.)

Do conjunto foram excluídos os itens lexicais (palavra ou acepção) pertencentes ao campo da botânica ou da zoologia.

Restaram, então, 982 entradas na nominata da letra “c” do DH. Desse total, 385 estão marcadas como termo do Brasil na nona edição do dicionário de Antônio de Moraes Silva (MS9). Esses verbetes são o ponto de partida para a comparação com os outros dicionários do século XIX (pelas razões explicitadas a seguir). No Anexo B pode-se consultar a lista de lemas por dicionário, no Anexo C estão transcritas as unidades lexicais registradas antes de 1870, no Anexo D estão aquelas registradas depois de 1870, por MS7 e CA.

Sabe-se que esse critério de busca apresenta falhas. Uma delas, o fato de o registro escrito de palavras na língua estar sendo retrodatado constantemente.²²² Isso significa que brasileirismos datados do início do século XX em diante, que não entraram na nossa lista, podem ser mais antigos e, talvez, constarem de MS9 e não terem sido localizados. Outra falha possível é o fato de palavras assinaladas como “do Brasil” à época de redação de MS9 não o serem mais atualmente, o que as excluiria da lista gerada a partir do DH.

Uma ferramenta suplementar foi utilizada posteriormente, no decorrer desta pesquisa: a localização de ocorrências de termos do Brasil em MS8.²²³ A lista obtida pelas buscas nessa versão em PDF foi comparada com a lista gerada pelas buscas no banco de dados do dicionário Houaiss, para maior controle. Poucos itens (em torno de 15) sinalizados como “t. do Brasil”²²⁴ e das províncias ou estados brasileiros constantes na nominata de MS8 e MS9 não estão entre os 982 selecionados via DH. Alguns, visivelmente, por não se restringirem,

²²² O acesso cada vez mais crescente ao formato digital de textos antigos (até o início do século XXI disponíveis basicamente em bibliotecas especializadas) tem alterado sensivelmente, para melhor, a coleta desse tipo de informação. Segundo informações da equipe responsável pelo dicionário Houaiss, foram feitas mais de 5.600 retrodatações entre fevereiro de 2014 e janeiro de 2015.

²²³ A versão digitalizada que esteve disponível na Biblioteca Digital do Senado Federal (<http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/242523>) até meados de 2014 era de boa qualidade e permitiu um resultado relativamente confiável.

²²⁴ t. = termo.

pelo menos no uso contemporâneo, ao português brasileiro, como *cachear*, *caldo*, *caminhão*, *copeiro*, *cafajeste*, *cagaçal*, *caldeireiro*, *cafezista*, *canoeiro*, *carpinteiro*, entre outros; ou por equívoco do DH: *cadáver*, *caboclada*, *cipoal*, *camarada*, *capinzal*. A descoberta eventual de termos brasileiros durante as leituras do referido trecho da nominata também contribuiu para a constituição do *corpus* (é o caso de *carta bilhete* e *cachaceiro*, incluídos em MS9, e de alguns grupos indígenas incluídos por EF3 e DL5).

Acontece, outrossim, o fato de atuais brasileirismos, segundo informações colhidas no DH, não terem essa marcação em MS9 ou nos dicionários precedentes. Quando tal ocorreu, não foram contabilizados. Em alguns casos, o uso pode ter-se restringido ao Brasil a partir do século XX; em outros, pode ser falha dos redatores do século XIX.²²⁵ A incorreção também pode estar na marcação diatópica do DH. Há ainda discrepâncias quanto à indicação dos brasileirismos entre os dicionários estudados. Por exemplo: *cabra* “O filho, ou filha de pae mulato e mãe preta, ou vice-versa” é registrado em todos os dicionários consultados, mas a marca diatópica “termo do Brasil” é encontrada apenas em MS9. *Canoa* (“Embarcação subtil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça, ou com accrescentamento no fundo, entre duas peças, que formam o costado e bordas, para ficar mais larga”) só recebe a indicação de uso no Brasil em MS7, MS8 e MS9.

A partir dos verbetes apontados como termos do Brasil em MS9, fez-se a leitura dos dicionários publicados anteriormente e selecionados para análise. Parte-se do pressuposto de que, uma vez registrado pelos dicionários pertencentes ao cânone, o item lexical passaria a integrar as obras elaboradas na sequência cronológica. Assim, a possibilidade de um termo constante de MS6 ou de SC não estar presente em MS9 é pouco provável. Uma busca não exaustiva nas nominatas dos dicionários de outra fatura (SC, EF2, DL5, CA e DV), de termos existentes no DH e ausentes em MS9, confirmou esse pressuposto.

Como já se previra, os números iam escasseando à medida que se retrocedia no tempo. A tabela a seguir é bastante representativa. As quantidades nela contidas indicam os verbetes que consignam acepção de significado similar ao que foi localizado em MS9 (ver terceira coluna “‘Termos do Brasil’ no segmento iniciado pela letra C”). Assim, mesmo que um verbete tenha entrada em todos os dicionários, ele só foi considerado no caso de registrar o sentido de interesse para o estudo e de ser destacado como peculiar ao léxico brasileiro.

²²⁵ Por exemplo, *capiango* é nb (não marcado como brasileirismo) embora *capiangar* seja classificado como “t. do Brazil”. Tanto o verbo quanto os substantivos *capiango* e *capiangagem* podem ser encontrados na coletânea publicada por Beaurepaire-Rohan na *Gazeta Literária*.

Na segunda coluna desta mesma tabela (“Palavras iniciadas pela letra ‘c’”) tem-se uma contagem aproximada do número de verbetes que compõem o trecho em que foram feitas as buscas.²²⁶ Esse cômputo permite que se delineie o percentual de brasileirismos no conjunto. Como se observa, a maioria deles não ultrapassa os dois por cento.

Pela amostra, é o dicionário de Morais Silva que reboca o acréscimo de brasileirismos, em termos reais e relativos. A sétima edição (MS7), que se anuncia “com grande número de termos novos usados no Brasil e no português da Índia”, dá um salto quantitativo, superado pelas edições seguintes (MS8 e MS9). Todas três, como já se disse, com interesse no mercado de leitores (compradores) brasileiros.²²⁷

Tabela 3 – Ocorrências por dicionário

Dicionário	Palavras iniciadas pela letra “c” (números aproximados)	“Termos do Brasil” no segmento iniciado pela letra C	Percentual “termos do
MS2 (1813)	4.800	27	0,60%
MS3(1823)	6.300	28	0,47%
MS4 (1831)	6.400	62	1,00%
SC1 (1836)	6.600	44	0,74%
MS5 (1844)	7.000	60	0,84%
EF2 (1850-1853)	12.200 (v.enc.)/ 8.800	60	0,69%
MS6 (1858)	7.400	61	0,79%
DV (1871-1874)	10.270	58	0,56%
DL5 (1878)	13.100 (v.enc.)/ 10.000	64	0,68%
MS7 (1877-1878)	10.300	150	1,56%
CA (1881)	4.800	60	1,35%
MS8 (1889/1890-1891)	10.800	302	2,80%
MS9 (final do XIX-início do XX)	11.000	350	3,20%

(v.enc.) = verbetes enciclopédicos; percentual extraído a partir do total de verbetes não enciclopédicos

Confirmam-se, então, dois pressupostos. O primeiro, quase evidente, de que o avanço no tempo implica o recrudescimento no registro de termos do Brasil. O segundo, não tão evidente, não obstante presumível, de que o dicionário de Antônio de Morais Silva é, com relação ao objeto da pesquisa, o que mais traz novidades.

²²⁶ Cálculo feito por meio da contagem do número de entradas de 20 em 20 páginas.

²²⁷ Ver item 3.1.1.

A título ilustrativo, para ressaltar a ampliação desses números nos dicionários do final do século XIX, constata-se que a soma de registros de brasileirismos na nominata da letra “c” de MS9 é maior que o total de todos os brasileirismos da nominata de MS4 e de CA. Esses dois dicionários contêm, respectivamente, em torno de 240 e 380 verbetes com pelo menos uma acepção brasileira.²²⁸ Em termos numéricos, o léxico do Brasil ganha muitas entradas nos dicionários entre as décadas de 1830 e 1890.²²⁹ Em nenhuma dessas contagens estão presentes termos que nomeiam plantas ou animais, por serem áreas com número expressivo de entradas e por serem campos semânticos frequentemente estudados e comentados no que se refere a registro de brasileirismos. O interesse que move este estudo é saber a que palavras e acepções os dicionários deram espaço, além da natureza.

Os resultados demonstrados pelo *corpus* trazem algumas conclusões: a primeira é a comprovação de que MS e CA são os únicos a inovarem com relação aos brasileirismos; a segunda é a de que a partir da década de 1870 o registro de brasileirismos aumenta consideravelmente em relação aos dicionários publicados nas décadas anteriores; a terceira, esclarecida pela comparação das microestruturas, é a de que as sucessivas edições de MS oscilam quanto ao tipo de modificação introduzida no texto dos verbetes. Pode-se afirmar categoricamente que não se trata de reimpressões e que as edições de 1831, 1877, 1890 e a nona devem ser consideradas quando se pretende observar o registro dos brasileirismos. Há apenas uma ocorrência de verbebo excluído da nominata (*chimango*), de algumas acepções excluídas (como as de *cagaçal*, *carregador* e *catraia*), ou de modificação na marca diatópica. Considera-se a nona edição de MS como remate do que se produziu no século XIX em termos de dicionários ligados a um determinado tipo de tradição.

Tal ponto de chegada confirma MS9 como parâmetro confiável para observar os verbetes que extrapolam a lista de brasileirismos iniciados pela letra “c”. A leitura assistemática dos dicionários estudados e os levantamentos feitos nas primeiras fases do projeto foram usados para ilustrar certas afirmações. O aprofundamento na análise de certos verbetes obriga a busca de outros e, em alguns casos, foi necessário recuperar uma rede de significados que se complementam.

²²⁸ Sobre buscas nesses dicionários, ver item 4 e nota 216.

²²⁹ O *Vocabulário* de Bluteau totaliza cerca de 50 entradas com sentidos assinalados como sendo de uso exclusivo do Brasil (desconsiderando-se animais e plantas).

4.2 Buscas sugeridas pelo *corpus*: equivalentes, remissões, cognatos

A análise dos verbetes iniciados pela letra “c” demandou, por vezes, consulta a termos do Brasil, pertencentes a trechos variados da nominata seja pela a) indicação de equivalências; b) pela complementação de sentidos; c) ou pelo fato de participarem de uma mesma rede de cognação. Esses “excedentes” não foram incluídos na contabilização apresentada, mas foram considerados na análise e descrição dos fatos comentados no correr do texto, quando pertinente.

Como exemplo de a) temos *bond* e *trem* referidos em definições de *carro*, e *sambaqui*, na definição de *casqueiro*.

CÁRRO, s. m. [...] § *Carro americano*; (no **Brazil, bond**) § [...] § -- *de praça*; o mesmo que *Trem de praça*: **V. Trem: no Brazil, n’este sentido** [...] (MS9)

TREM, s. m. [...] § (t. de caminhos de ferro do **Brazil**) O mesmo que Comboio: *chegou o trem; partiu o trem, o trem descarrilou.* [...] § (MS9)

BOND, s. m. [...] Título de alguns empréstimos externos do Brazil, cujo juro § (t. do Brazil) O **carro do systema americano** americano que anda sobre trilhos, e serve ao transporte de passageiros. § [...] (MS9)

CASQUEIRO, s. m. [...] § (t. do **Brazil**) O mesmo que Sambaqui. (MS9)

SAMBAQUI s. m. (t. do **Paraná, e Santa Catharina; Brazil**) Deposito de conchas no littoral [...]. (MS9)

Como exemplo de complementação de sentidos temos *panela*, devido ao seu emprego na definição de *cidade*.

CIDÁDE, s. f. [...] § (t. do **Brazil**) Grande formigueiro da *saúba*, o qual se compõe de diversos alojamentos subterrâneos, a que chamam *panellas*. (MS9)

PANELLA, s. f. [...] § (t. do **Brazil**) nome que dão a cada um dos compartimentos [...]. (MS9)

E ainda outros verbetes cuja busca foi sugerida pela relação semântica. A partir de *calhambola*, foram pesquisados os verbetes *quilombola*, *quilombo*, *aquilombar*, *mocamau*, *mocambo*, *mocambeiro*. De *cafuzo*, os outros designativos para mestiços de ascendência negra ou indígena. Por causa de *caipira*, foram lidos *matuto* e *roceiro*; *chácara* levou a *sítio*, *situação*, *roça* e *fazenda*.

Como exemplo de cognatos temos *acaboclado*, derivado de *caboclo*; *desencaiporar*, *encaiporado* e *encaiporar* derivado de *caipora*; *encoivarar*, a partir de *coivara*.

4.3 Três casos à parte: animais, plantas e grupos indígenas

Os verbetes que nomeiam esses três universos têm características especiais que sugeriram o seu tratamento à parte ou a sua não inclusão no *corpus* de análise. A abundância²³⁰ e o exotismo de nomes das nominatas botânicas e zoológicas e o seu precoce registro em textos sobre o Brasil e nos léxicos de Bluteau e de Braz da Costa Rubim por si só são fatores que justificam serem “o que mais atraía os dicionaristas”.²³¹ Além disso, eram (e talvez ainda sejam) como que reservas técnicas de que os interessados em questões linguísticas podiam lançar mão em discussões quando se pretendia ressaltar a riqueza do léxico brasileiro, seja em contraste com Portugal, seja para mostrar a variedade lexical no Brasil.

A intenção desta tese é observar o que excede a esse universo, embora se saiba da importância desses nomes para a extensão do léxico, inclusive pela constelação de derivados e pela atribuição de novo sentido à palavra que nomeia a planta ou o animal.

Os derivados podem ser indicação de algo fabricado a partir do vegetal, de coletivo, da plantação, da árvore que dá o fruto (de *caju*, *cajuada*, *cajual*, *cajueiral*, *cajuzal*, *cajueiro*, *cajuzeiro*; de *jabuticaba*, *jabuticabal*, *jabuticabeira*; de *açaí*, *açaizeiro* e *açaizal*; de *umbu*, *umbuzeiro*, quase *ad infinitum*), tal como se dá com os nomes de várias outras plantas não sul-americanas (de *marmelo*, *marmelada*, *marmeleiral*, *marmeleiro*; de *ginja*, *ginjinha*, *ginjal*, *ginjeira*). No *corpus*, foram localizados e registrados apenas cognatos que se referem ao manejo agrícola, à elaboração de produtos manufaturados. No trecho estudado, apenas os derivados de *capim* e *cipó*.

Quanto à aquisição de novos sentidos, são exemplos as palavras *caboré*, *caititu*, *capeba*, *caruru*, *perereca*.

²³⁰ De acordo com as varreduras eletrônicas em CA, permitidas pelo site *Hathi Trust's Digital Libray* (ver nota 216) dos 1.200 termos brasileiros localizados, 830 são termos da fauna e da flora. Sem contar as buscas pelos nomes de regiões brasileiras e considerando-se a margem de erro de 20%.

²³¹ VERDELHO, Telmo. *Brasileirismos*, p. 42.

CABORÉ, s. m. (t. do Brazil) **Especie de mocho pequeno**. § **Pequeno vaso de barro** para cozer ao lume; boiãsinho. § **Mestiço** de negro e india, ou vice-versa: tambem chamam *cafuz*, *cafuzo*, e *cafuzo*. (MS9)

CAITETÚ, ou --TITÚ, s. m. (t. do Brazil) **Porco do matto**. § **Rodete** de desmanchar a mandioca, o qual produz uma roncaria semelhante á d'este animal, quando se enfurece. (MS9)

CAPÉBA, s. f. **Raiz amarga**, que com a de mangirioba dá tintura, ou garapa amargosa usada contra a hydropesia cá no Brasil. §. **Camarada**, amigo na lingua chula do Brasil “*é seu* –“ (MS9)

CARURÚ, s. m. (t. do Brazil) **Planta da familia das amarantaceas**. § **Guisado** brasileiro de hervas hortenses, entre as quaes entra a *carurú*, feitas em esparregado, e temperadas com azeite commum ou de dendê, côco amarello, com pimenta do Brazil, etc. o *carurú* de quiabos, de camarão, etc.; come-se com angú, pirão, etc. (MS9)

PERERÉCA, s. f. (t. do Brazil) **Pequeno batrachio**, semelhante á rã, esverdeado, que vive nas árvores. § (fig.) **Individuo ou animal**, de pouco corpo, e aspecto desagradavel. (MS9)

Alguns termos da flora e da fauna, como *mandioca*, *caju*, *goiaba*, *jacaré*, *arara*, *tatu*, *jiboia*, entre vários outros, por razões diversas, passaram para o vocabulário da língua comum. Além da grande relevância desses produtos e palavras na autorrepresentação do universo nacional, eles ‘ganharam o mundo’ e, de certo modo, podem ser classificados como ‘brasileirismos que se usam fora do Brasil’.²³² Desde meados do século XX, *mandioca*, *goiaba* e *caju* não são mais classificados pelos dicionários como “termos do Brasil”. Seus eventuais sinônimos (*araçá-mirim*, *guaiaba*, *macaxeira*) são originariamente brasileiros, dada a vitalidade da coisa no país. Não há no português europeu nomes para esses vegetais. Assim como não há para diversas manifestações culturais (como *frevo*, *capoeira*, *escola de samba*, *maracatu*, *fórró*, *axé-music*), para termos de aspectos geográficos (como *igarapé*, *igapó*, *cerrado*, *caatinga*), para produtos alimentares e bebidas (como *caipirinha*, *tapioca*, *acarajé*, *feijoada*), para gentílicos (como *cearense*, *capixaba*, *carioca*) etc.

São dinâmicas da língua que nem sempre o dicionário dá conta de registrar. Dúvidas e oscilações nas classificações de usos diatópicos (entre outras) permeiam todos os títulos, tanto por falta de dados suficientes, como por nuances de usos e interpenetrações de registros entre as diversas regiões onde se fala a língua portuguesa. No caso, Brasil e Portugal. Apesar da maior sistematicidade do registro diatópico no lugar previsto para essa marca de uso,²³³ nota-se que os termos botânicos e zoológicos são apresentados como “coisas do Brasil”, ora como

²³² Ainda mais se se levasse em conta a proposta daqueles que consideram brasileirismos apenas as palavras de origem indígena do Brasil (ver item 1.2).

²³³ Ver item 3.4.

“palavras do Brasil”. Ana Maria Pires de Oliveira faz um extenso levantamento da classificação dos brasileirismos de botânica e zoologia na edição de 1999 do dicionário Aurélio. Nesse levantamento, essas idiosincrasias são arroladas. Caso essa pesquisadora fizesse estudo análogo nos dicionários que antecederam e que foram publicados posteriormente, encontraria ocorrências semelhantes. Por exemplo:

CAVÁLLA, s. f. Peixe [...] § Especie de sarda grande **do Brazil**, sem espinhas. [...] (MS8)

CASCVEL, s. m. Guiso [...] § adj. *Cobra cascavel*; serpente venenosa **do Brazil**, assim chamada, porque quando agita a cauda, produz um som semelhante a cascaveis. § [...] (MS8)

CATOLÉ, s. m. Coquilho de um arbusto d’este nome, do qual se tira **em Pernambuco** óleo para guisar, e para luzes; é inulto, dá-se **nos Gararapes** pelo matto. (MS8)

Nos verbetes que nomeiam referentes que não sejam da natureza, a padronização editorial é aparentemente mais frequente (cf. 3.4). Talvez porque nos elementos da natureza seja necessário, ou possível, afirmar que seja uma coisa brasileira e não só uma palavra brasileira. Outra curiosidade a ser averiguada com atenção é com relação à diferença entre a multiplicidade de nomes para plantas e bichos. Os nomes das plantas podem ser mais facilmente incorporados à língua comum ou ao conjunto de brasileirismos comumente partilhados entre os falantes dos dois continentes devido ao fato de os vegetais serem mais facilmente transplantados e consumidos em outras localidades que não a sua original? Como a importação de animais é menos frequente, seus nomes tendem a ser mais marcados como brasileiros?

Os grupos indígenas brasileiros ganham destaque nos dicionários a partir de EF e DL. Na nominata da letra “c” encontram-se 48 entradas relativas à etnografia brasileira, assinaladas pela rubrica temática de geografia, “sciencia que ensina o nome dos diversos paizes e nações da terra”.

A partir das inclusões em CF ou DL, a maioria desses nomes passa a compor a nominata de MS, como pode ser observado na tabela constante no Anexo B. As contribuições desses dicionários enciclopédicos para o registro de termos brasileiros (considerando-se as entradas de nomes comuns) são basicamente essas. No segmento analisado, *chicha* e *champrão* foram os únicos termos dicionarizados primeiramente por EF e DL, sendo que *champrão* é definido em contexto do verbete *couçoeira* desde MS4 (ver 5.5.4).

Devido à natureza enciclopédica de EF e DL, os verbetes relativos aos grupos indígenas detêm-se em informações extralinguísticas. Além do local onde vivem, informa-se a qualidade do caráter mais ou menos belicoso, mais ou menos afeito à civilização ou ao contato com portugueses e com outros povos. Esses dados circunstanciais não são da competência dos dicionários gerais de língua.

CARAJÁS, (geogr.) assim se appellidam varias tribus d’Indios que vivem nas margens do Araguaia, **faceis de civilizar-se por serem d’um genio brando.** (EF2)

CAHETÉ, (geogr.) nome generico do idioma indiano que significa *mata espessa*, e que foi applicado a differentes tribus de Indios **que viviam embrenhadas para se subtraírem á guerra cruel que lhes faziam outras tribus.** Faziam estes Indios longas jornadas, passando rios em jangadas, e **levavam por onde quer que passavam a morte e a desolação.** Os Tupinambás do Pará e do Maranhão se colligaram contra elles, e destruíram-nos em todos os lugares onde poderam encontrá-los. Os que escaparam se civilisaram e assentaram morada nos districtos do sul da provincia de Parahiba. (EF2)

CHARROÁS, *s. m. pl.* tribu de indios do Brazil, que habitavam na provincia do Rio Grande do Sul. (EF2)

Os dicionários gerais de língua restringem-se a um definidor genérico, que varia em torno das expressões “tribu indígena”, “silvicola”, “aborigene”, “cabilda de selvagens”, “povo indígena”, “índios”, “indígenas”, seguidas do local onde o grupo habita.²³⁴

CARAJÁS, *s. m. pl. (t. do Brazil.)* Tribu de indígenas, que dominava em parte do actual Estado de Goyaz. (MS9)

CAHETÉS, *s. m. pl. (t. do Brazil)* Indígenas de Pernambuco, divididos em varias tribus. (MS9)

CHARROÁS, *s. m. pl.* Tribu de Indios do Brazil, que habitavam o actual Estado do Rio Grande do Sul. (MS9)

Constata-se uma curiosidade, não mais com relação a esse grupo de entradas, mas à questão de escolha lexical para o definidor genérico. Segundo todas as edições de MS, *indígena* é a forma considerada preferencial para se referir aos aborígenes brasileiros, pois *índio* seria o gentílico para “natural da Índia”. Apenas em MS5, o sentido relativo aos nativos do Novo Mundo será dicionarizado, com a ressalva “designação indevida”. Essa recomendação explícita permanece até MS9.

*INDIO, *adj.* Natural, ou pertencente á India. (MS4)

²³⁴ É esse o tipo de informação que normalmente se encontra também nos dicionários contemporâneos, acrescentando-se a acepção relativa ao glossônimo do grupo, quando existente

INDIO, a, adj. e s. Natural ou pertencente á India. § -- s. m. [...] § Nome dado impropriamente aos indigenas da America: os indios do Brazil. (MS9)

INDÍGENA, s. 2g. Natural de alguma terra; fallando relativamente a essa terra; diz-se das pessoas; e fig. das plantas ou animaes que não foram transplantadas para ella [...] (MS9)

A recomendação implícita, no entanto, é a não distinção entre os dois lemas. O vocábulo *índio* nas edições de MS refere-se indistintamente a índios brasileiros e a indianos. Os verbetes *aldeia*, *cidra*, *cangoeira*, *caramuru*, *caboré* e a locução *capitão de entrada* ilustram o uso de índio por indígena brasileiro. Há exemplos, inclusive, em que a indicação de que se refere ao nativo da Índia vem explicitada pelo qualificativo “oriental”, desfazendo a possível ambiguidade.

LANGUOTÍM. V. Tanga. *Langotim* dizem outros o panno, com que os **Índios orientáes** nós, em Goa se cobrem da cintura abaixo. (MS9)

Os outros dicionários do século XIX não fazem essa ressalva nem em *indígena* nem em *índio*. CA, mantendo a coerência relativa à não consignaçoão de gentílicos, não registra o vocábulo *índio*. A ressalva feita por MS ressoa de modos distintos em dicionários do século XX. Embora CF2 não desaconselhe o uso de *índio* por “índigena brasileiro”, faz certa distinção quanto à legitimidade dos dois significados: a designação “habitantes da India” seria uso “com propriedade”; a de “habitantes da América”, resultado de um equívoco, necessitando de justificativa.

ÍNDIOS, *m. pl.* Nome que, **pròpriamente**, designa os habitantes da Índia, também designados hoje por *Indus*, e que **se estende** aos habitantes da América, **por suporem os descobridores do Novo-Mundo** que, ao descobri-lo, tinham chegado à Índia pelo Ocidente. (CF2)

Essa justificativa se perpetuará em dicionários portugueses de meados de Novecentos: o da Porto Editora e Lello, pelo menos.

Outra peculiaridade acerca dos textos definitórios para termos ligados a grupos indígenas refere-se à quase supressão dos substantivos *silvícolas*, *aborígenes*, *gentios*, *selvagens*, *horda*, *cabilda*, *tribo*, em prol de *indígena*, *índio*, *natural*, *autóctone*, *nativo*, *grupo*, *nação*, *povo*, na definição de etnônimos e afins.

Grupos indígenas: nomes iniciados por “c”, século XIX:

caãs
cabaíbas

carajás
carijós

cortis
cotochós

caboquenas
cachinezes
cadiuéos
caetés
cagoãs
caiabavas
caiapós
cairiri ou cariri
caiuá
caiuvicena
camararés
cambazes
cambeba
canacatagés
canarim
canoeiros
capicãs
caraíba

catanuixís
catapuias
cauperes
chacriabás
chagoteos
charroás
charruás
chavantes
chibarás
chimanos
chocós
chucurús
coevana
colinos
comanis
combocas
coragiás
coroados

croátos
cuchiuaras
cumacuanas
curutus

5 O REGISTRO DOS TERMOS BRASILEIROS: ANÁLISE DOS VERBETES

A afluência de termos brasileiros nos dicionários de língua portuguesa dá-se a partir da década de 1870, por meio de MS7 e, em menor volume, de CA, conforme se conclui da amostra, descrita com pormenores no capítulo 4. O registro do léxico brasileiro continua a ser ampliado nas edições subsequentes de MS (oitava e nona) e parece estar condicionado a critérios algo distintos em relação àqueles que são apresentados nos primeiros dicionários com relação à origem dos termos, ao tipo de brasileirismo (semântico ou vocabular) e ao campo semântico da acepção. O aumento do número de brasileirismos nesses dicionários coincide com as recolhas de termos regionalistas publicadas no Brasil a partir de 1850 e acompanha o projeto de acumulação de entradas e de acepções pelas obras de referência.

O presente capítulo da tese mapeia as escolhas dos termos brasileiros desses dicionários, comenta as estratégias lexicográficas empregadas na redação, com destaque para a definição e para os equivalentes lexicais que auxiliam no esclarecimento das glosas. A partir do reconhecimento de regularidades e irregularidades na seleção das acepções e nos textos dos verbetes, é possível estabelecer estratégias de comparação entre dicionários gerais do século XIX, e desses com a produção da primeira metade do século XX, no Brasil e em Portugal. A apresentação dos resultados é feita em cinco itens. O primeiro comenta a origem dos brasileirismos da amostra, ilustrando o alargamento da nominata em MS8 e MS9²³⁵ pelos termos derivados. O segundo refere-se aos brasileirismos semânticos. O terceiro item fala sobre o registro da variedade lexical no Brasil. O quarto discorre sobre os campos semânticos a que pertencem os verbetes, destacando as (im)possibilidades de identificar o que seja referente apenas brasileiro e o que seja referente comum a Brasil e Portugal. O quinto descreve sumariamente o texto das definições, considerando as estratégias lexicográficas e linguísticas de que se valem os redatores de MS e CA.

Por fim, essas informações são utilizadas conjuntamente, para que se possam analisar alguns verbetes, com o fito de estabelecer a relevância dos primeiros registros na produção dicionarística de língua portuguesa, identificando testemunhos de introdução e a permanência de registros lexicográficos, bem como as características linguísticas e metalexográficas dos

²³⁵ MS9 faz raras inclusões de termos brasileiros na nominata, quando comparado com MS8. Por esta razão, quanto ao alargamento da macroestrutura, consideram-se MS8 e MS9 conjuntamente. Quando o foco da análise é a microestrutura, levou-se em consideração apenas MS9.

verbetes e sua repercussão na produção do século XX, especialmente no que se refere às técnicas de definição e à seleção de equivalentes.

Ao longo do capítulo serão trazidos exemplos que esclareçam os conceitos empregados na descrição do *corpus*. Nos Anexos C e D estão os verbetes da nominata iniciada pela letra “c”, em ordem alfabética, alguns deles acompanhados de marcações quanto ao que será apresentado a seguir: origem; se é brasileirismo semântico ou lexical; se nomeia referente apenas brasileiro ou não; e o destaque de informações linguísticas e extralinguísticas, de definidores genéricos e específicos e de indicação de equivalentes.

5.1 Origem dos brasileirismos

Entre os chamados “termos do Brasil” em todos os dicionários do século XIX, os empréstimos de línguas indígenas brasileiras sobressaem em número. Em MS8 e MS9, eles continuam sendo incorporados à macroestrutura. A diferença é que os termos originários de línguas africanas ou do espanhol sul-americano também passam a multiplicar-se em relação às publicações anteriores aos anos 1870. Tal fato pode ser constatado na tabela a seguir, que discrimina os termos de acordo com a sua origem e com o dicionário que fez o seu primeiro registro, considerando apenas os mais representativos de cada época, de acordo com a amostra (MS4, MS7, CA, MS8/MS9). Nela estão relacionadas todas as palavras cujas acepções são exclusivamente brasileiras, excetuando-se nisso aquelas formadas por derivação de termos também brasileiros, caso em que vêm arroladas mais adiante. Excetua-se, em todos os casos, brasileirismos semânticos, comentados em 5.2. Para o estabelecimento das etimologias, utilizaram-se os dados fornecidos pela base atual da segunda edição do *Dicionário Houaiss*.²³⁶ As ocasionais inexatidões que podem ocorrer nesse tipo de informação, pelo fato de serem percentualmente irrelevantes, não comprometem a demonstração pretendida no levantamento desenvolvido nesta tese, que é o de comparar o maior espaço dado aos termos de origem e formação vernácula nos dicionários de final do século XIX. Quando o DH informa que a origem que dá da palavra é apenas provável, vale dizer, não comprovada, manteve-se o

²³⁶ Algumas dúvidas foram resolvidas em conjunto com Mauro de Salles Villar, lexicógrafo responsável pela segunda edição dessa obra. A partir dos questionamentos de que se fala, algumas informações etimológicas acabaram por ser complementadas ou alteradas, mas a disponibilidade de tais atualizações ainda não estava liberada para consulta do público em geral à época de conclusão desta tese, só fazendo parte da base de dados do Instituto Houaiss de Lexicografia.

vocábulo na lista do que seria a origem controversa e acrescentou-se-lhe um ponto de interrogação.

Tabela 4 – Brasileirismos por origem

Origem	MS4	MS7	CA	MS8 ou MS9
Indígena brasileira	<i>caboclo, caipora, camucim, cangoeira, capeba, caramuru, carapina, carimã, catapora, congonha (?), copiar, crueira, cuia, cuiambuca/cumbuca, curumim</i>	<i>caboré, caipira (?), caracu(?), cariboca, carioca, catanduba, cauim, catucar(?), copé, cuidar, curera, curi, cuxá</i>		<i>caatinga, cabauí, caiçara, caitetu/caititu, caíva, cambica, camina (?), capixaba, capuába, cará, caramburu(?), caraminguás, caraúno, caritó, carpina, carumbé, catamboeira, catanguera/ tamboeira, catimpuera(?), cearense, cica, coivara, coroca, cuim, cumbuco, curabi, curuba, cutuca(?)</i>
Indígena sul-americana			<i>curare, ximbé</i>	
Africana	<i>cacimba, cafuné, senzala</i>	<i>caçamba, caçula, calombo, calumbá, canzá, capanga, capoeira [preto fugido], carajé, chila</i>		<i>cabungo, cacerengue, café(?), cairi(?), calundu, calunga, camafonje(?), candombe, candomblé, capiangan, capiango (nb), catupé(?), cauila, caxambu</i>
Espanhol sul-americano	<i>caçabe/caçave, chácara, charque</i>	<i>cadena, chicha, chimango (?), chimarrão, china, churrasco, coxilha, coxinilho</i>	<i>changuero(?), cincerro, cucharra</i>	<i>cáften, cancha, carona, chalana, chiripá, chilena, chucro, cincha, cogotilho, colhera</i>
Vernacular	<i>carguejar</i>	<i>cabanada, cabano(?), caborteiro/cavorteiro, caliz, capadócio, cocheira, cris</i>		<i>cabos-brancos, cabos-negros, cabo-verde, cachoeira, caga-sebo, cai-cai, cangapé, capeta, casqueiro, catarinense, cavalariano, caxingar, cercada, chamarrita, chamboqueiro, chapeado, choradinho, corredeira, corta-jaca, courear, covanca</i>
Expressivo ou onomatopaico				<i>curumba</i>
Outras	<i>coscós (espanhol ibérico?)</i>	<i>canga (do alemão), caminhão (do francês), canhada (do espanhol ibérico)</i>		

Desconhecida ou muito controversa	<i>calhambola, canjica, caruru, catimbau, catinga, champrão, covocó</i>	<i>cafajeste, cafuza/o, calcanha, canjiquinha, caterineta, corá, cornimboque, cuba, cuebas</i>		<i>cãibro, capenga, chasqueiro (provavelmente de chasco ‘puxão na rédea’), cicica, cordiana</i>
------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------

Os dicionários em análise raramente informam etimologias que filiem os termos à origem africana ou indígena brasileira. As exceções na letra ‘c’ podem ser listadas:²³⁷ *caboclo, calhambola, caramuru, carioca* (o gentílico teria origem no nome do aqueduto; não há menção à origem indígena), *catanga, cuia, curumim, cafuné, senzala* (estes cinco com etimologia apenas em SC), *camucim e cangoeira* (ambos com etimologia explicitada apenas em DV). Os brasileirismos de empréstimo de línguas de cultura,²³⁸ como francês, alemão, espanhol ibérico ou americano também não costumam ter a origem indicada. As exceções entre os termos trazidos para estudo nesta tese são, do inglês, *bonde*, e, do espanhol, *cucharra* e *charque*.

A hipótese acerca da ausência deliberada de etimologias de termos brasileiros é reforçada pelo pressuposto de que MS8 tenha se valido do *Diccionario* de Beaurepaire-Rohan.²³⁹

A expressão “t. do Brazil” e suas variantes não indicam termo de origem brasileira, tanto é que as palavras *capeta, candomblé, bonde, caranguejeiro, cáften* e *caipora*, cada uma delas trazida de línguas diferentes, têm a mesma marcação diatópica que os brasileirismos de significado, como *cambista* e *caldeirão*. O discurso em voga no Brasil, de valorização das línguas indígenas e de sua contribuição para a formação do léxico brasileiro, não é destacado formalmente, exceto pelo grande número de entradas. A partir da primeira metade do século XIX, multiplicam-se as publicações de levantamentos vocabulares que traduzem línguas indígenas para o português (ver 2.2). Não se notaram, porém, reflexos dessas publicações nos dicionários gerais de língua portuguesa no grupo de verbetes estudado.

Alguns termos brasileiros, como *capoeira* (em CA), *copiar* (substantivo), *canga, cativo* e *cocheira*, têm entradas autônomas, provavelmente por julgar-se que tivessem procedências diversas. Apesar de os dicionários não explicitarem os critérios usados para

²³⁷ Essa lista segue a informação contida nos dicionários do século XIX e não as informações conhecidas atualmente.

²³⁸ Língua de cultura: “língua dos povos que desenvolveram uma civilização marcada pelo desenvolvimento de conhecimentos capazes de enriquecer o espírito e refinar o gosto e a consciência crítica, produzindo nessa língua a sua literatura escrita”. (DH)

²³⁹ Como se viu em 2.2.1 e em 3.3.1, a pesquisa de Rohan envolve especulações etimológicas.

considerar as mesmas formas como lemas distintos, tal opção está implícita, nesses e em outros casos.

Entre as novas entradas, são os derivados de termos brasileiros que se destacam, sejam eles formados a partir de radicais de empréstimo ou vernáculos. As tabelas a seguir espelham o registro de cognatos nos dicionários mais representativos de cada época. Na primeira coluna estão listados os termos que dão origem aos cognatos dispostos nas colunas seguintes.²⁴⁰ Indica-se ainda, entre parênteses, o primeiro dicionário do século XIX a registrá-lo (considerando-se o grupo de títulos estudados). Nas outras colunas, estão relacionados os termos derivados cujo sentido seja apenas brasileiro e se vincule semanticamente ao termo primitivo. Indica-se o verbete cognato apenas no primeiro dicionário a consigná-lo. As listas de termos derivados excedem a nominata da letra “c”.

Quando o termo derivado é polissêmico e uma das suas acepções é da língua comum, ele não foi relacionado neste item, mas em 5.2.

Tabela 5 – Brasileirismos derivados de termos de origem indígena brasileira

Termo primitivo: 1º registro entre os títulos estudados	MS4	MS7	CA	MS8 ou MS9
<i>caboclo</i> (MS4)				<i>acaboclado, cabocla, caboclada, caboclado, caboclinha, caboclinho, caboclismo</i>
<i>caipira</i> (MS7)				<i>caipirada</i>
<i>caipora</i> (MS4)			<i>caiporismo</i>	<i>desencaiporar, encaiporado, encaiporar</i>
<i>capim</i> (MS4)	<i>capinar, capineiro</i>	<i>capinado</i>		<i>capina, capinação, capinador, capinal, capinzal</i> ²⁴¹
<i>cipó</i> (MS4)	<i>cipoal</i> (nb), <i>cipoada</i> (nb)		<i>cipoar</i>	
<i>coivara</i> (MS8)				<i>coivarar, encoivarar</i>
<i>congonha</i> (MS4)				<i>congonghar</i>

²⁴⁰ Incluindo-se os de origem controversa, assinalados com ponto de interrogação na primeira lista.

²⁴¹ Utilizado na definição de termos não brasileiros. Ver *revez* em MS7. Os cognatos de *capim* nem sempre são assinalados como brasileirismos, por exemplo, *capinal*.

Tabela 6 – Brasileirismos derivados de termos espanhol sul-americano

Termo primitivo: 1º registro entre os títulos estudados	MS4	MS7	CA	MS8 ou MS9
<i>cáften</i> (MS8)				<i>cafetina, cafetismo</i>
<i>chácara</i> (MS3)		<i>chacarinha</i>		<i>chacareiro, chacarola</i>
<i>charque</i> (MS2)		<i>charqueada, charquear</i>		<i>charqueação, charqueador</i>
<i>china</i> (MS7)				<i>chininha, chinoca</i>
<i>churrasco</i> (CA)				<i>churrasquear</i>
<i>cincha</i> (MS8)				<i>cinchador, cinchão</i>

a) Originário de língua africana:

Sobre empréstimos de línguas africanas, é preciso registrar que eles aportam na língua portuguesa via Brasil ou Portugal. É o que ocorre provavelmente com a palavra *candonga*, apontada por Antônio Geraldo da Cunha no *Dicionário etimológico Nova Fronteira* como “talvez do quimbundo”. A partir de *candonga* formam-se *candongagem*, *candongar*, *candongueiro*, *candonguice*, palavras usadas no português europeu e brasileiro, até os dias de hoje, com sentidos especializados em um e outro país. *Candonga* e *candongueiro* (este sem entrada autônoma) foram registrados já por Rafael Bluteau. Apenas em dicionários editados no final do século XX estão registradas as acepções brasileiras de *candongueiro*: a de “atabaque pequeno com sons agudos” e “animal resistente ao freio” (esta apenas no Rio Grande do Sul e consignada desde o PDBLP). Outros exemplos de termos de origem africana registrados por Bluteau são *bumba*, *macaco* (segundo DH, de origem duvidosa, provavelmente banta, difundido para outras línguas pelo português), *muxinga*, *quizila* (*quigila*).²⁴²

Tabela 7 – Brasileirismos derivados de termos de origem africana

Termo primitivo: 1º registro entre os títulos estudados	MS4	MS7	CA	MS8 ou MS9
<i>calunga</i> (MS8)				<i>calungueira</i>
<i>candombe</i> (MS8)				<i>candombeiro</i>
<i>capanga</i> (MS7)				<i>capangada</i>
<i>capoeira</i> [luta] (MS8)				<i>capoeirada, capoeiragem, capoeirar</i>

²⁴² Ver também nota 93, sobre o verbete *mocambo*.

Entre os radicais vernáculos, muito frequentemente, a palavra de que se origina o cognato brasileiro é polissêmica, com significados da língua comum e com significados exclusivos do Brasil. O novo termo, no entanto, é dicionarizado por causa apenas da acepção de significado brasileiro.

- de cacete: *caceteação*, *cacetear*, que se traduzem em ação, resultado e processo, falando de um “Individuo que aborrece...” e não a ação de bater ou espancar com *cacete* (“cachamorra”, “porrete”, sentidos da língua comum);

CACÈTE, s. m. (abrev. do Fr. *Casse-tête*, quebra-cabeça) Pau curto, e grosso n’uma das extremidades; cachamorra curta; bengalão. § (t. pop. do Brazil) **Individuo que aborrece**, enfada, que não larga uma pessoa, que é maçante, que é carraça. (MS9)

CACETEACÃO, s. f. (t. pop. do Brazil) **O acto de cacetear alguém.** (MS9)

CACETEAR, v. trans. (t. pop. do Brazil) **Aborrecer, enfadar, maçar alguém** não o largando, ou repetindo, repisando as cousas, etc. (MS9)

- de cabra: *cabrocha*, *cabroeira*. *Cabra*, além de fêmea do bode, gênero de mamíferos, tipo de inseto e outros sentidos figurados, tem o significado de “mestiço”. A partir do radical, formam-se *cabrocha* e *cabroeira* (diminutivo e coletivo respectivamente). Em MS9 estão registrados mais três substantivos derivados – *cabrada*, *cabrão*, *cabreiro* – relacionando-se com o animal e sem qualquer marcação de uso diatópico.

CABRA, s. f. [...] Genero de mammiferos [...] § (t. do Brazil) **O filho, ou filha de pae mulato e mãe preta**, ou vice-versa. § [...] (MS9)

CABRÓXA, s. m. e f. (t. do Brazil) Nome com que se designa um **rapazote da casta dos chamados cabras**. (MS9)

CABROÈIRA, s. f. (t. do Brazil) **Grupo de individuos dos chamados cabras**. (MS9)

- de cachaça: formam-se *cachaceira*, *cachaceiro*, *descachaçar*.

CACHÁÇA, s. f. Vinho das borras. *Sá Mir.* f. 44 § (no Brazil) **Aguardente ordinaria**, extrahida do mel, ou borras do melaço, e das limpaduras da canna de assucar. § (it.) **Espuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das cannas na caldeira, onde se limpa, para passar ás tachas**, depois de bem depurado, e ajudado com a decoada de cal ou cinzas: “cobro de –“. *Canc. f. III v.* § [...] (MS9)

CACHACÈIRA, s. f. Cachaço grande e largo. § Carne do cachaço do porco; faceira. § (t. do Brazil) **Logar onde se apara e junta a cachaça que se tira das caldeiras do assucar**, quando estas se limpam. (MS9)²⁴³

CACHACÈIRO, adj. (t. do Brazil) Diz-se de **pessoa que se embriaga com cachaça**. (MS9)

DESCACHAÇAR, v.trans. (t. do Brazil) **Limpar da cachaça, ou das escumas grossas e sujas o succo, ou caldo da canna de assucar**: -- *a melladura*.

- de cangaço: *cangaceiro*.

CANGAÇO, s. m. O mesmo que Engaço, ou Bagaço. § (t. do Brazil) Penduculo [...] § (it.) **A porção de armas que costuma trazer o valentão**, ou o que affecta sel-o. § -- pl. (it.) Cangaçaes. (MS9)

CANGACÈIRO, s. m. (t. do Brazil) **O que traz excesso de armas**, affectando valentia. (MS9)

Outros casos como esses do *corpus* estudado estão listados na tabela 8.

Tabela 8 – Brasileirismos derivados de termos de origem vernácula

Termo primitivo: 1º registro entre os títulos estudados	MS4	MS7	CA	MS8 ou MS9
<i>cabresto</i> *				<i>cabrestear</i>
<i>campo</i> *			<i>campear,</i> <i>campeiro</i>	
<i>canoa</i> (MS2, nb)				<i>canoeiro,</i> <i>canoeiros,</i> <i>encanoar</i>
<i>cansaço</i> (MS4)	<i>cansacento</i>			
<i>caranguejo</i> *	<i>caranguejeiro</i>			
<i>carne (seca)</i> (MS4)		<i>carnear</i>		<i>carneação</i>
<i>cavalo</i> *				<i>cavalariano</i>
<i>chiqueiro</i> (MS4)	<i>enchiqueirar</i>			
<i>couro</i> *				<i>courear</i>

*O termo não tem acepção exclusivamente brasileira.

Há ainda termos forjados no Brasil a partir de radicais vernáculos, como *capeta*, cuja etimologia é, segundo DH, “*capa + -eta*”. Este dicionário também sugere que a designação “se deve à tradicional figura do diabo vestido com uma capinha”. *Capeta* só é dicionarizado por MS8 e *capetagem* por MS9.²⁴⁴

Outro exemplo é *capadócio*, que é palavra polissêmica. É o gentílico de Capadócia (província da Ásia Menor) e foi dicionarizado por EF e DL, devido às suas propostas de inclusão dos mais variados gentílicos. MS7 registra apenas o sentido brasileiro (“individuo

²⁴³ A segunda acepção de *cachaça* e a acepção de *cachaceira* só estão assinaladas como brasileirismos em MS9.

²⁴⁴ *Capeta* foi consignado por visconde de Pedra Branca em 1826. *Capetagem* por Beurepaire-Rohan, em 1889.

que se dá ares de importancia”), e MS8 e MS9 acrescentam os cognatos *capadoçada*, *capadoçagem* e *capadoçal*.

Há ainda famílias de palavras de origem incerta quanto ao radical que foram adaptadas ao sistema morfológico do português para a formação de cognatos. É o caso de *cafajeste* e *cafajestada*; *capenga* e *capengar*; *cutuca*, *cutucão* e *cutucar*.

A leitura continuada e sistemática de verbetes nos diversos dicionários do século XIX aponta falhas editoriais na marcação diatópica de termos brasileiros (e de outras regiões em geral). Apesar de *cipó* ser palavra e planta brasileira, nem todos seus cognatos – *cipoada*, *cipoar*, *cipoal* – são classificados como brasileirismos. O mesmo descompasso existe entre *caipira* (termo de São Paulo) e *caipirada* (termo do Brasil), *bacalhau* (t. do Brasil) e *bacalhoada* (sem marca diatópica), entre outros.

CAIPIRA, s. m. [...] § (**em S. Paulo**) O habitante do campo; o mesmo que aldeão, camponez; roceiro. (MS9)

CAIPIRÁDA, s. f. (**t. do Brazil**) Acto de caipira; rusticidade, grosseria § Grupo de caipiras. (MS9)

BACALHÃO, ou BACALHAU, s. m. [...] § Açoute de varias pernas de correias de couro cru torcidas, com eram cruelmente castigados os escravos **no Brazil**: “dar uma surra de *bacalhau* nas nadegas” § [...] (MS9)

BACALHOÁDA, s. f. Golpe, açoute com bacalhau. § [...] (MS9)

As ambiguidades e incoerências desse tipo, constantes nas primeiras edições de MS, são desfeitas pelas suas subsequentes reedições e pela edição de CA, o que confirma a hipótese de que a não marcação inicial possa ter sido falha, seja por descuido ou por falta de informação. A acepção brasileira de *chiqueiro* (“nos rios, cerca de varas...”) é registrada como “termo do Brasil” desde MS4. O verbo *enchiqueirar* (“ficar o peixe preso no chiqueiro”) também tem entrada em MS4, mas é assinalado como brasileiro somente a partir de CA.

Só a pesquisa em documentos da época poderia determinar, por exemplo, a indecisão quanto à marcação diatópica no verbo *cabra* (“mestiço”): foi dicionarizado por Bluteau como uso do Brasil, não foi classificado como brasileirismo no correr de todo o século XIX e tornou a sê-lo na passagem para o século XX. Seria equívoco, o termo teria sido abolido do uso no português europeu, ou teria havido algum tipo de veto à palavra, por sua conotação pejorativa?

A criação de formas derivadas de um termo brasileiro indica que a palavra criou raízes no vocabulário e que a produtividade lexical no Brasil não se restringe a empréstimos, mas

inclui também a apropriação da língua, com a produção lexical de base vernácula. Registrar essas formas significa legitimar o seu uso e dar destaque ao termo primitivo. Mesmo que este caia na obsolescência, permanecerá na nominata para embasar a existência dos cognatos. Além disso, as obras lexicográficas têm como regra a manutenção de termos registrados pelos dicionários anteriores. Apesar de os termos formados a partir de línguas indígenas e, posteriormente, a partir de línguas africanas, ocuparem mais a atenção dos estudos acerca da inovação lexical no português do Brasil do que as palavras que se formaram no Brasil com base na substância linguística do idioma tradicional,²⁴⁵ nota-se, nos dicionários MS, certo movimento de integração desses últimos à lexicografia de língua portuguesa.

5.2 Brasileirismos semânticos

As acepções brasileiras também ganham espaço na produção lexicográfica de língua portuguesa a partir do final do século XIX, sob influência dos dicionários especializados que deixam de ser recolhidas quase que exclusivamente de termos formados por empréstimo, passando a incorporar termos da língua comum que ganharam novo matiz no Brasil.

Em MS9, não são poucas as ocorrências de brasileirismos desse tipo (no mínimo 61, num total de 350):²⁴⁶ *cabacinha, cabaço, cabra, cachaça, cachear, cachoeira, cacete, caco, cadáver, cadeira, cadeirinha, caldeirão, caldeireiro, caldo, calombo, camarada, cambista, campeão, campear, campeiro, campo, candieiro, cangaço, cangalhas, canguieiro, caninha, canoa, cansaço, cantata, capão, capatazia, capoeira, cargueiro, carlinga, carrasco, cascalho, caseira, casqueiro, catingar, catingueiro, catraia, cavahada, cavalinho, chata, china, chiqueiro, cidade, cidra, cinchar, cocho, coco, cola, comboio, conferente, copeiro, corredor, cortiço, costa, costear, costeiro, cubo.*

Desse conjunto, 20 estão em MS7, 15 em CA e 17 em MS4 (considerando apenas os que são marcados como termos brasileiros). Os comentários serão feitos com base nos verbetes de MS9.

²⁴⁵ PIEL, Joseph M. *Sobre alguns aspectos da renovação e inovação lexicais.*

²⁴⁶ Caso MS9 tenha incluído as acepções sob uma mesmo lema, este lema foi tratado como polissêmico nesta tese. É o caso de *cinchar*. Se MS9 abre diferentes entradas, os termos foram considerados homônimos e, portanto, não se enquadram entre os brasileirismos de significado. É o caso de *captivo*.

As inovações semânticas e os deslocamentos de sentido são ocasionados por diferentes fatores, de caráter linguístico ou extralinguístico. Reslumbram certo fluir e refluir da língua, dado que “o vocabulário de uma língua é uma estrutura instável em que as palavras individuais podem adquirir e perder significados com a maior facilidade”.²⁴⁷

Nada há de definitivo acerca da mudança semântica: uma palavra pode adquirir um sentido novo, ou um grande número de sentidos novos, sem perder seu significado original. Algumas dessas inovações são acidentais e de curta duração, confinadas a um único autor, ou talvez mesmo a um único contexto; outras passarão da fala para a língua e estabilizar-se-ão em alterações permanentes, dando origem a uma das formas de polissemia [...]: mudanças de aplicação, especialização em determinado meio social, expressões figuradas, etc.²⁴⁸

A especulação acerca da trajetória das palavras e dos seus significados é matéria fascinante, mas que, como é consabido, não pode ser feita com base nos dicionários apenas.

Com o auxílio de recolhas regionais, com o acesso cada vez mais facilitado a bancos de dados e a documentos com datas recuadas no tempo, o percurso semântico de algumas palavras pode ser recuperado, seja pelas obras lexicográficas, seja por estudos de natureza dialetal ou etimológica. Nesse sentido, brasileirismos lexicais podem vir a ser reconhecidos como brasileirismos semânticos.

Um exemplo é a palavra *canhada* e a sua variante *canada*, empréstimo do espanhol ibérico *cañada*. *Canhada* é registrada por MS9 como termo do Rio Grande do Sul, mas seria forma usada também em Trás-os-Montes, segundo CF2 (corroborado por outros dicionários). *Canada* e *canhada* são, quase que certamente, a mesma palavra grafada de duas maneiras, tendo uma delas adquirido sentido específico no Rio Grande do Sul, mas para denominar um referente semelhante. Pode ser que tenha havido influência do espanhol sul-americano na seleção da forma. O que interessa no momento é perceber que, por conta de a edição de MS9 não registrar a acepção de Trás-os-Montes e não estabelecer relação entre *canhada* e *canada*, o registro que se tem é de palavra e sentido brasileiros.

CANHÁDA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Logar baixo entre dois montes; valle estreito. (MS9)

CANHADA f. Bras. Planície estreita entre montanhas. Prov. trasm. Canada, azinhaga. (Cast. *cañada*, cp. *canada*) (CF2)

²⁴⁷ ULLMANN, Stephen. *Semântica*, p. 407.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 405.

CANÁDA, s. f. Estrada estreita. § Passagem, carreira por onde vae o gado para não damnar os semeados. Leão, f. 474. § Espécie de corredor de estacas feito nos rios, de lado a lado, por onde o gado se lança a nadar, para que a corrente o não leve, ou não vá dar, cançado, em margem alcantilada, por onde não possa sair em secco e salvo. § --, pl. Os sulcos que fazem nos campos os carros, e carretas que os atravessam; carreiros, regos. (MS9)

CANADA, s. f. [...]. Azinhaga. Atalho. Fila de estacas, através de um rio para indicar o vau. Sulco, formado pelo rodar dos vehiculos. *Prov.alent. Faixa de terreno, que se deixa inculta dentro de uma propriedade ou entre duas propriedades, para passagem de gado. *Prov. alent. **Depressão de terreno ondulado**, olga, valeiro. (De *cana*). (CF2)

Caso similar é o dos pares *charque* e *enxerca*, que têm o mesmo significado e teriam adquirido formas distintas no Brasil e em Portugal, provavelmente por influência do espanhol platino. Veja-se a etimologia de *charque* em DH:

CHARQUE [...] ETIM. esp. *charque* ou *charqui* (1602) 'carne curada ao sol, ao ar etc.', de orig. duv.; segundo Corominas, não é certo que o quích. *ch'arqui* (1560) não seja de orig. hispânica, levando-se em conta que *enxerca* e *enxarca* (derivado de(o) ár.) existem com o mesmo sentido em Portugal (DH)

As primeiras edições, até MS7, fazem remissão entre *charque* e *enxerca*. Em MS9, a remissão é apenas de *enxerca* para *charque*.²⁴⁹

XÁRQUE, s. m. No sul do Brasil, principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamam ás carnes feitas em mantas, salpicadas de sal, e curadas ao Sol, que transportam para vender; talvez daqui se derivou *enxercar*, *enxercado*, *enxerqueira*, etc. (MS7)

O primeiro registro de *calombo*, em MS7, é para acepção tida como brasileira, no que é seguido por CA. A edição seguinte, MS8, desfaz a marcação diatópica para a referida acepção (“coágulo”) e traz outra com sentido mais específico. Tal correção, que segue a proposta de Rohan, inclui *calombo* entre os brasileirismos semânticos. Vale acrescentar que é palavra de origem supostamente africana.

*CALÔMBO, s. m. t. do Brasil. Sangue, leite ou outra substancia liquida depois de coalhada em fôrma granular. (MS7)

CALÔMBO, s. m. Sangue, leite ou outra substancia liquida depois de coalhada em fôrma granular; coagulo. § (t. do Brazil) Inchaço duro, tumefacção em qualquer parte do corpo. (MS9)

²⁴⁹ Ver mais comentários sobre esses verbetes em 3.3.

CALOMBO, s. m. tumor, pulmão, inchaço duro em qualquer parte do corpo. **O Dicc. Contemporâneo o dá como termo do Brasil, significando coagulo, sangue ou leite coagulado, o que não é exacto.** || *Etym.* Terá talvez uma origem africana. (Rohan)

O mesmo se dá com *candeeiro*, palavra de formação vernacular (*candea* + *-eiro*). O “homem que vae adiante dos bois; carreiro”, guia de bois, assim como o utensílio “destinado a dar luz”. Embora a acepção seja consignada como restrita ao Rio Grande do Sul, teria uso também em Portugal, no Minho, segundo MS10, Porto Editora e *Dicionário contemporâneo* da Academia das Ciências de Lisboa. Teria sido criado no Brasil e levado para Portugal? O verbo *candiar* (“guiar [um carro de bois] como candeeiro” [MS10]) teria uso no Brasil apenas, de acordo com esses mesmos dicionários. A consulta a textos da época poderia indicar o caminho percorrido pelo verbo e substantivo. Não é questão que suscite larga diligência linguística, dada a previsibilidade dos seus elementos de formação e à sabida importância da terminologia ligada a carro de bois nos dois países.

CANDIEIRO, s. m. Utensilio fixo ou portatil, de forma variadíssima [...] que é destinado a dar luz § (t. do Rio Grande do Sul) Homem que, armado ordinariamente de agulhada, vae adiante dos bois que puxam o carro. § [...] (MS9)

Esses exemplos corroboram a afirmativa de Joseph Piel: “é difícil dizer se uma determinada designação veio já de Portugal, ou se foi forjada *ad hoc* no Brasil”.²⁵⁰ Tal afirmação é feita com relação a acidentes topográficos e à forma de cultura do solo, mas pode estender-se a outras áreas temáticas. Não se pretende, portanto, percorrer aqui a trajetória semântica dos lemas. Conexões eventualmente sugeridas nesta tese podem ser corrigidas posteriormente.

Em alguns casos, é possível recuperar a relação de sentido entre o significado brasileiro e o significado da língua comum. Entre os fenômenos mais frequentes (ou de identificação mais imediata) estão a transposição, a ampliação e a restrição de sentido.

MS9 raramente antepõe à acepção a marca que indica a continuidade entre os sentidos brasileiros e aqueles da língua comum.²⁵¹ Na “Explicação das abreviaturas” desse dicionário, estão previstos marcadores semânticos e sociais – figurado, metáfora, por extensão, neologismo, burlesco, depreciativo, gíria, jocoso, vulgar, chulo, plebeu, familiar, popular –, além de dezenas de indicadores de área do conhecimento como agricultura, manejo de cavalos, caminho de ferro, geografia. Entre os termos do Brasil na letra “c”, foram

²⁵⁰ PIEL, Joseph M. *Sobre alguns aspectos da renovação e inovação lexicais*, p. 19.

²⁵¹ Não tenho dados suficientes para determinar se essa prática é regular nessa edição de MS.

encontrados dois tipos de indicação de derivação semântica “fig.” (figurado) e “p. ext.” (por extensão). Em *cachaça*, *cadáver*, *cacete* são sentidos derivados de acepções sem marcação diatópica, ou seja, da língua comum; em *chucro*, *calunga*, *capina*, *coco*, *capuaba*, *caraminguás* e *cobra mandada*, a relação é estabelecida com outro significado brasileiro. As locuções *meter alguém em cipóal* e *macaco velho não mete mão em cumbuca* não têm um sentido próprio explicitado.²⁵² As marcações de nível de uso diastrático são ainda mais parcimoniosas: em *cipó* e *cortiço* (t. pop.); em *capeba* (t. pleb. [até MS7, chulo]) e *congonhar* (t. vulg.). As rubricas temáticas restringem-se às acepções de *cubo* (nos engenhos de água) e *trem* (t. dos caminhos de ferro).

A utilização desses marcadores reflete a interpretação acerca do que seria o significado básico, normalmente o mais antigo ou o que se supõe como tal, ou aqueles que supostamente predominam frente a outros na consciência linguística do compilador das informações. Mas tanto o linguista como o lexicógrafo, quando “*se proponen a describir un sistema lingüístico colectivo, han de tener en cuenta que, en la conciencia lingüística de varios hablantes de una lengua, puede predominar en cada caso uno de los varios sememas que se pueden atribuir a un significante*”.²⁵³ Os comentários que Reinhold Werner desenvolve acerca do que seriam os sememas mais antigos ou mais frequentes são bastante esclarecedores sobre o que os estudos metalexográficos (como o desta tese) devem considerar quando da interpretação das informações contidas nos verbetes. Não é o caso de recuperar os contextos situacionais para entender a razão pela qual o lexicógrafo teria escolhido uma determinada acepção brasileira em detrimento de outra, ou porque teria organizado o verbete segundo este ou aquele critério. Há, porém, uma evidência que não deve ser desprezada: é um dicionário elaborado por portugueses, em Portugal; palavras e acepções brasileiras são acréscimos que, na maioria dos casos, estão relacionadas à proposta de acúmulo de informações (entradas e acepções).

O objetivo aqui é mostrar como os dicionários registram as informações de brasileirismos semânticos a que têm acesso. Os comentários têm caráter ilustrativo e serão feitos a partir de casos prototípicos: a) investigar a adaptação da acepção brasileira ao verbete, de modo a perceber se a relação entre as acepções pode ser recuperada; b) identificar até que

²⁵² Dentre esses, a maioria segue a orientação de Beaurepaire Rohan: *chucro*, *calunga*, *capina*, *coco*, *capuaba* e *meter alguém em cipóal*.

²⁵³ WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*, p. 318. (“[...] propõem-se a descrever um sistema linguístico coletivo, devem ter em conta que, na consciência linguística de vários falantes de uma língua, pode predominar, em cada caso, um dos vários sememas que se podem atribuir a um significante” [minha tradução]).

ponto as especificidades de sentido relacionam-se mais ao contexto de uso do que a um novo sentido.

Dentre os termos listados *supra*, a relação de sentido com os outros significados do verbete são recuperáveis em *cabacinha, cachaça, cachoeira, cadeira, cadeirinha, caldeirão, caldo, camarada, cambista, campear, campeiro, candieiro, cangaço, cangueiro, cansacento, cansaço, capão, capatazia, capoeira, cargueiro, carrasco, cascalho, caseira, casqueiro, catraia, cavalinho, cavalhada, chiqueiro, cidade, cidra, cocho, coco, cola, comboio, copeiro, corredor, cortiço, costa, costear, costeiro, cubo*.

No verbete *cidra*, a acepção da língua comum e a brasileira têm como interseção o fato de serem bebidas fermentadas extraídas de vegetais. O que se modifica é o vegetal. Processo similar de contaminação semântica acontece com a palavra *cachaça*. O desenvolvimento dos sentidos brasileiros dessas palavras caminhou de modo inverso. O de *cidra* desapareceu dos dicionários e, quando é recuperado por meio da leitura dessas obras de Oitocentos, gera estranhamento. Esse estranhamento não acontece, ou não é o mesmo, no entanto, quando se lê o verbete *tapicuri*, cuja acepção é “vinho de mandioca” (em MS9 e DH).

O sentido brasileiro de *cachaça* tornou-se praticamente absoluto. De “aguardente do mel, ou borras do melaço” (MS2) passa a “aguardente ordinária extrahida do mel ou...” (CA) e, atualmente a

CACHAÇA, s. f. [...] **3** aguardente obtida da destilação da borra do caldo de cana, ou do cabaú, ou do caldo de cana extraído esp. para esse fim, após ter passado por processo prévio de fermentação alcoólica; aguardente de cana **3.1** esse tipo de aguardente, quando produzido sob condições especificadas e controladas quanto à matéria-prima, ao processo de produção (equipamento, fermentação) e ao resultado (teor alcoólico, impurezas etc.) (DH)²⁵⁴

A grande importância econômica, social e cultural da cachaça para o Brasil e a forte presença popular da bebida resultam em lista de sinonímia com mais de 400 itens, sem considerar cachaças com misturas ou cachaças feitas com outra coisa que não a cana-de-açúcar.²⁵⁵

²⁵⁴ No texto da segunda edição (não publicada) desse mesmo dicionário, lê-se: “CACHAÇA s. f. [...] **3.1** essa aguardente, com teor alcoólico definido entre 38% e 48% [A graduação alcoólica, bem como a matéria-prima us. na fabricação da cachaça, é item da legislação brasileira específica expressa no Decreto 4.851, de 2 de outubro de 2003.]”

²⁵⁵ Sobre o estudo dessa lista de sinônimos, ver BARBOSA, Flávio de Aguiar. Um estudo sobre a palavra “cachaça”.

Em *cocho*, a relação dá-se provavelmente pelo formato e pela utilização como recipiente. O que distingue o *cocho* brasileiro é o fato de ser feito com uma única peça de madeira.²⁵⁶ A “viola grosseira”, supõe-se, recebe o nome por similitude de forma ou de material. Os dicionários do século XX mantêm as subdivisões do verbete. Apenas DH traz uma acepção genérica (“recipiente de madeira ou outro material, de vários formatos e tamanhos, e usado para diversos fins”) sob a qual estão ordenados recipientes de formatos, material e utilização variados, designados pela mesma palavra.

CIDRA, s. f. Vinho, ou licor de maçãs. *Dinis, Poes.* § (t. do Brazil.) **Vinho de mandioca**, ou da sua manipueira, de que usam os Indios. *Goes, Chr. Man.* 1. c. 56. (MS9)

TAPICURI, s. m. (t. do Brazil) Vinho de mandioca. (MS9)

CACHÁÇA, s. f. Vinho das borras. *Sá Mir.* f. 44 § (no Brazil) **Aguardente ordinaria, extrahida** do mel, ou borras do melaço, e das limpaduras da canna de assucar. § [...] (MS9)

CÔCHO, s. m. Taboleiro de levar aos pedreiros a cal amassada para a obra; coche: “os cestos da terra, e os *cochos* de barro” *B. 2. 6. 9. ult. ed. V.* Coche de cal. § (t. do Brazil) Especie de **vasilha oblonga feita ordinariamente de uma só peça de madeira**, e ás vezes de taboas, e que serve para se dar comida ou agua ao gado. § (it.) **Calumbá**, parol, coche. V. este§ (t. de Matto Grosso) **Viola** grosseira. (MS9)

A restrição ou extensão de sentido são percebidas em *costa* e cognatos, *copeiro*, *capatazia*, *catraia*, *corredor*.

CÓSTA, s. f. [...] A terra que fica junta com o mar, que de ordinario é mais baixa à beira. § [...] (no Rio Grande do Sul) **a margem não só do mar como do rio.** § [...] (MS9)

COPEIRO, s. m. O que cuida na copa. § O que faz dõces, licores, etc. para a copa. *Vieira*, 3. 518. 2. “*copeiro* de Faraó”. [...] § (t. do Brazil) **Creado de mesa.** § [...] (MS9)

CAPATAZIA, s. f. Officio de capataz. § Certo numero de homens de serviço, governandos por um capataz. *Estat. da J. do Comm. de 12 de dezembro 1750.* § s. f. pl. (t. do Brazil) Repartição de alfandega, que **dirige os serviços braçaes.** (MS9)

CATRAIA, s. f. ou CATRÁIO, s. m. Bote pequeno; usado no Tejo. *Alv. de 16 de ag. De 1772 “catraia”* § **Bote usado na Bahia** (Brazil) para transporte de passageiros. § *Catraia, s. f.* (t. pop.) Fabrica, ou officina pequena, de pouca importancia. (MS8) [a acepção brasileira não existe em MS9]

CORREDOR, s. m. [...] § O individuo que corria em certos jogos de carreira. § [...] (t. do R. Gr. do Sul) **O individuo que monta qualquer animal nas corridas de cavallos.** § [...] (MS9)

²⁵⁶ Segundo DH, *cocho*, como recipiente usado para alimentar o gado, data de 1364.

A transposição de sentidos é evidente, por exemplo, no verbete *cortiço* em que “o nome vem da semelhança dessas habitações – normalmente com muitas fileiras de janelas – como os alvéolos das caixas de abelhas, que se chamam exatamente cortiços. E as caixas são assim chamadas por serem feitas de cortiça (casca de sobreiro e de outras árvores)”²⁵⁷.

CORTIÇO, s. m. Tubo, ou antes cylindro de cortiça, onde as abelhas criam e ajuntam o mel e a cera. § Qualquer cavidade em que as abelhas [...] § [...] § (fig. e pleb.) Corpo mal feito [...] § (it.) Casa, quarto: *vou para o cortiço*. § (t. pop. do Rio de Jan.) **Serie de pequenas casas** accumuladas em pateos, corredores [...] (MS9)

A palavra *chiqueiro*, usada no Brasil para nomear compartimento para prender o peixe ou para nomear o curral para bezerro, coincide com o sentido da língua comum pelo fato de ser “cercado para guardar animais”. Já o verbo *enchiqueirar* é primeiramente registrado para indicar ação relacionada à armadilha de pesca (desde MS4) e, posteriormente, ao cercado para porcos e bezerros (a partir de MS8).

MS4	MS9
CHIQUEIRO, s. m. vulg. V. Possilga. §. Nos rios , é cerca de varas com voltas contra a corrente para ficar nelles preso, ou enchiqueirado o peixe tinguijado, troviscado, ou embarbascado. t. do Brasil.	CHIQUEIRO, s. m. [...] § (t. do Brazil) Cerco de varas que se faz nos rios com voltas contra a corrente para ficar n’elles preso, ou enchiqueirado o peixe tinguijado, troviscado, ou embarbascado. § (it.) Pequeno curral para bezerros , construido ordinariamente ao pé do das vaccas.
ENCHIQUEIRÁR, v. intrans. (t. do Brazil) Ficar o peixe preso no chiqueiro.	ENCHIQUEIRÁR, v. trans. (t. do Brazil) Metter no chiqueiro, ou pequeno curral os terneiros, porcos, etc. V. Chiqueiro.

Em *cabaço*, *cacete*, *campeão*, as relações metafóricas ou de extensão de sentido requerem interpretações que desbordam o texto do verbete. Os sentidos podem ter-se perdido no tempo ou a incorporação de novo significado pode ter-se dado por razões específicas, de ordem emotiva, social, cultural, elementos que fogem ao conhecimento linguístico e à proposta do dicionário.

Para *cadáver*, *caco*, *cabra* e *chata*, a relação de sentido entre as acepções não é recuperável no dicionário. O dicionarista informa que ‘credor’ é um sentido figurado de *cadáver* (‘corpo morto’).²⁵⁸ A associação, além de figurada, é pejorativa. *Caco* ou *tabaco de caco* é nome dado ao pó do tabaco, possivelmente, pelo fato de as folhas usadas no seu

²⁵⁷ a) BUENO, Márcio. *A origem curiosa das palavras*. b) Outro exemplo é o verbete *tropa* (ver Anexo D).

²⁵⁸ COSTA, F. A. Pereira da. *Vocabulário pernambucano*, lê-se: “CADÁVER ‘O cadáver é o credor, e o credor é o cadáver vivo que nos segue, que nos acompanha, que busca a nossa companhia contra a nossa vontade.’ (*America Illustrada*, n. 38 de 1877)”, entre outras citações.

preparo serem ‘torradas e esmoidas em caco de panella, boião ou outra vasilha de barro’²⁵⁹ (o que seria um caso de metonímia). A razão da acepção de ‘mestiço’ para *cabra* não é determinada até hoje, embora haja conjecturas.

Nem sempre as diferentes acepções contêm realmente sentidos novos. Trata-se, por vezes, de usos da palavra em contextos diversos, como em *cachear* (o que se altera é a planta) e *carregador* (o que se altera é a pessoa que faz o transporte e onde); ou de uma nova maneira de definir, como em *campo*; ou de características de construção algo diversa, como no caso do verbete *cangalhas*; ou do mesmo objeto adaptado para uso em circunstâncias distintas, como em *carlinga*.

CACHEÁR, v. intrans. v. intrans. Lançar o fructo em cachos, como a parreira. § **No Brazil dizem que o arroz cacheia, para dizerem que começa a espigar.**²⁶⁰ (MS9)

CARREGADOR, s. m. O que carrega fazenda no navio. § Preto, ou escravo, **que carrega cadeirinha** no Brasil, e quaesquer carretos de ganho, v. g. lenha, farinha, fructas das praças para as casas, etc. § pl. Negros, que em Loanda, e Congo fazem o serviço de cavalgaduras levando viajantes em redes, e cargas ás costas. [...] (MS7)

CÂMPO, s. m. [...] Espaço de terra baixa, plana ou pouco accidentada sem edificios, nem arvoredos: consistindo a sua vegetação em gramineas rasteiras e outras plantas herbaceas; terras de lavoura ou pastagem. § No Brazil o **campo contrapõe-se á matta**: esta fazenda compõe-se de mattos d’onde se extrahem boas madeiras de construcção, e de *campos*, onde se cria optimo gado. [...] (MS9)

CANGÁLHAS, s. f. pl. Duas como canastras de grades de pau, ou ferro, que se accommodam no selladouro das bestas, pendendo de cada lado a sua, para barris de agua e outras cargas, de modo a egualar o peso dos dois lados. *Bern. L. e Cal. 2. 301. 2.* § **Armação de pau com suadouros, ou esteirões, que assentam no selladouro de cavallos de carga no Brazil**; de uma banda e de outra pende a carga em saccos, bruacas, canastras, cassuás, etc. § [...] (MS9)

CARLÍNGA, s. f. (t. naut.) Encaixe na sobrequilha dos navios, onde assenta o pé do mastro grande e o traquele; aliás se diz *pia*. *Albuq. p. 22. Couto, 6.9.21.* § **Peça em que se prende o pé do mastro da jangada, no Brazil.** (MS9)

A redação de alguns verbetes nem sempre deixa claro se haveria um novo significado ou se as circunstâncias de utilização do objeto descrito é que se alteram. As palavras *cadeira* e *cadeirinha* dão a entender que não se trata de acepção brasileira. A diferença é o uso que se faz da *cadeirinha* ou *cadeira*: no Brasil, “para passear” e “levadas por dois pretos”; em Portugal, para “conducção de doentes”. As *cadeiras* do Brasil seriam, segundo os dicionários,

²⁵⁹ SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*.

²⁶⁰ Até CA, esse verbete não era graficamente distribuído em duas acepções (CACHEÁR, v. n. Lançar o fruto em cachos, como a parreira; no Brasil dizem, que o *arroz cacheia*, para dizerem que espiga, assim como a parreira espiga o que depois vem a ser agraço, e ultimamente amadurece em cachos, espigas.). SC não faz distinção entre lançar cachos ou espigas. (CACHEAR, v. abs. ou n. [...] lançar o fructo cachos como a bananeira, o arroz, a videira. *As bananeiras cachêo, o arroz cachêa.*)

“mais trabalhadas”, o que se explica pela sua finalidade. Em termos lexicais, as novidades brasileiras são *cadeira de arruar* (sinônimo de *cadeira* e *cadeirinha*) e *pretos de cadeirinha* (equivalente de *carregador*).

CADÉIRA, s. f. Movel em que nos assentamos [...] § **No Brazil usavam se cadeiras** com dois braços, ou um só, levadas por dois pretos, umas fechadas com cortinas, para passear, etc., e eram *de rebuço*, e outras com vidraça adiante, cortinas, ou postigos pelos lados, encosto de madeira, e eram mais trabalhadas **diziam-se cadeiras de arruar, talvez palanquins: tambem se usaram em Portugal para condução de doentes, e chamavam-lhes geralmente cadeirinha.** § [...] (MS9)

CADEIRINHA, s. f. dim. de Cadeira [...] § **Cadeira portatil do Brazil, tambem usada em Portugal para condução de doentes.** V. Cadeira. § [...] § *Pretos de cadeirinha*; os que no Brazil conduziam a cadeira portatil. (MS9)

As glosas inaugurais de um *definiendum* podem ser altamente específicas, de modo a restringir o significado à circunstância de uso em que foi coletado o registro. *Caldo* equivale modernamente a sumo ou suco (extraído de frutas ou outros vegetais, no Brasil e em Portugal, de acordo com dicionários dos dois países), por analogia ao alimento líquido proveniente da cocção de alimentos. Mas em MS9, *caldo* é definido como ‘sumo da canna d’ assucar’. Teria havido uma expansão desse sentido, da cana para outros vegetais, ou o registro inicial é que teria se dado a partir de um dado específico? A locução *caldo de cana* é a que permanecerá nos dicionários do século XX. *Cavalhada* é palavra consignada como termo do Rio Grande do Sul e se referiria aos cavalos soltos em estâncias ou grandes campos. As edições subsequentes, a iniciar por CF, eliminam a restrição quanto ao espaço em que os cavalos estariam e estende o uso para qualquer região do Brasil. O sentido coletivo para equinos (‘grande quantidade de cavalos’, ‘porção de cavalos’) é o que se manterá nos dicionários.

CALDO, s. m. [...] § (t. do Brazil) Sumo da canna d’assucar. § [...] § **-- de canna**; o sumo simples da canna doce: é bebida refrigerante muito usada no Brazil. § [...] (MS9)

CAVALHÁDA, s. f. Festa de cavalgada: corrida de cavalos § fig. Empreza arriscada. *Eufr.* 5. 9. § (t. do Rio Grande do Sul) Grande porção de cavallos, que andam nas estancias, ou grandes pastos. *Pr. da Ded. Chr.f.* 166. (MS9)

A palavra *caipira* tem certa curiosidade. O seu primeiro registro em dicionário geral é em MS7 e contém apenas a acepção relacionada às lutas civis travadas em Portugal entre 1828 e 1834. Não há dúvida de que se trata de termo de origem indígena brasileira. Em 1823

foi usado sem qualquer ressalva por José Bonifácio.²⁶¹ Ele teria sido importado pelos minhotos que do Brasil retornavam, segundo Leite de Vasconcelos (*apud* Beaurepaire-Rohan no verbete *caipira*): “Em Ponte-do-Lima, reino de Portugal, é vulgar o vocabulo *Caipira* não mais com a significação de rustico, se não com a de sovino, mesquinho (J. Leite de Vaconcellos).”

*CAIPIRA, s. m. Nome dado, durante a guerra da sucessão em Portugal, aos constitucionáes, pelos realistas. (MS7)

CAIPIRA, s. m. Nome dado, durante a guerra de sucessão em Portugal, aos constitucionaes, pelos realistas. § (em S. Paulo) O habitante do campo; o mesmo que aldeão, camponez; roceiro. (MS9)

Haverá certamente outros exemplos de importação de palavras e acepções brasileiras pelos portugueses, no século XIX, mas, como se vê, os dicionários de língua não são a melhor fonte de recuperação desse registro. No *corpus* estudado, não foi encontrada nenhuma outra ocorrência de palavra sobre a qual se possa afirmar que tenha sido forjada no Brasil e adquirido novo significado em Portugal.

Como já se mencionou em 5.1, a separação de termos homônimos em entradas distintas parece seguir o critério etimológico. Só que esse critério é visivelmente falho. As acepções brasileiras de *china* (‘indigena civilizado’) e *cinchar* (‘ter o animal preso pela cincha’, peça de arreamento) são registradas como se a origem fosse comum com *china* (chinês) e *cinchar* (‘apertar no cincho’).

MS9 é generoso em informações de caráter enciclopédico (ver 5.5.2), especialmente na indicação da finalidade das coisas descritas. Deixa a desejar, porém, nas questões linguísticas que esclareceriam a relação entre alguns termos e entre acepções. *Cangaceiro*, *xarque*, *coco*, *cuia* são exemplos de termos em que são feitas associações de caráter linguístico e extralinguístico entre os significados. Em outros casos, como em *caco*, haveria informação disponível (supondo-se a consulta a Beaurepaire-Rohan e Macedo Soares), mas que não foi incorporada ao verbete.

²⁶¹ **caipira**: por José Bonifácio em *O Tamoyo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, n. 5, 2 set. 1823, p. 381-386 (Disponível em: <http://www.obrabonifacio.com.br/>. Acesso em: ago 2014). “Se o imperador Tito, bom Pagão, não fazia caso das injúrias e menoscabos [...] porque não deverá seguir tão generoso exemplo um **caipira** de S. Paulo, homem de bem e bom cristão que não é, nem deseja ser Imperador?” Nesse mesmo texto temos *corcunda* e *pé de chumbo*, que levaram mais tempo para terem seus sentidos despectivos aceitos em dicionários: “Com efeito nada disto bastou. Instala-se a Assembleia Geral Constituinte, e os **pés de chumbo**, **corcundas**, áulicos, e facciosos de todo o calibre, aproveitaram-se dos exagerados da Assembleia, e da incauta ignorância política que nela havia [...]” (p. 383).

Algumas conclusões podem ser premissas para observação dos dicionários que sucedem MS e CA. Como a identificação dos brasileirismos como semânticos ou lexicais alteram-se à medida que os estudos de natureza dialetal ou etimológica avançam, as acepções brasileiras também podem vir a ser identificadas como especificidade do significado da língua comum ou tendo o mesmo sentido, mas usados em contextos distintos (como se verificou ter ocorrido com *cavalhada*). Será interessante ainda observar em que momento e por meio de que títulos da lexicografia de língua portuguesa algumas inversões de relação semântica tornam-se sistemáticas. Essas inversões podem ser devido à importância que alguns referentes brasileiros adquirem sobre os sentidos originais, como acontece com a palavra *cachaça*, e devido ao fato de a palavra ter sido forjada no Brasil e exportada para Portugal, lá adquirindo outros significados, como acontece com a palavra *caipira*.

5.3 Variedade lexical no Brasil

A marcação diatópica relativa ao Brasil estabelece diálogo com a língua comum e, mais raramente, com o português europeu.²⁶² Neste item, o foco é o registro pelos dicionários da variedade lexical no português falado no Brasil.

A identificação de realizações regionais do léxico a alguma parte do Brasil é apontada desde o *Vocabulário* de Bluteau, conforme ilustram os verbetes *basbaque* e *igarvana*:²⁶³

BASBÂQUE.* basbaque. Vid. Parvo, Tolo, Insensato. No **Brasil, e particularmente na Bahia deraõ este nome** ao homem, que em certas monçoens sóbe a hum pao, prantado no mar, para olhar quando vem os cardumes de peixe; [...]. (RB)

IGARVANA. **Palavra do Maranhão**, que val o mesmo, que Nautico, ou senhor da nao. [...] (RB)

Nos dicionários estudados, o diálogo com o tupi perde a relevância e o contraste é basicamente com a língua comum. A identificação da variação lexical no Brasil ganha

²⁶² Como exemplo da comparação com o português europeu, ver *conferente*, *armarinho*, no Anexo D; *cabaço*, no Anexo C.

²⁶³ Embora o diálogo interlinguístico nesta obra dê-se basicamente entre o português e o tupi. Por exemplo: “PAPAPEIXE. Ave do Brasil, a que os naturaes chamaõ, *Juaguacati Guacu*. Derãolhe os Portuguezes estes nome, porque [...]”. Sobre o tema, ver GONÇALVES, Maria Filomena. A marca lexicográfica “termo do Brasil” no *Vocabulário*...

contornos que se firmarão apenas no final do século XIX e pode ser examinada sob dois aspectos que normalmente se confundem: **a)** nomes distintos para o mesmo referente no Brasil: a existência de mais de um item lexical brasileiro para nomear a mesma coisa (cf. o sinônimo ‘canjica’ em *corá* e o sinônimo ‘cocheira’ em *calumbá*); **b)** regionalismos brasileiros: a existência de termos regionais para nomear referentes, com ou sem equivalentes lexicais na língua comum ou em outra região do Brasil (cf. *cachoeira* e *corredeira*, *cabrestear*, *caibro*).

CORÁ, s. f. (**t. do Brasil**) Iguaria feita de milho verde; **canjica**. (MS9)
 CANJICA, s. f. (talvez de *canja*, t. da Asia) (**t. do Brasil**) Papas sobre o duro, feitas de farinha de milho, ou do polme de milho molle, espremido. § (**it.**) Milho pilado, cozido com leite, e assucar, ou em agua e sal. § [...] (MS9)

CALUMBÁ, s. f. (**t. do Brasil**) Cocho, ou vasilha do caldo, ou sumo da canna, nos engenhos de assucar; **chama-se tambem cocheira**. (MS9)
 COCHÊIRA, s. f. (**t. do Brasil**) V. **Calumbá** (MS9)
 CÔCHO, s. m. [...] § (**it.**) Calumbá, parol, coche. § [...] (MS9)

CACHOEIRA, s. f. [...] § (**t. do Maranhão**) O mesmo que **Corredeira**. (MS9)
 CORREDÊIRA, s. f. (**t. do Brasil**) A parte de um rio, em que, por diferença de nivel, as aguas adquirem rapidez extraordinaria, difficultando a pequena navegação, e expondo-a mesmo a perigos. (MS9)

CABRESTEÁR, v. intrans. (**t. do Rio Grande do Sul**) Levar o animal preso pelo cabresto. (MS9)

CÃIBRO, s. m. (**t. de Pernambuco e Alagoas**) Um par de quaesquer objectos, principalmente duas espigas de milho, presas uma á outra pela propria palha. (MS9)

A entrada *chácara*, a seguir, é polissêmica e ilustra os dois aspectos: no sentido de ‘casa de campo’, é usada no Rio de Janeiro e no sul do Brasil. Esse mesmo tipo de ‘casa de campo’ tem outros nomes em outros estados: ‘roça’, ‘rocinha’ e ‘sitio’.²⁶⁴ No Rio Grande do Sul, tem ainda o sentido de ‘pequeno creador de gado’.

CHÁCARA, ou --CRA, s. f. (**t. do Rio de Janeiro e sul do Brasil**) Casa de campo com jardim, ás vezes com horta e pomar, nos arrabaldes das cidades; vivenda de recreio: ha *chacaras* tambem de negocio, que produzem hortaliças, fructas, ou flôres, que são levadas aos mercados: **na Bahia chama-se roça; no Pará rocinha, e em Pernambuco sitio**. § (**t. do Rio Grande do Sul**) Pequeno creador de gado. (MS9)

Nem sempre o cruzamento entre os equivalentes é feito com precisão. O verbete *roça* não faz qualquer referência a ‘casa de campo’ ou a propriedade com características inerentes a *chácara*. A acepção que mais se aproxima do significado de *chácara* é ‘granja’. *Granja* significa ‘predio rustico, que se cultiva para lucrar em seus fructos’. No verbete *prédio* lê-se

²⁶⁴ A variedade de nomes para *chácara* remonta a MS3: CHÁCARA, s. f. Bras. Quinta, no Rio de Janeiro; na Bahia chamão-lhe *Roça*, em Pernambuco *Sitio*. §. [...].

‘os campos, hortas, quintaes da cidade, etc. são *predios rusticos*’. É preciso certo exercício para estabelecer o sentido de *roça* e encontrar similaridades com *chácara*. Mesmo assim, fica faltando a marcação diatópica indicada em *chácara*, que diz que *roça* é o termo equivalente na Bahia.

Já na redação do verbete *sítio*, há duas acepções que se aproximam do significado de *chácara*. A segunda delas parece ser continuação da primeira: ‘habitação rustica com pequena terra de lavoura [...] na vizinhança das cidades e vilas’. Assim descrita, seria o equivalente a *chácara* ou a *roça*. Observe-se que os exemplos incluídos após cada uma das definições são intercambiáveis entre elas, o que significa que não ajudam a distinguir essas duas acepções. Talvez não sejam duas acepções. A segunda informa que, quando localizada próximo a área mais urbana, é também chamado de “roça” ou “chácara”.

ROÇA, s. f. [...] § **Granja, terra de lavoura** no Brazil. *Vieira*, 4. 410. (*Mariz, D. 5. C. 2. diz, rossa.*) [...] (MS9)

SÍTIO, s. m. [...] § (t. do Brazil) **Habitação rustica com pequena terra de lavoura, granja de fructas, hortaliças**, etc.; situação: *comprou um sitio*. § (it.) **Na vizinhança das cidades e villas**, diz-se tambem em vez de *chacara, roça: esta no sitio; foi para o sitio*. (MS9)

Como este item trata da variedade lexical no Brasil, é preciso dizer que *situação* é um dos sinônimos para *sítio* no Brasil.

SITUAÇÃO, s. f. [...] § (t. do Brazil) O mesmo que *Sitio*. (MS9)

a) Nomes distintos para o mesmo referente: no Brasil

As poucas ocorrências de cruzamentos de informações entre termos equivalentes (verbetes A equivale ao/é sinônimo de/é comutável por verbete B e vice-versa) demonstra que a proposta de MS9 (e dos outros dicionários) não é relacionar as variadas designações para uma mesma coisa no Brasil. Os pares *charque* e *carne seca*; *cavalo selado* e *cilhão*; *chácara* e *sítio*; *calumbá*, *cocheira* e *cocho* são exceções.

A definição por remissão (em vez de explicar o sentido, remete para outra palavra) ou sinonimização estabelece a relação de equivalência entre os termos. É o caso de *cocheira* e *cachoeira* (já mencionados) e também de *cabaú*, *cavalo selado* e *casqueiro*, entre outros.

CABAHÚ, s. m. Nome dado em **Sergipe (Brazil)** ao *mel de tanque*. (MS9)
MEL [...] § *Mel do tanque*; (t. do Brazil) mel da depuração do assucar, que se esgota das fôrmas. § [...] (MS9)

CAVÁLLO, s. m. [...] § -- *sellado*; **(t. do Rio Grande do Sul)** o mesmo que **Cilhão**. § [...] (MS9)
 CILHÃO, s. m. Cilha grande; cilha mestra. § **(t. do Rio Grande do Sul)** Cavallo que tem o espinhaço encurvado no meio; **também lhe chamam *cavallo sellado***. (MS9)

CASQUEIRO, s. m. [...] § **(t. do Brazil)** O mesmo que **Sambaqui**. (MS9)
 SAMBAQUI s. m. **(t. do Paraná, e Santa Catharina; Brazil)** Deposito de conchas no littoral, formando monticulos, e em que se encontram instrumentos de pedra, e ossadas humanas: são accumulações dos antigos habitantes, e que hoje se exploram para fabrico de cal. (MS9)

Esse tipo de definição mostra que o compilador teve notícias da ligação entre as palavras e dá a uma delas o estatuto de esclarecedor da informação. O usuário que quiser saber o significado de *casqueiro* o fará por intermédio de *sambaqui*, outro termo brasileiro (provavelmente porque se desconhece um equivalente para tal termo na língua comum). E esta lição será transmitida aos compiladores das obras de referência futuras. Ao criar uma paráfrase definitiva sem indicar um termo equivalente (como faz com *cicica* e *cacerenga*,²⁶⁵ e certamente com tantas outras não identificadas), perde-se a possibilidade de vincular palavras e de perceber a vitalidade de determinada realidade em diferentes partes do país.

CICÍCA, s. f. **(t. do norte do Brazil)** Faca velha sem cabo. (MS9)

CACERENGA, s. f. **(t. de Alagoas)** Faca velha sem cabo. (MS9)

A prodigalidade de nomes para a pecuária e a hipiatria no Sul do Brasil denota a importância dessas atividades na região. O fato de a definição de nenhum desses termos (no *corpus* estudado) ser acompanhada de equivalentes reduz a possibilidade de cruzamento de informações entre o vocabulário dessa área do conhecimento no Rio Grande do Sul com o da língua comum e com o de outras partes do Brasil ou de Portugal, já que os equivalentes podem ser auxiliar na decodificação da informação linguística e extralinguística. O verbete *caipira*, por exemplo, ilustra a validade de a definição ser acompanhada de equivalentes lexicais ou semânticos. “Aldeão” e “camponez” são termos da língua que têm traços comuns com *caipira*. O substantivo “roceiro” está arrolado nessa mesma definição, mas separado dos outros dois equivalentes por ponto e vírgula, o que sinaliza que são termos com valores

²⁶⁵ No verbete *caxerengue*, MS não leva em consideração a rede de formas variantes elencadas por Beurepaire-Rohan. Segundo este autor, a profusão de sinônimos para “faca velha e sem cabo” nas regiões do Brasil deve-se ao fato de ser ferramenta muito usada para descascar mandioca. Esse mesmo dicionário cruza informações entre termos afins ou de significados complementares. A opção por não incluir os equivalentes é provavelmente editorial e não por falta de informação.

distintos. Não obstante ser “termo do Brasil”, *roceiro* é menos marcado como palavra brasileira do que *caipira*, seja pela origem vernácula, seja pela sua dicionarização desde MS2. *Roça, campo e aldeia* são comutáveis entre si em Portugal, no sentido de local afastado das cidades (a julgar pelas informações dos dicionários). No Brasil, *aldeia* adquiriu o significado de povoação indígena, usado até hoje. Mas os habitantes das aldeias indígenas nunca foram chamados de *aldeãos*. Para o correspondente português de *aldeia* seria usado *povoação* (cf. 2.2.1). Contemporaneamente, no Brasil, a substituição de *caipira* por *roceiro* é mais eficaz, pelo uso que se faz desses dois termos e pelos contextos que evocam. O que interessa, no entanto, é assinalar a interpretação que os dicionários fazem das informações dadas pelos primeiros registros lexicográficos.

CAIPIRA, s. m. [...] § (em S. Paulo) O habitante do campo; o mesmo que **aldeão, camponez, roceiro**. (MS9)

ROCÊIRO, s. m. **(t. do Brazil)** O que faz, e planta roçados, commumente de mandioca, e legumes: e differe do lavrador de cannas, tabaco, algodão, anil, etc. § **(it.)** Homem que vive na roça.

No verbete *comboio*, o sinônimo ‘tropa’ é acepção dicionarizada só em MS8. Talvez por isso, a indicação do sinônimo se valha da intermediação de outra voz, que pode inibir a certeza acerca de seu uso.²⁶⁶ “Também lhe chamam” é menos afirmativo que “é”, “é o mesmo que”, implícito no modo de colocar o sinônimo ‘roceiro’ na glosa de *caipira*.

COMBÓIO, (ou --bóyo, e assim os deriv.) s. m. [...] § **(t. do Brazil)** Especie de caravana composta de animaes de carga, para o transporte de mercadorias; **tambem lhe chamam tropa**. § [...] (MS9)

TROPA, s. f. [...] § **(t. do Brazil)** Bestas de carga, que fazem o transporte de mercadorias, onde não ha vias ferreas, ou fluviaes, e seguem com os seus conductores como que em caravanas. § [...] (MS9)

As outras ocorrências similares a esta (verbetes B remete a A, mas o inverso não acontece) são aleatórias em termos de origem etimológica: palavras de origem indígena (*cabaú, capeba, caboclo, congonha*), africana (*calunga*) ou do espanhol sul-americano (*chicha, chininha, chucro*) são definidas por remissão, assim como termos de origem vernácula (*casqueiro, cabo-verde*) encaminham o leitor para termos de origem indígena brasileira (*sambaqui, caboré*) ou de origem vernácula (*corredeira e cachoeira*).

²⁶⁶ Ver item 5.5.3, a respeito do distanciamento crítico.

*caboclos bravos, tapuios e bugres;*²⁶⁷
cabo-verde e caboré;
calunga e camundongo;
casqueiro e sambaqui;
chininha e caboclinha;
congonha e mate;
cabaú e mel de tanque;

caboré e cafuza;
cachoeira e corredeira;
capeba e camarada;
chicha e cauim;
chucro e chimarrão;
corá e canjica.

Outro tipo de indicação de equivalências léxicas entre termos brasileiros é a que acontece entre cognatos formados pela junção de sufixos diferentes a um mesmo radical: *capina e capinação; chacarinha e chacarola; chinoca e chininha; capinzal e capinal.*²⁶⁸

b) Regionalismos brasileiros

A incorporação desse tipo de registro aos dicionários acontece lentamente, por isso as ocorrências encontradas são esparsas. Desde o primeiro registro em um dicionário de língua geral (MS2),²⁶⁹ informa-se que *charque* é termo do “Sul do Brasil principalmente no Rio Grande de S. Pedro”. Apenas DV e as edições de MS manterão a informação acerca da restrição de uso da palavra ao Sul do Brasil. Os demais dicionários (SC, EF2, DL5 e CA) dizem que é termo brasileiro. A opção desses quatro dicionários é incorporada por MS8 e MS9, que eliminam a restrição de uso do termo ao Sul do país e trazem acréscimo de caráter extralinguístico: “é genero de grande consumo em todo o Brazil”.

Dicionário	Verbetes
MS2, MS3, MS4, MS5, MS6	XÁRQUE, s. m. No Sul do Brasil principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamão ás carnes feitas em mantas, salpicadas de sal, e curadas ao Sol, que transportão para vender; talvez daqui se derivou <i>enxercar, enxercado, enxerqueira, etc.</i>
SC	XARQUE, s. m. (t. Brasil.), carne feita em mantas, salpicadas de sal e curadas ao sol. <i>V. Enxercar.</i>

²⁶⁷ Neste caso, as definições de *tapuio* e de *bugre* não são as mesmas de *caboclo manso*. É ocorrência similar ao par *cafuza e caboré*, mencionado *infra*.

²⁶⁸ Ver item 5.1 desta tese, sobre a formação de termos derivados a partir dos brasileirismos.

²⁶⁹ A edição de 1789 não tem essa entrada.

EF3	XARQUE, s. m. (t. brasil.) carne feita em mantas, salpicadas de sal e curadas ao sol.
DV	XÁRQUE, s. m. No Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamão às carnes feitas em mantas [...]
LAC5	CHARQUE, s. m. dá-se este nome no Brasil á carne salgada e secca ao sol. XÁRQUE, s. m. (termo brasileiro) carne feita em mantas, salpicadas de sal e curadas ao sol.
MS7	XÁRQUE, s. m. No sul do Brasil, principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamam às carnes feitas [...] *CHÁRQUE, s. m. t. do Brasil. Carne salgada e secca ao sol.
CA1	CHARQUE [...] s. m. (brasil.) preparação da carne secca para exportação. F. [...]
MS8, MS9	CHÁRQUE, s. m. (t. do Brasil) Carne salgada secca ao sol, preparada em mantas para exportar. Chama-se geralmente: <i>carne secca</i> ; é genero de grande consumo em todo o Brasil. § <i>Charque de vento</i> ; é o preparado [...]

Os dados constantes na tabela a seguir comprovam que o registro de termos regionais brasileiros só poderia ser considerado relevante em termos numéricos em MS8 e MS9. Estão listados todos os termos regionais encontrados no *corpus* de amostra. Nas edições até CA, as palavras são registradas, mas, na maior parte, são ditos “termo do Brasil”, “termo da América” ou “nb”. Conclui-se, então, que, além do menor número de acepções cujo emprego se limita a áreas restritas do Brasil, havia, até MS8, a tendência a não se especificar a região onde a acepção seria utilizada. Tal tendência pode ter ocorrido por falta de informação acerca de usos regionais ou por tal prática ainda não ter se mostrado relevante.

Tabela 9 – Regionalismos brasileiros

Regiões do Brasil	MS4	MS7	CA	MS8 e MS9
Alagoas				<i>cacerengue, caibro, catimpuera</i> (3)
Amazonas		<i>caldeirão</i> (Brasil)	<i>caldeirão</i> (Brasil)	<i>caatinga, caldeirão</i> (2)
Bahia	<i>roça</i>	<i>roça</i>		<i>cabo-verde, cairi, calunga, caramuru, curumba, roça</i> (6)
Ceará				<i>campeão, cuia de vela</i> (2)
Maranhão				<i>cachoeira, cuxá</i> (2)
Mato Grosso				<i>cocho</i> (1)
Minas Gerais	<i>canjica</i>	<i>corta-jaca, chimango</i>	<i>canjiga</i> (Brasil)	<i>canjiquinha, canoa, caxambu, corta-jaca, cuebos</i> (5)
Norte do Brasil		<i>caldeirão</i> (Brasil)	<i>caldeirão</i> (Brasil)	<i>caldeirão, cará, cavalariano, chamboqueiro, cicica, cuia</i> (6)
Pará		<i>tapuio</i> (Brasil)		<i>camina, rocinha, tapuios</i> (3)
Paraíba				<i>curumba</i> (1)
Paraná				<i>caíva</i> (1)

Pernambuco	<i>sítio</i> (1)	<i>champrão sítio</i> (2)		<i>caffe, caibro, caiçara, calunga, champrão, crueira, cuba, sítio</i> (8)
Rio de Janeiro	<i>chácara</i> (1)	<i>chácara</i> (1)	<i>chácara, cortiço</i> (Brasil)	<i>cai-cai, caminhão, capoeira, cercada, chácara, cortiço, limão de cheiro</i> (7)
Rio Grande do Norte				<i>cará</i> (1)
Rio Grande do Sul (ver Paraná e sul do Brasil)	<i>charque</i> (1) (desde MS2)	<i>carnear, charque, china, chinoca, chiripá, cincerro</i> (6) <i>cavalhada</i> (sul da América) <i>coxinilho</i> (nb)	<i>cucharra</i> (1) <i>Brasil: campeiro, carnear, chasqueiro, cilhão, cincerro, coscós, coxinilho</i>	<i>cabos-brancos, cabos-negros, cabrestear, cadena, caldeirão, campeiro, cancha, candieiro, canhada, caraminguás, cargueiro, carnação, carnear, carona, cavalariano, cavalhada, cavalo selado, chácara, chamarrita, chapeado, chasqueiro, chilena, chimarrão, chimbé, china, chininha, chinoca, chiripá, chucro, cilhão, cincerro, cincha, cinchador, cinchão, cinchar, cogotilho, colhera, congonghar, cordiana, corredor, coscós, costa, costear, costeio, courear, covo, coxinilho, cucharra</i> (47)
São Paulo	<i>congonha</i> (1)	<i>canga, congonha</i> (2)		<i>caipira, cambito, canga, caramburu</i> (4)
Sergipe				<i>cabau</i> (1)
Sul do Brasil	<i>mate</i> (1) <i>cavalhada</i> (sul da América)	<i>cavalhada</i> (1) <i>cavalhada</i> (sul da América)		<i>bugres, chá mate, chácara, cuia</i> (4)
Totais	7	15	1	108

Nos demais dicionários foram encontrados os seguintes regionalismos: EF2: *chácara* (RJ); DL5: *chácara* (RJ); *canjica* (MG); *cavalhada* (sul da América); *champrão* (PE); DV: *chácara* (RJ); *roça* (BA); *sítio* (PE); *charque* (RS).

É notório o número de gauchismos, o que é certamente reflexo do levantamento feito por Antônio Álvares Pereira Coruja, publicado em 1852.²⁷⁰ Dos 47 itens lexicais do Rio Grande do Sul, apenas sete (*carnação, cordiana, corredor, costa, costear, costeio* e *covo*) não estão no referido levantamento, mas estão no *Diccionario* de Beaurepaire-Rohan, onde são identificados como próprios desse estado (até 1889, província).

Essa deve ser a justificativa para o universo da hipiatria no Brasil ter sido consideravelmente detalhado em CA. Por ser um domínio fortemente marcado na região platina, é bastante representado por meio de palavras.²⁷¹

²⁷⁰ CORUJA, Antônio Álvares Pereira. Coleção de vocabulos e frases usadas na provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul. Ver comentários em 3.3.1.

²⁷¹ Ver itens 5.4 e 5.5 desta tese, acerca das estratégias de definições e suas consequências na tradição lexicográfica de língua portuguesa. A representação do Sul do Brasil como região marcada pela lida com o gado, bovino e equino, e a ausência de equivalente dá a entender que o referente é apenas brasileiro e que a mundividência apresentada é “coisa dos pampas”.

As outras províncias que se presentificam por meio de vocabulário próprio o fazem por meio de número muito singelo, diante da exuberância gaúcha. De qualquer modo, MS9 sinaliza a diversidade lexical no Brasil.²⁷² CF dará pouca ênfase à distinção de uso do léxico por região no Brasil. As divisões que faz são praticamente entre Brasil do Sul e Brasil do Norte. São encontradas também, em pequeníssima escala, a indicação de que seja uso peculiar a um estado, como “Bras. do Ceará”, “T. do Rio de Janeiro”, “Bras. de Pernambuco”, “Bras. da Baía”, ou região “Bras. do Amaz.”

Como se demonstrou, há um aumento de termos regionais brasileiros nos dicionários e na utilização desses para esclarecer sentidos de outros termos nacionais (regionais ou não). O incremento numérico não é acompanhado de sistematicidade. Pelo que se percebe, os dicionários MS propõem-se a registrar termos brasileiros, selecionados de acordo com critérios não explicitados ou reconhecíveis (vez ou outra depreende-se a provável razão para a inclusão de um item lexical).

Os diversos significados que os termos adquirem em regiões distanciadas geograficamente são, certamente, indício de frequência de uso. Registrar essa variedade em dicionários é uma maneira de anotar a distribuição geográfica do léxico. No *corpus* estudado, além de *caldeirão*, transcrito a seguir, há as seguintes ocorrências: *caatinga*, *cabanada*, *caboclo* (*caboclo manso* e *caboclo bravio*), *calunga*, *canjica*, *canjiquinha*, *canoa*, *cargueiro*, *cavalariano*, *chácara*, *cocho*, *crueira*, *cuiá*.

Em *caldeirão*, os significados das diferentes regiões têm em comum com ‘grande caldeira’ o formato (fundo) e a utilização (onde se acumulam coisas, inclusive líquidos).

MS7	CA	MS8	MS9
CALDEIRÃO, s. m. augm. de caldeira. § Peixe [...] § Signal da musica [...] § Jogo [...] § * t. do Brasil . Cova que as tropas [...]	CALDEIRÃO [...] s. m. caldeira de bordas altas, que serve ordinariamente para cozinhar. Lá vão a corda e o <i>caldeirão</i> , diz-se de [...] (Brazil.) Cova que se abre nas terras [...]	CALDEIRÃO, s. m. augm. de Caldeira. § Peixe [...] § Signal da musica [...] § Jogo [...] § (t. do Brazil) Cova ou buraco [...]	CALDEIRÃO, s. m. augm. de Caldeira. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) Buraco grande no meio do campo[...]. § (no norte do Brazil) Especie de tanque natural, [...] § (no Amazonas) Redemoinho nos rios, [...]

²⁷² As marcações diatópicas relativas a regiões portuguesas são feitas com critérios semelhantes. Ao que parece, em número muito menor. A partir de CF é que os regionalismos portugueses ganharão destaque nos dicionários gerais de língua portuguesa.

O verbete *caldeira*, em MS9, traz acepções com significados similares aos de *caldeirão*, seguindo o mesmo processo de transposição de sentido.

CALDEIRA, s. f. [...] § **Lagamar, ou molhe, junto a ribeiras** [...] § **Depressão no fundo de um lago, tanque** etc., onde se juntam as águas, recolhem-se os peixes, etc. § [...] (MS9)

A relação entre esses significados nas duas palavras será estabelecida por dicionários em meados do século XX.

5.4 Campos semânticos, referentes apenas brasileiros e referentes compartilhados

Por razões variadas, um mesmo referente é nomeado de maneiras distintas. Interferências geográficas, cronológicas, culturais, psicológicas e linguísticas concorrem para a nomeação do mundo que pode ser o mesmo, mas raramente é igual, uma vez que sua descrição é feita segundo estruturas linguísticas e sociais distintas. Na análise de dicionários do século XIX (sintetizada por MS9, neste item), interessa perceber se a realidade descrita seria circunscrita ao universo da praticidade e da autodecodificação (restrita ao Brasil) ou estaria aberta à universalidade.²⁷³

É quase impossível categorizar os referentes sob esse prisma, valendo-se apenas das informações contidas nos dicionários. O que pode ser feito é assinalar até que ponto o texto definatório favorece a identificação do referente como brasileiro ou universal, falando de Portugal e Brasil. Mesmo que a realidade descrita não seja exatamente a mesma, a sugestão de termos equivalentes induz o consulente a fazer comparações, a procurar similaridades na realidade que lhe é mais próxima ou conhecida.

Quando essa similaridade não é explicitada, a sua apreensão torna-se sujeita a equívocos, ainda mais em contexto histórico distanciado no tempo e sem indicação das fontes utilizadas para formulação da definição e/ou abonação do termo. A “falta de fronteiras bem definidas no mundo não linguístico”²⁷⁴ contribui para a imprecisão na apreensão dos significados e na indicação de equivalentes lexicais ou semânticos. O estabelecimento de

²⁷³ “[...] só obtenível com a transtemporalidade e transespacialidade oferecida pela língua escrita” (HOUAISS, Antônio. *Sócio e etnolinguística*, p. 22).

²⁷⁴ ULLMANN, Stephen. *Semântica*, p. 259.

relação entre palavra e realidade demanda conhecimentos que extrapolam a informação lexicográfica e mesmo enciclopédica.

Objetos como *cacerengue* ou *cicica*, tal como estão definidos (‘faca velha sem cabo’), designam referente brasileiro e português. Não há dúvidas acerca da existência de objeto similar em Portugal. O que pode acontecer é não haver uma denominação neste país para a faca em tal condição. Conforme dito anteriormente, no Brasil, segundo Beaurepaire-Rohan, a profusão de sinônimos e variantes²⁷⁵ seria motivada pela utilização dessa faca ou desse tipo de apetrecho para descascar mandioca. Os dicionários DH e DA registram mais três acepções para essa palavra, que têm em comum o sema negativo: com defeito ou sem préstimo.

Candomblé, religião original da África, tem presença marcante no Brasil. A informação corrente é de que não teria havido prática análoga em Portugal. Seria, portanto, um referente brasileiro no final do século XIX. Uma nota de rodapé do texto *O negro em Portugal*, de José Ramos Tinhorão, coloca, porém, essa certeza sob suspeita:

A revelação, pelo poeta Filinto Elísio, da existência de rituais religiosos africanos em que as pretas invocaram os “Demonios também negros” em Portugal, parece indicar a prática, na metrópole, da religião dos orixás que no Brasil se espalharia sob os nomes de **macumba** no Rio de Janeiro, **pará** ou **batuque** no Rio Grande do Sul, **babaçuê** na Amazônia, **tambor** no Maranhão, **xangô** no Recife e **candomblé** na Baía.²⁷⁶

Os variados nomes para a “religião dos orixás” (segundo MS9, *candomblé* é ‘Batuque de negros acompanhado de feitiçaria’) testemunham a sua inquestionável vitalidade por todo o país, em contraposição ao acanhamento ou eventual inexistência da prática em Portugal.

Assim como a ‘faca velha sem cabo’, o *candomblé* e outras manifestações da cultura e da religiosidade africanas, a cultura cafeeira, a produção de açúcar, são domínios tidos como predominantemente brasileiros, compartilhados com Portugal em certa medida. A variedade de designações para *açúcar* na alfândega deve-se, segundo MS4, às partidas que chegam do Brasil. A terminologia açucareira é abundante nos dicionários e, em grande parte, não recebe marca diatópica.²⁷⁷ Tanto a atividade quanto a maior parte dos termos não eram exclusivos do Novo Mundo, embora aquela tenha se iniciado já no século XVI, tornando-se uma das

²⁷⁵ a) Ver nota 265. b) Sinônimos e variantes para a palavra *caxirenguengue* em DH: *Cacerega, cacerenguengue, cacumbu, caxarenga, caxerenga, caxerenguenga, caxerenguengue, caxeringuengue, caxirengue, caxiri, caxirim, cicica, quecé, quecê, quicé, quicê, xerengue*.

²⁷⁶ TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal*, p. 418.

²⁷⁷ Cf. MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo. A competência linguística na construção de dicionários, e NUNES, Naidea Nunes. *O açúcar de cana na ilha da Madeira, do Mediterrâneo ao Atlântico*.

principais atividades econômicas do país, o que se reflete na variedade de locuções formadas com a palavra *mel*.

AÇUCAR, s.m. [...] As denominações, e qualificações dos assucares estão mudadas, e, **cada dia se mudam pelas inspeções do Brasil**. *Branco fino* é o melhor, *branco redondo*, *redondo fino*, *redondo baixo*, *branco baixo* etc. E cada inspeção tem seus aranzéis, e ferros de qualificação, ou almotaçaria, porque a inspeção acomoda-se menos à qualidade, que ao estilo do comércio, contra o seu regimento, que manda só qualificar, e acautelar as fraudes de misturas e taras. (MS4)

MEL, s. m. [...] § *Mel de pau*; (no Brasil) o mel das abelhas urucu... § *Mel*; (no Brasil) a calda do assucar, que se filtra das fôrmas ... § *Mel de engenho*; o caldo da canna ... § *Assucar de mel na cara*; o assucar bruto... § *Mel de dedo*; (t. do Brasil) qualidade de mel ... § *Mel do tanque*; (t. do Brasil) mel da depuração do assucar, que se esgota das fôrmas. § [...] (MS9)

A cafeicultura era atividade marcadamente brasileira, mas o vocabulário que a descreve, não. No *corpus* estudado, há apenas uma contribuição vocabular brasileira: *cafezista*, profissional ligado à produção e à distribuição. À língua compartilhada pertencem as formas *cafeiral*, *cafezal*, *cafeteira*, *cafezeiro*. Café não era produto exclusivo do Brasil. Foi transplantado para cá juntamente com o nome. Apesar do sucesso como produto de exportação brasileira durante o século XIX e início do XX, não se percebe destaque quanto a vocabulário relacionado à atividade (*broca*, *despolpador*, *despolpar*, *ensacador* – este só no Brasil – exemplos coletados apenas no primeiro volume de MS8). Multiplicam-se, porém, os termos da língua comum entre Portugal e Brasil que designam estabelecimentos de consumo e modo de preparo.

O arremesso de água de cheiro durante o entrudo foi prática que se espalhou por diferentes regiões do Brasil.²⁷⁸ O dicionário registra pelo menos três nomes para a ‘pequena bola de cêra, cheia de água de cheiro’: *cabacinha*, *limão de cheiro* e *laranjinha*.²⁷⁹ Se a gênese de *cabacinha* é explicada por contaminação semântica devido à forma ovoide do fruto da cabaça, a de *laranjinha* é eufemização de *laranjada* (“pancada com laranja; atirava-se de ordinario pelo entrudo: ‘isto por ser entrudo, e *laranjada*?’ *Ac. dos Sing. 2. 388. Alv. 13 fevereiro 1604*”, em MS9), prática do século XVII em Portugal.

²⁷⁸ Cf. ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares*; CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. V. *laranjinha*

²⁷⁹ *Limão de cheiro* não tem entrada em MS9, *laranjinha* não é assinalada como “termo do Brasil”, provavelmente por não sê-lo: “LARANJINHA, s. f. Aguardente de canna [...]. § **Cabacinha** cheia de agua aromatizada, que se usa no jogo de entrudo”. Segundo o dicionário da Porto Editora (6ª edição), *laranjinha* e *laranjada*, são (ou eram) termos populares em Portugal: “LARANJINHA [...] (pop.) bomba explosiva de tamanho e formato de uma laranja”; “LARANJADA: arremesso de laranjas (no Entrudo)”.

CABACINHA, s. f. dim. de Cabaça. § [...] § (t. do Brazil) Um arbusto [...] § (it.) Pequena bola de cêra, cheia de agua de cheiro que se usa no jogo do entrudo: no Rio de Janeiro chamam-lhe *limão de cheiro*, e n'outros pontos do Brasil *laranginha*. (MS9)

A matéria-prima de que certos produtos são feitos, o modo de empregá-los, os seus fabricantes ou usuários, a herança cultural a que se filiam, o local e os fatos a que se reportam seriam dados para indicar a exclusividade da coisa em território americano.

As evidências para a identificação de “coisa do Brasil” são encontradas basicamente em nomes relacionados a alimentação, a produtos manufaturados, a alguns recursos naturais, a nativos brasileiros (*caboclo* e *china*) e a acontecimentos históricos (*cabanada*, *cabano*, *chimango*).

Os ingredientes utilizados e os hábitos alimentares do país²⁸⁰ são traços recuperáveis pelas definições de *cairi*, *cambica*, *canjiquinha*, *carajé*, *caruru*, *chimarrão*, *cidra*, *congonha* e *congonghar*, *corá*, *crueira*, *cuxá*. Estão em negrito, nos exemplos a seguir, as informações que permitem determinar o referente como apenas brasileiro. No caso de *chimarrão*, a informação se complementa com a glosa do verbete *mate*.

CAMBICA, s. f. (t. do Brazil) Especie de comida feita com a **polpa do murici**, misturada com agua, leite e assucar. (MS9)

CARURÚ, s. m. (t. do Brazil) [...] § Guisado brasileiro de hervas hortenses, entre as quaes entra a **carurú**, feitas em esparregado, e temperadas com **azeite** commum ou **de dendé**, **côco amarello**, **com pimenta do Brazil**, etc. o *carurú* de quiabos, de camarão, etc.; **come-se com angú**, **pirão**, etc. (MS9)

CHIMARRÃO, adj. (t. do Rio Grande do Sul) [...] § Diz-se do **mate** feito sem assucar. (MS9)

MÁTE, s. m. (t. do Brazil) Planta da familia das ilicinias, tambem chamada *congonha* ou *herva-mate*. § A folha d'esta planta [...] § A infusão ou tintura **que se faz d'esta folha**, e se bebe hatitualmente como chá em grande parte da America do Sul. § **Mate-chimarrão**; o que se toma sem assucar. §²⁸¹ Faz-se o mate como o chá, geralmente em um vaso apropriado, chamado *cuia* [...] (MS9)

A matéria-prima de que são feitos certos produtos manufaturados e a sua utilização são formas de se identificá-los como relacionados ao meio brasileiro: *caítitu*, *camucim*, *cocho*, *cuia*, *cumbuca*, *curare*, *curabi*. Aliás, os nomes de objetos, especialmente recipientes, são dos que mais fazem crescer o léxico brasileiro nos dicionários do século XIX.

²⁸⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*.

²⁸¹ O sinal de §, que inicia novas acepções, por vezes é usado para abrir comentários. É o que parece ocorrer em *mate*, em *aquilombar* (mencionado também neste item 5.4), *cadete*, *côngrua*, *carro*.

No verbete *cuia*, apenas a primeira e a terceira acepções (‘pequena vasilha’ e ‘vaso’) nomeiam referentes apenas brasileiros. Às demais, essa afirmação não se aplica. ‘Qualquer vasilha’, ‘medida de capacidade’, ‘almofada’ e ‘concha de pau’ são referentes que ultrapassam a realidade brasileira. No caso de ‘medida de capacidade’, é dito inclusive o equivalente da língua compartilhada: *salamim* (que não faz referência a *cuia*).

CAITETÚ, ou --TITÚ, s. m. (t. do Brazil) Porco do matto. § Rodete **de desmanchar a mandioca**, o qual produz uma roncaria semelhante á d’este animal, quando se enfurece. (MS9)

CUIA, s. f. (da ling. ger. do Brazil) Pequena vasilha **feita da casca do fructo da cuieira**, [...]. § Qualquer vasilha, que tem a fôrma e a serventia da *cuia* natural; assim ha *cuias* de prata, de tartaruga, de madeira, etc. § (no sul do Brazil) O vaso pelo qual se **toma o mate**. § (no norte do Brazil) **Medida antiga de capacidade** equivalente ao **salamim**. § Especie de **almofada** envolvida no cabelo [...]. § *Cuia de vela*; (no Ceará) **concha de pau**, com que se molha a vela. (MS9)

CAMMÚCIS, s. m. Vaso grande de barro, onde os **Índios do Brazil sepultavam os seus caciques**, pondo-os **de cócoras**. (MS9)

Outros grupos de palavras são frequentemente associados ao país por conta da representação que se tem da história e da sociedade. Informações ligadas à escravidão, ao abolicionismo e à mestiçagem com negros e índios sinalizam a provável identificação do referente como do Brasil.

As designações para os escravos fugitivos e seus esconderijos (*calhambola*, *quilombo* e cognatos, *mocambo* e cognatos, *mocamau*) são palavras de origem africana bastante divulgadas no Brasil no período colonial, dando origem a 18 cognatos, de acordo com o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* da Academia Brasileira de Letras. A maioria delas é dicionarizada desde MS2 e mantém-se com as mesmas informações até MS9, exceto pela atualização do tempo verbal (a partir de MS8, no passado, já que a escravidão extinguiu-se no Brasil em 1888) e pelo cruzamento de informações entre os termos relacionados. Itens lexicais desse universo, quando incluídos por MS8 (a seguir transcritos de MS9), excedem-se em comentários extralinguísticos acerca das circunstâncias históricas sobre a escravidão. Em *alugada*, prevê-se até o desaparecimento da acepção que se relacionava com a escrava de aluguel.²⁸² Em *abolir*, são acrescentados exemplos de uso específicos sobre o fato, juntamente com outro sobre a abolição da pena de morte em Portugal. *Ventre livre* traz a informação circunstancial acerca da lei com esse nome no Brasil. No verbete *abolição* são adicionadas

²⁸² No verbete *carregador*, a acepção “preto ou escravo que carrega cadeirinha no Brasil” foi eliminada a partir de MS8.

unidades léxicas que, em tese,²⁸³ não caberiam em um dicionário de língua, mas em um dicionário enciclopédico ou de história: *lei da abolição* e *partido da abolição*.

ABOLIÇÃO, s. f. Acção, ou effeito de abolir [...] § **Lei da abolição**; a lei de 13 de maio de 1888, que declarou livres sem condição alguma todos os escravos existentes a essa data no Brazil. § **Partido da abolição**; o partido **patriotico e humanitario**, que no Brazil sustentou a liberdade dos escravos até á sua libertação. (MS9)

ABOLIR, v. trans. Riscar [...] § Supprimir, extinguir, aniquilar, annular: -- *institutos, corporações, usos, leis costumes, tributos*; **Portugal aboliu a pena de morte; o Brazil em 1888 aboliu a escravidão**. § [...] (MS9)

ALLUGÁDA, s. f. (t. do Brazil) Criada. § **Antes de abolida a escravidão**, dizia-se principalmente da escrava que não era propria que era de outrem, tomada por soldada; era *alugada*, não era *comprada*. A expressão tem essa significação implícita; todavia, esta ainda em uso, para significar qualquer criada, mas **tende a desaparecer, como a escravidão que a adoptou, visto faltar-lhe aquelle sentido fundamental**. (MS9)

AQUILOMBÁDO, p. p. de Aquilombar; e adj. (t. do Brazil) Que **vivia** em Quilombo; que **estava** refugiado em quilombo. V. Aquilombar-se. (MS9)

AQUILOMBÁR, v. trans. (t. do Brazil) Reunir em quilombo escravos fugidos. § -- *se v. ref.* (t. do Brazil) Refugiar-se, occultar-se o escravo em quilombo. § N. B. **Não havendo já escravos no Brazil, esta palavra e a anterior só podem hoje ter uma applicação retrospectiva, romantica ou historica**. (MS9)

MOCAMBEIRO, s. m. (t. do Brazil) Assim se **chamava** ao escravo, ou malfeitor fugido e refugiado em mocambo. (MS9)

LIVRE, adj. [...] § *Ventre livre*; **disse-se** da escrava, cujos filhos pela lei nasciam *livres*: **a lei promulgada no Brazil em 28 de setembro de 1870, que declarou livres os filhos de escrava chamou-se: a lei do ventre livre**. § [...] (MS9)

Os itens lexicais que nomeiam camadas sociais e culturais desprestigiadas sofrem alguma restrição pelos editores de MS8 e MS9. A omissão de significados de axiologia negativa em brasileirismos polissêmicos, como *caboclo*, *caboclisto*, *cabra*, *caboré* (1º) é perceptível, quando se cotejam verbetes desses dicionários com o de Beaurepaire-Rohan. As locuções *cabra topetudo* e *cabra onça* não são negativas, pois significam ‘homem valente’. São, sim, populares, do mesmo modo que *caboré* (2º), *caboclinho*, *tuxaua*, *cacique*, todos omitidos pelos redatores das edições de MS, assim como *tapiocano*, *curau*, *babaquara*, *baiano* (a única acepção referida é a relativa ao estado da Bahia e seus habitantes).

CABÔCLO, s. m. [...] Nas provincias de S. Paulo, Minas-Geraes e R. Jan., chamam Cabôclo à **gente de ínfima plebe, que vive espalhada pelos campos e margens**

²⁸³ **a)** Ao inserir informações desse teor, MS9 está seguindo o seu padrão de edição. Há, em sua microestrutura diversas outras informações que extrapolam a função precípua do dicionários de língua, registrando dados acerca da história e da administração recente do Brasil e de Portugal (ver comentários em 5.5.2). **b)** No Brasil, atualmente, *abolição* é revestida do sentido absoluto ‘abolição da escravatura’.

dos rios, correspondendo ao que no Ceará e outras províncias do norte **chamam Cabras**. || [...] (Rohan)

CABOCLISMO, s. m. [...] **sentimento que revela civilização atrasada**. (Rohan)

CABOCLINHO (1º), s. f. [sic.] [...] || No R. Gr. do S. e em outras províncias meridionaes do Brazil, **dão ao Caboclinho o nome de Piá**, e tanto nesta província, como em Pernambuco **o de Caboré**. (Rohan)

CABÓRÉ (1º), s. m. f. [...] || (*Pern. e R. Gr. do S.*) **pessoa trigueira tirando a Cabôclo**, e também applicam esse nome ao **Cabôclo de pouca idade**. (Rohan)

CABÓRÉ (2º), s. m. (*Bahia.*) [...] || Fig. **Homem gordo de baixa estatura**. (Rohan)

CÁBRA, s. m. mestiço [...] || No Ceará dão indistintamente o nome de *cabra* ao **homem que anda habitualmente descalço** (J. Galeno). Allí chamam também *Cabra topetudo* ao **homem valente, audaz e altivo**; e isso, talvez, por causa do topete que usavam os famigerados mestiços, que durante a reação de 1925 espalharam-se pelo sertão do Norte, a afrontar os homens brancos patriotas (Araripe Junior). Em Sergipe dão ao **valentão** o nome de *Cabra-onça* (João Ribeiro) || Etym. [...]

CACÍQUE, s. m. (*Amaz.*) nome que, no Rio Negro e proximidades do Orenoco, dão ao chefe de tribo de Indios; **o mesmo que Tuxàua** (L. Amaz.) || Etym. [...] (Rohan)

TUXÁUA, s. m. (Valle do Amaz.) **chefe de uma tribo de aborígenes**. || Etym. É voc. Tupi, metaplasmo de *Tubixiba*. || Algumas tribus dão aos seus chefes o nome de *Muruxàua* (Seixas), *Murumuxaua*, alteração prosódica de *Morobixába*; e no Rio-Negro e proximidades de Orenoco o de *Cacique* (L. Amazonas). || Figuradamente dão o nome de *Tuxàua* ao **indivíduo influente no lugar que habita**: O commendador F. é o *Tuxàua* do municipio. (Rohan)

A omissão de entradas desse teor não é categórica, pois *guasca* e *muxuango*, também nomes populares e despectivos para homem do campo, são registrados por MS8 e MS9.

As designações para mestiços são arbitrárias e confusas. Os verbetes *cafuz*, *mameluco*, *cabra*, *caboclo* no *Dicionário da terra e da gente do Brasil*²⁸⁴ descrevem em parte as certezas e incertezas dessas denominações. Reproduz-se aqui *cafuz*:

CAFÚS: ocorrem também as formas *cafuso*, *cafusa*, *cafusio*, *carafuso*; mestiço de negro e índio, produto afro-americano, **em geral** de côr muito escura, bruno-café, cabelos grossos e “altos como se a cabeleira fosse artificialmente levantada” (Martius). Chamam-lhe também *caboré*, *cabaré*, *caburé* e *ainda taioca* (voz do norte). **Prova a mais da variedade e incerteza reinantes da nomenclatura dos nossos mestiços** é o seguinte passo de José Veríssimo, que lemos à pág. 131 do 2º. vol. do “Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil”: “os produtos da mestiçagem resultantes dos cruzamentos entre raças e variedades diversas, são: o *mulato*, por cruzamento de branco e negro; o *mameluco*, por cruzamento de branco e índio; o *curiboca*, por negro e índio; o *cafús*, ou *cafuso*, por mameluco e negro, ou ainda *curiboca* e branco...”. **“Do cafús, parece, o que se pode afirmar com certeza é que ha sempre nelle sangue índio e negro, em sub-cruzamento, podendo tambem haver, pelo do mulato ou do mameluco, sangue**

²⁸⁴ SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*.

branco". Toda a razão tinha Pandiá Calogeras quando, em Carta que nos dirigiu, escreveu: "de referencia aos tipos de mestiçagem ha uma revisão a fazer, completa *ab-initio*, total. Pereira da Costa faz sentir que **o termo *cafús* apelidava os índios alforreados**, "que são aqueles que os senhores em seus testamentos, deram por forros, e os que procedem destes, os quaes são livres (Provisão regia de 6 de Outubro de 1720). Índios cafuzes a que chamam alforreados (Provisão de 22 de Novembro de 1721). "Tas provisões, acrescenta Pereira da Costa, foram dirigidas ao Governador do Maranhão e constam do Catalogo dos Manuscritos da Biblioteca Paulista Eborensis. T. I. Pags. 123-124". Os hispano-americanos chamam ao cafús – *sombolóro*; também dizem *zambo*.

Os diferentes tratamentos dados a mestiços, com detalhamentos acerca dos graus de distanciamento entre a "raça" de origem e o produto final são impregnados por valores sociais e culturais. Ser identificado como *negro*, *branco*, *cabra*, *cafuzo*, *mameluco*, *caboclo* nem sempre está relacionado à cor da pele ou à ascendência genética. Tais nuances, muitas delas fugazes, não são captadas pelos dicionários gerais de língua. A complementação das informações é feita por textos especializados, regionalistas ou temáticos, lexicográficos ou não.

Caboré e *cafuzo* são nomes para mestiços em que um dos pais é negro e o outro ascendente pode ser índio (para *caboré*) ou mulato (para *cafuzo*).²⁸⁵ Mesmo havendo disparidade de sentidos entre os dois termos, a redação do verbete *caboré* estabelece relação sinonímica com *cafuzo*. Em dicionários do século XX, essa incoerência é desfeita, pois *cafuzo* passa a ter duas acepções.

CAFÚSA, s. m. ou f. e adj. (t. do Brazil) O filho, ou filha de mulato e negra, ou vice-versa: dizem tambem *cafuz*, e *cafuzo*. (MS9)

CABORÉ, s. m. (t. do Brazil) [...] § Mestiço de negro e india, ou vice-versa: tambem chamam *cafuz*, *cafuzo*, e *cafuzo*. (MS9)

CABO-VÉRDE, s. m. e f. (t. da Bahia) O mesmo que *caboré*, ultimo paragrapho. (MS9)

Os próprios dicionários de regionalismo são contidos no registro de termos relacionados à mestiçagem brasileira.

Os termos ligados à lida com gado e com equinos são, em grande parte, em MS9 e em DH, relacionados ao Sul do Brasil. Pelo modo como são construídas as definições, tem-se a impressão de que palavras e coisas são exclusivas da região em questão. Essa cosmovisão pode advir do fato de as definições trazidas para os dicionários portugueses terem sido coletadas em um dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul (o de Coruja, sobre o qual

²⁸⁵ *Cafuzo* é palavra dicionarizada por MS7 e CA. *Caboré* só é registrado a partir de MS8.

se comentou a influência em 3.3.1), cujas glosas se circunscrevem ao universo campestre gaúcho. De acordo com a definição, *cincerro* é o mesmo que *chocalho*. A diferença entre eles seria a função, apesar de ambos servirem para o manejo com o gado: *cincerro* seria usado em viagem e no animal que serve de guia; o *chocalho*, em qualquer animal, para que possa ser localizado. Talvez sejam realmente objetos distintos, mas para especialistas. Observe-se que o vocabulário usado na definição é também regional: *egua madrinha*, que, por sua vez, utiliza a palavra *cincerro*.

SINCÈRRO, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) Especie de campainha, que em viagem se põe ao pescoço da **egua madrinha**, ou da besta que serve de guia. (MS9)

CHOCALHO, s. m. Especie de campainha cylindrica de cobre, que se põe aos bois, cabras etc., para se saber onde andam. (MS9)

EGUA, s. f. [...] § *Egua madrinha* (t. do R. Gr. do Sul) a que serve de guia, a uma manada de cavallos, ou muares, tanto no pasto, como em marcha, e traz ás vezes ao pescoço **um sincerro**. (MS9)

A ausência de conexão entre essas duas palavras, que denominam um tipo de campainha com finalidades muito próximas, se perpetuará nas publicações do século XX. A 6ª edição do dicionário da Porto Editora (1984) e o DH são os únicos que identificam a equivalência entre os termos.²⁸⁶

A dedução de que *cadena* não deve ter equivalentes na língua compartilhada deve-se mais ao conhecimento de mundo do que à definição. A ausência de um definidor genérico (ver 5.5.1) em sua glosa dificulta o enquadramento do *definiendum* em um universo lexical que induza as conexões. Como artes com o laço são comuns no sul da América do Sul (Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai) e nos campos da América do Norte, mas muito pouco ou nada praticadas em Portugal, deduz-se que não haja nem referente nem termo equivalente na língua comum.

CADÈNA, s. f. (do *Hesp. Cadena*, cadeia) (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Maneira engenhosa de tirar dos chifres do boi bravo sem perigo o laço em que está preso, o que se faz por meio de outro laço e fazendo deitar o boi no chão. (MS9)

²⁸⁶ PDBLP, CF2, MS10, não fazem correspondência entre eles.

O universo da hipiatría é vastamente nomeado em Portugal,²⁸⁷ mas não há, em nenhuma das designações para tipo de cavalo ou para coisas que remetem à lida com os mesmos (marcha, aparência, aparelho), cruzamento de informações entre termos gaúchos e termos da língua comum.

As reflexões acerca dessas questões são variadas e bastante influenciadas por estereótipos ou generalizações. As palavras trazem junto consigo referentes que nem sempre serão traduzidos da mesma maneira por diferentes falantes. Quanto mais distanciados no tempo, no espaço e na cadeia social, mais aumenta a probabilidade de o termo escolhido para denominar a realidade ser diferente. Quando os termos nomeiam mundividências próprias, são mais específicos. Os cruzamentos são feitos normalmente a partir de uma base semântica genérica: ‘homem do campo’ traduz um denominador comum para diferentes regiões do Brasil e de Portugal. Há, porém, variadas formas de se referir a esse grupo social, de acordo com a imagem que se construiu do mesmo. Aldeão, camponês, roceiro, caipira, sertanejo, matuto são representantes de realidades muito distintas, mas que constituem um contínuo de significados, cujos traços ora se aproximam de um referente, ora de outro. Não há como segmentar os lemas de acordo com seus significados, de modo a individualizá-los. *Caipira*, *roceiro* e *aldeão* têm qualidades comuns como: a procedência e o comportamento característico do homem do campo, frequentemente associado à simplicidade, à rusticidade; o *aldeão* é o homem do campo, do interior; ao *roceiro* acrescenta-se a informação de trabalhar na roça; o *caipira* é do campo com conotação despectiva. Uma ou outra característica estabelece a associação desses indivíduos a *matuto*, *babaquara*, *tabaréu*, *jeca*, *sertanejo*. São nuances de descrição quase irrealizáveis que se manifestam nas escolhas feitas de acordo com o contexto textual e discursivo, em que se inserem a formalidade, a origem regional e social do falante, a época em que foi produzido, o teor mais ou menos crítico, informal, pejorativo que se deseja imprimir ao texto. Essas são questões amplamente discutidas desde sempre e que se valem de arcabouço teórico extenso nas correntes de análise do discurso. Aplicá-las às definições dos dicionários do século XIX traz reflexões interessantes, mas fogem à proposta deste estudo.

O trecho a seguir sintetiza as reflexões aqui propostas. A propósito da vasta sinonímia registrada por DH para *caipira*, o professor Telmo Verdelho diz que seria possível ainda

²⁸⁷ Alguns exemplos em MS9 de nomes relacionados a esse universo são *cando*, *cardão* (cor), *carrego* (andar do cavalo), *casquinha* (vestuário da amazona), *cavalo casquinho*, *casquisseco*, *catrapós* (marcha do cavalo). Além dos inúmeros ditos populares com cavalo, entre outros apontamentos sobre o tema.

[...] coligir-se um vocabulário com mais de uma centena de termos de axiologia negativa que dão testemunho de uma comunidade numerosa e muito contrastada. O português do Brasil é solicitado para representar uma intensa e povoada humanidade, interactiva, dinâmica e muito criativa. Todos esses nomes são verdadeiros brasileirismos, mas eles fazem parte da reserva redundante da língua. São formas que funcionam sempre, ou quase sempre, num contexto de autodescodificação. Servem a comunidade ou sub-comunidades em que são ditas, mas têm uma interferência muito limitada nos circuitos mais alargados da intercomunicação linguística. A sociedade portuguesa dificilmente encontraria espaço para criar uma correspondente quantidade de lusitanismos tão recorrida e tão polifônica para exprimir os desfavores, as antipatias e de um modo geral todo o simbólico da inferioridade. Em todo caso, a nossa humanidade é a mesma e também os *brasileirismos* nos podem servir, como serviu *caipira*, para dizer bem ou dizer mal do nosso próximo.²⁸⁸

O texto definitório influi grandemente no enquadramento da coisa nomeada entre referentes universais ou restritos a uma área geográfica, a um segmento cultural ou social. O item 5.5 comenta mais detidamente a tipologia das definições lexicográficas.

5.4.1 Novos verbetes, realidades compartilhadas

A maioria das acepções que compõe o léxico brasileiro dicionarizado no século XIX integra o que Telmo Verdelho denomina “reserva redundante da língua”, em sintonia com a contribuição dos dicionários de regionalismos. Maioria não é tudo, entretanto. Há uma série de termos na nominata estudada que se enquadra em categorias distintas, algumas delas sugeridas pela própria definição como necessárias à intercomunicação administrativa e comercial entre brasileiros e portugueses do final do século XIX. São eles *armarinho e armarinheiro, bonde, trem, carril, carro, caminhão, conferente, cambista, carta-bilhete, cortiço, capatazia, ensacador, intendência e intendente*.

Outros há que não pertencem às esferas citadas, mas que o conhecimento de mundo faz ter certeza de que tinham equivalentes na língua comum (já consignados em MS9). São eles *cafajeste, cafajestada, cáften, cafetina, cacete, caceteação, cacetear, capadócio, capadoçada, capadoçagem, caçula, cica, chucro, cola, coroca, cutucar, cafife, caga-sebo,*

²⁸⁸ a) VERDELHO, Telmo. *Brasileirismos*, p. 41. b) Ver comentário sobre acepção portuguesa para *caipira* em 1.2 e em 5.2.

calundu, camarada.²⁸⁹ A questão é, em que medida, ou quando, os dicionários estabelecem a equivalência e quais são os reflexos disso na produção lexicográfica.

Como se comentou em 3.3.1, MS8 e MS9 têm 13 novos itens lexicais coletados em outras fontes que não os dicionários de Beaufort-Rohan. Trata-se de brasileirismos semânticos: *cacete, cadáver, cambista, carro, catraia, conferente, corte*; ou de brasileirismos lexicais: *caga-sebo, cantata, carta-bilhete, casa de marimbondos, prado de corridas*. Os brasileirismos lexicais são, na maioria, termos compostos ou locuções constituídos de palavras de origem vernácula (a exceção de *marimbondo*). Nenhuma novidade trazida de empréstimos indígenas ou africanos, portanto.²⁹⁰

O que há de mais curioso nesta lista tão curta é o fato de serem termos que extrapolam a categoria redundante, ou exótica ou prática. São, na maioria, termos relacionados a atividades urbanas com equivalentes na língua comum ou em Portugal.

Tabela 10 – Registros inéditos em MS8 e MS9

	Urbano	Rural	Equivalente na definição	Equivalente deduzido*
Referente brasileiro	<i>corte</i>	<i>casa de marimbondos</i>	-- --	-- --
Referente brasileiro e português	<i>cadáver, caga-sebo, cambista, cantata carro de praça e carro particular, carta-bilhete, catraia, conferente, prado de corridas</i>		<i>credor, -- -- -- trem de praça cartão postal bote verificador hippodromo</i>	-- <i>alfarrabista</i> -- -- -- -- -- -- --

* Considerando-se o que está dicionarizado por MS9.

Corte é o local onde reside o soberano. A acepção em questão, citada aqui abaixo, retrata apenas um deslocamento histórico-geográfico desse mesmo sentido. Tem caráter enciclopédico, não de acepção linguística.²⁹¹

CÔRTE, s. f. [...] § A cidade do Rio de Janeiro até á proclamação da Republica, que a elevou á cathogoria de Estado § [...] (MS9)

²⁸⁹ Esses verbetes podem ser consultados nos Anexos C e D. Alguns serão mais detidamente analisados ao final deste capítulo.

²⁹⁰ MS9 registra *acabocado* (que tem feições de caboclo) e *cabocado* (da côr dos caboclos). Rohan registra apenas *acabocado* (“que tem origem, feições ou côr de caboclo”).

²⁹¹ Ver mais comentários sobre essa questão em 5.5.2.

A classificação “(possível) referente apenas brasileiro”, “(possível) referente brasileiro e português”, atribuída a alguns verbetes dos Anexos C e D baseia-se nas informações contidas nos dicionários estudados, complementadas pela consulta a textos enciclopédicos, a dicionários contemporâneos e a bibliografia específica. As consultas não foram exaustivas. Mesmo que tivessem sido feitas pesquisas mais detalhadas, as classificações estariam sempre sujeitas a revisões. Tiveram o propósito de auxiliar a redação deste item da tese objetivando: a) o reconhecimento dos campos semânticos e dos significados das acepções; b) a percepção do mundo brasileiro descrito pelos dicionários e no (im)possível estabelecimento de equivalências lexicais e semânticas entre os termos brasileiros e os da língua comum ou específica de Portugal.

5.5 Definição lexicográfica

As técnicas de definição lexicográfica empregadas no *corpus* estudado serão comentadas a partir do roteiro de Bernard Quemada em *Les dictionnaires du français moderne: 1539-1863*, sintetizado por João Paulo Silvestre no capítulo “Técnica de definição” em *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*. Bernard Quemada inventaria diferentes estratégias de definição com detalhes e comentários, apontando interinfluências entre dicionários franceses. João Paulo Silvestre descreve a tipologia das definições do *Vocabulario* de Bluteau a partir do modelo explicativo proposto por Quemada.²⁹² O ponto de partida deste item da tese é similar: reconhecer as estruturas e, a partir desse reconhecimento, descrever a tipologia das definições dos brasileirismos nos dicionários de língua portuguesa no século XIX, conjugando-as com outros componentes desses verbetes. O tratamento dos termos brasileiros, aparentemente,²⁹³ não difere do tratamento dos termos da língua comum ou de regionalismos portugueses.

²⁹² A descrição feita por Quemada pode ser parcialmente recuperada pelas orientações e análises metalexográficas de Julio Casares (*Introducción a la lexicografía*), Virginia Sita Farias (*Sobre a definição lexicográfica e seus problemas*), Ladislav Zgusta (*Manual of lexicography*), Luis Fernando Lara (*Teoría del diccionario monolingüe*), Manuel Secco (*Estudios de lexicografía española*), R.K Hartmann (*Teaching and researching lexicography*), Herbert Andreas Welker (*Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*).

²⁹³ Aparentemente, porque, para se fazer uma afirmação categórica seria necessário estudar com maior sistematicidade diferentes grupos de verbetes que não sejam assinalados como brasileiros.

As definições de Jerônimo Cardoso e de Rafael Bluteau (para citar apenas duas obras lexicográficas mais antigas) perpetuam-se em dicionários elaborados no século XIX, que, por sua vez, são fontes de consulta para os dicionários do século XX. Essas afirmações são feitas apenas para os termos brasileiros. Os dicionários de Moraes e Aulete desempenham o papel de criadores de definições “quase” originais para os termos brasileiros dicionarizados no século XIX. As demais publicações²⁹⁴ adaptam os textos propostos por MS. Além disso, apesar do alcance editorial de todos eles (várias reedições e reimpressões), são MS e, posteriormente, CF as obras de referência por excelência para a produção lexicográfica pelo menos até meados do século XX.²⁹⁵ Considerar determinadas obras como referência ou como modelo significa tê-las como ponto de partida para discussão, melhoria, acerto e, maiormente, concordância.

Espera-se de uma boa definição lexicográfica que ela: **a)** atenda à identidade funcional: o termo genérico da definição deve pertencer à mesma categoria morfológica do *definiendum*;²⁹⁶ **b)** seja intercambiável no maior número possível de sentenças: o nível de comutação varia e não depende só da identidade funcional entre os termos; **c)** seja clara e elucidativa: para isso, não deve ser expressa em linguagem figurativa ou obscura, mas utilizar termos conhecidos e precisos; não deve ser negativa quando pode ser positiva; não deve ser circular; deve prover a essência daquilo que está sendo definido; **d)** tenha textos curtos e precisos; **e)** atenda ao nível de conhecimento e interesse do usuário do dicionário.²⁹⁷

A leitura crítica dos dicionários, antigos e contemporâneos, mostra que a boa definição lexicográfica é ideal a ser continuamente trabalhado e, em alguns casos, talvez nunca logrado. Por mais que a técnica lexicográfica venha sendo aperfeiçoada e que haja cada vez mais recursos informáticos a auxiliarem na tarefa e mais bancos de dados que podem ser

²⁹⁴ Ver ainda “Anexo C” desta tese, onde estão transcritos verbetes dicionarizados desde a primeira metade do século XIX.

²⁹⁵ A opção editorial de CF, de incluir termos e formas pouco frequentes ou efêmeros, reflete-se nos dicionários publicados no século XX, inclusive por Moraes (10^a. ed.) e por Laudelino Freire. A partir de meados do século, a 10^a. edição de MS substitui as anteriores. (Cf. VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna; VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo; GUILHERME, Ana. O modelo de descrição no dicionário histórico morfológico: o radical de alto.)

²⁹⁶ *Definiendum* é o mesmo que unidade lexical. É a palavra ou expressão definida.

²⁹⁷ Embora os dicionários do século XIX informem em suas páginas iniciais que foram elaborados com vistas a usuários diferentes (com número maior ou menor de brasileirismos, para atender a uma demanda de público, não do público), a inclusão do usuário dentre os itens definidores do tipo de dicionário é relativamente recente no Brasil, sobretudo a partir da década de 1990 e 2000, quando da maior procura por minidicionários ou por dicionários escolares. A partir do ano 2000, os dicionários, bilíngues e monolíngues, tornam-se objetos continuados de estudos, especialmente voltados para a lexicografia pedagógica (cf. buscas pelas palavras-chave “dicionário” e “lexicografia” em bancos de dados de teses e dissertações de diferentes universidades brasileiras).

consultados para a elaboração das obras, concordo com Sílvia da Rosa Fernandes²⁹⁸ quando afirma que

[...] apesar de seguir regras, toda definição, será, por sua própria natureza, deficiente, no sentido de que sempre contará com outras palavras e seus conceitos para definir um vocábulo e, em algum momento, os conceitos e as definições podem levar a uma circularidade de descrição, que mais confunde do que esclarece.

Essa circularidade às vezes se estende às definições de outros dicionários. A consulta a mais de uma obra, pertencente ou não ao cânone (dicionários de brasileirismos, nos casos estudados), pode apontar a origem de ambiguidades e equívocos gerados pela adaptação de textos de natureza lexicográfica.

A ausência de identidade funcional, a não comutabilidade, a circularidade e obscuridade de algumas definições de termos brasileiros não desmerecem os esforços dos lexicógrafos e editores do século XIX, os quais levaram a efeito um conjunto de dicionários cujo valor não pode ser determinado pelo registro do léxico, ainda marcado como diferente, e pertencente a outros falantes, recém-açados ao estatuto de brasileiros.

O fio condutor na análise das definições será o conjunto estratégias lexicográficas e de informações linguísticas, mesmo que, eventualmente, dados da realidade sejam chamados a elucidar o conteúdo das acepções e a ilustrar os comentários. A definição representa o uso que se faz de uma palavra sob a perspectiva do compilador e não a verdade das coisas.²⁹⁹ E tanto a verdade do uso como a do conteúdo são inapreensíveis sem um mergulho profundo na gênese da palavra e na sua utilização em contextos variados.

5.5.1 Tipos de definição

Os dois tipos básicos de definição são *de coisas* ou *real* (metalinguagem de conteúdo) e *de palavras* (metalinguagem de signo).³⁰⁰ A definição de coisas é constituída pela

²⁹⁸ FERNANDES, Sílvia Oliveira da Rosa. *Vozes na colônia*, p. 58.

²⁹⁹ “[...] toda definição de palavra é antes de tudo ‘a declaração de uso e das ideias que os homens lhe têm atribuído’, porque ‘as definições não são arbitrarias, são ligadas, coordenadas e sujeitas a representar a verdade do uso e não das coisas [...]’”. (Arnauld et Nicole apud QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne*, p. 396-397.: “toute définition du mot est avant tout ‘la déclaration de l’Usage et des idées que les hommes y ont appliquées’ car ‘les définitions qu’on en donne ne sont nullement arbitraires, mais elles sont liées et astreintes à représenter non la vérité des choses, mais la vérité de l’usage” [tradução para esta tese].)

³⁰⁰ Virgínia Sita Farias (*Sobre a definição lexicográfica e seus problemas*) faz uma acurada discussão acerca da fragilidade dessa divisão. Essas fragilidades não interferem no objeto em estudo nesta tese.

enumeração de qualidades e atributos distintivos de uma coisa, para que se conheça a sua natureza. A definição de palavras informa sobre os valores das unidades lexicais, e seu princípio é que palavras ou conceitos desconhecidos devem ser elucidados por meio de palavras ou conceitos conhecidos. A partir dessa distinção, Quemada³⁰¹ divide as estratégias de explicação dos significados em duas categorias principais, de acordo com o conjunto de procedimentos aplicados para a sua consecução: diretos e indiretos.

5.5.1.1 Definições por processo direto

Os processos diretos reúnem as definições lógicas, que consistem no esforço por exprimir a essência da coisa designada através de uma indicação classificatória genérica (o definidor genérico, normalmente um hiperônimo) acompanhada de uma ou mais características específicas (o definidor específico).

a) Definidores genéricos

O definidor genérico é constituído de palavras ou de expressões que situam o *definiendum* numa ordem do mundo real. O definidor específico discrimina traços que caracterizem o referente nomeado e que o diferenciem de outros que sejam abrangidos pelo definidor genérico em questão. Nos exemplos a seguir, definidores genéricos são realçados por **negrito** e definidores específicos por sublinhado.

CASSAMBÁ, s. m. (t. do Brazil) **Balde** ordinariamente preso a uma corda para tirar água de poço, etc. § (it.) **Estribo** com forma de sapato, de metal ou de couro. § [...] (MS9)

CABORÉ, s. m. (t. do Brazil) [...] § **Mestiço** de negro e índia, ou vice-versa: também chamam *cafuz*, *cafuzo*, e *cafuzo*. (MS9)

CAHATINGA, s. f. (t. do Amazonas) **Terra alagadiça**, em que cresce a palmeira piassaba. (MS9)

³⁰¹ QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne*, p. 417.

Essas quatro unidades, ‘balde’, ‘estribo’, ‘mestiço’ e ‘terra alagadiça’ apreendem o sentido básico de cada *definiendum* e o incluem numa ordem do mundo. Os definidores genéricos são hiperônimos: *caçamba* é um tipo de balde e um tipo de estribo. *Caboré* é um tipo de mestiço e *caatinga* um tipo de terra alagadiça. ‘Balde’ e ‘estribo’ incluem *caçamba* na ordem dos objetos. O primeiro (‘balde’), um recipiente com alça, geralmente em formato de cone, usado para recolher ou transportar líquidos. O segundo (‘estribo’), uma peça usada em montaria, para o cavaleiro firmar os pés. O que distingue a *caçamba* dos outros baldes é a sua função. E o que a torna um estribo especial é a sua aparência e o material de que é feito. ‘Mestiço’ insere *caboré* em um grupo humano proveniente de pais cujas características físicas hereditárias são distintas. O que particulariza o *caboré* frente a outros mestiços é a procedência ‘de negro e índia’. Já ‘terra alagadiça’ é expressão com sentido autônomo, não raro usada para descrever certos tipos de solo, de terreno.³⁰² A especificidade da *caatinga* é ser local “em que cresce a palmeira piassaba”.

A classificação genérica dos termos é uma categoria abrangente formada pela abstração das qualidades idênticas em certas espécies. O agrupamento das coisas do mundo em categorias pode ser melhor entendido quando comparado às classificações taxonômicas, em que divisões mais abrangentes englobam as divisões menores, com características mais afins. Assim, quando se informa o gênero a que pertence determinado animal, o conjunto de categorias a que o gênero se subordina está implícito. Ao se definir *gnu* (‘antílope africano’), por exemplo, o definidor genérico ideal é ‘antílope’ porque é a divisão que melhor especifica o grupo a que pertence o *gnu*. ‘Antílope’ é um gênero da classe dos ‘mamíferos’, da subordem dos ‘ruminantes’ e da família dos ‘bovídeos’.

Esse raciocínio ajuda a entender a divisão dos definidores genéricos, ou hiperônimos, em remotos (*mamífero*), mais próximos (*ruminantes* e *bovídeos*) ou específicos (*antílope*).³⁰³ No primeiro exemplo citado *supra* (*caçamba* = balde), *objeto* seria um hiperônimo remoto, *recipiente*, mais próximo e, *balde*, específico. Essa divisão é um dos critérios para se estabelecer o grau de autonomia do hiperônimo. Quanto mais específico, mais comutável, ou seja, melhor traduz a informação contida no lema e, portanto, pode substituí-lo em maior número de contextos, comprometendo menos a veracidade ou a clareza da informação.

³⁰² Terra = terreno, cf. “AMARGEAL [...] terra baixa, apaúlada, alagadiça”; “ALVERCA [...] terra pantanosa, alagadiça” (ambos em MS8)

³⁰³ QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne*, p. 418-420.

Quanto mais se têm apreendido o significado e os usos de determinado termo, mais é possível selecionar um definidor genérico mais adequado, mais próximo. Quando pouco se sabe do significado de certo termo, pode haver uma generalização “imperfeita” (ver comentário sobre *carajé* e *cabacinha*, *infra*) ou a atribuição de significados distintos de acordo com o contexto de uso (ver comentário sobre *caldeirão*, em 5.3). Dicionários franceses, como Littré, modificam frequentemente os termos genéricos usados antes dele.³⁰⁴ O que se percebe no conjunto de dados coletados nos dicionários de língua portuguesa é que esse refinamento é acanhado no século XIX, no que se refere a brasileirismos. As diferenças na definição entre os dicionários estudados normalmente se pautam pela descaracterização das versões das obras publicadas anteriormente, mantendo a mesma estratégia de definição e hiperônimos idênticos ou equivalentes. O verbete *calhambola*, seus sinônimos (*quilombola* e *mocamau*) e cognatos ilustram bem essa afirmação. As definições das primeiras edições mantêm-se nas subseqüentes praticamente inalteradas: o mesmo definidor genérico (‘escravo’), seguido dos mesmos tipos de definidor específico: o que esse escravo faz (foge = “que fugiu” ou “fugitivo”); de que maneira (“amontado” ou “para o mato” ou “anda a monte”) e para onde (“quilombo”, “pelo sertão”). O que se percebe são alterações de estilo, talvez a tentativa de descaracterizar a redação dos outros autores. Eduardo de Faria e Lacerda prescindem desse recurso, pois uma obra é continuidade da outra. As diferentes edições de Moraes assim procedem. O tempo verbal é alterado a partir de MS8, indicando que a realidade nomeada pela palavra pertence ao passado. As definições de CA são as que demonstram mais autonomia relativamente aos outros dicionários portugueses aqui estudados, inclusive com relação aos brasileirismos; mesmo assim, as informações são exatamente as mesmas: escravo, fuga, a monte, mato/quilombo/sertão. O que se nota, no caso desse grupo de palavras, é que CA não utiliza os termos brasileiros. A definição de *mocamaus* (*infra*) é a única em que se refere a *mocambos*, mas valendo-se da intermediação de uma outra voz discursiva, “a que la chamam mocambos”, o que diminui a responsabilidade do redator.

³⁰⁴ Ibid., p. 423 et seq.

Dicionário	Verbetes
MS2 a MS7	CALHAMBOLA, s. c. O escravo, ou escrava, que fugio, e anda amontado , VIVENDO EM QUILOMBOS : é termo usado no Brasil. [...]
SC	CALHAMBOLA, s. 2. (t. Brasil, [...]) escravo ou escrava que fugio ao senhor e foi para o mato .
EF2, DL5	CALHAMBÓLA, s. dos 2 g. ([...] na lingua dos indigenas do Brasil) O escravo ou escrava que fugiu e anda pelos matos VIVENDO EM QUILOMBOS .
DV	CALHAMBÓLA, s. 2 gen. [...] Termo do Brazil. O escravo ou escrava que fugio e anda amontado , VIVENDO EM QUILOMBOS .
CA	CALHAMBOLA [...] s. m. (brazil.) escravo fugitivo, que anda a monte PELO SERTÃO .
MS8	CALHAMBÓLA, s. 2 gen. (t. do Brazil) Dizia-se do escravo, ou escrava, que fugia, e andava amontado , VIVENDO EM QUILOMBOS . [...]
MS9	CALHAMBÓLA, s. 2 gen. [...] (t. do Brazil) Escravo, ou escrava que fugia, e andava amontado , VIVENDO EM QUILOMBOS . <i>Ord Coll. ao L. 4. 47. 1.</i>

AMONTADO = Transmontado, desgarrado, ou fugido pelos montes: “el-rei andava *amontado*, e fora de Malaga” (MS)

ANDAR A MONTE = andar refugiado nos montes ou divagar pelos montes á caça, etc. (CA)

MONTE = serra, montanha; terra alta com arvoredos, mattos...; montado, terra coberta de matto ou de arvoredo e sem cultura alguma.

SERTÃO = lugar afastado dos terrenos cultivados ou mato longe da costa.

Na entrada *quilombo*, o definidor genérico ‘casa’ (MS7 e CA) é substituído por ‘habitação clandestina’ (em MS8), mais adequado.³⁰⁵ Apesar de *quilombola* já constar na nominata de MS7, é no texto da oitava edição que se explora o vínculo derivacional entre as palavras, pois a definição de *quilombola* estabelece uma relação de dependência com a palavra-base (“que vivia em quilombo”). Em *quilombo*, o substantivo “calhambola” (MS7) dá lugar a “quilombola” (MS8). Em ambas edições, a minidefinição ‘escravo fugido’ acompanha o substantivo que nomeia esse tipo de escravo. Tal estratégia obsta a definição circular. Nesse caso, o dicionarista assume o provável estranhamento da palavra, mas, mesmo assim, não deixa de utilizá-la. Em MS8 é acrescentado o sinônimo *mocambo*, destacando mais uma vez o léxico brasileiro e a rede de significados e equivalentes. Na definição de *calhambola*, MS8 utiliza o termo *quilombo*, mas não menciona os sinônimos *quilombola* ou *mocamaus*. Os definidores genéricos tendem a se repetir em quase todos os dicionários; no máximo, ele é

³⁰⁵ E possivelmente influenciado pela redação de Beaurepaire-Rohan: “habitação clandestina nas mattas e desertos [...]”

substituído por um sinônimo, às vezes mais adequado, como no caso de *quilombo* ('casa' ou 'habitação clandestina').

MS7	CA1	MS8
QUILÔMBO, s. m. t. Brasil. A casa <u>sita no mato, ou ermo, onde vivem os calhambolas, ou escravos fugidos.</u> <i>Ord. Coll. ao L. 4. T. 47. n° 1.</i>	QUILOMBO [...] s. m. casa <u>no matto onde se acoitam os negros fugidos.</u>	QUILÔMBO, s. m. (t. do Brasil) A habitação clandestina , <u>sita no matto, ou ermo, onde viviam negros refugiados ou quilombolas ou escravos fugidos.</u> <i>Ord. Coll. do L. 4. T. 47. n° 1.</i> Também lhe chamavam <i>Mocambo</i> : V. este.
*QUILOMBÓLA, s. f. t. do Brasil. Negro fugido <u>do mato</u> .		QUILOMBÓLA, s. m. e f. (t. do Brasil) Escravo, ou escrava <u>que vivia em Quilombo</u> .
MOCAMÁOS, s. m. pl. (de Mocambo) Negros fugidos <u>no Brasil, que vivem pelos matos</u> EM QUILOMBOS , aliás <i>calhambolas, fugiões</i> : de mocambo; V. este.	MOCAMAUS [...] s. m. pl. (Brasil) pretos fugidos <u>que vivem pelo matto</u> EM CHOÇAS , a que lá dão o nome de <i>mocambos</i> . F. [...]	MOCAMÁUS, s. m. pl. (de Mocambo) Negros fugidos <u>no Brasil, que viviam pelos matos</u> EM QUILOMBOS , aliás <i>calhambolas, fugiões</i> . V. Mocambo.
MOCÂMBO, s. m. t. Brasil. Quilombo, ou habitação <u>feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil.</u> [...]	MOCAMBO [...] s. m. (Brasil) choça que os pretos <u>constroem nos matos</u> PARA SE ESCONDEREM quando andam <u>fugidos</u> .	MOCÂMBO, s. m. (t. Brasil) Habitação <u>que faziam nos matos os escravos fugidos no Brasil; quilombo.</u> [...]
MOCÂMBO, [...] § Qualquer choça , ou palhoçzinha no Brasil, <u>para habitação ou se recolherem os que vigiam lavouras.</u>	MOCAMBO [...]; (por ext.) qualquer choça que <u>os encarregados de vigiarem as lavoiras levantam para se abrigarem</u>	MOCÂMBO, [...] § Qualquer choça , ou palhoçzinha no Brasil, <u>para habitação ou se recolherem os que vigiam lavouras.</u>
MOCÂMBO, [...] § <i>Mocambo</i> ; era um antigo bairro de Lisboa. <i>Blut.</i>		MOCÂMBO, [...] § <i>Mocambo</i> ; era um antigo bairro de Lisboa. <i>Blut.</i>

FUGIÃO – ver fujão. FUJÃO, adj. Fugido; costumado a fugir: v. g. escravo fujão. (MS4)

Não é o motivo de imaginar se haveria outra maneira de definir *calhambola*; estamos espelhando o que o século XIX construiu (a fim de auxiliar na observação do que o século XX manteve, e que fontes foram percorridas).

QUILOMBO, n. m. (Bras.) **Casa ou lugar** ONDE SE ACOUTAVAM negros fugidos; [...]
(PDBLP)

QUILOMBOLA, n. m. (Bras.) Nome que davam aos **negros fugidos**, o mesmo que *calhambora* e *canhembora*. (PDBLP)

QUILOMBO, s. m. [...] (Bras.) **Esconderijo** de negros fugidos. (Porto, 6ª. ed.)

MOCAMBO, n. m. (Bras.) **Couto** de escravos na floresta; o mesmo que *quilombo*.
(PDBLP)

MOCAMBO, s. m. (*Bras.*) **choça** que os Pretos constroem no mato PARA SE ESCONDEREM quando andam fugidos; [...] (Porto, 6^a. ed.)³⁰⁶

Essa mesma marcação foi utilizada em alguns verbetes dos Anexos C e D, a fim de destacar as estratégias de definição e as informações selecionadas pelos dicionaristas, mostrando a repetição de informações selecionadas por MS.

A utilização de hiperônimo mais próximo é frequente em CA, dicionário que se caracteriza por definições sintéticas e, em muitos casos, mais precisas.

Nos exemplos a seguir, ‘pessoa que possui’ é substituída por ‘proprietário’, ‘lugar’ por ‘depósito’, ‘cesto’ por ‘ceirão’.

MS7	CA	MS9
*CAFEZISTA, s. 2 g. t. do Brasil. Pessoa que possui grandes plantações de café. § [...]	CAFEZISTA [...] s. m. (brazil.) [...] proprietário de plantações de café. [...]	CAFEZISTA, s. 2 g. (t. do Brasil) Pessoa que possui grandes plantações de café. § [...]
CACHACEIRA, s. f. [...] § Lugar onde se apara, e ajunta a cachaça [...]	CACHACEIRA ² [...] s. f. (brazil.) deposito onde se junta a cachaça [...]	CACHACEIRA, s. f. [...] § (t. do Brasil) Logar onde se apara e junta a cachaça [...]
CASSUÁ, s. m. (t. us. no Brasil) Cesto de sipós rijos, da feição de uma canastra sem tampa, com azelhas do mesmo sipó, para se pendurar nas cangalhas: [...]	CASSUÁ [...] s. m. (brazil.) ceirão para carga feito de cipó e imitante a uma canastra.	CASSUÁ, s. m. (t. do Brasil) Cesto de sipós rijos, semelhante a uma canastra sem tampa, e com azelhas dos mesmos sipós, para se pendurar nas cangalhas: [...]

‘Proprietário’, ‘ceirão’ e ‘depósito’ são hiperônimos relativamente autossuficientes,³⁰⁷ pois comportam características fundamentais do lema. Pode-se dizer que *cachaceira* é um hipônimo (ou tipo) de ‘depósito’, que *caçuá* é um hipônimo (ou tipo) de ‘ceirão’ e de ‘cesto’, e que *cafezista* é um hipônimo de ‘proprietário’.

A identificação dos recursos definitórios dos dicionários modelares do XIX é uma das vias para analisar as influências que esses dicionários exercem sobre a produção do século XX. Os definidores genéricos por vezes funcionam como “etiquetas enciclopédicas”³⁰⁸ a acompanhar a trajetória de algumas palavras por várias publicações e acabam por imprimir marcas no conteúdo da definição. No caso de *caçuá*, além do definidor genérico, foi mantida

³⁰⁶ Observe-se o tempo verbal no presente.

³⁰⁷ SILVESTRE, João Paulo. *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*, p. 241.

³⁰⁸ *Ibid.*, p. 243.

a mesma tipologia de definidor específico (descrição, origem, finalidade, ver comentários sobre essa questão, *infra*) na glosa desses verbetes em dicionários do século XX.

CAFEZISTA [...] (Bras.) **plantador** de café; **proprietário** de cafeeiral. (Porto, 6. ed.)

CAFEZISTA (Bras.) **plantador** de *café*; **proprietário** de plantações de café. (PDBLP)

CACHACEIRA [...] s. f. (Bras.) **lugar** onde se prepara a cachaça [...] (Porto, 6. ed.)

CACHACEIRA [...] s. f. (Bras.) **lugar** onde se apara e ajunta a cachaça [...] (PDBLP)

CAÇUÁ, n. m. (Bras.) **Cesto** grande e oblongo feito de cipós rijos, vimes ou talos de bambú, com azelhas para prender à cangalhas; serve para o transporte de gênero em alimárias. (PDBLP)

Em alguns casos, eles se tornam a própria definição, comprometendo a informação (ver comentários sobre definições de CA para *carimá*, em 3.5, e sobre *cortiço*, em 5.5.1.2).

Os exemplos a seguir são de acepções definidas com hiperônimos remotos, pois demandam informações adicionais para que tenham a relativa autonomia dos casos anteriormente citados. Entre objetos, o definidor remoto mais empregado é ‘peça’. Entre termos cujo teor informativo refere-se a pessoas, o definidor remoto é ‘indivíduo’, ‘pessoa’, ‘homem’, ‘aquele/o que’.³⁰⁹ Essas são categorias abrangentes, que separam de pessoas os artefatos e utilitários.

CAMBÃO, s. m. [...] § (t. do Brazil) A **peça** de pau, que se ajunta ao cabeçalho do carro, [...] § (it.) **Peça** de madeira, atada á almanjarra: [...] (MS9)

CARLÍNGA, s. f. [...] § **Peça** em que se prende o pé do mastro da jangada, no Brazil. (MS9)

CARÒNA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) **Peça** dos arreios, que consiste n’uma sola ou couro quadrado [...] (MS9)

SOLES, s. m. Uma **peça** de pau, em que se tomam os bois [...] (MS9)

CACÈTE, s. m. [...] **Indivíduo** que aborrece [...] (MS9)

COROCA [...] § – s. 2 gen. (it.) **Pessoa** velha adoentada [...] (MS9)

CORREDÒR, s. m. [...] § (t. do R. Gr. do Sul) O **indivíduo** que monta [...] (MS9)

³⁰⁹ Informação baseada no *corpus* estudado. Outros termos similares a *peça* muito usados por MS9 são “engenho”, “instrumento”, “aparelho”, “objeto”.

CAMBISTA, s. m. [...] § (t. do Brazil) **Individuo** que ás portas dos theatros compra e vende bilhetes [...] (MS9)

CAFAJESTE, s. m. (t. do Brazil) **Homem** de infima plebe, [...]. § (it.) **Homem** sem prestimo. (MS9)

CANGACÈIRO, s. m. (t. do Brazil) **O que** traz excesso de armas, affectando valentia. (MS9)

Um recurso para os dicionaristas não incorrerem em equívocos quanto à categorização do *definiendum* é a utilização de generalizadores imperfeitos. Trata-se de definições introduzidas por ‘espécie de’, ‘certo/a’, ‘qualidade de’, ‘variedade de’, ‘uma’.³¹⁰ Dizer que *camina* é ‘armadilha de pesca’ e que *catimpuera* é ‘bebida fermentada’ faria da definição um sinônimo locucional daquelas palavras – quando, na verdade, se trata de um dos tipos existentes de armadilha e de bebida alcoólica. Essas fórmulas têm também a função de reduzir o tamanho dos artigos. Segundo Quemada, são estruturas comuns em dicionários abreviados ou em obras de compiladores do século XIX.³¹¹ As várias edições de MS servem-se desse expediente com relativa frequência, em verbetes de diferentes campos semânticos que, na maior parte, nomeiam referentes apenas brasileiros ou que não têm equivalentes na língua comum. Além dos exemplos transcritos a seguir, as outras palavras em cuja definição o redator de MS9 recorre a essa estrutura são: *cambica*, *camucim*, *canjiquinha*, *carumbé*, *choradinho*, *coco*, *cordiana*, *cativo*, *mel de dedo*, *cai-cai*; *caldeirão*, *casa de marimondo*, *cavalinho*, *cincerro*, *cincha*, *cocho*, *comboio*, *crueira*, *cuia*.

CAMINA, s. f. (t. do Pará) **Certa armadilha** de pesca. (MS9)

CATIMPUÈIRA s. f. (t. de Alagoas) **Uma bebida** fermentada. (MS9)

CAXAMBÚ, s. m. (t. de Minas Geraes) **Especie de batuque** ao som de tambor. (MS9)

CANGICA, s. f. [...] § (it.) **Qualidade de rapé**. (MS9)

CAÇUÁ s. m. [...] § (it.) **Especie de rede de pescar**, de malhas largas. (MS9)

CHAMARRITA , s. f. (t. do Rio Grande do Sul) **Uma variedade dos bailes campestres**, a que chamam geralmente *fandangos*. (MS9)

³¹⁰ Em MS9: “ESPÉCIE [...] § Sorte, modo: *é uma – de casa*; i. é, cousa feita á semelhança de casa, etc. § [...]”. “CERTO, A [...] § Precedendo o subst., diz-se de pessoa ou cousa que conhecemos, mas não designamos com precisão: *um certo homem, uma certa cousa*. § Dizemos tambem de tempo, ou logar que se não determina: *em certa ocasião, em certo dia, em certo ponto da estrada, em certa rua*. § Emprega-se ainda em um sentido indefinido, significando *um, algum, qualquer*: *certos homens, certas autoridades*. § [...]”

³¹¹ QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne*, p. 457.

Essas formas de particularizar o definidor genérico poderiam ser omitidas em algumas glosas sem comprometer a verdade da informação (considerando-se que sejam verossímeis). A primeira acepção de *caiçara* é constituída de hiperônimo próximo, quase um sinônimo. A segunda acepção de *caiçara* e as definições de *cativo*, *cambica* e *capoeira* contêm informações específicas e descritivas que dispensariam a generalização com que suas glosas se iniciam (ver comentário *infra*, acerca dos definidores específicos).

CAISSÁRA, s. f. (t. de Pernambuco) **Especie de cerca morta**; cerca que não é de sebe viva. § **Especie de armadilha** para pescar; é feita de ramagens, que se lançam [...]. (MS9)

CAPTIVO, s. m. (t. do Brazil.) **Qualidade de pedra** roliça, preta e às vezes raiada como o marmore, perfeitamente lisa, e que é indício [...]. (MS9)

CAMBICA, s. f. (t. do Brazil) **Especie de comida** feita com a polpa do murici, misturada com agua, leite e assucar. (MS9)

CAPOEIRA, s. f. [...] § (t. do Rio de Janeiro) **Especie de jogo athletico** para defeza e ataque corporal, predilecto das ultimas camadas sociaes, e que consiste em [...]. (MS9)

CANGOÉRA, s. f. **Especie de flauta**, que os indios do Brazil faziam dos ossos de finados, e muito menor que o seu toré. (MS9)

As fórmulas “atenuantes” têm próximas a si, em termos de estrutura, o que Wailly, *apud* Quemada,³¹² chama de “definições insignificantes”, bastante produtivas na definição de plantas e de algumas classes de animais.³¹³

CAMAÇARI, s. m. (t. do Brazil) Arvore do matto virgem. (MS8)

CANÀNGO, s. m. Arvore aromatica da Asia e da America do sul. (MS8)

COBRICÚNHA, s. f. Peixe do Brazil. (MS8)

COROPIÃO, s. m. (t. do Brazil) Passaro domesticavel. (MS8)

b) Definidores específicos

Os definidores específicos são complementares aos definidores genéricos. Por meio deles, são informados os atributos que distinguem as várias unidades lexicais que podem ser

³¹² QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne*, p. 457.

³¹³ Tal fórmula é abundantemente usada por CF e por Braz da Costa Rubim. O definidor genérico é seguido de um ou dois traços distintivos (p. ex., “arbusto do matto virgem” ou “arvore com propriedades medicinais, encontrada em Angola”). Ver comentários acerca do *Diccionario* de Braz da Costa Rubim, em 2.2.1.

definidas sob um mesmo hiperônimo.³¹⁴ Apesar de suas características aleatórias, as marcas dos definidores específicos podem ser estudadas nos planos lexicográficos através das informações que contêm e podem ser agrupadas em categorias lógicas. Quemada relaciona as categorias mais frequentemente utilizadas em três grupos, de acordo com a informação que acrescentam: descrição, origem, finalidade e funcionalidade.³¹⁵ Esses grupos, abaixo comentados, podem acumular-se em torno de um mesmo definidor genérico.

- Descrição: relaciona os elementos característicos, as qualidades que distinguem o termo a ser definido (ver *cativo*, *capoeira* e *cangoeira*).

- Origem: indica tanto a procedência geográfica do termo (*cangoeira* e *cativo*), como fatos ou coisas que se associam à sua gênese (*cangoera*, *caiçara*). Por vezes, os elementos de composição são ordenados em forma de receita (*cambica*).

Finalidade ou funcionalidade:³¹⁶ explicitam o uso, a destinação de objetos, o propósito de determinadas ações.

Verbetes	Definidores específicos
CAISSÁRA, s. f. (t. de Pernambuco) [...] § Especie de armadilha para pescar ; é feita de ramagens, que se lançam no fundo da agua: o peixe, vindo esconder-se ahi em cardume, é facilmente pescado ao anzol.	Finalidade: “para pescar” Origem/composição: “feita de ramagens”
CAPTIVO, s. m. (t. do Brazil.) Qualidade de pedra roliça, preta e às vezes raiada como o marmore, perfeitamente lisa , e que é indício de existencia de diamantes no lugar em que se acha, por ser ordinariamente encontrada em jazidas diamantinas , pelo que lhe chamam <i>captivo de diamante</i> . § V. Cativo.	Descrição: “roliça, preta e às vezes raiada como o mármore, perfeitamente lisa” Origem: “ordinariamente encontrada em jazidas diamantinas”
CAPOEIRA, s. f. [...] § (t. do Rio de Janeiro) Especie de jogo athletico para defeza e ataque corporal , predilecto das ultimas camadas sociaes, e que consiste em rapidos movimentos de mãos, pés, e cabeça, acompanhados de pau ou navalha , de que resulta muitas vezes a morte de um ou mais dos luctadores.	Descrição: “athletico” Origem/composição: “consiste em rapidos movimentos de mãos, pés, e cabeça, acompanhados de pau ou navalha” Finalidade: “para defeza e ataque corporal”
CANGOËRA, s. f. Especie de flauta, que os indios do Brazil faziam dos ossos de finados, e muito menor que o seu toré . (MS9)	Origem: “do Brazil”; “dos ossos de finados” Descrição: “muito menor que o seu toré”
CAMBICA, s. f. (t. do Brazil) Especie de comida feita com a polpa do murici, misturada com agua, leite e assucar	Origem, composição: “feita com a polpa do murici, misturada com agua, leite e assucar”

³¹⁴ Por exemplo: ARREBURRINHO [...] **jogo** que os rapazes fazem, cavalgando e balouçando-se [...] e ARRIOSCA [...] **Jogo** de rapazes com pedrinhas [...]

³¹⁵ QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne*, p. 431-440 e SILVESTRE, João Paulo. *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*, p. 246-248.

³¹⁶ Quemada distingue as marcas de funcionalidade das de finalidade. Seguindo o roteiro feito por João Silvestre, reuni as duas marcas, devido às tênues diferenças entre elas.

COXINILHO, s. m. (t. do R. Grande do Sul) Tecido de lã preta, que se põe sobre a cella para commodo do cavalleiro.	Origem, composição: “de lã preta” Finalidade: “que se põe sobre a cella”, “para commodo do cavalleiro”
CORTA-JÁCA, s. f. (t. do Brazil) Dança popular, sapateada e acompanhada de canto, que é usada em Minas Geraes	Descrição: “sapateada e acompanhada de canto” Origem: “popular”, “usada em Minas Geraes”

Indicar a classificação genérica a que pertence a coisa designada não é tarefa simples, dado que nem sempre é possível falar sobre as coisas do mundo, organizando-as em categorias semânticas suficientemente elucidativas quanto ao seu significado. Há casos em que a definição é constituída de texto com características descritivas, que arrolam propriedades e usos do referente, estabelecem relação com outras coisas, determinam o seu funcionamento ou finalidade, sem incluí-la, entretanto, numa ordem de coisas.

O verbete *carajé* é um exemplo bastante ilustrativo. “Bola” não é hiperônimo ou definidor genérico de *carajé*, é a forma que o alimento apresenta. Os elementos de composição da “bola” (“massa de feijão cozido”) e o modo de prepará-la (“frita em azeite de dende”) é que esclarecem a natureza do *carajé*. A conclusão de que é um alimento, uma iguaria, um bolinho, fica a cargo do leitor ou de quem for redigir o próximo dicionário. Nesses casos, a possibilidade de comutação entre o *definiendum* e o definidor genérico é muito pouco ou nada produtiva: “comer um carajé” não é “comer uma bola”.

A definição de *cabacinha* situa-se em linha próxima à de *carajé*. “Pequena bola de cera” é um sintagma que enumera características da *cabacinha*: dimensão, formato e material de que é feito. Os definidores específicos: “cheia de agua de cheiro” e “que se usa no jogo do entrudo” são essenciais para a compreensão do significado.³¹⁷

CARAGÉ, S. m. (t. do Brazil) **Bola** de massa de feijão cozido, frita em azeite de dende. (MS9)

CABACINHA, s. f. [...] § (it.) Pequena **bola de cèra**, cheia de agua de cheiro que se usa no jogo do entrudo: no Rio de Janeiro chamam-lhe *limão de cheiro*, e n’outros pontos do Brasil *laranginha*.³¹⁸ (MS9)

Os textos definidores de *cabacinha* e *carajé* podem substituir, sintaticamente, a palavra entrada. Só que, mesmo tendo sido elaboradas em estrutura semelhante àquelas

³¹⁷ Assim como “frasco” não traduz a essência do que seja *lança-perfume*, uso mais próximo à nossa época.

³¹⁸ No verbete *laranjinha*, o hiperônimo é a palavra “cabacinha”: LARANJINHA, s. f. [...] § **Cabacinha** cheia de agua aromatizada, que se usa no jogo de entrudo.

formadas por definidor genérico e definidor específico, seu estatuto é um pouco distinto das demais. A esses dois verbetes se juntam *cadena*, *curera*, *carona* e *cerca de arame* (apenas em MS8).

5.5.1.2 Definições por processo indireto

Os processos indiretos limitar-se-iam a explicitar a palavra por referência a uma representação verbal já conhecida, sem a preocupação em indicar a natureza ou essência da coisa. Esse tipo de definição é construído por conexão de sentido, por conexão derivacional e por conexão analógica (por sinonímia ou por antonímia).³¹⁹

Nas conexões de sentido, a definição é introduzida por um termo que estabelece relação entre o conceito definido e o conceito definidor, como, por exemplo, de parentesco, de pertencimento, de associação.

CABRA, s. f. [...] § (t. do Brazil) **O filho, ou filha de** pae mulato e mãe preta, ou vice-versa. § [...] (MS9)

CAPIXÁBA, s. m. (t. do Brazil) Nome que se dá aos **naturaes** do Estado do Espirito Santo. § (MS9)

CAFIFE, s. m. (t. de Pernambuco) **Serie de** contrariedades [...] (MS9)

CÀIBRO, s. m. (t. de Pernambuco e Alagoas) **Um par de** quaesquer objectos, principalmente duas espigas de milho, presas [...]. (MS9)

CORREDÈIRA, s. f. (t. do Brazil) A **parte** de um rio, em que, por diferença de nivel, as aguas adquirem rapidez extraordinaria [...]. (MS9)

COPIÁR, s. m. (t. do Brazil) A **parte** dianteira das casas baixas, rusticas, [...]. § Dá-se tambem este nome ás partes lateraes do telhado de quatro aguas; tacaniça. (MS9)

CRUÈIRA, s. f. (t. do Brazil) A **parte** grosseira da mandioca ralada [...] (MS9)

Nas conexões derivacionais: a definição explora as correlações de derivação entre os termos. O vínculo entre o termo definido e uma palavra da mesma família é feito por formas que se repetem, como “qualidade de”, “o que”, “aquele que”, “ação de”, “ato ou efeito de”, “conjunto de”, a indicar ação, estado, resultado, qualidade, aparência, relação. São frequentes

³¹⁹ QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne*, p. 441-451.

nas definições dos termos que pertencem a uma cogação, como as de *caboclo*, *capadocio*, *capanga*, *capim*.

CACETEAÇÃO, s. f. (t. pop. do Brazil) **O acto de cacetear** alguém. (MS9)

CABROÈIRA, s. f. (t. do Brazil) **Grupo de individuos** dos chamados *cabras*. (MS9)

CACHACÈIRO, adj. (t. do Brazil) **Diz-se de pessoa que se embriaga com cachaça**. (MS9)

CAFTINA, s. f. (t. do Brazil) **A mulher que exerce** a mesma profissão ignobil do **caften**. [equivalente a “aquele que”] (MS9)

Acontece ainda de a definição ser introduzida por um termo genérico seguido de termo que particulariza o sentido e o relaciona com o radical que dá origem ao *definiendum*:

CAFEZISTA, s. 2 g. (t. do Brazil) [...] § **Plantador de café** § **O negociante de café**, commissario ou ensacador. (MS9)

CANDOMBÈIRO, s. m. (t. do Brazil.) **Dançador de candombe; frequentador de candombe**. (MS9)

A definição também pode ser por sinonímia ou antonímia: na definição por sinonímia, o significado é dado por uma ou mais palavras ou expressões equivalentes, mais ou menos comutáveis com o *definiendum*. Os termos definidores são geralmente mais conhecidos, e o seu grau de comutação com o termo definido é elevado. É o caso de *cabauí*, *capetagem*, *cadáver*, *caçula*, *copeiro*. Os dois últimos têm como equivalente uma locução que, embora não lexicalizada, tem unidade de sentido que equivale exatamente ao *definiendum*.

Capeta tem como glosa pares de sinônimos: “demonio” e “diabo” são dois termos que se equivalem (espírito maligno, gênio do mal), assim como “traquinas” e “diabrete”. Com relação a *caborteiro*: “velhaco” e “manhoso” têm traços semânticos comuns, que é a habilidade para enganar, ludibriar. *Velhaco* seria o que engana com má-fé, fazendo trapaças. É como se um adjetivo acrescentasse sentido ao outro. Ao se referir a animal, o equivalente mais adequado é o “manhoso” e, ao indivíduo, o “manhoso” pode também ser “velhaco”.

CABAHÚ, s. m. Nome dado em Sergipe (Brazil) ao *mel de tanque*. (MS9)

CAPETÁGEM, s. f. (t. do Brazil) **Diabrura**. (MS9)

CAPÈTA, s. m. (do Brazil.) **Demonio, diabo**. § (it.) **Traquinas, diabrete**. (MS9)

CABORTÊIRO, A, adj. (t. do Brazil) **Velhaco, manhoso** (diz-se das pessoas, e dos animaes). (MS9)

CAÇULA, s. f. (t. do Brazil.) **O filho mais novo**. (MS9)

COPEÏRO, s. m. [...] § (t. do Brazil) **Creado de mesa**. § [...](MS9)

A conexão por antonímia é feita por construções negativas, em que o núcleo da definição é um antônimo ou uma série de palavras que indicam as qualidades/características ausentes no *definiendum* (ver *caičara*, *campo* e *capoeiro*, únicas ocorrências desse tipo no conjunto de verbetes analisados).

CAISSÁRA, s. f. (t. de Pernambuco) Especie de cêrca morta; **cerca que não é de sebe viva**. (MS9)

CÂMPO, s. m. [...] § No Brazil o *campo* **contrapõe-se á matta**: [...]. (MS9)

CAPOËIRO, a, adj. [...] § (t. do Brazil) Que é de matta capoeira; **opp. ao que é de matto virgem**: v. g. *veado* capoeiro; *lenha* capoeira.

Acontece ainda de a sintetização da definição reduzi-la apenas ao hiperônimo. Em alguns casos, como na primeira acepção de *caipora*, o resultado é parcialmente satisfatório. O acréscimo de informações feito por MS (“que aparece nas mattas”) é circunstancial, portanto, não fundamental para o entendimento do que seja *caipora*. Em MS7 há ainda a informação extralinguística (“e o vulgo diz que são almas de caboucos mortos sem baptismo”), retirada em edições posteriores.³²⁰

MS7	CA	MS9
CAIPÓRA, s. f. t. do Brazil: Lume fatuo, que aparece nas mattas ; e o vulgo diz que são almas de caboucos mortos sem baptismo. § <i>it.</i> O que não tem felicidade nos seus negocios.	CAIPORA [...] s. m. (brazil.) fogo fatuo, phosphorescencia . -- adj. que tem azar; infeliz em tudo que intenta .	CAIPÓRA, s. f. (t. do Brazil) Fogo fatuo, que aparece nas mattas; phosphorescencia . § (it.) Pessoa infeliz nos negocios, a quem tudo sae mal, que em tudo tem azar; tumba .
	CORTIÇO [...] s. m. [...] (Brazil.) Pateo . [...]	CORTIÇO, s. m. [...] § (t. pop. do Rio de Jan.) Serie de pequenas casas acumuladas em pateos, corredores, ou nos fundos de alguns predios, onde sem condições hygienicas, sem

³²⁰ Beaurepaire-Rohan (*Diccionario de vocabulos brasileiros*) questiona a informação de MS: “Segundo Moraes, *Caipora* é o ‘lume fatuo’ que aparece nas mattas, e o vulgo diz que são almas de caboucos (*sic*) mortos sem baptismo. Não duvido que assim seja em alguma parte do Brazil; mas eu nada tenho ouvido que justifique essa asserção.” Macedo Soares (*Diccionario brasileiro da lingua portugueza*) não faz qualquer referência a esse sentido de caipora. Os dicionários contemporâneos (DH, DA, Porto, Dic. Academia) não registram essa acepção.

		ar e sem luz, vive grande massa de gente pobre: são os <i>cortiços</i> os primeiros assaltados pelas epidemias de febre amarela, pagando os seus moradores grande tributo á morte.
ILHA, s. f. [...] § *No Porto dá-se o nome de ilhas a pateo com casas ao rez do chão, em que habita gente muito pobre. § [...]	ILHA [...] s. f. [...] (Porto) Pateo , especie de beco cercado de pequenas habitações para gente de poucas posses. --, pl. [...]	ILHA, s. f. [...] § No Porto dá-se o nome de ilha a pateo com casas ao rez do chão, em que habita gente muito pobre; é o que no Rio de Janeiro se chama cortiço. § [...]

É comum a redução da definição ao hiperônimo, no dicionário de Caldas Aulete. Por vezes, como em *caipora*, o resultado é satisfatório. Há exemplos, porém, que apresentam problemas, pois alteram o significado. São exemplos: *caçamba* (= ‘balde’), *capanga* (= ‘assassino assalariado’), *chácara* (= ‘quinta, casa de campo’), *colomim* (= ‘creado’) são similares aos discutidos acima. A redução da definição dificulta a distinção entre termos que nomeiam coisas semelhantes, que seriam diferenciadas pelos definidores específicos. *Colomim* não pode ser usado indistintamente por *criado*, nem *caçamba* por *balde*.

Dentre os verbetes observados, o que mais se destaca nesse sentido é a palavra *cortiço*, cuja definição restringe-se ao definidor genérico de *ilha*, tipo de habitação similar na cidade do Porto.

A definição de *cortiço* como ‘pateo’ pode ser atribuída a duas razões. A primeira, pelo pátio ser um espaço marcante na constituição desse tipo de habitação coletiva. A segunda, mais provável, por motivo da definição de *ilha*, que é o referente mais próximo a *cortiço* em Portugal.³²¹ O termo usado como definidor genérico de *ilha* é transposto para o equivalente semântico brasileiro como sinônimo.

Uma mesma definição pode valer-se dos dois processos (direto e indireto), e mesmo de diferentes estratégias desses processos. A conjugação mais frequente constitui-se de definição direta seguida de equivalentes (cf. *cabungo* e *chacareiro*) ou de duas definições paralelas que podem ser sinônimas (cf. *canhada*) ou complementares (cf. *capanga*, *candombeiro*). No caso de *caiporismo*, além das definições paralelas, indicam-se equivalentes na língua comum.

³²¹ “Existem paralelos entre os cortiços e as ilhas no que respeita ao tipo de promotores, ao processo de desenvolvimento e à forma de localização destes dois tipos de habitação. Os cortiços do Rio de Janeiro eram claramente inspirados nas ilhas do Porto. Ambos apresentavam a mesma tipologia de base, que consistia em filas sucessivas de pequenas habitações térreas ou de um piso, construídas no interior de quarteirões urbanos, numa situação segregada, com o mesmo tipo de relação com a estrutura urbana envolvente, e ocupadas pela população pobre da cidade.” (TEIXEIRA, Manuel C. A habitação popular no século XIX, p. 555-556).

CABÚNGO, s. m. (t. do Brazil) Bacia de cama; **bacio, bispote, penico**. § [...] (MS9)

CHACARÊIRO, s. m. (t. do Brazil) O homem que tracta da chacara; **jardineiro, hortelão, feitor**. § [...] (MS9)

COMBÓIO, (ou --bóyo, e assim os deriv.) s. m. [...] § (t. do Brazil) Especie de caravana composta de animaes de carga, para o transporte de mercadorias; **tambem lhe chamam tropa**. § [...] (MS9)

CANHÁDA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Logar baixo entre dois montes; **valle estreito**. (MS9)

CANDOMBÊIRO, s. m. (t. do Brazil.) **Dançador** de candombe; **frequentador** de candombe. (MS9)

CAPÀNGA, s. m. (t. do Brazil) Valentão que é pago para guarda costas de alguem ou para serviços eleitoraes; mas n'este caso é **mais do que um galopim eleitoral, é um caceteiro, ás vezes um assassino**. (MS9)

CAIPORISMO, s. m. (t. do Brazil) Estado d'aquelle que é caipóra, que em tudo tem azar; **má sorte, infelicidade; contrariedade nas aspirações, nos interesses, nos negocios**, etc.; **azar**. (MS9)

A conjugação desses processos faz a coisa definida figurar numa ordem do mundo e aponta outras maneiras de se referir a ela, seja por termos equivalentes, por novos hiperônimos, por locuções. Quanto mais a definição informa acerca das relações lexicais e semânticas entre os termos, mais o termo definido terá chances de ser bem incorporado às novas produções subsequentes, ou, quem sabe, de ser utilizado em outros contextos lexicográficos.

5.5.2 Informações linguísticas e extralinguísticas

As definições lexicográficas mesclam informações de carácter linguístico e extralinguístico. Não é simples distinguir a índole dessas informações, e esta não parece ser uma preocupação dos redatores dos dicionários. Dados considerados excedentes para a informação linguística podem ser os que respondem da melhor maneira às necessidades dos usuários.³²² Nos exemplos a seguir estão negritados trechos que poderiam ser retirados sem maior comprometimento da informação, mas que ajudam a esclarecer o seu sentido. Estão sublinhados aqueles cuja supressão não prejudicam a identificação do *definiendum*.

³²² WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. *La lexicografía*, p. 282-285.

SINCÈRRO, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) Especie de campainha, que **em viagem** se põe ao pescoço da egua madrinha, ou da besta que serve de guia. (MS9)

CAISSÁRA, s. f. (t. de Pernambuco) [...] § Especie de armadilha para pescar; é feita de ramagens, **que se lançam no fundo da agua: o peixe, vindo esconder-se ahi em cardume, é facilmente pescado ao anzol.** (MS9)

ARMARINHO, s. m. dim. de Armario. § Armario pequeno. § (no Brazil) Estabelecimento em que se vendem objectos de costuras, artigos de capellista, de retrozeiro e de modas: provém este nome de serem antigamente os vendedores d'estes artigos estabelecidos com uma especie de *pequenos armarios* em vãos de certas paredes (MS9)

CÁFTEN, s. m. (t. do Brazil) Homem ignobil, que negocia com a protituição de mulheres. (MS9)

CAFTINA, s. f. (t. do Brazil) A mulher que exerce a mesma profissão ignobil do cáften. (MS9)

CAFTISMO, s. m. (t. do Brazil) A industria sordida, ignobil dos cáftens. (MS9)

CABANADA, s. f. (t. do Brazil) Nome dado a uma rebellião que **em 1832 começou em Pernambuco**, e depois **se estendeu a Alagoas, terminando em 1835.** § Tambem com este nome se designou uma revolta do Pará, que **começou em 1835 e terminou em 1838.** (MS9)

CAPOEIRA, s. f. [...] § (t. do Rio de Janeiro) Especie de jogo athletico para defeza e ataque corporal, predilecto das ultimas camadas sociaes, e que **consiste em rapidos movimentos de mãos, pés, e cabeça, acompanhados de pau ou navalha, de que resulta muitas vezes a morte de um ou mais dos luctadores.** § [...] § – s. m. (t. do Rio de Janeiro) O que fazia uso do jogo de capoeira: os que eram conhecidos por esta designação eram verdadeiros assassinos; matavam só pelo prazer de matar, servindo-se para esses crimes da navalha de barba; tendo exercido o officio de capangas, foram por muito tempo estes miseraveis protegidos pelos antigos chefes politicos, que d'elles faziam seus agentes eleitoraes. § [...] (MS9)

As informações enciclopédicas alargam o conhecimento sobre a coisa, mas também sobre a palavra (como em *armarinho*); complementam a definição com dados históricos (*cabanada*), com modos de uso (*caičara*, *cincerro*) etc. Trazem ainda opiniões do dicionarista (como em *capoeira*, *cáften* e cognatos).

As informações extralinguísticas de caráter opinativo, encontradas nos verbetes do *corpus*, não contribuem para o valor conotativo ou denotativo da palavra, mas para o valor atribuído à coisa descrita. O adjetivo “ignobil” e os comentários acerca dos que jogavam capoeira reprovam a atividade, não o termo que as nomeia. As restrições ao uso das palavras são fortuitas, em MS9 e nos demais dicionários.³²³ As marcações de caráter social, como

³²³ Sobre uso dessas marcações em MS9, ver item 5.4. Exceção que merece destaque é para a palavra *cagaçal*, por SC. A crítica explícita parece cair sobre estrangeirismos (galicismos, italianismos, anglicismos): em *descoberta* (MS9) lê-se “Alguns puristas pretendem que não se diga *descoberta*, que soa a francezismo, mas sim *descobrimto*”. Ver também *editorar* nesse mesmo dicionário. Em *calcular*, há um comentário favorável ao uso do verbo no sentido de ‘ponderar’, pela sua expressividade.

popular, chulo, do vulgo (ver, como exemplo, *caipora*, *capeba*, *congonghar*, *cortiço*, *cacetear*) seguem os critérios de marcação encontrados em termos não brasileiros (como *boleima* “indolente”, t. chulo; *chulé*, t. plebeu; *desferrar* “dizer asneira”, t. figurado e plebeu).

Outra observação de interesse é o contraste entre as poucas informações acerca do contexto de uso dos termos brasileiros (comprovada pela quase total ausência de exemplos de uso e de abonações)³²⁴ e a abundância de informações sobre aspectos sociais da realidade extralinguística. Essas informações são reformuladas ou suprimidas da oitava para a nona edição.

MS8	MS9
CAHIR, ou antes CAIR, [...] § <i>Cairem as instituições</i> ; mudar a organização política de um Estado: passando, v. g. da <i>Monarchia</i> para a <i>Republica</i> , como succedeu no Brazil em 15 de novembro de 1889. [...]	CAHIR, ou antes CAIR, [...] § <i>Cairem as instituições</i> : mudar a organização política de um Estado: passando, v. g. da monarchia para a republica
CENTRALIZAÇÃO, s. f. [...] § <i>Centralização administrativa</i> ; systema de administração publica, em que os negocios são todos resolvidos pelo governo central § <i>Centralização politica</i> ; systema de governo em que a politica é dirigida de um unico centro por meio de agentes da escolha e confiança do governo central. No Brazil, durante o imperio era absoluta a centralização politica e administrativa. (MS8)	CENTRALIZAÇÃO, s. f. [...] § <i>Centralização administrativa</i> ; systema de administração publica, em que os negocios são todos resolvidos pelo governo central § -- <i>politica</i> ; systema em que a politica é dirigida por agentes da escolha e confiança do governo central.
CHIBÁTA, s. f. [...] § Vara delgada e comprida, com que se dão castigos corporaes, no Brazil já completamente abolidos, e em Portugal conservados ainda por excepção na marinha. § [...]	CHIBÁTA, s. f. [...] § Vara delgada e comprida, com que se dão castigos corporaes; verdasca, vergasta.
CIFRÃO, s. m. augm. de Cifra. § Signal (\$) usado em Port. e no Braz. para separar os milhares das centenas: v. g. 22\$400. § [...]	CIFRÃO, s. m. augm. de Cifra. § Signal arithmetico (\$) usado para separar os milhares das centenas: v. g. 2\$400. § [...]
CONSELHO, s. m. [...] § <i>Conselho</i> ; [...] N. B. O <i>conselho de Estado politico</i> é meramente consultivo; o rei conforma-se ou não com o parecer do <i>conselho de Estado</i> . Ha mesmo na linguagem official duas formulas, que indicam ter o rei concordado ou não com o parecer do <i>conselho</i> ; essas formulas são: <i>Hei por bem, concordando com a opinião do conselho de estado</i> ; ou <i>Hei por bem, ouvido o conselho de estado</i> . No Brazil o conselho de Estado foi abolido com a inauguração da Republica § [...]	CONSELHO, s. m. [...] § <i>Conselho d’Estado</i> ; [...] é meramente consultivo; o rei concorda ou não, com o seu parecer: para os dois casos ha as duas seguintes formulas na linguagem official: <i>Cconcordado com a opinião do Conselho d’Estado hei por bem, etc.</i> ” ou “ <i>Ouvido o Conselho d’Estado, etc.</i> ” Na Republica Brasileira não ha Conselho d’Estado; o do Imperio foi abolido na queda da monarchia. § [...]
CÒRPO, s. m. [...] § <i>Corpos de mão morta</i> ; as associações perpetuas, cujos bens pela antiga legislação eram inalienaveis. Em Portugal não pódem elles hoje adquirir ou conservar bens de raiz; no Brazil ainda a lei o não prohibio; mas a propriedade immovel de taes corporações, é por isso sobrearregada de maiores impostos. § [...]	idem

³²⁴ Em MS8, logo após a acepção *bonde de carga*, dizia-se o verbo que acompanhava esse meio de transporte. Em MS9, não há mais essa informação. Ver “Anexo D”.

CORRECCIONAL, adj. 2 gen. [...] § <i>Pena correccional</i> ; a que é imposta ao réu condemnado em policia correccional. Em Portugal essa pena consiste em prisão, que póde ir até ao maximo de seis mezes, podendo ser no todo, ou em parte, remivel a dinheiro, á vontade do juiz. No Brazil não ha ainda tribunaes correccionaes. § [...]	idem
CULTO, s. m. [...] § <i>Lei de liberdade de cultos</i> ; a que applica este principio, inscrevendo-o como um direito no codigo social, e derivando d'elle todas as consequencias na constituição da familia. A decretação d'esta lei foi um dos primeiros actos da nova Republica Brasileira.	SRloc

Além de termos da língua compartilhada que se fazem acompanhar de dados enciclopédicos, há, em MS8 e em MS9 um grande número de locuções cujo significado extrapola a proposta precípua de um dicionário de língua. É o caso das locuções comentadas no verbete *abolição* (em 5.4). Citam-se alguns exemplos, nos quais se percebe um tratamento cuidadoso com relação à inclusão de informações de caráter administrativo e político que marquem a distinção das realidades ou das denominações entre Brasil republicano e Portugal. E ainda de nomes para localidades, especialmente construções de destaque da capital brasileira, entre outros nomes próprios.

LEI s. f. [...] § *Leis estadoaes*; as que **na actual organização política do Brazil** são decretadas para cada Estado pelos respectivos congressos. § [...] (MS9).

CRUZÊIRO, s. m. [...] § **Ordem militar do Brazil, criada por D. Pedro I e extinta pela Republica.** § *Cruzeiro do sul*, ou só *Cruzeiro*; bella constellação do hemispherio austral; **está hoje representada nas moedas da Republica Brasileira.** Tambem se chama *Cruz austral*, ou *Cruz do sul*. *Vasc. Not.* 274. § [...] (MS9)

CARIÓCA, s. m. ou f. (t. do Brazil) Nome com que são designados os naturaes do Rio de Janeiro. § **Nome de um pequeno rio**, que corre na serra do Corcovado, e de que primeiro se abasteceu a cidade do Rio de Janeiro. § *Aqueducto da Carioca*; **importante obra de arte**, construida no seculo passado, e pela qual são trazidas á cidade as aguas do Carioca, que correm n'um chafariz do mesmo nome, que por sua vez deu ainda essa designação á praça em que se acha. § Em Portugal dão este nome ás pessoas de còr. (MS8).

CATÈTE, s. m. (t. do Brazil) Especie de milho. § **Catete; um dos mais opulentos bairros da capital federal dos Estados Unidos do Brazil**, e caminho obrigado dos bairros igualmente opulentos de Larangeiras, Botafogo e Jardim Botânico. (MS8).
325

³²⁵ Em MS9, no verbete *carioca*, foram mantidas apenas as acepções “naturaes do Rio” e “pessoas de cor” (ver Anexo C); no verbete *catete*, apenas a acepção “especie de milho”.

Outras vezes, abre-se uma acepção indevidamente, pois a informação ali aduzida não é um novo sentido da palavra:

CADÈTE, s. m. Filho não primogenito [...] § Soldado nobre, que gozava de certas distincções Regul Milit. § **Hoje estão extinctos** em Portugal [...] § No Brazil ha ainda *cadetes*, mas **essa distincção é apenas conferida por estudos**, etc. (MS9)

CÒNGRUA, s. f. Remuneração, que por meio de contribuição, se dá a curas [...] § **No Brazil**, decretada pela Republica a separação da Igreja e do Estado, **ficaram extinctas todas as congruas**. (MS8)³²⁶

O registro desses nomes e dessas informações imprime marcas de civilização, de organização público-administrativa à sociedade brasileira. De certo modo, as instituições brasileiras são colocadas ao par das portuguesas e europeias.³²⁷

5.5.3 Distanciamento crítico: autoridades anônimas

É sabido que o dicionarista é voz de autoridade para decisões linguísticas e que, ao invocar o conhecimento anônimo como autoridade, se distancia do enunciado, o que pode ser uma forma de não afiançá-lo.³²⁸ Expressões como “chamam”, “nome dado por”, “dizem”, “nome com que se designa” e variações são frequentemente utilizadas em definições lexicográficas. Elas apontam para certo afastamento do dicionarista, o que pode ser uma forma de indicar desconhecimento da informação e até mesmo certa reprovação. O posicionamento do lexicógrafo não deve ser considerado apenas com relação ao período de publicação da obra, e sim como reflexo de um conjunto de práticas e técnicas. Trata-se de recurso estilístico cuja interpretação deve ser vista com reservas, tendo em conta que a ausência ou não dessas fórmulas pode estar relacionada a influências muito pregressas no tempo.

³²⁶ A informação sobre o Brasil foi apagada em MS9.

³²⁷ São raras as informações de caráter enciclopédico em CA. Quando tal acontece, vêm aduzidas entre colchetes. Ver também *americano*, no “Anexo E”: “CAMBÃO [...], s. m. aparelho com que se unem duas juntas de bois ao mesmo carro ou á mesma charrua, ou a outro instrumento agrário. [**Consiste ordinariamente em uma vara presa á canga da segunda junta e ao apo da charrua ou ao cabeçalho do carro.**] || [...]” (CA)

³²⁸ FERNANDES, Sílvia Oliveira da Rosa. *Vozes na colônia*, p. 67-68.

CABANADA, s. f. (t. do Brazil) **Nome dado** a uma rebelião que em 1832 começou em Pernambuco [...] § **Tambem com este nome se designou** uma revolta do Pará [...]. (MS9)

CARRÊIRO, s. m. [...] § O espaço entre carreiras de plantas, [...] **no Brazil dizem o camalhão**, entre os regos das cannas. (MS9)

CABRÓXA, s. m. e f. (t. do Brazil) **Nome com que se designa** um rapazote da casta **dos chamados cabras**. (MS9)

CAPIXÁBA, s. m. (t. do Brazil) **Nome que se dá** aos naturaes do Estado do Espirito Santo. § [...] (MS9)

CATINGUÊIRO, adj. [...] (t. do Brazil) Habitante, ou frequentador das mattas **a que chamam** catinga. (MS9)

CHAMARRITA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Uma variedade dos bailes campestres, **a que chamam geralmente** *fandangos*. (MS9)

CARRO, s. m. [...] § *Carro particular*; o que tem qualquer pessoa só para seu serviço e de sua familia; carruagem. § **No Brazil**, em todos estes casos **se diz geralmente** *carro*; e **em Portugal diz-se** mais commummente *trem*: [...] (MS9)

No caso de *cabanada*, *cabrocha*, *curumba*, *capixaba*, *cattingueiro*, as expressões de distanciamento foram usadas também por Beaufrepaire-Rohan, às vezes com ligeiras modificações.³²⁹

A perpetuação ou não dessas formas em obras publicadas posteriormente é questão a ser observada, tendo em conta a proposta lexicográfica de cada uma, especialmente no que diz respeito à concisão. Quanto mais a definição for expurgada de informações complementares, maior probabilidade de não haver expressões que denotem distanciamento crítico. São, portanto, bastante reduzidas, mas não ausentes, em CA, em CF, no dicionário da Porto Editora e no PDBLP, dicionários cujas definições são pautadas pela concisão. No trecho estudado, a única ocorrência desse tipo de recurso em CA é no verbete *carioca*.

CARIOCA [...] s. m. e f. (brazil.) **nome com que no Brazil são designados** os habitantes do Rio de Janeiro. || **Nome que em Portugal se dá** aos creoulos e ás pessoas de cor. || F. nome de um aqueducto no Rio de Janeiro (CA)

A autoridade pode ser atribuída a um enunciador conhecido (como os autores clássicos), a especialistas, ou ainda ao conjunto dos falantes, entre os quais o dicionarista se inclui, ao usar o verbo na primeira pessoa do plural.³³⁰

³²⁹ Em Beaufrepaire-Rohan, em *curumba*, lê-se “**título** depreciativo dado a [...]”.

³³⁰ Compare-se com as primeiras edições de MS (ver Anexo C), em que este se posicionava na primeira pessoa. Ver comentário sobre *tapera* em 3.3.

BAZÁR, s. m. Pedra que se cria no bucho de umas cabras [...] **Muitos dos nossos escriptores deram-lhe o nome** de *bazoar*, *bezoar*, ou *bezuar*, formando d'ahi *bezoartico*; seu verdadeiro nome é *pazar*, **como já advertiu G. de S. Bern. no seu Itiner. Alguns naturalistas dão** a estas cabras **o nome de gazella** do *bezoar*, e notam que **os orientais lhe chamam *pazan*** [...] (MS9)

ÁR, s. m. [...] § Este corpo posto em movimento é o que **chamamos** vento, aragem: assim **dizemos**: *vem d'ali um ar frio, um ar quente*: “mal cobertos contra os ares que assopravam” *Lus. 6. 39. § [...]* (MS9)

ARRAIAL, s. m. [...] § **Ainda hoje chamamos** função de arraial, onde se junta muita gente, como em festas ruraes, e romarias, onde há gente abarracada, tabernas, etc. (MS8)³³¹

Na mostra observada, esses recuros não contribuem para o esclarecimento dos sentidos. O papel legitimador percebido no verbete *bazar* não é característico das definições de termos brasileiros.

5.5.4 Brasileirismos registrados em contexto de definição

O uso das fórmulas de distanciamento é recorrente nas definições em contexto. Determinados significados ou termos não têm registro autônomo (entrada ou acepção) no corpo do dicionário, mas são utilizados e/ou definidos no texto de outros lemas. Esse tipo de ocorrência parece reduzir-se das primeiras edições para as últimas. Veja-se nos exemplos a seguir.

MS4	MS9
CAVADÒR, s. m. [...] § Ferro de fazer covas para estâcas, esteyos; é uma prancha estreita direita, com seu alvado, por onde se encava, vulgo ferro de cova no Brasil.	CAVADÒR, s. m. [...] § Ferro de fazer covas para estacas, esteios, etc.: é uma prancha estreita, direita, com alvado por onde se encava (no Brazil, ferro de cava). ³³²
BÓUCHA, s. f. No Alem-Tejo, é o mato, que se queima, para se semeyar em seu lugar: um roçado, dizem no Brasil.	BÓUCHA, s. f. (t. do Alemtejo) Matto que se queima, para se semear a terra que elle occupava; roçado.
ROÇADO, p. pass. de roçar: subst. com., fez um roçado: i. é: terra roçada, roçou mato: clareira entre matos, desmonte, para plantio, etc.	ROÇADO, p. p. de Roçar; e adj. V. o verbo. §--, subst. Terra roçada; clareira entre mattos, desmontes, ou desmoutos para plantio, etc.: tem

³³¹ Em MS9, a definição não se vale mais desse recurso: “ARRAIAL [...] § Festa rural, que se faz por ocasião de função de igreja, romaria, etc., em que se armam barracas para venda de comidas, bebidas, brinquedos, etc., e a que concorre geralmente muito povo. [...]”

³³² Não há registro da locução *ferro de cava* ou *ferro de cova* em qualquer dos dicionários estudados, nem nos contemporâneos.

um *roçado*; fez um *roçado*.

CARRÊIRO, s. m. [...] § O espaço entre carreiras de plantas, que se dispõem em linhas rectas, ou em regos paralelos, como o bacello, as cannas de assucar, etc.: **no Brasil, ao espaço entre os regos das cannas chamam *camalhão***. § [...] (MS9)

CAMALHÃO, s. m. A porção de terra entre dois regos, na horta, ou no jardim. § [...] (MS9)

Esse mesmo tipo de falha continua sendo introduzido por MS9 (ver comentários sobre *cabacinha* e sinônimos em 5.4). Diferentemente de *champrão*, que ocorre inicialmente na definição do verbete *couçoeira*, em MS4, e é incorporada à nominata por MS7 como “termo do Brasil”, provavelmente por influência do *Vocabulario* de Rubim (ver 3.3.1). EF2 já havia, porém, dado entrada a essa forma, com a indicação de ser palavra antiga.

COUÇOÈIRA, s. fem. [...] § Pranchas de taboado grosso para portas, que vem do Brasil, o qual se serra em taboas, e folhas menos grossas; ***champrão*, por *pranchão* lhe chamão vulgarmente em Pernambuco**. (MS4)

CHAMPRÕES, s. m. pl. (ant.) pranchão. (EF2)

*CHAMPRÃO, s. m. **t. do Brasil**; Prancha de taboado grosso. (MS7)

O verbete *caixeta* ilustra duas formas de registro de brasileirismo que passam ao largo durante toda a produção do século XIX. A primeira é a locução *doce de caixeta*, cuja definição denuncia o referente como brasileiro, seja pela especificação dos doces de massa que ela guarda (a goiabada e o doce de araçá), seja pelo material de que é feito “pão de caixeta, ou paraíba”. *Paraíba* (*pau-paraíba*) ainda não tinha entrada autônoma no dicionário. O verbete mantém-se com esta redação até MS9.

CAIXETA, s. f. Caixa pequena, para doces, papeis, etc. *Doce de --*: de fruta em massa, **como a guaiabada, o de araçá**, que se coalha e guarda em caixetas de madeira branca, **dita pão de caixeta, ou paraíba** (MS4)

Algumas unidades lexicais, quando utilizadas na definição de outros verbetes, são acompanhadas de segmentos explicativos cuja função consiste em decodificá-las. Se não têm registro autônomo, essas palavras e definições perdem-se no conjunto da obra, pois não são encontradas quando se busca a informação de modo costumeiro: pela entrada. A revisão dos dicionários para novas edições e a padronização mais rigorosa dos verbetes vão eliminando esse tipo de ocorrência. É o que acontece com a palavra *anina*, em MS4. Esse exemplo, se observado desde as primeiras edições de MS, sugere outra questão: a modificação no ponto de

vista do autor do dicionário. “Aninas”, até MS3, era um equivalente lexical para *arruelas* na terminologia açucareira. A partir de MS4, “engenhos d’assucar” (local ou terminologia) deixa de ser a condicionante restritiva. A restrição passa a ser diatópica e se lhe acresce a definição (“são argolas chatas, planas”), de modo a diferenciá-la do termo de náutica.

MS3	MS4	MS8
ARRUÉLA, s. f. [...] §. T. de Naut. <i>Arruellas</i> são argolinhas de ferro, que se mettem na cavilha até ajustar o buraco, para se lhe metter a chaveta: aninas lhe chamão nos engenhos d’assucar.	ARRUÉLLA, s. f. [...] t. de Naut. <i>Arruelas</i> são rodinhas, ou chapas redondas de ferro, que se mettem na cavilha até ajustar o buraco, para se lhe metter a chaveta: aninas lhe chamão no Brasil, e são argolas chatas, planas.	ARRUÉLLA, s. f. [...] § <i>Arruellas</i> , pl. (t. naut.) Rodinhas, ou chapas redondas de ferro, que se mettem na cavilha até ajustar o buraco, para se lhe metter a chaveta. <i>Blut.</i> § Aninas lhe chamam no Brazil , e são argolas chatas, planas. [A informação sobre o Brasil foi retirada de MS9.]
	ANINA, s. f. Arruella de ferro: aro chato	ANINA, s. f. Arruella de ferro: aro chato.

5.5.5 Definições que se explicam à luz da tradição

A lexicografia de língua portuguesa inicia nova fase a partir da publicação do dicionário de Cândido de Figueiredo, em 1899. Até meados do século XX, além das cinco reedições de CF (até o final da década de 1930) e das duas novas edições de Caldas Aulete em Portugal, são elaboradas pelo menos mais quatro novas publicações em Portugal ou no Brasil. São elas o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP), a décima edição do *Dicionário da língua portuguesa* de Antônio de Morais Silva (MS10), o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* de Laudelino Freire, e o *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora. Esses títulos passam a concorrer com a tradição de Oitocentos, seja pelo grande alcance editorial, seja pela influência nos trabalhos subsequentes, diga-se nas publicações após 1960.

Trata-se de quatro obras cujas condições de produção e público-alvo são diversos daqueles sob os quais vieram à luz os dicionários que compõem o *corpus* desta tese.³³³

³³³ NUNES, José Horta. Dicionário, sociedade e língua nacional. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura (Org.). *História social da língua nacional*, p. 353-374.

Merecem, portanto, que suas estruturas e os brasileirismos em suas páginas sejam observados à luz dos novos dados históricos, culturais, editoriais e linguísticos.

Os estudos dialetais no Brasil tomam novo caminho a partir da década de 1920. Mais do que comprovar a independência do Brasil com relação a Portugal, havia a proposta de se conhecer o país, inclusive os falares regionais. A literatura modernista como que validou a utilização da variante e do léxico regional e não padrão. O grupo de autores desse movimento batia-se pela afirmação de uma cultura brasileira e de especificidades linguísticas nacionais (não mais apoiada nos indigenismos, como no romantismo). Paralelamente a esses avanços, no sentido de afirmação pelo conhecimento e valorização da língua e cultura brasileiras, conviviam a afirmação por meio da negação do caráter lusitano e, ainda, reações conservadoras quanto às contribuições populares na língua.³³⁴

O PDBLP é um dicionário prático, logo, com características diversas das que se analisaram entre as obras do século XIX. Trata-se, no entanto, de obra monolíngue de vasta representatividade e continuidade no cenário nacional brasileiro. Sua primeira tiragem é de 1938. Teve pelo menos 11 reedições até 1968 (algumas com reimpressões). Sua proposta é registrar o léxico do seu tempo, em linguagem simples e concisa, sem abonações ou exemplos de uso. Passou a ocupar o lugar até então preenchido pelo dicionário de Roquete e Fonseca (voltado para esse perfil de consultantes, cf. 2.1.1). A partir da terceira edição (1942), conta com a colaboração de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que, aos poucos, vai-lhe alterando o conteúdo.³³⁵ São acrescentados termos arcaicos utilizados por autores românticos, formas convergentes, muitos brasileirismos e, ainda, informações gramaticais, como conjugação de verbos irregulares, flexão de nomes, lista de sinônimos. Passa a ter também a colaboração de especialistas de diferentes áreas do conhecimento, cujos nomes são apresentados nas páginas iniciais.

O *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire com a colaboração de João Luís de Campos, é o primeiro grande dicionário generalista elaborado no Brasil. Os seus cinco volumes foram publicados entre 1939 e 1944, com reedição ou reimpressão em 1954. Antes dessa empreitada, entre 1924 e 1928, Laudelino se envolvia com o “Dicionário brasileiro da língua portuguesa”, título dado ao projeto que apresentara para o dicionário da Academia Brasileira de Letras, logo após ter sido empossado como

³³⁴ Para introdução no tema, ver seleção de textos em PINTO, Edith Pimentel. (Sel. e apres.). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos: 2 – 1920/1945*.

³³⁵ Na primeira edição não há indicação de autoria ou responsabilidade. A partir da segunda é que os nomes de Gustavo Barroso e Hildebrando Lima são citados.

membro. Por discordâncias, acabou se afastando e levando a termo um dicionário autoral, cuja nominata e número de acepções para cada artigo são bastante extensos. Ressalta-se na microestrutura o número de abonações, coletadas em autores do século XIX ao início do século XX, “em sua maioria escritores consagrados: românticos, parnasianos, realistas”.³³⁶ Elas servem sobretudo para ilustrar regências verbais, a que o lexicógrafo dispensou “carinhoso interesse”.³³⁷ Assim como em CA, só há indicação do autor, não da obra onde se coletou a informação. Em sua composição, inclui grande número de regionalismos brasileiros, mas não os indica como de uso restrito do país ou de determinadas regiões. Identifica, porém, com parcimônia, os lusitanismos, os afro-lusitanismos e os asio-lusitanismos, o que revela significativa mudança de ponto de vista: o que é não é do Brasil é que é diferente. A postura explícita de Laudelino é a de censor. Até que ponto a censura é levada a termo no dicionário e em que medida ela se relaciona ao português do Brasil é questão a ser melhor observada.

No registro dos termos de gíria e conversação, tive empenho em evitar as corruelas que conduzem a erros crassos ou se traduzem em chulices, e em proscrever os barbarismos e solecismos que tanto desprimoram e achincalham o idioma. Léxico não é portão de feira franca, aberto a disparates de gírias, troças e plebeísmos de esquina, chulismos de mangalaças e pulhices desprezíveis, que se originam na ignóbil corrução vocabular ou do instinto não menos grosseiro da plebe.³³⁸

A décima edição do dicionário de Morais é intitulada *Grande dicionário da língua portuguesa* (1949-1959). O que foi feito nas edições anteriores de MS está ali, mas em meio à inflação da macro e da microestrutura dos 12 volumes que compõem a obra. O trabalho foi conduzido por Augusto Moreno, José Francisco Cardoso Júnior³³⁹ e José Pedro Machado, e destaca-se pelo fato de se ter valido de todas as obras anteriormente publicadas, tanto quanto pelas abonações coletadas em autores clássicos e modernos, portugueses e brasileiros.³⁴⁰

³³⁶ NUNES, José Horta. A invenção do dicionário brasileiro..., p. 166-167.

³³⁷ FREIRE, Laudelino. Introdução. In: _____. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, p. xiii.

³³⁸ *Ibid.*, p. viii. Ver ainda seus artigos na *Revista de Língua Portuguesa*, pela qual é responsável.

³³⁹ José Francisco Cardoso Júnior foi colaborador da *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, publicada entre 1935/6-1960, e atualizada pelo menos até 1999. Segundo Telmo Verdelho (“O patrimônio lexicográfico”, p. 42), esse filólogo português foi o responsável pela “seção lexicográfica” da obra, que aduz abonações, exemplos de uso, etimologias, dados gramaticais etc. A identidade entre soluções lexicográficas e de conteúdo perceptível em muitos verbetes desta enciclopédia e de MS10 pode ter aí a sua razão de ser.

³⁴⁰ Ver “Abonação” no “Prefácio da presente edição” (MS10, v. 1, p. 14). Diversos autores, como João do Rio, Jorge Amado, Valdomiro Silveira, Érico Veríssimo, Mário de Andrade, cujos excertos podem ser encontrados em diferentes verbetes desta edição, não constam na lista de autores citados na referida lista.

Houve apenas uma impressão de MS10,³⁴¹ apesar de sua edição haver-se esgotado rapidamente do mercado. Torna-se fonte de consulta indispensável para as publicações portuguesas e brasileiras a partir de 1950.

O *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora, de caráter utilitário, como o PDBLP, acompanha diversas gerações em Portugal. A data da primeira edição é 1952. Desde então, até 2004, a editora disponibilizou 78 títulos de dicionários monolíngues, bilíngues, de sinônimos. A versão *online*³⁴² continua sendo fonte de consulta privilegiada em Portugal.

Trata-se de dicionários de faturas distintas, cuja representatividade no cenário editorial, lexicográfico e linguístico do Brasil e de Portugal são indiscutíveis. Todos são elaborados sob plano independente, tendo como possível fonte de consulta os dicionários do século XIX, os estudos dialetais elaborados no Brasil, as críticas feitas ao dicionário de Cândido de Figueiredo (cf. 3.1.7) e tendo como ambiente de discussão linguística uma conjuntura bastante diferente daquela em que se abrigam os seis títulos estudados nesta tese. A averiguação desse cenário e das suas influências na produção dicionarística da primeira metade do século XX é tarefa que exige projeto de fôlego, a demandar novos estudos e a testar os critérios de análise aqui propostos.

Uma pequena amostra ilustra a presença das definições inaugurais, do século XIX, nesses novos dicionários. Três designativos brasileiros para referentes comuns a Portugal e a Brasil são elucidativos. Trata-se de palavras que denominam indivíduos pela atividade ou pelo comportamento pejado de marcas negativas. São elas *capadócio*, *cafajeste* e *cáften*.

Os sentidos registrados para *capadócio* nesses quatro títulos do século XX repetem-se alternadamente, sem que se esclareça em que contexto as diferentes acepções ocorrem, de modo a legitimar ou clarear as diferentes acepções que, tal como são apresentadas, parecem referir-se ao mesmo tipo de indivíduo.

PDBLP	Dicionário de Laudelino Freire	MS10	Porto, 6ª. ed.
CAPADÓCIO, n. m. [...] (Bras). <u>indivíduo DE MANEIRAS ACANALHADAS; parlapatão; fanfarrão; charlatão.</u>	CAPADÓCIO, s. m. [...] 2. <u>Homem</u> do povo que se dá ares de importância ; tipo pernóstico e maneiroso. 3. <u>Indivíduo DE MANEIRAS ACANALHADAS.</u> 5. <u>Trapaceiro, charlatão.</u>	CAPADÓCIO ² , s. m. [...] <u>Pateta, palerma, ingênuo:</u> “Perguntava o que faria o <i>capadócio</i> quando soubesse que ela se escapulira... O <i>capadócio</i> era o marido”, Camilo, Corja, 87, ed. de 1937.	CAPADÓCIO, adj. [...] (gir.) <u>pateta; palerma.</u>

³⁴¹ O que se publica posteriormente como sendo edição compacta da 10ª edição do Moraes é obra de muito menos valor, pois sem as abonações. Trata-se de MACHADO, José Pedro (Coord.). *Grande dicionário da língua portuguesa*.

³⁴² Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>. Acesso em: fev. 2015.

	parlapatão.	CAPADÓCIO ³ , s. m. Bras. <u>Indivíduo que se dá ares de importancia</u> nos modos e nas falas para enganar os outros ; espertalhão, finório, velhaco. <u>Parlapatão, fanfarrão, trapaceiro, charlatão</u> . [...]. <u>Indivíduo DE MANEIRAS ACANALHADAS.</u>	
--	-------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

O que parece ter acontecido, na verdade, é a acumulação das informações trazidas por MS9 e CF2, como se fossem diferentes acepções.

CAPADÓCIO, a, adj. e s. (t. do Brazil) Indivíduo que se dá ares de importancia nos modos e nas fallas **para enganar os outros**; espertalhão, finório, velhaco. (MS9)

CAPADÓCIO1, m. e adj. Bras. do N. Trapaceiro; charlatão. Parlapatão. [...] (CF2)

Tal procedimento é, muito provavelmente, resultado do desconhecimento acerca dos reais sentidos da palavra, da identificação dos referentes a que se reportam e dos contextos linguísticos em que são usados.

A acepção “pateta, palerma, ingênuo” de MS10, a única acompanhada de abonação, não é um brasileirismo e é a que se mantém no dicionário da Porto Editora.

Também em *cafajeste*, as definições em todos os dicionários são de natureza vaga ou inexata. Identifica-se o *cafajeste* como um indivíduo de qualidades reprocháveis, seja pelo estrato social “ínfima condição” (imagina-se que seja ‘reles’, ‘da plebe’) ou por ser “inútil”, “sem préstimo” (provavelmente ‘não prestativo’, ‘preguiçoso’). A acepção “vagabundo, valentão”, acrescentada por Laudelino e MS10, também é opaca, devido ao contraste entre o significado dessas duas palavras (vagabundo é, segundo esses dicionários, “indivíduo vadio [que não faz nada]”, valentão “o que faz alarde de valentia”).

PDBLP	Dicionário de Laudelino Freire	MS10	Porto, 6ª ed.
CAFAJESTE, n. m. (Bras.) <u>Homem de ínfima condição;</u> homem <u>sem maneiras.</u>	CAFAJESTE, s. m. <u>Indivíduo de ínfima condição.</u> 2. <u>Indivíduo INÚTIL, SEM PRÉSTIMO.</u> 3. <u>Vagabundo, valentão.</u> 4. Lus. [...].	CAFAJESTE ¹ , s. m. Bras. <u>Indivíduo de ínfima ou ruim condição</u> <u>Indivíduo INÚTIL, SEM PRÉSTIMO.</u> <u>Vagabundo, valentão.</u>	CAFAJESTE, s. m. (Bras.) <u>homem de ínfima condição;</u> [...]

A opacidade deste verbete pode ser porém explicada quando se retrocede aos dicionários do século XIX.

CAFAJESTE, s. m. (t. do Brazil) Homem de infima plebe, sem consideração alguma. § (it.) Homem sem prestimo. (MS9)

CAFAJESTE, (gês) m. Bras. Homem de infima condição. Individuo sem préstimo. [...] (CF2)

As escolhas lexicográficas dos primeiros registros podem estender-se por largos períodos, a depender de variados fatores, entre eles o acesso a informações de uso ou a outras definições que esclareçam o significado da palavra. Quanto mais vagas ou imprecisas as definições fundadoras, maior a probabilidade de o sentido dessas palavras permanecer obscuro ou não se relacionar linguisticamente com outros vocábulos similares ou afins. Daí, serem mais facilmente rotuladas como “coisas da Brasil”. O cafajeste poderia ser percebido, então, como um tipo peculiar brasileiro, cuja tradução para a língua comum ou para o português europeu seria difícil. Não fica claro, pelas definições dos dicionários, se a palavra já teria o sentido de “canalha”, “pulha”, “velhaco” etc. São indagações cuja resposta neles não será encontrada.

O fato é que as definições inaugurais têm consequências por longo tempo e em variados tipos de obras. Quando se consultam dicionários bilíngues, cujo objetivo é indicar equivalentes, tem-se, neste caso, em vez de termos correspondentes na língua de chegada, a explicação do significado: “a low person” e “vulgar person”. Nenhuma relação, por exemplo, com os equivalentes de *canhalha* apresentados por esses mesmos dicionários.

CAFAJESTE – a low (vulgar, offensive, dishonest) person. (BARSA)

CAFAJESTE – (Braz.) boor, vulgar person, (Brit. slang) mucker. (TAYLOR)

A definição inaugural de *cáften* entre os dicionários generalistas é de MS8 e é feita de modo a permitir a associação com equivalentes da língua comum. O substantivo “prostituição” e o verbo “negociar” remetem ao universo que era já fartamente nomeado: *fadista, proxeneta, rufião, alcoviteiro*.

CÁFTEN, s. m. (t. do Brazil) Homem ignobil, que **negoceia** com a **protituição** de mulheres. (MS9)

*CÁFTEN, m. Bras. Aquelle que tem commércio de meretrizes. (Relaciona-se com o ingl. *captain*?)

As definições das edições subsequentes têm sentidos muito próximos, tendo em comum a ação de explorar o meretrício, seja vivendo às custas da profissional, agenciando ou não a clientela. Também nesses exemplos, percebe-se a acumulação de acepções, como a querer contemplar todos os possíveis sentidos que envolvem o negócio com a prostituição. A relação entre o termo brasileiro e equivalentes da língua comum ou exclusivos de Portugal são, no entanto, apontadas.

PDBLP	Dicionário de Laudelino Freire	MS10	Porto, 6ª. ed.
CÁFTEN, n.m. (Bras.) O que vive à custa de rameiras ; rufião; <u>empresário de alcouces</u> ; que faz comércio EXPLORANDO A PROSTITUIÇÃO; <u>alcoviteiro</u> .	CAFTEM, s. m. <u>Indivíduo QUE ESCRAVIZA A MULHER PARA EXPLORÁ-LA NA PROSTITUIÇÃO</u> ; rufião. 2. <u>Alcoviteiro</u> . Gram.: Fem., <i>caftina</i> .	CÁFTEM, s. m. Bras. <u>Indivíduo que vive à custa de prostitutas</u> . <u>Indivíduo QUE ARRASTA MULHERES PARA A PROSTITUIÇÃO, A FIM DE PARTILHAR DO QUE ELAS GANHAM</u> ; chulo, rufião. <u>Alcoviteiro</u> .	CÁFTEN s. m. <u>Indivíduo que vive à custa de prostitutas</u> ; <u>empresário de prostíbulo</u>

Os mesmos dicionários bilíngues mencionados anteriormente elencam algumas formas lexicais correspondentes no inglês, refletindo, provavelmente, a identificação de termos equivalentes feitas pelos dicionários de língua portuguesa.

CÁFTEN (m.) pander, procurer, pimp. (TAYLOR)

CAFETÃO (m.) Braz. procurer, pimp, pander. (BARSA)

Incurções semelhantes nos dicionários podem ser efetuadas, analisando-se os verbetes *cola* (na acepção brasileira) e fazendo conexões com *cábula*, *batota*, *choca* e *chicha*; ou *caga-sebo* (termo brasileiro) com *alfarrabista*.

A identificação dos referentes como exclusivamente brasileiros (como em *capoeira* [luta], *camucim*, *caruru*; cf. 5.4 e Anexos C e D) ou como pertencentes a realidades compartilhadas (como *cáften*, *roceiro*, *cabungo*; cf. 5.4 e Anexo D) pode ser consequência das estratégias definitórias. A opacidade de certas glosas não raro é resultado da replicação de definições encontradas em outras obras. A tendência é que o desconhecimento da coisa descrita leve o lexicógrafo a adaptar as definições encontradas nas obras que lhe servem como fonte de consulta. Uma vez que o referente não é identificado como pertencente ao mundo

conhecido, sua existência tende a ser relacionada a outros espaços e realidades. Em se tratando de termos brasileiros, quando a definição não estabelece conexões com termos da língua comum, a tendência é que a substituição entre equivalentes, sinônimos ou parassinônimos também não se concretize, que a identificação da coisa como sendo própria do Brasil se perpetue no contexto lexicográfico.

Ao nos depararmos com verbetes de origem indígena que nomeiam armadilhas de pesca marcadas como termos brasileiros, imaginamos que sejam “coisas” ou “práticas” do Brasil, provavelmente resultante de técnicas autóctones, o que, variadas vezes, pode não ser realidade, visto que a pesca é atividade importante também em Portugal e que houve transferência de técnicas, de armadilhas, de tipos de redes. Se a definição não determina o contato semântico entre um termo regional e outro da língua comum, do português europeu ou do Brasil como um todo, há certa tendência de o regionalismo permanecer como fato *sui generis* no dicionário. Ou seja, de permanecer como termo que não será relacionado a outros com significados semelhantes ou mesmo idênticos (*cincerro* e *chocalho* são bons exemplos, cf. 5.4).

Definições que estabelecem transparência entre um termo “estranho”, no caso brasileiro, e o termo mais conhecido, norteiam caminhos para que *definiendum* e referente sejam apreendidos com mais nitidez pelo leitor que desconhece o significado da palavra. Desde a gênese, a definição de *bonde* faz a relação com os equivalentes *carro americano* ou *elétrico*.³⁴³ O mesmo acontece com relação a *armarinho* e *armarinheiro*. A definição, elaborada de maneira a incluir o referente numa ordem de coisas no mundo real (“estabelecimento” = “loja de commercio”), é acompanhada de equivalentes que substituem o *definiendum* e informa que é a palavra que se circunscreve ao Brasil e não o tipo de estabelecimento comercial.

ARMARINHO, s. m. [...] § (no Brazil) **Estabelecimento** em que se vendem objectos de costuras, artigos de **capellista**, de **retrozeiro** e de modas: [...] (MS9)

ARMARINHÊIRO, s. m. (t. do Brazil) **Proprietário** de um armarinho: **retrozeiro** (MS9)

³⁴³ O que talvez seja resultado da relevância desse meio de transporte à época de sua implantação. O bonde de tração animal foi inaugurado no Rio de Janeiro em 1868. Em 1887 houve a primeira experiência de bondes elétricos, e a sua implantação ocorreu em 1892. O carro americano passou a ser usado em Portugal na década de 1870. A locução *bond eléctrico* não é registrada por MS8 provavelmente devido ao fato de, à data de publicação do dicionário, esse meio de transporte ainda estar em fase de testes. A palavra que dá nome a esse veículo estende-se para a nomeação de outros meios de transporte (ver Anexo D). Cf. MARTINS, Fernando Pinheiro. *O carro eléctrico na cidade do Porto*.

O consulente e os futuros dicionaristas têm, nas definições propostas por MS9, elementos para apreender o significado e escolher o contexto em que podem empregar cada um dos termos tais como *bonde* e *armarinho* (e também *carta bilhete*, *canhada* [‘valle estreito’], *caçula* [‘filho mais novo’], *chacareiro* [‘jardineiro’, ‘hortelão’], *chácara*, entre outros). É visível tratar-se de designações distintas para um mesmo referente. Mesmo que o universo representado em Portugal e no Brasil tenham características próprias, o termo equivalente ajuda a esclarecer o sentido, sugere substituições, permite a comparação de definições. Quando a identificação de referentes e de equivalentes lexicais ou semânticos não está resolvida de início, a incompreensão das definições posteriores tende a repetir-se por mais tempo, já que as palavras em geral – e mais fortemente aquelas cujo conteúdo semântico seja o de características humanas, de abstrações genéricas, culturais etc. – têm sentidos mais ou menos vagos, que se atualizam nas frases reais. Não é de estranhar, portanto, que o sentido das palavras neológicas tenda a ser colhido pelo dicionarista com imperfeição. Mesmo quando captadas em exemplos de emprego real, as flutuações típicas de sentido da língua nem sempre são percebidas com a necessária acuidade.³⁴⁴ Tais imprecisões, que obscurecem a decodificação para o leitor não familiarizado com o termo, eram, certamente, empecos que o dicionarista tinha, ele próprio, de enfrentar. Não há como esperar mais dos lexicógrafos dos séculos XIX e XX, que não contavam com *corpora* para análises semânticas (coisa que só começou a ser realizada por volta da década de 1980 e não, ainda, na escala necessária, no Brasil). A imprecisão é coisa que faz parte da argamassa com que os dicionaristas trabalham, por mais se venham aprimorando os recursos informáticos de consulta e de produção da obra, a qualificação do profissional dos seus participantes e os estudos linguísticos afins.

Um dos desdobramentos deste estudo pode ser feito com parâmetros similares aos empregados nesta tese, de modo a se pensar no legado desses primeiros registros em relação à produção subsequente. Algumas unidades lexicais ressentem-se de problemas de definição pelo fato de se haverem iniciado relativamente “imperfeitas” e conservado depois essa característica. Eis aqui algumas das razões que validam o volver os olhos para o registro dos brasileirismos em dicionários do século XIX no correr do século XXI.

³⁴⁴ Veja-se, por exemplo, o emprego dos termos *caiporismo* e *capadócio* por Camilo Castelo Branco, no romance *A corja*, no item 1.1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta tese foi estudar o registro do léxico brasileiro nos dicionários de língua portuguesa do século XIX, numa perspectiva linguística e metalexigráfica. O recorte no tempo trouxe resultados afirmativos, no sentido de ter sido possível analisar todos os títulos que integram o cânone da dicionarística portuguesa no período em questão. Inicialmente foram identificadas as propostas de cada dicionário quanto ao enriquecimento das macro e microestruturas, explicitadas em seus títulos, subtítulos, autoria, preâmbulos, abreviaturas. O que há de comum entre a maioria dos títulos estudados é o reconhecimento do Brasil como território onde se fala o português e, conseqüentemente, onde há público leitor.

A inclusão do léxico e dos leitores brasileiros pode ser vista, então, como estratégia de mercado. O dicionário de Antônio de Morais Silva traz, sobre o autor, na folha de rosto, a informação “natural do Rio de Janeiro” desde a sua primeira edição, em 1789. Apesar disso, só na oitava, em 1890, um século depois, essa qualidade será comentada nos textos iniciais da obra, e com o seu autor qualificado como “um dos mais distintos brasileiros”.

As descrições que os dicionários fazem de si próprios não são suficientes para esclarecer a matéria relativa à incorporação de termos brasileiros. A análise de um segmento considerável de suas nominatas (o de palavras iniciadas pela letra “c”, excetuados nomes de animais e plantas), escolhido após diversas consultas sistemáticas, permitiu a determinação daqueles que contribuem nesse sentido.

As primeiras edições de Morais trazem um compromisso implícito, o seu autor ser brasileiro e morar no Brasil já há cerca de 30 anos, quando ultimou acertos e acréscimos para a quarta edição. O conjunto de termos brasileiros não era ainda qualidade que se destacasse como agregadora de valor. Na segunda metade do século, uma conjunção de fatores faz com que a procura pelo Brasil se altere: tanto o auxílio do imperador D. Pedro II (do Brasil) para a impressão de uma obra (o dicionário de Domingos Vieira, ou o seu primeiro tomo) como a instalação da sede da casa editora de MS na cidade do Rio de Janeiro. Não obstante, os dicionários, na prática, eram todos elaborados em Portugal.

A partir da terceira e quarta décadas de Oitocentos, a intelectualidade brasileira empenha-se na elaboração e fortalecimento da ideia de nação independente, não só política, mas cultural e socialmente. Para a sua autoafirmação, são resgatados elementos do passado nacional. O “essencialmente brasileiro” deveria ser diferente de Portugal. Como a literatura e

a língua eram frequentemente alçadas a representantes da cultura brasileira, recuperar as línguas nativas seria, de certo modo, declarar o afastamento da língua falada na antiga metrópole; seria valorizar o que havia de diversidade. Essa diferença poderia ser, inclusive, suficiente para se aventar a existência da “língua brasileira”. Mas teria tal burburinho ecoado na produção dos dicionários, elaborados para portugueses e brasileiros? Que estaria disponível ao dicionarista português para atender a essa demanda? Em que pé estavam os estudos lexicais do Brasil para que os dicionaristas, sediados em Lisboa, pudessem se aproveitar deles?

Essas foram as perguntas de partida. As respostas para elas são: as discussões em torno de questões linguísticas no Brasil pouco ecoaram na produção dicionarística em Portugal. Entre a quarta e a sétima edições de MS, as alterações na nominata circunscrevem-se aos nomes de povos indígenas, a partir dos dicionários de Eduardo de Faria e de Lacerda, que têm cariz enciclopédico. A partir de 1870, os editores de MS e CA valem-se de três publicações brasileiras para, no caso de MS, multiplicar o número de palavras e acepções do Brasil: *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza* (1853), de Braz da Costa Rubim, a “Coleção de vocabulos e frases usadas na provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul” (1852), de Antônio Álvares Pereira Coruja, e o *Diccionario de vocabulos brasileiros* (1889), de Beaurepaire-Rohan. Como têm o foco na variação lexical no Brasil e no registro de termos populares, essas são as características que se mantêm predominantes nas unidades lexicais registradas pelos dicionários de língua portuguesa.

Identificadas as edições dos dicionários gerais de língua que devem ser consideradas em estudos sobre brasileirismos, passou-se à análise dos verbetes, dando prevalência a MS9 e, quando pertinente, estabelecendo comparações com mais três edições: MS4, MS7 e CA, as únicas que trazem dados novos. As demais, mesmo de outra autoria, fazem correções ou acrescentamentos isolados ao que fora registrado pelas edições de MS.

A comparação entre verbetes das diferentes publicações ou de diferentes edições de um mesmo título foi revelando que o estilo redacional dos verbetes quase não apresenta rupturas. O dicionário de Antônio de Moraes Silva era a fonte de referência dos títulos publicados no século XIX e, depois, juntamente com Cândido de Figueiredo, será a base para a redação dos dicionários de meados do século XX.

Brasileirismo não é ideia explicitada nos trabalhos lexicográficos desse período. É utilizada como um conceito geográfico que, por vezes, conflui com a origem. Não se percebe

a diligência no estabelecimento de contraste ou aproximação entre as variantes existentes. Os exemplos de contraste são difusos, como se depreende especialmente do que foi apresentado no item 5.4. Registra-se um conjunto considerável de termos que ganharam novo matiz no Brasil ou que foram criados no Brasil. Não se registrou menção a possíveis influências do vocabulário brasileiro em Portugal, seja por assimilação de sentidos ou pela incorporação de termos de empréstimo. Mesmo quando isso ocorre (cf. *caipira*, ver comentário em 5.2), não há qualquer indício para o leitor. A utilização do vocabulário brasileiro para esclarecer sentidos de termos da língua comum é pontual, embora representativos de certa modificação no campo semântico em que isso ocorre. É no nível extralinguístico que a comparação se evidencia, sobretudo em MS9.

Nas primeiras publicações de MS, a qualificação como *brasílico* (indígena) e *brasileiro* concorrem entre si e com outros adjetivos pátrios para Brasil. Na maioria das publicações, a adjetivação é preterida e, em seu lugar, usa-se o nome do país, por meio da expressão: “termo do Brasil”. Caldas Aulete é o primeiro dicionário a afirmar o adjetivo “brasileiro” como identificador do léxico.

As unidades lexicais brasileiras foram observadas quanto a cinco aspectos: 1) origem (em 5.1); 2) tipologia (semânticos ou lexicais, em 5.2); 3) variedade regional no Brasil (em 5.3); 4) campos semânticos e compartilhamento de significados com a língua comum (em 5.4) e; 5) técnicas de definição (5.5). A partir desses aspectos foi possível chegar a algumas conclusões.

1) Os dicionários do final do século XIX continuam privilegiando a consignação de termos formados por empréstimo de línguas indígenas, mas o acréscimo de termos de produção lexical com base no português vernáculo é expressivo. A esses agregam-se os originários de línguas africanas e do espanhol sul-americano. O registro de cognatos comprova a produtividade lexical no Brasil não só por meio de empréstimo, mas também pela apropriação da língua comum. É certo que os dicionários de brasileirismos colaboraram para a construção dessa nominata; entretanto, as obras que permanecem como fonte de consulta ao público e à maioria dos novos lexicógrafos são os dicionários gerais. É por meio delas, portanto, que se deve refletir sobre o léxico brasileiro dicionarizado.

2) A identificação dos brasileirismos como semânticos ou lexicais altera-se à proporção que os estudos de natureza dialetal ou etimológica avançam, na medida em que sentidos remotos em Portugal podem vir a ser dicionarizados posteriormente. A análise desse tipo de averbação deve ser feita, portanto, de modo circunstanciado em relação ao que cada

obra traz de informação. MS e CA não indicam a continuidade de sentido entre o significado brasileiro e o significado da língua compartilhada, mesmo quando ela seria facilmente recuperável. Usos de um mesmo sentido em contextos diversos são expostos como novas acepções, o que faz supor pouca reflexão crítica quando da transcrição das informações dos dicionários de brasileirismos para os dicionários gerais.

3) A variedade lexical dentro do Brasil só pode ser considerada relevante em termos numéricos em MS8 e MS9, sobretudo pelo registro de termos do Rio Grande do Sul. O incremento numérico não é acompanhado pela sistematicidade. Os equivalentes regionais são agregados às definições aleatoriamente; ao que parece, para esclarecer a informação, não para estabelecer a relação de equivalência, ou para ilustrar a variedade lexical no país.

4) MS8 e MS9 abrem espaço para a introdução de termos de campos semânticos destoantes do que até então constituía o léxico brasileiro encontrável nos dicionários. Notam-se ligeiras modificações no conteúdo das definições concernentes à referência inversa, vale dizer, ao emprego de termos brasileiros para explicar ou sinonimizar termos comuns aos dois países.

O registro de novos brasileirismos não se pauta por itens lexicais cujo surgimento na língua fosse relativamente contemporâneo à publicação do dicionário. São admitidas na nominata palavras e acepções cuja existência remonta a épocas mais distantes. As razões para incluir certos itens lexicais e deixar de fora outros são várias e frequentemente inescrutáveis. O que se pode dizer é que dar lugar às novas unidades lexicais e aos novos significados vale por dar-lhes o estatuto de aceite.³⁴⁵ Não só o termo, mas certo grupo de informações. Uma vez registradas as palavras *cabanada* e *cabano*, *praiêiro* e *guabirú*, abre-se “licença”, ou talvez ressalte-se a ausência de *sabinada*, *farrapo* e *farroupilha*, *balaio*, *balaiada* e *balaieiro*, nomes de revoltas de caráter político ocorridas no Brasil na primeira metade de Oitocentos.

Para atender ao público brasileiro do final do século, os dicionários foram além dos termos indígenas, da nomeação de armadilhas, objetos, peças de arreamento e de carro de boi, trabalhadores do campo entre outros. Os editores de MS9 selecionam, entre os verbetes do dicionário de Rohan, termos variados quanto a etimologia e campos semânticos. Não era possível, todavia, por meio desse instrumento de consulta, dar conta das novas realidades urbanas brasileiras. Por serem conjunturas recentes, era pouco provável que os nomes para elas estivessem sistematizados em documentos de modo a terem seus significados

³⁴⁵ Estar ou não dicionarizado é um dos critérios para se dizer que o termo deixou de ser neologismo: “O neologismo deixa de ser visto como tal quando desaparece o efeito do ‘insólito’ ou quando os dicionários o registram” (VALENTE, André. Produtividade lexical, p. 130).

apreendidos pelos dicionaristas. Tais são reflexões para outro tipo de estudo, embora sejam suscitadas quando se observa a pequena lista de acréscimos dos editores de MS8, para além dos dicionários de brasileirismos (cf. 5.4.1).

5) Os recursos empregados pelas definições normalmente mantêm-se no molde da primeira formulação até a última. No item 5.5, fez-se uma descrição sumária dos recursos definitórios empregados dos termos brasileiros, de modo a se fazer análise comparativa entre verbetes de diferentes dicionários. A partir do reconhecimento das estruturas, é possível identificar: a opção por determinadas estratégias definitórias em vez de outras; a opção continuada por determinados sintagmas; a repetição ou não da informação selecionada para funcionar como definidor específico; a distinção entre informações essenciais e informações que desbordam do conteúdo linguístico e lexical. Esses recursos foram utilizados na marcação de alguns termos (sobretudo substantivos) e podem ser visualizados conjuntamente nos Anexos que acompanham o texto desta tese.

Essas estruturas, conjugadas com outros componentes desses verbetes, foram empregadas na análise de brasileirismos do século XIX e, como se verifica pelos exemplos de alguns deles em dicionários publicados posteriormente, servem de guia para perceber a gênese de algumas opções lexicográficas.

Apesar do alcance editorial de vários dicionários do século XIX (várias reedições e reimpressões), são MS e, posteriormente, CF as obras de referência por excelência para a produção lexicográfica pelo menos até meados do século XX. Considerar determinadas obras como referência ou como modelo significa tê-las como ponto de partida para discussão, melhoria, acerto e, maiormente, concordância. O *Diccionario da lingua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, é um importante referente, não apenas simbólico, mas efetivo para o registro do léxico brasileiro. Ao dar lugar, sobretudo em MS8 e MS9, a cognatos, a termos de empréstimo indígenas ou africanos, a brasileirismos semânticos, MS vai gerando imposições que, em termos de registro lexicográfico, são difíceis de ser desobedecidas pelas obras que lhe sucederão.

Quando os dicionários descrevem o mundo a que têm acesso, seja por contato direto, seja pela leitura de primeira, segunda ou terceira mão, constroem um paradigma de autoridade, votado aos seus consulentes e aos lexicógrafos do futuro. Como vimos, as definições dos brasileirismos encontradas nos primeiros dicionários de língua portuguesa do século XIX mantêm-se nas edições subsequentes desse século e, posteriormente, são

encontradas em muitas publicações do século XX. Para rejeitar certos conteúdos, às vezes, foi preciso comentá-los, dado o prestígio de certas obras.

A comparação entre alguns brasileirismos do *corpus* estudado e o seu registro em dicionários publicados na primeira metade do século XX sugere a continuidade da tradição identificada no XIX. Entradas, acepções, definições, ordem das informações, marcas de uso, relação semântica, exemplos de uso dos primeiros registros de brasileirismos podem ser encontrados na produção lexicográfica contemporânea. Existem variadas explicações para essa continuidade, desde a ausência de reflexão crítica acerca dos conteúdos significacionais, até a ausência de consulta a outras fontes que esclareçam o contexto em que acepções são normalmente empregadas.

Informações acerca da organização política e administrativa brasileira, trazidas pelas últimas edições de MS em forma de lemas ou de informações extralinguísticas, reconhecem a República recém-constituída, mas não ainda a língua dessa República. Talvez porque não fossem percebidas diferenças nesse nível.

Embora os dicionários se valham de documentos e textos de variada ordem para coletarem os usos da língua, o *corpus* de base é gerido por obras lexicográficas. Uma vez consignado algo em um dicionário, os que se seguem, mesmo que optem por não registrar a informação, têm-na em conta, reflexionam sobre a sua validade ou simplesmente reproduzem a informação.

DICIONÁRIOS CONSULTADOS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001. 2.v.

AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Direcção confiada a Antonio Lopes dos Santos Valente. Lisboa: Imprensa. Nacional, 1881. 2 v.

AULETE digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Ed. Digital, 2004-. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br>>. Acesso em: nov. 2014. [Ver também GEIGER, Paulo.]

BEAUREPAIRE-ROHAN. *Diccionario de vocabulos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Inicialmente publicado em *Gazeta Litteraria*, 1883-1884.

_____. Glossario de vocabulos brasileiros, tanto dos derivados de linguas conhecidas como d'aquelles cuja origem é ignorada. *Gazeta Litteraria*, dirigida por J.A. Teixeira de Mello e A. do Valle Cabral. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger, 1883-1884. Publicação reunida em 1884.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionário didático do português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1998.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa Occidental: Off. de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 10 v. v. 1-2, 1712; v. 3-4, 1713; v. 5, 1716; v. 6-7, 1720; v. 8, 1721; Supl. 1, 1727; Supl. 2, 1728.

BORBA, Francisco da Silva (Org.). *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2004.

CAMPAGNE, E.M. *Diccionario universal de educação e ensino*. Trasladada e ampl. nos artigos deficientes em assumptos relativos a Portugal por Camillo Castello Branco. Porto: Liv. Internacional de Ernesto Chardron e Eugenio Chardron, 1873. 2 v.

CHAGAS, Manoel Pinheiro (Org.). *Diccionario popular: historico, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario*. Lisboa: Lallement Frères, 1876-1886. 8 v.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*. Paris: Angelo Francisco Carneiro, 1836. 2 v; 8. ed. 1863; 9. ed. 1868; 10. ed. 1873; 11. ed. Paris: F. Belhatte, 1877.

CORRÊA, José Romaguera da Cunha. *Vocabulario sul rio-grandense*. Porto Alegre: Echenique & Irmão: Livraria Universal, 1898.

CORRÊA, José Romaguera da Cunha; CORUJA, Antônio Álvares Pereira; MORAES, Luiz Carlos de; CALLAGE, Roque; HOLANDA, Aurélio Buarque de; TESCHAUER, Carlos; BEAUREPAIRE-ROHAN; AZAMBUJA, Darcy. *Vocabulário sul-rio-grandense: termos e*

expressões de quatro dicionários rio-grandenses, uma coletânea de vocábulos da região sul, usos modernos e tradicionais de um linguajar vivo. Porto Alegre: Globo, 1964.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. Coleção de vocábulos e frases usadas na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 15, 1852. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>>. Acesso em: dez. 2014.

COSTA, F. A. Pereira da. *Vocabulário pernambucano*. 2. ed. Prefácio de Mário Souto Maior. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1976. (Coleção pernambucana, 2).

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 2. ed. 1986.

_____. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2009. 1 CD-ROM.

DICCIONARIO universal da lingua portugueza. Lisboa: Imp. Regia, 1818-1822.

DICIONÁRIO da língua portuguesa. 6. ed. corr. e aum. por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo. Porto: Porto Ed., 1998.

FARIA, Eduardo de. *Novo dicionario da lingua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Typ. Universal, 1850-1853. 4 v.; 3. ed. Liboa [Typ. Lisbonense], 1855-1857. 4 v. ; 4. ed. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1859. 2 v.

FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Orthographia, ou Arte de escrever, e pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa*. Lisboa: Off. de Miguel Rodrigues, 1734.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

_____. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. (Coord.). *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Ver também: PEQUENO dicionário...

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionario da lingua portuguesa*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899. 2 v.

_____. *Novo dicionario da lingua portuguesa*. Nova ed. corr. e copiosamente ampl. Lisboa: A.M. Teixeira, 1913. 2 v.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário de língua portuguesa*. 7. ed. actual. na grafia e copiosamente ampl. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: W.M. Jackson, [1939?]. 2. v.

FOLQMAN, Carlos. *Diccionario portuguez e latino*. Lisboa: Off. Miguel Manescal da Costa, 1755. Disponível em: <<http://purl.pt/12012>>. Acesso em: nov. 2014.

- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Com a colaboração técnica de J.L. de Campos. Rio de Janeiro: A Noite, 1939-1944. Rio de Janeiro: A Noite, 1939-1944. 5 v. [v. 1 (A) 1939-1940; v. 2 (B-D) 1940-1941; v. 3 (E-I) 1941-1942; v. 4 (J-P) 1942; v. 5, 1944]
- GARCIA, Rodolpho. *Diccionario de brasileirismos: peculiaridades pernambucanas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.
- GEIGER, Paulo (Org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- GRANDE dicionário [da] língua portuguesa. Porto: Porto Ed., 2004.
- GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1936-1960. 40 v.
- HOUAISS, Antônio; AVERY, Catherine B. (Redatores-chefe). *Novo dicionário Barsa das línguas inglesa e portuguesa*. New York, 1964. v. 2, port.-ing.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LACERDA, José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de. *Diccionario encyclopedico ou Novo dicionario da lingua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Escritório de Francisco Arthur da Silva, 1878. 2 v.
- LELLO, José; LELLO, Edgar (Org.). *Lello universal: dicionário enciclopédico luso-brasileiro*. Porto: Lello & Irmão, [195-?].
- LE MOS, Maximiano (Org.). *Encyclopedia portugueza illustrada, dictionario universal*. Porto: Lemos & Cia., [1900-1909].
- MACHADO, José Pedro (Coord.). *Grande dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Amigos do Livro, 1981-1986. 13 v.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1988. 1. ed. 1961-1967.
- PEQUENO dicionário brasileiro da língua portuguesa. Organizado por um grupo de filólogos. Rio de Janeiro: São Paulo: Civilização Brasileira, 1938. Ver também: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Coord.)
- PEREIRA, Bento. *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum, et lusitanum digesta....* Eborae: Typ. Academiae, 1697.
- PEREIRA, Bento. *Thesouro da lingoa portuguesa*. Lisboa: Off. de Paulo Craesbeeck, 1697.
- POYARES, Pedro de. *Diccionario lusitanico-latino de nomes próprios de regioens; reinos; provincias; cidades; villas...* Lisboa: Off. de Joam da Costa, 1667. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/>. Acesso em: out. 2014.

RUBIM, Braz da Costa. *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, 1853.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Off. S.T. Ferreira, 1789. 2 v.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typ. Lacérdina, 1813. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portugueza*. 3. ed. Lisboa: Typ. de M.P. de Lacerda, 1823. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portugueza*. 4. ed. Lisboa: Imprensa Regia, 1831. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portugueza*. 5. ed. Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha, 1844. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portugueza*. 6. ed. Lisboa: Typ. de Antonio José da Rocha, 1858. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portugueza*. 7. ed. Lisboa: Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877-1878. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portugueza*. 8. ed. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1890-1891. 2 v.

_____. *Diccionario da lingua portugueza*. 9. ed. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, [189?-190?]. 2 v.

_____. *Grande dicionário da lingua portuguesa*. 10. ed. rev. cor. aum. actual. por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Confluência, 1949-1958. 12 v.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa ...* (1875-1888). Colig., ver. e compl. por Julião Rangel de Macedo Soares. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-1955. 2 v.

SOUZA, Bernardino José. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 4. ed. da Onomástica Geral da Geografia Brasileira. São Paulo: Nacional, 1939. (Brasiliana, série 5, v. 164. Biblioteca Pedagógica Brasileira).

TAUNAY, Afonso de E. *Léxico de lacunas*: subsídio para os dicionários da língua portuguesa. Tours: E. Arrault, 1914. [Publicado inicialmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, n. 16, 1911.]

TAUNAY, Afonso de E. *Léxicos de termos technicos e scientificos ainda não apontados nos dictionarios da lingua portuguesa*. [São Paulo: s.n.], 1909.

_____. *Vocabulario de omissões*. [S.l.: s.n.], 1924.

TAYLOR, James L. *Dictionary Portuguese-English*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TESCHAUER, Carlos. *Novo vocabulario brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1918.

VIEIRA, Domingos. *Grande dictionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. Porto: E. Chardron e B.H. de Moraes; Rio de Janeiro: A.A. da Cruz Coutinho; Pará: A.R. Quelhas, 1871-1874. 5 v.

VILLAR, Mauro. *Dicionário contrastivo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

REFERÊNCIAS

A LÍNGUA portuguesa na Revista Brasileira. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005-2006. t. 1 e 2. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras: ALB; São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção História da Leitura).

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>>. Acesso em: fev. 2015.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Introdução. In: _____ (Org.). *Para a história do português do brasileiro: volume 7: vozes, veredas, voragens*. Londrina: Eduel, 2009. p. 633-653.

ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Falsos brasileirismos: argentinismos e americanismos erradamente apontados como brasileirismos*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1945.

ALMEIDA, Átila. *Dicionários parentes e aderentes: uma bibliografia de dicionários, enciclopédias, glossários, vocabulários e livros afins em que entra a língua portuguesa*. João Pessoa: Funape: Nova Estela, 1988.

ALKMIN, Tânia. Um texto inaugural: o Visconde da Pedra Branca e o português do Brasil. *Stockholm Review of Latin American Studies*, Stockholm Universitet, 8, p. 21-33, March 2012. Disponível em: <<http://www.lai.su.se/publications/publication-series/stockholm-review-of-latin-american-studies/list-of-issues>>. Acesso em: jan. 2015.

ANAIS da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1876-. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais.htm>. Acesso em: jul. 2013.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Anablume; Belo Horizonte: PPGH, UFMG; Fapemig: FCC, 2008. (Coleção Olhares).

ARAUJO, Paulo Mario Beserra de. *Hum dictionario sem auctor versus hum 'auctor' com dictionario: ensaio metalexigráfico analítico, comparativo e crítico sobre o Dictionario da lingua brasileira publicado em 1832*. Rio de Janeiro, 2010.

ATKINS, B.T. Sue; RINDELL, Michael. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BALBI, Adrien. *Introduction a l'atlas ethnographique du globe*. Paris: Chez Rey et Gravier, 1826. t. 1. (Edição fac-similar por Kessinger Legacy Reprints).

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Normas cultas e normas vernáculas: encruzilhada histórico-diacrônica nos estudos sobre português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba T. de et al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes, 2007.

BARBOSA, Flávio de Aguiar. Um estudo sobre a palavra “cachaça”. In: HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e semântica*. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2011. (Coleção Português na Prática). p. 171-182.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUIERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001. p. 131-144.

_____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 53-69, 2003.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. [Rio de Janeiro]: Typ. Nacional, 1882-1902. 7 v. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>>. Acesso em: dez. 2014.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos: problemas de método*. Coimbra: Coimbra Ed., 1943.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

BRAGA, Rubem. Caçada de paca. In: _____. *O verão e as mulheres*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 96-99.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

BUENO, Márcio. *A origem curiosa das palavras*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.

BUNBURY, Charles James Fox. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais: 1833-1835*. Introdução de Rodolfo Garcia. Trad. de Helena Garcia de Souza. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, [197-].

CAETANO, Batista. Apontamentos sobre o abañeênga, também chamado guarani ou tupi ou lingua geral dos brasis. In: *Ensaio de sciencia por diversos amadores*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876. v. 1, p. 1-78.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CARMO, Laura do. Marcas de leitura de Rui Barbosa. *Escritos*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, n. 5, p. 121-137, 2011.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: [s.n.], 1950. Revista de Filología Española, anejo LII.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

_____. *História da alimentação no Brasil: cardápio indígena, dieta africana, ementa portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. (Brasiliana, v. 323).

CASTELEIRO, João Malaca. Estudo linguístico do 1º dicionário da Academia (1793). Separata de: *Memórias Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa: Acad. Ciências, 1981. p. 48-63.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Os brilhantes do brasileiro*. 6. ed. cf. a 2., rev. e cor. pelo autor. Lisboa: A.M. Pereira, 1922. 1. ed. 1869.

_____. A corja: continuação do Eusebio Macário. In: _____. *História e sentimentalismo*. Porto: Liv. Internacional de Ernesto Chardron, 1880.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Secretaria de Estado da Cultura, 2002.

CAVALIERI, Ricardo. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. *Alfa*, São Paulo, n. 45, p. 49-69, 2001. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4185/0>>. Acesso em: jun. 2013.

CHAGAS, Manuel Pinheiro. Literatura brasileira: José d'Alencar. In _____. *Novos ensaios críticos*. Porto: Casa da Viúva Moré, 1867. p. 212-224.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Olga Ferreira. O português do Brasil em Macedo Soares (1838-1905). *Limite*, n. 6, p. 199-215, 2012. Disponível em: <<http://www.revistalimite.es/vol6.html>>. Acesso em: jul. 2014.

_____. Os nomes da língua: configuração e desdobramento do debate sobre a língua brasileira no século XIX. *Revista IEB*, São Paulo, n. 47, p. 139-160, set. 2008. Disponível em: <<http://200.144.255.123/Imagens/Revista/REV047/Media/REV47-08.pdf>>. Acesso em: dez. 2014.

CORREIA, Margarita. Versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: um dicionário do português europeu? In: MIYARES, Alvarad; MORENO (Org.). Simpósio Internacional de Comunicación Social Santiago de Cuba. *Actas...* Santiago de Cuba, 2007. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2007-mcorreia-cuba.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

COSTA, Franciso Augusto Pereira da. *Notícia biográfica do Dr. Antonio de Moraes Silva*. [S.l.: s.n.], 1906.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1978.

CUNHA, Celso. *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. (Diagrama, 10).

_____. *Que é um brasileiro?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

_____. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARIAS, Virgínia Sita. *Sobre a definição lexicográfica e seus problemas: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos*. Porto Alegre, 2013. Tese (Doutorado em Lexicografia) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FAULSTICH, Enilde. Duas questões em discussão: o que são brasileirismos nos dicionários de língua portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos? In: Jornada sobre "Variació Geolectal i Terminologia". Disponível em: <http://www.realiter.net/spip.php?article285>. Acesso em: fev. 2012.

FERNANDES, Sílvia Oliveira da Rosa. *Vozes na colônia: um estudo discursivo do dicionário geral de língua*. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

FERRARI, Alexandre; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício. *Revista Anpoll*, v. 1, n. 32, p. 81-105, 2012. Disponível em: <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewArticle/615>. Acesso em: dez. 2014.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Combates sem sangue em favor da língua portuguesa*. Lisboa: Liv. Clássica, 1925.

_____. Conversação preliminar (da primeira edição). In: _____. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1939. v. 2, p. 1.319-1.340.

_____. *Lições práticas da língua portuguesa*. Lisboa: Liv. Clássica, 1921.

FINATTO, Maria José Bocorny. *Da lexicografia brasileira (1813-1991): tipologia microestrutural de verbetes substantivos*. Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República. *Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1985*. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. (Série estatísticas retrospectivas, 3). Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v3.pdf. Acesso em: set. 2014.

GARCIA, Dantielli Assumpção. Discurso lexicográfico: os dicionários no século XIX. *Anais do Seta*, n.1, 2007. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/247>>. Acesso em: ago. 2012.

GARCIA, Dantielli Assumpção; NUNES, José Horta. A documentação e a divulgação do saber linguístico na Revista do IHGB. *Linguagem em (Dis)curso*: análise de discurso e divulgação de conhecimento, Tubarão SC, v. 11, n. 3, p. 463-495, set./dez. 2011.

GIACOMINI, Giovana Iliada. O discurso do *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete: de 1881 até a atualidade. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*: ReVEL, v. 4, n. 6, mar. 2006. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: fev. 2013.

GONÇALVES, Maria Filomena. A marca lexicográfica "termo do Brasil" no *Vocabulário português e latino* de D. Rafael Bluteau. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, 2006. p. 205-228.

GUERRA, Amanda Estela; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. O "Atlas do Império do Brasil": uma proposta de definição dos limites do Brasil no século XIX. In: IV Simpósio Lusobrasileiro de cartografia histórica. Porto, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Disponível em: <<http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/28.pdf>>. Acesso em: mar. 2014.

GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Org.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996.

HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva. Continuidade e descontinuidade em três dicionários do século XIX. VII Congresso Internacional da Abralín. *Anais...*, Curitiba, 2011. p. 3.074-3.088. Disponível em: <http://www.abralin.org/abralin11/cdrom/artigos/Maria_Mercedes_Hackerott.PDF>. Acesso em: mar. 2013.

HAENSCH, G et. al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. Biblioteca Románica Hispánica.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. rev. ampl. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2005.

HARTMANN, R.K. *Teaching and researching lexicography*. Essex: Longman, 2001.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Unibrade, 1985.

_____. *Sugestões para uma política da língua*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1960.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismo no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo: Unesp, v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006.

LANDAU, Sidney I. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1989.

LARA, Luis Fernando. *Teoría del diccionario monolingüe*. Mexico: El Colegio de Mexico, 1997.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949. t. 7, livros 1 e 3.

LESSA, Luiz Carlos. *O modernismo brasileiro e a língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FGV, 1966. (Monografia, 2).

LIMA, Ivana Stolze. Cabra gente brasileira do gentio da Guiné: imprensa, política e identidade no Rio de Janeiro (1831-1833). In: NEVES, Lucia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 296-311.

_____. Luís Maria da Silva Pinto e o *Dicionário da língua brasileira*. *Humanas*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 33-67, 2006.

LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

_____. *História social da língua nacional 2: diáspora africana*. Rio de Janeiro: Nau, 2014.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977. (Documentos brasileiros, v. 99).

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, Fernando Pinheiro. *O carro eléctrico na cidade do Porto*. Porto, 2007. Dissertação (Mestrado em Transportes) – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2007. Disponível em: <[http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/12819/2/Texto % 20 integral. pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/12819/2/Texto%20integral.pdf)>. Acesso em: fev. 2015.

MEDEIROS, Vanise. Dizer (d)o brasileiro: língua e sujeito (apresentando um projeto). In: VALENTE, André; PEREIRA, Maria Teresa G. (Org.). *Língua portuguesa, descrição e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 281-297.

MELO, Gladstone Chaves de. *Dicionários portugueses*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. (Coleção Brasileira de Divulgação, série 3; Filologia n. 3)

MENDONÇA, Renato. *O português do Brasil: origens, evolução, tendências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

MENEGAZ, Ronaldo. Antônio de Morais Silva (1757-1824). *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 24, p. 337-341, 2007. Disponível em:

<<http://www.realgabinete.com.br/PortalWeb/LinkClick.aspx?fileticket=wI6FJruTle4%3D&tabid=78&language=en-U>>. Acesso em: jun. 2013.

MESSNER, Dieter. *O Dicionário da Língua Portuguesa de 1793 e as suas fontes*. Disponível em: <http://www.uni-salzburg.at/fileadmin/multimedia/Romanistik/documents/sobre_dicion%20C3%A1rios_portugueses_antigos.pdf>. Acesso em: nov. 2014.

MOREIRA, Maria Eunice. Três românticos brasileiros e a crítica portuguesa no século XIX. *Miscelânea*, Assis, v. 14, p. 69-79, jul-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/artigo-04---tres-romanticos-brasileiros-ea-critica-portuguesa-no-seculo-xix---maria-eunice-moreira.pdf>>. Acesso em: dez. 2014.

MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo. A competência linguística na construção de dicionários: o caso de Antônio de Morais Silva. In: ISQUERDO, Aparecida N.; SEABRA, Maria Candida T. Costa de. (Org.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, v. 6, p. 315-332, 2012.

_____. *Antonio Morais Silva: dicionarista da língua portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006a.

_____. Brasileirismo: um registro lexicográfico desde o século XVIII. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 20., 2004, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2005. p. 745-755.

_____. Léxico e gramática no *Dicionário da língua portuguesa* (1813) de António de Morais Silva. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 55-67, 2006b.

NEIVA, Artur. *Estudos da língua nacional*. São Paulo: Nacional, 1940.

NEVES, Maria Helena de Moura. Apresentação. In: _____ (Org.). *Gramática do português falado*: v. 7 novos estudos. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP; Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. p. 9-24

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

_____. A invenção do dicionário brasileiro: transferências tecnológicas, discurso literário e sociedade. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*, v. 2, p. 159-172, 2013.

NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas: Pontes, 2002.

NUNES, José Horta; SELIGMAN, Kátia. Discurso lexicográfico: as reedições do *Dicionário da língua portuguesa* de Morais. *Alfa*, São Paulo, ano 47, n. 1, p. 37-51, 2003.

NUNES, Naidea Nunes. *O açúcar de cana na ilha da Madeira, do Mediterrâneo ao Atlântico: terminologia e tecnologia históricas e actuais da cultura açucareira*. 2002. Dissertação (Doutorado em Linguística Românica) – Universidade da Madeira, Ilha da Madeira, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Brasileirismos e regionalismos. *Alfa*, São Paulo, v. 42, (n. esp.), p. 109-120, 1998.

_____. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

ORLANDI, Eni P. (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001.

PEIXOTO, Afrânio. Brasileirismos. Separata de: *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo: Nova Era, n. 6, 7, 8, 9.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva: curso superior*. 2. ed. São Paulo: Duprat, 1909.

PIEL, Joseph M. Sobre alguns aspectos da renovação e inovação lexicais no português do Brasil. Separata de: *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 1964, v. 13, t. 1-2.

PIMENTA, João Paulo Garrido. Portugueses, americanos, brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime luso-americano. *Almanack braziliense*, IEB, USP, n. 3, p. 69-80, maio 2006. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/almanack_03_1322177388.pdf>. Acesso em: jan. 2015.

PINTO, Edith Pimentel (Org.). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos: 1 – 1820/1920: fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

_____. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos: 2 – 1920/1945: fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

PINTO, Pedro A. *Brasileirismos e supostos brasileirismos de Os sertões de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Typ. S. Benedito, 1931.

PÔRTO, Ângela; FRITSCH, Lilian de A.; PADILHA, Sylvia F. *Processo de modernização do Brasil, 1850-1930: economia e sociedade, uma bibliografia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985.

PRISTA, Luís. De filólogos a linguistas. In: MATEUS, Maria Helena Mira (Coord.). *Caminhos do português: exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas: catálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. p. 157-218.

QUEMADA, Bernard. *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863: étude sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes*. Paris: Didier, 1967.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 17. ed. São Paulo: Martins, 1967.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1839- .

RIBEIRO, João. Antiguidade dos brasileirismos. In: _____. *A língua nacional e outros estudos lingüísticos*. Seleção e coordenação de H. Rocha. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado do Sergipe, 1979. Textos de 1921. p. 58-64.

RIBEIRO, Júlio. *Gramática portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Falcão, [19-].

SANROMÁN, Álvaro Iriarte. *A unidade lexicográfica*: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2001. (Coleção Poliedro, 5).

SECCO, Manuel. *Estudios de lexicografía española*. Madrid: Paraninfo, 1987. (Colección Filológica).

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença: Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858; t. 3, 1859.

_____. *Diccionario bibliographico portuguez*: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. t. 5.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. t. 9, 2. do Supplemento.

SILVA, Maurício. Reforma ortográfica e nacionalismo linguístico no Brasil. *Revista Philologus*, ano 5, n. 15, p. 58-67, [2000]. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(15\)58-67.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(15)58-67.html)>. Acesso em: abr. 2013.

SILVEIRA, Sousa da. *Trechos seletos*: complemento prático às *Lições de português*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SILVESTRE, João Paulo. *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2008.

_____. *A língua iluminada*: antologia do *Vocabulário* de Rafael Bluteau. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: Babel, 2013.

SOUZA, Regina Maria de. *Índices da Revista de Língua Portuguesa dirigida por Laudelino Freire*, 2002. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Versão do texto de Marpurgo, de 1557 por Alberto Løfgren. Revista e anotada por Theodoro Sampaio. Rio de Janeiro: Off. Ind. Graphica, 1930. (Publicações da Academia Brasileira, II História).

STREHLER, René G. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, Editora UFMS, 2001. p. 169-178.

TAUNAY, Affonso de E. *Reparos ao Novo dicionario de Candido de Figueiredo*. Tours: Arrault, 1926.

TEIXEIRA, Manuel C. A habitação popular no século XIX – características morfológicas, a transmissão de modelos: as ilhas do Porto e os cortiços do Rio de Janeiro. *Análise social*, v. 29, n. 127, p. 555-579, 3. 1994. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/>>. Acesso em: nov. 2014.

TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal: uma presença silenciosa*. Lisboa: Caminho, 1988. Coleção Universitária, 31.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J.A. Osório Mateus. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

VALENTE, André C. Produtividade lexical: criações neológicas. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

VAREJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. O português do Brasil: revisitando a história. *Cadernos de Letras da UFF: dossiê difusão da língua portuguesa*, Niterói, n. 39, p. 119-137, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/39/artigo6.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.

VASCONCELOS, Leite de. O Brasil na poesia popular de Portugal. *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 75-94, set. 1919.

VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1977. 2 v. (Coleção Dimensões do Brasil.)

VEIGA, Teresa Rodrigues. *A população portuguesa no século XIX*. Porto: Cepese: Edições Afrontamento, 2004.

VENÂNCIO, Fernando. O castelhano como vernáculo do português. *Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*, Universidad de Extremadura, n. 8, p. 127-146, 2008.

VERDELHO, Telmo. Brasileirismos: em torno dos primeiros registos lexicográficos. In: CARDOSO, João Nuno Corrêa; RIBEIRO, Maria Aparecida. *Circulações no espaço lusófono: IX Semana Cultural da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2007. p. 5-83.

_____. Dicionários: testemunhos da memória linguística. In: BRITO, Ana Maria; BARROS, Clara (Org.). *Linguística histórica e história da língua portuguesa: actas do encontro de homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Universidade do Porto, 2004. p. 413-427. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6300.pdf>>. Acesso em: fev. 2015.

VERDELHO, Telmo. O dicionário de Morais Silva e o início da lexicografia moderna. In: *História da língua e história da gramática*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2003. p. 473-490. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Dicionario_Morais_Silva.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

_____. O patrimônio lexicográfico. In: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (Org.). *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo do patrimônio lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. p. 11-127.

_____. Portugiesisch: Lexicographie (artigo 457). In: HOLTUS, Günter; METZELTIN, Michael; SCHIMITT, Christian (Ed.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994. v. 6, 2. p. 673-692. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/lexicografia.pdf>>. Acesso em: mar. 2013.

_____. Tradição lexicográfica. In: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (Ed.). *Lexicografia bilingue: a tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa; Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011. p. 13-67.

VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (Org.). *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo do patrimônio lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo; GUILHERME, Ana. O modelo de descrição no dicionário histórico morfológico: o radical de alto. In: PELOS mares da língua portuguesa I. Aveiro: Universidade de Aveiro. [2014]. p. 523-532.

VOCABULÁRIO da carta de Pero Vaz de Caminha: seguido da reprodução fac-similar e da leitura diplomática do manuscrito autógrafo. Preparado por Sílvio Batista Pereira. [S.l.]: Instituto Nacional do Livro, 1964. (Dicionários da Língua Portuguesa, Textos e Vocabulários, 3).

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. *Uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe Renné Marie (Orgs.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011.

ZGUSTA, Ladislav. *Manual of lexicography*. Prague: Academia; Paris: Mouton, 1971.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Laura Aparecida Ferreira do Carmo

O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX

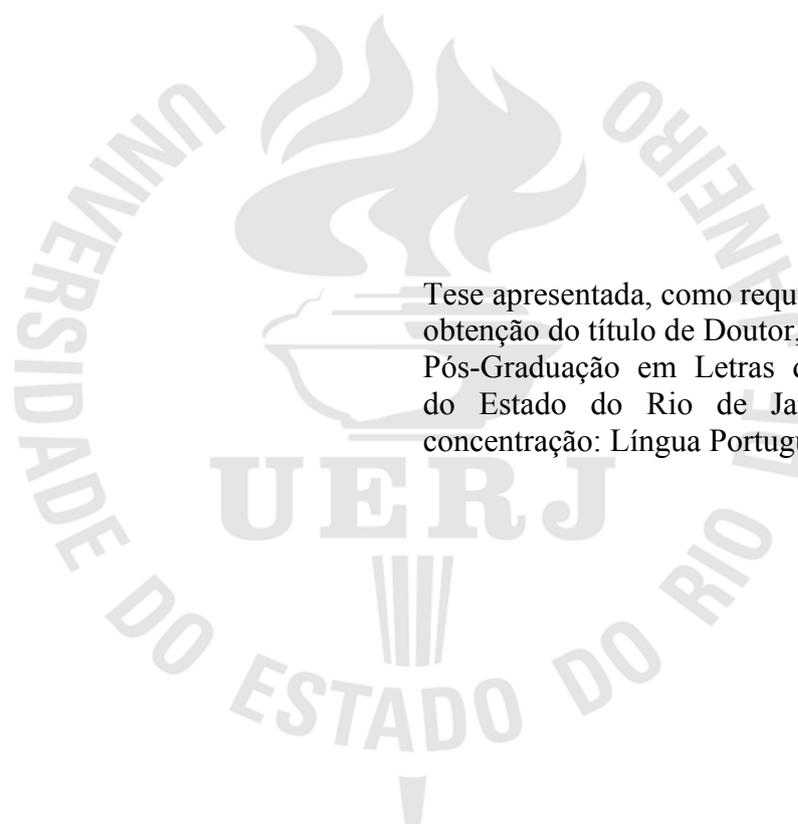
t.2

Rio de Janeiro

2015

Laura Aparecida Ferreira do Carmo

O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C287 Carmo, Laura Aparecida Ferreira do.
O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX
/ Laura Aparecida Ferreira do Carmo. – 2015.
2 t.: il.

Orientador: André Crim Valente.

Coorientador: João Paulo Silvestre.

Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Lexicografia – Teses. 2. Língua portuguesa - Vocabulários,
glossários, etc. – Teses. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino – Teses. 4.
Língua portuguesa – Brasil – Teses. 5. Língua portuguesa – Dicionários –
Séc. XIX – Teses. I. Valente, André Crim. II. Silvestre, João Paulo. III.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. IV. Título.

CDU 806.90-3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CA *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, de Caldas Aulete. 1881.
- CF2 *Novo dictionário da língua portuguesa*, de Candido de Figueiredo. 2ª. ed. 1913.
- DA *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 5ª. ed. 2010.
- DH *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar. 1ª. ed. 2001.
- DL1 a DL5 *Diccionario encyclopedico* ou *Novo dictionario da lingua portugueza*, de D. José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda. DL1 = 1ª. ed. 1858-1859; DL2 = 2ª. ed. 1860; DL3 = 3ª. ed. 1862; DL4 = 4ª. ed. 1874; DL5 = 5ª. ed. 1878.
- DV *Grande dictionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*, de Domingos Vieira. 1871-1874.
- EF2 a EF4 *Novo dictionario da lingua portuguesa*, de Eduardo de Faria. EF2 = 2ª. ed. 1850-1853; EF3 = 3ª. ed. 1855-1857(?); EF4 = 4ª. ed. 1859.
- MS2 a MS10 – *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva. MS2 = 2ª. ed. 1813; MS3 = 3ª. ed. 1823; MS4 = 4ª. ed. 1831; MS5 = 5ª. ed. 1844; MS6 = 6ª. ed. 1858; MS7 = 7ª. ed. 1877-1878; MS8 = 8ª. ed. 1889/1890-1891; MS9 = 9ª. ed. sem data, prov. final do séc. XIX e início do XX; MS10 = 10ª. ed. 1949-1958.
- PDLB – *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 1938.
- SC – *Novo dictionario critico e etymologico da lingua portugueza*, de Francisco Solano Constancio. 1836.
- nb – não identificado como brasileirismo
- SRacp – sem registro da acepção (o dicionário dá entrada à forma, mas não registra a acepção [unidade lexicográfica em foco])
- SRF – sem registro da forma (o dicionário não dá entrada à forma)

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	SOBRE O OBJETO DE ESTUDO: OS <i>BRASILEIRISMOS</i>	18
1.1	A palavra <i>brasileiro</i>	18
1.2	Revedo conceitos de <i>brasileirismos</i>	24
1.3	<i>Brasileirismos</i> neste estudo	32
2	DICIONÁRIOS EM PORTUGAL E NO BRASIL	34
2.1	Dicionários portugueses: bilíngues e monolíngues	35
2.1.1	<u>Dicionários práticos ou escolares</u>	38
2.1.2	<u>Dicionários enciclopédicos ou universais</u>	39
2.1.3	<u>Dicionários portugueses e o Brasil</u>	40
2.2	Sobre a dicionarização do léxico brasileiro	41
2.2.1	<u>Dicionários de <i>brasileirismos</i></u>	52
3	CÂNONE LEXICOGRÁFICO DO SÉCULO XIX: SEIS DICIONÁRIOS E SUAS REEDIÇÕES	59
3.1	Percurso editorial e autoria	60
3.1.1	<u>Dicionário de Moraes – MS</u>	60
3.1.2	<u>Dicionário de Solano Constâncio – SC</u>	65
3.1.3	<u>Dicionário de Eduardo de Faria – EF</u>	67
3.1.4	<u>Dicionário de Lacerda – DL</u>	69
3.1.5	<u>Dicionário de Domingos Vieira – DV</u>	70
3.1.6	<u>Dicionário de Caldas Aulete – CA</u>	72
3.1.7	<u>Dicionário de Cândido de Figueiredo (CF) e o fim do ciclo Moraes</u>	75
3.2	Reverências e críticas à tradição lexicográfica	80
3.3	Macro e microestrutura dos dicionários de Moraes e de Aulete	84
3.3.1	<u>Aulete, Moraes e os dicionários de <i>brasileirismos</i></u>	91
3.4	Marcas de uso diatópico	96
3.5	Algumas conclusões: similaridades e diferenças entre os dicionários ...	102
4	O <i>CORPUS</i>	108
4.1	Constituição do <i>corpus</i>	108
4.2	Buscas sugeridas pelo <i>corpus</i>: equivalentes, remissões, cognatos	114
4.3	Três casos à parte: animais, plantas e grupos indígenas	115

5	O REGISTRO DOS TERMOS BRASILEIROS: ANÁLISE DOS VERBETES	121
5.1	Origem dos brasileirismos	122
5.2	Brasileirismos semânticos	130
5.3	Variedade lexical no Brasil	141
5.4	Campos semânticos, referentes apenas brasileiros e referentes compartilhados	150
5.4.1	<u>Novos verbetes, realidades compartilhadas</u>	160
5.5	Definição lexicográfica	162
5.5.1	<u>Tipos de definição</u>	164
5.5.1.1	Definições por processo direto	165
5.5.1.2	Definições por processo indireto	176
5.5.2	<u>Informações linguísticas e extralinguísticas</u>	180
5.5.3	<u>Distanciamento crítico: autoridades anônimas</u>	184
5.5.4	<u>Brasileirismos registrados em contexto de definição</u>	186
5.5.5	<u>Definições que se explicam à luz da tradição</u>	188
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
	REFERÊNCIAS	208
	ANEXO A- Dicionários de língua portuguesa no século XIX	220
	ANEXO B- Verbetes por dicionário	236
	ANEXO C- Brasileirismos registrados antes de MS7	244
	ANEXO D- Brasileirismos registrados a partir de MS7 e CA	277
	ANEXO E- Verbetes da língua comum que fazem referência a termos brasileiros	333

Comentários sobre os Anexos

Alguns verbetes são acompanhados de comentários e de marcações sugeridas pela metodologia de análise dos dados. As marcações destacam similaridades entre os dicionários.

Anexo A

- Trata-se de dados coletados nas páginas iniciais dos dicionários.

Anexo B

- Trata-se da lista com todos os lemas da letra “c” que contenham pelo menos uma acepção brasileira, em qualquer dos dicionários estudados, incluindo grupos indígenas.
- Os lemas estão listados em ordem alfabética e transcritos na grafia atual.
- Variantes gráficas foram agrupadas como único registro. Por exemplo *cheripá* e *chiripá*; *caborteiro* e *cavorteiro*.
- Os espaços em branco indicam a ausência do lema ou de acepção brasileira no dicionário. Acepções relativas a fauna e flora não foram consideradas.
- No caso de a palavra ou acepção existir no dicionário e não ser assinalada como brasileira, ela foi assinalada com “nb”.

Anexo C

- Trata-se da transcrição de verbetes que têm acepções brasileiras dicionarizadas antes de MS7. Contém verbetes iniciados pela letra “c”.
- Os verbetes serão transcritos integralmente em um anexo. Se além das acepções dicionarizadas antes de MS7 houver alguma consignada posteriormente (de MS7 para frente), ela será transcrita também no Anexo C. Por exemplo, a acepção “jogo athletico” em *capoeira*.

Anexo D

- Trata-se da transcrição dos verbetes que têm acepções brasileiras dicionarizadas pela primeira vez por MS7, MS8, MS9 ou por CA. Contém verbetes iniciados pela letra “c” e outros eventualmente comentados no correr da tese.
- Cada nova acepção é registrada em uma nova linha da tabela, para facilitar a consulta.
- No caso de a acepção em questão ter sido dicionarizada mas não marcada como termo do Brasil, ela foi incluída e assinalada como “nb”. Por exemplo, *caboclinha*, em MS8.

Anexo E

- Trata-se da transcrição de alguns verbetes da língua comum que fazem referência a termos brasileiros.

ANEXO A- Dicionários de língua portuguesa no século XIX

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
MS2 1813	Lisboa, Typographia Lacerdina. Com licença da Meza do Desembargo do Paço. Vende-se na loja de Borel e Borel, e Companhia.	<i>Diccionario da lingua portugueza</i> recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado, por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro . Offerecido ao muito alto, e muito poderoso Principe Regente N. Senhor	Na página de dedicatória ao Príncipe Regente, assinado por Borel, Borel, e Companhia: - valorização da língua e da literatura portuguesas, que nada tem a dever às outras línguas; - “anima-nos o mesmo afeto à Nação Portuguesa”, Na advertência “Ao leitor benévolo”: MS juntou explicações suas às informações retiradas em obras que utilizou como referência “ajuntei as explicações do Autor e também as minhas, porque como ele [Viterbo] reconhece, a cada um é licito abundar modestamente em seu sentido.” Informa que reproduz explicações de palavras que só acham em documentos manuscritos. Reproduz o “Prólogo da primeira edição” Inclui a “Epitome da grammatica portuguesa”	o autor
MS3 1823	Lisboa: Typographia de M. P. de Lacerda. Vende-se na loja de Borel Bores e Companhia	<i>Diccionario da lingua portugueza</i> recopilado de todos os impressos até o presente por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro . Offerecido ao muito alto, e muito poderoso Senhor D. João VI, rei de Portugal, Brazil e Algarve . Terceira edição, mais correcta e accrescentada de cinco para seis mil artigos, que levão este sinal * extrahidos dos Authores Classicos Portuguezes, com disvello e curiosidade.	Na página de dedicatória, assinado por Borel, Borel, e Companhia: “anima-nos o mesmo afeto à Nação Portuguesa”, Na “Advertência do editor”: “[...] conhecendo que a perfeição de um Dicionário provém da abundância e cópia larga dos termos e frases que constituem o fundo e capital do idioma” lançou mão dos dicionários consultados por MS2 ainda os posteriormente publicados, entre eles a edição do português e francês do professor Joaquim José da Costa e Sá. Recolha de palavras de diversas áreas do conhecimento e de palavras comuns usadas dos escritores clássicos “e frequentes na prática, e uso familiar” - valorização da língua e da literatura portuguesas, que nada tem a dever às outras línguas; O * teria sido usado para que os leitores tb. pudessem avaliar a legitimidade de tal inclusão. Os colchetes [] foram usados quando se juntou algum exemplo nos artigos do autor. Acrescida de cinco a seis mil artigos (informação em texto dos editores em MS4) Reproduz o “Prólogo da primeira edição”	Segundo Inocêncio (v. 1, p. 209), essa edição teria sido ampliada por Pedro José de Figueiredo.

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
MS4 1831	Lisboa, Na Imprensa Regia. Com licença. Vende-se na loja de Borel Borel e Companhia	<i>Diccionario da lingua portugueza</i> composto por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro . Quarta edição, reformada, emendada, e muito accrescentada pelo mesmo autor. Posta em ordem, correcta, e enriquecida de grande numero de artigos novos e dos synonymos por Theotonio José de Oliveira Velho	<p><u>No texto “Os editores” assinado por Borel, Borel, e Companhia:</u> Morais “enriqueceu o seu dicionário com quase todas as palavras e frases das Ordenações Afonsinas, e dos Inéditos, impressos depois que a Real Academia das Ciências de Lisboa deu à luz o seu primeiro tomo do Dicionário português, acrescentou muitos artigos novos e melhores explicações de outros, de tal forma que quase todos os artigos foram ampliados e emendados, e outros inteiramente novos [...] cuidamos em adquirir este precioso manuscrito, que constitui a maior parte do aumento de quase uma terça parte com que sai à luz esta quarta edição. [...]</p> <p>Ao mesmo tempo em que se publicava a terceira edição “o infatigável, e eruditíssimo Antônio de Moraes Silva preparava no sertão de Pernambuco os elementos de uma nova edição, e ali em horas furtadas à vida rústica, tornava a ler e conferir os autores capitaes da língua portuguesa [...]”</p> <p><u>No texto “Ao leitor benévolo”, provavelmente de Theotonio José de Oliveira Velho:</u> “foi preciso rever, corrigir, e levar aos lugares correspondentes as diferentes anotações e emendas, e aumentado com muitos artigos e sinônimos” “[...] querer limitar a língua clássica, pura, e correta ao ano de 1700 e tantos é estreitar as raias de uma linguagem viva formada sim, e assaz rica em eloquência e poesia, mas capaz de enriquecer-se nesses mesmos gêneros, e nas artes e ciências. Debaixo das suas corretas e clássicas analogias na frase, composição ou construção oque for bem adotado de novo será riqueza ganhada com discricção e bom juízo, qual o tiveram e tem muitos de nossos contemporâneos [...]</p> <p>- os acréscimos e anotações de Moraes foram feitos sobre MS2</p>	- O autor - Theotonio José de Oliveira Velho
SC1 1836	Paris, Angelo Francisco Carneiro, Editor Proprietario Vende-se em Casa de Rey e Belhatte, Livreiros de S. M. El Rei de Portugal	<i>Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza</i> compreendendo 1º todos os vocabulos da lingua usual, dos quaes muitos se não encontram em Bluteau e Moraes, com a definição clara e concisa	<p><u>No texto “Advertência” não assinada, provavelmente do autor:</u> “Resumindo o seu [de Bluteau] volumoso vocabulário e havendo rejeitado as muitas matérias estranhas que ele encerra, fez Moraes um notável serviço à nação, e seria indescupável ingratição da minha parte não confessar o muito que devo a ambos, se bem que me seja forçoso não dissimular as suas imperfeições, elas me pareceram ser tantas e tão graves, que julguei merecer a aprovação dos cultores da língua portuguesa oferendo-lhes um novo dicionário dela mais amplo, completo e</p>	O autor.

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
		<p>de cada hum e suas diversas acepções, justificadas por citações dos autores classicos quando o caso o pede; 2º os termos mais usados de sciencias, artes e officios; 3º os mais notaveis termos antigos e obsoletos cujo conhecimento he indispensavel para a intelligencia dos documentos antigos; 4º a synonymia, com reflexões criticas; 5º a etymologia analytica de todos os termos radicaes, expondo o sentido rigoroso das raizes primitivas latinas, gregas, etc.; 6º os prefixos, suffixos, desinencias ou terminações analysadas e explicadas; 7º observações sobre a orthographia e pronuncia dos vocabulos;</p> <p>Precedido de huma introdução grammatical por Francisco Solano Constancio</p>	<p>útil que os já existentes, posto que memos volumoso e mais cômodo no preço.”</p> <p>Qualidades que atribui ao dicionário: concisão, clareza, supressão de inutilidades para dar lugar a artigos de manifesta importância. Procurou não omitir acepção alguma, usada ou obsoleta dos vocábulos; atenção às acepções dos participios, adjetivados ou não, e que muitas vezes diferem das do verbo de que são derivados; separação de acepções ativas ou neutras dos verbos, um dos defeitos de Morais; nas citações dos clássicos, limitou-se àquelas que comprovam e justificam acepções menos usuais; “julguei excusado autorizar com passagens dos prosadores e poetas vozes e acepções universalmente admitidas, e contentei-me com frases de minha própria composição, ou extraídas de autor clássico, que não cito, por brevidade. Estas últimas são marcadas por asteriscos. [...] Muitos vocábulos ajuntei aos que se acham em Morais, principalmente termos científicos, mais para mostrar a maneira por que são formados e radicais gregos ou latinos que para enriquecer a obra, na qual a meu ver, não deveriam entrar senão os termos geralmente usados e não os de cada arte ou ciência. [...] Todavia conservei quase todos os termos que se acham em Bluteau e Morais, e muitos bem contra a vontade, mas receoso de ser increpado de os suprimir. Entre estes há muitos obsoletos que são meros erros de transcrição, mas como vem no Elucidário julguei acertado conservá-los para acautelar quem ler documentos antigos em manuscrito ou impresso [...]</p> <p>Para evitar confusão e facilitar ao leitor o consultar os artigos deste léxico, separei as principais acepções de um vocábulo, e fiz artigos separados dos homófonos derivados de radicais diferentes. Pus todo o esmero na clareza e concisão das definições [...]</p> <p>[A etimologia e o estudo dos radicais e afixos que formam as palavras são considerados conhecimentos imprescindíveis para o se desenvolver o trabalho lexicográfico, por isso propõe-se] “remontar à origem de todas as vozes da nossa língua, não me contentando com as palavras latinas que alteramos mais ou menos, mas analisando os radicais latinos e gregos [...]</p> <p>Não encontrando as raízes no latim, procurei-as no grego, no persa, sânscrito, céltico, teutônico, e outras línguas da mesma família [...].”</p>	

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
			Segue-se “Resumo da grammatica portugueza”, com 51 páginas.	
MS5 1844	Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha. Vende-se na Borel Borel e Companhia	<i>Diccionario da lingua portugueza</i> composto por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro . Quinta edição, aperfeiçoada, e acrescentada de muitos artigos novos, e etymologias.	<p><u>No texto “Prefácio” assinado por Borel, Borel, e Companhia:</u> - “obras deste gênero [...] jamais deixam de ser suscetíveis de melhoramentos, e acrescentamentos”; valeram-se de pessoas “identificadas em opiniões com o sábio autor”, “igualmente versadas na língua portuguesa” [...] vai acrescentada com grande cópia de vocábulos novos levando este sinal * todos os que não são de Moraes, mas sim dos diversos adicionadores; algumas definições que pareceram escuras foram supridas por outras mais inteligíveis; vários artigos se acham inteiramente refundidos e ampliados, outros postos em melhor ordem, mas sempre debaixo do mesmo sistema do autor, conservando-se o que é seu, como se pode ver em <i>água, amigo, tromba</i>, etc; são autorizados a maior parte dos vocábulos que o não estavam, e a outros que já o estavam se juntaram novas citações de clássicos reputados mais puros; muitas citações antigas foram verificadas nas edições primas dos clássicos, e achando-se erradas no texto, número de capítulo, ou página, foram cuidadosamente emendadas; não só conservamos nesta edição todos os sinônimos do Exmo. Sr. Dr. Fr. Francisco de S. Luiz, que vêm na quarta edição, mas ainda lhe acrescentamos os que lá faltavam, e bem assim algumas passagens do seu glossário sobre galicismos; mas entre os melhoramentos com que nos esforçamos de tornar esta edição superior às precedentes, deve-se talvez reputar como mais importante a menção das etimologias de um grande número de vocábulo; esta lembrança nos foi sugerida por vários literatos, que com razão reputam este conhecimento de suma importância em obras desta natureza [...] houve porém o cuidado de ter sempre reserva no que a arte etimológica tem de indefinido, arbitrário, e conjectural, para se darem só as origens legitimadas, ou quando muito as verossímeis, fugindo-se assim de uma ridícula ostentação emprestada em vãs etimologias, as quais o público sabe por experiência recente, que apenas lhe servem de divertimento [...]</p> <p>(segundo Inocêncio, teriam sido riscados artigos de Moraes e incluídos no seu</p>	Padre Antonio de Castro , ex Comissário dos Estudos em Portugal, que possuía exemplar do dicionário de Moraes com aditamentos; Agostinho Mendonça Falcão tinha manuscrito sobre o dicionário de Moraes, já aprovado pela Academia de Ciências de Lisboa; alusão a manuscrito de Moraes , postos em ordem (no dicionário) por Damazo

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
			lugar verbetes copiados de Constâncio)	Joaquim Luiz de Souza Monteiro , bacharel em letras.
Solano Constâncio 1845	[Não compulsado]	[Não compulsado]	[Não compulsado]	O autor
EF1 1849 [Real Gabinete]	Lisboa / Typ. Lisbonnense	<i>Novo dicionario da lingua portugueza</i> contendo todas as vozes da lingua portugueza antigas e modernas, com as suas varias accepções, accentuadas segundo a melhor pronuncia, etc. <u>Seguido de um dicionario de synonymos.</u>	[Não compulsado]	O autor
EF2 1850-1853	Lisboa, Typographia Lisbonense de José Carlos D'Aguiar Vianna.	<i>Novo dicionario da lingua portugueza</i> / o mais exacto e mais completo de todos os dictionarios até hoje publicados / contendo / todas as vozes da lingua portugueza, antigas ou modernas, com as suas varias accepções, accentuadas conforme a melhor pronuncia, e com a indicação dos termos antiquados, latinos, barbaros ou viciosos – os nomes proprios de geographia antiga e moderna. – Todos os termos proprios das sciencias, artes e officios, etc., e a sua definição <i>analytica.</i> /	<u>No texto “Prologo” assinado por Eduardo de Faria:</u> “Tenho convicção de que na publicação deste livro faço um grande serviço, porque, sendo os dois principais dicionários portugueses muito faltos de termos, é em vão que muitas vezes se recorre a eles. O do padre <i>R. Bluteau</i> , apesar de muito desenvolvido, nem sempre é exato; o de <i>Morais</i> é mais rico em termos, porém ambos estão longe de se poderem chamar completos. [...] Reuni todos os dicionários portugueses que pude alcançar; e tomando por base o melhor dentre eles acrescentei-lho todos os termos que não continha, e que achei noutros [...] Recorri aos tratados mais modernos de ciências e artes [...] seria um erro omitir esses termos; ainda que não autorizados por clássicos, eles são indispensáveis; são, como já disse, a prova do moderno progresso das ciências; além de que são derivados do grego e do latim [...] a sua riqueza [do dicionário] é ser exato, abundante, e compreender no menor espaço possível um dicionário mais completo de quantos até agora se tem publicado. [...]	

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
		<p><u>seguido de um / Diccionario de synonymos</u> / por / Eduardo de Faria / Fidalgo Cavalleiro da Caza de Sua Magestade e Cavalleiro da Ordem de Christo.</p> <p>//</p> <p>A Sua Magestade El-Rey / o senhor / Dom Fernando II / com o mais profundo respeito / O.D.C. / O Autor.</p>	<p>Pensei se deveria nele incluir todas as palavras, fossem elas de que natureza fossem, ou se unicamente admitiria um certo número delas. [...] O livro que eu tomei a peito oferecer deve forçosamente conter todos os termos de uso. Isto é, todas as classes da sociedade devem ser nela representadas, e cada uma delas encontrar ali o seu vocábulo especial. Um dicionário não deve ser unicamente um livro de boa sociedade, destinado ao uso das salas. [...] o dicionário de uma língua [...] é livro de toda a gente. Expressão completa do mundo social, deve conter todas as palavras que são do uso de todos. [...] Desprezar por exemplo o vocabulário das artes e ofício, é desprezar a linguagem essencial da civilização; porque não é pelas letras nem pelas ciências qque a civilização começou, mas sim pelos ofícios. [...] A nossa nomenclatura é pois a mais abundante, a mais rica que até hoje se tenha encontrado em dicionário algum. E fácil será ao público convencer-se desta verdade, quando souber que, não contente de tirar de todos os dicionários portugueses conhecidos as palavras que eles tinham registrado nas suas colunas, fui ainda procurar as que lhes faltavam nos livros de todos os gêneros, excursões fortuitas e vagabundas que me tem custado longas horas de trabalho assíduo e constante, e de vontade forte e inabalável.</p> <p>[...]</p> <p>Se muito aumentei o dicionário na sua nomenclatura, não fui menos cuidadoso no que diz respeito às infinitas acepções em que a mesma palavra pode ser tomada. [...] Aos sinônimos comparados crescentei muitas vezes os sinônimos simples, isto é, as palavras que em grande número de casos se podem empregar umas por outras [...]</p> <p>Seguem-se uma “Introdução” acerca do caráter das línguas e um “Resumo de grammatica portugueza”.</p>	
EF3 1855-1857 Confirmar, na FCRB, se folha de rosto é igual	Lisboa: Typographia Lisbonense de José Carlos D’Aguiar Vianna.	<i>Novo dictionario da lingua portugueza</i>	[Não compulsado.]	O autor.

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
MS6 1858	Lisboa, Typographia de Antonio José da Rocha. Vende-se no Armazem de Livros de Borel Borel e Companhia.	<i>Diccionario da lingua portugueza</i> composto por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro . Sexta edição, melhorada, e muito accrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.	<u>No texto “Prefacio” assinado por Borel, Borel, e Companhia:</u> “ Agostinho de Mendonça Falcão [...] empreendendo a leitura pausada e minuciosa deste dicionário, indicou várias passagens duvidosas para serem cotejadas com o manuscrito original de Antonio de Moraes Silva [...]; verificou muitas citações nos clássicos; ampliou algumas destas, acrescentou outras para aclarar mais as definições das palavras, e além de emendar erros que encontrou, adicionou uma cópia imensa de termos, principalmente pertencentes a muitas ciências e artes , definidos por ele, e quase todos autorizados com os escritores portugueses mais acreditados nestas ciências e artes, e que deles fizeram uso.[...] Há artigos novos e observações sobre ortografia que são melhoramentos devidos “à aquisição que fizemos de um exemplar da primeira edição deste dicionário, muito adicionado e anotado por um egresso de uma ordem religiosa, donde foram extraídos por faltarem em todas as edições, particularmente no que respeita a termos de linguagem vulgar, aliás já admitidos hoje, e por ventura autorizados.” Agradecem o auxílio de “muitas outras pessoas, com justo fundamento apaixonadas da bela língua portuguesa [...] especialmente nos significados que faltavam em muitas palavras e sobre sinônimos.” [...] Contém “cerca de 10.000 artigos, que não se acham nas precedentes, mas ainda muitos significados novos, e outros aditamentos,e correções.” - Reproduz o “Prefácio da quinta edição” e o “Prólogo da primeira impressão”.	Agostinho de Mendonça Falcão (juiz, juriconsulto, filólogo, sábio, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa) - o autor: várias passagens duvidosas foram cotejadas com o manuscrito original de Antonio de Morais Silva.
EF4 1859**	Rio de Janeiro : Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C.	<i>Novo diccionario da lingua portugueza / o mais exacto e mais completo de todos os dictionarios até hoje publicados / contendo / todas as vozes da lingua portugueza, antigas ou modernas, com as suas varias accepções, accentuadas conforme a melhor pronuncia, e com a indicação dos termos antiquados, latinos, barbaros ou</i>	Repete-se ao “Prólogo” de EF2. Suprime-se a “Introdução” e mantém-se o “Resumo de grammatica portugueza”.	O autor.

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
		<p>viciosos / os nomes proprios de geographia antiga e modernas / todos os termos proprios das sciencias, artes e officios, etc., e a sua definição analytica. / <u>seguido de um / Diccionario de synonyms</u> / por / Eduardo de Faria / Moço fidalgo com exercicio da Casa de Sua Magestade Fidelissima e Cavalleiro nas Ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa. // A Sua Magestade Imperial / o Senhor Dom Pedro II / Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil / O.D.C. / O Autor</p>		
DL1 1858- 1859**	Lisboa / No Escritorio de Francisco Arthur da Silva / Editor- proprietario	<p><i>Diccionario da lingua portugueza</i> de Eduardo de Faria / quarta edição / para uso dos portuguezes e brasileiros / refundida, correcta e augmentada com grande numero de termos antigos e modernos / por / D. José Maria D'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda / do Conselho de Sua Magestade, deão da Sé Patriarchal de Lisboa, commissario dos estudos pelo conselho superior d'instrução</p>	<p><u>No texto "Aos leitores" assinado por D. José de Lacerda:</u> "Tomei a mim o penoso e arriscado encargo de rever, corrigir, expurgar [...] o NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA do Sr. Eduardo de Faria . [...] [...] a obra do Sr. Eduardo de Faria tem merecimento, o que sem justiça não pode negar-se [...] se por ventura não é em demasia árduo melhorar o que geralmente se reputa mau, sem dúvida o é aperfeiçoar que muitos julgam bom. [...] um dicionário de língua pátria, sendo livro indispensável a todas as pessoas, sem distinção de sexo, condição ou qualificação literárias, com tanto que não ignorem completamente as noções elementares da instrução primária, deve ajuntar, para que preencha cabalmente o seu fim, aos demais requisitos essenciais com escrupulo averiguados, o da barateza, faltando o qual, por mais perfeito que o dicionário seja, se torna inútil ao máximo número dos que mais o carecem. [...]</p>	<p>- Eduardo de Faria - Lacerda</p>

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
		<p>publica, reitor do Lyceu Nacional de Lisboa, antigo deputado ás Cortes da nação portugueza, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., etc., etc. / compreendendo / Todos os vocabulos devidamente accentuados, suas acceções e sentido, conforme a auctoridade dos nossos classicos. A etymologia de todos os termos radicaes, expondo o sentido rigoroso das raizes primitivas, latinas, gregas, etc. A interpretação dos termos que usavam os antigos escriptores, e que se acham mal definidos nos Diccionarios até hoje publicados. Uma introducção grammatical a mais completa e ao alcance de todas as intelligencias. Um vocabulario da lingua Tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brazil; / seguido de um / Diccionario de synonymos / com reflexões criticas</p>	<p>é certo que o dicionário de uma língua, pátria ou alheia, não pode atrever-se aos foros de DICIONÁRIO UNIVERSAL, sem arriscar-se a faltar ao que de rigor está obrigado, não chegando a ferir o alvo que mirara mais ambicioso do que prudente; e acaso poderia alguém, e não sem sombra de fundamento, queixar-se de que este achaque adoce o dicionário, cuja expurgação se intentou nesta quarta edição. A história sagrada e profana, a mitologia, a geografia, a medicina, o commercio etc. são províncias à parte, das quais só por abuso se poderiam aqui invadir as extremas, e usurpar as jurisdições. [...]</p>	
DL2 1860	Lisboa, Escritorio de Francisco Arthur da Silva			

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
DL3 1862	Lisboa, Escriptorio de Francisco Arthur da Silva			
SC8 1863	[Igual a SC1.]	<i>Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza</i> compreendendo [...] [Igual a SC1.]	Repete a “Advertencia” de SC1.	O autor.
SC9 1868	[Igual a SC1.]	<i>Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza</i> compreendendo [...] [Igual SC1.]	Repete a “Advertencia” de SC1.	O autor.
SC10 1873	[Igual a SC1.]	<i>Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza</i> compreendendo [...]		
DL4 1874	Lisboa : Escriptorio de Francisco Arthur da Silva, editor proprietário	<i>Diccionario encyclopedico</i> ou <i>Novo dicionario da lingua portugueza para para uso dos portugueses e brasileiros</i> / O mais exacto e mais completo de todos os dictionarios até hoje publicados. Correcto, e augmentado, n’esta nova edição com mais de 15.000 vocabulos contendo todas as vozes da lingua portugueza, antigas ou modernas, com as suas varias accepções, accentuadas conforme á melhor pronuncia, e com a indicação dos termos	No texto “Prologo da novissima edição”, não assinado: “Devemos pois o primeiro lexicon, digno de tal nome, mas nimamente extenso por causa das contínuas e intempestivas digressões, trazidas a miúdo pelo desejo de alardear erudição, e muito longe daquilo que hoje se exige em trabalhos de tal ordem [...] Longo seria enumerar os motivos, porque o dicionário do padre Bluteau poucos serviços pode atualmente prestar às letras. Não falando no pequeno número de exemplares, que dele aparece, acresce a falta de escrúpulo, com que o autor procede na autorização dos vocábulos, alegando indiferentemente a cada passo, ora com autores reputados clássicos pelo consenso geral, ora com outros de inferior nota, que devera não citar. [Enumera exigências e necessidades dos diferentes manuseadores dos dicionários.] Quer achar as etimologias, e talvez que tenha prazer em se embrenhar no labirinto das opiniões desvairadas, e às vezes ridículas dos	

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
		<p>antiquados, latinos, barbaros ou viciosos, uma introdução grammatical ao alcance de todas as intelligencias, biographia, historia e geographia antiga e moderna, todos os termos proprios das sciencias, artes e officios, etc., e a sua definição analytica.</p> <p>Seguido do Diccionario de synonymos com reflexões criticas por D. José Maria D’Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda do Conselho de Sua Magestade, Deão da Sé Patriarchal de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., etc.</p> <p>Quarta edição</p>	<p>etimologistas, fazenda tão abundante no <i>Diccionario</i> de Constâncio. A palavra parece latina; mas não será sânscrita, não poderá vir do copta ou persa? Quer também o erudito encontrar, e com razão, as acepções figuradas, os diferentes sistemas ortográficos, os provérbios, rifões e anexins: e quem sabe se mesmo se deleitará ao ver páginas e páginas cheias de citações e citações para provar a significação de uma palavra da qual ninguém duvida, pois é vulgaríssima e aceite por todos.</p> <p>Porém nem todos aspiram a tão grandes tesouros. O artista, o escriturário, o comerciante, e muita gente boa não remonta suas aspirações a tão grandes alturas. Querem pessoas achar num dicionário as significações triviais das palavras, pois lidam com os vivos, mais do que com os mortos; querem mesmo entender a significação desses nojentos galicismos, empregados diariamente, e que comprovam até à evidência a inutilidade até hoje dessas aulas decoradas com o pomposo título de <i>Aulas de Portugêes</i>.</p> <p>[...]</p> <p>Um dicionário não deve ser unicamente um livro de boa sociedade [...] o dicionário de uma língua, esse primeiro livro de toda a nação civilizada, é o livro de toda a gente. Expressão completa do mundo social, deve conter todas as palavras que são do uso de todos. [...]</p> <p>Se o dicionário aumentou muito na sua nomenclatura, não houve menos cuidado no que diz respeito às infinitas acepções em que a mesma palavra pode ser tomada.</p> <p>[...]</p> <p>O editor empregou todos os desvelos para que esta edição saísse corretíssima [...] o que para alguns será muito fácil conhecer, por se acharem já familiarizados com esta obra, que conta já quatro edições. Não será este fato tão pouco vulgar neste país a prova mais concludente de sua utilidade?”</p>	
SC11 1877	Paris, F. Belhatte, Livreiro de S. M. El Rei de Portugal	<i>Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza</i> compreendendo [...] [Igual SC1.]	Repete a “Advertencia” de SC1.	O autor.

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
MS7 1877-1878	Lisboa Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves - Editor	<i>Diccionario da lingua portugueza</i> por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro . 7ª. edição, melhorada, e muito accrescentada com grande numero de termos novos usados no Brasil e no portuguez da India	<p>No texto “Prefacio” assinado por Joaquim Germano de Souza Neves: “‘A obra de Moraes tornou-se assim um livro novo e ficou sendo a base essencial de todos os dicionários portugueses depois dele e até hoje aparecidos; [...] embora todos tenham contribuído, de um modo muito louvável, graças aos méritos de seus autores, para o progresso da lexicologia portuguesa. [...]” “Esta sétima edição vai consideravelmente aumentada em locuções, frases, acepções e termos que faltavam nas anteriores. Respeitou-se o texto de Moraes tanto quanto possível, corrigindo porém alguns erros que tinham escapado [...]. Do grande numero de termos novos acrescentados, uma parte considerável respeita ao Brasil, onde o Dicionario de Moraes é tão consultado; [...]” Essa inovação, cremol-a, será bem recebida por todos os que se interessam pelas cousas patrias. Os eruditos encarregados desses melhoramentos são tidos por muito competentes [...] [...]” Eliminamos todos os sinais que indicavam nas edições precedentes as adições feitas ao texto de Moraes. Os acrescentamentos feitos na presente edição são indicados pelo sinal * [...]</p> <p>- Reproduz o “Prefácio” da sexta e da quinta edições, bem como o “Prólogo” do autor à primeria.</p>	Não há menção a colaboradores. Joaquim Germano de Souza Neves assina o prefácio.
DL5 1878	Lisboa, no Escriptorio de Francisco Arthur da Silva, editor proprietário	<i>Diccionario encyclopedico</i> ou <i>Novo diccionario da lingua portugueza</i> para uso dos portugueses e brasileiros Correcto e augmentado, n’esta nova edição vocabulos contendo todas as vozes da lingua portugueza, antigas e modernas, com as suas varias acepções, accentuadas conforme á melhor pronuncia, e com a indicação	<p>No texto “Ao Publico”, assinado pelo Editor: “‘Tratando dos dicionários da língua portuguesa, diremos que cada um tem o seu merecimento e riquezas particulares; o leitor que consulte só um dicionário, priva-se de uma soma de recursos preciosos; mas se recorre a muitos, também se acha embaraçado com as várias opiniões que encontrará acerca das acepções e definições, e não menos da ortografia. Foi este embaraço que o autor do <i>Diccionario encyclopedico</i> tentou remover, tomando conhecimento de todo o material antigo e moderno, e colhendo dele o que encontrou de mais positivo e racional, tudo quanto achou mais adequado ao uso imediato e geral, amoldando sempre a autoridade clássica às modificações do uso, as leis filológicas às da sanção pública. Não foi desenterrar vocábulos de acepções muitas vezes</p>	Não informado.

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
		<p>dos termos antiquados, latinos, barbaros ou viciosos, biographia, historia e geographia, todos os termos proprios das sciencias, artes e officios, etc., e a sua definição analytica, com introducção grammatical, etc. Seguido do Diccionario de synonymos com reflexões criticas por D. José Maria D’Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda do Conselho de Sua Magestade, deão da Sé Patriarchal de Lisboa, soccio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., etc. Enriquecido com um copioso vocabulario da lingua brazilica e com outra da lingua tupy. Quinta edição</p>	<p>duvidosas, e outros mal definidos, que estão completamente esquecidos, e foram há muito substituídos por outros adotados pelo uso geral; não desprezou os termos mais vulgares que fossem, os modernamente introduzidos dos idiomas estrangeiros, porém que por serem diariamente usados tem uma acepção e definição determinadas na linguagem popular; não trabalhou para os sábios, mas para os que precisam saber, que é o seu maior número; reuniu um pecúlio de artigos que entendeu serem de immediata utilidade, e que o leitor deseja encontrar reunidos em um só livro [...]</p> <p>As ciências, a história antiga e moderna, as belas-artes, os officios, estão neste número profusamente representados; a geografia compreende a descrição dos impérios e reinos, das suas capitais e principais divisões, e a de Portugal e Brasil, as províncias, comarcas, distritos e freguezias com a sua população; a biografia abrange as vidas de grande número de homens notáveis estrangeiros, e as de todos os portugueses e brasileiros falecidos até hoje.</p> <p>A utilidade da obra, senão a sua excelência, está provada pelas cinco sucessivas edições [...]</p>	
CA 1881	Lisboa, Imprensa Nacional ou Lisboa, parceria Antonio Maria Pereira, Livraria Editora e Officinas Typographica e de Encadernação [informação colocada na folha de rosto por meio de etiqueta;	<i>Diccionario contemporaneo da lingua portugueza</i> , feito sobre um plano inteiramente novo	<p><u>No texto introdutório, assinado por Basilio Castelbranco:</u> Antônio Lopes dos Santos Valente “acompanhou e dirigiu até sua final conclusão, devendo-se a este ilustre homem de letras a inovação do plano no interesse da obra, por isso que a levou a um desenvolvimento que não estava no nosso programa, mas a que acedemos gostosamente [...]</p> <p>Os dicionários até hoje publicados têm o máximo defeito da falta de uniformidade e de coerência, ressentindo-se de pouco cuidado na revisão; e copiando-se uns aos outros quase sem critério algum. [...] o acrescentamento de muitos centos de palavras e frases que não estavam registadas em dicionário algum, a exemplificação delas com citações dos melhores escritores modernos, a notação científica nos termos de zoologia e de botânica, a grande cópia de noções gramaticais e muitos outros melhoramentos, dão à presente obra manifesta superioridade sobre todas as outras deste gênero [...]</p>	Caldas Aulete Antônio Lopes dos Santos Valente (coord.) Silva Bastos, Antonio Ennes, Xavier da Cunha, Raimundo Capela, Brito Rebelo, coronel Silva,

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
	Antonio Maria Pereira é a editora responsável pela segunda edição de CA em 1925]		<p><u>No texto “Plano”, assinado por J.F. Caldas Aulete:</u></p> <p>Sobre empréstimos: “Além do possante jazigo da língua latina, donde se tem extraído o maior número de palavras, que formam o tesouro do vocabulário português, existem pequenos veios, donde outras se tem tirado. Os principais são; 1º. As línguas estrangeiras, compreendendo por esta denominação o castelhano, o italiano, o francês, o inglês, o alemão, o árabe, o grego, o hebreu etc. 2º. A história, compreendendo por esta denominação os termos que se criaram em resultado de um acontecimento histórico. [...]</p>	general Pedro Leite, José Antonio de Freitas, Barros Lobo, Jose Antonio de Freitas e outros (de acordo com prefácio da 2. ed. de CA)
MS8 1889/1890- 1891	Editora – Empreza Litteraria Fluminense de A.A. da Silva Lobo. Séde – Rio de Janeiro Succursal – Lisboa Impressores: Lisboa, Adolpho, Modesto & Ca.	<p><i>Diccionario da lingua portugueza</i> por Antonio de Moraes Silva, (natural do Rio de Janeiro). Oitava edição revista e melhorada</p> <p>Há duas impressões do v. 1, uma com data de 1889 onde se lê: “nova edição revista e melhorada”. Não foram notadas alterações de conteúdo entre essas duas impressões. Para esta tese, usa-se a edição de 1890.</p>	<p><u>No texto “Ao público”, assinado por O Editor:</u></p> <p>“Desejoso de corresponder ao grande acolhimento com que a nossa casa tem sido animada, tanto em Portugal como no Brazil, em uma longa serie de annos, resolvemos publicar o famoso <i>Diccionario</i> [...] este é ainda hoje o primeiro Dicionário da nossa língua, o seu mais rico tesouro, não obstante o merecimento incontestável de alguns trabalhos, que sobretudo nos últimos annos têm enriquecido a lexicografia portugueza. Uma razão, porém, tem principalmente concorrido para que ele mantenha a sua superioridade. Os novos concorrentes, tendo bebido quase que exclusivamente nesta fonte, e querendo disfarçar essa origem, deixaram em seus trabalhos lacunas importantissimas já eliminando muitos termos, já restringindo muitas significações, já cortando os exemplos constantemente aduzidos de numerosos escritores, portuguezes e brazileiros, em que o Moraes se apoia [...].</p> <p>Mais de um motivo nos levou a empreender a publicação desta obra de tão grande fôlego. Fomos nós que há treze annos, ao começarmos a nossa casa no Brazil, ai levamos o Moraes, collocando cinco sextas partes do total da 7ª edição, que um nosso amigo fazia em Lisboa a esse tempo. Era pois do nosso dever, mantendo esta grata recordação, não deixar que por mais tempo os admiradores de Moraes, e os que avidamente procuram a lição do seu profundo saber, estivessem privados de tão poderoso recurso para o seu desenvolvimento intelectual, ou para o seu cultivo litterario.</p> <p>Não ha mais. A nossa casa tem a sua sede no Rio de Janeiro, e o lisonjeiro</p>	

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
			<p>apoio, que ahi temos constantemente recebido, obriga-nos a uma profunda gratidão. Assim, que maior prova de simpatia podíamos offerecer a quem devemos finezas accumuladas de tantos annos, do que procurar dar novo curso, e com maior lustre, à obra benemerita de um dos mais distinctos brasileiros, e que ao mesmo tempo é gloria e honra das letras portuguezas?</p> <p>Tendo feito estas considerações, não podíamos hesitar no difficil empreendimento. Para o realizar viemos expressamente á Europa, e pelo esforço de uma vontade energica conseguimos preparar a nova edição, que hoje temos a honra de apresentar ao publico illustrado das duas nações, que no antigo e no novo continente fallam a formosa lingua portugueza.</p> <p>[...]</p> <p>Aproveitando o progresso e o desenvolvimento da ciência linguística, revimos cuidadosamente o trabalho, fazendo com refletido e demorado estudo numerosas alterações, corrigindo-o, e ampliando-o, de maneira a não lhe poder ser disputado o primeiro lugar em crédito literário e autoridade científica.</p> <p>[...]</p> <p>Na revisão do texto houve o maior cuidado em reitirar definições, que tinham menos clareza, ou eram difusas, ou se revestiam de uma forma antiquada, e às vezes obsoleta. A muitas palavras acrescentaram-se novos significados, e aumentou-se o vocabulário com muitos termos novos, que o progresso em todos os ramos do saber humano tem introduzido na sociedade culta.</p> <p>[...]</p> <p>Não figurámos a pronuncia, porque não temos a pretensão de julgar a nossa melhor; indicando porém o accento tonico, damos quanto basta para se manter a unidade da lingua nas vastas e longinguas regiões em que é fallada.</p> <p>[...]</p> <p>Assim pois, tomando a nosso cargo, embora pesadissimo, este empreendimento, julgamos ter prestado um serviço, ainda que tenue e humilde, às letras portuguezas, e às letras brasileiras, aqui unidas e confundidas no amplexo mais fraternal.”</p> <p>- Reproduz o “Prólogo” do autor às primeira e segunda edições.</p>	

Dicionário e data de publicação	Dados de imprensa	Informações contidas na folha de rosto	Informações contidas nos textos de abertura	Colaboradores
MS9 sem data [189?-191?]	<p>Editora – Empreza Litteraria Fluminense de Santos, Vieira e Commandita, casa fundada em 1877 Lisboa</p> <p>Typographia da Companhia “A Editora” (Largo do Conde Barão, 50)</p>	<p><i>Diccionario da lingua portugueza</i> por Antonio de Moraes Silva. Nona edição revista e ampliada</p>	<p><u>No texto “Ao público”, assinado por Santos, Vieira & Commandita - Editores:</u> A firma Santos, Vieira & Commantida é sucessora de A.A. da Silva Lobo. “Procuramos, introduzindo vocabulos novos, que eles estivessem autorizados pelo uso dos que bem escrevem a língua e, suprindo omissões, corrigindo, ampliando e revendo cuidadosamente esta obra, torná-la acomodada a todas as exigências. [...] Nada alteramos desse trabalho, conservando-lhe o seu sabor original que, apesar de imperfeito para a nossa época, e discorde com as modernas teorias, é um fator importante de consulta para os estudos linguisticos e gramaticais. [...] o plano da nona edição do Diccionario da lingua portugueza de Moraes é igual ao da anterior, aumentada com os melhoramentos necessários em obras dessa natureza [...] Ocioso será portanto encarecer o mérito desta obra que por si própria se recomenda, e que, segundo esperamos, encontrará no público de Portugal e do Brasil e de todos os pontos do globo onde se fala a maviosa língua de Camões, um acolhimento generoso que nos faça aplaudir do arrojo do nosso empreendimento.”</p>	Não informado

ANEXO B- Verbetes por dicionário

Lemas	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
cadeira	MS2	MS3	MS4		MS5		MS6	nb		MS7		MS8	MS9
cadeira – cadeira de arruar	MS2	MS3	MS4	SC	MS5		MS6	DV		MS7		MS8	MS9
cadeirinha	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	nb	MS6	nb	nb	nb	nb	MS8	MS9
cadeirinha – pretos de cadeirinha	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	nb			MS9
cadena												MS8	MS9
cadiuêos										MS7		MS8	MS9
caetés						EF2			DL5	MS7		MS8	MS9
cafajestada												MS8	MS9
cafajeste												nb	MS9
cafezista										MS7	CA	MS8	MS9
cafiê												MS8	MS9
caftên e cafteten												MS8	MS9
caftina e cafetina												nb	MS9
caftismo													MS9
cafuné	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	nb	nb
cafuza/o, cafuz										MS7	CA	MS8	MS9
cagaçal			MS4	nb	nb	nb	nb	nb	nb	nb			
caga-sebo												MS8	MS9
cagoãs										MS7		MS8	MS9
caiabavas										MS7		MS8	MS9
caiapós			MS4			EF2	MS6		DL5	MS7		MS8	MS9
cãibro												MS8	MS9
cai-cai												MS8	MS9
caičara												MS8	MS9
caipira												MS8	MS9
caipirada												MS8	MS9
caipora			MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
caiporismo											CA	MS8	MS9
cairi												MS8	MS9
cairiri ou cariri						EF2			DL5				
caitetu ou caititu												MS8	MS9
caiuá										MS7		MS8	MS9
caiuvicena										MS7		MS8	MS9
caíva												MS8	MS9
calcanha										MS7		MS8	MS9
caldeirão										MS7	CA	MS8	MS9
caldeireiro	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	nb	MS6	DV	nb	MS7	CA	MS8	MS9
caldo										MS7		MS8	MS9
caldo – caldo de cana												MS8	MS9
calhambola canhambola e canhambora	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
caliz										MS7	CA	MS8	MS9
calombo										MS7	CA	MS8	MS9
calumbá										MS7	CA	MS8	MS9
calundu												MS8	MS9
calunga												MS8	MS9
calungueira												MS8	MS9
camafonje												MS8	MS9
camarada			MS4	nb	MS5		MS6	DV		MS7		MS8	MS9
camararés						EF2			DL5	MS7		MS8	MS9
cambão			MS4	nb	MS5	nb	MS6	DV	nb	MS7	nb	MS8	MS9

ANEXO B- Verbetes por dicionário

Lemas	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
caruru			MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	nb	MS8	MS9
casa - casa de maribondos												MS8	MS9
cascalho												MS8	MS9
caseira												MS8	MS9
casqueiro													MS9
catambuera, catanguera												MS8	MS9
catanduba										MS7		MS8	MS9
catanuixís										MS7		MS8	MS9
catapora			MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7		MS8	MS9
catapuias										MS7		MS8	MS9
catarinense												MS8	MS9
caterineta										MS7		MS8	MS9
catimbau	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7		MS8	MS9
catimpuera													MS9
catinga	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	nb	MS6	DV	nb	MS7	CA	MS8	MS9
catingar												MS8	MS9
catingueiro													MS9
cativo										MS7		MS8	MS9
catraia												MS8	
catucar										MS7		MS8	MS9
catupé										MS7		MS8	MS9
cauíla													MS9
cauim										MS7		MS8	MS9
cauperes										MS7		MS8	MS9
cavalariano												MS8	MS9
cavahada	nb	nb	nb	nb	nb	nb	nb	nb	nb	nb	CA	MS8	MS9
cavalinho										MS7	CA	MS8	MS9
cavalo – cavalo selado													MS9
caxambu												MS8	MS9
caxingar												MS8	MS9
cearense												MS8	MS9
cerca - cerca de arame												MS8	MS9
cerca – cerca de espinho												MS8	MS9
cercada													MS9
chá - chá mate			MS4		MS5		MS6			MS7		MS8	MS9
chácara		MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
chacareiro												nb	MS9
chacarinha								DV		MS7		MS8	MS9
chacarola												nb	MS9
chacriabás						EF2			DL5				
chagoteos										MS7		MS8	MS9
chalana												MS8	MS9
chamarrita													MS9
chamboqueiro													MS9
champrão						nb			nb	MS7		MS8	MS9
changueiro											CA	MS8	MS9
chapeado												MS8	MS9
chapeirão													MS9
charque	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
charque – charque de vento												MS8	MS9
charqueação												nb	MS9
charqueada								DV		MS7	nb	MS8	MS9

ANEXO B- Verbetes por dicionário

Lemas	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
charqueador												MS8	MS9
charquear								DV	nb	MS7	CA	MS8	MS9
charroás			MS4			EF2	MS6		DL5	MS7		MS8	MS9
charruás						EF2			DL5	MS7		MS8	MS9
chasqueiro											CA	MS8	MS9
chata												MS8	MS9
chavantes						EF2			DL5	MS7		MS8	MS9
chibarás									DL5				
cheripá e chiripá										MS7		MS8	MS9
chicha						EF2		DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
chila										MS7		MS8	nb
chilena												MS8	MS9
chimanos						EF2			DL5				
chimango										MS7			
chimarrão										MS7		MS8	MS9
chimbé												MS8	MS9
china										MS7		MS8	MS9
chininha												MS8	MS9
chinoca												MS8	MS9
chiqueiro			MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
chocolate – balas de chocolate												MS8	MS9
chocós										MS7		MS8	MS9
choradinho												MS8	MS9
chucro												MS8	MS9
chucurús										MS7		MS8	MS9
churrasco											CA	nb	MS9
churrasquear												nb	MS9
cica												MS8	MS9
cicica													MS9
cidade												MS8	MS9
cidra			MS4		MS5		MS6	DV		MS7	CA	MS8	MS9
cilhão											CA	MS8	MS9
cincerro											CA	MS8	MS9
cincha												MS8	MS9
cinchador													MS9
cinchão													MS9
cinchar												MS8	MS9
cipoal – meter alguém em cipoal			MS4	nb	MS5					MS7		MS8	MS9
cobra - cobra mandada			MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7		MS8	MS9
cocheira										MS7		MS8	MS9
cocho												MS8	MS9
coco			MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	nb	MS8	MS9
coevana										MS7		MS8	MS9
cogotilho												MS8	MS9
coivara												MS8	MS9
coivarar												MS8	MS9
cola - cauda												MS8	nb
cola – cópia												MS8	MS9
colhera												MS8	MS9
colinos										MS7		MS8	MS9
colomim – ver curumim	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
comanis										MS7		MS8	MS9
combocas										MS7		MS8	MS9

ANEXO B- Verbetes por dicionário

Lemas	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9
cutucão												MS8	MS9
cutucar												MS8	MS9
cuxá										MS7		MS8	MS9
cuxá – arroz de cuxá										MS7		MS8	MS9
senzala	MS2	MS3	MS4	SC	MS5	EF2	MS6	DV	DL5	MS7	CA	MS8	MS9

ANEXO C- Brasileirismos registrados antes de MS7

Lemas e comentários	Dicionários	Verbetes
cabaço (B semântico) Referente brasileiro e português. - mesma definição; - comparação Reino e Brasil só em MS4; - marcadores diastráticos : de chulo em SC a popular em MS9; - EF: influência de SC.	MS4	CABAÇO, s. m. [...] §. No Brasil dizem <i>cabaço</i> , ao que no Reino dizem <i>virgo</i> , virgindade .
	SC	CABAÇO, s. m. Fructo do Brasil [...] : it., t. chulo, virgo , virgindade : <i>perder o cabaço</i> .
	MS5	CABAÇO, s. m. [...] § No Brazil chamam <i>cabaço</i> , á flôr da virgindade das mulheres . § [...]
	EF2, DL5 nb	CABAÇO, s. m. Fructo do Brasil [...] – (chul.) virgindade , virgo : -- [...]
	MS6	CABAÇO, s. m. [...] § No Brasil chamam <i>cabaço</i> , á flôr da virgindade . § [...]
	DV	CABAÇO, s. m. [...] – Termo do Brazil. A flôr da virgindade .
	MS7	CABAÇO, s. m. [...] § No Brasil chamam <i>cabaço</i> , á flôr da virgindade das mulheres . § [...]
	MS8	CABAÇO, s. m. [...] § No Brazil chamam <i>cabaço</i> , á flôr da virgindade . § [...]
	MS9	CABAÇO, s. m. [...] § (t. pop. do Brazil) A virgindade . § [...]
caboclo -Origem: indígena B - referente apenas brasileiro;	MS4	*CABOCLO, adj. t. usad. no Brasil. De còr avermelhada, tirante a cobre. v. g. <i>panella</i> __. § Também usão este termo como subst., e designão com elle os Tapuyas .
	SC	CABOCLO, A, adj. (voz Brasilica), avermelhado, còr de cobre, v. g. <i>panella cabocla</i> ; it. s. 2. [?] Tapuia ou Tapuya , nome que se dá no Brasil não só aos indigenas em geral , em razão da còr de cobre da pelle.
	MS5, MS6	*CABÔCLO, A, adj. t. us. no Brasil. De còr avermelhada, tirante a cobre: v. g. <i>panella</i> –. § –, s. m. Tapuya , o gentio do Brasil. *CABOUCOLO, s.m. Nome injurioso que na America se dá aos Portuguezes casados com Indias , ou aos que nascem d'estes matrimonios . Foi prohibido o seu uso pelo <i>Alv. de 4 de Abr. de 1755</i> .
	EF2	CABÔCLO, A, <i>adj.</i> (termo us. do Brazil) de còr avermelhada, tirante a cobre. Também usam este termo como substantivo, e designam com elle os tapuyas .
	DV	CABÔCLO, s. m. (Termo do Brazil; indígena?) Tapuya ; prop. o <i>vermelho</i> ; vid. a palavra seguinte. CABÔCLO, <i>adj.</i> (Termo do Brazil). De còr avermelhada, tirante a cobre. CABOUCOLO, s. m. (Outra forma de <i>caboclo</i> .) Nome insultuoso, dado no Brazil aos portuguezes casados com mulheres de raça dos indigenas . Acha-se no Alvará de
	DL5	CABÔCLO, A, <i>adj.</i> (termo us. do Brazil) de còr avermelhada, tirante a cobre. Também usam este termo como substantivo, e designam com elle os tapuyas .
	MS7	CABÔCLO, A, <i>adj.</i> t. us. no Brasil: De còr avermelhada, tirante a cobre: v. g. <i>panella</i> –. § –, s. Tapuya , gentio do Brasil. § * [...] *CABOUCOLO, s.m. Nome injurioso que na America se dá aos Portuguezes casados com Indias , ou aos que nascem d'estes matrimonios . Foi prohibido o seu uso pelo <i>Alv. de 4 de Abr. de 1755</i> .
	CA	CABOCLO [...] <i>adj.</i> de còr de cobre; acobreado (no Brazil). F. nome de uma raça indígena do Brazil.

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS8	CABÓCLO, A, adj. (t. do Brazil) De côr avermelhada, tirante a cobre: v. g. <i>panella</i> –. § –, s. m. Nome que se dá no Brazil não só aos descendentes já civilizados dos aborígenes , como também aos mestiçados com a raça branca . § Em algumas provincias do norte chamam <i>caboclos mansos</i> aos aborígenes civilizados e <i>caboclos bravios</i> aos selvagens ; a estes chamam no Pará Tapuios , e no sul Bugres . § Deu-se este nome como injurioso aos Portuguezes casados com Indias , ou aos que nasciam d'esses matrimonios . Foi prohibido esse uso pelo <i>Alv. de 4. de abr. de 1755. § [...]</i>
	MS9	CABÓCLO, A, adj. (t. do Brazil) De côr avermelhada, tirante a cobre: <i>panella</i> cabocla. § –, s. m. (it.) Descendente já civilizados dos aborígenes , e também individuo mestiçado com a raça branca : no nordeste chamam <i>caboclos mansos</i> aos aborígenes civilizados e <i>caboclos bravios</i> aos selvagens : a estes chamam no Pará Tapuios , e no sul Bugres . § Deu-se este nome como injurioso aos Portuguezes casados com Indias , ou aos que nasciam d'esses matrimonios : foi prohibido esse uso pelo <i>Alv. de 4. de abr. de 1755. § [...]</i>
cabra B semântico - possível referente brasileiro e português;	MS2, MS3, MS4	nb
	SC nb	CABRA, s. m. filho ou filha de pai mulato, e de mãe preta, ou de pai preto e mãe mulata .
	MS5, MS6, MS7, MS8 nb	CÁBRA, s. f. [...] § O filho ou a filha de pae mulato, e mãe preta, ou ás avéssas . § [...]
	EF2, DL5 nb	CABRA, s. f. [...] :-- s. dos 2 g. filho ou filha de pai mulato e mãe preta, ou vice-versa .
	DV	nb
	MS9	CABRA, s. f. [...] § (t. do Brazil) O filho, ou filha de pae mulato e mãe preta, ou vice-versa . § [...]
cabuchão – em cabuchão (B semântico) Referente brasileiro e português	MS2	nb
	MS3	nb
	MS4, SC	nb nb
	MS7 nb	CABUCHÃO, s. m. [...] § Em cabuchão; de fôrma ôca, e cônica, como o capuz. <i>Antig. de Lisb. p. 18.</i>
	CA	CABUCHÃO [...] s. m. (brazil.): Em <i>cabuchão</i> , de fôrma occa ou conica . [...]
	MS8	nb
	MS9	nb
	caçabe ou çaçave Origem: espanhol sul-americano(?) Referente apenas brasileiro - ver comentários em 3.5.	SC nb
MS3, MS4, MS5, MS6, MS7, MS8, nb		CAÇABE, ou CASSAVE, s. m. Farinha grosseira da America, feita da raiz da mandioca . <i>H. N. 2. p. 355.</i>
EF2, DV, DL5, CA		nb
MS9		CAÇÁBE, s. m. (t. do Brazil) Farinha grosseira feita da raiz da mandioca; cassave . <i>H. N. 2. p. 355.</i>
cacetada Origem: Derivado	MS4	CACETÁDA, s. f. Brasil. Golpe com cacete .
	MS5	CACETÁDA, s. f. Brasil. Pancada com cacete .

Lema	Dicionário	Verbetes
de cacete	MS6	CACETÁDA, s. f. Brasil. Golpe com cacete.
	MS7 nb	CACETÁDA, s. f. Pancada com cacete.
cacete (B semântico)	MS4	CACÉTE, s. m. Brasil. Cachamorra (do Francez <i>Casse-tete</i> , quebra cabeça) pao curto com cabeça, arma, vulgo porrete, cachamorra curta.
Referente brasileiro e português	SC nb	CACETE, s. m. [...], porrete, cachaporra curta com cabeça. <i>Moraes pertende que estes dois termos são Brasilicos, e todavia dá a etymologia exacta do Francez. São Portuguezes, legitimos e antigos.</i>
	MS5, MS6, MS7	CACÉTE, s. m. t. Brasil. (abbrev. do Fr. <i>casse-tête</i> , quebra-cabeça) Páo curto com cabeça; arma, cachamorra curta.
	EF2, DL5, DV, CA	nb
	MS8 Acepção nova.	CACÉTE, s. m. [...] § No Brazil chama-se <i>cacete</i> ao indivíduo que amola, que aborrece, que enfada, que não larga uma pessoa, que é massante, que é carraça.
	MS9	CACÉTE, s. m. [...] Indivíduo que aborrece, que é maçante, que é carraça
cachaça (B semântico)	MS2, MS3	CACHAÇA, s. f. Vinho das borras. §. No Brasil, Aguardente do mel , ou borras do meloço. §. A espuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das cannas na caldeira, onde se alimpa, para passar ás tachas.
Referente brasileiro e português	MS4	CACHAÇA, s. f. Vinho das borras. §. No Brasil, Aguardente do mel , ou borras do meloço. §. <i>it.</i> Escuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das cannas na caldeira, onde se alimpa, para passar ás tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal, ou cinzas.
- EF e DL valem-se das mesmas informações que SC.	SC	CACHAÇA, s. f. [...]; no Brasil, aguardente das borras do meloço. <i>it.</i> espuma grossa que na primeira fervura se tira do succo das cannas na caldeira.
	MS5	CACHAÇA, s. f. [...] § No Brasil, Aguardente do mel , ou borras do meloço. § <i>it.</i> Escuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das canas na caldeira, onde se alimpa, para passar ás táchas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal, ou cinzas. <i>Conc. f. 111.</i> ?? “cobro de <i>cachaça</i> ”
	EF2, DL5 nb	CACHAÇA, s. f. (talvez seja deriv. de <i>cacho</i> de uvas e des. <i>aça</i> pejorativa) aguardente que se obtem pela distillação do meloço; vinho feito das borras;
	MS6, MS7	CACHAÇA, s. f. [...] § No Brasil; Aguardente do mel , ou borras do meloço. § <i>Cachaça</i> ; Escuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das canas na caldeira, onde se alimpa, para passar ás táchas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal, ou cinzas. <i>Canc. f. 111.</i> ?? “cobro de <i>cachaça</i> ”.
	DV	CACHAÇA, s. f. (?) Vinho das borras. == <i>Empregado por Sá de Miranda.</i> – Termo do Brazil. Aguardente de mel , ou borras de meloço; escuma grossa, que se separa do succo das cannas do assucar na primeira fervura nas caldeiras, antes de passar ás tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal ou cinzas.
	CA	CACHAÇA [...] s. f. (brazil.) espuma grossa que se tira das caldeiras na primeira fervura do succo da canna quando se fabrica o assucar. Aguardente ordinaria extrahida das borras do meloço e das limpaduras do succo da canna de assucar. [Tambem se chama tafia .]
	MS8 Acepção nova.	CACHAÇA, s. f. [...] § (no Brazil) Aguardente ordinaria , extrahida do mel, ou borras do meloço , e das limpaduras da canna de assucar. § <i>Cachaça</i> ; espuma grossa, que, na primeira fervura se tira do succo das cannas na caldeira, onde se alimpa, para passar ás tachas, depois de bem depurado, e ajudado com a decoada de cal ou cinzas: <i>Canc. f. 111</i> v. “cobro de <i>cachaça</i> ”.

Lema	Dicionário	Verbetes
		§ Prazer habitual; goso <u>que se toma de fazer alguma coisa</u> <u>por habito, por costume, por paixão</u> : <i>a minha cachaça é aos domingos comer, beber e jogar com tres ou quatro amigos.</i>
	MS9	CACHÁÇA, s. f. [...] § (no Brazil) Aguardente ordinaria, <u>extrahida do mel</u> , ou <u>borras do melaço</u> , e <u>das limpaduras da canna de assucar</u> . § (it.) Espuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das cannas na caldeira, onde se limpa, para passar ás tachas, depois de bem depurado, e ajudado com a decoada de cal ou cinzas: “cobro de –”. Canc. f. 111 v. § (fig.) Prazer habitual; goso <u>que se toma em fazer alguma coisa</u> <u>por habito, por costume, por paixão</u> : <i>a minha cachaça é aos domingos comer, beber e jogar com tres ou quatro amigos.</i>
cachaceira Origem: derivado de cachaça Referente brasileiro e português	MS4 nb	CACHACEIRA, s. f. [...] §. Lugar , onde se apara, e ajunta a cachaça, que se tira das caldeiras d’assucar, quando se alimpão da cachaça.
	SC nb	CACHACEIRA, s. f. [...]; lugar onde se apara e ajunta a cachaça que se tira das caldeiras de assucar, quando se limpam d’ella.
	MS5, MS6, MS7 nb	CACHACEIRA, s. f. [...] § Lugar , onde se apara, e ajunta a cachaça, que se tira das caldeiras d’assucar, quando se alimpam da cachaça
	EF2, DV, DL5	nb
	CA	CACHACEIRA ² [...] s. f. (brazil.) deposito onde se junta a cachaça que se tira das caldeiras do assucar. F. [...]
	MS8 nb	CACHACEIRA, s. f. [...] § Logar onde se apara e ajunta a cachaça, que se tira das caldeiras do assucar, quando se alimpam da cachaça.
	MS9	CACHACEIRA, s. f. [...] § (t. do Brazil) Logar onde se apara e junta a cachaça que se tira das caldeiras do assucar, quando estas se limpam.
cachear (B semântico) Referente brasileiro e português	MS4	CACHEÁR, v. n. Lançar o fructo em cachos, como a parreira; no Brasil dizem que o <i>arroz cachea</i> , por espigar , assim <u>como a parreira espiga</u> o que depois veim a ser agraço, e ultimamente amadurece em cachos, espigas.
	SC nb	CACHEAR, v. abs. ou n. [...] lançar o fructo cachos como a bananeira, o arroz, a videira. <i>As bananeiras cachêão, o arroz cachêa.</i>
	MS5, MS6, MS7	CACHEÁR, v. n. Lançar o fruto em cachos, como a parreira; no Brasil dizem que o <i>arroz cacheia</i> , para dizerem que espiga , assim <u>como a parreira espiga</u> o que depois vem a ser agraço, e ultimamente amadurece em cachos, espigas.
	EF2	nb
	DV	CACHEAR, v. n. (Der. de...) Cobrir-se de cachos, dar cachos como a parreira. Segundo Moraes, no Brasil dizem que o <i>arroz cachea</i> , para significarem que espiga como a parreira .
	DL5	nb
	CA	CACHEAR [...] v. int. encher-se ou cobrir-se de cachos. [Diz-se das vinhas quando os seus racimos limpam da flor e começam os bagos a apparecer] No Brazil diz-se do arroz quando começa a espigar . (Flex.) [...]
	MS8	CACHEÁR, v. intrans. Lançar o fructo em cachos, como a parreira. § No Brazil dizem que o <i>arroz cacheia</i> , para dizerem que espiga , assim <u>como a parreira espiga</u> o que depois vem a ser agraço, e ultimamente amadurece em cachos, espigas.
	MS9	CACHEÁR, v. intrans. [...] § No Brazil dizem que o <i>arroz cacheia</i> , para dizerem que começa a espigar .
cacimba Origem: Empréstimo africano	MS2, MS3 MS4	CACÍMBA, s. f. Cova que se faz em logar humido, <u>para nella se ajuntar agua que reçuma</u> ; .
	SC	CACIMBA, s. f. (t. Brasil.), cova que se faz junto ás bordas dos rios, e em terras pantanosas, <u>para nella ajuntar a agua que reçuma</u> ; [...]

Lema	Dicionário	Verbetes
Referente brasileiro e português - EF e DL	MS5, MS6	CACÍMBA, s. f. (do Ambundo <i>quichima</i> , poço) Cova que se faz em lugar humido, para nella se ajuntar agua, que reçuma; fazem-se junto ás praias, e lenteiros.
	EF2, DL5	CACIMBA, s. f. (termo do Brazil) cova que se faz em logar humido para nella se ajuntar a agua que reçuma; [...]
	DV, MS7, CA	nb
	MS8, MS9 nb	CACÍMBA, s. f. (do Ambundo <i>quichima</i> , poço) Cova que se faz em lugar humido, junto ás praias ou em lenteiros, para nella se ajuntar agua. que reçuma. § [...]
caçuá Origem: controversa	MS2, MS3, MS4, MS5, MS6	CASSUÁ, s. m. Usa-se de commum no plur. Cestos de sipós rijos , da feição de uma canastra sem tampa, com aselhas do mesmo sipó, para dellas se pendurarem nas cangalhas; nestes <i>cassuás</i> se levão cargas de coisas miudas em bêstas: t. usual no Brasil; <i>um par de cassuás</i> : um <i>cassuá cheyo de feijão</i> , de arroz, de milhos, de melancias, etc. os dois <i>cassuás cheyos</i> fazem uma carga cavallar.
	SC	CASSUÁ, s. m. pl. mais usado no pl. <i>Cassuás</i> (t. Brasil.) cestos de sipós rijos com azelhas, de feição de canastra sem tampa; servem de levar cargas de cousas miudas em bestas, pendurando-se pelas azelhas nas cangalhas.
	EF2, DL5	CASSUÁS, s. m. pl. (termo do Brazil) ceirões, canastras sem tampa, feitas de cipó, que se põem sobre as bestas de carga.
	DV	CASSÚA, s. m. (Palavra tupy). Termo do Brazil. Cesto de cipós rijos , da fôrma de uma canastra sem tampa, com azelhas também de cipó, pelas quaes se penduram cangalhas. -- De dous <i>cassúas</i> cheios faz-se uma carga cavallar. == Moraes.
	MS7, MS8	CASSUÁ, s. m. (t. us. no Brazil, e mais no pl.) Cesto de sipós rijos , da feição de uma canastra sem tampa, com azelhas do mesmo sipó, para se pendurar nas cangalhas; n'estes <i>cassuás</i> se levam cargas de cousas miudas em bêstas: v. g. <i>um par de cassuás</i> : um <i>cassuá cheio de feijão</i> , de arroz, de milho, de melancias, etc. Os dois <i>cassuás</i> cheios fazem uma carga cavallar. § Especie de rede de pescar de malhas largas.
	CA	CASSUÁ [...] s. m. (brazil.) ceirão para carga feito de cipó e imitante a uma canastra.
	MS9	CASSUÁ, s. m. (t. do Brazil) Cesto de sipós rijos , semelhante a uma canastra sem tampa, e com azelhas dos mesmos sipós, para se pendurar nas cangalhas: serve para levar cargas miudas em cavalgaduras: <i>um cassuá de feijão</i> , de arroz, de milho, etc.: dois <i>cassuás</i> cheios fazem uma carga cavallar. § (it.) Especie de rede de pescar , de malhas largas.
cadeira (B semântico) Referente brasileiro e português	MS2	CADÊIRA, s. f. Movel em que nos sentamos para descansar o corpo [...] §. No Brasil usão <i>cadeiras</i> com dois braços, ou um só, levadas por dois pretos, umas todas fechadas com cortinas, e são de <i>rebuço</i> , ou as ordinarias, que tem vidraça diante, cortinas pelos lados, encosto de madeira, e são mais brincadas, e se dizem <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> , estes tem um braço só no alto, sostêm-no um escravo a um hombro de cada extremo do braço. §. [...] quase

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS3	CADÉIRA, s. f. Movei em que nos sentamos para descansar o corpo [...] §. No Brasil usão <i>cadeiras</i> com dois braços, ou um só, levadas por dois pretos, umas todas fechadas com cortinas, e são de <i>rebuço</i> , ou as ordinarias, que tem vidraça diante, cortinas pelos lados, encosto de madeira, e são mais brincadas, e se dizem <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> . §. [...] quase = MS4, exceto por “postigos”, ausente aqui; não tem informação final de MS2
	MS4	CADÉIRA, s. f. Movei em que nos sentamos para descansar o corpo [...] §. No Brasil usão <i>cadeiras</i> com dois braços, ou um só, levadas por dois pretos, umas todas fechadas com cortinas, e são de <i>rebuço</i> , ou as ordinarias, que tem vidraça diante, cortinas, ou postigos pelos lados, encosto de madeira, e são mais brincadas, e se dizem <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> , estes tem um braço só no alto, sostêm-no um escravo a um hombro de cada extremo do braço. §. [...]
	MS5	CADÉIRA, s. f. [...] § No Brasil usão <i>cadeiras</i> com dous braços, ou um só, levadas por dous pretos, umas todas fechadas com cortinas, e são de <i>rebuço</i> , ou as ordinarias, que têm vidraça diante, cortinas, ou postigos pelos lados, encosto de madeira, e são mais brincadas (estas tambem se usão em Portugal para conduzir pessoas doentes, etc.)
	MS6	CADÉIRA, s. f. [...] § No Brasil usam <i>cadeiras</i> com dous braços, ou um só, levadas por dous pretos, umas todas fechadas com cortinas, e são de <i>rebuço</i> , ou as ordinarias, que teem vidraça diante, cortinas, ou postigos pelos lados, encosto de madeira, e são mais brincadas (estas tambem se usão em Portugal para conduzir pessoas doentes, etc.) e se dizem <i>cadeiras, de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> , estes teem um braço só no alto, sustentão-no um escravo a um hombro de cada extremo de braço
	DV	nb
	MS7	CADÉIRA, s. f. [...] § No Brasil usam <i>cadeiras</i> com dous braços, ou um só, levadas por dous pretos, umas todas fechadas com cortinas, e são de <i>rebuço</i> , ou as ordinarias, que teem vidraça diante, cortinas, ou postigos pelos lados, encosto de madeira, e são mais brincadas (estas tambem se usam em Portugal para conduzir pessoas doentes, etc.) e se dizem <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> , estes teem um braço só no alto, sustentam-no um escravo a um hombro de cada extremo de braço.
	MS8	CADÉIRA, s. f. [...] § No Brazil usavam se <i>cadeiras</i> com dois braços, ou um só, levadas por dois pretos: umas todas fechadas com cortinas, e eram de <i>rebuço</i> ; e outras com vidraça adiante, cortinas, ou postigos pelos lados, encosto de madeira, e eram mais trabalhadas (estas tambem se usavam em Portugal para conduzir pessoas doentes, etc.) e diziam-se <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> .
	MS9	CADÉIRA, s. f. [...] § No Brazil usavam se <i>cadeiras</i> com dois braços, ou um só, levadas por dois pretos, umas fechadas com cortinas, para passear, etc., e eram de <i>rebuço</i> , e outras com vidraça adiante, cortinas, ou postigos pelos lados, encosto de madeira, e eram mais trabalhadas diziam-se <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> : tambem se usaram em Portugal para conducção de doentes, e chamavam-lhes geralmente <i>cadeirinha</i> . § [...][dic. contemporâneos, só registram a loc. cadeiras de arruar] não é B; IL? (2 acp.)
cadeira – cadeira de arruar Referente brasileiro e português	MS2, MS3, MS4, MS5, MS6	CADÉIRA, s. f. [...] <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> , estes tem um braço só no alto, sostêm-no um escravo a um hombro de cada extremo do braço. §. [...] quase
	SC	CADÉIRA, s. f. [...] <i>Cadeira de arruar</i> , no Brasil, especie de palanquim ; -- de <i>rebuço</i> , ou de <i>cortinas</i> , cadeirinha de passear levada por dois homens.
	DV	CADÉIRA, s. f. [...] – Cadeiras <i>d’arruar</i> , termo do Brazil: especie de palanquim .
	MS7	CADÉIRA, s. f. [...] <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> , estes teem um braço só no alto, sustentam-no um escravo a um hombro de cada extremo de braço.
	MS8	CADÉIRA, s. f. [...] <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> .

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS9	CADEIRA, s. f. [...] <i>cadeiras de arruar</i> , talvez <i>palanquins</i> : também se usaram em Portugal para condução de doentes, e chamavam-lhes geralmente <i>cadeirinha</i> . § [...][dic. contemporâneos, só registram a loc. cadeiras de arruar] não é B; IL? (2 acp.)
cadeirinha (B semântico) Referente brasileiro e português	MS2, MS3, MS4	CADEIRINHA, s. f. dim. de Cadeira, de sentar-se, ou a portatil do Brasil: <i>pretos de cadeirinha</i> lá, são os que as sabem carregar a commodo de quem vá nellas; e de bom lote. §. [...] =MS4
	SC	CADEIRINHA, s. f. dim. de Cadeira, cadeira pequena; it. cadeira portatil fechada, de cortinas ou vidraças, que antigamente sahião senhoras ou pessoas doentes em Portugal, e usada no Brasil para o mesmo fim; [...]
	MS5	CADEIRINHA, s. f. dim. de Cadeira (de sentar-se, ou a portatil do Brasil: V. Cadeira). § [...]
	EF2	nb
	MS6, MS7	CADEIRINHA, s. f. dim. de Cadeira (de sentar-se, ou a portatil do Brasil: V. Cadeira). § [...] § <i>Pretos de cadeirinha</i> , são os que as sabem carregar a commodo de quem vai n'ellas.
	DV, DL5, CA	nb
	DL5	nb
	CA	nb
	MS8	CADEIRINHA, s. f. dim. de Cadeira (de sentar-se, ou a portatil do Brasil: V. Cadeira). § [...] § <i>Pretos de cadeirinha</i> : eram os que sabiam carregar a commodo de quem ia n'ellas. (loc não é B)
	MS9	CADEIRINHA, s. f. dim. de Cadeira [...] § Cadeira portatil do Brasil, também usada em Portugal para condução de doentes. V. Cadeira. § [...] § <i>Pretos de cadeirinha</i> ; os que no Brasil conduziam a cadeira portatil.
cadeirinha – pretos de cadeirinha -Referente brasileiro e português - a caracterização física dos pretos “de bom lote” é apagada das edições de MS; mantém-se em SC e EF e DL - “os que” = pretos - profissão: definido pela função.	MS2, MS3, MS4	CADEIRINHA, s. f. [...] <i>pretos de cadeirinha</i> [lá], são os que as sabem carregar a commodo de quem vá nellas; e de bom lote. §. [...] =MS4
	SC	CADEIRINHA, s. f. [...] ; it. [...]. <i>Pretos de --, os que as conduzem</i> [no Brasil], e que são dos mais robustos, e alentados.
	MS5, MS6	CADEIRINHA, s. f. [...] § <i>Pretos de cadeirinha</i> , são os que as sabem carregar a commodo de quem vai n'ellas.
	EF2, DL5	CADEIRINHA, s. f. [...] <i>Pretos de --, pretos robustos e alentados que escolhem</i> [no Brasil] para levarem as cadeirinhas: -- [...]
	DV	CADEIRINHA, s. f. [...] -- <i>Pretos de cadeirinha</i> , termo do Brasil: os que sabem levar a cadeirinha a commodo de quem vai n'ellas (<i>Moraes</i>).
	MS7, MS8	nb
	MS9	CADEIRINHA, s. f. [...] <i>Pretos de cadeirinha</i> ; os que [no Brasil] conduziam a cadeira portatil.
cafuné Origem: africana	MS2 e MS3	CAFUNÉ, s. m. t. do Brasil. ch. Estalos , que se dão na cabeça, como quem cata.
	MS4, MS5, MS6 e MS7	CAFUNÉ, s. m. t. do Brasil. ch. Estalos , que se dão na cabeça, como quem cata, com as unhas, PARA ADORMECER.
	SC	CAFUNÉ, s. m. (t. Africano usado no Brasil, significa catar piolhos), estalinhos na cabeça com as unhas como quem cata e MATA PIOLHOS. Fazer --.
	EF2, DL5	CAFUNÉ, s. m. (termo burl. braziliense que significa catar e matar piolhos) estalo que se dá na cabeça de alguém com o dedo pollegar, como quem está catando; v. g., fazer --.
	DV	CAFUNÉ, s. m. (Palavra do Brasil). Estalos que se dão na cabeça com as unhas, PARA CHAMAR O SOMNO.

Lema	Dicionário	Verbetes
	CA	CAFUNÉ [...] s. m. usado na seguinte frase: Fazer <i>cafunés</i> , coçar de leve a cabeça de alguém, dando estalidos com as unhas PARA O ADORMENTAR. (Brazil.)
	MS8, MS9	nb
cagaçal Origem: vernacular Referente brasileiro e português	MS4	CAGAÇAL, adj. m. ou subst. Dizem no Brasil que é a <i>meretriz vil</i> , um --; talvez alterado de <i>cangaçal</i> , vil como o <i>cangaço</i> , que se bota fora, desprezível.
	SC nb	CAGAÇAL, s. m. [...], nome injurioso e por extremo grosseiro que se dá a meretriz imunda . <i>N.B. Eu não poria semelhante termo indigno de figurar em hum dictionario classico da lingua, se Moraes o não trouxesse, e não desarrazoasse sobre a sua etymologia, que elle inculca ser cangaço. O termo não he particular ao Brasil, mas Portuguez legitimo da rua da Madragoa.</i>
	MS5 e MS6 nb	CAGAÇAL, s. m. Nome de desprezo, e injuriosissimo, dado a meretrizes imundas ; corresponde a <i>vil meretriz</i> .
	EF2, DL5 nb	CAGAÇAL, s. m. (<i>cagar</i> , e <i>çal...</i>) termo injurioso e grosseiro que se dá a meretrizes imundas , ou extremamente feias .
	DV nb	CAGAÇAL – meretriz vil, prostituta da mais baixa escala .
	MS7 nb	CAGAÇAL, s. m. (*Monturo, logar onde se juntam excrementos, imundicies.) § Nome de desprezo, e injuriosissimo, dado a meretrizes imundas ; corresponde a <i>vil meretriz</i> .
caipora Origem: Indígena B Referente brasileiro e português	MS4	CAIPÓRA, s. f. Brasil. Lume fatuo , que aparece nas matas, e o vulgo diz que são almas de caboucos mortos sem bautismo.
	SC	CAIPÓRA, s.f. (voz Brasil.) luz fatua que aparece nos matos .
	MS5 e MS6	CAIPÓRA, s. f. t. Brasil. Lume fatuo , que aparece nas mattas, e o vulgo diz que são almas de caboucos mortos sem baptismo.
	EF2, DL5	CAIPÓRA, s. f. (termo brazil.) luz fatua que aparece nos matos .
	DV	CAIPORA, s. f. Termo do Brazil. Fogo fatuo , que aparece nas mattas, e o povo julga ser a alma d'algum cabouco morto sem baptismo. == <i>Coligido por Moraes.</i>
	MS7	CAIPÓRA, s. f. t. do Brasil: Lume fatuo , que aparece nas mattas, e o vulgo diz que são almas de caboucos mortos sem baptismo. § it. O que não tem felicidade nos seus negocios .
	CA	CAIPORA [...] s. m. (brazil.) fogo fatuo, phosphorescencia . -- adj. que tem azar; infeliz em tudo que intenta .
	MS8	CAIPÓRA, s. f. (t. do Brazil) Lume fatuo , que aparece nas mattas, e o vulgo diz que são almas de caboucos mortos sem baptismo. § O que não tem felicidade nos seus negocios; aquelle a quem tudo sae mal , que em tudo tem azar : <i>é um caipóra</i> .
MS9	CAIPÓRA, s. f. (t. do Brazil) Fogo fatuo , que aparece nas mattas; phosphorescencia . § (it.) Pessoa infeliz nos negocios, a quem tudo sae mal , que em tudo tem azar; tumba .	
caldeireiro (B semântico) Possível referente brasileiro e português - definidor genérico remoto:	MS2, MS3, MS4	CALDEIREIRO, s. m. O que faz caldeiras, tachos, e vasos de cobre, que vão ao fogo. §. Brasil. O que trabalha nos engenhos d'assucar, alimpendo as melladuras na caldeira .
	SC	CALDEIREIRO, s. m. [...]; it. no Brasil, o que trabalha nos engenhos d'assucar, alimpendo as melladuras na caldeira .
	MS5, MS6	CALDEIREIRO, s. m. [...] § t. Brasil. O que trabalha nos ingenhos d'assucar, alimpendo as melladuras na caldeira .

Lema	Dicionário	Verbetes
<p>“o que” repete-se em todos os dicionários. - onde trabalha: “engenhos de açúcar” - o que faz: “limpar...” - CA: altera o significado:</p>	EF2, DL5 nb	CALDEIREIRO, s. m. [...] ; o que trabalha nos engenhos de açúcar, <u>alimpando as melladuras na caldeira</u> .
	DV	CALDEIREIRO, s. m. [...] – Termo do Brazil. O que trabalha nos engenhos de assucar, <u>tendo por emprego limpar as melladuras na caldeira</u> .
	MS7, MS8	CALDEIREIRO, s. m. [...] § t. do Brasil. O que trabalha nos engenhos de assucar, <u>alimpando as meladuras na caldeira</u> .
	CA	CALDEIREIRO [...] s. m. [...] (Brazil) O que trabalha nas caldeiras de limpar o assucar. [...]
	MS9	CALDEIREIRO, s. m. [...] § (t. do Brazil) O que nos engenhos de assucar <u>limpa as meladuras na caldeira</u> .
<p>calhambola Origem: desconhecida ou controversa</p> <p>Referente apenas brasileiro</p>	MS2, MS3, MS4, MS5, MS6, MS7	CALHAMBOLA, s. c. O escravo, ou escrava, que fugio, e anda amontado, vivendo em quilombos: é termo usado no Brasil. <i>Orden. Collec. ao L. 4. T. 47. n. 1.</i> (De <i>Canhen-bora</i> , palavras da Língua geral Brasilica, o fugião, ou costumado a fugir.) =MS4
	SC	CALHAMBOLA, s. 2. (t. Brasil., corrupção de <i>canhen-bora</i> , costumado a fugir, na lingua dos indigenas) escravo ou escrava que fugio ao senhor e foi para o mato.
	EF2, DL5	CALHAMBÓLA, s. dos 2 g. (corrupção de <i>canhen-bora</i> , costumado a fugir, na lingua dos indigenas do Brasil) O escravo ou escrava que fugiu e anda pelos matos vivendo em quilombos.
	DV	CALHAMBÓLA, s. 2 gen. (Do tupy <i>canhembora</i> , o costumado a fugir). Termo do Brazil. O escravo ou escrava que fugio e anda amontado, vivendo em quilombos.
	CA	CALHAMBOLA [...] s. m. (brazil.) escravo fugitivo, que anda a monte pelo sertão.
	MS8	CALHAMBÓLA, s. 2 gen. (t. do Brazil) Dizia-se do escravo, ou escrava, que fugia, e andava amontado, vivendo em quilombos. <i>Ord Coll. ao L. 4. 47. 1.</i> (De <i>canhembora</i> , palavra da lingua geral brazilica, o costumado a fugir).
	MS9	CALHAMBÓLA, s. 2 gen. (de <i>canhembora</i> , voc. da lingua geral brazilica, o costumado a fugir) (t. do Brazil) Escravo, ou escrava que fugia, e andava amontado, vivendo em quilombos. <i>Ord Coll. ao L. 4. 47. 1.</i>
<p>camarada (B semântico)</p> <p>Referente brasileiro e português</p>	MS4, MS5	CAMARADA, s. f. Vivenda, e conversação de pessoas comensaes no mesmo rancho [...] §. Amasia , ou amasio “ella é sua –”; “ele é seu –”: t. us. no Brasil. §. O homem arranchando com outro, no rancho, ou quartel [...]
	SC nb	CAMARADA, s. m. e f. [...]; it. amasio , ou amasia .
	MS6, MS7	CAMARADA, s. 2 g. [...] § Amásia , ou amásio : “ella é sua <i>camarada</i> ” “elle seu <i>camarada</i> ” t. us. no Brasil.
	DV	CAMARADA, s. f. [...] – Termo do Brazil. Concubina , ou homem que vive com concubina .
	MS8	CAMARADA, s. 2 g. [...] § (no Brazil.) Homem assalariado <u>para servir de conductor de animaes</u> , ou <u>em trabalhos domesticos ou ruraes</u> . § [...] § Amásia , ou amásio : “ella é sua <i>camarada</i> ” “elle seu <i>camarada</i> ” t. us. no Brazil.
	MS9	CAMARADA, s. 2 g. [...] § (no Brazil.) Homem assalariado <u>para servir de conductor de animaes</u> , ou <u>em trabalhos domesticos ou ruraes</u> . § (it.) Amigo : <i>fulano é muito meu camarada</i> . § (it.) Amasia , ou amasio : <i>ella é sua camarada; elle é seu camarada</i> . § [...]

Lema	Dicionário	Verbetes
 cambão Origem: controversa Referente brasileiro e português Só em MS9, a 2ª. acp. é assinalada como Bras.	MS4	CAMBÃO, s. m. aument. de Cambo, gancho: no Brasil, a peça de páo aliás soles , <u>que se ajunta ao cabeçalho do carro, quando leva mais de uma junta</u> ; [...] §. Peça de madeira <u>atada á almanjarra</u> ; aos <i>cambões</i> vão atadas as cordas, ou tiradeiras por detrás das bestas, que tirão por ellas, para moverem as moendas dos engenhos d' assucar.
	SC nb	CAMBÃO, s. m. pl. <i>Cambões</i> , augm. de Cambo (arco), soles , peça de pao . <u>que se junta ao cabeçalho do carro quando elle é tirado por mais de uma junta de bois</u> . [...]
	MS5	CAMBÃO, s. m. augm. de Cambo: Gancho. § No Brazil, a peça de pau , aliás soles , <u>que se ajunta ao cabeçalho do carro, quando leva mais de uma junta</u> . § [...] § Peça de madeira <u>atada á almanjarra</u> ; aos <i>cambões</i> vão atadas as cordas, ou tiradeiras por detraz das bêstas, que tiram por ellas, para moverem as moendas dos ingenhos d' assucar. § [...]
	EF2, DL5	nb
	MS6	CAMBÃO, s. m. augm. de Cambo, Gancho §. No Brazil, a peça de páo , aliás soles , <u>que se ajunta ao cabeçalho do carro, quando leva mais de uma junta</u> . [...] §. Peça de madeira <u>atada á almanjarra</u> ; aos <i>cambões</i> vão atadas as cordas, ou tiradeiras por detrás das bestas, que tirão por ellas, para moverem as moendas dos engenhos de assucar.
	DV	CAMBÃO, s. m. Augmentativo de Cambo. Gancho. – Termo do Brazil. Peça de páo <u>que se junta ao cabeçalho do carro quando leva mais de uma junta</u> . -- [...] -- Peça de madeira <u>que se liga á almanjarra</u> , na qual se atam as cordas tiradeiras por detraz das bêstas, que tiram por ellas, quando as fazem mover as moendas nos engenhos d' assucar.
	MS7	CAMBÃO, s. m. augm. de Cambo: Gancho. § No Brazil, a peça de pau , aliás soles , <u>que se ajunta ao cabeçalho do carro, quando leva mais de uma junta</u> . [...] § Peça de madeira <u>atada á almanjarra</u> ; aos <i>cambões</i> vão atadas as cordas, ou tiradeiras por detraz das bêstas, que tiram por ellas, para moverem as moendas dos engenhos de assucar. § [...]
	CA	nb
	MS8	CAMBÃO, s. m. augm. de Cambo: Gancho. § No Brazil, a peça de pau furada nas duas extremidades , aliás soles , <u>que se ajunta ao cabeçalho do carro, quando leva mais de uma junta</u> . § [...] § Peça de madeira <u>atada á almanjarra</u> ; aos <i>cambões</i> vão atadas as cordas, ou tiradeiras por detraz das bêstas, que tiram por ellas, para moverem as moendas dos engenhos de assucar. § [...]
MS9	CAMBÃO, s. m. augm. de Cambo: Gancho. § (t. do Brazil) A peça de pau , <u>que se ajunta ao cabeçalho do carro, quando leva mais de uma junta</u> ; soles . § (it.) Peça de madeira , <u>atada á almanjarra</u> ; aos <i>cambões</i> vão atadas as cordas, ou tiradeiras por detraz das bestas, que tiram por ellas, para moverem as moendas dos engenhos de assucar. § [...]	
 camucim Origem: Indígena B Referente apenas brasileiro - DV faz alterações de estilo: substitui o pronome “os” por “cadaveres”;	MS4, MS5 MS6, MS7	*CAMMÚCIS, s. m. Vaso grande <u>de barro</u> , <u>onde os Indios do Brasil sepultavão os seus caciques</u> , pondo-os de cócoras.
	SC nb	CAMMÚCIS, s. m. pl., talhas grandes <u>de barro</u> <u>em que os Americanos indigenas sepultavam os seus caciques</u> , pondo o cadaver acocorado.
	EF2, DL5	CAMMÚCIS, s. m. Vaso grande <u>de barro</u> , <u>onde os indios do Brazil sepultavam os seus caciques</u> , pondo-os de cócoras.

Lema	Dicionário	Verbetes
- SC faz alterações de estilo: “os” por “cadaver”; “de cocoras” por “acocorado”; “vasos” por “talhas”. Altera um dado referencial: “do Brasil” por “Americanos”	DV	CAMMÚCIS, s. m. (Palavra tupy) Vaso grande , de barro , em que os Índios do Brasil sepultavam os seus cacizes [sic caciques], pondo os cadáveres de cocoras. [Cacizes são sacerdotes indianos.]
	MS8	CAMUCÍM, s. m. (t. do Brasil) Espécie de boião feito de barro preto .
	MS9	CAMUCÍM, s. m. (t. do Brasil) Espécie de boião de barro preto .
cangaçais Origem: vernacular Referente brasileiro e português	MS4, MS5, MS6, MS7	CANGAÇÁES, s. m. plur. Brasil. A pobre mobília de um pobre, ou escravo ; talvez abuso de <i>bagãçães</i> , ou deriv. de <i>bangaço</i> , coisas tão vis, e sem valor como o <i>bangaço</i> .
	SC	CANGAÇÕES, s. f. pl. t. us. no Brasil, de origem incerta, cacarecos do pobre, ou de escravo .
	EF2, DL5	CANGAÇÕES ou CANGAÇAES, s. m. pl. (termo do Brasil) moveis d’um pobre ou escravo .
	DV	CANGAÇÁES, s. f. pl. (Moraes supõe esta palavra alteração de <i>baganças</i> ou derivada de <i>bangaço</i> ; mas <i>bagançal</i> é um termo da Índia que significa cousa mui diversa (vid. <i>Bagançal</i>), e <i>bangaço</i> não se encontra no Dicc. d’esse auctor, nem em nenhum outro portuguez. É pois mais um producto da imaginação d’aquelle lexicólogo. A palavra póde derivar do thema <i>cangaço</i> , com o suffixo “al”. Cp. <i>Cangalhada</i>). No Brasil, mobília de pobre e escravo .
	MS8	CANGAÇÁES, s. m. pl. (t. do Brasil) A mobília de um pobre ; talvez abuso de <i>bagãçães</i> , ou deriv. de <i>bangaço</i> , cousas tão vis e sem valor, como o <i>bangaço</i> . [Exclui “escravo” da definição.]
	MS9	CANGAÇÁES, s. m. pl. (t. burl. do Brasil) Mobília de casa pobre; cangaços .
cangalha (B semântico) Possível referente brasileiro e português	MS2, MS3, MS4, MS5, MS6, MS	CANGÁLHAS, s. f. pl. [...] §. Armação de páo com suadoiros, ou esteirões, que assentão no selladouro de cavallos de carga no Brasil; d’uma banda, e d’outra pende a carga em sacos, bruacas, canastras, cassuás. §. [...]
	SC	CANGÁLHAS, s. f. pl. [...]; armação de pao com esteirões usada no Brasil para pôr nos cavallos de carga , e de que pendem de ambos os lados os sacos, canastras, bruacas e cassuás; [...]
	DV	CANGÁLHAS, s. f. pl. [...] Termo do Brasil. Armação de páos com suadouros, ou esteirões, que assentam no selladouro de cavalos de carga .
	CA	nb
	MS8, MS9	CANGÁLHAS, s. f. pl. [...] § Armação de pau com suadouros, ou esteirões, que assentam no selladouro de cavallos de carga no Brazil ; de uma banda e de outra pende a carga em saccos, bruacas, canastras, cassuás. § [...]
	cangoeira Origem: Indígena B Referente apenas brasileiro	MS2, MS3
MS4, MS5, MS6, MS7		CANGOÉRA, s. f. Espécie de fruta , que os Índios Brasilienses fazião dos ossos de finados; muito menor que o seu toré .
SC		CANGOEIRA, s. f. (t. Brasil.), fruta pequena que os indígenas do Brazil fazem dos ossos COMPRIDOS dos mortos .
EF2, DL5		CANGOÉRA, s. f. Flauta dos índios do Brasil, feita de ossos humanos .

Lema	Dicionário	Verbetes
	DV	CANGOÉRA, s. f. (Palavra da lingua tupy). Especie de flauta que os indios do Brazil faziam dos ossos dos finados. – <i>Huns fazem seus instrumentos Musicaes de ossos de finados, a que chamão cangoera.</i> ” Simão de Vasconcellos, Noticias do Brazil, p. 144 (1ª. ed.)
	MS8	CANGOÉRA, s. f. Especie de fruta , que os Indios Brasileiros faziam dos ossos de finados; muito menor que o seu toré.
	MS9	CANGOÉRA, s. f. Especie de flauta , que os indios do Brazil faziam dos ossos de finados, e muito menor que o seu toré.
canhambola Origem: desconhecida ou controversa	MS4	CANHAMBOLA, Vid. Calhambola, ainda que <i>Canhambola</i> pareça mais chegado a <i>Canhenbora</i> term. Brasil. donde os tomárão os colonos Brasileiros.
	SC	CANHAMBOLA, s. m. V. Calhambola.
	MS5, MS6	CANHAMBÓLA, V. Calhambola; ainda que <i>Canhambóla</i> parece mais chegado a <i>Canhenbora</i> , d’onde os tomarão os Brasileiros.
	DV	CANHAMBOLA, s. m. Vid. Calhambola.
	DL5	CANHAMBOLA. V. <i>Calhambola</i> .
	MS7	CANHAMBÓLA, V. Calhambola; ainda que <i>canhambóla</i> parece mais chegado a <i>canhenbora</i> , d’onde os tomaram os Brasileiros.
	MS8	CANHAMBÓLA, V. Calhambola; ainda que <i>canhambóla</i> parece mais chegado a <i>canhenbora</i> , d’onde os tomaram os Brasileiros.
Referente apenas brasileiro	MS9	CANHAMBÓLA, ou –bóra. V. Calhambola.
canjica Origem: desconhecida ou controversa	MS2, MS3	CANGÍCA, s. f. t. do Bras. (talves de <i>Canja</i> , t. da Asia.) Papas sobre o duro, feitas de farinha de milho, ou do polme do milho molle, espremido. §. Nas Minas chamão <i>Cangica</i> ao milho pilado , cozido com leite, e assucar, ou em agua e sal.
	MS4, MS5, MS6	CANGÍCA, s. f. t. do Bras. (talves de <i>Canja</i> , t. da Asia.) Papas sobre o duro, feitas de farinha de milho, ou do polme do milho molle, espremido. §. Nas Minas chamão <i>Cangica</i> ao milho pilado , cozido com leite, e assucar, ou em agua e sal, fica em grão tenro.
	SC	CANGICA, s. f. (de <i>canja</i> , t. da Asia) no Brasil, papas de farinha de milho; milho pilado cozido com leite e assucar, ou em agua e sal.
	EF2, DL5	CANGICA, s. f. (de <i>canja</i>); (termo do Brazil) Papas de farinha de milho, ou do polme de milho molle espremido. Na provincia de Minas dão este nome ao milho pilado , cozido com leite e açucar, ou em agua e sal.
	DV	CANGÍCA, s. f. (De canga, com o suffixo diminutivo “ica”, como <i>Marica</i> , de <i>Maria</i> , <i>morenica</i> , de <i>morena</i> , etc.) Termo do Brazil. Papas espessas de farinha de milho ou do polme do milho espremido. -- Milho pilado comido com leite e assucar, ou em agua e sal. == <i>Moraes</i> .
	MS7	CANGICA, s. f. (talvez de <i>canja</i> , t. da Asia) t. do Brazil. Papas sobre o duro, feitas de farinha de milho, ou do polme do milho mole, espremido. § Nas minas, chamam <i>cangica</i> ao milho pilado , cozido com leite, e assucar, ou em agua e sal, fica m grão tenro. § * <i>it.</i> Qualidade de rapé .
	CA	CANGICA [...] s. f. (brazil.) papas de milho . Milho pilado , cozido em agua e sal, ou com leite e assucar. Especie de rapé .
	MS8	CANGICA, s. f. (talvez de <i>canja</i> , t. da Asia) (t. do Brazil) Papas sobre o duro, feitas de farinha de milho, ou do polme de milho mole, espremido. § Milho pilado , cozido com leite, e assucar, ou em agua e sal, fica m grão tenro. § Qualidade de rapé .

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS9	CANGICA. V. Canjica. Canjica, s. f. (talvez de <i>canja</i> , t. da Asia) (t. do Brazil) Papas sobre o duro, feitas de farinha de milho, ou do polme de milho molle, espremido. § (it.) Milho pilado , cozido com leite, e assucar, ou em agua e sal. § (it.) Qualidade de rapé .
canoa (B semântico) Referente brasileiro e português	MS2, MS3 nb	CANÔA, s. f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com accrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o costado e bordas.
	MS4 nb	CANÔA, s. f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com accrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o costado e bordas, para ficar mais larga.
	SC nb	CANÔA, s. f. (de <i>cano</i>), embarcação cavada hem um tronco de arvore.
	MS5, MS6, MS7 nb	CANÔA, s. f. (do Fr. <i>canol</i>) Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça, ou com accrescentamento no fundo, entre duas peças, que formão o costado e bordas, para ficar mais larga.
	EF2, DL5 nb	CANÔA, s. f. (de cano) embarcação estreita e comprida, feita de um só tronco de arvore cavado, ou com acrescentamento no fundo entre as duas peças que formam o costado e bordas; -- embarcação pequena.
	DV nb	CANÔA, s. f. (O hespanhol...). Pequena embarcação muito ligeira, sem ponte, nem vélas, que se faz andar a remos. – [...]
	CA nb	CANÔA [...] s. f. embarcação pequena para uso das embarcações maiores. Tina, banheira comprida. (Culin.) Pequena frigideira de barro com fôrma de canoa. F. é pal. dos indios da America, significando embarcação.
	MS8	CANÔA, s. f. (do Fr. <i>canol</i>) No Brazil, embarcação subtil d'uma só peça de madeira cavada, inteiriça, ou com accrescentamento no fundo, entre duas peças, que formam o costado e bordas, para ficar mais larga. § Pequeno bote de serviço das embarcações maiores; é também barquinho de recreio. § Pequena frigideira de barro em fôrma de canôa, em que se serve principalmente guizado de peixe. § (t. de Minas Geraes, Brazil) Conducto aberto e inclinado, com o fundo e os lados de madeira, que se faz para os trabalhos de exploração das minas de ouro.
	MS9	CANÔA, s. f. (do Fr. <i>canol</i>) Pequeno bote de serviço das embarcações maiores. § Pequeno barco de recreio. § Pequena frigideira de barro, em fôrma de canôa, em que se serve principalmente guizado de peixe. § (t. do Brazil) Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça, ou com accrescentamento no fundo, entre duas peças, que formam o costado e bordas, para ficar mais larga. § (t. de Minas Geraes) Conducto aberto e inclinado, com o fundo e os lados de madeira, para os trabalhos de exploração das minas de ouro.
cansacento Origem: derivado de cansaço Referente brasileiro e português	MS4	CANÇACENTO, adj. Doente de canção : t. Brasil.
	SC	CANSACENTO, A adj. (usado no Brazil) doente de canção .
	MS5, MS6	CANÇACENTO, A, adj. t. Brasil. Doente de canção .
	EF2, DL5	CANÇACENTO, A, adj. (usado no Brazil) doente de canção .
	DV	CANÇACENTO, s. m. (De canção, com o suffixo...) Termo do Brazil. Doente de canção .
	MS7, MS8, MS9	CANÇACENTO, A, adj. t. do Brazil. Doente de canção .
cansaço (B semântico)	MS4	CANÇACO, s. m. A fadiga que sente do excessivo exercicio. §. Canção da respiração; grande difficuldade, dispnéia. § Brasil. hydropesia, doente de --.
	MS5, MS6	Canção, s. m. [...] § (no Brazil) Hydropisia : doente de – ; hydrópico.

Lema	Dicionário	Verbetes
Referente brasileiro e português	DV	CANÇÁÇO, s. m. [...] – Termo do Brasil. Hydropesia. -- <i>Doente de canção</i> , <i>hydrópico</i> .
	MS7, MS8, MS9	CANÇÁÇO, s. m. [...] § no Brasil; Hydropisia : <i>doente de –</i> ; <i>hydrópico</i> . § V. <i>Fadiga</i> , syn. = MS8
	CA	CANÇÁÇO [...] s. f. [...] (Brazil.) Hydropisia. F. [...]
capeba Origem: Indígena B Referente brasileiro e português	MS4	CAPEBA, s. f. Raiz amarga, que com a de mangirioba dá tintura, ou garapa amargosa usada contra a hydropesia cá no Brasil. §. Camarada, amigo na lingua chula do Brasil “ <i>é seu –</i> ”
	SC	CAPEBA, s. m. [...] na linguagem chula do Brasil, camarada . <i>He seu --</i> .
	MS5, MS6	CAPEBA, s. f. [...] § --, s. m. Camarada, amigo ; t. chul. do Brasil: “ <i>é seu –</i> ”
	EF2, DL5	CAPEBA, s. f. [...] --, s. m. na linguagem chula do Brasil, camarada ; v. g., <i>é seu --</i> .
	DV	CAPEBA, s. m. (Palavra brasileira). [...] – Termo chulo do Brasil. Camarada, amigo, collega .
	MS7	CAPEBA, s. f. [...] § --, s. m. t. chul. do Brasil. Camarada, amigo : v. g. <i>é seu --</i> .
	CA	CAPEBA [...] s. f. (bot. brazil.) arbusto [...]. (Fam.) Camarada, amigo, companheiro (Brazil).
	MS9	CAPEBA, s. f. [...] § --, s. m. (t. pleb. do Brazil) Camarada, amigo : <i>é seu capeba</i> .
capinado Origem: derivado de capim Referente brasileiro e português	SC nb	CAPINADO, p. p. sup. de Capinar, e adj., limpo de capim .
	MS5, MS6, MS7	*CAPINÁDO, p. p. de Capinar. § <i>Estar capinado</i> ; limpa a terra do capim .
	EF2, DV, DL5	nb
	CA	CAPINADO [...] <i>adj.</i> (brazil.) limpo de capim . F. [...]
	MS8 nb	CAPINÁDO, p. p. de Capinar. § <i>Estar capinado</i> ; limpa a terra do capim , ou da herva ; estar sachado, mondado .
	MS9	CAPINADO, p. p. de Capinar; e adj. (t. do Brazil) Sachado, mondado .
capinar Origem: derivado de capim Referente brasileiro e português	MS4 nb	nb
	SC	CAPINAR, v. a. (<i>capim, ar</i> , des. inf), mondar o capim com enxadas ; outros dizem carpir . He termo do Brasil.
	MS5, MS6	CAPINÁR, v. a. t. Brasil. Mondar o capim com as enxadas ; outros dizem carpir , menos us.
	EF2, DL5 nb	
	DV	CAPINAR, v. a. (De capim). Termo do Brazil. Mondar a terra do capim com as enxadas .
	MS7	CAPINÁR, v. trans. t. do Brasil; Mondar o capim com as enxadas ; outros dizem carpir , menos usado.
	CA	CAPINAR [...] v. tr. (brazil.) limpar do capim, arrancando-o ou cortando-o . F. [...]
	MS8	CAPINÁR, v. trans. (t. do Brazil) Mondar o capim, limpar a terra DE QUALQUER HERVA MÁ; outros dizem carpir , menos usado.
	MS9	CAPINÁR, v. trans. (t. do Brazil) Mondar o capim, limpar a terra DE QUALQUER HERVA MÁ; outros dizem carpir , menos usado. Carpir, v. trans.[...] § (ant.) Arrancar hervas; mondar (no Brazil, <i>capinar</i>): <i>carpir a monda que nasce nos semeados</i> .
capineiro Origem: derivado de capim	MS4	CAPINEIRO, s. m. O que apanha, e vende talvez capim para bestas, e cavallos no Brasil.
	SC nb	CAPINEIRO, s. m. verb. (<i>capinar</i> , des. <i>eiro</i>), o que apanha e vende capim.
	MS5, MS6	CAPINEIRO, s. m. t. Bras. O que apanha, e vende talvez capim.

Lema	Dicionário	Verbetes
Referente brasileiro e português	EF2	nb
	DV	CAPINEIRO, s. m. (De <i>capina</i> , thema de capinar, com o suffixo “eiro”) Termo do Brazil. O que apanha capim, o que monda a terra do capim.
	DL5	nb
	MS7	Capineiro, s. m. t. do Brasil. O que apanha, e vende talvez capim.
	CA	CAPINEIRO [...] s.m. (brazil.) o que apanha o capim, o que monda a terra do capim. F. [...]
	MS8, MS9	CAPINEIRO, s. m. (t. do Brazil) O que apanha o capim, o que o vende, o que monda e sacha, e arranca a herva; capinador.
capitão (B semântico) Referente apenas brasileiro	DV	CAPITÃO, s. m. [...] – Donatario d’uma capitania no Brazil (vid. Capitania). – [...]
capitão de embaixada Referente apenas brasileiro	DV	CAPITÃO, s. m. [...] Capitão <i>de embaixadas</i> , cabo que ora só, ora com outros andava continuamente pelo mato durante a guerra dos Hollandezes no Brazil, saído dos seus alojamentos a cortar as estradas ao inimigo e retirando-se a seus postos occultos se este os carregava. == Brito Freire, Hist. da Guerra do Brazil, p. 885 sq. [...]
capitão de entrada Referente apenas brasileiro	MS2, MS3, MS4, MS5, MS6	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de entradas</i> , no Brazil, que ião a cativar Indios, ou a buscá-los.
	SC	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de entradas</i> , os que, no Brazil, os buscar ou captivar os indigenas, impropriamente chamados Indios.
	EF2	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de entradas</i> , os que no Brazil vão buscar ou cativar os indigenas, impropriamente chamados indios.
	DV	CAPITÃO, s. m. [...] Capitão <i>de entradas</i> , o que no Brazil, ía captivar Indios ou a buscal-os.
	MS7	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de entradas</i> ; (no Brazil) os que iam a captivar Indios, ou a buscá-los.
	MS8	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de entradas</i> ; (no Brazil) os que iam a captivar Indios, ou a buscal-os.
MS9	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de entradas</i> ; (it,) os que iam a captivar indios, ou a buscal-os.	
capitão do campo Referente apenas brasileiro	MS2, MS3	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do mato</i> , no Brazil, os que apanhão e prendem os negros fugidos, ou que estão em quilombos. [...]
	MS4	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do mato</i> , no Brazil, os que apanhão e prendem os negros fugidos, ou que estão em quilombos. V. Fugitivario. [...]
	SC	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães do campo</i> , ou <i>do mato</i> , no Brazil, os que são encarregados de apanhar os negros fugidos.
	MS5, MS6	CAPITÃO, pl. <i>Capitães</i> , s. m. [...] § <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do matto</i> ; (no Brazil) os que apanhão e prendem os negros fugidos, ou que estão em quilombos. V. Fugitivario. § [...] (Fugitivário, sem acesso à letra F).
	EF2	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> ou <i>do mato</i> , no Brazil, que são encarregados de apanhar os negros fugitivos.
	DV	CAPITÃO, s. m. [...] Capitão <i>de campo</i> , ou <i>de mato</i> , o que no Brazil apanha e prende os negros fugidos, ou que estão em quilombos.
	DL5	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães do campo</i> ou <i>do matto</i> , no Brazil, os que são encarregados de apanhar os negros fugitivos.
	MS7	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do matto</i> ; (no Brazil) os que apanham, e prendem os negros fugidos, ou que estavam em quilombos. V. Fugitivario.
	MS8	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do matto</i> ; (no Brazil) os que apanhavam, e prendiam os negros fugidos, ou que estavam em quilombos. V. Fugitivario.

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS9	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitão de campo</i> (t. do Brasil) o que apanhava, e prendia os negros fugidos, ou que estavam em quilombos. V. Fugitivo.
capitão do mato Referente apenas brasileiro	MS2, MS3	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do mato</i> , no Brasil, os que apanhão e prendem os negros fugidos, ou que estão em quilombos. [...]
	MS4, MS5, MS6	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do mato</i> , no Brasil, os que apanhão e prendem os negros fugidos, ou que estão em quilombos. V. Fugitivo. [...]
	SC	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães do campo</i> , ou <i>do mato</i> , no Brasil, os que são encarregados de apanhar os negros fugidos.
	EF2, DL5	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> ou <i>do mato</i> , no Brasil, que são encarregados de apanhar os negros fugitivos.
	DV	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitão de campo</i> , ou <i>de mato</i> , o que no Brasil apanha e prende os negros fugidos, ou que estão em quilombos.
	MS7	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do mato</i> ; (no Brasil) os que apanham, e prendem os negros fugidos, ou que estavam em quilombos. V. Fugitivo.
	MS8	CAPITÃO, s. m. [...] <i>Capitães de campo</i> , ou <i>do mato</i> ; (no Brasil) os que apanhavam, e prendiam os negros fugidos, ou que estavam em quilombos. V. Fugitivo.
	MS9	CAPITÃO, s. m. [...] -- <i>do mato</i> ; (t. do Brasil) o mesmo que <i>Capitão do campo</i> .
capoeira Origem: africana (preto fugido) Referente brasileiro e português	SC	CAPOEIRA, s. f. [...] <i>Capoeira</i> , mata que se corta, ou derriba pra lenha, ou se roça para lavrar a terra. Tira o nome de ser um matagal de arbustos semelhantes aos de que se fazem as capoeiras, e não de arvores grossas. He termo usado no Brasil.
	EF2, DL5	CAPOEIRA, s. f. [...] --, mata que se corta, ou derriba para lenha, ou se roça para lavrar a terra. Tira o nome de ser matagal de arbustos semelhantes aos de que se fazem as capoeiras e não de arvores grossas. É termo usado no Brasil.
	DV Mata = nb	CAPOEIRA, s. f. [...] Mata talhada, que se roça ou corta para lenhas, lavouras na terra, etc. [...] – <i>Capoeira de fouce</i> , <i>de machado</i> , a de arbustos duros, que só cedem a fouce e machado. -- Termo do Brasil. Negro que vive no mato e acommete os passageiros Á FACA .
	MS7	CAPOEIRA, s. f. [...] § * s. m. (t. do Brasil.) Preto fugido que vive no mato .
	CA	CAPOEIRA ² [...] s. f. (brazil.) matta talhada que se roça ou derriba para lenha, para cultivar a terra ou com outro fim. (Bot. brazil.) <i>Capoeira branca</i> , o braço de preguiça. --, s. m. (brazil.) negro que vive no mato e acommete passageiros [é nome injurioso]; capanga .
	MS8	CAPOEIRA, s. f. [...] [...] § <i>Matta nova</i> e pouco espessa, que se roça, para lenhas, ou lavouras na terra. § O mato baixo que fica na terra, depois de tiradas as madeiras de construção. § <i>Capoeira de fouce</i> , <i>de machado</i> ; (t. do Brasil) arbustos duros; arvoretas. § s. m. (t. do Brasil.) Preto fugido que vive no mato. § (t. do Rio de Janeiro.) Especie de jogo athletico para defeza e ataque corporal , predilecto das ultimas camadas sociaes , e que consiste em rapidos movimentos de mãos, pés, cabeça, acompanhados de pau ou navalha , de que resulta muitas vezes a morte de um ou mais dos luctadores. § – s. m. O que faz uso do jogo da capoeira . Os que são conhecidos por esta designação são verdadeiros assassinos; matam só pelo prazer de matar, servindo-se para esses crimes da navalha de barba; tendo exercido o officio de <i>capangas</i> foram por muito tempo estes miseraveis protegidos pelos antigos chefes politicos, que d’elles faziam seus agentes eleitoraes; no momento porém em que escrevemos estas linhas estão soffrendo uma perseguição tão energica que se espera ver em pouco tempo de todo extirpado este cancro social.

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS9	CAPOEIRA, s. f. [...] § (t. do Brazil) Matta nova e pouco espessa, que se roça, para lenhas, ou lavouras na terra. § (it.) O matto baixo que fica na terra, depois de tiradas as madeiras de construcção. § (t. do Rio de Janeiro) Especie de jogo athletico para defeza e ataque corporal, predilecto das ultimas camadas sociaes, e que consiste em rapidos movimentos de mãos, pés, e cabeça, acompanhados de pau ou navalha, de que resulta muitas vezes a morte de um ou mais dos luctadores. § <i>Capoeira de fouce, de machado</i> ; (t. do Brazil) arbustos duros; arvoretas. § – s. m. (t. do Rio de Janeiro) O que fazia uso do jogo de capoeira : os que eram conhecidos por esta designação eram verdadeiros assassinos; matavam só pelo prazer de matar, servindo-se para esses crimes da navalha de barba; tendo exercido o officio de <i>capangas</i> , foram por muito tempo estes miseraveis protegidos pelos antigos chefes politicos, que d’elles faziam seus agentes eleitoraes. § (t. do Brazil) Preto fugido que vive no matto.
caramuru Origem: indígena B Referente brasileiro e português	MS2, MS3, MS4	CARAMURÚ, s. m. na Lingua Brasil. Homem de fogo : dão este nome aos Européos por causa das espingardas.
	SC	CARAMURÚ, s. m. (t. Brasil., que significa na lingua dos indigenas <i>homem de fogo</i>), nome dado pelos cabouclos aos Portuguezes e outros Europeos em razão das armas de fogo que eles trouxerão.
	MS5, MS6	CARAMURÚ, s. m. t. Brasil. Homem de fogo : davam este nome aos Européus por causa das armas de fogo que eles trazião.
	EF2	CARAMURÚ, s. m. (termo brasileiro) [...]; nome que deram os indios a Diogo Alvares , quando naufragou na costa da Bahia: -- [...]
	DV	CARAMURÚ, s. m. (Palavra da lingua Tupy, que significa homem de fogo) Nome dado aos européus pelos indigenas do Brazil por causa das armas de fogo, que produziram n’elles extraordinario espanto.
	DL5	CARAMURÚ, s. m. (termo brasileiro) [...]; nome que deram os indios a Diogo Alvares , quando naufragou na costa da Bahia. [troca brasileiro por brasileiro.]
	MS7	CARAMURÚ, s. m. t. do Brasil. Homem de fogo : davam este nome aos Européus por causa das armas de fogo que eles traziam. § * <i>it.</i> Peixe grande [...].
	MS8, MS9	CARAMURÚ, s. m. (t. do Brazil) Especie de peixe [...]. § Alcunha , que os indios da Bahia (Tupinambás) deram ao naufrago portuguez Diogo Alves Correia .
caranguejeiro Origem: vernacular Referente brasileiro e português	MS4	CARANGUEJEIRO, s. m. O que apanha caranguejos; o que os vende atados em cordas, cada uma das quaes tem oito caranguejos. t. Brasil.
	SC nb	CARANGUEJEIRO, s. m. (des. <i>eiro</i>) o que apanha e vende caranguejos.
	MS5, MS6	CARANGUEJEIRO, s. m. t. do Brasil. O que apanha caranguejos; o que os vende atados em cordas, cada uma das quaes tem oito caranguejos.
	EF2, DL5, DV, CA	nb
	MS7	CARANGUEJEIRO, s. m. t. do Brasil. O que apanha caranguejos; o que os vende atados em cordas, cada uma das quaes tem oito caranguejos.
	MS8	CARANGUEJEIRO, s. m. (t. do Brazil) O que apanha caranguejos; o que os vende atados em cordas, cada uma das quaes tem oito caranguejos.
MS9	CARANGUEJEIRO, s. m. (t. do Brazil) O que apanha caranguejos. § O que os vende atados em cordas, cada uma das quaes tem oito caranguejos.	
carapina Origem: indígena B	MS4	CARAPINA, s. m. no Brasil o Carpinteiro . <i>Prov. do Cons. Ultram. 20 de Abril 1736.</i>
	SC, EF2, DL5	CARAPINA, s. m. no Brasil, carpinteiro .

Lema	Dicionário	Verbetes
Referente brasileiro e português	MS5, MS6	CARAPINA, s. m. t. do Brasil. O carpinteiro . <i>Prov. do Cons. Ultram. 20 de abr. de 1736.</i>
	DV	CARAPINA, s. m. (Corrupção de carpinteiro? Se o é, devemos olhal'a como inteiramente irregular, e resultante do processo de etymologia popular). Termo do Brasil. Carpinteiro .
	MS7, MS8	CARAPINA, s. m. t. do Brasil. O carpinteiro . <i>Prov. do Cons. Ultram. 20 de abr. de 1736.</i>
	MS9	CARAPINA, ou CARPI--, s. m. (t. do Brasil) O carpinteiro de casas, carros, etc. , para o differençar do que se emprega em trabalhos de construcção naval. <i>Prov. do Cons. Ultram. 20 de abr. de 1736.</i>
cargueiro (B semântico) Referente brasileiro e português	MS4	CARGUEIRO, s. m. [...] §. adj. <i>bèsta --, égua, ou mula</i> , que conduz cargas, as quaes no Brasil levão de ordinario os <i>quartãos</i> : oppoim-se a <i>besta de roda</i> dos engenhos de moer cannas: <i>cavallo, quartão --</i> , que não é de sella, mas de cangalhas, e cargas, e de albarda: <i>cavallo bom cargueiro, ou mao --</i> .
	MS5, MS6	CARGUEIRO, A, adj. Que conduz cargas: v. g. <i>besta --, égua, ou mula cargueira</i> ; as que no Brazil levam de ordinario os <i>quartãos</i> ; oppõe-se a <i>besta de roda</i> dos ingenhos de moer cannas: <i>cavallo, quartão --</i> ; que não é de sella, mas de cangalhas, e cargas, e de albarda: <i>cavallo bom, ou mau --</i> .
	EF2, DL5, CA, DV	nb
	MS7	CARGUEIRO, A, adj. Que conduz cargas: v. g. <i>besta --, égua, ou mula cargueira</i> ; as que no Brazil levam de ordinario os <i>quartãos</i> ; oppõe-se á <i>bèsta de roda</i> dos engenhos de moer cannas: <i>cavallo, quartão --</i> ; que não é de sella, mas de cangalhas, e cargas, e de albarda: <i>cavallo bom, ou mau --</i> .
	MS8	CARGUEIRO, A, adj. Que conduz cargas: v. g. <i>besta --, égua, ou mula cargueira</i> ; as que no Brazil levam de ordinario os <i>quartãos</i> ; oppõe-se à <i>besta de roda</i> dos engenhos de moer cannas: <i>cavallo, quartão --</i> ; que não é de sella, mas de cangalhas, e cargas, e de albarda: <i>cavallo bom, ou mau --</i> . § Diz-se no Rio Grande do Sul do que cavalga mal.
	MS9	CARGUEIRO, A, adj. e s. Que conduz cargas. § Que tange e guia bestas de carga. § <i>Besta, égua, mula --</i> ; que conduz cargas que no Brazil leva em geral o <i>quartão</i> ; oppõe-se á <i>besta de roda</i> dos engenhos de moer cannas. § <i>Cavallo --; quartão --</i> ; que não é de sella, mas de cangalhas, e cargas, e de albarda: <i>cavallo bom, ou mau cargueiro</i> . § (t. do Rio Grande do Sul) Individuo que cavalga mal. (<i>Quartão, ou --táu, s. m. Cavallo corpulento mas de marca pequena; curto Lobo, f. 41. No Brazil dizem commummente um quartão, do cavallo que não é de estrebaria, mas cargueiro: não de marca, de estatura meiã, corpulento. Rego, Cav. c.5. § [...]</i>)
carguejar Origem: vernacular Referente brasileiro e português	MS4	CARGUEJAR, v. at. usual no Brasil, Almocrevar com bestas de carga, ganhar o frete, e porte dellas . § Guiar quartão cargueiro “escravo fiel, <i>carreya, cargueja bem</i> ”
	SC	CARGUEJAR, v. a. (<i>carga, des. ejar</i>) t. us. no Brasil, almocrevar com bestas de carga, levar em bestas carga a frete; guiar besta de carga .
	MS5, MS6	*CARGUEJAR, v. a. us. no Brasil: Almocrevar com bestas de carga, ganhar o frete, e porte d'ellas . § Guiar quartão cargueiro : “criado fiel, <i>carreya, cargueja bem</i> ”.
	EF2, DL5, CA	nb
	DV	CARGUEJAR, v. a. (De <i>carga</i> , com o suffixo “ <i>eja</i> ”). Termo do Brazil. Almocrevar com bêstas de carga; ganhar o frete e porte de bestas de cargas. – Guiar quartão cargueiro. == <i>Colligido por Moraes.</i>
	MS7	CARGUEJAR, v. a. us. no Brasil: Almocrevar com bêstas de carga, ganhar o frete, e porte d'ellas . § Guiar quartão cargueiro : “criado fiel, <i>carreya, cargueja bem</i> ”.
	MS8	CARGUEJAR, v. trans. us. no Brazil: Almocrevar com bestas de carga, ganhar o frete, e porte d'ellas . § Guiar quartão cargueiro : “criado fiel,

Lema	Dicionário	Verbetes
		carreya, <i>cargueja</i> bem”.
	MS9	CARGUEJÁR, v. trans. (t. do Brazil) Almocrevar com bestas de carga: ganhar o frete , e porte d’ellas. § Guiar quartão cargueiro: criado fiel, carreya, cargueja bem.
carimã Origem: Indígena B Referente apenas brasileiro	MS2	CARIMÁ, s. f. Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação acida; e amollece mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bolos, que se seccão, e pisão, e da sua farinha se fazem papas, ou mingáu raro. “farinha, bolo de <i>carimã</i> ”.
	MS3	CARIMÁ, s. f. Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação acida; e amollece mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bolos, que se seccão, e pisão, e da sua farinha se fazem papas, ou mingáu raro. “farinha, bolo de <i>carimã</i> ”.
	MS4	CARIMÁ, s. f. Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação e amollece mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bôlos, que se seccão, e pisão, e da sua farinha se fazem papas, ou mingáu raro. “farinha, bolo de <i>carimã</i> ”: “mingaus de – com óvos mui peitoraes”
	SC	CARIMÁ, s. f. (t. Brasil.), a mandioca depois que entrou em fermentação, feita em bolos, que se seccão e pisão, e de cuja farinha se fazem papas chamadas <i>mingao raro</i> . <i>Mingaus de carimã com ovos</i> , são mui peitoraes.
	MS5, MS6	CARIMÁ, s. f. t. Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação, e amolleceu mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bôlos, que se seccão, e pisão, e da sua farinha se fazem papas, ou mingáu raro: “farinha, bolo de <i>carimã</i> ” “mingãos de – com óvos mui peitoraes”.
	EF2	CARIMÁ, s. f. (t. do Brazil) A fecula mais branca e pura da raiz a que no Brasil chamam mandioca. Dão-lhe ordinariamente a fôrma de bolinhos circulares, que feitos em papas ou caldo grosso, constituem um alimento substancial e muito saudavel nas molestias de debilidade e consumpção.
	DV	CARIMÁ, s. f. Termo do Brazil. Nome que se dá á farinha de mandioca depois de ter entrado em fermentação, ter amollecido na vasa, ou na agua por alguns dias, e ter por fim sido secca sob a fôrma de bolos. + CARIMÃO, s. m. Termo do Brazil. Farinha mais fina que a de mandioca. == Fr. João Pacheco, Divertimento Erudito, Tom. II, p. 216.
	DL5	CARIMÁ, s. f. fecula mais branca e pura da raiz a que no Brasil chamam mandioca. Dão-lhe ordinariamente a fôrma de bolinhos circulares, que feitos em papas ou caldo grosso, constituem um alimento substancial e muito saudavel nas molestias de debilidade e consumpção.
	MS7	CARIMÁ, s. f. t. do Brasil. A mandioca depois que entrou em fermentação, e amolleceu mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bolos, que se seccam e pisam, e da sua farinha se fazem papas, ou mingau ralo: “farinha, bolo de <i>carimã</i> ” “mingãos de – com óvos mui peitoraes”.
	CA	CARIMÁ [...] s. m. (brazil.) farinha de mandioca.
	MS8	CARIMAN, s. f. (t. do Brazil) A mandioca depois que entrou em fermentação, e amolleceu mettida na vasa, ou em agua por tres, ou mais dias, feita em bolos, que se seccam ao sol, e depois se pisam, e da sua farinha se fazem papas, ou mingau ralo: “farinha, bolo de <i>carimã</i> ” “mingãos de – com óvos mui peitoraes”.
	MS9	CARIMAN, s. f. (t. do Brazil) A mandioca puba que entrou em fermentação, e amolleceu depois de mettida na vasa, ou em agua por tres ou mais dias, e reduzida a bolos, que se seccam ao sol, e depois se pisam para fazer papas, ou mingau ralo.
carioca indígena B Referente apenas brasileiro	EF2	CARIOCA, (geogr.) nome que se dá aos naturaes do Rio de Janeiro, e que lhes vem de uma antiquissima fonte desta cidade, reedificada por diversas vezes.
	DL5	CARIOCA, (geogr.) nome que se dá aos naturaes do Rio de Janeiro, e que lhes vem de uma antiquissima fonte d’esta cidade, reedificada por diversas vezes.

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS7	*CARIÓCA, s. m. ou f. t. do Brasil. Nome com que se dá aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, e que o é também d'um grande aqueducto da mesma cidade, que deu origem provavelmente áquella denominação. § Em Portugal chama-se <i>carioca</i> tambem aos mulatos.
	CA	CARIOCA [...] s. m. e f. (brazil.) nome com que no Brazil são designados os habitantes do Rio de Janeiro. Nome que em Portugal se dá aos creoulos e ás pessoas de cor. F. nome de um aqueducto no Rio de Janeiro.
	MS8	CARIOCA, s. m. ou f. (t. do Brazil) Nome com que são designados os naturaes do Rio de Janeiro. § Nome de um pequeno rio, que corre na serra do Corcovado, e de que primeiro se abasteceu a cidade do Rio de Janeiro. § <i>Aqueducto da Carioca</i> ; importante obra de arte, construida no seculo passado, e pela qual são trazidas á cidade as aguas do Carioca, que correm n'um chafariz do mesmo nome, que por sua vez deu ainda essa designação á praça em que se acha. § Em Portugal dão este nome ás pessoas de còr.
	MS9	CARIOCA, s. m. ou f. (t. do Brazil) O natural da cidade do Rio de Janeiro, do nome de uma ribeira que corre na serra do Corcovado. § Em Portugal dão este nome ás pessoas de còr.
carregador (B semântico) Possível referente apenas brasileiro	MS2, MS3	CARREGADÒR, s. m. O que carrega fazenda no navio. § Preto , ou escravo , que carrega cadeira no Brasil. § [...]
	MS4, MS5, MS6	CARREGADÒR, s. m. O que carrega fazenda no navio. § Preto , ou escravo , que carrega cadeira no Brasil, e quaesquer carretos de ganho v. g. lenha, farinha, fruta das praças para as casas, etc. §. [...]
	EF2, DL5	CARREGADÒR, s. m. [...] – (termo do Brazil) escravo que carrega cadeirinhas.
	DV nb com abonação	CARREGADÒR, s. m. [...] -- Escravo, negro , etc., que carrega em cadeirinha, rêde ou ás costas, os passageiros. – “Os Negros carregadores, que os levavão em redes.” Frei Luiz de Souza, Historia de S. Domingos, Part. I, p. 250.
	MS7	CARREGADOR, s. m. [...] § Preto , ou escravo , que carrega cadeirinha no Brasil, e quaesquer carretos de ganho, v. g. lenha, farinha, fructas das praças para as casas, etc. § pl. Negros , que em Loanda, e Congo fazem o serviço de cavalgadas levando viajantes em redes, e cargas ás costas. [...]
caruru Origem: controversa Referente apenas brasileiro	MS4, MS5, MS6	CARURÚ, s. m. Guisado Brasil. de hervas hortenses, entre as quaes é a chamada <i>carurú</i> feitas em esparregado, e temperadas com azeite commum, ou de <i>dende</i> , coco amarello, com pimenta Brasil. etc. <i>carurú</i> de quiabos, de camarão, etc. é o conducto com angú, pirão, etc.
	SC	CARURÚ, s. m. (t. Brasil.), esparregado de hervas hortenses e principalmente de herva <i>carurú</i> , temperadas com azeite, ou com oleo de dendê, coco amarello, pimenta, etc.; -- <i>de quiabo</i> , <i>de camarão</i> , he o conducto com angu, pirão, etc.
	EF2, DL5	CARURÚ, s. m. nome que dão no Brazil a um caldo grosso feito de azeite com quiabo, brêdos, folha de pimenta, e marisco picado ou ralado.
	DV	CARURÚ, s. m. (Palavra brasileira) Nome que dão no Brazil a um caldo grosso feito de azeite ou oleo de dendê, com quiabos, brêdos, folha de pimenta, e marisco picado ou ralado.
	MS7	CARURÚ, s. m. Guisado Brasileiro de hervas hortenses, entre as quaes é a chamada <i>carurú</i> , da familia das amarantaceas, feitas em esperregado, e temperadas com azeite commum, ou de dendê, coco amarello, com pimenta Brasil, etc. <i>carurú</i> de quiabos, de camarão, etc. é o conducto com angú, pirão, etc.
	CA	nb
MS8	CARURÚ, s. m. Guisado Brasileiro de hervas hortenses, entre as quaes é a chamada <i>carurú</i> , da familia das amarantaceas, feitas em esperregado, e temperadas com azeite commum, ou de dendê, coco amarello, com pimenta	

Lema	Dicionário	Verbetes
		Brazil, etc. <i>carurú</i> de quiabos, de camarão, etc. é o conducto com angú, pirão, etc.
	MS9	CARURÚ, s. m. (t. do Brazil) [...] § Guisado brasileiro deervas hortenses, entre as quaes entra a <i>carurú</i> , feitas em esparregado, e temperadas com azeite commum ou de dendé, côco amarello, com pimenta do Brazil, etc. o <i>carurú</i> de quiabos, de camarão, etc.; come-se com angú, pirão, etc.
catapora Origem: indígena B Referente brasileiro e português	MS4	CATAPÓRAS, s. f. pl. Brasil. O mesmo que <i>tatapóras</i> , ou bexigas doidas, benignas, e más nos climas mais quentes.
	SC	CATAPORAS ou TATAPORAS, s. f. pl. (t. Brasil.), bexigas, variola.
	MS5, MS6	CATAPÓRAS, ou TATAPÓRAS, s. f. pl. t. Brasil. Bexigas doudas, benignas; variola.
	EF2	CATAPORAS ou TATAPORAS, s. f. pl. (termo brazil.) bexigas, variola.
	DL5	CATAPORAS ou TATAPORAS, s. f. pl. (termo braz.) bexigas, variola.
	DV	CATAPÓRAS, s. f. pl. Termo do Brazil. Variola.
	MS7	CATAPÓRAS, ou TATAPÓRAS, s. f. pl. t. Brasil. Bexigas doudas, benignas; variola.
	MS8	CATAPÓRAS, ou TATAPÓRAS, s. f. pl. (t. Brazil) Bexigas doudas, benignas; variola.
	MS9	CATAPÓRAS, s. f. pl. (t. Brazil) Bexigas doidas, benignas; variola.
catimbau Origem: controversa Referente brasileiro e português	MS2	CATIMBÁO, s. m. ch. Homem ridiculo. §. no Brasil, Caximbo.
	MS3	CATIMBÁO, s. m. ch. Homem ridiculo. §. no Brasil, Caximbo.
	MS4, MS5, MS6	CATIMBÁO, s. m. ch. Homem ridiculo. §. No Brasil, Caximbo pequeno, velho.
	SC	CATIMBÁO, s. m., t. chulo, homem ridiculo, desprezivel. no Brasil, cachimbo velho.
	EF2	CATIMBÁO, s. m. (chul.) homem ridiculo; no Brazil, cachimbo usado.
	DV	CATIMBÁO, s. m. (?) Termo do Brazil. Cachimbo pequeno. -- Termo chulo. Homem ridiculo.
	DL5	CATIMBÁO, s. m. (chul.) homem ridiculo; no Brazil, cachimbo usado.
	MS7	CATIMBÁO, s. m. t.chul. Homem ridiculo. § no Brasil, Cachimbo pequeno, velho.
	MS8	CATIMBÁO, ou – BÁU, s. m. [...] § (no Brazil) Cachimbo pequeno, velho.
	MS9	CATIMBÁU, ou – BÁO, s. m. (t. pleb.) Homem ridiculo. § (no Brazil) Cachimbo pequeno, velho
catínga Origem: desconhecida ou controversa Referente brasileiro e português	MS2, MS3	CATÍNGA, s. f. Transpiração fetida dos sovacos, etc. bodum (do Idiom. Brasil. <i>tinga</i> , coisa fastienta) §. s. m. chul e vulg. “É um <i>Catinga</i> .” miseravel, cainho, tacanho.
	MS4	CATÍNGA, s. f. Transpiração fetida dos sovacos, etc. bodum (do Idiom. Brasil. <i>tinga</i> , coisa enjoativa, e fastidiosa.) §. s. m. chul e vulg. “É um <i>Catinga</i> .” miseravel, cainho, tacanho: a – com mesquinhez, avaramente.
	SC	CATINGA, s. f. (T. dos gentios Brasilicos, <i>tinga</i> , cousa enjoativa, nauseosa) transpiração fetida dos sovacos, bodum, particularmente dos negros.
	MS5, MS6	CATINGA, s. f. (do Brazil. <i>catínga</i> , cousa enjoativa, e fastidiosa) Transpiração fetida dos sovacos, etc., bodum. § [...].
	EF2, DL5	nb
	DV	CATÍNGA, s. 2g. (Do brazilico <i>catínga</i> , cousa enjoativa e fastidiosa). Transpiração fétida dos sobacos, etc. principalmente dos negros. – <i>Cheirar á catínga</i> .
	MS7, MS8	CATINGA, s. f. (do Brazil. <i>catínga</i> , cousa enjoativa, e fastidiosa) Transpiração fétida dos sobacos, etc., bodum. § [...]
	CA	CATINGA [...] s. f. (brazil.) transpiração fétida, principalmente dos pretos. (Bot.). Nome de diversos arbustos do Brazil: [...] -- s. m. (burl.) pessoa miseravel e avarenta.
	MS9	CATINGA, s. f. (t. do Brazil) Transpiração fetida do corpo humano, principalmente das pessoas de raça negra; fartum, bodum. § -- s. 2 g. [...]
	MS2, MS3,	nb

Lema	Dicionário	Verbetes
cavalhada (B semântico) Referente brasileiro e português (considerado genericamente, não só nas estâncias) - Estância é, segundo MS9, termo do Brasil, RS. - Segundo SC, é termo da América meridional.	MS4	
	SC nb	CAVALHADA, s. f. [...]; no sul da America, tropas de cavallos que andão nas estancias ou grandes pastos. <i>Correr, fazer cavalhadas.</i>
	MS5, MS6, MS7 nb	CAVALHÁDA, e CAVALGÁTA, s. f. [...] § no sul da America; Tropas de cavallos, que andam nas estancias, ou grandes pastos. <i>Pr. da Ded. Chr. f. 166.</i>
	EF2, DV, DL5	nb
	CA	CAVALHADA [...] s. f. cavalgata. (Brazil.) Manada de cavallos nas lezirias, ou nos pastos ou estancias em liberdade. [...]
	MS8	CAVALHÁDA, s. f. [...] § (no Brazil) Tropas de cavallos, que andam nas estancias, ou grandes pastos. <i>Pr. da Ded. Chr. f. 166.</i>
	MS9	CAVALHÁDA, s. f. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) Grande porção de cavallos, que andam nas estancias, ou grandes pastos. <i>Pr. da Ded. Chr. f. 166.</i> [trocou tropa por grande porção, prov. pelo significa de tropa estar aliado ao de homens montados]
senzala Origem: africana Referente apenas brasileiro	MS2	SENZÁLA, s. f. no Brazil, a casa de morada dos pretos escravos.
	MS3, MS4, MS5, MS6, MS7	SENZÁLA, s. f. no Brazil, a casa de morada dos pretos escravos.
	SC	CENZALA, s. f.(t. usado no Brasil, que julgo de origem Africana), cabana, choupana onde morão pretos. V. Senzala. SENZALA, s.f. (t. Brasil.), cabana onde habitam os pretos escravos.
	EF2, DL5	CENZÁLA, s. f. (termo do Brazil) choupana, pequena casa onde moram pretos.
	DV	SENZALA, s. f. Termo do Brazil. Cabana, casa rustica, choça onde habitam escravos. — Usado por Garção, Poesias.
	MS8	CENZÁLA, s. f. (t. do Brazil) Choupana, pequena casa onde moram pretos.
	MS9	CENZÁLA, s. f. (t. do Brazil) V. Senzala. Senzala, ou Cen--, s. f. (t. do Brazil) A casa de morada dos antigos escravos; ou casa semelhante telhada, ou palhoça. <i>Garção, Poes.</i>
chá - chá mate Referente apenas brasileiro	MS7	SRloc em chá MATE, s. m. § MATE, s. m. [...] § Herva cuja tintura se bebe como chá nas Indias de Hespanha, e no Sul do Brasil; chupa-se a agua por um canudo de prata, que tem uma bola ôca crivada para a herva moída não passar á boca do que serve a tintura do <i>mate</i> .
	MS8	CHÁ, s. m. [...] § <i>Chá mate</i> ; infusão feita de herva mate, como <i>chá</i> , e de que se faz um uso commum e constante nos Estados do Sul do Brazil, nas Republicas do Rio da Prata, Paraguay, etc. § (por ext.) Infusão das folhas, ou flôres de outras plantas: <i>chá de marcella, chá de avenca, chá de borragem</i> , etc. § [...]
	MS9	CHÁ, s. m. [...] § <i>Chá mate</i> ; infusão feita da herva mate, como o chá, e de que se faz um uso commum e constante nos Estados do Sul do Brazil, nas republicas do Rio da Prata, Paraguay, etc. [Como a ordem das acp. se alteram, a acp. p.ext. torna-se derivada de outra, mais genérica.]
chácara Origem: espanhol sul-americano Referente brasileiro e português	MS3	CHÁCARA, s. f. Bras. Quinta, no Rio de Janeiro; na Bahia chamão-lhe <i>Roça</i> , em Pernambuco <i>Sítio</i> . §. [...]
	MS4	CHÁCARA, s. f. ou CHACRA. Bras. Quinta, no Rio de Janeiro; na Bahia chamão-lhe <i>Roça</i> , em Pernambuco <i>Sítio</i> , nos pertos, e adjacencias das cidades, e villas; é de recreyo, e de lucro d'hortalças, legumes, frutas, etc. §. [...]
	SC	CHÁCARA ou CHACRA, s. f. (t. do Brazil), quinta, fazenda no campo, no Rio de Janeiro. Na Bahia chamão-lhe <i>roça</i> , em Pernambuco <i>sítio, quinta de recreio</i> .

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS5, MS6	Chácara, ou Chácura, s. f. t. Brasil. Quinta, no Rio de Janeiro (na Bahia chamam-lhe <i>Róça</i> ; em Pernambuco <i>Sítio</i>); nos pertos, e adjacências das cidades, e villas; é de recreio, e de lucro, d'hortaliças, legumes, fructas, etc. § <i>Chacara</i> (do Hesp. <i>xácara</i> , seguidilha) Cantiga [...]
	EF2	CHÁCARA, s. f. (termo do Brazil) quinta, casa de campo. Usam principalmente desse termo no Rio de Janeiro: -- [...]
	DV	CHÁCARA, s. f. Termo Brasilico. Quinta nas proximidades e adjacências das cidades e villas, que serve para recreio, ou logro, em que se plantam flores, legumes, hortaliças, etc. Na Bahia o termo é substituído pelo de <i>roça</i> , em Pernambuco <i>sítio</i> .
	DL5	CHÁCARA, s. f. (termo do Brazil) quinta, casa de campo. Usam principalmente desse termo no Rio de Janeiro.
	MS7	CHÁCARA, ou CHÁCRA, s. f. t. Brasil. Quinta, nos pertos e adjacências das cidades, e villas; é de recreio, e de lucro, de hortaliças, legumes e fructas, etc. É assim chamada no Rio de Janeiro: na Bahia chamam-lhe <i>róça</i> ; em Pernambuco <i>sítio</i> .
	CA	CHACARA [...] s. f. (brazil.) quinta, casa de campo. V. <i>Xacara</i> .
	MS8	CHÁCARA, ou CHÁCRA, s. f. (t. do Rio de Janeiro e prov. do sul do Brazil) Casa de campo com jardim, ás vezes com horta e pomar, nos arrabaldes das cidades; vivenda de recreio. Ha chacaras tambem de negocio, que levam ao mercado hortaliças, fructas, ou flôres. § Na Bahia chama-se <i>roça</i> ; no Pará, <i>rocinha</i> , e em Pernamb. <i>sítio</i> .
	MS9	CHÁCARA, ou --CRA, s. f. (t. do Rio de Janeiro e sul do Brazil) Casa de campo com jardim, ás vezes com horta e pomar, nos arrabaldes das cidades; vivenda de recreio: ha <i>chacaras</i> tambem de negocio, que produzem hortaliças, fructas, ou flôres, que são levadas aos mercados: na Bahia chama-se <i>roça</i> ; no Pará <i>rocinha</i> , e em Pernambuco <i>sítio</i> . § (t. do Rio Grande do Sul) Pequeno creador de gado.
chacarinha ou chacrinha Origem: derivado de chácara. Referente brasileiro e português.	DV	CHACARINHA ou CHACRINHA, s. f. Termo do Brazil. Diminutivo de chacara 1)
	MS7	*CHACARÍNHA, s. f. t. do Brasil. Dim. de Chacara .
	MS8	CHACARÍNHA, s. f. (t. do Brazil) <u>Pequena chacara</u> .
	MS9	CHACARÍNHA, s. f. (t. do Brazil) <u>Pequena chacara</u> ; chacarola .
champrão Origem: controversa Referente brasileiro e português	EF2, DL5	nb
	MS7	*CHAMPRAÃO, s. m. t. do Brasil; Prancha de taboado grosso.
	MS8	CHAMPRAÃO, s. m. (t. do Brazil) Prancha de taboado grosso.
	MS9	CHAMPRAÃO, s. m. (t. do Brazil) Prancha de taboado grosso.
charque Origem: espanhol sul-americano Referente apenas brasileiro - A definição de CA é equivocada.	MS2, MS3, MS4, MS5, MS6	XÁRQUE, s. m. No Sul do Brasil principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamão ás carnes <u>feitas em mantas</u> , <u>salpicadas de sal</u> , e <u>curadas ao Sol</u> , <u>que transportão para vender</u> ; talvez daqui se derivou <i>enxercar</i> , <i>enxercado</i> , <i>enxerqueira</i> , etc.
	SC	XARQUE, s. m. (t. Brasil.), carne <u>feita em mantas</u> , <u>salpicadas de sal</u> e <u>curadas ao sol</u> . V. <i>Enxercar</i> . [Enxerca, enxercado e enxercar remetem para xarque, xarquedo e xarquear. Apenas xarque tem entrada na nominata.]
	EF2	XARQUE, s. m. (t. brazil.) carne <u>feita em mantas</u> , <u>salpicadas de sal</u> e <u>curadas ao sol</u> .
	DV	+ CHARQUE, s. m. Termo do Brazil. Carne <u>salgada</u> e <u>sêcca ao sol</u> . XÁRQUE, s. m. Nome dado no sul do Brazil, mórmente no Rio Grande de S. Pedro, ás carnes <u>feitas em mantas</u> , <u>salpicadas de sal</u> , e <u>curadas ao sol</u> , <u>que transportam para vender</u> . D'este termo se originaram outros, como <i>enxercar</i> ,

Lema	Dicionário	Verbetes
		<i>enxercado, enxerqueira, etc.</i>
	DL5	CHARQUE, s. m. dá-se este nome no Brasil á carne salgada e secca ao sol . XÁRQUE, s. m. (termo brasileiro) carne feita em mantas , salpicadas de sal e curadas ao sol.
	MS7	XÁRQUE, s. m. No sul do Brasil, principalmente no Rio Grande de S. Pedro, assim chamam ás carnes feitas em mantas , salpicadas de sal, e curadas ao Sol, que transportam para vender; talvez daqui se derivou <i>enxercar, enxercado, enxerqueira, etc.</i> *CHÁRQUE, s. m. t. do Brasil. Carne salgada e secca ao sol .
	CA	CHARQUE [...] s. m. (brazil.) preparação da carne secca para exportação . F. V. <i>Enxercar</i> . [O dicionário não registra a locução carne seca.]
	MS8	CHÁRQUE, s. m. (t. do Brazil) Carne salgada secca ao sol , preparada em mantas para exportar. Chama-se geralmente: carne secca ; é genero de grande consumo em todo o Brazil. § <i>Charque de vento</i> ; é o preparado com pouco sal e secco à sombra; faz-se de carne de vitella, ou de vacca propriamente dita; por isso, sendo as mantas mais delgadas, são de pouca duração, não podendo portanto ser exportadas.
	MS9	CHÁRQUE, s. m. (t. do Brazil) Carne salgada secca ao sol , preparada em mantas, para exportar: chama-se geralmente carne secca : é genero de grande consumo em todo o Brazil. § <i>Charque de vento</i> ; é o preparado com pouco sal, e secco á sombra; faz-se de carne de vitella, ou de vacca propriamente dicta; sendo estas mantas mais delgadas, são de pouca duração, não podendo por isso ser exportadas.
charqueada Origem: derivado de charque Referente apenas brasileiro	DV	+ CHARQUEÁDA, s. f. Termo do Brazil. Estabelecimento em que se mata e charqueia o gado.
	MS7	*CHARQUEÁDA, s. f. t. do Brasil. Estabelecimento onde se mata gado e se charqueia carne. Charqueada [...] s. f. (fam.) casa onde se faz o charque. F. [...] nb
	MS8, MS9	CHARQUEÁDA, s. f. (t. do Brazil) Grande estabelecimento onde se carnea, e se prepara o charque.
charquear Origem: derivado de charque Referente apenas brasileiro	DV	+ CHARQUEAR, v. a. Termo do Brazil. Matar o gado, salgar-lhe a carne e seccal-a ao sol. XARQUEAR, v. a. Seccar carne ao sol.
	DL5 nb	XARQUEAR, v. a. seccar carne ao sol.
	MS7	XARQUEAR, v. a. Seccar carne ao sol. *CHARQUEÁR, v. a. t. do Brasil. Matar gado, salgar e seccar ao sol a sua carne.
	CA	CHARQUEAR [...] v. tr. e int. (brazil.) fazer o charque. (Flex.) [...]
	MS8	CHARQUEÁR, v. trans. e intrans. (t. do Brazil) Preparar a carne da rez, e fazer d'ella charque.
	MS9	CHARQUEÁR, v. trans. e intrans. (t. do Brazil) Preparar a carne da rez, e fazer d'ella charque.
chicha Origem: espanhol sul-americano Referente apenas brasileiro	EF2, DL5	CHÍCHA, s. f. (t. do Brazil) Bebida embriagante preparada com mandioca, mel e agua, que se deixa fermentar: cauim.
	DV	CHÍCHA, s. f. [...] – Termo do Brazil. Bebida embriagante preparada com mel e agua que se deixa fermentar.
	MS7	CHÍCHA, s. f. t. do Brasil. Bebida embriagante preparada com mel e agua, que se deixa fermentar.
	CA	CHICHA [...] s. f. [...] (Brazil.) Bebida alcoolica preparada com mel e agua que se deixa fermentar. F. onomatopica.

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS8	CHÍCHA, s. f. (t. do Brazil) Bebida embriagante preparada com mandioca, mel e água, que se deixa fermentar: cauim.
	MS9	CHÍCHA, s. f. (t. do Brazil) Bebida embriagante preparada com mandioca, mel e água, que se deixa fermentar: cauim.
chiqueiro (B semântico) Possível referente apenas brasileiro (armadilha de peixes, semelhante ao curral; este, com vários compartimentos)	MS4, MS5, MS6	CHIQUEIRO, s. m. vulg. V. Possilga. §. Nos rios, é cerca de varas com voltas contra a corrente para ficar nelles preso, ou enchiqueirado o peixe tingujado, troviscado, ou embarbascado. t. do Brasil.
	SC	CHIQUEIRO, s. m. [...]; it. t. do Brasil, cerca de varas contra a corrente de rio para ficar nellas preso o peixe tingujado, embarsbacado ou troviscado.
	EF2, DL5	CHIQUEIRO, s. m. [...] : -- (termo do Brazil) cêrca de varas contra a corrente de rio para ficar nellas preso o peixe tingujado, embarbado ou troviscado.
	DV	CHIQUEIRO, s. m. [...] – Termo do Brazil. Cêrca de varas com voltas contra a corrente nos rios para apanhar ou enchiqueirar o peixe tingujado, troviscado ou embarbascado.
	MS7	CHIQUÊIRO, s. m. t. vulg. V. Possilga. § Nos rios, é cerca de varas com voltas contra a corrente para ficar nelles preso, ou enchiqueirado o peixe tingujado, troviscado, ou embarbascado: t. do Brasil.
	CA	CHIQUEIRO [...] s. m. [...] (Brazil.) Sebe de estacas que os pescadores costumam armar no leito dos rios para deter o peixe que vem arrastado pela corrente.
	MS8	CHIQUÊIRO, s. m. § (t. do Brazil) Cerco de varas que se faz nos rios com voltas contra a corrente para ficar n’elles preso, ou enchiqueirado o peixe tingujado, troviscado, ou embarbascado. § (it.) Pequeno curral para bezerros construido ordinariamente ao pé do das vaccas.
	MS9	CHIQUÊIRO, s. m. [...] § (t. do Brazil) Cerco de varas que se faz nos rios com voltas contra a corrente para ficar n’elles preso, ou enchiqueirado o peixe tingujado, troviscado, ou embarbascado. § (it.) Pequeno curral para bezerros, construido ordinariamente ao pé do das vaccas.
	cidra (B semântico) Referente apenas brasileiro	MS4
MS5, MS6, MS7		CIDRA, s. f. (do Fr. Cidre) Vinho, ou liquor de maçãs (<i>Diniz, Poes.</i>); e de mandioca, ou da sua manipueira, de que usam os Indios do Brasil. <i>Goes, Chr. Man. 1. c. 56.</i>
DV		CÍDRA, s. f. [...] – No Brazil, vinho feito de mandiôca ou da sua manipueira.
CA		CIDRA [...] s. f. vinho de maçans. (Brazil.) Vinho de mandioca. F. [...]
MS8, MS9		CIDRA, s. f. [...] § (t. do Brazil.) Vinho de mandioca, ou da sua manipueira, de que usam os Indios. <i>Goes, Chr. Man. 1. c. 56.</i> [Manipueira = caldo venenoso extraído da mandioca...]
cobra - cobra mandada Possível referente apenas brasileiro	MS4	COBRA, s. f. [...] <i>cobra mandada</i> , o sugeito, que algum inimigo insinua a vir-nos fazer algum mau, empecer-nos, provocar-nos a mal “os feitos deste homem parecem de <i>cobra mandada</i> ”: “veyo tenta-lo como –“. §. [...]
	MS5, MS6	CÓBRA, s. f. [...] § O vulgo do Brasil crè, que ha <i>cobras mandadas</i> por feiticeiros a morder alguem; e fig. chamam <i>cobra mandada</i> o sujeito que algum inimigo insinúa a vir-nos fazer algum mal, empecer-nos, provocar-nos a mal: “os feitos d’este homem parecem de <i>cobra mandada</i> ” § [...]
	SC	COBRA, s. f. [...] <i>Cobra, fig.</i> [...] No Brasil chamão <i>cobra mandada</i> , o sujeito que algum inimigo insinua ou encarrega de ir causar damno a outrem, ou induzi-lo a obrar mal. [...]
	EF2, DL5	COBRA, s. f. [...] <i>cobra mandada</i> , o sujeito que algum inimigo insinua ou encarrega de ir causar damno a outrem, ou induzi-lo a obrar mal. [...]
	DV	CÓBRA, s. f. [...] – <i>Cobra mandada</i> , assim chamam no Brazil á pessoa, que algum inimido insinúa, ou encarrega de ir causar damno a outrem, ou induzi-lo a obrar mal. [...]

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS7, MS8	COBRA, s. f. [...] <i>cobra mandada</i> o sujeito que algum inimigo insinúa a virnos fazer algum mal, empecer-nos, provocar-nos a mal: “os feitos d’este homem parecem de <i>cobra mandada</i> ”.
	MS9	COBRA, s. f. [...] <i>Cobra mandada</i> ; a que o vulgo do Brazil crê ser mandada por feiticeiros a morder alguém. § <i>it.</i> (fig.) O individuo que se propõe fazer mal a alguém por mandado de outrem. § [...]
coco (B semântico) Referente apenas brasileiro	MS4	CÓCO, s. m. Fruto dos coqueiros [...] e dá azeite mui limpo, fluido, e facilmente coagulavel ao frio mesmo do Brazil, [...] §. Coisa, com que se faz medo. V. do Arc. 1. 1. §. Fazer cocos a alguém; querer causar-lhe medo como ás crianças. Albuq. Comment. Arraes, 8. 4. “carrancas, e cocos odos [sic]” feros de bugio. §. Vazilha feita de casca de coco torneada, com um cabo que a atravessa perto da boca, embebido nas bordas para tirar agua dos potes no Brasil, e á semelhança destas se fazem de prata, cobre, folha de Flandes, etc.
	SC	CÓCO, s. m. [...]; <i>it.</i> vasilha feita de casca de coco torneada, com cabo que a atravessa, para tirar de potes, no Brasil.; e <i>fig.</i> vasilhas d’essa fôrma feitas de metal.
	MS5, MS6	CÓCO, s. m. t. do Brasil. Fructo [...] § <i>Côco</i> ; vasilha feita de casca de <i>coco</i> torneada, com um cabo que a atravessa perto da bocca, embebido nas bordas para tirar agua dos potes no Brazil, e á semelhança d’estas se fazem de prata, cobre, folha de Flandes, etc.
	DV	CÓCO, s. m. [...]; -- Vasilha feita da casca de côco torneada, com cabo que a atravessa, junto da bocca, que serve para tirar agua, e é usada. Similhantes a estes se fazem de prata, cobre, folha de Flandres, etc. :
	DL5	CÓCO, s. m. [...]; -- vasilha feita de casca de <i>côco</i> torneada, com cabo que a atravessa, para tirar agua dos potes, no Brazil: --, (fig.) vasilhas d’essa fôrma feitas de metal: -- [...] conjunto de sigdos partilhados. [comentários sobre etim.]
	MS7	CÓCO, s. m. t. do Brasil. Fructo [...] § <i>Côco</i> ; vasilha feita de casca de <i>côco</i> torneada, com um cabo que a atravessa perto da bocca, embebido nas bordas para tirar agua dos potes no Brazil, e á semelhança d’estas se fazem de prata, cobre, folha de flandres, etc. =MS8
	CA nb	CÓCO [...] s. m. [...] Vaso grosseiro feito de côco serrado, usado para conter tinta, para massa ou outros fins análogos. [...]
	MS8	CÓCO, s. m. [...] § <i>Côco</i> ; vasilha feita de casca de côco torneada, com um cabo que a atravessa perto da bocca, embebido nas bordas para tirar agua dos potes no Brazil, e á semelhança d’estas se fazem de prata, cobre, folha de flandres, etc.
	MS9	CÓCO, s. m. [...] § (t. do Brasil) Vasilha, á maneira de pucaro, feita da mesma casca torneada, com um cabo que a atravessa perto da bocca, embebido nas bordas para tirar agua dos potes. § (it. por ext.) Peça semelhante de prata, cobre, folha de Flandres, etc. § [...]
	colomim Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	MS2
MS3		COLOMÍM, s. m. No Brasil chamão ao Indio, que serve, com este nome, rapaz. V. <i>Abunhado</i> . (na Lingua Geral Brasil. <i>Curumím</i> .) =MS2
MS4, MS5, MS6		COLOMÍM, s. m. No Brasil chamão ao Indio, que serve, com este nome, rapaz. V. <i>Abunhado</i> . (naLingua Geral Brasil. <i>Curumím</i>)
SC		COLOMÍM ou antes CURUMIM, s. m. (t. Brasil.), rapaz, que serve, está ao serviço de alguém.
EF2		COLOMÍM ou CURUMIM, s. m. (termo brazil.) criado indio, rapaz (no Brazil).
DV		COLOMÍM ou CURUMIM, s. m. Termo do Brazil. Rapaz que serve, ou está ao serviço d’alguem.
DL5		COLOMÍM ou CURUMIM, s. m. (termo brazil.) criado indio, rapaz (no Brazil).
MS7		COLOMÍM, s. m. No Brasil, chamam ao Indio, que serve com este nome; rapaz. V. <i>Abunhado</i> . (Na lingua geral do Brasil, <i>curumim</i> .)

Lema	Dicionário	Verbetes
	CA	COLOMIM [...] s. m. (brazil.) creado.
	MS8	COLOMÍM, s. m. No Brazil, chamam assim ao Índio, que serve alguém; rapaz. V. Abunhado. (Na lingua geral do Brazil, <i>curumim</i> .)
	MS9	COLOMÍM, s. m. (t. do Brazil) Índio que serve alguém; rapaz. V. Abunhado.
comboieiro Origem: derivado de comboio Referente apenas brasileiro	MS2, MS3, MS4	COMBOEIRO, s. m. De terra, o que dirige o comboi das Tropas, ou recovages das Minas do Brasil para os Portos de mar, etc. <i>Regim. sobre os Quintos, de 1734. §. 2.</i>
	MS5	COMBOEIRO, s. m. (de terra) O que dirige o comboi das Tropas, ou recovagens das minas do Brasil para os portos de mar, etc. <i>Regim. sobre Quintos, de 1734. 2.</i>
	SC	COMBOEIRO, s. m. (<i>comboi, ar</i> des. inf.), nome que se dá no Brasil ao official que dirige o comboi de tropa, ou recovagens das minas para os portos do mar.
	DV	COMBOEIRO, s. m. [...] -- Termo do Brazil. O que dirige as tropas ou recovagens das minas do Brasil para os portos de mar.
	MS7, MS8	COMBOEIRO, s. m. (de terra) O que dirige o comboio das tropas, ou recovagens das minas do Brasil para os portos de mar, etc. <i>Regim. sobre Quintos, de 1734. 2. =MS8</i>
	CA nb	COMBOEIRO [...] <i>adj.</i> e s. m. [...] --, s. m. conductor ou guia dos conductores de mercadorias (em Africa e na America). F. [...]
	MS9	COMBOEIRO, s. m. O que dirige o comboio, as tropas, ou recovagens das minas do Brazil para os portos de mar, etc. <i>Regim. sobre Quintos, de 1734. 2.</i>
	congonha Indígena B(?) Referente apenas brasileiro	MS4
SC		CONGONHA, s. f. mate, planta do Paraguay e de São-Paulo no Brasil, de que se usa em infusão como chá; a infusão d’ella.
MS5, MS6		CONGONHA, s. f. Bebida de tintura da herva d’este nome, que se usa como chá, entre Paulistas; e o mate no Sul do Brasil; planta do Paraguay. <i>Garção, Theatro</i> : “arrotando congonha”.
EF2, DL5		CONGONHA, s. f. [...] infusão de uma herva assim chamada no Brazil, que é o mate do Paraguay.
DV		[Na definição da planta, diz-se que é usada como infusão.]
MS7		CONGONHA, s. f. [...] § Bebida de tintura da herva d’este nome ou mate, que se usa como chá, entre Paulistas. <i>Garção, Theatro</i> : “arrotando congonha”.
CA		nb
MS8		CONGONHA, s. f. [...] § Bebida de tintura da herva d’este nome ou mate, que se usa como chá, nas provincias meridionaes do Brazil, e nas republicas do prata e do Pacifico. <i>Garção, Theatro</i> : “arrotando congonha”.
MS9		CONGONHA, s. f. [...] § A bebida que se faz com a folha d’esta planta; mate. “arrotando congonha” <i>Garção, Theatro</i> .
copeiro (B semântico) Referente brasileiro e português	EF2, DL5, CA,	nb
	DV	COPEIRO, s. m. [...] – O que serve á mesa para administrar os vinhos, licores, etc.
	MS8, MS9	COPEIRO, s. m. [...] § (no Brazil) Creado de mesa. § [...]
copiar Indígena bras. Possivel referente apenas brasileiro	MS2, MS4	COPIAR, s. m. A parte dianteira das casas baixas rusticas, ou palhoças, onde está a porta de entrada, e há uma como varanda aberta. term. do Brazil.
	MS3	COPIAR, s. m. A parte dianteira das casas baixas rusticas, ou palhoças, onde está a porta de entrada, e há uma como varanda aberta. t. do Brazil.
	SC	COPIAR, s. m. (t. Brasil.), entrada de casas rusticas.
	MS5, MS6	COPIAR, s. m. t. do Brasil; A parte dianteira das casas baixas rusticas, ou palhoças, onde está a porta da entrada, e ha como uma varanda aberta.
	EF2, DL5	COPIAR, s. m. (brazil.), entrada de casas rusticas.

Lema	Dicionário	Verbetes
	DV	COPIÁR2, <i>s. m.</i> Termo do Brasil. A parte dianteira das casas baixas rusticas, ou palhoças, onde está a porta de entrada, e há uma como varanda aberta
	MS7	COPIÁR, <i>s. m. t.</i> do Brasil; A parte dianteira das casas baixas rusticas, ou palhoças, onde está a porta de entrada, e ha uma como varanda aberta
	CA	COPIAR [...] <i>s. m.</i> (brazil.) a deanteira das casas baixas, onde ha uma porta com uma varanda aberta.
	MS8, MS9	COPIÁR, <i>s. m.</i> (t. do Brazil) A parte dianteira das casas baixas, rusticas, ou palhoças, onde está a porta de entrada, e tem uma como varanda aberta, ou alpendre. § Dá-se tambem este nome ás partes lateraes do telhado de quatro aguas; tacaniça .
coscós Origem: espanhol ibérico Possível referente brasileiro e português	MS4, MS5, MS6, MS7	nb
	SC nb	COSCÓS, <i>s. m. pl.</i> (em Cast. <i>coscojas</i>) V. Coscojas. COSCÓJAS, <i>s. m. pl.</i> (do Cast. <i>coscojas</i>) peças da sella estardiota; são aneis longos de ferro ao redor do lado movediço da fivella, para facilitarem o correr da correia, por ser o aro da fivella quadrado; tambem se põem nos bocados do freio.
	DV nb	CÓSCOS, <i>s. m. pl.</i> [...] – Termo de Equitação. Argolinhas movediças ou aneis, que se enfiam, e cobrem as cadeiasinhas que fazem parte do assento do freio.
	CA	COSCÓS [...] <i>s. m.</i> roseta de ferro que se suspende do boccado do freio do cavallo para fazer bulha quando o cavallo move a lingua. (Brazil.)
	MS8	COSCÓS, <i>s. m.</i> (t. do Rio Grande do Sul) Roseta de ferro, que se põe no boccado do freio campeiro para fazer bulha, à proporção do movimento da lingua do cavallo. <i>Rego, Cav. 20. “coscos e aneis lizos”</i> . V. Coscòjas.
	MS9	COSCÓS, <i>s. m.</i> (t. do R. Gr. do Sul) Roseta de ferro, que se põe no boccado do freio campeiro para fazer bulha, à proporção do movimento da lingua do cavallo. <i>“coscos e aneis lizos”</i> . <i>Rego, Cav. 20. V. Coscòjas</i> .
covocó Origem: controversa Referente brasileiro e português	MS4	COVOCÓ, <i>s. m.</i> Bras. O caneiro, ou levada por onde despeja a agua, que sai dos cubos das rodas dos engenhos de moer cannas d’assucar, e por elle sai a rio, ou baixa.
	SC	COVOCÓ, <i>s. m.</i> (t. do Brasil), caneiro ou levada por onde corre a agua que sahe dos cubos das rodas de engenho de moer cannas de assucar.
	MS5, MS6, MS7	CÓVOCÓ, <i>s. m. t.</i> do Brasil. O caneiro, ou levada, por onde despeja a agua, que saí dos cubos das rodas dos ingenhos de moer cannas d’assucar, e por ele saí a rio, ou baixa.
	EF2, DL5	COVOCÓ, <i>s. m.</i> (termo do Brazil) caneiro por onde sáe a agua dos engenhos de açucar.
	DV	CÓVOCÓ, <i>s. m.</i> Termo Brasileiro. O caneiro ou levada por onde despeja a agua, que sáe das cubas das rodas dos engenhos de moer cannas d’assucar e por ele sáe.
	MS8, MS9	CÓVOCÓ, <i>s. m.</i> (t. do Brazil.) O caneiro, ou levada, por onde despeja a agua, que saí dos cubos das rodas dos engenhos de moer cannas de assucar.
crueira indígena B Referente apenas brasileiro	MS4	CRUEIRA, <i>s. f.</i> Brasil. A parte grosseira da mandioca ralada, ou moida e secca nas prensas, que não passa na peneira, ou urupembas, onde a massa se apura para ir a coser, ou torrar nos fornos, e serve de alimento a gallinhas, e porcos.
	SC	CRUEIRA, <i>s. f.</i> (t. do Brasil), a parte grosseira da mandioca ralada ou moida e seccada nas prensas, que não passa na peneira; serve de alimento a gallinhas e porcos.
	MS5, MS6	CRUEIRA, <i>s. f. t.</i> do Brasil. A parte grosseira da mandiôca ralada, ou moida e secca nas prensas, que não passa na peneira ou urupembas, onde a massa se apura para ir a cozer, ou torrar nos fornos, e serve de alimento a gallinhas, e porcos.
	EF2, DL5	CRUEIRA, <i>s. f.</i> a parte grosseira da mandioca ralada ou moída e seccada nas prensas, que não passa na peneira; serve de alimento a gallinhas e porcos.

Lema	Dicionário	Verbetes
	DV	CRUËIRA, s. f. Termo do Brazil. A parte grosseira da mandiôca ralada, ou moída e seccada nas prensas, que não passa na peneira: serve de alimento a gallinhas, e porcos.
	MS7	CRUËIRA, s. f. t. do Brazil. A parte grosseira da mandiôca ralada, ou moída e secca nas prensas, que não passa na peneira ou urupembas, onde a massa se apura para ir a cozer, ou torrar nos fornos, e serve de alimento a gallinhas, e porcos.
	CA	CRUEIRA [...] s. f. (brasil.) a parte grosseira da mandioca que não passa pela peneira.
	MS8	CRUËIRA, s. f. (t. do Brazil) A parte grosseira da mandiôca ralada, ou moída e secca nas prensas, que não passa na peneira ou urupembas, onde a massa se apura para ir a cozer, ou torrar nos fornos, e serve de alimento a gallinhas, e porcos. § (em Pern.) Especie de tumor secco, que vem á cabeça das gallinhas.
	MS9	CRUËIRA, s. f. (t. do Brazil) A parte grosseira da mandioca ralada, ou moída e secca nas prensas, que não passa na peneira ou urupembas, e serve de alimento a gallinhas, e porcos. § (em Pernambuco) Especie de tumor secco, que vem á cabeça das gallinhas.
cubo (B semântico) Possivel referente brasileiro e português	MS4, MS5, MS6, MS7	CÚBO, s. mas. [...] § Nos engenhos d'agua do Brazil os vãos da periferia delles onde a agua entra com força, ou cai para os mover.
	SC	CUBO, s. m. [...] Nos engenhos d'agua no Brazil, os vãos da peripheria onde a agua entra com força, ou cahe para os mover. [...]
	EF2, DL5	CÚBO, s. m. [...] Nos engenhos d'agua do Brazil, os vãos da peripheria , onde a agua entra com força, ou cáe para os mover: -- [...]
	DV	CUBO, s. f. [...] – No Brazil, nos engenhos d'agua , os vãos da peripheria d'elles, onde a agua entra com força, ou cáe para os mover.
	CA	nb
	MS8	CÚBO, s. m. [...] § Nos engenhos de agua do Brazil, os vãos da peripheria d'elles, onde a agua entra com força, ou cái para os mover. § [...]
	MS9	CÚBO, s. m. [...] § (nos engenhos de agua do Brazil) Os vãos da peripheria do engenho , onde a agua entra com força, ou cae para os mover. § [...]
cuia Origem: Indígena bras. Referente apenas brasileiro	MS2, MS3, MS4	CUIA, V. <i>Cuya</i> . CUYA, s. f. (da Lingua Geral Bras. onde significa o cabaço) Nas Colonias Portuguezas, é o cabaço aberto pelo meyo, e limpo do miolo; e serve de prato, em que se come, de vaso còvo para se beber por elle, etc. <i>Figueira, Gramm.</i>
	SC	CUIA, s. f. (t. Brasil., cabaço), o cabaço cortado pelo meyo e limpo do miolo; serve de prato, de vaso para beber, para ter polvilhos, etc. V. Cuité. CUYA. V. Cuia.
	MS5, MS6, MS7	CUIA, V. <i>Cuya</i> . <i>F. Elys</i> . 8. 54. <i>Cuya</i> , s. f. (da ling. ger. Brasil. onde significa o cabaço) No Brazil, é o cabaço aberto pelo meio, e limpo do miolo; e serve de prato em que se come, de vaso covo para se beber por elle, etc. <i>Figueira, Gram. Not.</i> 123.
	EF2, DL5	CÚIA, s. f. nome que dão no Brazil a um vaso feito do fructo da cuitezeira, partido ao meio, e limpo do miolo. – [...]
	DV	CUIA, Vide <i>Cuya</i> . CUYA, s. f. Termo Brasileiro. Cabaço aberto pelo meio, e limpo do miolo; que serve de prato onde se come, ou de vaso para beber.
	CA	CUIA [...] s. f. a casca do fruto da cuieira, que depois de secca e de se lhe extrair o miolo é empregada pelos indigenas para varios utensilios, como pratos, pucaros, etc.

Lema	Dicionário	Verbetes
		Parte do penteado das senhoras formado por cabellos postiços, juntos e enrolados em uma almofada que se colloca sobre a nuca. F. É palavra brazil
	MS8	CUIA, s. f. (Da ling. ger. do Brazil) Utensilio domestico feito da casca do fructo da cuieira, depois de partida ao meio no sentido longitudinal, limpa do miolo e secca, dando assim cada fructo duas cuias; é uma pequena vasilha, que à gente pobre serve de prato, de tigella, e de copo. <i>Figueira, Gram. Not. 123. F. Elys. 8. 5. 4.</i> § Nas casas abastadas a cuia, que é então trabalhada e ornamentada, tem tambem o seu logar na mesa, servindo de prato côvo, em que se põe a farinha de mandioca. § Qualquer vasilha, que tem a fórmula e a serventia da cuia natural; assim ha <i>cuias</i> de prata, de tartaruga, de madeira, etc. § Nas provincias do sul do Brazil chama-se <i>cuia</i> o vaso pelo qual se toma o mate. § Nas provincias do norte <i>cuia</i> era tambem uma medida de capacidade equivalente ao salamim. § <i>Cuia de vela</i> ; no Ceará, concha de pau, com que se molha a vela. § <i>Cuia</i> ; especie de almofada envolvida no cabello natural ou postiço, com que as senhoras preparam o penteado, avolumando-o sobre a nuca. Cuya. V. Cuia.
	MS9	CUIA, s. f. (da ling. ger. do Brazil) Pequena vasilha feita da casca do fructo da cuieira, partida ao meio no sentido longitudinal, limpa do miolo e secca, que á gente pobre serve de prato, de tigela, e de copo. <i>Figueira, Gram. Not. 123. F. Elys. 8. 5. 4.</i> Nas casas abastadas tambem a <i>cuia</i> , então trabalhada e ornamentada, tem tambem o seu logar na mesa, servindo de prato côvo, em que se põe a farinha de mandioca. § Qualquer vasilha, que tem a fórmula e a serventia da <i>cuia</i> natural; assim ha <i>cuias</i> de prata, de tartaruga, de madeira, etc. § (no sul do Brazil) O vaso pelo qual se toma o mate. § (no norte do Brazil) Medida antiga de capacidade equivalente ao salamim. § Especie de almofada envolvida no cabello natural ou postiço, com que as senhoras preparam o penteado, avolumando-o sobre a nuca. § <i>Cuia de vela</i> ; (no Ceará) concha de pau, com que se molha a vela.
cuiambuca, cumbuca Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	MS4	CUIAMBÚCA, s. f. Vulgo <i>combuca</i> . Vaso do cabaço inteiro, lucado , limpo , aberto só por cima , para levar agua . t. Brasil.
	SC	CUIAMBUCA ou COMBUCA, (t. Brasil.) cabaço para levar agua . CUMBUCA, V. Cuyambuca.
	MS5, MS6, MS7	CUIAMBÚCA, s. f. t. Brasil (vulgo <i>combuca</i>) Vaso de cabaço inteiro, lucado , limpo , aberto só por cima para levar água .
	EF2, DL5	CUIAMBUCA ou COMBUCA, s. f. (termo do Brazil) cabaço para levar agua . =EF2 CUMBUCA. V. <i>Cuyambuca</i> .
	DV	CUIAMBÚCA, s. f. Termo Brasileiro. Cabaço para levar agua .
	MS8	CUIAMBÚCA. O mesmo que Cumbuca e Cuyambuca. CUIAMBÚCA. V. Cumbuca. CUMBÚCA, s. f. (t. do Brazil) Vaso feito da cabaça da cuieira, ou cuité, e de outras fructas; tem uma abertura circular na parte superior; e serve para agua e outros liquidos . Diz-se tambem <i>cuiambuca</i> , ou <i>cuyambuca</i> . § <i>Macaco velho não mette mão em cumbuca</i> ; loc. braz. para dizer que homem experimentado, e practico da vida não cae em lógros; não se deixa facilmente apanhar em ratoeiras . Deriva-se esta phrása da maneira como em algumas partes caçam os macacos. Dentro de uma <i>cumbuca</i> que está presa deitam milho; o macaco mette a mão e não a pôde tirar, porque não quer largar o milho que apanhou, e tem na mão fechada; assim é agarrado facilmente pelo caçador. Parece que o macaco velho, conhecendo o lógro, não mette a mão na tal <i>cumbuca</i> .

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS9	<p>CUIAMBÚCA. O mesmo que Cumbuca e Cuyambuca. CUMBÚCA, s. f. (t. do Brasil) Vaso feito da cabaca da cuieira, e de outras fructas; tem uma abertura circular na parte superior; e serve para agua e outros liquidos. diz-se tambem <i>cuiambuca, cuyambuca.</i> § <i>Macaco velho não mette mão em --;</i> loc. brasileira e fig. que quer dizer que homem experimentado, não cae em lógicos, não se deixa facilmente apanhar em ratoeiras: deriva-se a phrase da maneira como em alguns logares caçam os macacos: dentro de uma <i>cambuca</i> que está presa deitam milho; o macaco mette a mão, e não a pode tirar, porque não querendo largar o que apanhou, conserva a mão fechada, e assim é agarrado facilmente pelo caçador; parece que o macaco velho, conhecendo o logro, não mette lá a mão.</p>
<p>curumbi(m) Indígena bras. Referente apenas brasileiro</p>	MS2, MS3, MS4	<p>CURUMBÍM, s. m. Na Asia, o Indio que é moço de servir, ou servo addicto á gleba; no Brasil a palavra <i>Curumim</i> v~ei no mesmo sent. de rapaz, ou moço de servir, alugado. Talvez os Jesuitas Missionarios derão este nome nas duas Indias promiscuamente, sendo de um só idioma; ou será este um dos que são communs ao Brasil, e á India, como se achão em nomes de terras de uma, e outra região? V. <i>Abunhado.</i> CURUMÍM. V. <i>Curumbim.</i></p>
	SC	<p>CURUMBÍM, s. m. (t. Asiat.), addicto á gleba. No Brasil, <i>curumim, moço de servir,</i> nome introduzido na Asia. CURUMÍM. V. <i>Curumbim.</i></p>
	MS5, MS6	<p>CURUMBÍM, ou CURUMIM, s. m. t. Aisat. Indio que é moço de servir; ou servo addicto á gleba; no Brasil, <i>curumim, rapaz, ou moço de servir, alugado. Talvez os Jesuitas missionarios deram este nome nas duas Indias promiscuamente, sendo de um só idioma: ou será este um dos que são communs ao Brasil, e a India, como se acham em nomes de terras de uma e outra região? V. <i>Abunhado.</i></i></p>
	EF2, DL5	<p>CURUMBÍM, s. m. (termo asiático) addicto á gleba. No Brasil, <i>curumim, moço de servir,</i> nome introduzido da Asia. V. <i>Abunhado.</i> CURUMÍM, s. m. (termo do Brasil) rapaz ou moço de servir.</p>
	DV	<p>CURUMBÍM ou CURUMÍM, s. m. Termo Asiatico. Moço de servir; ou servo addicto á gleba. -- No Brasil Rapaz, moço de servir, allugado.</p>
	MS7	<p>CURUMBÍM, ou CURUMIM, s. m. t. Aisat. Indio que é moço de servir; ou servo addicto á gleba; no Brasil, <i>curumim, rapaz, ou moço de servir, alugado. Talvez os Jesuitas missionarios deram este nome nas duas Indias promiscuamente, sendo de um só idioma: ou será este um dos que são communs ao Brasil, e a India, como se acham em nomes de terras de uma e outra região? V. <i>Abunhado.</i></i></p>
	MS8	<p>CURUMBÍM, ou CURUMIM, s. m. [...] § No Brasil, curumim, rapaz, ou moço de servir, alugado. Talvez os Jesuitas missionarios deram este nome nas duas Indias promiscuamente, sendo de um só idioma; ou será este um dos que são communs ao Brasil e á India, como se acham em nomes de terras de uma e outra região? V. <i>Abunhado.</i></p>
	MS9	<p>CURUMBÍM, ou --RUMÍM, s. m. [...] § (t. do Brasil) Rapaz, ou moço de servir, alugado; diz-se também <i>curumi.</i> Abunhado.</p>
<p>massapê</p>	MS2, MS3,	<p>MAÇAPÊ, s. m. [...] § Terra fina, m~ui gommosa, boa para plantar canas d'assucar, por ser terra fresca; é mui pesada, e retem muito a humidade, quase sempre preta; outros maçapés há vermelhos.</p>

Lema	Dicionário	Verbetes
	MS4, MS5, MS6	MAÇAPÉ, s. m. [...] § Terra fina, mui gommosa, boa para plantar canas d'assucar, por ser terra fresca; é mui pesada, e retém muito a humidade, quase sempre preta; outros <i>maçapés</i> há vermelhos, no Brasil, e principalmente na Baiya.
	SC	MAÇAPÉ ou MASSAPÉ, s. m. (<i>massa e pé</i>) [...]; it. -- (t. Brasil.) terra mui pegajosa, que retém a humidade e é favorável á plantação da canna de assucar
	EF2, DL5	MAÇAPÉ ou MASSAPÉ, s. m. (<i>massa e pé</i>) [...] -- (t. braz.) terra mui pegajosa, que retém a humidade e é favorável á plantação da canna de açúcar
	DV	MAÇAPÉ, s. m. Terra fina e gommosa, muito propria para a plantação de canna d'assucar, em razão de ser muito fresca; é quasi sempre preta, muito pesada, e retém facilmente a humidade. O Brazil, e especialmente a Bahia, tem bastante <i>mapaçés</i> vermelhos. -- [...]
	MS7	MAÇAPÉ, s. m. [...] § Terra fina, muito gommosa, boa para plantar cannas de assucar, por ser fresca; é mui pesada, e retém muito a humidade, quasi sempre preta: outros <i>maçapés</i> ha vermelhos, no Brazil, e principalmente na Bahia. *MASSAPÉ, s. m. t. do Brasil; Terra negra e forte, excellente para a cultura da canna.
	CA	MASSAPEZ [...] s. m. [...] Terra fina, gommosa e fresca, boa para plantar canna de assucar. Pozzolana dos Açores formada à custa da decomposição [...]
	MS8, MS9	MAÇAPÉ, s. m. [...] § Terra fina, muito gommosa, boa para plantar cannas de assucar, por ser fresca; é mui pesada, e retém muito a humidade; é quasi sempre preta: outros <i>maçapés</i> ha vermelhos, no Brazil, e principalmente na Bahia. MASSAPÉ, ou –SAPÈZ, OU -- ÇAPÉ, s. m. (t. do Brazil) Terra negra e forte, excelente para a cultura da canna. § Pozzolana dos Açores.
múrice	MS2, MS3,	MÚRICE, s. m. Caracol marinho, que tem uma como veya esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem: no <i>Rio de Janeiro</i> os há na praya detrás de S. Bento, e na do Villagaillon. <i>Cam.</i> o múrice <i>excellente</i> : “ <i>a tinta que no murice se cria. Idem.</i> ”
	MS4	MÚRICE, s. masc. Caracol marinho, que tem uma como veya esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem: no Rio de Janeiro os há na praya detrás de S. Bento, e na do Villagaillon. <i>Cam.</i> “o múrice <i>excellente</i> ”: “ <i>a tinta que no murice se cria</i> ” Id. (<i>Feijó</i> das especies perdidas).
	SC, EF2, DL5	MÚRICE, s. m. (Lat. <i>murex, icis</i> , de <i>morum</i> , amora) marisco que dá a bella tinta côr de purpura.
	MS5, MS6, MS7	MÚRICE, s. m. (do Lat. <i>murex, icis</i>) Caracol marinho, que tem uma como veya esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem: no Rio de Janeiro os há na praya detrás de S. Bento, e na do Villagaillon. <i>Cam.</i> “o múrice <i>excellente</i> ”: “ <i>a tinta que no murice se cria</i> ” Id. (<i>Feijó</i> das especies perdidas).
	DV	MURICE, s. m. (Do latim <i>murex</i>) Caracol marinho, que tem uma como veya esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se torna verde, e depois de côr de purpura, e não é susceptivel de se tirar por meio da lavagem. Existem no Rio de Janeiro na praia por detraz de S. Bento, e na de Villagaillon.
	CA	MURICE [...] s. m. (zool.) mollusco gasteropode tambem chamado purpura. F.
	MS8, MS9	MÚRICE, s. m. (do Lat. <i>murex, icis</i>) Mollusco gasteropode, tambem chamado caracol marinho. Tem uma como veya esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se fez verde, e depois purpureo, e não se tira com a lavagem: no Rio

Lema	Dicionário	Verbetes
		de Janeiro há-os na praya detraz de S. Bento, e em Villagailon. <i>Cam.</i> “o <i>murice</i> excellente”: “a tinta que no <i>murice</i> se cria” Id. (<i>Feijó</i> das especies perdidas).
tapera	MS2, MS3,	TÁPÉRA, s. f. Bras. Quinta, ou fazenda que algum tempo se grangeou, e que depois se abandona, e deixa fazer mato, ou sapezal.
	MS4, MS5, MS6, MS7	TÁPÉRA, s. f. t. Brasil. Quinta, ou fazenda, que algum tempo se grangeou, e que depois se abandona, e deixa fazer mato ou sapezal, por cançada. Nos <i>S. de Vieira</i> (grande mestre da lingua dos Indios), 12. f.219 vem accentuado <i>tápera</i> ; mas sempre ouvi dizer no Brasil <i>tapéra</i> : “o engenho <i>tapéra</i> ”
	SC	TAPERA, s. f. (t. Brasil.) quinta ou fazenda que depois de cultivada foi abandonada e se cobrou de mato.
	EF2, DL5	TAPERA, s. f. (t. brazil.) quinta ou fazenda que depois de cultivada foi abandonada e se cobriu de mato.
	DV	TAPERA, s. f. Termo do Brazil. Quinta, ou fazenda, que algum tempo se grangeou, e que depois se abandona, e deixa fazer mato, ou sapezal, por cançada.
	MS8, MS9	TÁPÉRA, s. f. (t. do Brazil) Fazenda, que algum tempo se grangeou, e que depois se abandonou, e deixou fazer mato, ou sapezal, por cançada. § Nos <i>Serm. de Vieira</i> (grande mestre da lingua dos Indios), 12. f.219 vem accentuado <i>tápera</i> ; mas de ordinario pronuncia-se <i>tapéra</i> .

ANEXO D- Brasileirismos registrados a partir de MS7 e CA (ver também anexos 3 e 5)

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
<p>armarinheiro Origem: derivado de armarinho</p> <p>Referente brasileiro e português, explícito na definição.</p>	SRF	SRF	<p>ARMARINHÊIRO (t. do Brazil) Proprietário de um armarinho: retrozeiro; capellista</p> <p>[Ver capelista e loja de capela em Anexo 5.]</p>	<p>ARMARINHÊIRO, s. m. (t. do Brazil) Proprietário de um armarinho: retrozeiro</p>
<p>armarinho - B semântico - Referente brasileiro e português, explícito na definição. - [Ver capela em Anexo 5. Também com extensa informação acerca da origem do nome.] - Def. genérico: “loja” e “estabelecimento” = casa comercial - Definidores específicos: finalidade: “<u>vendem objectos...</u>”, “<u>miudezas</u>” MS7: não se utiliza de palavras que remetem a termos equivalente: loja de capela, capelista, retrozeiro.</p>	<p>*ARMARINHO, s. m. Dim. de Armario. § t. do Brasil. Loja em que se vendem <u>objectos de costura e outras miudezas.</u></p>	<p>ARMARINHO, s. m. [...] No Brazil é a loja em que se vendem miudezas, como as da loja de capella em Portugal.</p>	<p>ARMARINHO, s. m. [...] § (no Brazil) Loja em que se vendem <u>objectos de costura, artigos de capelista, de retrozeiro e de modas.</u> Há no Rio de Janeiro armarinhos de grande importancia; alguns são estabelecimentos de luxo, frequentados pela melhor sociedade, outros fornecem por atacado as casas do interior. Provém o nome de serem antigamente os vendedores d’estes artigos estabelecidos com uma especie de <i>pequenos armarios</i> em vãos de certas paredes. Há ainda actualmente dois ou três exemplares d’esto genero, que conservam por assim dizer a viva tradição.</p>	<p>ARMARINHO, s. m. dim. de Armario. § Armario pequeno. § (no Brazil) Estabelecimento em que se vendem <u>objectos de costuras, artigos de capellista, de retrozeiro e de modas.</u> provém este nome de serem antigamente os vendedores d’estes artigos estabelecidos com uma especie de <i>pequenos armarios</i> em vãos de certas paredes.</p>
<p>bonde - Origem: inglês - Referente brasileiro e português. - Def. genérico: “título de empréstimos”</p>	SRF	SRacp	<p>Título de alguns empréstimos <u>externos</u> <u>tanto de Portugal como do Brazil</u> e cujo juro é pago em ouro, e ao <u>portador.</u></p>	<p>Bond, s. m. (do Ingl. <i>bond</i>) Título de alguns empréstimos <u>externos</u> <u>do Brazil</u>, cujo juro é pago em ouro, e ao <u>portador.</u></p>

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
- Def. específicos: descrição: “externos”, “pago em ouro”, “ao portador” + origem: “Portugal e Brazil” ou “Brazil”				
bonde - Def. genérico: carro. - Def. específico: “systema americano” - Definição de CA é completa, pois “carro de systema americano” já contém as informações acrescentadas por MS.	SRF	BOND [...] No Brazil, nome dos carros de systema americano . Ver <i>americano</i> em Anexo E.	§ O <i>bond</i> ; o carro do systema americano que serve ao transporte dos passageiros.	§ (t. do Brazil.) O carro do systema americano que anda sobre trilhos, e serve ao transporte de passageiros.
bonde - Comentário gramatical em MS8.	SRF	SRacp	§ <i>Bond de carga</i> ; o que é <u>destinado ao transporte de bagagens e pequenas mercadorias</u> . § Diz-se geralmente: <i>tomar o bond</i> ; <i>ir, vir de bond</i> , etc.	§ <i>Bond de carga</i> ; (it.) o que é destinado ao transporte de <u>bagagens e pequenas mercadorias</u> .
bonde	SRF	SRloc	SRloc	§ <i>Bond electrico</i> ; (it.) aquele <u>cuja tracção é feita por meio de electricidade</u> .
bonde	SRF	SRloc	§ <i>Bonds maritimos</i> ; pequenos vapores, que fazem o serviço de transporte de passageiros no porto do Rio de Janeiro por ocasião da chegada e partida dos paquetes.	§ <i>Bonds maritimos</i> ; (it.) pequenos vapores, que fazem o serviço de transporte de passageiros no porto do Rio de Janeiro, por ocasião da chegada e partida dos paquetes, etc.
bonde	SRF	SRloc	§ (no Brazil.) <i>Companhias de Bonds</i> ; as companhias de transporte urbano sobre trilhos pelo systema americano .	§ <i>Companhia de bonds</i> ; (it.) companhia de transporte urbano sobre trilhos pelo systema americano .

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
bonde - Comentário sobre ortografia em MS9.	SRF	SRloc	§ <i>Companhia de bonds marítimos; a que tem a seu cargo a exploração d'esse serviço.</i>	§ <i>Companhia de bonds marítimos; (it.) a que explora o serviço marítimo por meio de pequenos vapores.</i> § Deveria escrever-se <i>bonde</i> , segundo a índole da língua.
bugre Origem: francês Referente apenas brasileiro - A ausência do definidor específico indica que o <i>definiendum</i> torna-se um designativo genérico e depreciativo para “selvagens”.	*BÚGRES, s. m. pl. t. do Brasil. Tribu de indígenas que dominavam na <u>provincia de S. Paulo.</u>	SRF	BÚGRE, s. m. (t. do Brasil) Nome depreciativo dado aos selvagens do Brasil.	BÚGRE, s. m. (t. do Brasil) Nome depreciativo dado aos selvagens.
caatinga Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CAHATINGA, s. f. (t. do Amazonas) Terra alagadiça , em que cresce a palmeira Piassabeira.	CAHATINGA, s. f. (t. do Amazonas) Terra alagadiça , em que cresce a palmeira piassaba.
caatinga Origem: indígena B. (Possível) referente comum	SRF	SRF	CATINGA, s. f. (t. do Brasil) Matto de terras fracas.	CATINGA, s. f. (t. do Brasil) Matta de terras fracas. § [...]
cabacinha - B semântico - Referente brasileiro e português - definição por meio de descrição; - indicação de equivalentes é falha. Ver <i>laranjinha</i> em Anexo E.	SRF	SRacp	CABACINHA, s. f. [...] § Pequena bola de cêra , cheia de água de cheiro, que se applica ao jogo do entrudo. - nb	CABACINHA, s. f. dim. de Cabaça. § [...] § (t. do Brasil) Um arbusto [...] § (it.) Pequena bola de cêra , cheia de água de cheiro que se usa no jogo do entrudo; no Rio de Janeiro chamam-lhe <i>limão de cheiro</i> , e n'outros pontos do Brasil <i>laranjinha</i> .
cabanada	*CABANÁDA, s. f. t. do	SRF	CABANADA, s. f. (t. do Brasil) Nome	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Origem: vernacular. Referente apenas brasileiro	Brasil. Nome dado a uma rebelião que houve na província das <u>Alagoas</u> .		dado a uma rebelião que em 1832 começou em <u>Pernambuco</u> , e depois se estendeu a <u>Alagoas</u> , terminando em 1835.	
cabanada	SRacp	SRF	§ Também com este nome se designou uma revolta do Pará , que começou em 1835 e terminou em 1838.	=MS8
cabano Origem: vernacular(?) Referente apenas brasileiro	*CABANO, s. m. t. do Brasil. Membro d'um partido político da província de Alagoas, que fez uma revolta chamada <u>cabanada</u> .	SRacp	CABANO, s. m. (t. do Brazil) Nome dados aos revoltosos da cabanada tanto em Pernambuco e Alagoas como no Pará.	=MS8
cabauí Origem: indígena B (Possível) referente brasileiro e português	SRF	SRF	CABAHÚ, s. m. Nome dado em Sergipe (Brazil) ao <i>mel de tanque</i> . [Ver <i>mel de tanque</i> .]	=MS8
cabocla -Origem: derivado de caboclo - Referente apenas brasileiro - Todos os derivados de caboclo são definidos por conexão derivacional. - Em nenhum deles há indicação de termo equivalente.	SRF	SRacp	CABÒCLA, s. f. (t. do Brazil) Mulher da casta dos caboclos . § [...]	=MS8
caboclada Origem: derivado de caboclo Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CABOCLÁDA, s. f. Porção de caboclos nb	CABOCLÁDA, s. f. (t. do Brazil) Porção de caboclos
caboclado Origem: derivado de caboclo Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CABOCLADO, A, adj. Da côr dos caboclos . nb	CABOCLADO, A, adj. (t. do Brazil) Da côr dos caboclos .
caboclinha	SRF	SRF	CABOCLINHA, s. f. Menina de casta	CABOCLINHA, s. f. (t. do

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Origem: derivado de caboclo Referente apenas brasileiro			<u>cabocla.</u> nb	Brazil) Menina de casta cabocla.
caboclinho Origem: derivado de caboclo Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CABOCLINHO, s. m. Menino de casta cabocla. § Passaro [...] nb	CABOCLINHO, s. m. (t. do Brazil) Menino de casta cabocla. § [...]
cabocismo - Origem: derivado de caboclo - Referente apenas brasileiro - Não se especifica como seria a ação. Comparar com <i>caipirada</i> , neste Anexo. - Dic. contemporâneos definem sem indicar equivalentes ou especificar como seria a “ação”.	SRF	SRF	SRF	CABOCLISMO, (t. do Brazil) Acção de caboclo.
caboclo Ver anexo C.	-	-	-	-
caboré - Origem: indígena B - provável referente brasileiro e português; - <i>boiãozinho</i> vaso de barro para conservas.	CABORÉ, s. m. <u>Pequeno vaso de barro para cozer ao lume;</u> boiãozinho.	SRF	CABORÉ, s. m. Nome que dão no Brazil a uma especie de mocho pequeno. § <u>Pequeno vaso de barro para cozer ao lume;</u> boiãozinho.	CABORÉ, s. m. (t. do Brazil) Especie de mocho pequeno. § <u>Pequeno vaso de barro para cozer ao lume;</u> boiãozinho
caboré Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	SRacp	SRF	§ Mestiço de negro e india, ou vice-versa. Também chamam <i>cafuz, cafuzo, e cafuza.</i>	§ Mestiço de negro e india, cafuz, cafuzo, cafuza
caborteiro Origem: vernacular Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CABORTEIRO, A, adj. (t. do Brazil) Velhaco, manhoso; diz-se dos homens e dos animaes.	CABORTEIRO, A, adj. (t. do Brazil) Velhaco, manhoso (diz-se das pessoas, e dos animaes). CAVORTEIRO, s. m. O mesmo que Caborteiro.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cabos-brancos Origem: vernacular Provável referente brasileiro e português	SRF	SRF	CABOS-BRANCOS, adj. pl. (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Diz-se do cavallo que tem brancos os quatro pés: <i>v. g. baio cabos-brancos</i> . Diz-se <i>cabos-negros</i> do que tem negros os quatro pés.	CABOS-BRANCOS, adj. (t. do Rio Grande do Sul) Diz-se do cavallo de qualquer còr, que tem brancos os quatro pés: <i>v. g. baio cabos-brancos</i> .
cabos-negros Origem: vernacular Provável referente brasileiro e português	SRF	SRF	[Ver cabos-brancos.]	CABOS-NEGROS, adj. (t. do Rio Grande do Sul) Diz-se do cavallo de qualquer còr, que tem negros os quatro pés: <i>v. g. baio cabos-negros</i> .
cabo-verde Origem: vernacular Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CABO-VÉRDE, s. m. e f. (na Bahia, Brazil) O mesmo que <i>caboré</i> , <i>mestiço de negro e india</i> <u>ou vice-versa</u> .	CABO-VÉRDE, s. m. e f. (t. da Bahia) O mesmo que <i>caboré</i> , ultimo paragrapho.
cabra Ver anexo C.	-	-	-	-
cabrestear Origem: derivado de cabresto	SRF	SRacp	CABRESTEÁR, v. intrans. (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Ir o animal preso pelo cabresto.	CABRESTEÁR, v. intrans. (t. do Rio Grande do Sul) Levar o animal preso pelo cabresto.
cabrocha - Origem: derivado de cabra - Todos os derivados de <i>cabra</i> são definidos por correlação de derivação. - Em nenhum deles há indicação de termo equivalente. - O dicionarista vale-se de expressão que denota afastamento: “dos chamados”	SRF	SRF	CABRÓXA, s. m. e f. (t. do Brazil) Nome com que se designa um rapazote da casta dos chamados <i>cabras</i> .	=MS8
cabroeira Origem: derivado de cabra	SRF	SRF	CABROÈIRA, s. f. (t. do Brazil) Grupo de gente formado dos	CABROÈIRA, s. f. (t. do Brazil) Grupo de individuos

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
			chamados <i>cabras</i> .	<u>dos</u> chamados <i>cabras</i> .
cabuchão Ver anexo C.	-	-	-	-
cabungo Origem: africana Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CABÚNGO, s. m. (t. do Brasil) Bacia de cama ; bacio .	CABÚNGO, s. m. (t. do Brasil) Bacia de cama ; bacio , bispote , penico . nb
cabungo Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Pessoa suja .	(fig.) =MS8
cabungo Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Pessoa a quem se não liga importância .	(it.) =MS8
caçabe Ver Anexo C.	-	-	-	-
caçamba Origem: africana Referente brasileiro e português	*CASSÂMBA, s. m. t. do Brasil Balde para tirar água .	CASSAMBA [...] s. f. (brazil.) balde . Em CA, balde [...] para tirar ou transportar água	CASSÂMBA, s. m. (t. do Brasil) Balde ordinariamente <u>preso a uma corda</u> para tirar água de poço, etc. EM MS8 – Balde : recipiente cilíndrico [...] para tirar água dos poços.	=MS8
caçamba Referente brasileiro e português	Estribo com fôrma de sapato .	Estribo <u>em fôrma de sapato</u> .	CASSÂMBA [...] § Estribo <u>com fôrma de sapato</u> , <u>de metal ou de couro</u> .	=MS8
caçamba - são a corda e a caçamba Referente brasileiro e português	SRloc	SRloc	§ diz-se de duas pessoas inseparáveis; corresponde á outra loc. pop.: <i>são a corda e o caldeirão</i> . [Ver <i>corda</i> no Anexo E.]	(loc. pop. do Brasil). V. Corda.
cacerengue Origem: africana Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRF	SRF	CACERENGA, (t. de Alagoas) Faca velha sem cabo.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cacetada Ver Anexo C.	-	-	-	-
cacete Ver Anexo C.	-	-	-	-
caceteação Origem: derivado de cacete Referente brasileiro e português	SRF	SRF	SRF	CACETEACÃO, s. f. (t. pop. do Brazil) O acto de caceteiar alguém.
caceteiar Origem: derivado de cacete Referente brasileiro e português	SRF	SRF	SRF	CACETEIA, v. trans. (t. pop. do Brazil) Aborrecer, enfadar, maçar alguém não o largando, ou repetindo, repisando as cousas, etc.
cachaça Ver Anexo C.	-	-	-	-
cachaceira Ver Anexo C.	-	-	-	-
cachaceiro Origem: derivado de cachaça Referente brasileiro e português	SRF	SRF	SRF	CACHACÊIRO, adj. (t. do Brazil) Diz-se de pessoa que se embriaga com cachaça.
cachear Ver Anexo C.	-	-	-	-
cachoeira (B semântico) Referente brasileiro e português	SRacp	SRacp	SRacp	CACHOEIRA, s. f. [...] § (t. do Maranhão) O mesmo que Corredeira .
Cacimba Ver Anexo C.	-	-	-	-
cáco (B semântico) Referente brasileiro e	SRacp	SRloc	CÁCO, s. m. [...] § <i>Caco</i> , ou <i>tabaco de caco</i> ; (Brazil) É o pó do tabaco de fumo, depois de torrado ao fogo e	CÁCO, s. m. [...] § <i>Tabaco de caco</i> , ou só <i>caco</i> ; (t. do Brazil) o pó do tabaco de fumo.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
português			moído. § [...]	depois de torrado ao fogo e moído.
Caçua Ver Anexo C.	-	-	-	-
caçula, caçulé, caçulê, caçulo Origem: africana Referente brasileiro e português	*CAÇULA, s. f. t. do Brasil. O filho mais novo.	SRF	CAÇULA, s. f. (t. do Brazil.) O filho mais novo. CASSULA, ou - SULÉ, s. m. e f. (t. do Brazil) O filho, ou filha mais moça de um casal. CASSULÉ, s. m. e f. (t. do Brazil) O mesmo que Cassula.	=MS8
cadáver (B semântico) Referente brasileiro e português	SRacp	SRacp	CADÁVER, s. m. [...] § (no Brazil) fig. Credor. § [...]	CADÁVER, s. m. [...] § (t. fig. do Brazil) fig. Credor.
cadeira Ver Anexo4.	-	-	-	-
cadeirinha Ver Anexo C.	-	-	-	-
cadena Origem: espanhol sul-americano Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CADÈNA, s. f. (do <i>Hesp. Cadena</i> , cadeia) (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Maneira engenhosa de tirar dos chifres do boi bravo sem perigo o laço em que está preso, o que se faz por meio de outro laço e fazendo deitar o boi no chão.	CADÈNA, s. f. (do <i>Hesp. Cadena</i> , cadeia) (t. do Rio Grande do Sul) Maneira engenhosa de tirar das hastes do boi bravo, sem perigo, o laço em que está preso, o que se faz por meio de outro laço, e fazendo deitar o boi no chão.
cafajestada Origem: derivado de cafajeste Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CAFAGESTÁDA, s. f. (t. do Brazil) Acto de cafajeste.	CAFAJESTÁDA, s. f. (t. do Brazil) Acto de cafajeste.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cafajestada Origem: Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Grupo de cafagestes.	§ Grupo de cafajestes.
cafajeste Origem: desconhecida ou controversa Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CAFAGÊSTE, s. m. Homem de infima plebe; sem consideração alguma. nb	CAFAJESTE, s. m. (t. do Brazil) Homem de infima plebe, sem consideração alguma.
cafajeste Origem: Obscura Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Homem sem prestimo.	§ Homem sem préstimo.
cafezista Origem: Vernacular Referente apenas brasileiro.	*CAFEZISTA, s. 2 g. Pessoa que possui grandes plantações de café.	CAFEZISTA [...] s. m. (brazil.) proprietário de plantações de café;	CAFEZISTA, s. 2 g. (t. do Brazil) Pessoa que possui grandes plantações de café.	=MS8
cafezista Origem: Vernacular Referente apenas brasileiro.	§ Plantador de café.	plantador de café	§ Plantador de café.	=MS8
cafezista Origem: Vernacular Referente apenas brasileiro.	SRacp	SRacp	§ O negociante de café, comisario ou ensacador.	=MS8
cafife Origem: africana Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAFIFE, s. m. (t. de Pernambuco) Serie de contrariedades: <i>deu-lhe o cafife, está em maré de cafife.</i>	CAFIFE, s. m. t. de Pernambuco) Serie de contrariedades: <i>está em maré de cafife.</i>
cafife Origem: Empréstimo – afrc Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Morrinha, doença que torna o homem incapaz de qualquer trabalho.	§ (it.) Morrinha, doença que torna o homem incapaz de qualquer trabalho.
cáften Origem: espanhol sul-americano	SRF	SRF	CÁFETEN, s. m. (t. us. no Brazil) Homem ignobil, que negocia com a protituição das mulheres.	CÁFTEN, s. m. (t. do Brazil) Homem ignobil, que negocia com a protituição de mulheres.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Referente brasileiro e português (alcoviteiro, proxeneta)				
caftina Origem: derivado de cáften Referente brasileiro e português (alcoviteiro, proxeneta)	SRF	SRF	CAFETINA, s. f. A mulher que exerce a mesma profissão ignobil do cafeten.	CAFTINA, s. f. (t. do Brazil) A mulher que exerce a mesma profissão ignobil do caften.
caftismo Origem: derivado de cáften Referente brasileiro e português (alcoviteiro, proxeneta)	SRF	SRF	SRF	CAFTISMO, s. m. (t. do Brazil) A industria sordida, ignobil dos caftens.
cafuné Ver Anexo C.	-	-	-	-
cafuza/o Origem: desconhecida ou controversa Provável referente apenas brasileiro.	*CAFÚSA, s. m. ou f. e adj. (t. do Brazil) O filho ou filha de mulato e negra, e vice-versa.	CAFUSA [...] s. e adj. <i>invar.</i> filho ou filha de mulato e preta, ou vice-versa. (Brazil.)	CAFÚSA, s. m. ou f. e adj (t. do Brazil) O filho ou filha de mulato e <u>negra</u> , e vice-versa § Dizem tambem <i>cafuz</i> , e <i>cafuzo</i> .	CAFÚSA, s. m. ou f. e adj. (t. do Brazil) O filho, ou filha de <u>mulato e negra</u> , <u>ou vice-versa</u> ; dizem tambem <i>cafuz</i> , e <i>cafuzo</i> .
cagaçal Ver Anexo C.	-	-	-	-
caga-sebo Origem: Vernacular Referente brasileiro e português (alfarrabista)	SRacp	SRF	CÁGA-SÈBO, s. m. (t. do Brazil) Passarinho [...]. § Nome que dão geralmente no Brazil aos livreiros que compram e vendem livros usados.	CÁGA-SÈBO, s. m. [...] § (it.) Nome que dão geralmente aos livreiros que compram e vendem livros usados.
cãibro Origem: desconhecida ou controversa Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRacp	CÀIBRO, s. m. (t. de Pernambuco e Alagoas, Brazil) Um par de quaesquer objectos, principalmente duas espigas de milho, presas uma á outra pela propria palha.	CÀIBRO, s. m. (t. de Pernambuco e Alagoas) Um par de quaesquer objectos, principalmente duas espigas de milho, presas uma á outra pela propria palha.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cai-cai Origem: vernacular Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CÁECÁE, s. m. (t. do Rio de Jan.) Certa rede de pescaria.	CÁECÁE, s. m. (t. do Rio de Janeiro) Certa rede de pescaria.
caiçara Origem: indígena B Provável referente brasileiro e português. -Definição por antonímia:	SRF	SRF	CAISSÁRA, s. f. (t. de Pernambuco) Especie de cêrca morta ; a que não é de sebe viva .	CAISSÁRA, s. f. (t. de Pernambuco) Especie de cêrca morta ; cerca que não é de sebe viva .
caiçara Provável referente apenas brasileiro	SRF Embora não registrado, foi us. na definição de ramada . Ver tabela LC.	SRF	§ Especie de armadilha para pescar; é feita de ramagens, que se lançam no fundo da agua: o peixe, vindo esconder-se ahi em cardume, é facilmente pescado ao anzol.	=MS8
caipira Origem: indígena B Referente brasileiro e português.	*CAIPIRA, s. m. Nome dado, durante a guerra da sucessão em Portugal, aos constitucionaes, pelos realistas.	SRF	CAIPIRA, s. m. Nome dado, durante a guerra de sucessão em Portugal, aos constitucionaes, pelos realistas. § (em S. Paulo, Brazil) O habitante do campo; o mesmo que aldeão , camponez ; roceiro .	CAIPIRA, s. m. Nome dado, durante a guerra de sucessão em Portugal, aos constitucionaes, pelos realistas. (t. do Brazil, S. Paulo) O habitante do campo ; o mesmo que aldeão , camponez ; roceiro (PB)
caipirada - Origem: derivado de caipira - Referente brasileiro e português. - Os equivalente selecionados indicam como seria o “acto”.. Comparar com <i>caboclismo</i> , neste Anexo. - Dic. contemporâneos indicam equivalentes.	SRF	SRF	Caipiráda , s. f. (t. do Brazil) Acto de caipira ; rusticidade , grosseria	=MS8
caipirada Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	Grupo de caipiras.	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
caipora Ver Anexo C.	-	-	-	-
caiporismo Origem: derivado de caipora Referente brasileiro e português.	SRF	CAIPORISMO [...] s. m. (brazil.) azar , continuação de mallogros em todas as empresas. F. [...]	CAIPORISMO, s. m. (t. do Brazil) Estado d'aquelle que é caipóra, que em tudo tem azar; má sorte, infelicidade; contrariedade nas aspirações, nos interesses, nos negocios, etc.	CAIPORISMO, s. m. (t. do Brazil) Estado d'aquelle que é caipóra , que em tudo tem azar; má sorte, infelicidade; contrariedade nas aspirações, nos interesses, nos negocios, etc.; azar .
cairi Origem: africana(?) Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CAIRI, s. m. (t. da Bahia) Guisado de gallinha, temperado com azeite de dendê, pimenta, pevide de abobora, etc.	=MS8
caítetu ou caítitu Origem: indígena B Origem: Empréstimo indígena B Referente apenas brasileiro	SRacp	SRF	CAITETÚ, ou --TITÚ, s. m. (t. do Brazil) Porco do matto. § Rodete de desmanchar a mandioca, o qual produz uma roncaria semelhante á d'este animal, quando se enfurece.	=MS8
caíva Origem: indígena B Provável referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAHIVA, s. f. (t. do Paraná, Brazil) Terreno de matto , <u>improprio para a cultura.</u>	CAHIVA, s. f. (t. do Paraná) Terreno de matto , <u>improprio para cultura.</u>
calcanha Origem: desconhecida ou controversa Provável referente brasileiro e português. - O texto definitório reflete a adequação dos sentidos à nova realidade: a substituição de candeias por luzes, denuncia a utilização da energia elétrica. O verbo "varre" é substituído por "limpa", cujo significado é mais abrangente (varrer –	*CALCÂNHA, s. f. t. do Brazil. A mulher que <u>nos engenhos d'assucar cuida das candêas e varre.</u>	SRF	CALCÂNHA, s. f. (t. do Brazil) A mulher que <u>nos engenhos d'assucar cuida das candêas e varre.</u>	CALCÂNHA, s. f. (t. do Brazil) Mulher que <u>nos engenhos de assucar cuida das luzes e da limpeza.</u>

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
limpar com vassoura; limpar – retirar impurezas).				
caldeirão Origem: (B. semântico) Referente brasileiro e português.	CALDEIRÃO, s. m. [...] § * t. do Brasil. Cova que as tropas ruráes fazem passando pelas estradas antes alagadas pela chuva.	Caldeirão [...] s. m. [...] (Brazil.) Cova que se abre nas terras alagadiças para enxugar os caminhos alagados pelas chuvas. [...]	CALDEIRÃO, s. m. [...] § (t. do Brazil) Cova ou buraco grande no meio do campo ou do caminho, feita pela chuva, ou pelo peso de animaes, atoleiro. § [...]	CALDEIRÃO, s. m. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) Buraco grande no meio do campo, ou do caminho, feito pela chuva, ou pelo peso de animaes, atoleiro.
caldeirão Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp		§ (no norte do Brazil) Especie de tanque natural , formado em rocha, onde se junta agua da chuva.
caldeirão Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp		§ (no Amazonas) Redemoinho nos rios, causado por correntes circulares, e às vezes perigoso aos navegantes. § [...]
caldeireiro Ver Anexo C.	-	-	-	-
caldo (B semântico) Referente brasileiro e português.	CALDO, s. m. [...] § t. do Brasil. Sumo da canna d'assucar. § [...]	SRacp	CALDO, s. m. [...] § (t. do Brazil) Sumo da canna d'assucar.	=MS8
caldo de cana Referente brasileiro e português.	SRloc	SRloc	§ <i>Caldo de Canna</i> ; bebida refrigerante muito usada no Brazil; é o sumo simples da canna doce. § [...]	§ -- <i>de canna</i> ; o sumo simples da canna doce: é bebida refrigerante muito usada no Brazil. § [...]
calhambola Ver Anexo C.	-	-	-	-
caliz Origem: vernacular Provável referente brasileiro e português.	*CALIZ, s. m. t. do Brasil. Cano de páo nos engenhos d'assucar.	Caliz [...] s. m. (brazil.) calha de madeira usada nos engenhos de assucar. F. [...]	CALIZ, s. m. (t. do Brazil) Cano , ou calha de pau nos engenhos de assucar.	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
calombo Origem: africana Referente brasileiro e português.	*CALÒMBO, s. m. t. do Brasil. Sangue, leite ou outra substancia liquida depois de coalhada em fôrma granular.	CALOMBO [...] s. m. (brazil.) coagulo; sangue ou leite coagulado.	CALÒMBO, s. m. [...] § (t. do Brazil) inchaço duro, tumefacção em qualquer parte do corpo.	CALÒMBO, s. m. Sangue, leite ou outra substancia liquida depois de coalhada em fôrma granular; coagulo. § (t. do Brazil) Inchaço duro, tumefacção em qualquer parte do corpo.
calumbá Origem: africana Possível referente brasileiro e português.	*CALUMBÁ, s. f. t. do Brasil. Cocho do caldo, ou sumo da cana, nos engenhos d' assucar; chama-se tambem <i>cocheira</i> .	CALUMBÁ [...] s. f. (brazil.) o sumo da canna depois de extrahido.	CALUMBÁ, s. f. (t. do Brazil) Cocho, ou vasilha do caldo, ou sumo da canna, nos engenhos de assucar; chama-se tambem <i>cocheira</i> .	CALUMBÁ, s. f. (t. do Brazil) Cocho , ou vasilha do caldo, ou sumo da canna, nos engenhos de assucar; chama-se tambem <i>cocheira</i> .
calundu Origem: africana Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CALUNDÚ, s. m. (t. do Brazil) Mau humor, que torna as pessoas impacientes, irasciveis.	=MS8
calunga Origem: africana Referente brasileiro e português.	SRF	SRacp	CALÚNGA, s. f. Planta do Brazil [...]. § (em Pernambuco) Boneco , ou boneca .	=MS8
calunga Referente brasileiro e português.	SRF	SRacp	§ (na Bahia) Ratinho pequeno; camundongo .	=MS8
calunga Provável referente brasileiro e português.	SRF	SRacp	§ <i>it.</i> fig. Ratoneiro.	; e fig. ratoneiro .
calungueira Origem: derivado de calunga Provável referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CALUNGUÊIRA, s. f. (t. do Brazil) Embarcação de pescaria, que vae ao mar alto.	=MS8
camafonje Origem: africana(?)	SRF	SRF	CAMAFÒNGE, s. m. (t. do Brazil) Moleque travesso.	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Referente brasileiro e português.				
camafonje Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ Ente vil.	=MS8
camarada Ver Anexo C.	-	-	-	-
cambão Ver Anexo C.	-	-	-	-
cambica Origem: indígena B Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAMBICA, s. f. (t. do Brazil) Especie de alimento feito com a polpa do murici, misturada com agua, leite e assucar.	=MS8
cambista (B semântico) Provável referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	Cambista , s. m. O que tem casa de cambio. V. Cambiador. § Chama-se tambem <i>cambista</i> ao que ás portas dos theatros compra e vende bilhetes dos espectaculos. nb	Cambista , s. m. [...] § (t. do Brazil) Individuo que ás portas dos theatros compra e vende bilhetes de espectaculos.
cambito (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	Cambito , s. m. (t. de S. Paulo, Brazil) Pernil do porco.	=MS8
cambraia – cavallo cambraia Provável referente brasileiro e português.	CAMBRÁIA, s. f. [...] § t. do Brasil. <i>Cavallo cambraia</i> ; cavallo inteiramente branco.	Cambraia [...] s. f. [...] (Brazil.) Cavallo <i>cambraia</i> completamente branco. [...]	CAMBRÁIA, s. f. [...] § (t. do Brazil) <i>Cavallo cambraia</i> ; cavallo inteiramente branco . § [...]	CAMBRÁIA, s. f. [...] § <i>Cavallo cambraia</i> ; (t. do Brazil) o que é inteiramente branco . § [...]
camina Origem: indígena B(?)	SRF	SRF	CAMINA, s. f. (t. do Pará) Certa armadilha de pesca.	=MS8
caminhão Origem: francês Provável referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAMINHÃO, s. m. (t. do Rio de Janeiro) Carro grande de carga, de quatro rodas e almofada, onde tomam logar o cocheiro e os carregadores.	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
campeão (B semântico) Provável referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	CAMPEÃO, s. m. [...] § (no Ceará, Brazil) Cavallo do vaqueiro, quando este sae em procura e tratamento do gado.	=MS8
campear (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	Campear [...] v. <i>int.</i> [...] (No Brazil.) Andar procurando pelo campo. [...]	CAMPEÁR, v. trans. [...] § (no Brazil) Procurar alguma cousa.	=MS8
campear	SRacp	SRacp		§ (it.) Andar a cavallo pelo campo em procura ou tractamendo do gado.
campeiro (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	Campeiro [...] <i>adj.</i> e <i>s. m.</i> (no Brazil) habituado aos trabalhos do campo; que serve para usos campestres. F. [...]	CAMPEIRO, s. m. [...] § (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Homem acostumado a trabalhar no campo. § [...]	=MS8
campo (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	CÂMPPO, s. m. [...] Espaço de terra baixa, plana ou pouco accidentada sem edificios, nem arvoredos: consistindo a sua vegetação em gramineas rasteiras e outras plantas herbaceas; terras de lavoura ou pastagem. § No Brazil o <i>campo contrapõe-se á matta: esta fazenda compõe-se de mattos d'onde se extrahem boas madeiras de construcção, e de campos, onde se cria optimo gado.</i>	=MS8
campo artificial	SRloc	SRloc	§ <i>Campo artificial</i> ; o que se forma depois de derrubada a matta.	§ -- <i>artificial</i> ; (t. do Brazil) o que se fôrma depois de derrubada a matta.
campo coberto	SRloc	Rloc	§ <i>Campo coberto</i> ; aquelle que é intermeado de algum arvoredos, offerecendo entretanto boas pastagens.	§ -- <i>coberto</i> ; (t. do Brazil) o que é entremeado de algum arvoredos, offerecendo

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
				entretanto boas pastagens
campo dobrado	SRloc	Rloc	§ it. <i>Campo dobrado</i> ; aquele cujo terreno é ondulado.	§ -- <i>dobrado</i> ; (t. do Brazil) aquele cujo terreno é ondulado.
campo natural	SRloc	Rloc	§ it. <i>Campo natural</i> ; o primitivo; o que sempre foi campo.	§ -- <i>Campo natural</i> ; o primitivo; o que sempre foi campo.
camucim Ver Anexo C.	-	-	-	-
cancha Origem: espanhol sul-americano Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CÂNCHA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Logar onde nas charqueadas matam o boi. § [...]	CÂNCHA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Logar onde nas charqueadas matam o boi.
cancha Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRF	SRacp	§ (it.) Logar onde o parreheiro está acostumado a correr.
cancha – estar na sua cancha Referente brasileiro e português.	SRF	SRloc	SRacp	§ <i>Estar na sua cancha</i> ; estar em lugar conhecido, onde é mais forte.
candeeiro (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	CANDIEIRO, s. m. [...] § Homem que armado ordinariamente de aguilhada, vae adeante dos bois que puxam o carro como que ensinando-lhes o caminho: carreiro . § [...] nb	CANDEEIRO. V. Candeeiro. CANDIEIRO, s. m. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) Homem que, armado ordinariamente de aguilhada, vae adiante dos bois que puxam o carro. § [...]
candombe Origem: africana Provável referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CANDOMBE, s. m. (t. do Brazil) Rede de pescar camarões. [...]	=MS8
candombe Referente apenas brasileiro.	SRF	SRF	§ Dança , especie de batuque de negros.	§ (it.) Dança , espécie de batuque de negros.
candombeiro	SRF	SRF	CANDOMBEIRO, s. m. (t. do Brazil.)	CANDOMBEIRO, s. m. (t. do

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Origem: derivado de candombe Referente apenas brasileiro.			Dançador de <i>candombe</i> ; frequentador de candombe.	Brazil.) Dançador de candombe; frequentador de candombe.
candomblé Origem: africana Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CANDOMBLÉ, s. m. (t. do Brazil.) Quarto pequeno e escuro, em que se guardam trastes velhos.	=MS8
candomblé Possível referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ batuque de negros acompanhado de feitiçaria.	§ (it.) Batuque de negros acompanhado de feitiçaria.
canga Origem: alemão Referente apenas brasileiro.	*CÀNGA, s. f. t. do Brasil. Mineral de ferro misturado com argila, que se encontra na provincia de S. Paulo. V. Ganga, minereo.	SRacp	CÀNGA, s. f. (t. do Brazil) Mineral de ferro misturado com argila, que se encontra na provincia de S Paulo. V. Ganga, minério.	CANGA, s. f. (t. do Brazil) Mineral de ferro misturado com argila, que se encontra no Estado de S. Paulo. V. Ganga (minerio).
cangaçais Ver Anexo C.	-	-	-	-
cangaceiro Origem: derivado de cangaço Provável referente apenas brasileiro.	SRF	SRF	CANGACÈIRO, s. m. (t. do Brazil) O individuo que carrega <i>cangaço</i> ; i. é, excesso de armas, affectando valentia.	CANGACÈIRO, s. m. (t. do Brazil) O que traz excesso de armas, affectando valentia.
cangaço (B semântico) Provável referente apenas brasileiro.	SRacp	SRacp	CANGAÇO, s. m. O mesmo que Engaço, ou Bagaço. § (t. do Brazil). Pendunculo [...] § A porção de armas , que costuma trazer o valentão, ou o que affecta sel-o.	CANGAÇO, s. m. O mesmo que Engaço, ou Bagaço. (t. do Brazil) Pendunculo [...] § (it.) A porção de armas que costuma trazer o valentão, ou o que affecta sel-o. [Valentão = que ostenta valentia; fanfarrão.]
cangaço Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	SRacp	§ -- pl. (it.) Cangaçaes .

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cangalha Ver Anexo C.	-	-	-	-
cangapé Origem: Vernacular Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CANGAPÉ, s. m. (t. do Brazil) Pancada que os rapazes, no jogo da lucta, dão à falsa fé na barriga da perna do adversario, para o fazer cair.	CANGAPÉ, s. m. (t. do Brazil) O mesmo que cambapé . Cambapé , s. m. (t. pleb.) Treta de luctador, que consiste em metter as pernas por entre as do adversário, de sorte que o faça cair; alçapé, alçaperna [...])
cangoeira Ver Anexo C.	-	-	-	-
cangueiro (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	SRacp	CANGUEIRO, s. m. [...] § -- adj. [...] § (t. do Brazil) Vagaroso, preguiçoso, negligente.
canhada Origem: espanhol ibérico Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	SRF	CANHÁDA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Logar baixo entre dois montes; valle estreito.
canhambola Ver Anexo C.	-	-	-	-
caninha (B semântico) Provável referente brasileiro e português.	SRacp	SRF	CANINHA, ou CANNINHA, [...] § (no Brazil) Aguardente de canna de assucar. § [...]	=MS8
canjica Ver Anexo C.	-	-	-	-
canjiquinha Origem: desconhecida ou controversa Referente apenas brasileiro	*CANGIQUINHA, s. f. t. do Brasil. Confeitaria de milho verde, leite e assucar.	SRF	*CANGIQUINHA, s. f. t. do Brasil. Confeitaria de milho verde, leite e assucar.	SRacp

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
canjiquinha Provável referente apenas.	SRacp	SRF	SRacp	CANGIQUINHA. V. Canjiquinha. CANJIQUINHA, s. f. (t. do Brazil) Milho reduzido a pequenos fragmentos para se cozinhar á maneira de arroz.
canjiquinha Provável referente brasileiro e português.	SRacp	SRF	CANJIQUÍNHA, s. f. (t. de Minas Geraes, Brazil) Especie de tabaco de peso.	§ (t. de Minas Geraes) Especie de tabaco de pó.
canoa Ver Anexo C.	-	-	-	-
canoeiro Origem: derivado de canoa Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CANOËIRO, s. m. Conductor de canòa no Brazil	=MS8
cansacento Ver Anexo C.	-	-	-	-
cansaço Ver Anexo C.	-	-	-	-
cantata (B semântico) (B semântico)	SRacp	SRacp	CANTÁTA, s. f. [...] § (no Brazil) Declaração amorosa.	CANTÁTA, s. f. [...] § (t. do Brazil) Declaração amorosa.
canzá Origem: africana Referente apenas brasileiro.	*CANZÁ, s. m. t. do Brasil. Instrumento musico grosseiro feito da planta chamada taquara.	SRF	CANZÁ, s. m. (t. do Brazil) Instrumento musico grosseiro feito da planta chamada taquara.	CANZÁ, s. m. (t. do Brazil) Instrumento musico grosseiro, feito da planta <i>taquara</i> .
capadoçada Origem: derivado de capadócio Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CAPADOÇÁDA, s. f. (t. do Brazil) Acção de capadócio.	CAPADOÇÁDA, s. f. (t. do Brazil) Acção de capadócio; capadoçagem.
capadoçagem Origem: derivado de capadócio	SRF	SRF	CAPADOÇÁGEM, s. f. (t. do Brazil) O mesmo que Capadoçada .	CAPADOÇÁGEM, s. f. (t. do Brazil) O mesmo que Capadoçada .

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Referente brasileiro e português				
capadoçal Origem: derivado de capadócio Referente brasileiro e português	SRF	SRF	SRF	CAPADOÇAL, adj. 2 g. (t. do Brazil) Relativo, ou pertencente a capadocio.
capadócio Origem: vernacular (bras. Semântico) Referente brasileiro e português	*CAPADÓCIO, a, adj. e s. t. do Brasil. Enganador, trapaceiro, mentiroso.	SRF	CAPADÓCIO, a, adj. e s. (t. do Brazil) Indivíduo que se dá ares de importancia nos modos e nas fallas para enganar os outros; espertalhão, velhaco fino.	CAPADÓCIO, a, adj. e s. (t. do Brazil) Indivíduo que se dá ares de importancia nos modos e nas fallas para enganar os outros; espertalhão, finorio, velhaco.
capanga Origem: africana Referente apenas brasileiro - O definidor genérico 'valentão'	*CAPANGA, s. m. t. do Brasil. Valentão que é pago por algum fazendeiro ou senhor de engenho para lhe guardar as costas.	Capanga [...] s. f. assassino assalariado; caceteiro. (Brazil.)	CAPANGA, s. m. (t. do Brazil) Valentão que é pago para guarda costas d'algum ou para serviços eleitoraes; mas n'este caso é mais do que um galopim eleitoral , é um caceteiro , às vezes um assassino . [Valentão = que ostenta valentia; fanfarrão.]	=MS8
capangada Origem: derivado de capanga Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CAPANGADA, s. f. (t. do Brazil) multidão de capangas.	=MS8
capão (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	Capão [...] s. m. gallo capado. Cavallo capado. Matta roçada, que se corta para lenha (em opposição a matta virgem). (Brazil.) F. [...]	CAPÃO, s. m. [...] § <i>Capão</i> , ou <i>capão do matto</i> ; (t. do Brazil) Bosque de matto virgem, isolado no meio de um descampado, ou de um terreno de pastagens, etc. § [...]	CAPÃO, s. m. [...] § (t. do Brazil) Bosque de matto virgem, isolado no meio de um descampado, ou de um terreno de pastagens: n'este sentido tambem se diz <i>capão do matto</i> . § [...]

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
capatazia Origem: (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	CAPATAZIA, s. f. [...] § s. f. pl. (t. do Brazil) Repartição de Alfandega, que dirige os serviços braças.	=MS8
capeba Ver Anexo C.	-	-	-	-
capenga Origem: desconhecida ou controversa Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPÈNGA, s. m. e f. (t. do Brazil.) Coxo, manco.	=MS8
capenga Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ Cousa tortuosa.	§ (it.) Cousa tortuosa.
capengar Origem: derivado de capenga Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPÈNGÁR, v. intrans. (t. do Brazil.) Coxear.	=MS8
capeta Origem: Vernacular Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPÈTA, s. m. (do Brazil.) Demonio, diabo.	=MS8
capeta Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ Traquinas, diabrete.	§ (it.) Traquinas, diabrete.
capetagem Origem: derivado de capeta Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	SRF	CAPETÁGEM, s. f. (t. do Brazil) Diabrura.
capiangar Origem: africana.. Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPIANGÁR, v. trans. (t. do Brazil.) Furtar com destreza.	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
capina Origem: derivado de capim Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPINA, s. f. (t. do Brazil) Acto de limpar um terreno das hervas más; capinação, monda, sacha.	=MS8
capina Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ fig. Reprehensão: <i>levar uma capina.</i>	=MS8
capinação Origem: derivado de capim Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPINAÇÃO, s. f. (t. do Brazil) O mesmo que Capina , no sentido agrícola.	=MS8
capinado Ver Anexo C.	-	--	-	-
capinador Origem: derivado de capim Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPINADÓR, s. m. (t. do Brazil) Mondador, sachador; o que arranca a herva para limpar a terra, ou desafogar a plantação.	CAPINADÓR, s. m. (t. do Brazil) O que arranca a herva para limpar a terra, ou desafogar a plantação; mondador, sachador
capinar Ver Anexo C.	-	-	-	-
capineiro Ver Anexo C.	-	-	-	-
capinzal Origem: derivado de capim Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPINZAL, s. m. (t. do Brazil) Plantação de capim.	=MS8
capinzal Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ Terreno coberto de capim.	=MS8
capitão Ver Anexo C.	-	-		
capixaba Origem: indígena B	* Capixába , s. m. t. do Brasil. Nome que se dá	SRF	Capixába , s. m. (t. do Brazil) Nome que se dá aos naturaes da provincia do	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Referente apenas brasileiro.	aos naturáes da provincia do Espirito Santo.		Espirito Santo.	
capixaba Provavelmente referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ Pequeno estabelecimento agricola n'essa mesma provincia.	§ (it.) Pequeno estabelecimento agricola n'esse mesmo Estado.
capoeira Ver Anexo C.	-	-	-	-
capoeirada Origem: derivado de capoeira Referente apenas brasileiro.	SRF	SRF	CAPOEIRÁDA, s. f. (t. do Brazil.) Matto de capoeiras.	=MS8
capoeirada Origem: Referente apenas brasileiro.	SRF	SRF	§ Acção de capoeira; capoeiragem .	=MS8
capoeiragem Origem: derivado de capoeira Referente apenas brasileiro.	SRF	SRF	CAPOEIRÁGEM, s. f. (t. do Brazil.) Acção de capoeira.	=MS8
capoeirão Origem: derivado de capoeira Referente apenas brasileiro.	SRacp	SRacp	CAPOEIRÃO, s. m. (t. do Brazil.) O matto denominado <i>capoeira</i> , depois de adquirir grau de desenvolvimento. § [...]	=MS8
capoeirar Origem: derivado de capoeira Referente apenas brasileiro.	SRF	SRF	CAPOEIRÁR, v. intrans. Praticar actos de capoeira.	=MS8
capoeirar	SRF	SRF	§ Andar em mattas de capoeiras.	=MS8
capoeiro Origem: derivado de capoeira Referente apenas brasileiro.	SRacp	CAPOEIRO [...] <i>adj.</i> que se refere a capoeira. (brazil.) Manso (em opposição ao que é do matto virgem: Veado <i>capoeiro</i> . Lenha <i>capoeira</i> .	CAPOEIRO, A <i>adj.</i> (t. vulg.) De capoeira, e não de matto: v.g. <i>-veado -- ; lenha --</i> . nb	Capoeiro, a , <i>adj.</i> Relativo a capoeira. § (t. do Brazil) Que é de matto <i>capoeira</i> ; opp. ao que é de <i>matto virgem</i> : v. g. <i>veado capoeiro; lenha capoeira</i> .

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
capuába Origem: indígena B Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAPUÁBA, s. f. (t. do Brazil.) Cabana, choça.	=MS8
capuaba Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ Por ext. casa mal construída e arruinada.	§ (por ext.) casa mal construída e arruinada.
cará Origem: indígena B (sem reg. Contemp.) Referente apenas brasileiro	SRacp	SRacp	CARÁ, s. m. (t. Brazil.) Inhame [...] § Baile campestre no Rio Grande do Norte.	=MS8
caracu Origem: indígena B Referente brasileiro e português.	*CARACÚ, s. m. t. do Brasil. A medulla dos ossos longos do boi.	CARACU [...]. s. m. (brazil.) tutano ou medulla do boi.	CARACÚ, s. m. (t. do Brazil.) A medulla dos ossos do boi.	=MS8
caracu Referente brasileiro e português.	SRacp	O osso na perna do animal.	SRacp	SRacp
caracu Provável referente apenas brasileiro	SRacp	SRacp	§ – adj. Diz-se de uma raça de bois de pello curto : <i>um boi, uma vacca caracú.</i>	=MS8
carajé Origem: africana Referente apenas brasileiro	CARAGÉ, s. m. t. do Brasil. Bola de massa de feijão cozido frita em azeite de dendê.	SRF	CARAGÉ, s. m. (t. do Brazil.) Bola de massa de feijão cozido frita em azeite de dendê.	=MS8
caramburu Origem: indígena B(?) Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CARAMBURÚ, s. m. (t. de S. Paulo, Brazil) Bebida refrigerante feita de milho.	=MS8
caraminguá Origem: indígena B Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CARAMINGUÁS, s. m. pl. (t. Rio Grande do Sul, Brazil) Arreios ordinarios e de pouca valia.	=MS8
caraminguá	SRF	SRF	§ Objectos de pequeno valor que cada	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Referente brasileiro e português.			um traz consigo em viagem.	
caraminguá Origem: Empréstimo – indígena B Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ fig. Diz-se por modestia da mobilia de uma casa.	§ (fig.) Diz-se por modestia da mobilia de uma casa.
caramuru Ver Anexo C.	-	-	-	-
caranguejeiro Ver Anexo C.	-	-	-	-
carão (B Semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	CARÃO, s. m. (t. do Brazil) Uma ave dos pantanos. § (it.) Repreensão dada a uma criança em publico	=MS8
carapina Ver Anexo C.	-	-	-	-
caraúno Origem: indígena brasileiro Não reg. contemp Sem informação sobre referente em Portugal.	SRF	SRF	CARAÚNO, adj. (t. do Brazil) Diz-se do boi preto muito retinto.	=MS8
cargueiro Ver Anexo C.	-	-	-	-
carguejar Ver Anexo C.	-	-	-	-
cariboca Origem: indígena brasileiro Provável referente apenas brasileiro	CARIBÒCA, s. m. ou f. t. do Brasil. Filho de europeu e de caboca.	SRF	CARIBÒCA, s. m. ou f. (t. do Brazil) Filho de europeu e de cabocla.	=MS8
carimã Ver Anexo C.	-	-	-	-
carioca Ver Anexo C.	-	-	-	-

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
caritó Origem: indígena brasileiro Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CARITÓ, s. m. (t. do Brazil) Casa de gente pobre.	=MS8
caritó Origem: Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Compartimento acanhado em casa de moradia.	=MS8
caritó Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Cantoneira.	§ (it.) Cantoneira.
carlinga (B semântico) Referente apenas brasileiro	SRacp	SRacp	CARLÍNGA, s. f. [...] § Peça em que se prende o pé do mastro da jangada, no Brazil.	=MS8
carne seca Origem: Referente apenas brasileiro	SRloc	SRloc	CÁRNE, s. f. [...] § <i>Carne secca</i> ; V. Charque. § [...]	=MS8
carneação Origem: derivado de carne (seca) Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CARNEAÇÃO, s. f. (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Acto de carnear.	CARNEAÇÃO, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Acto de carnear.
carnear Origem: derivado de carne (seca) Referente apenas brasileiro	*CARNEÁR, v. n. t. do Rio Grande do Sul. Matar o gado, e esquartejar-o.	CARNEAR (brazil.) charquear; abater o gado bravo, e preparar as carnes para as seccar.	CARNEÁR, v. intrans. (t. do Rio Grande do Sul, Brazil) Matar o gado, esquartejar-o, e acondicionar convenientemente a carne e o couro.	CARNEÁR, v. intrans. (t. do Rio Grande do Sul) Matar o gado, esquartejar-o, e acondicionar convenientemente a carne e o couro
carona Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CARONA, s. f. (t. do Brazil) Couro quadrado que se põe por baixo do lombilho, e cujas abas são mais compridas que a d'este..	CARONA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Peça dos arreios , que consiste n'uma sola ou couro quadrado que se põe por baixo do lombilho, e cujas abas são mais compridas que as d'este.
carpina	SRF	SRF	SRF	O mesmo que Carapina.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Origem: indígena B Referente brasileiro e português				
carrasco (B semântico) Possível referente apenas brasileiro.	SRacp	SRacp	CARRÁSCO, s. m. [...] § Matta anã, no Brazil, que chegará a um metro de altura, e nasce em terreno esteril. § [...]	CARRÁSCO, s. m. [...] (t. do Brazil) Matta anã, que nasce em terreno esteril, e chega a um metro de altura.
carregador Ver Anexo C.	-	-	-	-
carro – carro de praça Referente brasileiro e português.	SRloc	SRloc	CARRO, s. m. [...] § <i>Carro de praça</i> ; o que se toma na praça, e que se paga por tabela, á hora, ou por corrida. [...] § No Brazil, em todos estes casos se diz geralmente <i>carro</i> ; e em Portugal diz-se mais commummente <i>trem</i> : v. g. trem de praça.	CÁRRO, s. m. [...] § -- <i>de praça</i> ; o mesmo que <i>Trem de praça</i> : V. Trem: no Brazil, n'este sentido e em geral no de carruagem, diz-se de <i>carro</i> e não <i>trem</i> .
carta – carta bilhete Referente brasileiro e português.	SRloc	SRloc	SRloc	CARTA, s. f. [...] § -- <i>bilhete</i> ; (t. do Brazil) o mesmo que Cartão postal em Portugal: V. Cartão. §
carumbé Origem: indígena brasileiro Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CARUMBÉ, s. m. (t. do Brazil) Especie de gamella conica , de madeira, em que são transportados ao logar da lavagem os minerios de ouro e diamantes.	=MS8
caruru Ver Anexo C.	-	-	-	-
casa de maribondos Possível referente apenas brasileiro.	SRloc	SRloc	CÁSA, s. f. [...] § <i>Casa de maribondos</i> ; especie de cortiço que fazem certas vespas do Brazil, e que tem compartimentos a modo de casas. § [...]	CÁSA, s. f. [...] § -- <i>de maribondos</i> ; especie de cortiço que fazem certas vespas do Brazil, e que tem compartimentos a modo de casas. § [...]

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cascalho (B semântico) referente apenas brasileiro.	SRloc	SRacp	CASCÁLHO, s. m. Lascas, estilhaços, que saltam das pedras, quando se lavram. § (t. do Brazil.) Deposito aurifero ou diamantifero de alluvião , formado de areia grossa, ou de terra misturada com pedras roliças, ostras, etc. Os mineiros distinguem n'esses depositos tres camadas, a que chamam: <i>cascalho virgem</i> , o mais antigo; <i>cascalho pururúca</i> , o mais recente; e <i>cascalho corrido</i> , o intermediario entre aquelles. Tambem se encontram depositos semelhantes de <i>cascalho</i> á borda do mar. <i>B. 3. f. 229.</i> “muito <i>cascalho</i> do mar” <i>Delic. Ad. 10.</i> “nem vinha em baixo, nem trigo em <i>cascalho</i> ” § [...]	CASCÁLHO, s. m. Lascas, estilhaços, que saltam das pedras, quando se lavram. § [...] § (t. do Brazil.) Deposito aurifero ou diamantifero de alluvião , tendo ordinariamente pedras roliças: os mineiros distinguem n'esses depositos tres camadas, a que chamam: <i>cascalho virgem</i> , o mais antigo; <i>cascalho pururúca</i> , o mais recente; e <i>cascalho corrido</i> , o intermediario entre aquelles.
caseira (B semântico) Referente brasileiro e português.	SRacp	SRF	CASEIRA, s. f. [...] § (no Brazil) Amasia que vive em casa do amante como mulher casada.	=MS8
casqueiro (B semântico) Referente apenas brasileiro	SRacp	SRacp	SRacp	CASQUEIRO, s. m. [...] § (t. do Brazil) O mesmo que Sambaqui .
catamboeira, catanguera Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CATAMBOËIRA, s. f. (t. Braz.) O mesmo que Tamboeira . CATANGOËIRA, s. f. (t. Braz.) O mesmo que Tamboeira .	CATAMBOEIRA, s. f. (t. do Brazil) O mesmo que Tamboeira . CATANGOËIRA, s. f. (t. do Brazil) O mesmo que Catamboeira, e Tamboeira .
catanduba Origem: indígena B Possível referente brasileiro e português.	*CATANDÚBA, S. f. t. do Brasil. Matto rasteiro , mal fechado e cheio de espinhos.	SRF	CATANDÚBA, S. f. (t. do Brazil) Matto rasteiro , mal fechado e cheio de espinhos.	CATANDÚBA, S. f. (t. do Brazil) Matto rasteiro , mal fechado e cheio de espinhos.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
catapora Ver Anexo C.	-	-	-	-
catarinense Origem: vernacular Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CATHARINIENSE, s. m. e f. Natural do Estado de Santa Catharina (Brazil)	CATHARINIENSE, adj. e s. 2 g. adj. e s. 2 g. Relativo, ou pertencente ao Estado de Santa Catharina (Brazil)
catarinense Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	§ Que é relativo a esse Estado.	§ Natural d'esse Estado
caterineta Origem: desconhecida ou controversa Referente brasileiro e português.	*CATERINETA, s. f. t. do Brasil. Boneca de panno.	SRF	CATERINETA, s. f. (t. do Brazil) Boneca de panno.	=MS8
catimbau Ver Anexo C.	-	-	-	-
catimpuera Origem: indígena brasileiro (?) Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	SRF	CATIMPUEIRA, s. f. (t. de Alagoas) Uma bebida fermentada
catinga Ver Anexo C.	-	-	-	-
catingar Origem: derivado de catinga Referente brasileiro e português	SRacp	SRacp.	CATINGÁR, v. intrans. [...] § (t. do Brazil) Exhalar mau cheiro.	=MS8
catingueiro Origem: derivado de caatinga Referente apenas brasileiro	SRacp	SRF	SRacp	CATINGUEIRO, adj. [...] (t. do Brazil) Habitante , ou frequentador das mattas a que chamam catinga.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cativo Origem: (B semântico) Referente apenas brasileiro	*CAPTIVO, s. m. t. do Brasil. Qualidade de pedra de que se fazem machadas e que consideraça como indicio de existencia de diamantes no lugar em que se acha.	SRacp	CAPTIVO, s. m. (t. do Brazil.) Qualidade de pedra roliça, preta e às vezes raiada como o marmore, perfeitamente lisa, e que é indicio de existencia de diamantes no lugar em que se acha, por ser ordinariamente encontrada em jazidas diamantinas, pelo que lhe chamam <i>cativo de diamante</i> . § V. Cativo.	=MS8
catraia (B semântico)	SRacp	SRacp	CATRAIA, s. f. ou CATRAÍO, s. m. Bote pequeno; usado no Tejo. <i>Alv. de 16 de ag. De 1772.</i> § Bote usado na Bahia (Brazil) para transporte de passageiros. § [...]	SRacp
catucar Origem: indígena B(?) Referente brasileiro e português	*CATUCÁR, v. a. t. do Brasil. Dar um signal, chamar a atenção d'algum por meio d'um toque com pé ou mão.	SRF	CATUCÁR, v. trans. (t. do Brazil) Dar um signal, chamar a atenção d'algum por meio d'um toque com pé ou mão.	CATUCÁR, v. trans. (t. do Brazil) Dar um signal, chamar a atenção de algum por meio de um toque com o pé, ou com a mão.
catupé Origem: africana Referente apenas brasileiro	*CATUPÉ, s. m. t. do Brasil. Dança popular, caída em desuso.	SRF	CATUPÉ, s. m. (t. do Brazil) Dança popular, caída em desuso.	=MS8
caula Origem: africana Referente brasileiro e português	SRF	SRF	SRF	CAUHÍLA, s. f. (t. do Brazil) Avarento, sovina .
cauim Origem: indígena B	* Cauím , s. m. t. do Brasil. Bebida preparada com a agua em que se coseu a mandiocaba e milho socado.	SRF	CAONIN, s. m. (t. do Brazil.) Bebida fermentada feita do milho cozido. CAUÍM, s. m. (t. do Brazil) Bebida preparada com a agua em que se cozeu a mandiocaba e milho socado.	CAOUIN, s. m. (t. do Brazil.) Bebida fermentada feita do milho cozido. CAUÍM, s. m. (t. do Brazil) Bebida preparada com a agua em que se cozeu a mandioca, ou milho socado.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cavalariano Origem: vernacular Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CAVALLARIÀNO, s. m. (t. do Brazil) Mercador de cavallos.	CAVALLARIÀNO, s. m. (t. do norte do Brazil) Mercador de cavallos.
cavalariano Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Soldado de cavallaria (Rio Grande do Sul).	§ (t. Rio Grande do Sul) Soldado de cavallaria
cavalhada Ver Anexo C.	-	-	-	-
cavalinho (B semântico) Possível referente brasileiro e português.	CAVALLINHO, s. m. dim. de Cavallo. <i>Ac. da Sing.</i> 1. 13. *§ t. do Brasil. Qualidade de coiro envernizado.	CAVALLINHO [...] s. m. dim. de cavallo. (Brazil.) Especie de coiro envernizado.	Cavallinho, s. m. dim. de Cavallo. <i>Ac. da Sing.</i> 1. 13. § § (t. do Brazil) Couro curtido do cavallo. § [...]	=MS8
cavalo selado Possível referente brasileiro e português.	SRloc	SRloc	SRloc	CAVÁLLO, s. m. [...] § -- <i>sellado</i> ; (t. do Rio Grande do Sul) o mesmo que Cilhão . § [...]
caxambu Origem: africana Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CAXAMBÚ, s. m. (t. de Minas Geraes, Brazil) Especie de batuque ao som de tambor.	CAXAMBÚ, s. m. (t. de Minas Geraes) Especie de batuque ao som de tambor.
caxingar Origem: vernacular Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CAXINGÁR, v. intrans. (t. do Brazil) Coxear .	=MS8
cearense Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CEARENSE, adj. e s. m. e f. Natural do Estado do Ceará..	CEARENSE, adj. e s. m. e f. Natural do Ceará.
cearense Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	§ Que pertence ou é relativo a esse Estado	§ Que lhe pertence, ou é relativo.
cerca de arame Referente brasileiro e português.	SRloc	SRloc	<i>Cerca de arame</i> ; é formada de postos de madeira de metro, ou de pouco mais de altura, e distanciados de dois a tres metros, aos quaes se prendem tres	Cêrca , s. f. Obra de madeira, de pedra, tijolo, sebo, arame com que se cerca, cinge, tapa, fecha algum espaço, como

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
			ou quatro fios paralelos de arame commum, ou farpado, e serve para evitar a entrada de animaes em terrenos de pasto, ou de cultura. É muito usada no Brazil, principalmente nos campos de criação do Rio Grande do Sul.	jardins, quintas, terras de pasto, de cultura, etc. [...]
cerca de espinho Referente brasileiro e português.	SRloc	SRloc	<i>Cerca de espinho; sebe viva de espinheiro, com que se cercam campos de cultura, ou de pasto no Brazil.</i>	=MS8
cercada Origem: vernacular Possível referente brasileiro e português.	SRF	SRF	SRF	CERCÁDA, s. f. (t. do Rio de Janeiro) Curral de peixe. Ausente em CF.
chá Ver Anexo C.	-	-	-	-
chácara Ver Anexo C.	-	-	-	-
chacareiro Origem: derivado de chácara Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CHACARÈIRO, s. m. O <u>homem que tracta da chacara</u> : jardineiro, hortelão; feitor. nb	CHACARÈIRO, s. m. (t. do Brazil) O <u>homem que tracta da chacara</u> : jardineiro, hortelão, feitor.
chacareiro Possível referente brasileiro e português.	SRF	SRF	§ O que tem chacara de negocio por sua conta.	=MS8
chacarinha Ver Anexo C.	-	-	-	-
chacarola	SRCAhm	SRF	CHACARÓLA, s. f. O mesmo que chacarinha. nb	CHACARÓLA, s. f. (t. do Brazil) O mesmo que Chacarinha.
chalana Origem: espanhol sul-americano Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CHALÀNA, s. f. Embarcação pequena de fundo chato, empregada no Brazil no trafego dos rios.	CHALÀNA, s. f. Embarcação pequena, de fundo chato, empregada no Brazil no trafego dos rios e igarapés.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
chamarrita Origem: vernacular Referente brasileiro e português	SRF	SRF	SRF	CHAMARRITA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Uma variedade dos bailes campestres , a que chamam geralmente <i>fandangos</i> . Fandango = bailado espanhol que era também praticado em Portugal e Brasil
chamboqueiro Origem: vernacular Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	SRF	CHAMBOQUEIRO, A, adj. (t. do norte do Brazil) Achamboado, chamboado.
champrão Ver Anexo C.	-	-	-	-
changueiro Origem: espanhol sul-americano Referente brasileiro e português.	SRF	CHANQUEIRO [...] <i>adj.</i> (brazil.) diz-se do cavallo que não emparelha bem.	CHANGUEIRO, s. m. (t. do Brazil) Cavallo mau parrelheiro.	=MS8
chapeado Origem: vernacular Possível referente apenas brasileiro.	SRF	SRacp	CHAPEÁDO, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) Cabeçada guarnecida de prata no todo, ou em parte. Cabeçada = Correias que cingem a cabeça, testa e focinho do cavallo e lhe seguram o freio (MS8)	=MS8
chapeirão (B semântico) B semântico Referente apenas brasileiro	SRacp	SRF	SRacp	Chapeirões , s. m. pl. (t. do Brazil) Nome que se dão aos recifes que se descobrem proximo á costa dos Abrolhos.
charque Ver Anexo C.	-	-	-	-

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
charqueação Origem: derivado de charque Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CHARQUEAÇÃO, s. f. Acção de preparar o charque. nb	CHARQUEAÇÃO, s. f. (t. do Brazil) Acção de preparar o charque.
Charqueada Ver Anexo C.				
charqueador Origem: derivado de charque Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CHARQUEADÔR, s. m. (t. Braz.) Proprietario de uma charqueada.	CHARQUEADÔR, s. m. (t. do Brazil) Proprietario de uma charqueada
charqueador Origem: empréstimo – espanhol Amrc ou europa + suf. port Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	§ Fabricante de charque.	=MS8
charquear Ver Anexo C.	-	-	-	-
chasqueiro Origem: desconhecida ou controversa Possível referente brasileiro e português	SRF	CHASQUEIRO [...] <i>adj.</i> diz-se no Brazil do trote largo e incommodo dos cavallos.	CHASQUÈIRO, <i>adj.</i> (t. Braz.) Diz-se do trote largo e incommodo do cavallo.	CHASQUÈIRO, <i>adj.</i> (t. do Rio Grande do Sul) Diz-se do trote largo e incommodo do cavallo.
chata (B semântico) Possível referente apenas brasileiro	SRacp	SRacp	CHÁTA, s. f. [...] § (t. do Brazil) Embarcação de duas pròas, de fundo chato, pequeno calado, e fortemente construída. Alguns d'estes barcos serviram de baterias fluctuantes na guerra entre o Brazil e o Paraguay.	CHÁTA, s. f. [...] § (t. do Brazil) Embarcação de duas pròas, de fundo chato, pequeno calado, e fortemente construída.
cheripá Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas	*CHERIPÁ, s. m. t. do Brazil. Peçaço de baeta de côr viva que serve para os homens do	SRF	CHERIPÁ, s. m. (t. do Brazil) Peçaço de baeta de côr viva que serve para os homens do campo cingirem o ventre, etc.	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
brasileiro	campo cingirem o ventre, etc. CHIRIPÁ, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) Baeta encarnada, que os peões, ou homens ajustados para o serviço do campo usam trazer ao redor da cintura por cima das calças.		CHIRIPÁ, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) Baeta encarnada, que os peões, ou homens ajustados para o serviço do campo usam trazer ao redor da cintura por cima das calças.	=MS8
chicha Ver Anexo C.	-	-	-	-
chila Origem: africana	*CHÍLA, s. f. t. do Brasil. Fazenda de algodão fabricada na Inglaterra, e destinada a ser reexportada para Africa.	SRacp	CHÍLA, s. f. (t. do Brazil) Fazenda de algodão fabricada na Inglaterra, e que antigamente era destinada a ser reexportada para Africa	CHÍLA, s. f. Fazenda de algodão fabricada antigamente na Inglaterra, para o Brazil, e que era d'ahi reexportada para Africa. nb
chilena Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CHILENA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Espora grande, de haste virada, e grandes rosetas.	=MS8
chimango Origem: espanhol sul-americano Referente apenas brasileiro	*CHIMANGOS, s. m. pl. t. do Brasil; Parcialidade política na província de Minas-Geraes.	SRF	SRF	SRF
chimarrão Origem: espanhol sul-americano Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CHIMARRÃO, s. m. (t. do Brasil) Cão de charqueada .	CHIMARRÃO, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) Cão de charqueada .
chimarrão	SRacp	SRF	CHIMARRÃO, adj. (t. do Rio Grande	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Possível referente apenas brasileiro			do Sul) Diz-se do gado , que vive no matto fóra de toda a sujeição.	
chimarrão Referente apenas brasileiro	SRacp	SRF	§ Tambem se dá este nome ao mate feito sem assucar.	§ Diz-se do mate feito sem assucar.
chimbé Origem: indígena sul-americana Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CHIMBÉ, adj. (t. do Rio Grande do Sul) Diz-se do gado que tem o focinho muito curto, como os cães dogues.	=MS8
china Origem: espanhol sul-americano Referente apenas brasileiro	CHINA, s. m. *§ No Brazil, na provincia do Rio Grande do Sul, dá-se o nome de <i>china</i> aos indigenas civilizados.	SRacp	CHINA, s. m. [...] § No Brazil, na provincia do Rio Grande do Sul, dá-se o nome de <i>china</i> aos indigenas civilizados.	CHINA, s. m. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) Indigena civilizado.
chininha Origem: derivado de china	SRF	SRF	CHININHA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Joven cabocla; caboclinha; da raça aborigene.	CHININHA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Joven cabocla; caboclinha.
chinoca Origem: derivado de china Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CHINÓCA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) O mesmo que Chininha .	=MS8
chiqueiro Ver Anexo C.	-	-	-	-
chocolate – balas de chocolate Referente brasileiro e português.	SRloc	SRloc	CHOCOLÁTE, s. m. [...] § <i>Balas de chocolate</i> ; (t. Braz) rebuçados preparados com <i>chocolate</i> .	CHOCOLÁTE, s. m. [...] § <i>Balas de chocolate</i> ; (t. do Brazil) rebuçados preparados com chocolate.
choradinho Origem: vernacular	SRF	SRF	CHORADINHO, s. m. (t. do Brazil) Especie de toada , <u>ao som da qual se dança o lundú</u> .	CHORADINHO, s. m. (t. do Brazil) Especie de toada , <u>a cujo som dançam o lundú</u> .
chucro Origem: espanhol sul-americano	SRF	SRF	CHÚCRO, A, adj. (t. do Rio Grande do Sul) Bravio, selvagem (fallando dos animaes; quasi o mesmo que chimarrão).	CHÚCRO, A, adj. (t. do Rio Grande do Sul) Bravio, selvagem (fall. dos animaes): quasi o mesmo que chimarrão .
chucro	SRF	SRF	§ fig. Applica-se ás crianças	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
			estranhonas.	
churrasco Origem: espanhol sul-americano Possível referente brasileiro e português.	SRF	CHURRÁSCO, s. m. (brazil.) pedaço de carne ligeiramente assada sobre as brasas; assadura	CHURRÁSCO, s. m. Pedaço de carne assada ligeiramente sobre as brasas. nb	CHURRÁSCO, s. m. (t. do Brazil) Carne assada ligeiramente sobre as brasas.
churrasquear Origem: derivado de churrasco Possível referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CHURRASQUEAR, v. intrans. Preparar o churrasco. § Comel-o. nb	CHURRASQUEAR, v. intrans. (t. do Brazil) Preparar o churrasco, e comel-o.
cica Origem: indígena B Referente brasileiro e português.	SRF	SRF	CICA, s. f. (t. do Brazil) Espécie de adstringencia particular de certas fructas e em geral das que não estão completamente maduras; travo .	CICA, s. f. (t. do Brazil) Adstringencia particular de certas fructas, e em geral das que não estão completamente maduras; travo .
cicica Origem: desconhecida ou controversa Provável referente apenas brasileiro	SRF	SRF	SRF	CICÍCA, s. f. (t. do norte do Brazil) Faca velha sem cabo.
cidade (B semântico) Provável referente apenas brasileiro	SRacp	SRacp	CIDÁDE, s. f. [...] § <i>Cidade</i> , (t. do Brazil) Grande formigueiro da formiga <i>sauuba</i> , o qual se compõe de diversos alojamentos subterraneos, a que chama <i>panellas</i> .	CIDÁDE, s. f. [...] § (t. do Brazil) Grande formigueiro da <i>sauíba</i> , o qual se compõe de diversos alojamentos subterraneos, a que chamam <i>panellas</i> .
cidra Ver Anexo C.	-	-	-	-
cilhão (B semântico) Provável referente apenas brasileiro	SRacp	Cilhão [...] s. m. [...] (Brazil.) Cavallo que tem o espinhaço muito encurvado no meio.	CILHÃO, s. m. Cilha grande, mestra. § (t. do Rio Grande do Sul) Cavallo que tem o espinhaço encurvado no meio: o que geralmente se chama <i>cavallo</i>	CILHÃO, s. m. Cilha grande; cilha mestra. § (t. do Rio Grande do Sul) Cavallo que tem o espinhaço encurvado no

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
			<i>sellado.</i>	meio; também lhe chamam <i>cavallo sellado.</i>
cincerro Origem: espanhol sul-americano Provável referente brasileiro e português	SRF	Sincerro [...] s. m. (brazil.) especie de campainha que se ata ao pescoço da egua ou da besta que serve de guia.	SINCERRO, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) Especie de campainha , que em viagem se põe ao pescoço da egua madrinha, ou da besta que serve de guia.	=MS8
cincha Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CINCHA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Especie de cilha ou cinta , que serve para apertar os arreios de um cavallo encilhado.	=MS8
cinchador Origem: derivado de cincha Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	SRF	CINCHADÒR, s. m. (t. do R. Gr. do Sul) Peça de couro ou de ferro presa à cintura, e que tem uma argola a que prende uma das extremidades do laço.
cinchão Origem: derivado de cincha Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	SRF	CINCHÃO, s. m. (t. do R. Gr. do Sul) Cinta larga de tecido e franja, que substitue a sobrecincha em arreios bons.
cinchar (B semântico) Possível referente apenas brasileiro	SRacp	SRF	CINCHÁR, v. trans. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) Ter o animal preso pelo laço, e o laço preso à cincha.	CINCHÁR, v. trans. [...] § (t. do R. Gr. do Sul) Ter o animal preso pelo laço, e o laço preso à cincha.
cobra mandada Ver Anexo C.	-	-	-	-
cocheira Origem: vernacular Possível referente brasileiro e	*COCHÈIRA, s. f. t. do Brasil. V. Calumbá	SRacp	COCHÈIRA, s. f. (t. do Brazil.) V. Calumbá	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
português.				
cocho (B semântico) Possível referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	CÔCHO ou CÔCHE, s. m. Taboleiro de levar aos pedreiros a cal amassada para a obra. [...] § <i>Cocho</i> , (t. do Brazil) Especie de vasilha oblonga feita ordinariamente <i>de</i> uma só peça de madeira, e ás vezes de taboas, e que serve para se dar comida ou agua ao gado.	=MS8
cocho Possível referente brasileiro e português.	SRacp	SRacp	§ (ainda t. do Brazil) Calumbá; parol; coche. V.	§ (it.) Calumbá, parol, coche.
cocho Referente apenas brasileiro	SRacp	SRacp	§ (em Matto Grosso) Viola grosseira.	=MS8
coco Ver Anexo C.	-	-	-	-
cogotilho Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	COGOTILHO, s. m. (t. do Rio Grande do Sul) As crinas do cavallo tosadas, de maneira que nas cruces e entre as orelhas ficam mais curtas que no meio, deixando de ordinario junto ás cruces algumas mais compridas para segurança do cavalleiro.	COGOTILHO, s. m. (t. do R. Gr. do Sul) As crinas do cavallo tosadas, de maneira que nas cruces e entre as orelhas ficam mais curtas que no meio, deixando de ordinario junto ás cruces algumas mais compridas para segurança do cavalleiro.
coivara Origem: indígena B Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	COIVÁRA, s. f. (t. do Brazil.) Pilha de ramagem, a que se põe fogo nos roçados para depois se semeár o terreno. As <i>coivaras</i> fazem-se em seguida á queimada geral, da matta, depois da derrubada do arvoredado.	COIVÁRA, s. f. (t. do Brazil.) Pilha de ramagem, a que se põe fogo nos roçados para depois se semeár o terreno; as <i>coivaras</i> fazem-se em seguida á queimada geral da matta, depois da derrubada do arvoredado.
coivarar	SRF	SRF	Coivarár , v. trans. (t. do Brazil.)	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Origem: derivado de coivara Possível referente apenas brasileiro			Formar no roçado as <i>coivaras</i> , e depois lançar-lhes fogo.	
cola (B semântico)		SRacp	CÓLA, s. f. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) A cauda dos animaes. § V. Colla.	COLA, s.f. [...] § A cauda dos animaes [...] nb
cola (B semântico) Referente brasileiro e português (termos similares em Portugal, em MS8 chicha, cábula = MS10)	SRacp	SRFacp	CÓLLA, s. f. [...] § <i>Colla</i> ; (entre estudantes no Brasil) trabalho que o estudante apresenta como seu em lição ou ponto de exame, principalmente em prova escripta, e é copiado clandestinamente de outro, ou de <i>pae-velho</i> . Collár , v. trans. [...] § v. intrans. [...] § Copiar; <i>collar o thema, a lição</i> . nb	CÓLLA, s. f. [...] § (entre estudantes no Brasil) Trabalho que o estudante apresenta como seu em lição ou ponto de exame, principalmente em prova escripta, e é copiado clandestinamente de outro, ou de <i>pae-velho</i> .
colhera Origem: espanhol sul-americano Possível referente brasileiro e português.	SRF	SRF	Colhéra , s. f. (t. do Rio Grand do Sul) Ajoujo com que se jungem dois animaes; é ordinariamente de corda, ou couro crú.	Colhéra , s. f. (t. do R. Gr. do Sul) Ajoujo geralmente de corda, ou couro crú com que se jungem dois animaes.
comboieiro Ver Anexo C.	-	-	-	-
comboio (B semântico) Possível referente brasileiro e português (considerando a def. de MS9; de acordo com CA, seria apenas brasileiro)	SRacp	COMBOIO, s. m. [...] Reunião de carregadores livres ou escravos, que em Africa e na America transportam mercadorias entre o sertão e as povoações nb	COMBÓI, ou COMBÓIO, ou COMBOYO, e assim nos deriv. s. m. [...] § <i>Comboio</i> (t. do Brazil) Especie de caravana composta de animaes de carga para o transporte de mercadorias; tambem lhe chamam tropa . [Ver tropa , neste Anexo.]	COMBÓIO, (ou --BÓYO, e assim os deriv.) s. m. [...] § (t. do Brazil) Especie de caravana composta de animaes de carga, para o transporte de mercadorias; tambem lhe chamam tropa .

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
conferente (B semântico) Referente brasileiro e português Ver <i>verificador</i> no Anexo E.	SRacp	SRacp	CONFÈRENTE, s. m. [...] Empregado das alfandegas do Brazil, correspondente ao <i>verificador</i> em Portugal.	=MS8
congonha Ver Anexo C.	-	-	-	-
congonghar Origem: derivado de congonha Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	Congonghár , v. intrans. (t. vulg. do Rio Grande do Sul) Tomar mate.	Congonghár , v. intrans. (t. vulg. do R. Gr. do Sul) Tomar mate.
copa (B semântico) Referente brasileiro e português		COPA, s f. [...] Guarnições redondas nas duas extremidades do boccal do freio campeiro: Freio de copas. (Brazil.) Guarnição: conjunto de arreios para atrelar os cavalos a uma viatura; os jaezes para um cavallo. (Hipp.) A porção da ferradura que excede o bordo do casco.	SRacp	SRacp
copé Origem: indígena B Provável referente apenas brasileiro	*COPÊ, s. m. t. do Brasil; Cabana pequena feita de madeira e palha.	COPÊ [...] s. m. (brazil.) pequena cabana de madeira e palha.	COPÊ, s. m. (t. do Brazil) Cabana pequena, feita de madeira e palha.	=MS8
copeiro Ver Anexo C.	-	-	-	-
copiar Ver Anexo C.	-	-	-	-

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
corá Origem: desconhecida ou controversa Referente apenas brasileiro	*CORÁ, s. f. t. do Brazil; Iguaria feita de milho verde.	SRF	CORÁ, s. f. (t. do Brazil) Iguaria feita de milho verde; canjica .	=MS8
cordiana Origem: desconhecida ou controversa Possível referente brasileiro e português	SRF	SRF	CORDIANA, s. f. (t. do Rio Grande do Sul) Especie de gaita de que usam os homens do campo.	CORDIANA, s. f. (t. do R. Gr. do Sul) Especie de gaita de que usam os homens do campo.
corneta (B semântico) Possível referente brasileiro e português CA - nb	SRacp	CORNETA [...] s. f. [...] --, <i>adj.</i> diz-se do boi ou vacca a que falta um dos chifres. F. [...] nb	CORNETA, s. f. [...] § – adj. (t. do Brazil) Diz-se do boi, ou vacca a que falta um dos chifres.	=MS8
cornimboque Origem: desconhecida ou controversa Possível referente apenas brasileiro	SRF	SRF	CORNIMBÓQUE, s. m. (t. do Brazil) Ponta de chifre de boi; que serve de caixa de tabaco em pó.	=MS8
coroca Origem: indígena B Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CORÓCA, adj. (t. do Brazil) Adoentado ; diz-se principalmente das pessoas de idade.	CORÓCA, adj. (t. do Brazil) Adoentado (diz-se principalmente das pessoas de idade).
coroca Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ – s. 2 gen. Pessoa velha adoentada: <i>aquelle</i> coróca.	§ – s. 2 gen. (it.) Pessoa velha adoentada: <i>aquelle</i> coróca.
corredeira Origem: vernacular Referente brasileiro e português	SRF	SRacp	CORREDEIRA, s. f. A parte de um rio , em que, por diferença de nível, as aguas adquirem rapidez extraordinaria, difficultando a pequena navegação, e expondo-a mesmo a perigos. nb	CORREDEIRA, s. f. (t. do Brazil) A parte de um rio , em que, por diferença de nível, as aguas adquirem rapidez extraordinaria, difficultando a pequena navegação, e expondo-a mesmo a perigos.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
corredor (B semântico) Possível referente brasileiro e português	SRacp	SRacp	CORREDÒR, s. m. [...] § <i>Corredor</i> (no Rio Grande do Sul) o individuo que monta qualquer animal nas corridas de cavallos; jockey. § [...]	CORREDÒR, s. m. [...] § (t. do R. Gr. do Sul) O individuo que monta qualquer animal nas corridas de cavallos. § [...]
corrida – prado de corridas Referente brasileiro e português	SRloc	Srloc	CORRIDA, s. f. [...] § <i>Prado de corridas</i> ; (t. do Brazil) o campo destinado e preparado para ellas, onde ha tribunas, palanques, coretos, etc.; hippodromo. § [...]	=MS8
corta-jaca Origem: vernacular Referente apenas brasileiro	*CÒRTA-JÁCA, s. f. t. do Brasil: Dansa popular e acompanhada de canto, que é usada em Minas Geraes.	SRF	CÒRTA-JÁCA, s. f. (t. do Brazil) Dança popular, sapateada e acompanhada de canto, que é usada em Minas Geraes.	=MS8
cortiço (B semântico) Referente brasileiro e português Ver <i>ilha</i> , Anexo 5.	SRacp	CORTIÇO [...] s. m.. [...] (Brazil.) Pateo . [...]	CORTIÇO, s. m. [...] § <i>Cortiço</i> ; (t. pop. do Rio de Janeiro) serie de casinhas acumuladas em pateos, corredores, ou nos fundos de alguns predios, onde sem condições hygienicas, sem ar e sem luz vive accumulada grande massa de gente pobre. São os <i>cortiços</i> os primeiros assaltados pelas epidemias de febre amarella, pagando os seus moradores grande tributo á morte.	CORTIÇO, s. m. [...] § (t. pop. do Rio de Jan.) Serie de pequenas casas acumuladas em pateos, corredores, ou nos fundos de alguns predios, onde sem condições hygienicas, sem ar e sem luz, vive grande massa de gente pobre: são os <i>cortiços</i> os primeiros assaltados pelas epidemias de febre amarella, pagando os seus moradores grande tributo á morte.
coscós Ver Anexo C.	-	-	-	-
costa (B semântico) Referente brasileiro e português	SRacp	SRacp	CÓSTA, s. f. [...] <i>Costa</i> ; a terra que fica junto com o mar, que de ordinario é mais baixa à beira. § <i>Costa</i> ; (no Rio Grande do Sul) a margem não só do mar como do rio. § [...]	CÓSTA, s. f. [...] § <i>Costa</i> ; (no Rio Grande do Sul) a margem não só do mar como do rio. § [...]

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
costear – costear o gado Origem: vernacular Possível referente brasileiro e português	SRloc	SRacp	Costear , v. trans. [...] § <i>Costear o gado</i> ; (t. do Rio Grande do Sul) arrebanhal-o de quando em quando não só para impedir que elle se disperse, como para o costumar a certos logares do campo, a que chamam rodeio.	=MS8
costeio (B semântico) Possível referente brasileiro e português	SRF	SRacp	COSTEIO, s. m. [...] § (t. do Rio Grande do Sul) O acto de costear o gado.	=MS8
couçoira Ver Anexo C.	-	-	-	-
courear Origem: vernacular Referente brasileiro e português	SRF	SRF	COUREÁR, v. trans. (t. do Rio Grande do Sul.) Extrahir o couro de um animal.	=MS8
covanca Origem: vernacular Referente brasileiro e português	SRF	SRF	COVÀNCA, s. f. (t. do Braz.) Terreno cercado de morros com uma só entrada natural.	=MS8
covo Ver Anexo C.	-	-	-	-
covocó Ver Anexo C.	-	-	-	-
coxilha Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas brasileiro	*COCHILHA, s. f. t. do Brasil; Cadeia de collinas de muita extensão, sem arvores e com pastos para gados.	SRF	COCHILHA, s. f. (t. do Brazil) Cadeia de collinas de muita extensão, sem arvores e com pastos para gados.	=MS8
coxinilho Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas	COCHINILHO. V. Cochonilho. COCHONÍLHO, ou COCHINÍLHO, s. m.	COXINILHO [...] s. m. (brazil.) tecido de lan preta que se estende sobre a sella do	COXINILHO, s. m. (t. do R. Grande do Sul) Tecido de lã preta, que se põe sobre a cella para commodo do cavalleiro.	COCHINILHO V. Cochonilho. =MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
brasileiro	Peça de tecido grosseiro de lã com longos pelos que serve de colchão e cobertura no inverno, sobretudo para cobertura de cavalgadas.	cavallo. F. [...]		
coxinilho Possível referente apenas brasileiro	§ Pela de tecido mais fino, linho ou seda para os mesmos usos.	SRacp	SRacp	SRacp
cris Origem: vernacular	Cris , adj. 2 g. (do Gr. <i>kryptó</i> , eu escondo) <i>Sol, lua cris</i> ; eclipsados. § fig. Funesto, como o eclipse se reputa, ou semelhante á tristeza do eclipse: “o seu amor para com elle he odio <i>cris</i> pera todolos outros” <i>Ferr. Cioso. 2. 2.</i> § <i>Cris</i> , é só usado hoje pelo povo na linguagem do Brazil, e no dialecto portuguez de Ceylão.	SRacp	CRIS, adj. 2 g. (do Gr. <i>kryptó</i> , eu escondo) <i>Sol, lua cris</i> ; eclipsados. § fig. Funesto, como o eclipse se reputa, ou semelhante á tristeza do eclipse: “o seu amor para com elle he odio <i>cris</i> pera todolos outros” <i>Ferr. Cioso. 2. 2.</i> § <i>Cris</i>, é só usado hoje pelo povo na linguagem do Brazil , e no dialecto portuguez de Ceylão.	CRIS, adj. 2 g. (do Gr. <i>kryptó</i> , eu escondo) <i>Sol, lua cris</i> ; eclipsados. § fig. Funesto, como se reputava o eclipse, ou semelhante á tristeza do eclipse: “o seu amor para com elle he odio <i>cris</i> pera todolos outros” <i>Ferr. Cioso. 2. 2.</i> § Este termo é só usado hoje pelo povo, na linguagem do Brazil , e no dialecto portuguez de Ceylão.
crueira Ver Anexo C.	-	-	-	-
cuba Origem: desconhecida ou controversa Referente brasileiro e português	SRacp	SRacp	SRacp	CÚBA, s. m. (t. do Brazil) O mesmo que Cuebas, e Mancueba. V. este.
cubo Ver Anexo C.	-	-	-	-
cucharra	SRF	colhér de chifre. (Rio	CUCHÁRRA, s. f. (t. do Rio Grande	CUCHÁRRA, s. f. (t. do Rio

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
Origem: espanhol sul-americano Possível referente apenas brasileiro		Grande do Sul.)	do Sul) Culher de chifre	Gr. do Sul) Culhér de chifre
cucharra Possível referente apenas brasileiro	SRF	Cucharra [...] <i>s. f.</i> Colherão com que se carrega de polvora a peça.	SRacp	§ Colhér grande com que se carrega de polvora a peça.
cucharra – pealo de cucharra Possível referente apenas brasileiro		Pealo de cucharra.	§ <i>Pealo de cucharra</i> ; um dos tres modos de pealar. V. Pealo.	=MS8
cuebas Origem: desconhecida ou controversa Referente brasileiro e português	SRF	SRF	SRF	CUÉBAS, s. m. (t. do Brazil) O mesmo Cuba, e Mancueba, V. este. MANCUEBA, s. m. (t. do Brazil) Individuo influente, poderoso e matreiro. No mesmo sentido dizem em Pernambuco <i>cuba</i> , e em Minas <i>cuébos</i> .
cuia Ver Anexo C.	-	-	-	-
cuiambuca Ver Anexo C.	-	-	-	-
cuidaru Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	*CUIDARÚ, s. m. t. do Brasil; Especie de clava de cinco palmos de comprimento, chata, esquinada, de duas pollegadas de largura n'uma das extremidades, e mais grossa na outra.	SRF	CUIDARÚ, s. m. (t. do Brazil) Especie de clava de cinco palmos de comprimento, chata, esquinada, de duas pollegadas de largura n'uma das extremidades, e mais grossa na outra.	CUIDARÚ, s. m. (t. do Brazil) Especie de clava de pouco mais de um metro de comprimento, chata, esquinada, de cinco ou seis centímetros de largura n'uma das extremidades, e mais grossa na outra.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
cuim Origem: indígena B	*CUIM, s. m. t. do Brasil. Alimpadura do arroz.	SRacp	CUÍM, s. m. (t. do Brazil) (do tupi <i>cui</i> , que significa <i>pó</i>) Alimpadura do arroz.	CUÍM, s. m. (do tupi <i>cui</i> , que significa <i>pó</i>) (t. do Brazil) Alimpadura do arroz.
cumbuca Ver Anexo C.	-	--	-	-
cumbuco Origem: indígena B Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CUMBÚCO, A, adj. (t. do Brazil) Diz-se do animal vaccum, que tem as extremidades dos chifres voltadas uma para a outra: boi <i>cumbuco</i> .	CUMBÚCO, A, adj. (t. do Brazil) Diz-se do animal vaccum, que tem as extremidades dos chifres voltadas uma para a outra: <i>boi --</i> .
cumbuco Referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ Tambem se diz dos proprios paus do boi: chifres <i>cumbucos</i> .	§ Tambem se diz dos proprios paus do boi: <i>chifres --</i> .
curabi Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	*CURABI, s. m. t. do Brasil; Frecha pequena hervada.	SRF	CURABI, s. m. (t. do Brazil) Frecha pequena hervada.	=MS8
curare Origem: indígena sul-americana Referente apenas brasileiro	SRF	CURARE [...] s. m. (brazil.) veneno vegetal preparado pelos caboclos, para com elle envenenarem as frechas (extrahido da casca do strychnos toxifera). [Tambem se chama uiráry ou woorara.]	CURÁRE, s. m. (t. do Braz.) Veneno vegetal muito energico, preparado pelos indigenas para envenenarem as settas.	=MS8
curera Origem: indígena B Referente brasileiro e português	SRF	SRF	QUIRÉRA, s. f. (t. do Brazil) A parte mais grosseira de qualquer substancia reduzida a pó, e que não passa pela peneira.)	=MS8
curi Origem: indígena B Referente brasileiro e português	*CURI, s. m. t. do Brasil; [...] § Ocre roxo.	SRF	CURI, s. m. t. do Brasil; [...] § Ocre roxo.	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
curuba Origem: indígena B Referente brasileiro e português	SRacp	SRacp	CURÚBA, s. f. (t. do Brazil) Sarna. § Um arbusto...	=MS8
curumba Origem: Expressivo ou onomatopáico Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CURÚMBA, s. m. (t. da Bahia) Mulher velha.	=MS8
curumba Provável referente brasileiro e português	SRF	SRF	§ (na Parahyba do Norte) Nome depreciativo dado aos homens de baixa condição, e mal trajados, que transitam pelas estradas	=MS8
curumbim, curumi(m) Ver Anexo C.	-	-	-	-
cutuca Origem: indígena B(?) Provável referente brasileiro e português	SRF	SRF	CUTÚCA, s. f. (t. do Brazil) Especie de sellim com dois arções altos.	=MS8
cutucão Origem: Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CUTUCÃO, s. m. (t. do Brazil) Cutilada, facada.	=MS8
cutucar Origem: empréstimo – indígena B ou de coto Referente brasileiro e português	SRF	SRF	CUTUCÁR, v. trans. (t. do Brazil) Tocar de leve com o dedo, ou com o cotovelo em alguém, para lhe fazer qualquer advertencia, ou chamar a sua atenção para alguma cousa.	=MS8
cuxá Origem: indígena B Referente apenas brasileiro	*CUCHÁ, s. m. t. do Brazil; Adubo feito de vinagreira, gengibre e outros temperos.	SRF	CUCHÁ, s. m. (t. do Brazil) Adubo feito de vinagreira, gengibre e outros temperos. CUXÁ, s. m. (t. do Maranhão) Variedade de comida, feita de farinha de mandioca, com folhas de vinagreira,	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
			<u>quiabos e gergelim</u> torrado e reduzido a pó. Depois de tudo bem cozinhado, deita-se sobre o arroz, a que chamam então <i>arroz de cuxá</i> .	
cuxá– arroz de cuxá Referente apenas brasileiro	§ <i>Arroz de cuchá</i> ; o que leva esses temperos.	SRF	§ <i>Arroz de cuchá</i> ; o que leva esses temperos.	§ <i>Arroz de --</i> ; o que leva esse adubo.
ensacador			ENSACADOR, s. m. [...] § (no Brazil) Negociante de café que o compra aos commissarios, de diferentes qualidades e proveniencias, e, depois de o lotar, o ensaca de novo, e vende aos exportadores.	
fandango			FANDANGO, s. m. (t. Hesp.) Certa dança alegre, e algum tanto licenciosa, muito antiga e commum na Hespanha; e que foi tambem muito usada nas folias e brinquedos dos camponezes Portuguezes, e tambem no Brazil. § [...]	
intendência municipal	SRacp		INTENDENCIA, s. f. [...] § Intendencia municipal nome com que foi designada no Brazil cada uma das commissões nomadas [sic] pelo governo provisorio para substituirem as camaras municipaes dissolvidas em virtude da revolução que proclamou a republica.	Intendência , s. m. [...] § <i>Intendencia municipal</i> ; nome com que foi designada no Brazil cada uma das commissões nomeadas pelo governo provisorio para substituirem as camaras municipaes dissolvidas em virtude da revolução que proclamou a republica: d'ahi o nome porque se designam hoje as camaras municipaes.

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
intendente municipal	SRacp		INTENDENTE, s. 2 g. [...] § <i>Intendente municipal</i> ; indivíduo nomeado para dirigir com outros em comissão os negócios municipaes em substituição das camaras dissolvidas por ocasião de se estabelecer a republica no Brazil, e até a sua definitiva organização.	Intendente , s. 2 g. [...] § <i>Intendente municipal</i> ; indivíduo nomeado para dirigir com outros em comissão os negócios municipaes em substituição das camaras dissolvidas por ocasião de se estabelecer a republica no Brazil, e até á sua definitiva organização.
jangalamaste Ver <i>arreburrinho</i> no Anexo 5.	JANGALAMÁSTE, s. m. usado em Pernambuco, e noutras partes do Brasil. V. Arreburrinho , e o que ahi aponte sobre a origem.	JANGALAMASTE [...] s. m. (brazil.) arreburrinho	JANGALAMÁSTE, s. m. (t. do Brazil) Arreburrinho . V. este.	=MS8.
mel Provável referente brasileiro e português			MEL, s. m. [...] § <i>Mel de pau</i> ; (no Brazil) o mel das abelhas ururuçu... § <i>Mel</i> ; (no Brazil) a calda do assucar, que se filtra das fôrmas ... § <i>Mel de engenho</i> ; o caldo da canna ... § Assucar de mel na cara; o assucar bruto... § <i>Mel de dedo</i> ; (t. do Brazil) qualidade de mel ...	Mel , s. m. [...] § <i>Mel de pau</i> ; (no Brazil) o mel das abelhas ururuçu... § <i>Mel</i> ; (no Brazil) a calda do assucar, que se filtra das fôrmas que estão a purgar, para o mesmo se lavar e alvejar; este se chama <i>mel de furo</i> [...]. § <i>Mel de engenho</i> ; o caldo da canna ... § <i>Assucar de mel na cara</i> ; o assucar bruto... § <i>Mel de dedo</i> ; (t. do Brazil) qualidade de mel ...
mel do tanque Provável referente brasileiro e português	SRloc		§ <i>Mel do tanque</i> ; (t do Brazil) mel da depuração do assucar , que se esgota das fôrmas.	=MS8
mocamau Referente apenas brasileiro	MOCAMAU (Brazil) pretos fugidos que vivem		MOCAMAU (de Mocambo) Negros fugidos no Brazil, que viviam pelos	

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
	pelo matto em choças, a que lá dão o nome de mocambos.		mattos em quilombos, aliás <i>calhambolas, fugiões</i> . V. Mocambo.	
mocambinho Referente apenas brasileiro	SRF	dim. de	dim. de	
mocambo Referente apenas brasileiro	MOCAMBO <i>s. m.</i> (Brazil) choça que os pretos constroem nos matos para se esconderem quando andam fugidos	MOCAMBO Quilombo, ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil. Manuscrito da razão do Estado do Brasil, por D. Diogo de Menezes, em 1612.	MOCAMBO (t. Brazil) Habitação que faziam nos mattos os escravos fugidos no Brazil; quilombo. <i>Manuscrito da razão do Estado do Brasil, por D. Diogo de Menezes, em 1612.</i>	
mocambo Referente apenas brasileiro	(por ext.) qualquer choça que os encarregados de vigiarem as lavouras levantam para se abrigarem.	§ Qualquer choça, ou palhoçassinha no Brasil, para habitação ou se recolherem os que vigiam lavouras. § Mocambo; era um antigo bairro de Lisboa. <i>Blut.</i>	§ Qualquer choça, ou palhoçassinha no Brazil, para habitação ou se recolherem os que vigiam lavouras. § <i>Mocambo</i> ; era um antigo bairro de Lisboa. <i>Blut.</i>	
prancha			PRANCHA, s. f. [...] (t. do Brazil) Embarcação de fundo chato, também chamada chalana .	
quilombo Referente apenas brasileiro	QUILOMBO <i>s. m.</i> casa no matto onde se acoitam os negros fugidos.	QUILOMBO <i>s. m.</i> casa t. Brasil. A casa sita no mato, ou ermo, onde vivem os calhambolas, ou escravos fugidos. Ord. Coll. ao L. 4. T. 47. nº 1.	QUILOMBO <i>s. m.</i> casa (t. do Brazil) A habitação clandestina, sita no matto, ou ermo, onde viviam negros refugiados ou quilombolas ou escravos fugidos. <i>Ord. Coll. do L. 4. T. 47. nº 1.</i> Também lhe chamavam <i>Mocambo</i> : V. este.	

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
quilombola Referente apenas brasileiro	SRF	QUILOMBOLA <i>s. m.</i> t. do Brasil. Negro fugido do mato.	QUILOMBOLA <i>s. m.</i> (t. do Brazil) Escravo, ou escrava que vivia em Quilombo.	
roça			ROÇA, <i>S. f.</i> Acção, ou effeito de roçar. § Terra roçada do matto. B. 1. 1. 3. “ <i>roça</i> , que fez para descobrir a terra... tomou o fogo posse da <i>roça</i> , e do mais arvoredos” hoje dizem, o <i>roçado</i> , o matto; a <i>roça</i> , a sementeira plantada n’elle. § Granja, terra de lavoura no Brazil. <i>Vieira</i> , 4. 410. (<i>Mariz, D. 5. C. 2.</i> diz, <i>rossa</i> .) § Commummente se entende da lavoura da mandioca : v. g. <i>fuão tem muita roça</i> . § O que está fôra do povoado; o arrabalde; o campo. § <i>Ir para a roça</i> ; [...]	
roceiro Origem: derivado de roça Referente brasileiro e português			ROCEIRO, <i>s. m.</i> (t. do Brazil) O que faz, e planta roçados , <u>commumente de mandioca, e legumes</u> : e differe do lavrador de cannas, tabaco, algodão, anil, etc. § (it.) Homem que vive na roça .	=MS8
sambaqui Referente apenas brasileiro	SRF	SRF	SAMBAQUI <i>s. m.</i> (t. do Paraná, e Santa Catharina; Brazil) Deposito de conchas <u>no littoral</u> , <u>formando monticulos, e em que se encontram instrumentos de pedra, e ossadas humanas</u> : são accumulações dos antigos habitantes, e que hoje se exploram pelo fabrico de cal.	=MS8
senzala Ver Anexo C.	-	-	-	-
sítio			SITIO, <i>s. m.</i> [...] § (t. do Brazil) Habitação rustica <u>com pequena terra</u>	=MS8

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
			de lavoura, granja de fructas, hortaliças, etc.; situação : <i>comprou um sitio. § (it.) Na vizinhança das cidades e villas, diz-se tambem em vez de chacara, roça: esta no sitio; foi para o sitio.</i>	
situação			SITUAÇÃO, s. f. [...] § (t. do Brazil) O mesmo que Sitio .	
soles Referente brasileiro e português	SOLES, s. m. Uma peça de pau , em que se tomam os bois, quando o arado, ou carro leva mais de uma jaula [sic junta]: no Brazil, cambão .	SOLES [...] s. m. (brazil.) peça de madeira a que se prendem os bois, quando o carro ou arado tem de levar mais de uma junta, chamada no Brazil cambão .	SOLES, s. m. Uma peça de pau , em que se tomam os bois, quando o arado, ou carro leva mais de uma jaula [sic junta]: no Brazil, cambão .	= MS8
tamboeira – Referente apenas brasileiro	TAMBOEIRA, s. f. (brazil.) a mandioca pequena , a canna que cresceu pouco .		TAMBOEIRA, s. f. (t. do Brazil) A mandioca pequena , e mal grada, e assim a canna que cresceu mal , de gommos mui curtos, e muitos nós.	=MS8
tomar o americano e tomar o bond	SRloc	SRloc	TOMAR v. [...] § <i>Tomar o americano</i> ; entrar no carro americano para ir para alguma parte. [...] § -- <i>o bond</i> (phr do Brazil) o mesmo que <i>Tomar o americano</i> . § [...]	=MS8
trem Referente brasileiro e português	SRloc, acp.		TREM, s. m. [...] § (t. de caminhos de ferro do Brazil) O mesmo que Comboio : <i>chegou o trem; partiu o trem, o trem descarrilou</i> .	=MS8
tropa (B semântico)	SRF		TROPA, s. f. (do Fr. <i>troupe</i>) Soldados de cavallaria. § O conjunto das forças	

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
<p>- conjunto de soldados, pessoas e, no Brasil, de gado, cavalari ou vaccum.</p> <p>-</p>			<p>militares; a gente de guerra; exercito. § Muitos soldados de qualquer arma. § Agglomeração de gente; multidão, bando. § (t. do Brazil) Bestas de carga, que fazem o transporte de mercadorias, onde não ha vias ferreas, ou fluviaes, e seguem com os seus conductores como que em caravanas. § (it.) Grande porção de muares que seguem para as feiras, ou para os destinos. § (it.) No Rio Grande do Sul, grande porção de gado vaccum, que é levada para as charqueadas, para o corte. § <i>Tropa fandanga</i>; (t. pleb.) [...]</p>	

ANEXO E- Verbetes da língua comum que fazem referência a termos brasileiros

Lemas	MS7	CA	MS8	MS9
arreburinho	ÁRREBURRÍNHO, s. m. Jogo que os rapazes fazem, cavalgando n'uma trave apoiada pelo meyo n'um espigão, sobre o qual gira horizontalmente: Blut. Vocab. em Pernambuco jangalamaste, talvez de young master's play ; brinco, divertimento do Senhorzinho, ou Senhor moço, que deixarão os Holandeses.	ARREBURRINHO [...] <i>s. m.</i> brincadeira de rapazes, a que no Brasil se chama jangada maste , e que consiste em se balançarem sobre uma taboa ou viga. [...]	ÁRREBURRÍNHO, s. m. Jogo que os rapazes fazem, cavalgando e balouçando-se nas extremidades de uma taboa ou trave, apoiada pelo meio em outra, sobre a qual se move horizontalmente: <i>Blut. Vocab.</i> § Em Pernambuco jangadamaste, talvez de young master's play ; brinco, divertimento que deixaram os Holandeses. § [...]	ÁRREBURRÍNHO, s. m. Jogo ou brincadeira de rapazes que consiste em cavalgarem ou balouçarem-se nas extremidades de uma taboa ou trave apoiada pelo meio em outra, sobre a qual se move horizontalmente: Blut. Vocab. § [...] Sem referência a <i>jangadamaste</i> .
cachamorra	CACHAMORRA, s. f. Arma de páo, que é de pouca extensão e mais grossa n'uma extremidade que n'outra: a gente polida não usa desta palavra: clava. V. Cachaporra, e Cassete no Brasil. Arma de páo... Cachaporra cassete	sem referência a Brasil	sem referência a Brasil	sem referência a Brasil
cachamorrada	Pancada com cachamorra; cachaporrada, cassetada no Brasil.	sem referência a Brasil	sem referência a Brasil	sem referência a Brasil
capela – loja de capela		CAPELLA [...] <i>loja de capela</i> venda de quinquilherias, linhas,	CAPELLA, s. f. [...] § Loja de capella, venda de	

Lema	MS7	CA	MS8	MS9
		retrozes e enfeites de senhora.	quinquilherias, fitas, linhas, retrozes e outras miudezas de costura, modas, etc.	
<p>capelista</p> <p>Ver <i>armarinheiro</i> e <i>armarinho</i>, no Anexo D.</p>		<p>CAPELLISTA [...] homem ou mulher que vende n'uma loja de capella. [É termo proprio de Lisboa.]</p>	<p>CAPELISTA [...] Pessoa que vende em lojas de capella; chamadas assim, porque em outro tempo eram sitas no pateo ou arcada junto da capella real, nos paços da ribeira. Vendem-se n'essas lojas fazendas para vestidos, e enfeites de senhora, luvas, lenços de seda, chapéus, etc. Em Lisboa a maioria d'estes estabelecimentos estavam na rua por isso mesmo chamada de <i>Capellistas</i>.</p>	
<p>Carro – carro americano</p>	<p>SRacp</p>	<p>CARRO [...] Carro americano. V. Americano.</p> <p>AMERICANO [...] <i>s. m.</i> systema de viação, que <u>consiste em grandes carruagens semelhantes a wagons, puxadas por cavallos ou muares e cujas rodas giram em carris de ferro</u> assentes sobre as vias ordinarias: A empreza do <i>americano</i>. [É empregado ordinariamente no interior das povoações. Actualmente trata de</p>	<p>CARRO [...] § <i>Carro americano</i>; (<i>bond</i> no Brazil) o que anda sobre trilhos nas linhas de transporte urbano, e é tirado por cavallos, ou muares, a vapor, ou por electricidade. § [...]</p>	<p>CARRO [...] § <i>Carro americano</i>; (no Brazil, <i>bond</i>) o que anda sobre trilhos nas linhas de transporte urbano, e é tirado por cavallos, ou muares, a vapor, ou por electricidade. § [...]</p> <p>AMERICANO, A, adj. e s. Natural [...] § <i>Caminho de ferro americano</i>; systema de viação por meio de carris de ferro em estradas ordinarias, sendo os vehiculos puxados a gado</p>

Lema	MS7	CA	MS8	MS9
		substituir a força dos animaes pelo vapor.] Uma carruagem pertencente ao referido systema: O <i>americano</i> passa á minha porta. Entrei no <i>americano</i> . F. o adj. <i>Americano</i> , da America.		cavallar, ou muar, por vapor, ou por electricidade. § <i>Carro americano</i> , ou só o americano : V. <i>Carro</i> . V. Bond .
carreiro	CARRÉIRO, s. m. [...] §. O espaço entre carreiras de plantas, que se dispõem em linhas rectas, ou se plantão em regos paralelos, como o bacello, as cannas d'assucar, etc. cá no Brasil dizem o camalhão entre os regos das cannas.	Sem referência a Brasil	CARRÉIRO, s. m. [...] § O espaço entre carreiras de plantas, que se dispõem em linhas rectas, ou se plantam em regos paralelos, como bacello, as cannas de assucar, etc. no Brazil dizem o camalhão , entre os regos das cannas.	CARRÉIRO, s. m. [...] § O espaço entre carreiras de plantas, que se dispõem em linhas rectas, ou se plantam em regos paralelos, como bacello, as cannas de assucar, etc. no Brazil ao espaço entre os regos das cannas chamam o camalhão .
cartão – cartão postal	SRloc	SRloc	SRloc	CARTÃO [...] § Cartão postal; <u>pequeno cartão que circula fechado pelas vias do correio, com franquia igual á da carta</u> ; fecha-se dobrando-o ao meio e unindo as extremidades, que, á semelhança de sobrescripto, tem uma pequena camada de gomma: no Brazil diz-se <i>Carta bilhete</i> .
catadupa	“Na America dizem cachoeira”	Sem referência a Brasil.	Catadúpa , s. f. (do Lat.; do Gr. <i>kata</i> , em baixo, e <i>doupos</i> , roído) Queda, ou salto de agua	Sem referência a Brasil.

Lema	MS7	CA	MS8	MS9
			corrente de alguma altura, com estrondo: hoje dizem, <i>cataracta</i> , e no Brazil, cachoeira . <i>Epanaf.</i> “os moradores das <i>catadupas</i> do Nilo” <i>V. do Arc.</i> 5. 21. <i>Seg. Cerco de Diu</i> , f. 188. § V. <i>Cachoeira, syn.</i>	
cavador	CAVADOR, s. m. [...] §.Ferro de fazer covas para estâcas, esteyos; é uma prancha estreita direita, com seu alvado, por onde se encava, vulgo ferro de cova no Brasil .	SRacp	CAVADOR, s. m. [...] § Ferro de fazer covas para estacas, esteios, etc. é uma prancha estreita, direita, com seu alvado por onde se encava: vulgo ferro de cava, no Brazil .	CAVADOR, s. m. [...] § Ferro de fazer covas para estacas, esteios, etc.: é uma prancha estreita, direita, com alvado por onde se encava (no Brazil, ferro de cava).
chazeiro, chedas	CHAZÊIROS, s. m. pl. Páos que vão sobre as rodas do carro, e onde se mettem os fueiros; chedas lhes chamam no Brasil, e são as duas peças lateráes, que com a do meyo, ou cabeçalho formão o leito do carro, atadas pelas cadeyas ; assentão sobre as chumaceiras, e estas nas empolgueiras do eixo. V.	Sem referência a Brasil.	Sem referência a Brasil.	Sem referência a Brasil.

Lema	MS7	CA	MS8	MS9
	Chêdas.			
corda - são a corda e o caldeirão	SRF	SRF	CORDA, s. f. [...] § <i>São a corda e o caldeirão</i> ; diz-se de duas pessoas inseparáveis; no Brasil dizem: são a corda e a cassamba.	CORDA, s. f. [...] § <i>São a corda e o caldeirão</i> ; (it.) diz-se de duas pessoas inseparáveis; no Brasil dizem: são a corda e a cassamba.
covão	COVÃO, s. m. [...] Cóvão de pescar: cóvo, nassa, ou galrito; é um cilindro, ou cano tecido de varinhas, que da boca para dentro tem como um funil de varinhas, polo qual o peixe entra, e as pontas das varinhas embaração que torne a sair, no Brasil chamão a este funil a sanga do covão , e os fazem de duas sangas, para entrar o peixe, ou camarões, de ambas as cabeças. Orden. 5. 88. 6.	Sem referência a Brasil.	Sem referência a Brasil.	Sem referência a Brasil.
covo	Sem referência a Brasil.	Sem referência a Brasil.	COVO, s. m. [...] § No Brasil chamam a este funil a sanga do cóvo, ou covão , e os fazem de duas <i>sangas</i> para entrar o peixe de ambos os lados. § [...]	=MS8
enguiçado	Sem referência a <i>caipora</i> .	ENGUIÇADO [...] <i>adj.</i> que tem enguiço; caipora (no Brasil). [...]	Sem referência a <i>caiporismo</i>	Sem referência a <i>caiporismo</i>
	Sem referência a <i>caiporismo</i>	ENGUIÇO [...] <i>s. m.</i> (pop.) mau olhado; quebranto, caiporismo	Sem referência a <i>caiporismo</i>	Sem referência a <i>caiporismo</i>

Lema	MS7	CA	MS8	MS9
		(brazil.): Parece-me mandinga e <i>enguicho</i> do inimigo. (Castilho.) [...]		
enxercar e enxerca	ENXÉRCAR, v. at. Fazer carne de boi em mantas, e retalhos, e seca-la; fazer xarque ao Sol [...] ENXÈRCA, s. f. [...] Todavia é certo, que se dizia enxercar carne, ou fazê-la em mantas, e tassalhos, e secá-la ao Sol (ao que chamam ainda agora, no Sul do Brasil, Xarque) [...]	ENXERCAR [...] v. tr. e intr. fazer a enxerca da carne. [No Brasil diz-se charquear]. F. [...] ENXERCA [...], s. f. (ant.) operação que consistia em retalhar a carne das rezes e pol-a a seccar ao sol ou ao fumeiro: Carne de <i>enxerca</i> . [...]		ENXÉRCAR, v. trans. Fazer carne de boi em mantas e retalhos, e depois de a passar por sal, secca-la ao sol, ou ao fumo; fazer xarque ao sol. [...] ENXÈRCA, s. f. [...] Todavia, é certo, que se dizia <i>enxercar carne</i> , ou fazê-la em mantas, e tassalhos, e seccal-a ao sol, o que ainda hoje no Brasil se chama xarque .
fugitivário	FUGITIVÁRIO, s. m. O que tinha o cargo entre os Romanos de procurar, e reduzir os servos fugidos. Bern. Florest. 1. 4. 24. §. 1. No Brasil a denominação commum é capitão do campo, ou do mato.	SRF	FUGITIVÁRIO, s. m. O que entre os Romanos tinha o cargo de procurar, e reduzir os servos fugidos. B. Florest. 1. 126. §. 1. No Brasil a denominação commum era capitão do campo, ou do mato.	FUGITIVÁRIO, s. m. [...] O que entre os romanos tinha o cargo de procurar, e reconhecer os escravos fugidos, fujões. B. Florest. 1. 126. No Brasil a denominação commum era capitão do campo, ou do mato.
ilha	SRacp	ILHA [...] s. f. (geogr.) [...] (Fig.) Casa ou quarteirão de casas que não confina com outras. (Fig.) Predio ou casa de habitação com avultado numero	ILHA, s. f. [...] § <i>it. Ilha de casas</i> ; um quarteirão com todos os seus lados, ou muitas casas juntas rodeadas de ruas por todos os lados. § No Porto dá-se	ILHA, s. f. [...] § No Porto dá-se o nome de ilha a pateo com casas ao rez do chão, em que habita gente muito pobre; é o que no Rio de Janeiro se

Lema	MS7	CA	MS8	MS9
		de compartimentos: Que enorme casa! aquilo lá por dentro é uma <i>ilha!</i> (Porto) Pateo, especie de beco cercado de pequenas habitações para gente de poucas posses. --, <i>pl.</i> [...] Sem referência a Brasil ou a <i>cortiço</i> .	o nome de ilha a pateo com casas ao rez do chão, em que habita gente muito pobre; é o que no Rio de Janeiro se chama cortiço. § [...] it = figurado.	chama cortiço. § [...]
laranjinha	SRF	LARANJINHA, s. f. (brazil.) especie de licor [...]. § Esphera ôca de cera que se enche ordinariamente de agua aromatica para jogos do entrudo. F. [...]	LARANJINHA, s. f. Aguardente de canna [...]. § Cabacinha cheia de agua aromatizada, que se usa no jogo de entrudo	= MS8
tumba	SRacp	TUMBA [...] § --, s. m. e f. (fig.) Pessoa infeliz; caipora.	TUMBA [...] § --, s. m. e f. (fig.) Pessoa infeliz; caipora.	=MS8
verificador	SRF	VERIFICADOR [...] --, s. m. [...] Empregado da alfandega que examina as fazendas apresentadas para despacho afim de lhes serem applicados os direitos da pauta em que se acham incluidos. F. [...]	VERIFICADÓR, s. m. [...] (t. mod.) Official nas alfandegas, que tem a seu cargo verificar a qualidade, a quantidade das fazendas, que se apresentam a despacho, etc.: no Brazil chama-se conferente . V. Feitor .	=MS8